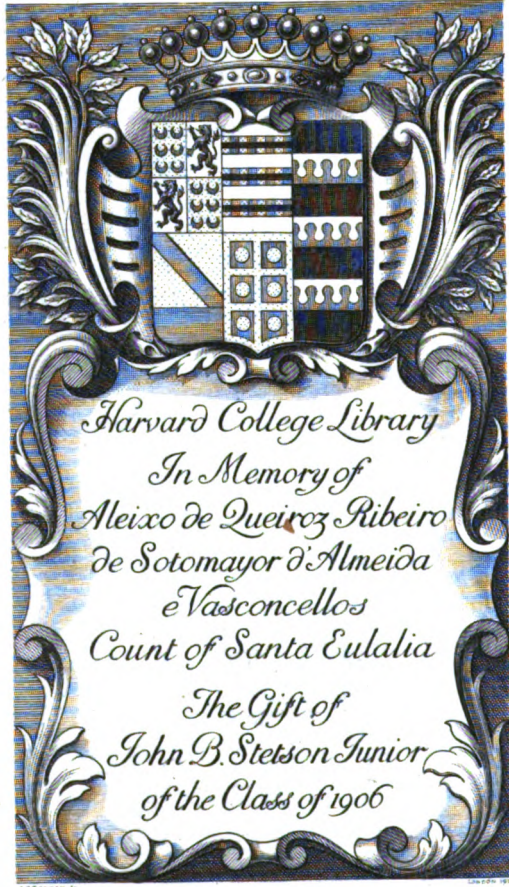


SAL 9287.59.100



Horatio Nomes

I
PARTE DRAMATICA

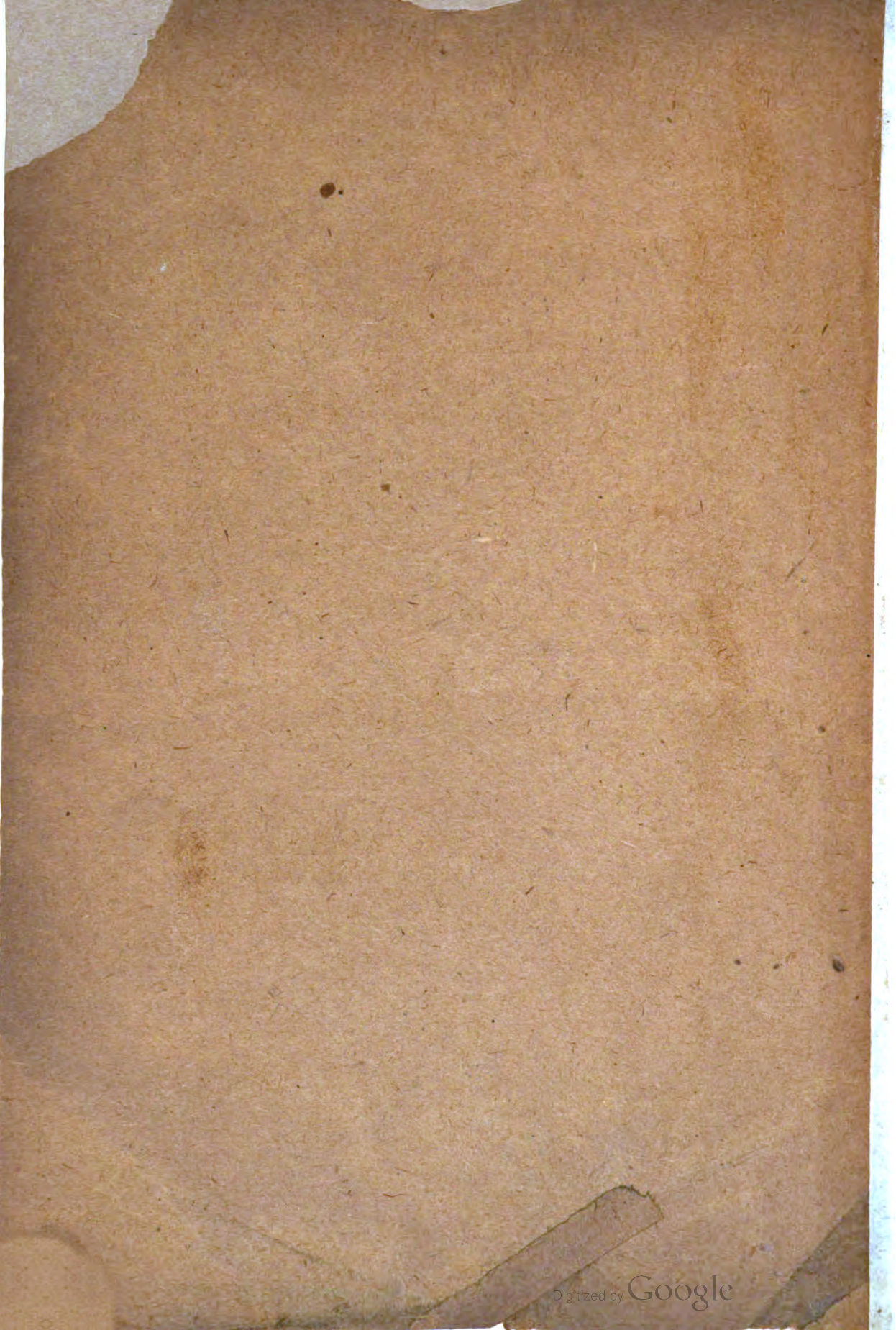
II

PARTE COMICA

THEATRO COMPLETO

BASILEIDORUM





0

UNIVERSITY
LIBRARY

Horacio Nunes

BASTIDORES

A illustrada redacção da "*Revista Moderna*"
(*Paris*) offereço o presente exem-
plar dos meus modestos trabalhos e peço a remessa do jornal que se oc-
cupar dos mesmos trabalhos.

Florianopolis—Estado de Santa Catharina—Brasil.

HORACIO NUNES


1898

FLORIANOPOLIS

GAB. TYP. CATHARINENSE

Horacio Nunes

BASTIDORES

THEATRO ORIGINAL

FICAM RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE PROPRIEDADE



1898

FLORIANOPOLIS

GAB. TYP. CATHARINENSE

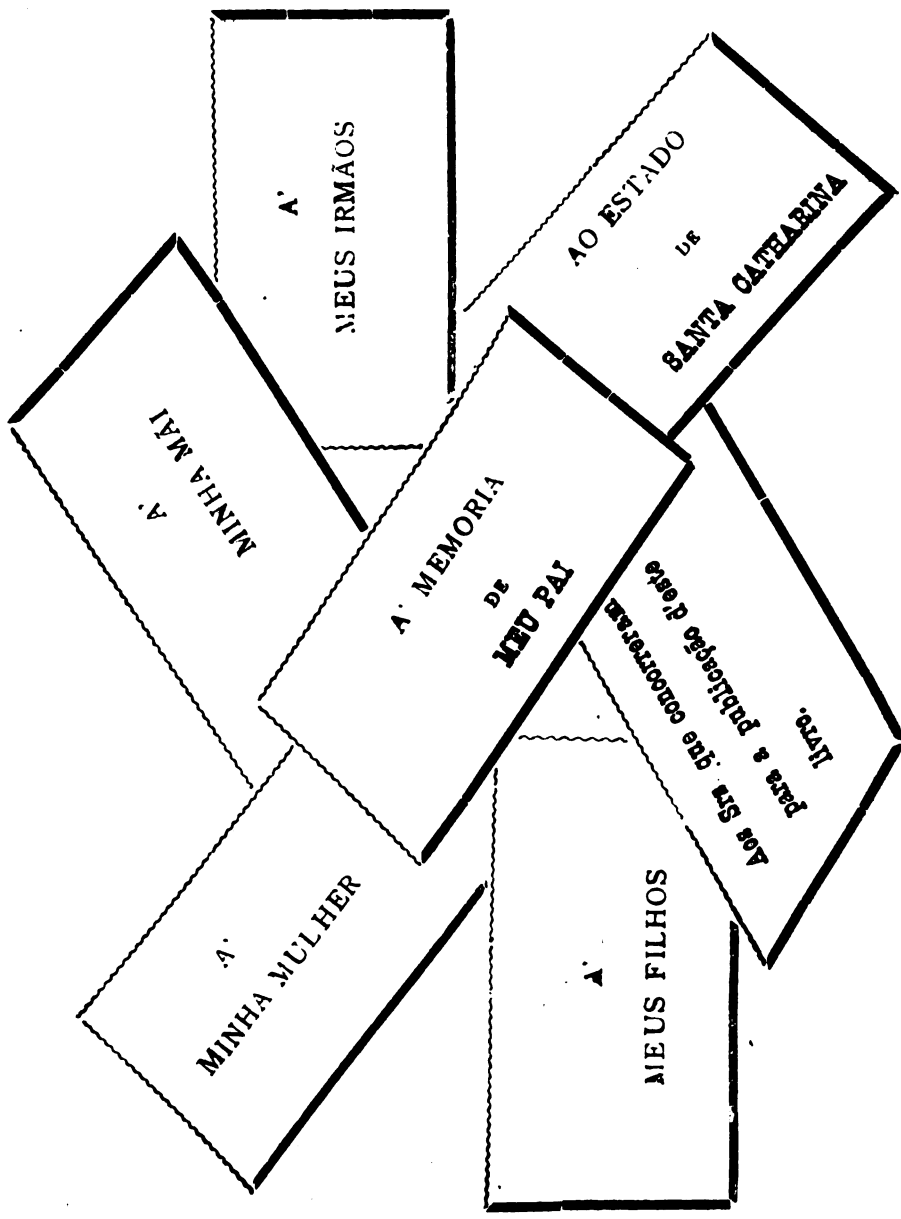
7-1 9087.57.150

HARVARD COLLEGE LIBRARY
CENTRE OF EAST ASIAN COLLECTION

JOHN F. ... Jr.
June 10, 1933

8

BASTIDORES



A.
MEUS IRMÃOS

AO ESTADO
DE
SANTA CATARINA

A.
MINHA MÃE

A. MEMORIA
DE
MEU PAI


Los Sta que conterrão
para a publicação desta
obra.

A.
MINHA MULHER

A.
MEUS FILHOS



Horacio Nines

A decorative flourish consisting of a long horizontal line that curves upwards and then loops back down to the right, ending in a small hook.

DOLORES



HELENA



CORAÇÃO DE MULHER



PARTE DRAMÁTICA

O BEM E O MAL



O ANJO DO LAR



ROSAS E GOIVOS

I

DOLORES

DRAMA ORIGINAL EM 2 ACTOS



Personagens

Dolores.	19	anos
Barão das Laranjeiras	50	»
Commendador Moreira	39	»
Doutor Castro	45	»
Augusto de Azevedo	24	»
Carlós de Sá.	20	»
Manoel de Miranda.	40	»
Convidados—Criados.		

Este drama foi representado 3 vezes, sempre com successo, pela sociedade «Alvaro de Carvalho», no theatro do mesmo nome.



ACTO I

Salão luxuoso e illuminado. Portas ao fundo, deixando ver outras salas illuminadas. A' direita, uma porta e uma janella. A' esquerda, portas. Ao subir o panno, ouvem-se os ultimos compassos de uma walsa. Varios convidados atravessam as salas do fundo, conduzindo damas.

SCENA I

BARÃO E MOREIRA

MOREIRA—(*entrando, de braço dado com o Barão.*) Como deve considerar-se feliz hoje, meu caro Barão! (*Sentam-se no *sophá.**)

BARÃO—Hoje, como hontem, amanhã, como hoje, meu amigo.

MOREIRA—(*accendendo um *churuto**) Sim?

BARÃO—O pai que ama seus filhos, que vê n'elles outras tantas particulas de sua alma, outros tantos pedaços do seu coração, não pode ficar de gelo, quando elles são felizes. O commendador não comprehende estas alegrias intimas, porque nunca foi casado. Case-se, meu amigo, case-se, si quer experimental-as.

MOREIRA—Oh! comprehendo perfeitamente. O turbilhão dos prazeres do mundo, essas alegrias, que por ahi se nos offerecem a cada instante, não valem um unico dos seus sorrisos. As alegrias do lar são as unicas verdadeiras na vida. As mais passam rapidas como o vento, deixando quasi sempre após si os desenganos crueis, as lagrimas da amargura, as tristezas eternas...

BARÃO—E quando se tem uma filha como eu tenho, uma filha docil, meiga, um verdadeiro anjo, essas alegrias não teem limites: são grandes como o mundo, profundas como o mar...

MOREIRA—E bella!... Oh! não ha belleza que se lhe compare! Estive na Italia, viajei pela França, percorri a Hespanha, e em nenhum d'esses paizes—tão decantados pela belleza de suas mulheres—encontrei belleza igual!

BARÃO—E o meu Carlos ! Sem offensa á mocidade presente, Carlos é o mancebo mais generoso, mais nobre e de mais talento que conheço. Dolores é a minha alegria; Carlos é o meu orgulho. Para ser perfeita a minha felicidade na terra, só me falta a minha pobre Maria... Era uma santa. Ha dez annos que a perdi, e ainda a choro. O que a matou mais depressa não foi a molestia: foi a dôr de separar-se de nós. Oh ! si a visse poucos momentos antes de morrer ! Como chorava aquella pobre alma !... Carlos e Dolores soluçavam em completo desespero, beijando as suas mãos já frias... E' porque elles, apesar de bem pequenos, comprehendiam o que perdiam.

MOREIRA—Para que recordações tristes, Barão ?... Para que pensar na morte, quando nos rodêa a vida em toda a sua pujança ? Veja: essas salas esplendidamente illuminadas, essas catadupas de flôres que derramam os seus perfumes inebriantes, esse movimento, essa animação tumultuosa — chamam-nos á plena vida. A saudade, n'este momento, é uma flôr exotica, que não pôde desabrochar por falta de seiva...

BARÃO—Não se escolhe occasião para pensar n'aquelles que nos são caros. Si assim fôra, a saudade seria um calculo e não um sentimento.

MOREIRA—Em raros são os amores que vão além da campa. Quando encontramos um amôr assim, devemos veneral-o como um objecto sagrado e curvarmo-nos á sua sublime grandeza.

BARÃO—E' d'esse amôr que nasce a felicidade do casamento, a tranquillidade da familia, o bem-estar da vida. Os casamentos que assentam sobre tal baze são os que mais beneficios promettem á sociedade e que mais garantias lhe offerecem. O homem pobre que trabalha—mais do que muitas vezes está nas suas forças—para obter com honra o pão da vida, quando, cansado e abatido, volta ao lar, enxugando o suor que lhe orvalha a fronte, —o que vai procurar, soffrego e palpitante?... Um olhar raso de ternura, um sorriso repleto de amor, o movimento precipitado dos affectos do coração, o osculo puro e santo da esposa querida e meiga—toda carinhos e solicitude...

MOREIRA—De pleno accordo, Barão.

BARÃO—O casamento não é só a união de duas individualidades: é o enlace de dois corações, é a junção de duas almas, que teem por fim amparar-se mutuamente, enxugar as lagrimas que o soffrimento arranca, compartilhar os sorrisos perfumados da felicidade, ver com os mesmos olhos, sentir com o mesmo ardôr, caminhar para o mesmo norte. Quando um coração gotteja

o pranto doloroso das úlceras que o martyrisam, ahí está o outro para levar-lhe o balsamo consolador na palavra convincente— que lhe lembre o céo, que lhe mostre a luz sagrada da esperança, que lhe aponte o caminho da fé. E' d'esta igualdade de sentimentos que nasce a ventura; são os casamentos por amôr que consolidam a ordem e a moralidade da sociedade. E' n'essas alegrias celestes e inseparaveis das grandes almas, é n'essas explosões dos corações generosos que consiste a verdadeira ventura, a vida, a animação, a coragem, a resignação, a esperança no céo; é no perfumado e franco sorriso do lar que se bebe a longos haustos a vontade para trabalhar, o desejo de viver, o estímulo para vencer nas luctas tempestuosas da vida...

MOREIRA—Perfeitamente ! (*A' parte, indo á janella para deitar fôra o charuto.*) Soberbo ! Isto n'um drama de Rosier era de um effeito prodigioso !

BARÃO—O casamento por conveniencia muda de face. E' o pacto da baixeza com o ouro, da villania com a opulencia. N'este não se encontra, como no inspirado pelo amôr, a calma serenidade que, perfumando a alma do homem, transforma a mulher em anjo enviado por Deus á terra para nos fazer entrever os gozos divinaes do paraíso; não se vê scintillar nos labios da mulher o sorriso odoroso da alma descuidosa; não apparece nos olhos do homem a luz vibrante que annuncia, em esplendores divinos, a tranquillidade do intimo. A mulher e o homem que se unem por conveniencia, enlaçam as mãos por cima de um abysmo, sem consciencia de que estão prestes a medir-lhe o fundo. Não ha felicidade possível: é a desordem, a discussão eterna, o vicio, o crime muitas vezes, o odio sempre, sempre o arrependimento. Mas quando chega o arrependimento, é tarde. Não ha recuar: para condemnar o que recua ahí está a sociedade. E' caminhar sempre, com a fronte erguida e o sorriso nos labios, para que a sociedade não veja na mulher um demonio ou uma martyr, e não encontre no homem um miseravel ou um desgraçado sem nome. Compra-se a ouro uma mulher ou um homem; mas não ha ouro que possa comprar um amôr. O amôr verdadeiro é eterno, desde que a alma é immortal. (*Outro tom.*) Mas estou aqui aborrecendo-o com as minhas tristezas e as minhas opiniões sobre o casamento, quando o meu amigo é talvez desejado nos salões...

MOREIRA—Affirmo-lhe que não. Não sou amigo do tumulto. Acho-me aqui á vontade. Prefiro a sua companhia á de todos esses mancebos estouvados que doudejam por essas salas.

BARÃO—Deveras ?

SCENA II

OS SENHORS, DOUTOR E MIRANDA

DOUTOR—Ora, Sr. Miranda, deixe-se d'isso. O Sr. não inventou a polvora...

MIRANDA—Garanto-lhe, doutor.

DOUTOR—Mas eu não acredito enquanto não o vir pôr em pratica o seu invento. Sigo exactamente o systema de S. Thomé: —ver para crer.

BARÃO—O Sr. Miranda inventou alguma coisa?

MIRANDA—Um novo passo de walsa, Sr. Barão, um novo passo de walsa.

MOREIRA—(*ironico.*) Um novo passo de walsa!

MIRANDA—Oh! é porque os Srs. ainda não o viram. E' uma coisa estupenda, nunca vista, Sr. Barão. Si não fossemos eu e o acaso, ficava o mundo sem esse progresso mais. E que progresso, Sr. Barão! que progresso! . . .

BARÃO—Então foram o Sr. e o acaso?

DOUTOR—Elles conhecem-se.

MIRANDA—E' verdade. Foi ao levantar-me da cama. Estendi a perna direita para alcançar a chinella, que estava um pouco longe... e zás!

MOREIRA—(*ironico.*) D. scobrio a pedra philosophal!

MIRANDA—(*olhando-o de um modo aborrecido.*) Eu estou fallando com o Sr. Barão. (*Ao Barão.*) Não descobri coisa nenhuma, mas caí sentado no chão! (*Riem-se todos.*)

DOUTOR—Ora!

MIRANDA—Não se riam. Aquella queda foi providencial; para levantar-me, tive de estender a perna esquerda... e zás!

MOREIRA—(*olhando-o e sorrindo ironicamente.*) O que?

MIRANDA—(*como acima.*) Eu estou fallando com o Sr. Barão: (*Ao Barão.*) Escorreguei e ia cahindo outra vez; mas pude restabelecer o equilibrio e . . . zás!

MOREIRA—(*ironico.*) Mais alguma desgraça!

MIRANDA—(*como acima.*) Eu estou fallando com o sr. Barão. (*Ao Barão.*) Estava descoberto o novo passo de walsa. Os Srs. hão de ver logo. Como disse ha pouco, é uma coisa maravilhosa, nunca vista, monumental! Custou-me uma queda e um escorregão, mas dou-me por satisfeito.

DOUTOR—Porque não tira privilegio, Sr. Miranda?...

MIRANDA—Heide tractar d'isso. Quero primeiramente aperfei-

çoar o meu invento, preencher algumas lacunas e fazer certas mudanças indispensáveis... (*Outro tom.*) E' verdade, Sr. Barão: a quantas andamos a respeito de politica? A sua candidatura vinga de uma maneira esplendida... tão esplendida como a minha walsa!

BARÃO—Estou convencido d'isso, graças aos esforços dos meus amigos, que entenderam dever apresentar-me pelo nono districto, comquanto eu me esquivasse o mais possível a semelhante honra. Positivamente não nasci para a politica.

DOCTOR—Mas V. Ex. não tinha o direito de esquivar-se. Os homens de talento pertencem á patria e não a si proprios.

BARÃO—Doutor...

DOCTOR—Si os partidos mandassem para as camaras somente homens como V. Ex., o nosso pobre paiz não andaria tão enfermo...

MIRANDA—E' o que eu digo. Assim como eu, casualmente, inventei um novo passo de walsa, o sr. Barão pode inventar qualquer coisa util ao paiz... por exemplo:—a direcção dos balões, que tem dado que fazer a tanta gente bôa.

MOREIRA—(*Ironico.*) Este Sr. Miranda tem idéas gigantescas! Porque não se faz eleger deputado, Sr. Miranda?

MIRANDA—(*com medo medo.*) Para que?

MOREIRA—Quando mais não fizesse, poderia recrear os seus collegas executando, nas horas vagas, o seu novo passo de walsa...

MIRANDA—(*dando-lhe as costas.*) O Sr. tem muito espirito!... (*Voltando-se*) Pode ceder-me alguns kilometros d'elle, si lhe não fazem falta?

MOREIRA—Não tenho tanto como o senhor, pois ainda não inventei coisa alguma.

MIRANDA—Nem mesmo...

MOREIRA—O que?

MIRANDA—Nada... nada... O Sr. é que devia fazer-se deputado para ensinar os seus collegas, nas horas vagas...

MOREIRA—Ensinar o que?

MIRANDA—Eu cá me entendo... (*Sohe.*)

DOCTOR—Já me ia esquecendo, Sr. Barão: a sua presença é necessaria na sala do jogo.

BARÃO—Mas eu não jogo.

DOCTOR—Mas anima os jogadores. Vamos.

BARÃO—(*a Moreira*) Não nos acompanha, meu amigo?

MOREIRA—Fico. A companhia do Sr. Miranda é tão divertida, que não me animo a deixal-a. (*O Barão e o Doutor vão subindo.*)

MIRANDA—(*descendo.*) Mas o Sr. pensa que eu fico ?

MOREIRA—Penso.

MIRANDA—Pois está enganado. Ponho-me também a pannos. (*Sobe.*)

MOREIRA—Venha cá, Sr. Miranda.

MIRANDA—(*voltando-se.*) Ora, não seja cacête! Olhe que o Sr. sempre é um massista de conta! Aposto que si me conhecesse melhor, não desejava tanto a minha companhia! (*Salte pelo fundo. O Doutor apparece á esquerda.*)

SCENA III

MOREIRA—Ah! ah! ah! Quanto mais experiencia se adquire, mais tólo se fica... E' justamente o que se dá com este pobre Barão! (*Senta-se.*)

SCENA IV

MOREIRA E O DOUTOR

DOUTOR—[*descendo.*] Mas o que não se dá com os outros.

MOREIRA—Falla com migo?

DOUTOR—Sem duvida. O Sr. commendador é um homem de tino e sabe como se fazem as coisas; mas fique convencido de que nem todos são tólos.

MOREIRA—O que quer dizer?

DOUTOR—Quero dizer que não é só o Sr. Barão que está para ser victima do seu tino; quero dizer que o dono d'esta casa tem amigos, e amigos verdadeiros, que velam pela sua honra e felicidade.

MOREIRA—Creio que o movimento das salas e as sensações do jogo transtornaram-lhe as idéas, doutor. A não ser assim, não posso comprehender como é que se anima a vir abusar da minha condescendencia, a insultar-me quasi.

DOUTOR—Está enganado, Sr.: nunca desci a insultar a quem quer que seja, assim como nunca me aviltei tentando insinuar-me para fins menos dignos no animo de ninguem.

MOREIRA—O doutor é um enigmista de força. Não o supprha com mais esse talento.

DOUTOR—O Sr. commendador não me comprehende, porque não lhe convém comprehender-me. Pois bem: vou fallar-lhe mais claro.

MOREIRA—Então hade dar-me licença. Como pelo exordio o sermão promette ser longo, quero preparar-me para não adormecer antes da peroração. Permite, doutor?... (*Tirando charutos.*) Acceita um charuto? São verdadeiros havanos: perfumados como um «bouquet» e agradaveis como um moralista... quando está calado. Quer?

DOUTOR—O Sr. é de um sangue frio admiravel!...

MOREIRA—Que quer? E' o meu genio. Sou um homem de gelo!

DOUTOR—Ouça-me, Sr. Aproveitemos, peço-lhe, esta occasião em que estamos sós.

MOREIRA (*recoitando-se no sophá.*) Pois não, doutor. Dá licença que me conserve sentado, não?... (*Accende o charuto.*) Pode principiar.

DOUTOR—Em mil oitocentos e sessenta e tres estava eu na Bahia. Tinha concluido os meus estudos e formára-me n'aquelle anno. Como unica riqueza, possuia um diploma de medico, e nada mais...

MOREIRA—Como os tempos mudam, doutor!... Hoje calcula-se a sua fortuna em perto de duzentos contos.

DOUTOR—Honrado fructo do meu trabalho, Sr. commendador. Nem todos poderão dizer o mesmo.

MOREIRA—Talvez.

DOUTOR—Mas continuemos. Estava eu hospedado na casa de um alfaiate meu amigo e pouco mais rico do que eu. Esse homem havia-se casado no anno anterior com uma formosa menina, a quem amava extremadamente. Paulo de Medeiros, por interesses de seu negocio, teve de fazer uma longa viagem, e partio, deixando-me encarregado da vigilancia de sua casa...

MOREIRA—Bravo! Formou-se em medicina para dirigir alfaiatarias!

DOUTOR—E porque não? Antes ser operario humilde, mas honrado, do que titular sem honra. As honras não dão honra, Sr. commendador. (*Outro tom.*) Dois mezes passaram-se, e o alfaiate não appareceu. Sua mulher...

MOREIRA—Era bonita, já m'o disse, e isso era sufficiente para matar no doutor as saudades do amigo ausente.

DOUTOR—Sabe o Sr. commendador que é uma infamia o que acaba de dizer ?

MOREIRA—(*levantando-se.*) Senhor!... (*Sentando-se, a sorrir.*) E' de uma amabilidade extraordinaria, doutor!...

DOUTOR—Sua mulher, impressionavel por natureza, teve uma noite um accesso nervoso, que me obrigou a fazel-a recolher ao seu quarto e a dar-lhe um calmante...

MOREIRA—E o marido ausente! Dou-lhe os meus parabens, doutor!... Mas isso é historia velha. Conte-me outra coisa.

DOUTOR—Ouça. Subi para o meu quarto, e, como costumava, sentei-me á meza e comeceia escrever. Passaram-se as horas. A' meia noite, pouco mais ou menos, ouvi uns gemidos suffocados, como de quem está sob a influencia de um pesadelo. Levantei-me e desci a escada. Ao chegar ao ultimo degrão, um grito, um grito só, mas terrivel e penetrante, fez-me recuar. Era a mulher do meu amigo que pedia soccorro...

MOREIRA—Ou que sonhava com o doutor .. tambem era possível.

DOUTOR—De um salto ganhei a distancia que me separava do quarte d'ella, e parei á porta... (*Fictando Moreira.*) Vejo-o empallidecer, Sr. commendador... Sabe o que vi ?

MOREIRA—Não, nem tenho curiosidade de sabel-o. A sua historia é horriavelmente massante, doutor! Si não fôsse este amavel charuto, creio que já teria adormecido...

DOUTOR—Vi a janella do quarto aberta de par em par; vi a pobre moça estorcendo-se no leito com um ataque horriavel; vi um homem saltando para a rua....

MOREIRA—Era uma scena um tanto dramatica... Mas foi só isso ?

DOUTOR—Ainda não é tudo. Conheci esse homem pelas costas...

MOREIRA—E quem era elle, si a pergunta não é indiscreta.

DOUTOR—Não é preciso que lh'o diga. O Sr. sabe tão bem como eu.

MOREIRA—Eu ?

DOUTOR—Quem era esse homem, Sr. commendador ?

MOREIRA—A pergunta é interessante, creia... Como quer que...

DOUTOR—Pois bem: esse homem... era o Sr.!

MOREIRA—(*erguendo-se.*) Eu ?

DOCTOR—Sim: o Sr., que acabava de praticar uma infamia, de lançar a desgraça ao seio de uma familia, de deshonnar um homem de bem. Era o Sr. !

MOREIRA—(*sentando-se*)E' da sua vontade que fosse eu ?
Fui.

DOCTOR—Acudi á infeliz, e consegui fazel-a tornar a si. Oh ! o Sr. não calcula as lagrimas, o desespero, as agonias d'ella !... Tentei acalmal-a, dar-lhe resignação e coragem. Em vão.—«Direi tudo a meu marido!»—exclamava ella. Luctei, luctei muito para obter a promessa de que nada diria. Nove mezes decorreram e Paulo de Medeiros continuava ausente. O Sr. tinha desapparecido. Chegou o termo do praso fatal. A mulher do alfaiate deu á luz uma criança. Tomei-a nos braços e sahi. Engeitei-a á porta de uma casa. A esposa, virtuosa e santa,--apezar de tudo, --não queria deshonnar o lar com a presença d'esse innocente. Quando voltei á casa, achei Elvira morta. No dia seguinte o alfaiate chegou. Conduzi-o, em silencio, ao quarto mortuario. Elle não disse uma palavra. Ajoelhou á beira do leito e começou a chorar...

MOREIRA—Muito bem, doutor ! O Sr. conta admiravelmente uma historia !

DOCTOR—Já vê que o conheço de sobra e que sei com quem tenho de lidar.

MOREIRA—Deveras ?

DOCTOR—O Sr. é um miseravel !

MOREIRA—(*erguendo-se.*) Doutor ! (*Walsa, dentro.*)

DOCTOR—Como quer que o considere ?

MOREIRA—Vou dansar esta walsa... Até logo, doutor... Ah ! é verdade: devo prevenil-o que a sua historia não me assusta, porque o Sr. não tem provas para affirmar o que disse. E o homem que avança uma proposição sem proval-a é um... calumniador !

DOCTOR—Senhor !

MOREIRA—Ah ! ah ! ah ! Até logo, doutor, até logo ! (*Sahe pelo fundo. O doutor desce, depois de vel-o sair.*)

SCENA V .

DOUTOR E MIRANDA

DOUTOR—Tenho de lutar com um inimigo perigoso... Mas não importa: heide vencel-o!

MIRANDA—(*enxugando o suor com um lenço vermelho.*) Não posso mais... perseguem-me de todos os lados... querem por força... (*Sentando-se.*) Ah! doutor, estou desesperado, furioso!...

DOUTOR—Porque?

MIRANDA—São capazes de pôr-me louco por causa do meu passo de walsa... Olhe que suei o topete para desinvencilhar-me d'elles...

DOUTOR—Mas o que foi que houve?

MIRANDA—Calcule. Fui rodeado por todos: moços, moças, velhos e velhas. Ainda si fôsse só pelas moças, a coisa seria outra... Mas pelas velhas! Livra! Um puchava-me pelas abas da casaca, outro pela gola, este pelas mangas, aquelle... As velhas eram as peiores: chegaram a puchar-me pela ponta do nariz e a dar-me beliscões nas barrigas das pernas!... E todos a gritarem como uns doudos: «Danse! danse!» Ainda n'este ponto as velhas sobresahiam, porque gritavam mais do que todos, fazendo um berreiro dos meus peccados...

DOUTOR—E o Sr. Miranda o que fez?

MIRANDA—O que fiz?... Isso nem se pergunta. Fugi.

DOUTOR—Sem attender a um pedido feito com tanta instancia?

MIRANDA—Sem duvida, para metter figas ás velhas. Além d'isso, ainda não é tempo. O doutor sabe que nos jantares guardam-se as melhores iguarias para o fim. E' o que eu quero fazer. O meu novo passo de walsa hade ser exhibido no fim do baile. Quero arrebatat essa gente, doutor! São capazes de levar-me em triumpho por essas ruas!..

DOUTOR—Conte com o meu concurso.

MIRANDA—E conto, por certo... Sei que o Doutor é um entusiasta das grandes idéas, e a minha idéa é uma idéa que a bem poucas idéas cede a palma...

DOUTOR—Passando de um polo a outro, Sr. Miranda: quando o Sr. esteve na Bahia, conheceu um alfaiate que lá havia, chamado Paulo de Medeiros?

MIRANDA—Perfeitamente, comquanto não entretivesse relações com elle.

DOUTOR—E que opinião formava o Sr. a respeito d'esse homem ?

MIRANDA—A melhor possível. Diziam todos que Paulo era um homem honrado a toda prova. A mulher era uma verdadeira tetéa, um brinco, doutor.

DOUTOR—Sim... Mas no anno antecedente ao da morte d'ella, correram certos boatos...

MIRANDA—Já sei onde quer chegar. Dizia-se pela bocca pequena que houve quem visse uma noite um homem saltando a janella do quarto d'ella, quando Paulo de Medeiros, por causa do seu negocio, andava em viagem. Lembro-me de tudo como si fôsse hoje.

DOUTOR—E o Sr. deu credito a isso ?

MIRANDA—Acreditei, porque vi.

DOUTOR—Vio ?

MIRANDA—O doutor talvez não saiba que nos meus bons tempos dei tambem um cavaquinho pelas aventuras amorosas, e que, em consequencia d'isso, costumava fazer as minhas excursões nocturnas. Pois, n'essa noite, era já bastante tarde, passando casualmente pela rua onde morava o alfaiate, vi um sujeito saltar a janella e desandar a correr, como si levasse o diabo engalfinhado nas costas.

DOUTOR—Conheceu esse homem ?

MIRANDA—Ora, que duvida ! Conheci.

DOUTOR—Quem era ?

MIRANDA—Faz muito empenho em saber ?

DOUTOR—Empenho... não; simples curiosidade.

MIRANDA—Pois era o commendador Moreira, que, n'esse tempo, chamava-se simplesmente Antonio Moreira, e tinha um negcciosinho, um armarinho de má morte, lá num becco de cujo nome não me lembro agora.

DOUTOR—Tem certeza d'isso, Sr. Miranda ?

MIRANDA—Plena certeza.

DOUTOR—E si um dia, em qualquer occasião, fôr necessario o seu testemunho, está prompto a dal-o ?

MIRANDA—Estou, porque tenho provas.

DOUTOR—Provas?... que provas ?...

MIRANDA—Uma bolsa que lhe saltou da algibeira, quando elle atirou-se da janella abaixo. Essa bolsa tem em um dos lados o nome do proprietario escripto com todas as lettras. Guardei-a como uma curiosidade...

DOUTOR—Bem, Sr. Miranda. Creio que não é preciso pedir-lhe segredo, o maior segredo, sobre isto.

MIRANDA—Mas o que pretende o doutor fazer?

DOUTOR—Por ora, nada; mais tarde, talvez muito.

MIRANDA—Basta, doutor. Pode contar commigo.

DOUTOR—(*apertando-lhe a mão*) E conto.

MIRANDA—Agora hade dar-me licença. Vou ver si os amigos já estão mais calmos, para poder andar livremente nos salões. (*Vai sair.*)

DOUTOR—Eu o acompanho. (*Sahem.—A scena fica vastia um momento.*)

SCENA VI

AUGUSTO E DOLORES

AUGUSTO—(*entrando de braço com Dolores.*) Como? Pois serão tão tristes os seus pensamentos? (*Conduz Dolores ao sofá, e fica de pé.*)

DOLORES—(*depois de um momento de silencio, hesitando.*) Não sei...

AUGUSTO—E' bem verdade que, de certo tempo a esta parte, tenho notado uma extraordinaria mudança na sua vida. (*Senta-se ao lado de Dolores.*) A Sra. era alegre como os passarinhos na primavera; amanhecia sorrindo e anoitecia cantando. Nunca no céu azul dos seus olhos vi passar uma nuvem de tristeza, nunca de seus labios ouvi partir uma queixa. As rosas da saude e da ventura brilhavam no seu angelico rosto com todos os seus encantos, e a Sra. dizia ser a mais feliz das mulheres. Depois, mudou: começou a impallidecer, a tornar-se triste. Porque?... O coração não passa por semelhante transformação sem que tenha soffrido um grande abalo... Porque não é franca commigo e não me revela o motivo d'esse abalo?...

DOLORES—Mas eu não soffri abalo algum... Nem sempre estamos com disposição para cantar e rir...

AUGUSTO—A Sra. tenta illudir-me e illudir-se talvez... mas não consegue o seu fim, porque eu bem vejo que soffre. Quando temos um amigo que nos abre o coração—um coração cheio de affectos—para receber as nossas queixas, é ingratidão de nossa parte ficarmos mudos e desprezarmos as consolações que nos offerecem. E bem sabe que eu sou um amigo dedicado e capaz de todos os sacrificios para vel-a como outr'ora:—alegre e feliz.

DOLORES—Bem sei que o Sr. tem uma alma generosa... mas...

AUGUSTO—Concede-me permissão para fazer-lhe uma pergunta?

DOLORES—Sem duvida.

AUGUSTO—Promette dizer a verdade, a verdade inteira?

DOLORES—Mas, Sr. Augusto...

AUGUSTO—Peço-lhe que responda.

DOLORES—Pergunte...

AUGUSTO—A Sra. ama...

DOLORES—Eu!

AUGUSTO—Sim: a Sra. ama pela primeira vez, e como só se pode amar uma vez na vida: com todo o amôr de uma alma virgem, com toda a paixão de um coração de mulher. Mas não acho que isso seja motivo de tristeza. Pelo contrario: quando a mulher principia a amar, enceta uma vida nova; entra n'um mundo desconhecido, cheio de luz e de flôres, de cantos e de perfumes, n'um mundo onde só imperam as alegrias, onde só se ouvem os hymnos da ventura e da descuidosa felicidade...

DOLORES—Quem sabe?

AUGUSTO—Por acaso não é correspondida?... O homem a quem dedica todos os seus sentimentos, não será digno de merecel-os?... Quanto á primeira hypothese, seria um coração de gelo aquelle que não palpitasse ante as suas virtudes e a sua belleza de anjo... Quanto á segunda hypothese... (*Fictando-a, com pausa.*) A menos que uma invencivel fatalidade a arrastasse, parece-me impossivel que a Sra. fôsse olhar para um homem que não a merecesse...

DOLORES—Oh? não!

AUGUSTO—Si ha reciprocidade de sentimentos e igualdade de virtudes, porque entristece?... Conte-me tudo: não pode calcular a felicidade que me dará, dando-me a sua confiança.

DOLORES—Isso o faria feliz?

AUGUSTO—Oh! muito!

DOLORES—(*confusa.*) Pois bem... eu... amo...

AUGUSTO—(*ansioso.*) Eu já o sabia. Mas a quem?... a quem?

DOLORES—Mas...

AUGUSTO—Oh! diga... peço-lhe que diga...

DOLORES—(*muito commovida.*) Ao... senhor...

AUGUSTO—(*tomando-lhe as mãos, com ardor.*) A mim!... Oh! repita... repita essa palavra, Dolores!...

DOLORES—O senhor ama-me também?...

AUGUSTO—Oh! si te amo!... Nunca leste nos meus olhos a paixão que me devora, nunca te revelaram o meu amor as horas que eu passava, silencioso e mudo, contemplando-te de longe, seguindo-te como a tua sombra, procurando adivinhar os teus menores pensamentos para realisal-os?...

DOLORES—E porque nunca me disse?

AUGUSTO—Porque tinha medo de ver repellido o meu amor, porque temia que outrem tivesse conquistado o teu affecto.. Amas-me!... O que mais posso eu ambicionar?... O teu amor é tudo para mim: a vida, o jubilo, a felicidade, a riqueza, a gloria, tudo!

DOLORES—Vê?... Já não estou triste... Sou tão feliz também!... Como o Sr. disse ha pouco, parece-me que entro n'um mundo desconhecido, cheio de luz e de flores, e de cantos de perfumes!

AUGUSTO—Amo-te, Dolores! amo-te! (*Moreira apparece ao fundo, onde fica.*)

SCENA VII

OS MESMOS E MOREIRA

MOREIRA—(*ao fundo, á parte.*) Como arrullham aquelles dois pombinhos! Interessantes crianças!...

DOLORES—Já sabe porque eu era triste, porque o sorriso me fugio dos labios, porque muitas vezes me vio os olhos rasos de lagrimas... Agora sou feliz. A nuvem da tristeza passou e o sol da ventura brilha com todo o seu esplendor...

AUGUSTO—(*beijando-lhe a mão.*) Dolores!

MOREIRA—(*descendo.*) Peço perdão, minha Sra., si venho incommodal-a.

DOLORES—(*afastando-se de Augusto.*) Ah!

MOREIRA—Assustei-a?... Não temiasão. Creia que as intenções com que entrei n'esta sala são as mais pacificas do mundo. Sou um homem inteiramente inoffensivo... (*Com intenção.*) Não avesso a penetrar os segredos dos outros...

AUGUSTO—Si é uma ironia, Sr. commendador, declaro-lhe que não sorprehendeu segredo algum. Si entre mim e esta Sra.

tivesse de haver troca de confidencias, não escolheríamos por certo esta sala, que está sendo a cada momento frequentada...

MOREIRA—O meu amigo recebe o recado á porta da escada... Deixe passar a phrase chata e vulgar.

AUGUSTO—Vulgar e chata como as intenções com que o Sr. commendador penetrou aqui.

MOREIRA—Não se exalte, meu amigo. A ira é má conselheira. Não sorpreendi segredo algum, não só porque não me dou ao trabalho de fazer colleccões de curiosidades, como mesmo porque não tenho por habito andar á pista dos segredos alheios. VV. EEX. conversavam. E' tão natural! Procuraram esta sala para estarem mais á vontade. E' naturalissimo! No meio da sua innocente palestra trocaram algumas palavras mais ardentes... fallaram talvez...

AUGUSTO—Em que ?

MOREIRA—(*sorrindo, com intenção.*) Em amôr.

AUGUSTO—E si assim fôsse ?

MOREIRA—Pra tão natural tambem, que nada havia n'isso que pudes se causar admiração. O que é a mocidade? Um conjunto de illusões, uma Babel de sonhos, e nada mais. (*Formao as palavras.*) E' necessario que aproveitemos o tempo, porque após a illusão vem o desengano, após o sonho, a realidade... (*A Dolores.*) E' verdade, minha Sra.: aproveito a occasião para lembrar que V. Ex. prometteu-me a 5ª quadrilha.

DOLORES—Eu ?

MOREIRA—Já se não lembra?... Tem razão A mocidade pensa em tanta coisa ao mesmo tempo, que, por fim de contas, de nada se recorda.

AUGUSTO—Supponho que V. S. está enganado. A 5ª quadrilha foi-me concedida.

MOREIRA—Depois de ter-me sido concedida. E' bem possivel.

AUGUSTO—Sr. commendador!

DOLORES—Sr. commendador, eu nada lhe concedi, e, por consequencia, peço permissão para retirar-me.

MOREIRA—Mas, minha Sra....

DOLORES—(*a Augusto.*) O seu braço. (*Sahem.*)

SCENA VIII

MOREIRA—(*acompanha-os com a vista, e depois desce.*) Aqui está uma despedida em regra! (*Rindo.*) Oh! mas eu pouca importância ligo a estes arrufos, porque nunca encontrei obstáculos à realização dos meus desejos!... Como Cesar, posso dizer:— «Veni, vidi, vinci!»—Hade ser minha! Jamais quiz, que não cor seguisse!... (*Senta-se.*)

SCENA IX

MOREIRA E CARLOS

CARLOS—Como, senhor commendador!... Pois foge das salas para vir isolar-se aqui?... E' imperdoavel...

MOREIRA—Por um momento só. O excessivo prazer tambem cança, e eu vim procurar aqui um instante de repouso.

CARLOS—Julgava-o aborrecido. A nossa festa talvez não seja bastante esplendida para prender-lhe a attenção. (*Senta-se.*)

MOREIRA—E' mais do que esplendida:--é uma festa de fadas. Si no paraíso se dessem bailes, estou convicto de que não seriam mais attrahentes. E' verdade:—o que faz o nosso litterato? Toma apontamentos para algum novo drama, ou escreve algum romance de sensação?

CARLOS—Estou escrevendo um drama que tem por assumpto um factó inteiramente real.

MOREIRA—Sim! E como é o titulo?

CARLOS—«O Fructo do crime.»

MOREIRA—E' um titulo de «réclame». Hade fazer furor. E o enrêdo?

CARLOS—O enrêdo é simples como tudo quanto é possível. Ha uma mulher...

MOREIRA—(*sorrindo.*) Não se pode passar sem as mulheres...

CARLOS—Essa mulher é casada...

MOREIRA—O interesse da peça triplica.

CARLOS—O marido, um dia, parte para uma longa viagem. Um miseravel seductor aproveita-se da occasião, e penetra uma noite na casa d'ella. Abusa covardemente do somno da infeliz, e foge...

MOREIRA—(*á parte.*) O doutor contou-lhe tudo... Experimentemos. (*Alto*) Mas esse marido é um tôlo. Quando se tem

uma mulher moça e bonita, não se parte para uma longa viagem, deixando-a só... ou mal acompanhada.

CARLOS—O facto é veridico. Deu-se na Bahia, em 1863.

MOREIRA—(*á parte.*) Simulemos. (*Alto.*) Supponho que o doutor já me fallou n'isso...

CARLOS—E' muito possível, porque...
lou.

MOREIRA—Disse-lhe o nome d essa mulher ?

CARLOS—Não.

MOREIRA—E o do seductor ?

CARLOS—Tambem não.

MOREIRA—Nem a mim. (*A' parte.*) Estou tranquillo. Continuemos a simular. (*Alto.*) E' depois ?

CARLOS—Nove mezes depois, essa mulher dá á luz uma criança. A desgraçada engeita-a.

MOREIRA—(*como que distrahido.*) Ah !

CARLOS—Um momento depois de ter dado o ultimo beijo na desgraçada criancinha, estrangula-se...

MOREIRA—(*erguendo-se.*) Estrangula-se ! (*A' parte, sentando-se.*) Eu não sabia...

CARLOS—No dia seguinte o marido chega e encontra morta a esposa. Não podendo resistir á dôr, envenena-se...

MOREIRA—Envenena-se !... (*A' parte.*) E fui eu a causa de tudo !... (*Alto.*) E a criança ?... a criança ?...

CARLOS—O doutor hade dar-me o resto d'os apontamentos. Só por elles poderei saber o destino da criança... (*Pausa.*) Comprehendo, Sr. commendador, como pela perversidade de um só homem, tantas desgraças succedem ?

MOREIRA—Comprehendo... sim...

CARLOS—Que castigo, que punição deve-se infligir ao seductor ?...

MOREIRA—(*pensativo.*) Não sei... Como posso eu saber ?

CARLOS—Matal-o com uma bala, com uma punhalada ?... E' pequeno o castigo para tamanha culpa. Hude matal-o aos poucos, lentamente, cheio de remorsos, miseravel, desprezado, leproso...

MOREIRA—Oh ! mas isso...

CARLOS—Acha pouco ainda ?... Que punição merece então o homem, que vai, a sangue frio, calmo, com a consciencia tranquilla, lançar a deshonna e a morte no seio de uma familia ?... Pode-se commetter outro qualquer crime, porque momentos ha

de desespero tão profundo, tão grande, que o homem perde a razão, mas...

MOREIRA—Basta !... (*Erguendo-se.*) O seu drama hade ser soberbo... mas peço-lhe que não me tire o prazer da surpresa... (*A parte.*) Que supplicio !...

CARLOS—Garanto-lhe que a noite da representação do meu drama será para aquelles que o virem uma noite de sensações, de verdadeiras commoções... (*Musica, dentro.*)

MOREIRA—Sim... sim... mas... não vai dançar?

CARLOS—Fez bem lembrar-me. Estou comprometido com a filha do conselheiro Mascarenhas, e não quero ficar em falta. Até já. (*Sabe.*)

SCENA X

MOREIRA—Miseravel... desprezado... l'preso...--disse elle, Oh ! seria um castigo tremendo !... (*Pausa.*) E não foi tremenda a culpa?... (*Pausa.*) Ora !.. O que passou, --passou. Ella estranguiou se ?... Elle morreu envenenado ?... Que importa, si não fui eu que ministrei a corda nem o veneno ?... A minha consciencia está perfectamente tranquilla !... (*Outro tom.*) Mas este medico quer perder-me. Sabe tudo, e é capaz de pôr em praça o meu passado... Oh ! mas eu saberei fazel-o calar se !... Heide reduzil-o á impotencia !... (*Sobe e concentra-se com Augusto.*)

SCENA XI

MOREIRA E AUGUSTO

AUGUSTO—Uma palavra, Sr. commendador.

MOREIRA—Quantas quizer, meu amigo. Já dansou a quadri-lha de que tão delicadamente me esbulhou ?

AUGUSTO—Mas...

MOREIRA—Oh ! eu não me incommodo por isso. O meu amigo, que teve a preferencia, necessariamente possui mais direitos do que eu a...

AUGUSTO—Basta, Sr. Não vim procural-o para entreter uma conversação de ironias de máo gosto, mas para exigir uma satisfação pelo que disse ha pouco.

MOREIRA—Exigir ? A palavra é um pouco dura, meu caro Sr.

Por acaso não achou outra mais suave no seu vocabulário? (*Senta-se.*)

AUGUSTO—Achei, mas não quiz empregal-a. O Sr. ameaçou-nos ..

MOREIRA—(*sorrindo.*) Magnifico plural! Ameaçou-nos!... Quem?... Ao Sr. e a D. Dolores, não?... Sabe o meu amigo que si se casassem formariam um lindissimo par de pombinhos, capaz de causar inveja aos proprios anjos?

AUGUSTO—Peço-lhe que não continue ajogar a arma villã da ironia, por que eu não responderei pelas consequencias...

MOREIRA—Não se altere, meu amigo. Pois responde d'esse modo a um elogio que lhe teço? E' de muito máo gosto.

AUGUSTO—Exigo uma satisfação, Sr. commendador.

MOREIRA—E si eu não quizer dal-a?

AUGUSTO—Si não quizer dal-a, é um... covarde!

MOREIRA—(*erguendo-se.*) Um covarde! (*Sentando-se, calmo*) Relevo o insulto, porque o ciume desvaira-o.

AUGUSTO—Senhor!

MOREIRA—Ora vames: acalme-se e conversemos como dois bons amigos.

AUGUSTO—Negá-se a satisfazer a minha exigencia?

MOREIRA—Positivamente, meu caro amigo, positivamente.

AUGUSTO—E si eu obrigar-o?

MOREIRA—Obrigar-me!... Tinha ventade de ver como arranjaria isso.

AUGUSTO—(*erguendo a mão.*) Pois veja!

MOREIRA—(*segurando lha.*) Abaixo as patinhas, meu amigo! Não promova um escandalo sem a menor necessidade. Seria ridiculo para tão galante campeão de dar as ameaçadas...

AUGUSTO—(*calmo.*) Já vejo que é impossivel obter-se do Sr. qualquer acto de dignidade. Retiro-me, mas havemos de nos encontrar. O Sr. é um miseravel! Não lhe toquei no rosto, mas vale a intenção: estofetei-o! (*Sahe.*)

SCENA XII

MOREIRA—Heide esmagal-o tambem... depois de ter esmagado o oturo!... Vamos!... Si nos incomodassemos por todas as contrariedades que nos succedem, a vida seria uma coisa bem estúpida...

SCENA XIII

MOREIRA E MIRANDA

MIRANDA—(*pensativo, sem ver Moreira.*) Está chegando a hora do meu triumpho... O meu novo passo de walsa...

MOREIRA—Oh ! Sr. Miranda...

MIRANDA—Ah ! está aqui ?... (*A' parte.*) Mão ! mão !

MOREIRA—O Sr. fica maluco com o seu novo passo de walsa!... Si até já falla sosinho ?

MIRANDA—Sr. commendador, peço-lhe que não me incomode. Acho melhor que guarde o seu espirito para...

MOREIRA—Para que ?

MIRANDA—Para quando tiver de entrar por escalada nas casas alheias.

MOREIRA—O que quer dizer ?

MIRANDA—Quero dizer... que vou para o salão executar o meu novo passo de walsa... passe bem. (*Sahe.*)

MOREIRA—Si o diabo me ajudar, a occasião é optima ! Vamos ! (*Sahe pela esquerda.*)

SCENA XIV

DOUTOR—(*do fundo.*) E' um perfeito palhaço este homem com o seu novo passo de walsa ! Tenho pena d' elle... (*Palmas e bravos, dentro.*) E julga um triumpho o ridiculo em que está cahindo... Não posso ser testemunha d'estas scenas: revoltam-me... (*Bravos e palmas, dentro.--Indo á janella.*) Vamos para o jardim... Lá anda Carlos embebido nos seus devaneios, como um amante ou como um pateta... que é a mesma coisa. (*Sahe.*)

SCENA XV

MOREIRA E DOLORES

DOLORES—Mas o que quer ?

MOREIRA—Quero pedir-lhe perdão. Sinto que a offendi ha pouco. Momentos ha na vida, minha Sra., em que seriamos capazes de desrespeitar a Jesus Christo, si Jesus Christo tomasse o nosso caminho... Eu tive um momento d'esses...

DOLORES—Mas...

MOREIRA—Quando sentimos o coração cheio da imagem de uma mulher, quando amamos com toda a exuberancia d'alma, quando esse amor é a nossa vida, o nosso orgulho, a nossa felici-

dade, e que vemos essa mulher entregar o seu coração a outrem, matando assim a nossa mais dôce esperança, o desespero cega-nos e tornamo-nos loucos...

DOLORES—Mas, Sr. commendador...

MOREIRA—Não se offenda outra vez. Não fui arrancar-lhe ao turbilhão da festa, ás adorações que a cercavam, para fazer-lhe uma declaração de amor. Oh! não! Isso seria inutil... Trouxe-a para pedir-lhe perdão do mal que lhe fiz... V. Ex. é um anjo, e os anjos não guardam odios...

DOLORES—Sr. commendador, meu pai e minha mãe ensinaram-me sempre a esquecer as offensas. De nada me lembro.

MOREIRA—*(aperiando-lhe as mãos.)* Obrigado, minha Sra. Mas isso não basta; dê-me uma prova, um signal de que tudo esquece.

DOLORES—Que prova posso eu dar-lhe, além da minha palavra?

MOREIRA—Deixe-me beijar a sua mão.

DOLORES—Oh! mas...

MOREIRA—Que mal ha n'isso?... Não é o osculo do amôr, minha Sra.: é o osculo da gratidão. Permitta...

DOLORES—*(estendendo a mão.)* Eil-a.

MOREIRA—*(beijando-lh'a.)* Oh! como é bôa! N'um corpo de anjo, só um coração de santa podia palpitar. Como é bôa!...

DOLORES—Agora permitta que me retire.

MOREIRA—*(conservando entre as suas as mãos de Dolores.)* Oh! um momento mais. Como é formosa, e como eu a amo... amo-a... *(Attrahindo-a a si e passando-lhe o braço em volta da cintura.)* Amo-a como um louco!...

DOLORES—*(assustada, querendo esquivar-se.)* Senhor...

MOREIRA—Amo-a... amo-a! *(Curva-se para dar-lhe um beijo.)*

SCENA XVI

OS MEMBROS E O BARÃO

BARÃO—*(apparecendo ao fundo.)* Ah!

DOLORES—*(fugindo a Moreira e escondendo o rosto nas mãos.)* Meu pai!

MOREIRA *(sorrindo.)* Sr. Barão... *(O doutor apparece á esquerda, onde fica.)*

BARÃO—Nunca pensei que o Sr. commendador abusasse assim de minha confiança para tentar deshonrar-me!

DOLORES—Meu pai!

BARÃO—Cale-se! Era esta a recompensa que reservava aos carinhos com que sempre a tractei... era este o amor que me tinha, que tinha ao nosso nome... não é verdade?...

MOREIRA—(*orrindo, tranquillamente.*) Sr. Barão, si por acaso commetti uma falta, estou prompto a reparal-a.

DOLORES—(*á parte.*) O que diz elle?

BARÃO—Sr. commendador, amanhã procural-o-hei.

MOREIRA—Estou ás suas ordens.

BARÃO—(*dando o braço a Dolores.*) Vamos!... (*Sahem.*)

SCENA XVII

MOREIRA E O DOUTOR

MOREIRA—(*acompanhando-os com a vista e depois de vellos sahir.*) Consegui o escandalo: é minha!

DOUTOR—(*descendo.*) Ainda não!

MOREIRA—Ah! é o doutor?... Quer por força lutar commigo... pois bem: veremos quem vence.

DOUTOR—Veremos!

MOREIRA—Advirto-o que não haverá obstaculos, considerações, honra nem dignidade que me façam recuar!

DOUTOR—(*cruzando os braços, com calma*) O Sr. é um... canalha!... (*Moreira recua um passo.--Cale o pauno.*)

FIM DO 1.º ACTO



ACTO II

A mesma vista do 1º acto.—E' dia.

SCENA I

BARÃO—(*sentado no sofá, em attitudemeditativa.*) E eu que a estremecia tanto... que depositava tanta confiança n'ella... Como são enganadoras as apparencias!... Quando pensei eu, vendo-a tão meiga, tão virtuosa, que aquella meiguice e aquella virtude não eram mais do que uma mascara?... quando pensei eu que debaixo d'aquelles flocos de anjo occultava-se uma alma cheia de hypocrisia?...

SCENA II

BARÃO E CARLOS

CARLOS—(*deixa o chapéu em um aparador e desce.*) Bom dia, meu pai.

BARÃO—Bom dia, Carlos. Vais sair?

CARLOS—Vou.

BARÃO—Fica. Preciso falar-t.

CARLOS—Mas de que modo me diz isso, meu pai! O que tem? Está doente?...

BARÃO—Antes estivesse meu filho, porque talvez não soffresse tanto... Soffro muito, Carlos!

CARLOS—Como, meu pai?

BARÃO—Senta-te e ouve-me.

CARLOS—(*sentando-se.*) Estou ás suas ordens, meu pai.

BARÃO—Sabes,--e tens orgulho d'isso,--que o nosso nome é immaculado...

CARLOS—Sei, meu pai e sei tambem que no dia em que o nosso nome recebeu uma nódoa, n'esse dia a nossa vida tornou-se hia impossivel.

BARÃO—Muito bem, meu filho, muito bem ! Dá-me a tua mão. (*Aperta-lhe a mão.*) Tu és um homem de bem. Si todos os membros da nossa familia pensassem assim, seríamos bastante felizes.

CARLOS—O que quer dizer, meu pai ? Não o comprehendo.

BARÃO—Ouve. Hontem, caçado do tumulto e do movimento do baile, dirigi-me a esta sala para repousar um momento e ao mesmo tempo para não assistir ao espectáculo pouco attrahente que o Sr. Miranda ia dar perante os nossos convidados. Ao chegar á porta, um espectáculo cem vezes mais vergonhoso do que aquelle a que eu não queria assistir, offereceu-se-me á vista. Recuei, como si uma vibora me houvesse mordido, e não pude conter um grito...

CARLOS—Mas que espectáculo foi esse, meu pai ?

BARÃO—Animo, filho, animo. Vi tua irmã--a minha filha, a minha alegria, o meu orgulho--nos braços do commendador Moreira!

CARLOS—(*erguendo-se.*) Dolôres... Dolôres nos braços d'esse homem !... Perdão, meu pai: mas isso... é impossível !

BARÃO—Antes fôsse; mas é a verdade...

CARLOS—Meu pai, vou procurar esse homem.

BARÃO—Para que ?

CARLOS—Precisamos uma reparação: vou exigil-a.

BARÃO—Não é necessario. Elle está prompto a reparar a falta, casando com tua irmã.

CARLOS—E meu pai consente ?

BARÃO—Essa pergunta ! Consinto, certamente.

CARLOS—Si dependesse de mim, eu não consentia, meu pai.

BARÃO—Porque ?

CARLOS—Para castigal-a da sua fraqueza, da sua leviandade. E não houve mais quem visse ?

BARÃO—Felizmente, não.

CARLOS—Felizmente ! Oh ! meu pai, que escandalo si esta sala fosse invadida pelos nossos convidados n'essa occasião !

BARÃO—O mal podia ter sido maior. Quando ouviram o meu grito, separaram-se: ella, occultando o rosto nas mãos, elle, baixando os olhos. Tomei o braço de Dolôres e retirei-me...

CARLOS—E onde está ella agora ?

BARÃO—No seu quarto. Chorou toda noite, porque a ouvi soluçar. Eu tambem não consegui repousar um momento.

CARLOS—Meu pai...

CRIADO—(*annunciando.*) O Sr. Manoel de Miranda ! (*Sabe.*)

CARLOS—E' um importuno este homem !

BARÃO—Mas é um homem honrado. Agora, meu filho, pela nossa propria dignidade, não devemos mostrar no rosto o que nos vai pelo coração

SCENA III

OS MESMOS E MIRANDA

MIRANDA—Peço perdão por vir incommodal-os tão cedo. Mas tendo de passar por aqui, não quiz deixar de entrar um instantinho. (*Apertando a mão ao Barão.*) Como passou, Sr. Barão ? (*O mesmo a Carlos.*) E o Sr. Carlos ?... Sempre rapaz bonito e mimoso das damas, heim ?

BARÃO—Sente-se, Sr. Miranda.

MIRANDA—(*sentando-se.*) Pois eu vou indo regularmente... Um pouco fatigado do exercicio que fiz hontem, mas forte sempre. Então, Sr. Barão: o que me diz do meu novo passo de walsa ?

BARÃO—E' magnifico.

MIRANDA—Heim ?... Não calcula como esse seu juizo dá-me prazer. Quando um homem como V. Ex. diz:—«Isto é bom»—, é porque é verdadeiramente bom. Obrigado... E' verdade: já leu o *Jornal* de hoje ?

BARÃO—Ainda não.

MIRANDA—Traz um artigo do seu competidor no nono districto. O homem está furioso e dá a entender que perde a eleição por causa das innumeradas tranquiernas que tem havido. Chega a dizer que V. Ex. comprou votos a dois e tres contos de réis !

BARÃO—Oh ! mas isso é uma infamia !

MIRANDA—Ora ! Desabafos de candidato derrotado. Pois V. Ex. não sabe o que é a politica ? O pretendente que perde, tem sempre mil rasões para desculpar o fiasco... ora é a cabala desenfreada, ora é a intervenção do governo, ora... Do que nunca se lembra é de confessar que perde porque não pode com o adversario. Eu, no seu logar, não dava resposta.

BARÃO—Não responderei, mesmo porque não tomei a menor parte n'essa eleição. Si fôr eleito, deverei á boa vontade dos meus amigos, e não á minha influencia, porque não a tenho.

MIRANDA—Vamos lá, Sr. Barão... nada de modestia... (A Carlos.) A proposito: dou-lhe os meus parabens.

CARLOS—Perque ?

MIRANDA—O *Jornal* occupa-se tambem da sua pessoa.

CARLOS—De mim ?

MIRANDA—E em termos tão encomiasticos que...

CARLOS—E a que proposito ?

MIRANDA—A proposito de um novo drama que o meu amigo está escrevendo. A julgar pelo talento do auctor, deve ser uma obra prima.

CARLOS—Obrigado.

MIRANDA—Não tome isto como incenso. Eu cá nunca tive queda para sachristão. Mas vejam os meus amigos como são as coisas d'este mundo! O Sr. principia a escrever um drama, e já os jornaes começam a espalhar a fama da nova obra; eu invento um novo passo de walsa, e não ha uma folha que diga uma palavra-vrinha a respeito. Pois olhem; escrever um drama não é mais difficil do que inventar um novo passo de walsa! (*Erguendo-se*) E com esta, vou-me... (*Apertando a mão a Barão*) Sr. Barão...

BARÃO—Até á vista, Sr. Miranda.

MIRANDA—(*apertando a mão a Carlos.*) Sr. Carlos... Sem cerimonia... sem cerimonia... (*Sahe.*)

SCENA IV

BARÃO E CARLOS

CARLOS—(*que acompanhou Miranda, descendo.*) Afinal de contas, o que veio este homem fazer cá? (*Indo ao pai.*) Não se afflija, meu pai, peço-lhe que não se afflija. Juro que o commendador hade reparar a falta que commetteu.

BARÃO—O que mais me entristesco não é isso: — é lembrar-me que estivemos á beira do abysmo da deshonra. O que t'ria succedido, si eu não apparecesse n'aquelle momento ?

CARLOS—Uma desgraça, talvez.

BARÃO—A nossa deshonra, estou certo. Quando penso n'isso, tenho medo de enlouquecer !

CARLOS—Coragem, meu pai, coragem. Vá descençar um ouco, peço-lhe.

BARÃO—Não. Preciso sair. Tenho de ir procurar esse homem. Emprazei-o para hoje, e não devo faltar.

CARLOS—Porque não me deixa ir em seu lugar?

BARÃO—Não é possível. Até logo. *(Sobe.)*

CARLOS—Até logo, meu pai. Quer que o acompanhe?

BARÃO—Para que? *(Sabe.)*

SCENA V

CARLOS—O que pretendia aquelle homem, afastando Dolores dos salões?.. Premeditava talvez uma infâmia .. E eu que o julgava um cavalheiro, um homem de honra..

CRIADO—*(anunciando.)* O Sr. Augusto de Azevedo! *(Sabe.)*

CARLOS—*subindo.)* Augusto!

SCENA VI

CARLOS E AUGUSTO

AUGUSTO—Bom dia, Carlos.

CARLOS—Bom dia, Augusto. Mas que ar é esse, meu amigo?.. Parece que a felicidade te rebenta por todos os poros!

AUGUSTO—E tens razão. Considero-me hoje o homem mais feliz do mundo... Não trocaria um átomo da minha ventura nem pela corôa de um rei!

CARLOS—Tiraste a sorte grande?

AUGUSTO—Si fôra isso, não sei onde estaria o motivo para o prazer que sinto. O que é o outro? Metal mesquinho e vil, que a tantas misérias arrasta, que tantas desgraças espalha, que tantas infâmias faz commetter!

CARLOS—Nem sempre. O ouro, em certas mãos, é um caudal de sorrisos; é o manto da misericórdia que cobre os nus, é o olhar de Deus que enxuga todas as lagrimas...

AUGUSTO—Mas nem todos chamam-se Barão das Larangueiras ou Carlos de Sá; nem todos pensam e vivem como esses dois prototypos da honra e da caridade...

CARLOS—Não falles em nós, peço-te.

AUGUSTO—Não fallarei, porque não quero que supponhas que te embriago com o fumo da lisonja, para depois, com a ais segurança de bom acolhimento, expor-te o motivo que me traz aqui...

CARLOS—Eu te conheço, Augusto; és um homem de bem. Si o não fôras, eu não te daria o nome de amigo.

AUGUSTO—Obrigado, Carlos. Essas palavras animam-me.

CARLOS—Mas, vamos a saber: o que é que tens a oommunicar-me?

AUGUSTO—Não vais sahir?

CARLOS—Não. Estou inteiramente ao teu dispor. Sentemo-nos. (*Sentam-se*)

AUGUSTO—Então, ouve-me.

CARLOS—Pelo tom em que me fallas, fazes-me suppôr que se tracta de negocio muito serio.

AUGUSTO—Serio e muito serio. Tracta-se do meu socego, da minha tranquillidade.

CARLOS—Bem, meu amigo: falla.

AUGUSTO—Carlos, eu amo...

CARLOS—Fazes bem, e feliz considero a mulher a quem consagras o teu an ôr.

AUGUSTO—A mulher a quem amo é o symbolo da modestia, da meiguice e da belleza. Amo-a com toda a minha alma, e o meu amor é retribuido... Mas ha um abysmo que nos separa...

CARLOS—Como, si o amor é reciproco?

AUGUSTO—Ella é rica, immensamente rica, ao passo que eu vivo dos parcos rendimentos de um emprego publico. Si eu me unisse a essa moça, não faltaria quem dissesse que me casei com o seu ouro, que fiz do casamento uma miseravel especulação.

CARLOS—Não. Aqui estaria eu para desmentir a quem se atrevesse a avançar semelhante proposição.

AUGUSTO—E todos dar-te-hiam credito?

CARLOS—E porque não, si eu a todos convenceria com a logica da verdade e da razão? Nada temas. Realisa o teu sonho côr de rosa, e sê feliz, porque bem o mereces... Mas ainda não me disseste o nome da belleza que assim te captivou...

AUGUSTO—(*erguendo-se*.) É... tua irmã.

CARLOS—(*erguendo-se admirado*.) Minha irmã!

AUGUSTO—Ahi está o que eu temia...

CARLOS—O que?

AUGUSTO—Recebes mal minha confissão... Bem sei que...

CARLOS—(*constrangido*.) Não... não é isso...

AUGUSTO—O que é então?...

CARLOS—Mas... amas verdadeiramente?

AUGUSTO—Espero que não duvides. Creio que não me julgas capaz de representar um papel menos digno...

CARLOS—Oh ! não ! Perdôa-me... Eu nem sei o que disse. (*A' parte.*) Tenho pena d'elle ! (*Alto.*) Mas, dize-me... si por acaso... sim... si por qualquer circumstancia... minha irmã não puder coroar os teus desejos... não puder realizar o teu sonho?..

AUGUSTO—O que querer dizer?

CARLOS—Nada. Estabeleço apenas uma hypothese.

AUGUSTO—Pois bem: lamentarei a minha desventura e continuarei a viver na minha humilde obscuridade, procurando fugir o mais possivel de vel-a. Si a visse, não sei si teria forças para resistir... Deixarei mesmo o Rio de Janeiro e .

CARLOS—Farás isso ? Abandonarás o Rio de Janeiro, deixarás o teu emprego, a tua familia, os teus amigos?..

AUGUSTO—Farei. Juro-o!

CARLOS—Basta. Dá-me a tua mão, Augusto. (*Aperta-a.*) Si o meu consentimento bastasse, desde já chamava-te meu irmão.

AUGUSTO—O que dizes ?

CARLOS—Mas eu não posso deliberar ..

AUGUSTO—E teu pai?..

CARLOS—Meu pai... sahio... (*A' parte.*) Como heide dissuadil-o ?

AUGUSTO—Mas tu intercederás por mim, não é verdade?..

CARLOS—Farei o que estiver ao meu alcance para resolver o...

AUGUSTO—Oh ! obrigado muito obrigado, Carlos ! Adeus.

CARLOS—Já

AUGUSTO—Já Sou captivo dos meus deveres, e nada pode fazer-me faltar a elles. Adeus. (*Sahe*)

SCENA VII

CARLOS—Pobre rapaz ! Si soubesses como eras atraídoado, não virias fazer-me semelhante pedido... (*Senta se.*) E minha irmã !.. Que papel representa ella em tudo isto ?.. Quem a julgaria capaz de tanta vilania?.. Ainda com os labios tremulos dos juramentos de amor que fez a um vai repetir esses mesmos juramentos a outro, sem pejo, sem a menor consideração por si mesma, sem ver que se aviltava e cahia tanto !..

SCENA VIII

CARLOS E BARÃO

BARÃO — E' um miseravel !

CARLOS — E então, meu pai ?

BARÃO — Tinha sahido, Foge de mim, talvez !

CARLOS — Vou procural-o, meu pai.

BARÃO — Sê prudente. Não desças a insultal-o (*Carlos vai sahir.*)

SCENA IX

OS MESMOS E DOUTOR

DOUTOR — (*da porta.*) Onde vais ?

CARLOS — Não sei, doutor. Deixe-me passar.

DOUTOR — Sei eu. Vais procurar o commendador Moreira.

BARÃO — Pois sabe ?

DOUTOR — Para que tenho eu olhos e ouvidos, sinão para ver e ouvir, Sr. Barão ? Hontem vie e ouvi tudo quante se passou n'esta sala entre V. Ex. e o muito honrado commendador Antonio Moreira.

BARÃO — (*severamente*) E...

DOUTOR — Peço-lhe que se acalme. O commendador Moreira é um miseravel. Conheço-o ha muitos annos e tenho provas do seu pessimo procedimento. Esse homem é um seducter de profissão...

CARLOS — Então, o que elle queria...

DOUTOR — Era seduzir tua irmã, era arrastal-a, como tem arrastado tantas outras, ao caminho da perdição Desculpem, meus amigos, a minha linguagem aspera e rude; mas é a linguagem da verdade.

BARÃO — Fui procural-o ha pouco. Negou-se a receber-me, ou sahio, para não encontrar-se commigo

CARLOS — Mas não hade escapar-me Até logo, meu pai (*Vai sahir*)DOUTOR — (*impedindo-o.*) Fica.

CARLOS — Como ! Manda-me ficar, quando devia impellir-me a procurar esse homem, a esbofeteal-o ?

DOUTOR — De que serviria isso, si aquelle rosto não coraria, si aquelle coração continuaria a palpitar calmo e tranquillo ?... Não são homens d'aquella estofa que repellem fim insulto.

CARLOS—Que importa isso ?.. Mas eu desafrontarei a nossa dignidade. Deixe-me passar, doutor !

BARÃO—Ordeno-te que fiques.

CARLOS—(*descendo.*) Meu pai...

DOCTOR—Criança ! O sangue ferve-te ainda nas veias, e não te deixa reflectir. Nós, os velhos, que não temos mais ardores nem mais impetos, encaramos diversamente as coisas. Nem sempre devemos repellar um insulto com outro insulto. Occasiões ha em que vale mais o desprezo. O insulto, quer por meio da palavra, quer por meio do escripto, é a arma baixa e vilã da canalha. Despreza esse homem, Carlos.

BARÃO—Mas elle tentou ferir-nos no que temos de mais santo, de mais sagrado: a nossa honra !

DOCTOR—Mas, felizmente, não chegou a ferir. Si elle tivesse realisado os seus intentos, a minha linguagem seria outra. Não diria—insulte-o,—mas diria—mate-o !

CARLOS—A intenção vale a acção, doutor. Esse homem tentou deshonrar-nos, e...

SCENA X

OS MENOS E DOLORES

DOLORES—(*pallida e abatida.*) Meu pai...

CARLOS—(*friamente.*) Nós não a chamámos.

DOLORES—Bem sei que não me chamaram; mas eu já estou cansada de ser victima dos máos juizos, e preciso desabafar.

DOCTOR—(*tomando-lhe as mãos, com carinho.*) Sente-se, minha Sra... As suas mãos estão quentes. Tem febre. Descance um momento...

DOLORES—E' a febre da indignação, doutor !

BARÃO—Da indignação !

DOLORES—Sim, meu pai. O Sr. é injusto para com migo, e meu irmão é injusto tambem. Nem a tudo devemos dar credito...

BARÃO—Mesmo quando vemos ?

DOLORES—Mesmo quando vemos, meu pai...

CARLOS—Como ?

DOLORES—As apparencias illudem tantas vezes !... Hontem, meu pai, depois do que se deu, pedi-lhe cinco minutos de attenção. O senhor voltou-me as costas e retirou-se. Não quiz ouvir-me, porque suppoz, talvez, que eu ia inventar alguma historia para salvar-me.

BARÃO--E o que poderia dizer que me convencesse ?...

DOLORES--A verdade, meu pai.

BARÃO--A verdade ! A verdade tive-a diante dos olhos.

DOLORES--Perdão... o que o Sr. viu não foi a verdade; foi a traição, foi a infâmia.

BARÃO--E confessa ainda que foi uma infâmia !

DOLORES--Meu pai !

BARÃO--Quer justificar-se, não é assim ?... Pois bem: faça-o, si pode.

DOLORES--Peço-lhe que me ouça. Hontem, momentos antes de dar-se o facto de que meu pai foi testemunha, o Sr. commendador havia-me offendido...

CARLOS--Offendido ? Como ?...

DOLORES--Desprezando a offensa, retirei-me para o salão. O commendador foi procurar-melá, e, mostrando-se sinceramente arrependido do que havia feito, pediu-me um momento de attenção. A principio neguei-me a satisfazer-lhe o desejo; mas instou tanto, tanto supplicou, que accedi. Conduzio-me para esta sala, então deserta, e, em vez de pedir-me perdão, como cumpria a um cavalheiro, declarou que me amava e que estava louco de amôr por mim.

DOUTOR--(*á parte*) Ah !

DOLORES--Tomou as minhas mãos entre as suas e apertou-as, apesar da minha resistencia. No momento em que meu pai appareceu, acabava elle de enlaçar-me pela cintura. E' esta a verdade, meu irmão. Pode acreditar ou não. A minha consciencia está tranquilla...

DOUTOR--(*hesitando*) E... a Sra. ama-o ?...

DOLORES--Amal-o ! Eu, doutor ?

DOUTOR--(*á parte*.) Felizmente, não o ama.

BARÃO--Mas hade amal-o, porque assim é necessario.

DOLORES--Como, meu pai ?

BARÃO--Porque depois do que houve, só ha um passo a dar.

DOLORES--Um passo ! Qual é ?

BARÃO--Ser esposa d' esse homem.

DOLORES--Meu pai !

DOUTOR--(*á parte*.) O que diz elle ?... (*Alto*.) Mas, Sr. Barão...

BARÃO--Perdão, doutor. Esta é a minha vontade unica e irrevogavel.

DOLORES--Mas eu não o amo, meu pai !. Não me sacrifique, peço-lhe.. Esse homem é um miseravel, e eu detesto-o. .

BARÃO--E' a minha ultima vontade. Com licença, doutor. (*Sahe.*)

CARLOS--Tenho pena, não por si, porque não merece a nossa compaixão; mas pelo outro, a quem a Sra. illudio. (*Sahe.*)

SCENA XI

DOUTOR E DOLORES

DOLORES--Oh ! meu amigo !...

DOUTOR--(*tomando-lhe as mãos.*) Coragem ! Elles não lhe deram credito, minha filha, mas eu acredito.

DOLORES--Juro que disse a verdade, doutor. Eu sou uma victima dos indignos manejos d'esse homem, e não...

DOUTOR--Sei, minha filha, sei.

DOLORES--Depois, como poderia eu amal-o, si amo outro--a um homem generoso, nobre, honrado, e que me ama com extremo ?...

DOUTOR--Não te afflijas, criança. Conheço-te e sei quanto vales. Descança, que não serás esposa do commendador Moreira, porque aqui estou eu para impedir que te sacrificuem.

DOLORES--Mas como, si meu pai e meu irmão querem ?

DOUTOR--Não é preciso que t'o diga. Quando eu apresentar a teu pai as armas que tenho contra o commendador Moreira, elle não poderá deixar de recuar. Descança.

DOLORES--Oh ! o Sr. é o meu verdadeiro, o meu unico amigo, doutor !

DOUTOR--Não. Teu pai e teu irmão amam-te muito tambem. O que os faz injustos para contigo é a desconfiança.

DOLORES--Tenho fé no Sr. e deposito a minha felicidade nas suas mãos. Si a vontade de meu pai fôr inabalavel, eu morrerei, mas não serei esposa do commendador Moreira.

DOUTOR--Não morrerás, não, porque eu te salvarei.

DOLORES--Doutor !

DOUTOR--Tu és um anjo, Dolores, e quero que devas a mim a tua felicidade futura. Até logo.

DOLORES--Já ?

DOUTOR--Já, mas voltarei cedo. Adeus.

DOLORES--Adeus, doutor (*O doutor sahe.--Dolores senta-se no sofá, descançando o rosto na mão.--Pouco depois Miranda apparece á porta.*)

SCENA XII

DOLORES E MIRANDA

MIRANDA—(da porta.) Dá licença, Sr. Barão?

DOLORES—(levantando a cabeça e limpando os olhos.)
Quem é?

MIRANDA—(descendo) Ah! é a menina? Como passou V. Exa.? Eu vou indo regularmente. Não pergunto pelo papá nem pelo maninho, porque já estive com elles hoje.

DOLORES—Sente-se, Sr. Miranda.

MIRANDA—(sentando-se.) Muito obrigado.

DOLORES—Já esteve cá?

MIRANDA—Tive essa honra. Quando teremos outro baile como o de hontem?

DOLORES—Não sei.

MIRANDA—Que festa, menina! que festa!... F o meu novo passo de walsa?... Tenho tido dois grandes «dias» na minha vida; a «noite de hontem» e o dia em que nasci. Duas datas celebres! Calcule: o dia em que um homem nasce e a noite em que esse homem põe em pratica um invento que vai revolucionar os dominios de Terpsychore! A menina conhece mythologia?

DOLORES—Não, Sr. Miranda.

MIRANDA—E' verdade: o doutor não está cá?

DOLORES—Já esteve. Sahio poucos momentos antes do Sr. entrar.

MIRANDA—Pois Terpsychore é a deusa da musica e da dança... mas prefere a dança á musica. E' doidinha pela dança. Tenho-a visto corcoda de grinaldas, com uma harpa na mão e... (Reparando) Mas agora reparo: a menina a chorar!

DOLORES—Eu?... Porque?

MIRANDA—Porque?... Mas, minha Sra., eu sou amigo do seu pai... e sei tudo...

DOLORES—Sabe tudo?... E' o que sabe o Sr.?

MIRANDA—Basta que lhe diga que sei tudo, porque o doutor tudo contou-me.

DOLORES—Ah!

MIRANDA—Mas descance. Esse casamento não se realizará. Eu e o doutor impedil-o-hemos.

DOLORES—Com que direito, Sr. Miranda?

MIRANDA—Porque faremos ver a seu pai quem é o commen-

dador Moreira. Quando o Sr. Barão conhecer o ~~passado~~ negro d'esse homem, não quererá de certo sacrificar o futuro de V. Ex.

DOLORES—Mas meu pai não os attenderá, Sr. Miranda.

MIRANDA—Porque?

DOLORES—Porque suppõe o seu nome manchado, a sua honra noduada. Hontem arrastei-me a seus pés, chorei, suppliquei, e elle, insensivel, retirou-se, deixando-me banhada em lagrimas e com o coração despedaçado...

MIRANDA—Torno a repetir-lhe: descanse. Não se afflija e deixe o tempo correr. V. Ex. conhece o doutor e conhece-me: entregue-se a nós, porque havemos de salva-la.

DOLORES—Obrigada, Sr. Miranda.

MIRANDA—Agora hade dar-me licença. Vou tractar dos meus negocios; mas dentro em meia hora estarei aqui... Sem mais incommodo, minha Sra., sem mais incommodo... (*Salte.*)

SCENA XIII

DOLORES E CARLOS

DOLORES—Mas o que fiz eu, para ser tractada assim?... que crime commetti, para merecer tamanha punição?...

CARLOS—(*que tem ouvido as ultimas palavras, descendo.*) Pergunte á sua consciencia.

DOLORES—A minha consciencia está tranquilla e de nada me accusa, meu irmão. Sempre fui filha obediente e b'ca irmã, e procurei sempre fazer respeitar o nosso nome.

CARLOS—Nem sempre. Um dia esqueceu o respeito que devia a esse nome, á sociedade e a si propria, para dar um passo que a degradava e que nos cobria de vergonha.

DOLORES—Diga o que quizer. Já me defendi, já disse toda a verdade. Não me acreditaram: paciencia. Fiquem, porém, certos que não direi nem mais uma palavra para justificar-me.

CARLOS—E orgulhosa ainda! e orgulhosa sempre!... Porque não sustentou hontem essa altivez, quando, sem o menor sentimento de dignidade, atirou-se nos braços...

DOLORES—Mente!

CARLOS—Minto! E meu pai mente tambem?... Não vio elle o commendador abraçal-a?...

DOLORES—Vio, é verdade.

CARLOS—E então ?

DOLORES—E então ?... (*Pausa.*) Já lhe disse uma vez que não me justificaria mais. Pode dizer o que entender, pode julgar o que quizer, porque eu não responderei.

CARLOS—Porque é impossível a justificação a quem não pode justificar-se. Felizmente, a falta hade ser reparada.

DOLORES—Está enganado. Quando não ha falta, não pode haver reparação. Eu nunca serei esposa do commendador Moreira ! (*Sabe.*)

SCENA XIV

CARLOS—(*acompanhando Dolores com os olhos até ella desaparecer.*) Veremos ! A esta hora todos sabem do facto es candaloso que deu-se hontem aqui, e esperam pelo resultado... A sociedade olha-nos, e nós temos obrigação de curvar a cabeça ante ella e dar-lhe uma satisfação...

SCENA XV

CARLOS E AUGUSTO

AUGUSTO—E então ?

CARLOS—(*apertando-lhe a mão e hesitando.*) O que ?

AUGUSTO—Fallaste-lhe ?

CARLOS—Ainda não.

AUGUSTO—Porque ?

CARLOS—Ouve-me, Augusto. Sabes que somos ricos?...

AUGUSTO—Sei.

CARLOS—Sabes que meu pai tem um titulo de nobreza ?

AUGUSTO—Sei

CARLOS—Sabes que occupamos uma posição elevada na sociedade ?

AUGUSTO—Sei. Mas a que ponto pretendes chegar ?

CARLOS—Pretendo chegar a que o casamento de minha irmã comtigo é... um casamento desigual...

AUGUSTO—Carlos !

CARLOS—A sociedade é severa e exigente. Si se realisassem os teus desejos, diriam que te vendeste por um punhado dô nosso ouro, por um pouco da nossa opulencia... Já reflecti e sou absolutamente da tua opinião.

AUGUSTO—Mas ..

CARLOS—Seria uma calúnia, bem sei, mas uma calúnia que não teria resposta, porque não poderias desfazer-a. Bem sabes si sou teu amigo e si desejaria ver-te no gremio da minha familia. Mas a minha consciencia revolta-se ante o sacrificio que irias fazer do teu socego e da tua dignidade.

AUGUSTO—Basta ! Não é a tua amizade que falla: é o teu orgulho !

CARLOS—O meu orgulho !

AUGUSTO—O teu orgulho, sim. Eu fui um louco, um verdadeiro louco, em vir revelar-te o meu segredo. Devia ter reflectido primeiro. Si o fizera, não passaria agora por este vexame com que me acabrunhas... A tua amizade ! Si fôsses um inimigo, o que acabas de dizer-me seria uma vingança; mas como és um amigo, é uma prova de amizade ! Obrigado ! Sempre pensei que a amizade levantasse, que protegesse e que servisse de amparo, mas não que ferisse, que massacrasse, que insultasse assim !...

CARLOS—Augusto !

AUGUSTO—Conheces os «Intimos» de Victorien Sardou, já viste representar essa obra-prima ?... Pois bem: a tua amizade é igual á amizade de um Marecat, de um Vigneux:—amizade que fere, que calca, e que em vez de trazer nos labios o sorriso franco da consciencia pura, traz apertado na mão convulsa o stylête da morte !...

CARLOS—Augusto ! (*A' parte.*) E não poder dizer lhe tudo !...

AUGUSTO—(*calmo, depois de uma pausa.*) Tens razão... A opulencia e a grandeza de teu pai não podiam receber em seu seio o pobre empregado publico desconhecido e sem nome...

CARLOS—Juro que não fallo por orgulho, mas pela tua felicidade... Esquece minha irmã... esquece-a, porque não faltam mulheres virtuosas, sinceras e dignas de ti.

AUGUSTO—Esquece-a ! Oh ! tu nunca amaste, nunca o teu coração palpitou por mulher alguma, nunca sentiste a alma estremecer de amor... E' por isso que me dizes com essa indifferença de gelo, com essa frieza de marmore:—«Esquece !»--Dize ao mar, que se revolve batido pelas raivas da tempestade:—«Suspende !»--Dize ao vento, que desencadeado e tremendo desola a natureza na sua passagem vertiginosa:--«Basta !»--Dize á nuvem que corre no espaço arrastada convulsamente nas azas do furacão:—«Pára !»--E si o vento, a nuvem, o mar obedecerem á tua voz, eu obedecerei tambem: eu esquecerei' (*Subindo.*) Adeus !

CARLOS—Onde vais ?

AUGUSTO—Que te importa? Adeus!

CARLOS—Mais uma palavra.

AUGUSTO—O que mais tens a dizer me?

CARLOS—Augusto, pela memoria de minha santa mãe juro que é a necessidade e não o orgulho que me obriga a fallar-te assim.

AUGUSTO—Como?

CARLOS—Ah! meu amigo, os telhados cobrem tanta coisa que o mundo ignora!

AUGUSTO—Mas não te comprehendo.

CARLOS—Não me perguntes coisa alguma, porque nada poderei responder-te. Ha segredos que se não revelam. Talvez um dia, quando o fogo da tua paixão estiver extinto, eu te faça depositario do meu doloroso segredo...

AUGUSTO—Não. Guarda-o. A amizade vale tanto hoje como amanhã. Si hoje não mereço confiança, não merecerei depois.

CARLOS—Pois bem: vou contar-te tudo. Só assim ficarás convencido de que minha irmã não pode ser tua mulher.

AUGUSTO—Mas assustas-me...

CARLOS—E não me assustei eu, que sou seu irmão, eu, em cujas veias corre o mesmo sangue d'ella, eu, que tanto orgulho tinha da sua virtude...

AUGUSTO—Então...

CARLOS—De nós dois, meu amigo, o mais infeliz sou eu. Tu não lhe és coisa alguma. Tens-lhe amôr, u n grande amôr, estou certo; mas o tempo, que tudo consome, arrefece os amôres mais ardentes, as paixões mais violentas. Ouve.

SCENA XVI

OS SENHOS E DOLORES

DOLORES—(*á porta, á parte.*) Meu Deus!

AUGUSTO—(*á parte.*) Ella!...

DOLORES—(*descendo e cumprimentando.*) Senhor Augusto...

AUGUSTO—Minha Sra. . .

CARLOS—(*á parte.*)—Tenho pena d'elles...

AUGUSTO—(*baixo, a Carlos.*) Como está pallida!

CARLOS—(*baixo.*) Chorou toda a noite.

DOLORES—Meu irmão, d'aquella porta ouvi que se propunha contar ao Sr. Augusto os motivos por que não posso ser sua



esposa. Não se constranja. Pode dizer tudo. Si por acaso repugna-lhe recordar esse facto, que tanto abalo lhe tem causado, fallarei eu...

AUGUSTO—Não, minha Sra. Para que sacrifica-la com uma narração que, pelo que vejo, lhe deve ser extremamente penosa?

DOLORES—Penosa, é verdade, mas necessaria, porque eu não quero que o Sr. faça pairar sobre mim a menor suspeita. Meu pai e meu irmão não me deram credito; mas o Sr. será mais justo. Juro que vou dizer a verdade.

AUGUSTO—Oh! não precisa jurar. Creio em tudo quanto V. Ex. disser.

CARLOS—(*fictando Dolores, que não baixa os olhos.*) Anima-se?

AUGUSTO—Carlos!

DOLORES—Animo-me, sim. Eu estava no salão. A titulo de pedir-me perdão do que momentos antes me dissera e que o Sr. testemunhou, o commendador Moreira...

AUGUSTO—O commendador Moreira!

DOLORES—Sim. O commendador Moreira conduzio-me para esta sala, e aqui, de surpresa, sem que eu pudesse defender-me, enlaçou-me nos braços...

AUGUSTO—Pois elle?... Miseravel!

DOLORES—Era um escandalo que procurava para prender-me. Eu bem comprehendí. Meu pai appareceu á porta n'aquelle momento e tudo viu. Julgou-me uma mulher leviana e fraca, antevio, talvez, a sua deshonra, e, sem proferir uma palavra, conduzio-me para o meu quarto. Pedi-lhe cinco minutos de attenção para justificar-me. Olhou-me severamente e retirou-se. Hoje, n'esta sala, contei tudo quanto se passou. Mas meu pai negou-se a dar-me credito e declarou-me positivamente que eu seria esposa do commendador Moreira.

AUGUSTO—Sua esposa!

DOLORES—Agora despreza-me, odeia-me, não me julga mais digna do seu amor... não é assim?...

AUGUSTO—Oh! não! não! Amo-a mais ainda... muito mais!

DOLORES—Então acredita-me?...

AUGUSTO—Acredito, porque os anjos não mentem.

DOLORES—Senhor Augusto!

AUGUSTO—Carlos, aquelle homem é um miseravel. O seu unico fim, vindo hontem a esta casa, era promover um escandalo,

porque momentos antes de dar-se o facto que tua irmã acaba de relatar, já o commendador Moreira nos tinha ferido, allegando que D. Dolores estava compromettida com elle para a quinta quadrilha, quando essa quadrilha já me havia sido generosamente concedida...

DOLORES—Crês agora, meu irmão?

AUGUSTO—Crê. Sob minha palavra de honra, garanto que ella disse a verdade.

SCENA XVII

OS MESMOS E MIRANDA

MIRANDA—Ora viva a bella companhia !... Uf !... Estou suando como um bruto !... Andei correndo a «via-sacra.» Visitei todas as pessôas que estiveram hontem no baile e...

CARLOS—Para que ?

MIRANDA—Para saber o que pensam do meu novo passo de walsa. Todos são unanimes em achal-o esplendido. E' um delirio por ahi... não se falla em outra coisa. O Sr. Augusto não vio ?

AUGUSTO—Não, Sr. Miranda.

MIRANDA—(admirado.) Não vio ?

AUGUSTO—Retirei-me antes de o Sr. executar-o...

MIRANDA—Pois olhe, sinto isso. Não sabe o que perdeu. Eu, como inventor, declaro-lhe que não cedo o meu invento nem por cincoenta contos... (Tira o lenço e deixa cahir uma bolsa.-- Limpando o suor.) Nem por cincoenta contos...

CARLOS—(apanhando a bolsa.) E por quanto cederia o Sr. isto ?

MIRANDA—(tomando-lh'a.) Onde foi o Sr. buscar esta bolsa ?

CARLOS—Ahi no chão. O Sr. deixou-a cahir. (Augusto vai para a janella, onde Dolores já se acha.)

MIRANDA—Esta bolsa vale milhões, Sr. Carlos...

CARLOS—Mesmo vasia como está ?

MIRANDA—Sim, porque mesmo vasia, encerra a felicidade de uma mulher.

CARLOS—Como ?

MIRANDA—Ah ! é uma historia comprida... muito mais comprida do que o meu novo passo de walsa... (Indo a Dolores.) Minha Sra., peço-lhe que guarde esta bolsa para entregal-a no

momento em que lhe fôr pedida. Assim como eu a deixei cahir agora, posso perdê-la em outra ocasião, o que traria um grande prejuizo. Esse pedaço de velludo é uma prova esmagadora contra um homem.

CARLOS—Conte-nos essa historia, Sr. Miranda.

MIRANDA—De boa vontade o satisfaria, si o segredo me pertencesse... E' verdade: já concluiu o seu novo drama?

CARLOS—Ainda não. Faltam-me os ultimos apontamentos, o doutor ficou de dar-me.

MIRANDA—Pois então, vá preparando a penna, porque o doutor pretende dar-lhe hoje esses apontamentos.

CARLOS—Sim?

MIRANDA—E' verdade. E antes que me esqueça: o Sr. Barão já tem conhecimento do resultado final da sua eleição?

CARLOS—Não sei.

MIRANDA—Um triumpho esplendido, meu amigo! esplendido!... Oitocentos votos por duzentos e tantos!... Eu já esperava este resultado. E si o Sr. Barão se tivesse envolvido no pleito, estou convencido que o seu competidor não obteria nem os tantos votos que obteve sobre os duzentos. Seria uma derrota completa. Decididamente, temos outro baile!... O Sr. Barão não hade deixar passar desapercibida uma victoria d'estas...

CARLOS—Creio que se engana.

MIRANDA—Como?

CARLOS—Meu pai não dará mais bailes.

MIRANDA—Porque?

CARLOS—Não sei. O de hontem foi o ultimo.

MIRANDA—O que me diz, homem? E eu que estava fazendo algumas alterações no meu novo passo de walsa, para tornar a exhibil-o na primeira ocasião...

CARLOS—Fará isso em outra parte, Sr. Miranda. O conselheiro Mascarenhas dá um baile quarta-feira. Porque não aproveita a ocasião?

MIRANDA—Heim? O conselheiro Mascarenhas? Vou já arranjar um convite. (*Toma o chapéo.*)

CARLOS—Seja feliz, Sr. Miranda.

MIRANDA—Obrigado. (*Sobe e encontra-se com o Barão.*)

SCENA XVIII

OS MESMOS E O BARÃO

BARÃO — Sr. Miranda...

MIRANDA — Parabens, Sr. Barão, muitos parabens, mil parabens!

BARÃO — Porque?

MIRANDA — Pelo seu esplendido triumpho.

BARÃO — Não me dá isso o menor prazer.

MIRANDA — Como?

BARÃO — Porque não são os triumphos que dão vida; mas o socego do espirito e a tranquillidade do coração. De que servem essas ephemeras grandezas, quando sentimos o coração ulcerado e cheio de lagrimas? .. (*Outro tom.*) Mas já se retirava? (*Dolores e Augusto descem.*)MIRANDA — Já. Vou arránjar um convite para o baile do conselheiro Mascarenhas. Preciso tornar conhecido o meu novopasso de walsa. Esperava que o Sr. Barão desse outro baile; mas, á vista do que me disse o Sr. Carlos .. Com licença... (*Baixo a Dolores.*) Conte commigo. (*Alto.*) Minha Sra... Sr. Carlos .. Sr. Augusto... Sr. Barão... sem...CRIADO — (*annunciando*) O Sr. Commendador Moreira! (*Salic.*)MIRANDA — Elle! Não saio mais! (*Vai para a janella.*)BARÃO — (*d parte.*) Finalmente!DOLORES — (*d parte.*) Como eu sou desgraçada!

SCENA XIX

OS MESMOS E MOREIRA

MOREIRA — (*introduzido pelo criado, que sahe logo.*) Peço perdão por vir incommodal-o, Sr. Barão; mas como V. Ex. faltou, talvez por ponderosos motivos, á entrevista que me havia marcado, considerei do meu dever vir procural-o.

BARÃO — Não fui eu que faltei, Sr. commendador; foi V. S. que se esquivou á minha presença.

MOREIRA — (*a Augusto e Carlos.*) Meus Srs.... (*A Dolores.*) Minha Sra.... Como passou V. Ex. de hontem para cá? Acho-a um pouco pallida... Oh! os bailes são sempre prejudiciaes...

DOLORES—Quando para elles são convidados homens honrados e generosos como V. S.

MOREIRA—Ou como o Sr. Augusto de Azevedo...

AUGUSTO—Sr. commendador...

BARÃO—Senhor Augusto, tendo de tractar de um negocio inteiramente familiar com o Sr. commendador Moreira, peço-lhe o obsequio de passar á outra sala.

AUGUSTO—Eu me retiro, Sr. Barão.

CARLOS—Eu te acompanho. Vamos, Dolores. (*Dolores segue-os.*)

MIRANDA—Eu tambem vou. (*A' parte, olhando para Moreira.*) Ah patife!... (*Sahem.*)

SCENA XX

BARÃO E MOREIRA

MOREIRA—Acheva desnecessario sahirem. Era melhor sabermos já, o que teem de saber depois. (*O Barão convida-o a sentar-se e sentam-se.*)

BARÃO—Quero saber, Sr. commendador, o que pretende V. S. fazer, em vista do facto que hontem se deu.

MOREIRA—Creio que já tive a honra de dizel-o a V. Ex. Si commetti uma falta, estou prompto a reparal-a.

BARÃO—Si commetteu uma falta! Pois o que fez o Sr.?... Commetteu mais do que uma falta, Sr. commendador, commetteu um crime, porque não só abusou da minha boa fé, como aproveitou-se da inexperiencia de minha filha...

MOREIRA—A inexperiencia de sua filha, Sr. Barão!... V. Ex. escolheu mal a occasião para fazer espirito.

BARÃO—Como?

MOREIRA—A mulher é inexperiente emquanto desconhece o amôr, emquanto não sente o coração palpitar-lhe com mais força á vista de um homem, emquanto esse homem não a faz corar e baixar os olhos, segredando-lhe, com voz tremula e commovida, palavras de amôr, e...

BARÃO—O que quer dizer, Sr. commendador?

MOREIRA—Nada. Somente que sua filha não está n'esse caso. Sua filha conhece de ha muito os perigos do amôr, sem que eu lh'os mostrasse...

BARÃO—Sr. commendador, exijo uma explicação.

MOREIRA—Não tenho que dar explicações, Sr. Barão. Pode anunciar o meu casamento com sua filha, porque eu não sou d'esses homens que levam o escrupulo até á estupidez de syndicarem do passado de uma mulher, para julgarem das felicidades que lhes possa ella dar no futuro... (*Indo ao fundo.*) Entrem, meus Srs. Os negocios de familia do Sr. Barão estão concluidos. (*Descendo*) Peço permissão para ser eu o primeiro a anunciar o meu futuro paraíso de venturas.

SCENA XXI

OS MESMOS CARLOS, DOLORES, AUGUSTO, MIRANDA E DOUTOR

MOREIRA—Meus senhores, tenho o grato prazer de annunciar-lhes que o senhor Barão das Lorangeiras acaba de conceder-me gentilmente a mão de sua filha.

DOLORES—(*á parte, deixando-se cair na sophã.*) Ah!

AUGUSTO—(*á parte.*) Meu Deus!

MIRANDA—(*á parte, rindo e esfregando as mãos.*) Havemos de ver... havemos de ver...

DOUTOR—(*baixo, a Dolores.*) Coragem! Lá aqui estou.

MOREIRA—O Sr. Barão quer... (*Fictando o doutor*) Eu quero...

DOUTOR—Mas eu não quero!

BARÃO-- Como!

MIRANDA—(*como acima, á parte.*) Havemos de ver... A bomba está quasi rebentando!

MOREIRA— O Sr. não quer?

DOUTOR—Não, porque só falta este casamento para coroar a sua vida de infamias, Sr. commendador

MOREIRA—Senhor!

CARLOS—Doutor...

DOUTOR—Acceitou a lucta que hontem lhe propuz, Sr., e declarou-me que não haveria obstaculos, considerações, honra nem dignidade que o fizessem recuar. Pois bem: a lucta está travada; esmague-me, si não quer ser esmagado.

BARÃO—Doutor, que direitos tem para vir impôr a sua vontade em minha casa?

MOREIRA—Ou o Sr. explica-se de modo que eu o comprehenda, ou considero-o um miseravel!

DOUTOR Não me attinge o insulto. Os abyssinios apedre-

jam o sol; mas o sol aquece-os generosamente com a sua luz. Eu quero ser generoso tambem: quero levar-lhe—no meio das trevas em que a sua consciencia se estorce—um raio de luz, um sorriso de aurora...

MOREIRA—Senhor ..

DOCTOR—Olhe para aquella mulher, Sr.: caia de joelhos a seus pés, e, de rastos, com a fronte cosida á terra, peça-lhe perdão do que a tem feito soffrer... Vamos, Sr. ! De joelhos !...

BARÃO—Doutor !...

DOCTOR—(a *Moreira*) Aquella mulher é... sua filha!

TODOS—Oh !

MOREIRA—Minha filha !... Ah ! ah ! ah ! Isso é simplesmente absurdo !... As provas, onde estão as provas ?...

DOCTOR—(tomando a bolsa da mão de *Dolores*.) Conhece esta bolsa, Sr, ?...

MOREIRA—Essa bolsa ..

MIRANDA—(á *parte*, estregando as mãos.) Anda, meu padre !... Defende-te agora ...

DOCTOR—O Sr. perdeu-a, ha vinte annos, saltando a janela de uma casa, depois de commetter o mais infame, o mais miseravel de todos os crimes .. Foi na noite de trinta de dezembro de mil oitocentos e sessenta e tres....

MIRANDA—Na Bahia... na Bahia...

MOREIRA—(como que se recordando.) Trinta de dezembro... na Bahia...

MIRANDA—Lembre-se, lembre-se... A mulher do alfaiate...

MOREIRA—A mulher do alfaiate... Oh ! basta ! basta !... Isto enlouquece !...

DOCTOR—Fui eu que engeitei esta criança á porta de sua casa, Sr. Barão, e ha desenove annos que não a perco de vista um só momento. Procurei a sua amizade, para mais de perto velar por ella .

BARÃO—Doutor, para que revelôu esse segredo, que eu guardo ha desenove annos, e que julgava só de mim conhecido, por isso que nem a meu proprio filho o confiei ?...

DOCTOR—Bem vê que era necessario, Sr. Barão.

BARÃO—Dolores, ha desenove annos que te adoptei, ha desenove annos que te considero minha filha, ha desenove annos que minha pobre mulher, depondo na tua frente de criança o osculo maternal, disse-me:—E' nessa filha; amemol-a como tal, e

que entre ella e Carlos os direitos sejam iguaes. »—(*Abraçando-a.*) Tu és minha filha, Dolores!...

CARLOS—Eu não sabia, Dolores... mas serei sempre teu irmão!

DOLORES—Obrigada, oh! obrigada!... (*A Moreira.*) Meu pai...

MOREIRA—(*tomando-lhe as mãos.*) Como és formosa!... E eu queria perder-te!... Oh! eu não sou teu pai!... Teu pai é aquelle que te creou, que te educou e que te amou sempre... Eu sou um miseravel!... (*Ao Barão.*) Sr. Barão, hoje é o ultimo dia que nos vemos. Tenho um favor a pedir-lhe...

BARÃO—Falle, senhor. Estou prompto a satisfazel-o.

MOREIRA—Peço a mão de minha... de sua filha para o Sr. Augusto de Azevedo. Elles amam-se: faça-os felizes.

AUGUSTO—Senhor commendador...

MOREIRA—(*a Dolores.*) Agora, dá-me nm beijo... Será o primeiro e o ultimo que receberás de teu pai... (*Beijando-a na fronte.*) Perdôa-me... e adeus!... (*Sai.*)

SCENA XXII

OS MESMOS, MENOS MOREIRA

DOLORES—(*hesitando um momento e subindo depois.*) Meu pai! meu pai!

BARÃO—(*recebendo-a nos braços.*) Chore-o, filha. O pai, por muito criminoso, por muito miseravel que seja, é sempre pai!

DOLORES—Doutor, como poderei pagar-lhe?

DOCTOR—Sendo feliz minha filha!

DOLORES—(*a Augusto*) E agora, depois de saber quem é meu pai, ama-me da mesma fórma?

AUGUSTO—(*beijando-lhe a mão.*) Sempre!

DOLORES—(*approximando-se de Carlos*) Meu irmão!...

CARLOS—(*abraçando-a*) Sê feliz, minha irmã!

MIRANDA—(*esfregando as mãos.*) Ora, pois! Agora temos decididamente outro baile, e o meu novo passo de walsa vai ficar n'uma ponta enorme!... (*Faz o gesto de quem vai dansar. - Cêe o panno.*)

 FIM 

II

HELENA

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS



Personagens

Helena	18 annos
Jorge	23 »
Paulo	20 »
Fernando	25 »
Commendador	50 »

Do 2º ao 3º acto ha um intervallo de 10 annos.



ACTO I

Gabinete. Duas portas ao fundo, duas á esquerda e uma á direita baixa. A' direita alta, uma janella. A' esquerda alta, uma secretária, junto da qual está Paulo sentado em attitude meditativa. Sobre a secretária, livros, papeis etc. Ao fundo, entre as duas portas, uma meza com relógio e vasos. Cadeiras. J.' noite.

SCENA I

Helena e Paulo

HELENA. (*junto da janella, olhando para fóra.*) Que noite linda!

PAULO. (*indo á janella.*) Mas triste... triste como a derradeira lagrima de um moribundo . Não vê?. . A lua, que derrama a sua pallida claridade sobre as aguas tranquillias do lago adormecido, parece chorar os jubilos perfumados de uma alegria já morta... O poeta sublime do sentimento disse:

« tudo passa...
« a sorte d'este mundo, é mal segura;
« vem depois dos prazeres—a desgraça,
« vem depois das desgraças. »

HELENA. (*interrompendo-o e descendo.*) Mas que desgraças nos ameaçam?... Somos tão felizes! ..

PAULO. Felizes!. . Quem sabe si esta felicidade de hoje não a fará derramar bastantes lagrimas, não a fará soffrer bastante? ..

HELENA. Porque? O que fiz eu a Deus, para merecer esse castigo?... Amal-o?... Fazer d'este amôr uma religião?... Amâr não é crime, e, sobretudo, amar como eu amo: com todas as forças de minha alma, com todas as esperanças côr de rosa do primeiro amôr...

PAULO. Helena! ... (*outro tom.*) E si eu partir amanhã?

HELENA. (*recuando.*) Partir!... Como?... Porque?...

PAULO. Porque a necessidade é a mais poderosa inimiga das afeições e do amôr... Sou pobre, bem o sabe, Helena. Seu pai tracta-me mal, e já deu-me a entender que...

HELENA. (*ansiosa.*) Que...

PAULO. Que pretendia despedir-me de sua casa, porque eu sou um miseravel... Oh! nem pode comprehender a humilhação que soffri! Senti o sangue queimar-me o rosto e o coração ficar gelado como um tumulo... Pobre!... e é porque sou pobre! Mas o que tem isso, si tenho um coração generoso, si tenho a minha honra intacta? Si nada mais ambiciono do que o seu amôr para poder viver? Oh! hoje fui maltractado... amanhã serei repellido como um cão!... Vou partir... não sei para onde... Que importa?

HELENA. Oh! cale-se! cale-se! Porque parte?... Porque me abandona, quando eu mais necessidade tenho do seu amor?...

PAULO. (*tomando-lhe as mãos.*) Animo, Helena! Para que lagrimas, si lagrimas não bastam para afastar de nós a fatalidade?

HELENA. (*chorando.*) E eu, Paulo?... e eu?...

PAULO. A senhora fica. Chorará no primeiro dia, terá saudades no segundo, no terceiro lembrar-se-ha vagamente do desgraçado que partio, no quarto...

HELENA. Oh! por piedade!

PAULO. E não é sempre assim?... De que servem lagrimas de saudade, si não são eternas?... de que serve uma saudade que não dura mais do que uma hora na vida?...

HELENA. Basta! basta!

PAULO. (*condus Helena á janella.*) Vê estas flôres?... Quando o sol amanhã se levantar ardente, ellas penderão esmorecidas nas hastes debeis, e o vento desfolhará as suas petalas perfumadas no pó abrazador da estrada. Quem chorará o destino das desgraçadas?... Ninguem! Apenas a sua formosa jardineira, olhando para os canteiros despídos de galas e de perfumes, dirá distrahidamente:—«Estavam aqui. Hontem ainda brilhavam com todos os seus encantos..O vento levou-as... Que importa?... Outras desabrocharão mais bellas e mais perfumadas!»

HELENA. O que quer dizer, Paulo?...

PAULO. Vê este céu sereno e limpido que brilha sobre as nossas cabeças aos reflexos pallidos da lua?... Amanhã a tempestade envolvel-o-ha nas mil dobras do seu opaco manto de

nuvens, matando-lhe o brilho e os resplendores divinos... Quem lamentará essa desgraça !... Ninguém ? Apenas dirão, com o sorriso da indiferença nos lábios:--«Hontem brilhava. A procella empanou-lhe o brilho... Que importa?... Amanhã deslumbrará !»

HELENA. O que quer dizer, Paulo ?...

PAULO. Sente a briza perfumada que passa embalsamando com seus agrestes perfumes o seu cabello negro ? Amanhã elle se transformará em furacão, despedaçará, fremente de raiva, as rozas do prado e as arvôres da floresta... Quem terá saudades da briza que passou !... Ninguém ? Apenas alguém dirá:— «Hontem era dôce. Amanha será divina! »

HELENA. Paulo, o que quer dizer?...

PAULO. Quero dizer que tudo n'este mundo tem um fim: que com o tempo desapparecem as saudades, a desgraça foge, a felicidade surge radiante de seducções e de encantos... e a lembrança d'aquelle que partio se esvaece para sempre do coração d'aquella que ficou ..

HELENA. Paulo !

PAULO. Oh ! é bem mais doloroso o soffrimento do que parte ! Sentirmos a approximação de uma hora que desejáramos nunca soasse; ouvirmos um soluço que não se pode por mais tempo reprimir; ouvirmos, aqui, uma phrase cortada por um suspiro, ali, um gemido acompanhado de um stertor; vermos a tristeza e a magua espalhadas nos semblantes de todos que nos são caros .. é um martyrio insupportavel . Só, emfim, a hora fatal. Todos rodeam o infeliz que parte, talvez para nunca mais voltar... As lagrimas rebentam em torrentes, os gritos de agonia succedem-se, os saudosos abraços repetem-se, e o quadro desolador é fechado pelas duas tristes palavras, as mais das vezes desmentidas: —«Bôa viagem !»--(*Fernando apparece ao F. E*)

HELENA Oh ! basta !

PAULO. O que parte vai só . E' maior ainda o martyrio. Não se ter um seio amigo onde se deposite os queixumes das amarguras que nos vão effervescentes n'alma... olhar-se em roda e ver-se isolado... Oh ! quanto é mais terrivel este soffrimento, do que as saudades dos que ficam ! Estes consolam-se mutuamente, animam-se, amparam-se. Mas aquelle e só !. . Só ! Que ancias dolorosas, que tremendas agonias não nos revela esta palavra--só !... E' a noite eterna do martyrio sem tréguas, é a

treva immensa do soffrimento sem um raio doce da aurora, é o inferno sem céu, é a culpa sem arrependimento, é a descrença gelada, é a morte da parte mais sublime da creatura... a morte d'alma!...

SCENA II

Os mesmos e Fernando

FERNANDO. *(do P. E.)* Bravo!

HELENA. *(voltando-se.)* Ah!

PAULO. *(idem, ironico.)* O Sr. Fernando da Cunha é muito generoso!

FERNANDO. *(descendo.)* O Sr. Paulo não sei de que está impagavel hoje! Ha cinco minutos que, parado áquella porta, ouço-o discorrer, com toda a proficiencia e sentimento, sobre as coisas do coração. Fiquei nervoso, creia. Por mais de uma vez enxuguei algumas lagrimas, que, máo grado os esforços que empreguei para suffocar, subiram-me do coração aos olhos...

PAULO. O senhor escarnece...

FERNANDO. Nunca fallei tão seriamente. Si as deixasse correr, devia ainda consciar no rosto os seus vestigios... Mas esquecia-me de... *(Indo á Helena.)* Minha Sra., tenho a satisfação e a honra de annunciar-lhe que hoje venho...

HELENA. O que?...

FERNANDO. Solicitar a concessão d'esta formosa mão.

PAULO. *(avançando.)* A sua mão! *(Retrahe-se)*

FERNANDO. De que se admira?... Por ventura aqui a Sra. não está no caso de merecer o meu amor?... *(A' Helena.)* E eu amo-a, minha Sra., creia... *(Durante esta falla e as seguintes, Paulo mostra-se agitado e afflicto.)* Não sei como se apoderou de minha alma este amor; mas amo-a, não com o amor que vive de esperanças cor de rosa e alimenta-se de illusões, de brizas e de perfumes... mas com o amor que não admite refoelhos, com o amor real, isto é, com o amor que só encontra a vida e o alimento na realidade descarnada e nua, embora prosaica...

HELENA. Senhor!

FERNANDO. Nunca me apaixonei ao ponto de passar noites em claro, formando castellos tão innocentes como o coração de

José, de bíblica memória, ou chorando a ausência da mulher amada... As paixões de—uma choupana e o teu amor—são soberanamente ridículas e servem unicamente para os romances piegas... Não sei amar assim. Isso é bom aqui para o Sr. Paulo, caixeiro, ou guarda-livros, que tem a alma a nadar em poesia, em zephyros que ciciam, em perfumes inebriantes, em ondinas que beijam as brancas arêas, em melancolicos luares... mas que tem, ao mesmo tempo, as algibeiras cheias de têas de aranha assim como a cabeça... O meu amor é bem diverso. Nada de sonhos, nada de esperanças, nada de illusões. Quero amar uma mulher que possa indemnisar-me do sacrificio do meu amôr ou do meu coração, abandonando-se ao meus carinhos, aos meus caprichos e á satisfação dos meus desejos...

PAULO. O senhor é...

FERNANDO. Um homem que não sabe si viveu hontem; que sabe que vive hoje, porque gosa, e que nada espera de novo no dia de amanhã; um homem, cujo coração está gasto ou intacto para as grandes emoções; um homem que vive, porque o goso hade extinguir-se quando se extinguir o mundo. Que me importa o passado?... que me importa o futuro?... Não tenho saudades do passado, nem me dá cuidados o futuro; aquelle, morreu: não lhe vou chorar sobre a sepultura... este, heide amolda o aos meus desejos... (*Outro tom*) O Sr. commendador está, minha Sra?...

HELENA. Sahio.

FERNANDO. Bem. Voltarei depois. Sou esperado em casa da baroneza da Silva, que particularmente me distingue com os seus favores, e não posso demorar-me. (*Estendendo a mão a Helena.*) Minha Sra. .. Como é bella!

HELENA. (*recuando.*) O Sr. é um... miseravel!

FERNANDO. Um miseravel riquissimo, minha Sra. ! Até mais ver... (*A Paulo.*) Continue a sonhar accordado, meu amigo: é muito poetico!... (*Sahe.*)

SCENA III

Helena e Paulo

PAULO. Este homem precisa ser punido!... E' um insolente!

HELENA. Não, meu amigo... A sua punição é o seu proprio aviltamento. Coragem e resignação. Adeus. (*Paulo beija-lhe a mão e acompanha-a até á porta.*)

SCENA IV

PAULO. (*sentando-se á secretária, depois de um momento de reflexão.*) A miséria !... sempre a miséria ! . . E não poder erguer-me, e não poder rojar dos pulsos arroxados esta cadêa fatal, que me opprime, que me acabrunha, que me rouba todas as esperanças da vida !... Sou moço e forte... Sinto o fogo da mocidade correr-me em lavas ardentes nas veias intumescidas... sinto borbulharem-me no cerebro as idéas grandiosas do genio... e não posso erguer-me .. e não posso lutar .. e sou vencido como um covarde ! ... Oh ! a miséria !... sempre a miséria ! .. (*Pausa.*) Amei... cri um momento que me seria dado possuir a mulher dos meus extremos... mas quando estendia os braços para chamal-a a mim... quando o triumpho sorria-me... a miséria repelle-me, e de envolta com uma gargalhada satânica atira-me á face estas palavras maldictas: —«Que fazes, insensato!... Olha para o passado... olha para o futuro! . . O teu passado foi a miséria; o teu futuro será a miséria!»—! eu curvei a fronte febricitante... senti o sangue gelar se me nas veias, o meu coração ficar gelado... porque em toda parte, velando ou sonhando, sempre a vejo me estendendo a mão descarnada e fria... ouço sempre a sua gargalhada de diabolico sarcasmo !... (*Pausa.*) Vamos! cumpra-se o destino... (*Fica um momento pensativo, com o rosto apoiado á mão. Depois toma um papel de sobre a secretária e lê:*)

Pobre nasci... Na aurora da existencia,
nos annos da alegria e dos folguedos,
quando o peito, a cantar, não tem segredos,
e do gôso só gosa a pura essencia,

quando o prazer respira alma innocencia,
e os dias se deslisam calmos, ledos,
como a briza nos verdes arvoredos.
na brilhante estação da florescencia,

quando os brincos pueris convidam rindo,
quando tudo é prazer, tudo é belleza,
e o goso immorredoiro, eterno, infindo,

ciencia, eu já pensava na pobreza,
nas maguas do porvir, na dôr, sentindo
molhar-me a face o pranto da tristeza...

SCENA V

Paulo e Helena

HELENA. (*da porta.*) Meu pai...

PAULO. (*deixando o papel sobre a secretária e levantando-se.*) Ainda não veio, minha Sra.

HELENA. Supuz encontre-o aqui. Ouvi o Sr. fallar...

PAULO. Eu fallava?... Ah! sim... estava trabalhando...

HELENA. (*descendo.*) Mas o que tem?... Porque está tão agitado?... Já não lhe pedi que tivesse coragem?...

PAULO. Nada, minha Sra... não tenho nada...

HELENA. Mas o Sr. soffre: bem vejo...

PAULO. Si soffro!... Só os felizes não soffrem, minha Sra... E eu sou um desgraçado... um desgraçado sem nome...

HELENA. Que diz?

PAULO. Digo que soffro... que o meu coração está cansado... Todos me repellam... todos fogem de mim... todos me desprezam... Porque?...

HELENA. Todos?...

PAULO. Todos... Seu pai massacra-me... Não ha um momento só em que me não lance em rosto o amargo pão que me atira... Seu irmão acabrunha-me com escarneos... insulta-me, suppondo-me talvez um covarde!...

HELENA. E eu?...

PAULO. E' o anjo bom d'esta casa. Bastantes vezes tenho-a ouvido defender-me; bastantes vezes tenho ouvido seu pai e seu irmão reprehenderem-na por minha causa... Oh! si soubesse como o meu coração lhe agradece os seus sacrificios!..

HELENA. Não faço sacrificios, Paulo. .

PAULO. Sacrificia-se, sim, minha Sra. E por quem?... Por um homem que seria apontado ao dêdo como um louco si lhe dissesse:—«Obrigado!»

HELENA. Paulo!

PAULO. Aborreço-a?... O que quer?... Fica tão aliviado o coração quando desabafamos as nossas dores!... E eu soffro tanto'...

HELENA. Mas porque está tão afflicto?...

PAULO. Porque esse homem que d'aqui sahio ha pouco, feriu-me no coração... Oh! quando elle disse que vinha hoje pedi,

a sua mão... senti o sangue subir-me ao rosto... uma nuvem de sangue obscurecer-me a vista...

HELENA. (*chorando.*) Meu Deus!

PAULO. Chora?... Chore, Helena, chore, que eu bem mereço as suas lágrimas... Mas não... não chore!... Para que lágrimas, quando o destino é implacável, quando o sofrimento é eterno?... Não chore... Massacrem-me... acabrunhem-me... matem-me... Que importa? O mendigo, a quem se atira um pedaço de pão amargo e duro, não merece lágrimas, é indigno d'ellas... porque não tem com que pagal-as... Folgue a opulencia... proclame aos quatro ventos a sua infinita grandeza... atire á face do mundo a luva do desafio para a lucta d'ouro com a honra... Está no seu elemento... Bem se lembra ella dos que gemem, dos que choram a miséria, dos que morrem á mingua de affectos e de pão!... Estruge a tempestade... enquanto a pobreza humilde prosterna-se nas frias pedras da rua, pedindo misericordia... nas salas deslumbrantes da opulencia maldicta retinem as gargalhadas da ebriedade, trocam-se palavras de amor impuro... zomba se do poder divino!...

HELENA. Paulo! Paulo!... Enlouqueceu?

PAULO. (*frio.*) A pobreza não enlouquece, minha Sra... Si a pobreza enlouquecess, perderia a consciencia do sofrimento... Oh! quem me déra a loucura... o indifferentismo para o mundo... o termo dos desejos e dos martyrios!... Quem me déra a loucura!...

HELENA. Silencio, Sr!.. Não vê que me mata...

PAULO. (*tomando lhe as mãos.*) Perdão!... Eu desvario... Não me fica odiando... não?...

HELENA. (*vendo os versos sobre a secretária.*) O que é que estava escrevendo... (*toma o papel.*) Versos...

PAULO. Por quem é minha senhora... dê-me esse papel...

HELENA. Porque?

PAULO. Porque a Sra. não os deve ler... Foi um momento de loucura, mas passou já... Esses versos!

HELENA. Para quem são?...

PAULO. Para ninguem... Julguei-me homem um momento, e cri que tinha uma alma para amar e um coração para sentir... mas foi um momento só... Esqueci-me que o pobre não tem alma nem coração... que não pode amar... Quem o amará?... quem amará um homem que não teve passado, que não tem fu-

turo?... Adormeci chorando e sonhei... Ha sonhos tão dôce^s, Helena!...

HELENA. Sonhou?

PAULO. Sonhei... não com a opulencia, não com as ephe-
mejas grandezas da terra... mas com o amor de uma mulher, que
vale todas as glórias possíveis... Eu era pobre... bem pobre... Os
ricos, quando por mim passavam e que eu estendia a mão, pedindo
uma esmola, voltavam o rosto e diziam:—«Trabalha!»—Os po-
bres, como eu, quando não me davam um pedaço de pão, por-
que não o tinham, murmuravam, com as lagrimas nos olhos:—
«Perdôa, irmão! Coragem!»—Uma noite,—fria noite de inver-
no!—estendi os lasso membros sobre as geladas pedras de uma
calçada, para dormir. Adormeci. De repente, uma musica, har-
moniosa como um côro de anjos, ferio-me os ouvidos... Ajoe-
lhada a meu lado estava uma mulher... mas uma mulher ideal...
uma mulher como na terra jamais encontrarei outra...

HELENA. Ah!

PAULO. —«Érgue-te,—disse-me ella,—Morrias abandonado
como um cão, todos escarneciam de ti, porque faltava-lhes o cora-
ção para sentir. Vem... sê meu, meu só, porque eu te amo!»—

HELENA. Ah!

PAULO. Despertei... procurei, ancioso, a mulher dos meus
amôres... Fôra tudo um sonho... mas a sua imagem ficou-me
gravada na memoria e no coração... Mas... dê-me esses versos
minha Sra... Seu pai não tarda... Dê-me esse papel...

HELENA. Não, Paulo... não dou. Quero conservá-lo como
uma lembrança sua...

PAULO. Helena!

HELENA. Ahi vem meu pai. Adeus... (*Parte.*)

SCENA VI

PAULO. E ella ama-me tambem... ama-me!... Mas que fa-
tal amôr este, meu Deus!... (*Senta-se á secretária.*) Pobre mar-
tyr!... Quantas lagrimas amargas não terás de derramar!... quan-
to não terás de soffrer!... (*Descança a fronte na mão.*)

SCENA VII

Paulo e o Commendador

COMMENDADOR. Então, o que é isto?... (*Paulo levanta-se.*) Deixo-o encarregado de um trabalho importante, e venho contral-o a dormir como... como um bruto!...

PAULO. Sr. commendador...

COMMENDADOR. A ociosidade é a mãe de todos os vícios. Si continuar assim, ponho-o na rua.

PAULO. Perdão, Sr. commendador. V. S. não me deixou encarregado de trabalho algum... Quanto a despedir-me de sua casa, não pense que me faria affronta. Já estou cansado de supportal-o!..

COMMENDADOR. Insolente!

PAULO. Não sou insolente, Sr. commendador: sou um homem honrado que repelle os insultos que lhe lançam em rosto... Não pense que me verá mais curvar a fronte ás suas insolências e...

COMMENDADOR. O que és tu, miseravel?...

PAULO. Sou um homem, e um homem honrado, Sr. commendador. A pobreza não exclue o sentimento do brio e do amor proprio. Sou pobre. Si sahir hoje de sua casa, amanhã talvez não tenha um pão para matar a fome. V. S. é rico e opulento... mas a minha pobreza não se curvará mais á sua opulencia. Tenho soffrido muito. Ha dez annos—dez longos annos—que soffro as suas grosserias sem dizer uma palavra... que supporto os escarneos insolentes de seu filho, sem estrangulal-o... Suppuze-ram, talvez, os Srs. que eu era um covarde... que soffreria tudo, porque temeria a sua grandeza!.. Mas como se enganaram!... Eu não era um covarde.. Não reagi nunca, por causa de sua filha...

COMMENDADOR. De minha filha! Falla de minha filha!

PAULO. Sim: de sua filha... porque muitas vezes a vi chorar, quando o senhor acabrunhava-me, lançando-me em rosto o pão que me dava... porque muitas vezes ouvi-a interceder por mim, quando o Sr. ameaçava-me... Sua filha é um anjo, Sr. commendador...

COMMENDADOR. Miseravel! Quem és tu para fallar em minha filha?...

PAULO. (*perdendo a calma.*) Nem mais uma palavra, Sr. commendador!

COMMENDADOR. Ingrato! que te esqueces que te levantei do pó e que te mato a fome ha dez annos!

PAULO. (*pausada e friamente, depois de um momento de pausa em que mede o commendador com pronunciado desprezo.*) O homem que lança em rosto á pobreza os beneficios que lhe faz, perde o direito á gratidão. Nada lhe devo, Sr. commendador. De sobejo tenho pago os seus beneficios com a minha submissão, com o meu silencio, quando o Sr. e seu filho me acubrunham sem piedade, quando me matam de dor e de vergonha. Cancei... A rua da amargura foi longa, enorme o peso da minha cruz. Depois de dez annos de martyrios e de vergonhas, cheguei ao meu calvario.. Lancei dos hombros a cruz... O martyr morreu... Um homem, ferido na sua honra e no seu pundonor, nasceu das cinzas frias do martyr para vingar o morto!...

COMMENDADOR. O Sr. é indigno da minha protecção. Vou sahir. Quando voltar, não quero encontral-o aqui, ou caro pagará (*Sahe.*)

SCENA VIII

PAULO. Oh! este viver é um inferno !... Mas sahir... sahir d'esta casa... E ella... e Helena... como posso eu abandonal-a?... como posso esquecel-a? . . Deixal-a é morrer... é perder tudo, porque é perdela... Vou trabalhar, resignado a sofrer novos insultos .. até que Deus se compadeça de mim !... (*Senta-se á secretária, abre um livro e toma a penna. Atirando á penna.*) Oh! não posso ! não posso !... (*Esconde a fronte nas mãos.*)

SCENA IX

Paulo e Fernando

FERNANDO. Uma palavra, meu amigo...:

PAULO. (*erguendo-se.*) Ainda o Sr. !...

FERNANDO. Venho prestar-lhe um serviço, e o Sr. recebe-me como si fôra eu que lh'o viesse pedir. O procedimento não é bonito, meu caro mancebo...

PAULO. (*dando-lhe as costas.*) Agradeço os seus serviços.

FERNANDO. Olhe que tracta-se de Helena...

PAULO. (*voltando-se.*) De Helena!... oh! falle! falle!

FERNANDO. O Sr. ama-a realmente?

PAULO. Oh! si a amo!...

FERNANDO. E porque não casa com ella?

PAULO. Porque... Oh! não me pergunte porque... Porque ella está muito alto; porque eu não devo aspirar á sua posse... porque ella não pode ser minha. . Ella vive em um mundo de luz e de ouro; os seus olhos estão acostumados á luz deslumbradora das salas da opulencia.. não podem penetrar a obscuridade do meu mundo de trevas... Ella é muito rica para amar-me; eu sou muito pobre para merecer o seu amôr...

FERNANDO. Ella ama-o...

PAULO. Porque é um anjo... porque se compadeceu da minha desgraça... porque o seu coração é bom...

FERNANDO. É para que se apaixonou por ella .. porque não empregou o seu amôr em uma mulher que pudesse recompensal o?...

PAULO. Porque o meu coração queria amar... porque Helena subjugou-o... porque eu não tive forças para fugir...

FERNANDO. E o que pretende fazer agora?...

PAULO. Soffrere .. calar-me...

FERNANDO. E' um covarde!

PAULO. Um covarde!

FERNANDO. E' um covarde, sim. Esqueça essa mulher... (*Rindo.*) O mel não é...

PAULO. Oh! cale-se! Nem mais uma palavra, ou esmagalo-hei! .. Por ventura pedi-lhe eu conselhos?... por ventura suppõe que accitarei os seus conselhos?

FERNANDO. Não quer seguir os meus conselhos?... Pois bem: juro-lhe que Helena será minha!.. Ah! sh! ah! (*Sahe.*)

SCENA X

PAULO. (*avançando para Fernando, que vai a sair.*) Miseravel!... (*Retrahe-se, levando as mãos ao peito.*) Meu pobre coração!..

FIM DO 1º ACTO

ACTO II

A mesma vista do 1º acto

SCENA I

HELENA. (*junto da janella, medita. Tem na mão o papel dos versos do 1º acto.*) Que destino o meu!... Eu, que devia ter tantas esperanças... um futuro tão bello... ser condemnada a viver assim... a viver para chorar!... Meu pai! E é meu pai o meu algoz!... Pobre Paulo!... (*Pausa. Limpa os olhos e lê:*)

Pobre nasci .. Na aurora da existencia,
nos annos da alegria e dos folgedos,
quando o peito, a cantar, não tem segredos,
e do gôso só gosa a pura essencia,

quando o prazer respira alma innocencia,
e os dias se deslisam calmos, ledos,
como a briza nos verdes arvoredos,
na brilhante estação da florescencia,

quando os brincos pueris convidam rindo,
quando tudo é prazer, tudo é belleza,
e o goso immorredoiro, eterno, infindo,

criança, eu já pensava na pobreza,
nas maguas do porvir, na dôr, sentindo
molhar-me a face o pranto da tristeza...

SCENA II

Helena e Jorge

JORGE. Helena...

HELENA. Ah! meu irmão...

JORGE. Que papel é esse?

HELENA. São versos...

JORGE. Versos?... de quem?

HELENA. De ninguem.

JORGE. Sobre isso fallaremos depois.

HELENA. Então...

JORGE. Desejo, em primeiro lugar, que me explique o seu procedimento de certo tempo a esta parte.

HELENA. O meu procedimento?... Não o comprehendo.

JORGE. Toda a mulher quer subir. A pobre deseja um homem rico para amparal-a; a rica um homem opulento para mais eleva-la ainda. A Sra., não. A Sra. desce... degrada-se até...

HELENA. Jorge!

JORGE. Olhe para meu pai, olhe para mim, e veja si podemos admittir nunca no gremio da nossa familia...

HELENA. Quem?...

JORGE. Um miseravel, que veio um dia bater á nossa porta, coberto de andrajos, pedindo uma esmola, e que meu pai recebeu por caridade... um desgraçado que foi aqui sempre tractado como um filho...

HELENA. (*á parte, com profundo sentimento.*) Como um filho!... E pouco falta para lhe cuspirem no rosto!

JORGE. Um mendigo, que hoje esquece-se dos beneficios que de meu pai tem recebido, para olhar para a filha do seu bemfeitor... E a Sra. desce tanto... perdeu tanto o sentimento do brio...

HELENA. (*altiva.*) Meu irmão! Respeite-me... Veja que sou uma mulher e que não estou resolvida a supportar as suas insolencias!

JORGE. Silencio! Desceu tanto, que já nem respeita os cabellos brancos de nosso pai... não lhe respeita uma vida de cincoenta annos de honra. Antes de lançar se ao abysmo do aviltamento, porque não renegou o nosso nome?... Devia tel-o feito, porque, só assim, não nos degradaria tanto!

HELENA. Silêncio!—digo eu.—Esse homem de quem falla é digno do meu amôr e heide amal-o sempre. A sua pobreza não é motivo para o massacrarem. Quanto aos beneficios de que fallou ha pouco, Paulo nada deve a meu pai. De sobejo tem pago o pão amargo que lhe atiram, com o suor do seu trabalho. Dez annos de trabalho compensam dez annos de hospedagem, meu irmão.

JORGE. Basta! Dê-me esse papel.

HELENA. Para que o quer?

JORGE. Que lhe importa? Dê-m'o.

HELENA. Não dou.

JORGE. Dê-m'o, si não quer que empregue a violencia...

HELENA. A violencia! Oh! seria um tractamento digno do senhor!... Empregue-a! Não a temo!

JORGE. Helena!

HELENA. Suppõe talvez que eu sou Paulo, que supporta os seus insultos, sem levantar a cabeça?.. Está enganado, Sr., e ainda mais enganado, si pensa que Paulo responde-lhe sempre com o silencio porque o teme... Oh! não! Desgraçado do Sr si Paulo quizesse vingár-se. Mas descançe... Não se vingará, porque é muito nobre para descer até á vingança...

JORGE. E' de mais! Dê-me esse papel, ou arranco-lh'o á força!

HELENA. Não dou!

JORGE. (*segurando-lhe o braço.*) Agora chame o seu D. João para defendel-a!

HELENA. (*subjugada.*) Jorge!

JORGE. Vamos! Dê-me esse papel! Quero saber até que ponto chegou a sua degradação! ..

SCENA III

Jorge, Helena e Paulo

PAULO. (*afastando-o.*) Para traz! para traz!

JORGE. (*encarando-o e erguendo a mão para dar-lhe uma bofetada.*) Ah! finalmente!

PAULO. (*segurando-lhe a mão.*) Senhor!

JORGE. (*com desprezo.*) Fique descançado. Não mancha-rei a minha mão no seu rosto. Quando quizer castigal-o, chama-rei os meus criados

HELENA. Meu irmão... cale-se... por piedade [... Que mal lhe fez elle, para tractal-o assim ?

PAULO. (*friamente.*) Não interceda por mim, minha Sra. São inuteis as suas lagrimas e as suas supplicas para quem tão mal se serve da sua superioridade. (*Altivo.*) Sr. Jorge de Menezes, o caixeiro submisso morreu. Cancei de supportal-o e de supportar as grosseiras insolencias de seu pai. Previno-o que estou resolvido a repellir de ora em diante as affrontas que me irrogarem. Si pensa que a minha pobreza obriga-me a guardar silencio quando sou insultado, está enganado. Não me atemorisa o seu oiro, não me intimida a sua opulencia. Quando a nossa consciencia está tranquilla, não temos de que nos arreceiar. Si sou pobre é porque sou honrado...

JORGE. Quer dizer que...

PAULO. Quero dizer que tenho visto muita opulencia adquirida á custa das lagrimas da viuvez, á custa das lagrimas e dos soffrimentos da orphandade... quero dizer que tenho visto muita riqueza servir somente para o mal, para a desgraça...

JORGE. Silencio!

PAULO. Hoje insulta me porque sou pobre, porque não tenho um punhado de oiro para compral-o... Mas amanhã, si a fortuna me ajudasse, si eu enriquecesse tambem, estou certo que seria o Sr. o primeiro a ir abter á minha porta, a estender-me a sua mão...

JORGE. E o senhor...

PAULO. Oh! então eu seria mais generoso do que o Sr. e seu pai. Recebel-o-hia como um amigo, como um irmão. Esqueceria as injurias passadas, para só lembrar-me que tinha diante de mim um homem que se acobhia á minha protecção...

HELENA. Meu Deus!

JORGE. (*contendo a custo a raiva que o domina.*) Saia immediatamente!

PAULO. Não é preciso ordenar-me que eu saia. Eu sei que de hoje em diante as portas d'esta casa se fecharão para mim. Pouco me importaria sahir d'aqui, si não fôra sua irmã. Só a ella devo gratidão, porque só ella tem-se mostrado compadecida da minha desgraça, só ella me tem dado forças para soffrer resignado e ter esperanças de um melhor futuro. Quanto ao Sr. e seu pai, só tenho a dizer-lhes que um dia se arrependerão do mal que me tem feito...

JORGE. Senhor!

PAULO. Quando a desgraça bater á sua porta, quando se virem, como eu, reduzidos á extrema pobreza, lembrem-se de mim, que fui sempre pelos senhores tão duramente tractado, e vão procurar-me. Não temam que eu os repilla, como os senhores me tem repellido; não! Heide recebê-los com os braços abertos e o coração transbordando da felicidade de poder amparal-os na desgraça...

JORGE. E' de mais!

HELENA. (*supplicante.*) Jorge!

PAULO. Ainda não é tudo. A sorte é varia. Si hoje são os Srs. ricos e opulentos, podem amanhã empobrecer, podem amanhã ver se obrigados a trabalhar ou a pedir uma esmola para viver. Quando passarem nas suas carruagens salpicando de lama a face pallida dos desvalidos da sorte, não voltem o rosto á supplica humilde do pobre, que lhes estende a mão tremula pedindo uma esmola para matar a fome que o devora...

JORGE. Onde quer ir ter?

PAULO. Não escarneçam nunca dos andrajos que cobrem as carnes roxas de frio da misera indigencia... não escarneçam, porque sob esses andrajos, talvez, quem sabe?... palpíte um coração grandioso, agonise um genio, que, por falta de protecção, ignora a morte...

JORGE. (*com desprezo.*) Talvez queira dizer que é um genio, não?... Com franqueza...

PAULO. Na ininterrompida successão dos annos, no correr tempestuoso ou calmo da existencia, bem vezes varia a sorte. O potentado de hontem, mendiga hoje o obulo da caridade publica, para não morrer á mingua... o rei de hoje, amanhã foragido, procurando escapar á punição que o persegue... Oh! não julguem, senhores potentados, que em alicerces de bronze assentam as columnas de oiro da sua felicidade. O vento da adversidade sopra quando menos se espera, Sr. Jorge de Menezes, e em sua passagem tremenda arrasa palacios, destróe opulencias e some sob as arêas da morte as ephemeras grandezas de terra... O que é o orgulho, Sr. Jorge de Menezes?... Palavra fatal e vã, arma de dois gumes, que depois de ferir o humilde, fere mais fundo ainda o orgulhoso...

JORGE. Basta! Já disse!

HELENA. Jorge!

PAULO. Em que se escuda o orgulho? No oiro?... Desapparece. Na posição? Cabe-se. Sr. Jorge de Menezes, do mesmo

limo de que fôram feitos o humilde e o fraco, fôram feitos o orgulhoso e o forte...

JORGE. (*com desprizo.*) Acabou ?.. Si quer acabar de aborrecer-me, repita o que disse.

HELENA. (*baixo a Paulo.*) Cale-se !..

PAULO. Não é necessario repetir, porque bem gravadas na memoria lhe ficarão as minhas palavras. Talvez que bem cedo o Sr as repita chorando...

JORGE. Devia ser bonito !.. O Sr. é propheta de mão agouro ?

PAULO. Não prognostiquei desgraças: lembrei lhe apenas a inconstancia da sorte. Dei-lhe um conselho. Aceite-o, si quizer, e seja feliz.

JORGE. (*rindo.*) Palavra de honra ! Estou quasi chorando !..

PAULO. Ainda é cedo. Não faltará tempo para chorar e arrepender-se...

JORGE. (*altivo.*) Saia !

PAULO. Eu saio, Sr. Jorge de Menezes. Mas espero que em breve nos havemos de ver ! (*Sahida falsa.*)

HELENA. (*afflictissima, em soluços.*) Paulo !... Paulo !... (*Cahindo n'uma cadeira.*) Meu irmão !..

PAULO. (*voltando-sedo fundo*) Helena... Helena... e deus !... (*Sahe.*)

SCENA IV

Jorge e Helena

JORGE. Levante-se !

HELENA. (*erguendo-se.*) O que mais quer ?

JORGE Si de hora em diante eu vir correr de seus olhos uma só lagrima por aquelle homem, ver-me-hei obrigado a chama-la de novo ao cumprimento do dever. (*Sahe.*)

SCENA V

HELENA. Meu Deus !... para que nasci eu ?... Oh ! isto é um martyrio horrivel !... Paulo !... Para onde iria elle ?... Quem sabe ?... Talvez que o desespero... Oh ! meu Deus ! meu Deus !...

SCENA VI

Helena e Fernando

FERNANDO. (*da porta.*) E' um anjo!

HELENA. (*com dignidade.*) Saia!

FERNANDO. (*descendo.*) Pois tem animo de ordenar-me que saia?... Quem é tão bella deve ter um coração de anjo. A sua formosura nada mais é então do que uma mascara que serve para occultar uma alma de gelo...

HELENA. Senhor!

FERNANDO. Porque me repelle, quando eu tanto a amo?... Não sabe que o homem que ama, como eu amo, não encontra obstaculos ao seu amor, e quando é desprezado, faz-se amar á força?...

HELENA. Deixe-me sahir, Sr.!

FERNANDO. Sahirá, mas depois de ouvir-me. Ha muito tempo já que espero este momento para declarar-lhe que dentro em pouco a Sra. será minha, e que é preciso não continuar a repellir-me.

HELENA. Mas si eu o despréso!

FERNANDO. Por causa do ex-brixeiro de seu pai, não é verdade?.. Não lhe impeço que o ame; ame-o, mas com a condição de ser menos esquivá para commigo.

HELENA. (*admirada e como não tendo comprehendido.*) O que que. dizer

FERNANDO. Não comprehendeu?... Eu me explico mais claramente. Quero dizer que não sou como certos homens que ameaçam céos e terra quando as noivas olham para outros, que não elles... Eu gosto de viver tranquillamente e não desejo incomodar-me por coisa alguma. Seu pai, ha bem poucos momentos, concedeu-me a sua mão...

HELENA. Mas...

FERNANDO. Não se afflija. Depois de casados, havemos de nos dar perfeitamente. Eu continuarei a minha vida accidentada de gosos e prazeres. A Sra. fará o que quizer, o que lhe vier á phantasia fazer. Eu sahirei para divertir-me com os amigos e as amantes. A Sra. ficará em casa para receber os amigos e os amantes, si quizer tel-os.

HELENA. (*d parte.*) Infame!

FERNANDO. Quando quizer sahir, sahirá, sem dizer-me para onde vai, nem o que vai fazer, porque, fique descançada, não lhe perguntarei nunca. O que eu quero é uma mulher formosa, e nada mais. Não acha que devo ser um excellente marido, isto é, um marido que fecha os olhos a tudo, e tracta os amantes da mulher da mesma maneira porque tracta as suas proprias amantes?

HELENA. (*indignada.*) Deixe-me sahir, Sr.!

FERNANDO. Mais uma palavra. A Sra. ama verdadeiramente, segundo parece, o ex-caixeiro de seu pai. Porque não o toma para amante, si já não o tomou?... São conhecidos antigos e poderão viver como dois pombinhos apaixonados, no ninho da minha casa. Creia que isso em nada me incomodará. Paulo terá um logar á minha meza, um logar em minha casa, e um logar no seu coração—que é o melhor logar. Nunca se separarão... andarão sempre juntinhos como dois bons amigos... como Orestes e Pylades...

HELENA. Basta, Sr. ! Nunca pensei que labios de homem proferissem tantas infamias ! Vou prevenir meu pai de tudo quanto acaba de dizer-me, e depois veremos...

FERNANDO. Advirto-a de que si eu souber que a Sra. lhe disse uma unica palavra, Paulo terá de haver-se commigo...

HELENA. Como?

FERNANDO. Matal-o-hei!

HELENA. (*recuando e encarando-o, assustada.*) O Sr. o matará?..

FERNANDO. Matal-o-hei ! Juro !

HELENA. Oh ! só falta isto... só falta matal-o para consummar a sua miseravel obra!... (*Indo a elle.*) O senhor é...

FERNANDO. (*tomando-a nos braços.*) Silencio !

HELENA. Meu pai ! meu pai !..

FERNANDO. (*deixando-a.*) Passou a tempestade ! O Titan da innocencia baqueou sem forças !

HELENA (*rápida e altivamente.*) Saia, Sr. !... Si eu o desprezava, odeio-o agora ! E' inutil perseguir-me, porque o Sr. é indigno do meu amôr !

FERNANDO. É Paulo?...

HELENA. Oh ! o Sr. não o matará... E' muito covarde para...

FERNANDO. Ah ! ah ! ah ! Nem sabe como fica divina n'esse desespero !... Parece uma leôa a que mataram os filhos !..

HELENA Pois bem, senhor: a leôa vingá-se, e eu me vingarei !... *(Sai rapidamente. Fernando acompanha-a com a vista até que ella desaparece.)*

SCENA VII

FERNANDO. Vingá-se... vingá-se... Como se vingará uma mulher bonita?... Chorando?—Que me importam lagrimas?... Ameaçando?—Oh ! não temo ameaças !...—São inúteis os teus esforços, minha formosa esquiva ! Jurei que havias de ser minha, e hasde ser... Tenho necessidade, não de ti, mas do oiro de teu pai. Nada tenho, e preciso viver á farta, á larga... As minhas amantes—encantadores monstros insaciáveis, abysmos sem fundo—já me chamam miserável porque não as encho de mimos e tetéas, como outr'ora... Oh ! minhas seductoras sultanas, desde que o vigário da freguezia me entregue a chave da opulencia de Helena, vós tornareis a ser opulentas também !.. Oh ! meu adorado panno verde, heide cobrir-te ainda com o oiro scintillante do estúpido commendador Menezes ! Viverei com Helena, enquanto Helena puder fornecer-me os meios de sustentar as minhas paixões... Acabados elles... adeus, Helena !... Quando a mina não offerece mais oiro, despreza-se a mina !.. Tenho vivido de expedientes até agora... Ainda hontem escapei de ser descoberto em um roubo pelos companheiros de jogo... Mas esses sustos vão desaparecer de uma vez para sempre, e então...

SCENA VIII

Fernando e Jorge

JORGE. Pensei que Helena estivesse aqui..

FERNANDO. Retirou-se incommodada para o seu quarto.

JORGE. Doente ?

FERNANDO. Sim; molestia passageira, do coração, que o tempo cura...

JORGE. Como?... Sabes?...

FERNANDO. Ora, meu amigo... para que tenho eu olhos e ouvidos ?

JORGE. E o que pretendes fazer?...

FERNANDO. Tua irmã é uma criança, Jorge. Sonha ainda.

Quando acordar, terá tudo esquecido. Depois de casados, iremos viajar. Sabes que as viagens são o melhor medicamento para a molestia de que soffre tua irmã. Irei á França, a Portugal, á Inglaterra, á Hespanha, á China até, si fôr preciso, para que tua irmã esqueça o passado.

JORGE. Talvez não seja necessario semelhante sacrificio.

FERNANDO. Porque ?

JORGE. Meu pai já mandou chamar o miseravel que enlouqueceu minha irmã...

FERNANDO. Para que ?

JORGE. Para propôr-lhe o seguinte:—dar-lhe tres contos de réis com a condição de elle deixar para sempre o Rio de Janeiro.

FERNANDO. E si elle recusar ?

JORGE. Aceitará. Si não aceitar, não nos faltam meios para nos livrarmos d'elle... Quando somos agredidos por um cão matamo-lo. Ficas ?

FERNANDO. Fico. Preciso fallar com teu pai.

JORGE. Até já. (*Sahe.*)

SCENA IX

FERNANDO. Muito bem. Chega o momento de dar o ultimo combate. O que dirá o commendador?... Esperemos...

SCENA X

Fernando e o Commendador

COMMENDADOR. Oh! meu amigo, julguei que tivesses sahido com meu filho...

FERNANDO. Senhor commendador, preciso fallar-lhe. Pode conceder-me um momento de attenção ?

COMMENDADOR. Falle meu amigo.

FERNANDO. Tenho dois pedidos a fazer-lhe, e espero ser attendido em ambos. Quanto ao primeiro, tracta-se de...

COMMENDADOR. De minha filha.

FERNANDO. Sabe ?

COMMENDADOR. A mocidade sempre suppõe illudir a velhice, mas sahe sempre illudida.

FERNANDO. Pois bem, Sr. Commendador: amo sua filha, e só do senhor depende a realisação do meu maior, do meu unico desejo...

COMMENDADOR. Já esperava por isto, mancebo. Mas si eu recusar ?

FERNANDO. Como ? Porque ?..

COMMENDADOR. O que fará ?

FERNANDO. Nada, mas sinto que serei muito infeliz...

COMMENDADOR. Quer saber a minha resposta ?

FERNANDO. Sim; uma resposta decisiva, franca.

COMMENDADOR. Pois bem: abro-lhe os braços e considero-o meu filho.

FERNANDO. (*apertando-lhe a mão.*) Obrigado, Sr. commendador! De novo encontrei o pai, que ha tantos annos perdi... (*A' parte.*) E que não sei que côr tinha !..

COMMENDADOR. Minha filha não tarda. Consultemol-a. Vamos ao segundo pedido.

FERNANDO. O senhor commendador não ignora que o seu ex-caixeiro...

COMMENDADOR. Não ignoro. Isso fica por minha conta.

FERNANDO. Pela segunda vez, obrigado. Tirou-me um peso enorme de sobre o coração. Agora posso ficar tranquillo, porque vou ser o mais feliz dos homens. Oh ! não pode calcular como o meu coração palpita !..

COMMENDADOR. Cálculo, cálculo, por que por ahi já passei...

SCENA XI

Os mesmos e Helena

HELENA. (*vai entrar, mas pára ao ver Fernando.*) Meu pai...

COMMENDADOR. Approxime-se. O meu amigo Fernando da Cunha acaba de se licitar-me um favor, que não posso recusar-lhe ..

HELENA. Falle, meu pai.... (*A' parte.*) Meu Deus !

COMMENDADOR. Fernando solicita a sua mão

HELENA. (*altiva.*) A minha mão !.. Nunca !..

COMMENDADOR. Helena !

HELENA. Nunca, meu pai !.. O senhor Fernando da Cunha é muito infame para merecel-a !..

FERNANDO. Ah !

COMMENDADOR. Helena !

HELENA. Meu pai, quer saber o que não ha muitos momentos me disse este homem ?..

FERNANDO. (*baixo*) A vida de Paulo está em minhas mãos...

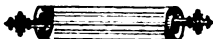
HELENA. Senhor !.. meu pai !.. Oh ! isto é um inferno !.. Não ! ... Nunca serei sua !.. Nunca !..

FERNANDO. Minha senhora

COMMENDADOR. Hade ser. Já comprometti a minha palavra, e heide cumpril-a.

HELENA. (*cahindo de joelhos e occultando o rosto nas mãos.*) Ah ! meu pai !....

FIM DO 2º ACTO



ACTO III

Uma mansarda toda esboroada. O commendador, cadaverico e exausto de forças, está deitado em uma enxerga. Ao pé da enxerga, um banco sobre o qual se vê uma carteira aberta e vasia, uma vela, já, em meio, presa á bocca de uma garrafa, e um canivete-punhal. Helena, pallida, desfeita e com os vestidos rotos, está sentada no chão, com o rosto occulto nas mãos. E' noite. A tempestade ruge fóra. Vento forte, relampagos e trevoada ao longe, que vem, pouco e pouco, se aproximando. O Commendador dorme, mas o somno é agitado. A' luz de um relampago, Helena, assustada, dá um grito abafado e ergue-se.

SCENA I

Commendador e Helena

HELENA. (*erguendo-se assustada.*) Ah !

COMMENDADOR. (*como que sobresaltado.*) Filha !...

HELENA. (*indo a elle.*) Meu pai !.. (*Chora.*)

COMMENDADOR. Socega, filha... Mais cedo ou mais tarde... agora ou logo... que importa !.. Tinha de ser assim...

HELENA. Não pensemos n'isso agora, meu pai...

COMMENDADOR. Pensemos, filha.. pensemos... Não me pesa morrer... porque já nada espero do mundo .. Só me pesa deixar a vida com o remorso de ter sido o causador da tua desgraça...

HELENA. Não, meu pai... O senhor sorheu a felicidade para mim n'aquella união... Enganou-se... Quem não se enganava ?..

COMMENDADOR. E sonhei... sonhei, filha .. Mas Deus não quiz que o meu sonho se realisasse .. Oh ! aquelle homem !.. aquelle homem !.. E não haverá castigo para aquelle homem !.. Maldicto ...

HELENA. Oh! meu pai!

COMMENDADOR. Depois de tamanha opulencia... esta miseria tamanha... Uma mansarda toda esboroada e quasi a desabar... um pedaço de vela quasi a acabar-se... uma carteira vazia...

HELENA. Meu Deus!

COMMENDADOR. Oh! custa muito, meu Deus!... custa muito!... E Deus não punirá a quem nos lançou n'este abysmo de fôrme e de horror, sem que um sentimento de piedade lhe commovesse o coração!. . Piedade... não por mim, mas por ella, meu Deus!... por minha filha, tão boa... tão meiga...

HELENA. Perdôa-lhe, pai!

COMMENDADOR. Perdoar, filha!... perdoar!.. Perdoar o crime, é commetter um crime ainda maior... Não! não perdô!

HELENA. Mas Deus perdoou, meu pai!

COMMENDADOR. (*agitado.*) Agua, Helena... dá-me agua... Sinto a cabeça arder-me... Estou tão fraco...

HELENA. Vou buscar, meu pai... Mas descance: Procure dormir... (*Sahe.*)

SCENA II

COMMENDADOR. Foi um crime!... Jamais coração de homem concebeu igual sentimento... Jamais o céu amaldiçoará maisignobil creatura... E o coração não lhe estremeceu no peito, e o remorso não lhe mordeu o coração... Com o sorriso nos labios e os olhos enxutos, contemplou, tranquillo e calmo, a apothese infernal da sua obra maldicta... De opulento, que eu era, reduzio-me á miseria... de tão feliz que era minha filha, tornou-a desgraçada... Depois—quando fundio nos lupanares e nas bancas de jogo a minha ultima moeda... abandonou-nos... fugio... não sei para onde... deixando-nos assim... a mim—quasi a expirar... a Helena—quasi sem pai!...

SCENA III

Commendador e Helena

HELENA. (*com uma caneca de folha.*) Aqui está a agua, meu pai.

COMMENDADOR. (*bebe. Forte trovão. Estremece e entrega a caneca á Helena. Assustado.*) Tenho medo...

HELENA. (*recuando.*) Ah! por acaso...

COMMENDADOR. Não deliro, não, filha... Tenho medo... não da tempestade que fóra ruger, porque Deus é bom... mas d'elle... d'elle... do miseravel que nos roubou .. Oh! si soubesses a idéa que tive agora...

HELENA. O que foi, meu pai?

COMMENDADOR. Pensei que elle tinha descoberto o nosso paredeiro... que veio... e que...

HELENA. Oh! falle! falle!

COMMENDADOR. E que terminou a sua obra maldicta... assassinando-me...

HELENA. Meu pai!

COMMENDADOR. Socega, minha filha... Foi uma idéa de louco... Sinto-me tão fraco... A fome traz tantos phantasmas!...

HELENA. Durma, meu pai... Bem precisa de descanso. Hoje o tempo não permittio que passasse gente na estrada, a quem eu pedisse esmola; mas amanhã, com o favor de Deus, seremos mais felizes...

COMMENDADOR. (*amargamente.*) Felizes! felizes!

HELENA. Quando tomar algum alimento e recobrar as perdidas forças, hade ficar melhor... hade ficar bom...

COMMENDADOR. Heide ficar melhor, filha, heide... mas na outra vida... n'esta não... que a felicidade passou já para mim...

HELENA. Deus é grande, meu pai... Mas durma, durma, que o somno far-lhe-ha bem.

COMMENDADOR. Mas si eu não posso, filha!

HELENA. Pode; faça um esforço, que pode... (*Batem.*) Ah!

COMMENDADOR. Quem bate?..

HELENA. Talvez Jorge, meu pai.

COMMENDADOR. Abre; mas antes, pergunta...

HELENA. Nada receie. Quem mais póde ser sinão Jorge?

COMMENDADOR Pergunta... Quem sabe ?.. Tenho medo.. tenho medo ... Estou tão fraco... Helena... minha pobre filha... (Adormece.)

HELENA. Meu pobre pai! (Abre a porta)

SCENA IV

Os mesmos e Jorge

JORGE. (pobremente vestido.) Minha irmã..

HELENA. Jorge, nada erranjaste ?

JORGE. (mostrando um pão que tira do bolso.) Um pão !

HELENA. (tomando-o.) Um pão ! E' para nosso pai...

JORGE. Espera ... Deixa-o descansar. Não o accordes agora.

HELENA. Mas elle tem fome !

JORGE. (amargamente.) Tem fome !. Pobre pai !... (Com raiva.) Oh ! e não heide matar aquelle maldicto ! .

HELENA. Jorge !

JORGE. Sabes ?.. O miseravel anda foragido.. Quando não teve mais oiro, roubou... A justiça procur-o... (Tomando o canivete que está sobre o banco.) Ah ! si eu o encontro... desgraçado d'elle . Mat-o sem piedade!

HELENA. Meu irmão !

JORGE. (atirando a arma sobre o banco e approximando-se do pai) Meu pobre pai !

HELENA. Accordo-o ?

JORGE. Não; vou sahir.

HELENA. Outra vez, Jorge ?

JORGE. E' preciso. São apenas nove horas. Ainda posso encontrar alguém que me dê uma e mola para matar a fome de nosso pai amanhã

HELENA. Como somos desgraçados, Jorge !

JORGE. Desgraçados.. Dizes bem, Helena !.. Hoje percorri a cidade em todas as direcções, procurando quem me desse trabalho, e não houve um só homem que me attendesse ..

HELENA. Porque ?

JORGE. Porque ?.. A fatalidade, Helena... a fatalidade !.. (Pausa) Fecha a Porta. Mais tarde voltarei

HELENA. Não tomaste alimento algum ainda ?

JORGE. Não...

HELENA. Porque não levas a metade d'este pão ?

JORGE. (*com sorriso amargo.*) Não tenho fome...

HELENA. Como dizes isso, Jorge!...

JORGE Adeus, Helena!... (*Sahe.*)

HELENA. Porque não ficas?..

JORGE. Não. Preciso sahir. (*Sahe.*)

SCENA V

Commendador e Helena

HELENA. Pobre irmão!.. Tão felizes que eramos... e tão desgraçados que somos!.. Este pão!... oh! quando meu pai accordar, como deve ficar contente!.. (*Rumor fóra.*) Meu Deus!... (*Fernando impelle a porta que Jorge deixára encostada e entra*)

SCENA VI

Os mesmos e Fernando

FERNANDO. (*pallido e em desordem*) Silencio!

HELENA. (*correndo ao pai.*) Meu pai! meu pai!

FERNANDO. (*reconhecendo-a.*) Esta mulher [... Helena]...

HELENA. (*reconhecendo-o, horrorisada*) Fernando!...

FERNANDO. Eu... sim... mas silencio!.. Sou perseguido...

HELENA. Saia, Sr.!.... Por piedade!... Si meu pai o vir aqui...

FERNANDO. Basta! Quero occultar-me... Occulte-me... Elles não tardam... O roubo...

HELENA. O roubo?..

FERNANDO. Sim, o roubo... Roubei, e sou perseguido...

HELENA. Oh! saia!

FERNANDO. Por piedade, salve-me!

HELENA. Salva-o!.. O Sr. já se esqueceu do passado?..

FERNANDO. Oh! mas isto é um inferno!..

HELENA. Senhor!

FERNANDO. Pela ultima vez, salve-me, ou...

COMMENDADOR. (*sonhando.*) Helena... perdôa-me, minha pobre filha. . Eu fui o unico causador da tua desgraça... Mas Deus hade castigar o infame...

FERNANDO. Que diz elle ?...
 COMMENDADOR. (*sonhando.*) Fernando... o miseravel que...
 FERNANDO. (*com os punhos cerrados.*) Oh! basta! Silencio, velho!... ou esmago-te sem piedade!...
 HELENA. O Sr ameaça um moribundo... E' um covarde!
 FERNANDO. (*segurando-lhe um braço.*) Mulher!
 HELENA. Deixe-me, Sr. !... Peço soccorro !...
 FERNANDO. Ninguem a ouvirá.. Vamos... Occulte-me, ou mato-a!
 HELENA. (*correndo á porta.*) Soccorre !.. soccorro !
 FERNANDO. (*tomando-lhe a passagem.*) E' inutil... Não quer salvar-me, não é assim ?..
 HELENA. Salval-o !.. Nunca '...
 FERNANDO. (*subjugando-a.*) Pois então...

SCENA VII

Os mesmos e Jorge

JORGE. (*apparece á porta, vê o quadro, atira-se para Fernando e obriga-o a voltar-se.*) Fernando da Cunha !
 FERNANDO. (*recuando.*) Ah !
 JORGE. Finalmente nos encontramos, Sr. ! Nem sabe com que ancia esperava eu este momento.
 FERNANDO. O que pretende ?
 JORGE. O que pretendo ?.. E ainda me pergunta o que pretendo ?.. Quero vingar-me !
 FERNANDO. Vingar-se !..
 JORGE. Veja esta miseria que nos rodêa... olhe para aquele velho que ali agonisa, quasi sem forças para respirar... olhe para esta mulher... Esta mulher... Conhece-a... E' minha irmã... é Helena... Repare na pallidez que lhe cobre as faces.. repare nos andrajos que a cobrem... E esta mulher já foi uma belleza... já trajou como uma rainha... Quem foi o causador de todas as nossas desgraças ?
 HELENA. Jorge !...
 FERNANDO. Senhor !...
 JORGE. Quero vingar-me ! .. E' preciso que o Sr. morra !...
 FERNANDO. Eu !... morrer ! (*vê o canivete-punhal sobre o banco e avança para tomal-o.*) Veremos !

JORGE. (*repellindo-o e tomando a arma.*) Morrer, sim !... mas morrer como um cão !... (*Fernando arroja-se sobre Jorge, que, fóra de si, fere-o. Paulo entra a tempo de ver o acto do ferimento*).

SCENA VIII

Os mesmos e Paulo

PAULO. (*a Jorge.*) O que fez ?...

HELENA. Meu Deus !

FERNANDO. (*cahindo.*) Ah !

JORGE. Era um cão: matei-o !

HELENA. Paulo !..

COMMENDADOR. (*despertando em sobresalto.*) Que sonho !.. que sonho !.. Luctas... mortes... sangue... (*Vendo os circumstantes.*) Jorge... Helena... meus filhos... Paulo !... Também elle ! .. Um homem !.. um homem morto !..

JORGE. E' uma víbora esmagada, meu pai !.. Mordeu-nos a primeira vez, e fugio... tentou morder-nos a segunda, matei-a !

COMMENDADOR. Fernando...

PAULO. Segui os seus passos e vi-o entrar aqui, Sr. Jorge. Peço perdão... Sr. commendador, prepare se, que vamos partir quanto antes..

COMMENDADOR. Partir ?.. Para onde ?..

PAULO. Para sua casa. E' impossivel, fraco e enfermo, como está, continuar a viver aqui.

COMMENDADOR. Para minha casa ?...

PAULO. Sim: para sua casa. Lêa. (*Dá um papel.*)

COMMENDADOR. (*depois de ler.*) Perdão !.. E' um castigo, mas um castigo nobre, digno de uma grande alma... Eu expelli-o injustamente de minha casa, e o Sr. faz-me doação d'essa mesma casa de onde foi expellido... Oh ! é muito !..

JORGE. O que diz meu pai ?

HELENA. (*ao mesmo tempo.*) O que diz, meu pai !

COMMENDADOR. (*dando-lhes o papel.*) Lêam, meus filhos, e aprendam...

PAULO. A sorte ajudou me Sr commendador. Trabalhei durante dez annos... soffri privações sem conta, curti angustias sem termo mas Deus protegeu me e enriqueci...

HELENA. Oh ! obrigada ! muito obrigada !... *(Ajoelha.)*

JORGE. *(d parte.)* E eu insultava-o !.. Oh ! maldicto que eu sou !

PAULO. Minha Sra.... *(Levantando-a.)* Não tem que me agradecer... Não foi um beneficio que fiz: foi um dever que cumpri, uma divida de honra que paguei. Seu pai amparou-me da miseria durante dez annos, é justo que eu agora o ampare tambem da miseria... *(Helena toma-lhe uma das mãos; o Comendador toma-lhe a outra e consegue ajoelhar-se. Jorge, profundamente commovido, contempla o quadro.)*

FIM

III

Coração de Mulher

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS



Personagens

Julia.	.	.	.	20	annos
Luiz.	.	.	.	22	»
Alfredo	.	.	.	25	»
Doutor	.	.	.	40	»

ACTUALIDADE



ACTO I

Gabinete de pintura. Portas ao F. e á D. A' E. porta e janella.
Quadros presos ás paredes. Proximo á janella, um cavalleto
onde se vê um desenho começado. E' noite.

SCENA I

JULIA. (*sentada, depois de ler uma carta.*) Um adereço no valor de dez contos. . Deve ser rico !. (*Pausa.*) E eu podia tel-o... realçar o brilho da minha belleza com o esplendor dos brilhantes... si não fôra Luiz... (*Pausa.*) Para que lhe dei a minha mão?... Porque não esperei?... Podia fazel-o... Hoje apparecer-me-hia Alfredo—moço, bello, rico, muito rico—para tirar-me da obscuridade, para apresentar-me na sociedade, trajando sêdas, coberta de ouro, offuscando com a minha grandeza a belleza de muitas mulheres... curvando-as a meus pés... (*Pausa.*) Luiz incommoda-me... Tenho-lhe amor... mas amo mais a riqueza, a opulencia, a minha formosura !..

SCENA II

Julia e Luiz

LUIZ. (*fôra.*) Julia ! Julia !

JULIA. (*terguendo-se e escondendo precipitadamente a carta no seio.*) Ah !

LUIZ. (*entrando.*) Somos ricos, minha querida !... Acabo de contractar sete quadros representando os sete passos de Christo para a igreja de S Pedro !. Tres contos de réis, Julia !. Comprar-te-hei um enfeite de um conto... um vestido bonito .. Oh ! como estou contente !... Dá-me um abraço !. (*Abraça-a*) Como hasde ficar bonita com as mãos cheias de aneis, o pescoço brilhante de collares, vestida de sêdas... Oh !

Serás uma rainha... Levar-te-hei ao theatro... Todos admirarão a tua belleza !..

JULIA. (*fricamente, á parte.*) Um aderêço de dez contos !

LUIZ. Quando te virem passar, dirão as mais mulheres, cheias de inveja: — «Esta mulher é o nosso anjo máo, porque ofusca-nos a formosura !» — Dirão os homens conscienciosos, arrebatados ao ver-te: — «Esta mulher parece um anjo, e é uma rainha na belleza, porque attrahe a quantos a veem.» — E tu levantas orgulhosa essa fronte de Madona, e eu serei soberbo em ter o teu amor... Era este o meu unico desejo:—tirar-te do esquecimento... Muitas vezes me perguntaste porque eu vivia triste, não é verdade ? Pois bem: o motivo da minha tristeza eras tu...

JULIA. (*concentrada.*) Eu ?..

LUIZ. Sim. Eu soffria ao ver-te tão moça, tão formosa, aqui, esquecida e ignorada como uma flôr no deserto... e só lembrada e muito amada por mim... Eu queria que apparecesses, que fosses vista e admirada por todos, porque isso me tornaria feliz !. (*Reparando na concentração de Julia.*) Mas... o que tens ? . Estás distrahida... Acaso não tomas parte na minha alegria, esta alegria tamanha, que o meu coração é pequeno para contel-a ?.. Julia... o que tens ? . Que tristeza é essa ?... Estás pallida...

JULIA. (*limpando os olhos*) Eu !..

LUIZ. Choras ?... Oh ! meu Deus ! . O que tens, Julia ?.

JULIA. Eu... nada...

LUIZ. Nunca te vi assim. Ainda esta manhã cantavas como um passarinho... Porque são essas lagrimas, Julia ? . Não vês que essas lagrimas me torturam ?.. Serei eu a causa da tua tristeza ?... Oh ! não chores... Falla... dize-me o que tens ...

JULIA. Eu... lembrava-me da nossa infancia...

LUIZ. Da nossa infancia ?

JULIA. D'esses dias tão felizes em que brincavamos juntos, Luiz; em que corriamos pelo campo atraz das borboletas que nos desafiavam a prendel-as... Lembras-te ? .

LUIZ. Lembro-me... Formoso tempo foi esse...

JULIA. Não tens saudades ? . Eu tenho... Eramos tão pobres !..

LUIZ. Mas eramos felizes.

JULIA. Tu pescavas no rio, para sustentar tua mãe... eu .. eu fazia meiguices a meu pai... Tu eras tão pequeno ainda !...

Todos te chamavam o lindo pescador, o bom filho... A mim, lembra-te como me chamavam ?..

LUIZ. O loiro anjinho, a rosa do céu.

JULIA. (*indicando uma cadeira.*) A's Ave-Maria nos ajoelhavamos juntos aos pés de meu pai, que se sentava n'aquella cadeira, que conservo como uma recordação do passado. Uniamos as mãos e rezavamos. O bom velho sorria-se ouvindo as nossas vozes. Depois, tu ias para casa abraçar tua mãe. No dia seguinte, de novo corriamos pelo campo, pescavamos no rio, rezavamos juntos... Lembra-te ?..

LUIZ. Como bem descreves esse tempo!... Sempre nos amámos muito... não é assim ...

JULIA. (*como que a custo.*) Sempre, Luiz !

LUIZ. Quem testemunhasse estas provas de amôr, diria que somos dois niovos, que nos casámos hontem... E, no entretanto, ha quatro annos que somos casados... Mas n'esses quatro annos cada vez mais ardente se tem tornado o nosso mutuo amôr. .

JULIA. (*com um movimento brusco.*) Luiz ! (*Outro tom, abraçando-o.*) Como somos felizes... não é assim ?..

LUIZ. Assim é que eu quero ver-te sempre: rindo e cantando ! (*Batem.*)

JULIA. Quem será ?

LUIZ. (*dá porta.*) Queira entrar, Sr.

SCENA III

Julia, Luiz e Alfredo

ALFREDO. (*dá porta.*) Vim, talvez, incommodal-o...

JULIA. (*dá parte*) Alfredo ! Elle !..

LUIZ. De modo algum. Tenha a bondade de entrar.

ALFREDO. (*cumprimentando.*) Minha Sra ..

JULIA. (*friamente*) Senhor ..

ALFREDO. Precisando eu de alguns quadros, lembrei-me do Sr. como excellente pintor .

LUIZ. Obrigado, Sr. Sou pintor, mas estou muito longe de considerar-me excellente pintor.

ALFREDO. Pode mostrar-me alguns trabalhos ?

LUIZ. (*mostrando os quadros.*) Ahi tem diversas paisa-

gens. Queira examinal-as, enquanto vou ao outro gabinete buscar o que considero o meu melhor quadro.. E' um momento.

ALFREDO. Pois não.

LUIZ Com licença. (*Sahe.*)

SCENA IV

Alfredo e Julia

ALFREDO. Recebeu a minha carta?

JULIA. Recebi.

ALFREDO. Aceita?

JULIA. Aceito.

ALFREDO. (*vendo o relógio.*) São nove horas. Onde me espera ás dez?..

JULIA. (*hesitando.*) Em parte alguma.

ALFREDO. E como aceita a minha proposta?...

JULIA. E Luiz? ,

ALFREDO. (*tirando uma caixinha do bolso.*) Aqui está. Veja como esses brilhantes scintillam... (*Julia abre a caixinha.*) Cega o seu brilho?... São seus.

JULIA. Tanta riqueza... para mim?

ALFREDO. Veja quanto valem os seus encantos, que troco essa riqueza por um volver de seus olhos, por um sorriso de seus labios. .

JULIA. (*escondendo a caixinha.*) Ahi vem Luiz. .

ALFREDO. Onde me espera?...

JULIA. Venha ás dez horas.

SCENA V

Julia, Alfredo e Luiz

LUIZ. (*com um quadro na mão.*) Eil-o. E' o quadro que mais estimo.

ALFREDO. (*depois de examinar o quadro alguns instantes.*) E' realmente bello.

JULIA (*d parte, como que assaltada de uma idéa*) Magdalena arrependida !

ALFREDO. (*olhando para Julia e para o quadro, como que a comparar.*) Mas que coincidência!

LUIZ. Como?.

ALFREDO. Esta Magdalena é...

LUIZ. É Julia. Tomei-a para modelo do meu desenho. Não pense, por isso, que minha mulher é Magdalena. Não. Chama-se Julia, e é um anjo. Foi nos primeiros dias do nosso casamento. Preparei a tela e chamei-a para o meu gabinete de trabalho. Fil-a ajoelhar-se, colloquei-lhe uma cruz entre os braços, ergui-lhe a cabeça, olhando para o Salvador. Eu estava inspirado. O amor tornava-me um genio. Tomei os pincéis e comecei o trabalho. Depois, fiquei absorto, fictando-a... corri a ella e dei-lhe um abraço. D'ahi em diante, ella ajoelhava-se todos os dias, abraçava a cruz, e eu trabalhava. Depois expuz o meu quadro. O governo honrou me com uma medalha. Com tão foimoso modelo, que pintor não seria um genio?...

ALFREDO. Compro-lh'o.

LUIZ. Não o dou... nem pela corôa de um rei!

ALFREDO. Pois bem: então voltarei amanhã para fazermos os nossos ajustes.

LUIZ. Espero o. (*Sahe, levando o quadro.*)

SCENA VI

Julia e Alfredo

ALFREDO. Preciso d'aquelle quadro.

JULIA. E como heide dar-lh'o?

ALFREDO. Terá outro adereço mais rico do que esse.

JULIA. Não. Luiz ama tanto aquelle quadro!...

ALFREDO. Não importa. Quero-o.

SCENA VII

Julia, Alfredo e Luiz

ALFREDO. Acabo de dizer á sua Sra. que daria toda a minha fortuna por aquelle quadro.

LUIZ. Não o vendo. Não me seduz a riqueza, Sr. Trabalho

com ardôr, sacrifico-me, não por mim, mas por ella. Não quero que Julia soffra necessidades. Ama-me muito a pobre menina, para que eu a deixe soffrer. Aquelle quadro, não o dou, como já disse, nem pela corôa de um rei. Aquella Magdalena é o retrato de Julia, e eu amo muito minha mulher, para vender o seu retrato...

ALFREDO. Mas disse que se sacrifica para que nada lhe falte...

LUIZ. E para que nada lhe falte, não é necessario que eu venda o meu quadro. Ella que diga si tem soffrido a menor privação. Contractei hoje sete quadros para a igreja de S. Pedro, por tres contos de réis. Já dispuz d'esse dinheiro:—um conto de réis para lhe comprar enfeites, um conto para sêdas, um conto para mim...

ALFREDO. Procede como bom marido.

LUIZ. É sou. Amo-a, satisfação todas as suas vontades, e sou feliz.

ALFREDO. Tendo-se por companheira um anjo, não se pode ser desgraçado.

LUIZ. Diz bem, Sr. Julia é um anjo: alma pura, coração de ouro. Todos os dias rendo graças a Deus por ter-m'a dado. E Deus ouve-me, porque cada vez sou mais venturoso com ella. Vivemos aqui esquecidos, é verdade; mas n'este esquecimento ha um mundo de respeito e adoração para ella — é o meu coração.

ALFREDO. Deus lhe pagará esse amor.

LUIZ. Creio.

ALFREDO. Amanhã, ás quatro horas, voltarei.

LUIZ. Sim Sr.

ALFREDO. (*apertando a mão de Julia.*) Minha Sra... (*Baixo.*) A's dez horas.

JULIA. (*baixo.*) Sim...

ALFREDO. (*a Luiz.*) Até amanhã.

LUIZ. Até amanhã, Sr. (*Acompanha-o à porta e desce.*)

SCENA VIII

Luiz e Julia

LUIZ. Antipathiso com este homem...

JULIA. Porque?

LUIZ. Porque .. olhou de mais para ti...

JULIA. O teu amor chega a esse ponto, Luiz?...

LUIZ. Chega, Julia. Tenho ciumes de tudo... do chão que pisas, das flores com que enfeitas os cabellos, porque tenho medo que o chão te beije os pés... que as flores te roubem um beijo... E esse homem olhou de mais para ti, apertou-te a mão, sorriu-se..

JULIA. E o que tem isso, si eu só penso em ti ?...

LUIZ. Só, Julia ?

JULIA. Sou toda tua... (*Sahe, enviando-lhe um beijo.*)

SCENA IX

LUIZ. (*sentando se, a pós uma pausa.*) Esse homem olhou de mais para Julia.. apertou-lhe a mão.. sorriu-se... Elle é rico, é opulento... e eu sou um pobre pintor... (*Erguendo-se.*) Ora, vamos! Em que estou em pensando?... Que loucura é esta?... Julia é um anjo, e nunca faltará aos seus deveres... Eu sou um miseravel!.. Fazer semelhante juizo de minha mulher, é um crime!...

SCENA X

Luiz e Julia

JULIA (*alegre.*) Estás pensando de que feitio hão de ser os trincos que vais comprar para mim, não é, Luiz ?

LUIZ. Não, Julia... Estava pensando em ti... (*Tomando-lhe as mãos.*) Perdoa-me !

JULIA. (*muito admirada, olhando-o.*) O que é isso Luiz ?

LUIZ. Perdôa-me... Eu sou um louco... Duvidei um momento do teu amor... duvidei do teu coração, Julia...

JULIA. O que dizes, Luiz ?..

LUIZ. Mas é porque te amo muito... O amor enlouqueceu-me, e eu... estou louco... Aquelle homem olhou de mais para ti.. e eu pensei que tu olhaste tambem para elle... Mas durante o tempo que elle esteve aqui, pensaste sempre em mim... Não é verdade, Julia?...

JULIA. (*com amuo fingido.*) Estou zangada... Não duvidou de mim... do amôr que lhe tenho ?...

LUIZ. Estou arrependido e peço-te perdão... Um abraço para fazermos as pazes...

JULIA. Mas hade prometter que não duvidará mais de mim...

LUIZ. Prometto.

JULIA. Então, venha.

LUIZ. (*abraçando-a.*) Como és bôa, Julia!

JULIA. Lisongeiro!.. Agora deixemo-nos de amôres e vamos para dentro. Já são quasi dez horas... (*Sorrindo.*) O seu braço, cavalheiro, si me faz o favôr... (*Sa'em de braço dado. A scena fica vazia um momento.*)

SCENA XI

JULIA. Não tarda .. Graças a Deus que vou ter joias e brilhantes, cobrir-me de sêdas e de velludos... Eu já estava aborrecida d'este viver obscuro... O meu desejo é apparecer, ser vista... invejada pelas mulheres, amada pelos homens... Oh! hade ser bello ver os homens ajoelhados, beijando-me as mãos... as mulheres esmagadas pela minha belleza!... (*Tirando a carta do seio.*) Leamos de novo esta carta. Certifiquemo-nos de que tudo isto não é um sonho... (*Lê:*)—«Queres ser minha?. Dar-te-hei tudo: -sêdas, velludos, brilhantes... emfim, tudo quanto possa «desejar uma mulher, comtanto que me dês tambem um pouco «do teu amor, que eu possa ver-te todos os dias, a todos os «instantes. Sê minha; eu adorar-te-hei de joelhos; tu serás o «meu Deus na terra, o meu unico pensamento na vida. Sê minha: «terás em mim um escravo submisso para satisfazer os teus me- «nores caprichos. Sê minha; encontrarás em meu coração um «mundo de dedicação e de amor.—Teu até á morte.—*Alfredo.*» —(*Dobrando a carta.*) Serei sua!.. Que importa que o mundo me aponte como sua amante, si elle me dêr ouro, si me apresentar na sociedade trajando sêdas?... (*Batem 10 horas.*)

SCENA XII

Julia e Alfredo

ALFREDO. (*apparece d janella, corre a scena com a vista e salta para dentro.*) Até que emfim, posso estar á sós comtigo!

JULIA. Alfredo!

ALFREDO. Nem sabes quanto te amo!.. Vamos!.. Ficaiás deslumbrada ao entrar em minha casa!.. Preparo-te uma surpresa...

JULIA. Qual é?...

ALFREDO. Queres saber?... Sêdas, velludos, fitas, brilhantes, ouro, amor... e a minha vida inteira!...

JULIA. Isso tudo?... Vamos! quero ver tudo isso... (*Alfredo abre a porta do lado e sahem. Julia, na precipitação da fuga, deixa cair a carta. — Cena vazia.*)

SCENA XIII

LUÍZ. (*entrando.*) Julia! Julia!.. (*Pausa.*) Ninguém!.. (*Vendo aberta a porta do lado.*) Esta porta aberta!.. (*Vendo a carta.*) Uma carta!.. (*Apanha a carta e lê rapidamente.*) Enganava-me, a desgraçada!.. (*Rasga a carta e fica um momento como que entregue a um pensamento doloroso. Com amargura.*) Tinha saudades da nossa infancia... do tempo em que corriamos juntos pelo campo... em que resavamos juntos!.. Ah! miseravel!.. miseravel!.. (*Cahindo n'uma cadeira.*) Perdida!.. Meu Deus!

FIM DO 1º ACTO



ACTO II

Sala rica. E' noite. Ao subir o panno, a scena está vasia. Pouco depois, entra Alfredo, arrebatadamente, pelo fundo. Julia acompanha-o, chorando.

SCENA I

Alfredo e Julia

ALFREDO. Que Satanaz carregue todas as mulheres!

JULIA. Mas, Alfredo...

ALFREDO. Tenho dito! Não me incomode mais com os seus caprichos! Pensa, talvez, que meu pai adquirio com ladroerias esta fortuna que hoje desfructo, para que eu a gaste em vidrilhos e rendas... não é assim...

JULIA. Mas tu me prometteste, na noite em que abandonei meu marido, que me darias tudo que eu pedisse...

ALFREDO. E' verdade que prometti; mas não estou resolvido a cumprir a minha promessa. Já não fiz tão pouco em mimoseal-a com um adereço de dez contos de réis. Com a Sra. não despendo mais nem um real. Si julga que o dia de hoje é a noite de ha dois annos, está enganada!

JULIA. Alfredo!

ALFREDO. Ha dois annos, não me importava eu de deitar dinheiro fóra ás mãos cheias; mas, hoje, as coisas mudaram de face. A sua presença já me é por demais enfadonha. Ficar-lhe-hei obrigado si sahir d'aqui. Cada vez que entro em casa, sou perseguido com mil reclamações e caprichosas exigencias, que me incommodam soberanamente. Ora quer um vestido de seda, ora quer um chapéo da moda, ora um collar de brilhantes... Não estou ainda louco para empobrecer assim. Cada ceitil que com a Sra. gasto é uma gotta de sangue que me sahe das veias: fique sabendo.

JULIA. Então...

ALFREDO. Então.., é que não quero que me peça uma fita, porque nem isso lhe darei..

JULIA. (*chorando.*) Ah!

ALFREDO. Chora ?. Que me importa ?. As suas lagrimas não me commovem nem me fazem mudar de idéas. De sobejo a conheço. A Sra. sempre teve as lagrimas agarradas aos olhos. E' costume antigo. Estou inteiramente aborrecidô de atural-a!

JULIA. Mas o que fiz eu, Alfredo ?. . . porque me tractas assim ?. . . Estou sempre prompta para satisfazer os teus menores desejos; nunca te exprobrei de coisa alguma; sirvo-te como uma escrava.. O que mais queres de mim ?. . . que te fiz?..

ALFREDO. Não posso receber uma carta, que não venha logo a Sra. querendo saber de que tracta ella; si um amigo me procura, quer a Sra. saber para que fim...

JULIA. E' falso!..

ALFREDO. Silencio !.. Sou livre, minha cara, e heide guardar-lhe tanta fidelidade como a Sra. guardou a seu marido.

JULIA. (*altiva.*) Si não guardei fidelidade a meu marido, foi o Sr. o culpado. Conheceu o meu genio, não sei como, enganou-me com promesssas, deslumbrou-me com a perspectiva da riqueza.. Eu acreditei.. Soffria primeira decepção na primeira noite em que aqui entrei. Procurei as sêdas promettidas, os velludos, os brilhantes, e nada achei. Perguntei-lhe onde estavam: o Sr. rio-se e não me respondeu.. D'ahi em diante não tem havido um só dia em que o Sr. me não reprehenda sem motivo, que não escarneça de mim.. Eu já estou cansada, Sr.!

ALFREDO. Si esta cansada, retire-se. Não me deixa saudades. De novo previno-a de que não posso tel-a em minha casa. Estou para casar-me, e torna-se impossivel continuarmos a viver juntos..

JULIA. (*como ferida de raio.*) Vai casar-se !.. E eu então ?..

ALFREDO. (*rindo.*) A Sra. pode procurar outro ramo. Não falta para onde vá. Ha muitas mulheres que de bom grado lhe darão agasalho, desde que a Sra. as ajude a ganhar a vida.

JULIA. (*indignada.*) E julga que eu seja capaz, Sr. ?..

ALFREDO. Suppõe-se, talvez, melhor do que ellas ?. . . Pois está enganada. A mulher que abandona seu marido, para seguir um homem qualquer, comtanto que esse homem satisfaça os desejos, é..

JULIA (*anciosa*) E'...

ALFREDO. E' uma mulher perdida.

JULIA. (*occultando o rosto nas mãos.*) Senhor

ALFREDO. Entre essas mulheres não ha distincções; todas são iguaes; todas trabalham pelo mesmo officio e para o mesmo fim. Vá procural-as, viva com ellas, ajude-as e seja feliz.

JULIA (*supplicante, chorando*) Alfredo, pelo amor de Deus! Não vês que te amo tanto?... que por ti sacrifiquei tudo... a minha honra, o meu futuro, a honra de Luiz?..

ALFREDO. Nada tenho que ver com isso.

JULIA. Então, para que me foste enganar, quando eu vivia tão tranquilla e feliz?..

ALFREDO. Soberbo!... Perguntei-lhe si queria acompanhar-me, e disse que sim. Não tenho a culpa. Tivesse juizo; lembrase-se que era casada, que tinha prestado um juramento de fidelidade a seu marido, e não se deixasse seduzir por promessas, que, devia presumir, nunca seriam cumpridas.

JULIA. (*com expressão de arrependimento*) Oh! quem me mandou ouvir-o, meu Deus!..

ALFREDO. E' tarde para arrepender se. Agora ha só um caminho a seguir: é o da mulher perdida. Já é esposa adúltera: o primeiro passo está dado. Vá pedir a qualquer Messalina um agasalho, que ella lhe abrirá os braços, exclamando: -- Venha! Trabalharemos juntas! --

JULIA. Nunca, Sr!

ALFREDO. Muitas outras, em melhores circumstancia do que a Sra., tem seguido, com prazer, essa vida..

JULIA (*fictando-o, com explosão*) O Sr. é um infame!..

ALFREDO. Veja que está em meu poder, e que posso esmagal-a!

JULIA. (*com angustia.*) Esmague-me, mate-me... Que importa?.. Morrerei satisfeita, porque deixarei de soffrer!

ALFREDO. Saia immediatamente!

JULIA. (*soluçando.*) Alfredo, tens animo de expulsar-me de tua casa, de deixar-me ao abandono, de obrigar-me a pedir esmolas, talvez?... Oh! não!. . Eu quero morrer aqui.. Um pedaço de pão duro, um canto onde me deite... e fico satisfeita... Nada mais desejo. Não te pedirei mais nada, nem mesmo um pouco do teu amor, em recompensa do meu.. (*Suffocada em soluços.*) Vai.. diverte-te... folga.. mas deixa-me viver aqui... deixa-me chorar sosinha as minhas dores, as minhas agonias...

ALFREDO. Não consinto. Prepare se para sahir. Leve o que trouxe. O adereço que lhe dei ficará para outra que a substitua.

JULIA. Oh! deixa-me ficar, Alfredo!. (*Cahe de joelhos.*)

ALFREDO. Já disse que não! Retire-se!

JULIA. (*erguendo-se, resignada.*) Seja feita a tua vontade!
(*Sahe.*)

SCENA II

ALFREDO. (*recoastando-se no sofá e accendendo um charuto.*) Esta mulher incommoda-me. Preciso despedil-a! Seduzi-a por um capricho, mas esse capricho já passou. Agora quero procurar novos prazeres, novas mulheres, novas Julias!... Encontrei-a, achei-a formosa, agradou-me. Deslumbrei-a com a minha opulencia, offereci-lhe ouro, fascinei-a com o esplendor da riqueza... Novo D. Juan, sou o ideal das mulheres... Nunca fitei uns olhos, que os não olrigasse a baixar-se... nunca fallei no meu ouro e na minha opulencia, que não fizesse uma victima!..
(*Chamando.*) Julia! Julia!

SCENA III

Alfredo e Julia

JULIA. O que mais quer de mim?

ALFREDO. Approxime-se, si faz o favor. Chamei-a para dar-lhe um conselho.

JULIA. Os seus conselhos só tem servido para a minha desgraça.

ALFREDO. Não aceita?

JULIA. Não sei...

ALFREDO. N'esse caso, pode retirar-se.

JULIA. (*á parte.*) Quem sabe?... Talvez se arrependesse do mal que me tem feito...

ALFREDO. Decida-se. Tenho mais em que occupar-me.

JULIA. Que conselho é esse?...

ALFREDO. Ah! já o aceita?... Muito bem.

JULIA. Falle, Sr.!

ALFREDO. Espere um momento. Roma não se fez em um

dia. Si quizer dar o devido peso ás minhas palavras e seguir o caminho que vou mostrar-lhe, talvez que ainda seja muito feliz...

JULIA. Basta de preambulos, Sr.!

ALFREDO. Não seja tão arrogante. A arrogancia pode perdela de todo. Em duas palavras, vou offerecer-lhe um futuro socego, o esquecimento do passado, um viver tranquillo, sinão ditoso...

JULIA. Falle...

ALFREDO. A Sra. sabe que ha muitos homens sem brio e sem honra...

JULIA. Fiquei sabendo depois que o vi, Sr...

ALFREDO. (*sorri-do.*) Deixo passar o insulto .. Entre esses homens, ha muitos casados, cujas mulheres fazem exactamente o que a Sra. fez: abandonam seus maridos, seguem o primeiro homem que lhes faz uma promessa de amor, um juramento que nunca será cumprido... Depois, vendo que não se dão bem com a sua nova vida, vão ter com os maridos, ajoelham-se, choram, pedem perdão, juram não cahir n'outra, transformam-se em Magdalenas arrependidas, finalmente, commovem os patetas, que lhes abrem os braços e continuam a amal-as com mais fogo e mais poesia...

JULIA. Onde quer ir ter, Sr.?

ALFREDO. Não tenha pressa, minha Sra. Lá chegaremos sem nos cançarmos. Os homens sem brio e sem honra não trazem signal na testa, nem tão pouco dizem o que são; pelo contrario: dizem sempre o que não são, proclamando-se em praças e ruas: —«Sou um homem de bem! sou um homem de bem! sou um homem de honra!»—

JULIA. Não o comprehendo, Sr...

ALFREDO. Compreender-me ha. Luiz entra no numero dos que proclamam em praças e ruas ..

JULIA. Quer dizer que Luiz...

ALFREDO. E' um miseravel...

JULIA. (*altiva.*) Senhor!

ALFREDO. Sobre esta sua exclamação—senhor,—fallaremos depois.

JULIA. Conclua. Nem sabe quanto me custa estar na sua presença.

ALFREDO. O conselho que tenho a dar-lhe é o seguinte: vá ter com seu marido, ajoelhe se, chore, peça perdão, jure não ca

hir n'outa, finja-se Magdalena arrependida... e elle a receberá nos braços e continuará a amal-a...

JULIA. Quer dizer que Luiz é um... infame?..

ALFREDO. Nem mais nem menos.

JULIA. Que é um homem sem brio?..

ALFREDO. Sem duvida.

JULIA. Que si eu procural-o, elle me receberá, como si nada tivesse havido?...

ALFREDO. Certamente.

JULIA. Está enganado, Sr.!

ALFREDO (*sorrindo*.) Eu nunca me engano. A prova tem-na em si mesma.

JULIA. Luiz é um pobre pintor, sem nome, sem glorias; mas é um homem honrado. A pobreza de meu marido não se compara com a sua opulencia. Si eu pedisse perdão a Luiz, elle me repelliria, fugiria de mim...

ALFREDO. Muito bem. Ha ainda outro meio. Passemos agora á sua exclamação *theatral*—senhor!—A Sra. tem uma excellente voz. Porque não entra para o *theatro*? Não precisará de seu marido, e ganhará a vida com pouco trabalho. Quer?... Eu me encarrego de contractal-a. Quinhentos ou seiscentos mil réis mensaes, muitas glorias, muitos louros, muitas protecções (porque a Sra. é bonita) muitas palmas, muitos applausos, e nenhum trabalho. Eis o que a Sra. terá no *theatro*. Durante o dia, dorme ou passeia de carro, para ser admirada; á noite apparece no palco para emmudecer uma platea sequiosa de vel-a e ouvil-a. Não acha que é um bom emprego?...

JULIA. Chamou-me para insultar-me Sr. ? ..

ALFREDO. Nada quer, não é assim?... Despresa os meus conselhos?... Faz mal. Outra fôra a Sra., e abraçar-me-hia de satisfação por ver que tanto me interesse pela sua pessoa. (*Tomando o chapéo e as luvas*.) Boa noite. (*Sahe*.)

SCENA IV

JULIA. (*depois de um momento de silencio, limpando os olhos*.) E' sempre assim!.. Sempre o escarneo, a zombaria, o insulto... nunca uma palavra de amôr... (*Pausa*.) Muito me tem feito soffrer este homem!

SCENA V

Julia e Alfredo

ALFREDO. (*sempre da porta.*) Tenha paciência, si a incomodo. Venho preveni-la de que, quando voltar, não quero encontrá-la mais.

JULIA. Vou retirar-me, Sr.

ALFREDO. Faz muito bem. A sua companhia já não me agrada muito.

JULIA. Não dizia isso ha dois annos...

ALFREDO. Porque seria um pateta, si o dissesse.

JULIA. Fique desenganado. Quando voltar, já não me encontrará aqui.

ALFREDO. Muito bem. Mas veja lá: de envolta com o vestido de chita com que deixou a casa de seu marido, não leve escondido algum objecto de valor!... Ah! ah! ah! (*Solto.*)

SCENA VI

JULIA. Vamos... E' preciso deixar esta casa... Si eu aqui ficasse mais um dia, morreria de dor... Este homem é um infame... Pega-me com o insulto o sacrificio que por elle fiz... Que não me encontre aqui quando voltar! (*Vai sair e para. Tausa.*) Não tenho animo... Amo-o tanto, apesar de todos os soffrimentos que me dá! (*Com explosão.*) Não! não sahirei!... Quero ficar aqui... quero ser sua escrava... quero servil-o de joelhos... em ora seja desprezada... Não quero que me ame... Não! Mas... (*Com amargura.*) E Luiz?... Pobre irmão da minha infancia!... Crias em mim como no Evangelho, e como tão vilmente eu te illudi!.. Oh! Luiz!.. meu amigo de infancia... meu irmão da pobreza... meu companheiro nos soffrimentos e no prazer... perdoa-me!... pela memoria de tua mãe, que tanto me amou, perdoa-me!... pela tua honra, perdoa-me!..

SCENA VII

Julia e Luiz

LUIZ. *(que, desde o meio da scena precedente, tem-se conservado encostado á porta, adianta-se, apenas Julia proferir as ultimas palavras, e pára no meio da scena, cruzando os braços. Notaveis alterações ha em sua physionomia; mortal pallidez cobre-lhe o rosto emmagrecido; traz os cabellos em desordem e o seu vestuario é pauperrimo)* E' tarde, Sra !.. A minha honra.. morreu !..

JULIA. *(ocultando o rosto nas mãos e recuando.)* Luiz !

LUIZ. Embalde se evoca o cadaver que dorme; embalde se evoca a honra que morreu... E' tarde... A Messalina não é a Magdalena...

JULIA. *(com uncia.)* Luiz !..

LUIZ. Não me chame mais por esse nome, senhora. Eu não sou Luiz... O esposo amante de outr'ora dorme em um tumulto de espinhos, e no tumulto das illusões da vida... Morreu ! Não vá despertá-lo do seu somno eterno, para não ser mais uma vez amaldiçoada pelas suas cinzas !..

JULIA. Oh ! perdôa-me, Luiz !.. Eu sou Julia, a tua amiga de infancia...

LUIZ. Não ! Luiz era uma criança: pescava no rio para sustentar sua mãe... Julia era uma criança também: fazia meiguices a seu pai... Lembra-se ?.. Luiz e Julia corriam pelo campo atrás das borboletas... Eram pobres... Brincavam juntos como dois irmãos... pescavam juntos no rio... Depois, corriam a ajoelhar-se aos pés de um velho venerando, honrado... Resavam juntos... O bom velho sorria-se ouvindo as vozes d'esses dois anjos... Depois, Luiz ia para casa abraçar sua mãe.. No dia seguinte, Julia e Luiz reuniam-se de novo para correrem atrás das borboletas, pescarem no rio, resarem... Eram felizes essas duas crianças. Cresceram e amaram-se. Luiz, protegido por seu padrinho, que era rico, foi á Italia.. Quando voltou, já não era mais um pescador. Antes tôra !.. Era um pintor.. Casou com Julia... Julia era um anjo. Luiz era um homem honrado. Hoje o que são ?.. Julia é uma mulher perdida.. Luiz é um homem sem honra, um miseravel.. Julia vendeu a sua honra por um adereço, e Luiz ficou deshonrado !..

JULIA. (*erguendo a cabeça.*) Esse adereço. .
 LUIZ. Deve ser bello. Custou dez contos de réis!
 JULIA. Esse adereço, Luiz...
 LUIZ. Como deve a Sra. ficar soberba quando enfeitar-se com elle!...
 JULIA. Esse adereço, Luiz... Espere um momento (*Sahe.*)

SCENA VIII

LUIZ. Socega, coração!... Estás cançado...mas chora... chora sempre!.. Lava com tuas lagrimas de sangue as nodoas da minha honra!

SCENA IX

Julia e Luiz

JULIA. (*com uma caixinha.*) Aqui está o preço da minha honra, Luiz... Quer saber qual o destino que lhe dou ..
 LUIZ. Guarda-o para sua eterna vergonha, não é assim?..
 JULIA. (*atirando a caixinha no chão.*) Deito-o fóra! , Estes brilhantes queimam-me as mãos!..
 LUIZ. Queimam-lhe as mãos .. mas não lhe queimaram a consciencia!..
 JULIA. (*cahindo de joelhos.*) Luiz!.. Perdão!..
 LUIZ. Não!.. Adeus!.. (*Sahe precipitadamente.*)

SCENA X

JULIA. (*erguendo-se.*) Luiz!.. (*Indo á porta*) Luiz!.. (*Desce soluçando.*) Meu Deus!.. perdôa-lhe o ter-me elle recusado o seu perdão... Ampara-o, meu Deus!.. faze-o feliz! .

SCENA XI

Julia e Alfredo

ALFREDO. Ainda aqui?
 JULIA. Sim, quiz esperal-o...
 ALFREDO. Para que?
 JULIA. Para commovel o com as minhas lagrimas .

ALFREDO. Ah! ah! ah! Creio ter-lhe dito já que as suas lágrimas me não commovem...

JULIA. Não... E' impossivel que o seu coração esteja tão corrompido. Deixe-me ficar, senhor... Não lhe pedirei que me ame; não... Quero ficar n'esta casa, para poder vel-o todos os dias, a todos os instantes; amal-o em silencio. . guardar no fundo do coração este amôr, que os meus labios nunca revelarão... Deixe-me ficar... Si eu sahir d'aqui, para onde irei?.. A quem pedirei amparo?.. Quer ver me pedir esmolas durante o dia?.. quer ver me á noite dormindo na salçada de alguma rua?.. O seu coração é bom... Não terá animo de ver-me no abandono, morrendo de frio e de fome...

ALFREDO. Desengane-se. Vá ver o que trouxe e retire-se. Desejo ficar só.

JULIA. Oh! não perderei por certo muito tempo em ver o que trouxe!..

ALFREDO. Não pretende acabar de lastimar-se?..

JULIA. Piedade, Sr.!. Não vê como choro!.. não o commovem os meus soffrimentos?..

ALFREDO. Retire-se!

JULIA. Alfredo!..

ALFREDO. Não quer?.. Eu obrigar-a-hei!

JULIA. O que vai fazer?..

ALFREDO. Não sei... (*Vendo a caixinha no chão.*) Quem trouxe isto para aqui?

JULIA. Fui eu.

ALFREDO. E já não lhe dei ordem de restituir-me isto?..

JULIA. Deu .. mas..

ALFREDO. Atirou-a com desprezo ao chão, pensando que era uma vingança, não é assim?..

JULIA. Não sei...

ALFREDO. Dê-me aquelle objecto, Sra.!

JULIA. (*altiva.*) Ah! Não me curvo mais!

ALFREDO. (*obrigando-a a joelhar-se.*) Hade curvar-se!

JULIA. (*subjugada, mas tentando reagir.*) Miseravel! Miseravel!

ALFREDO. Entregue-me isso, vamos!..

JULIA. (*vencida, entregando a caixinha.*) Toma!..

ALFREDO. Espere um momento. (*Sahe.*)

SCENA XII

JULIA. Meu Deus ! quanta humilhação !.. Perdida... condemnada para sempre !..

SCENA XIII

Julia e Alfredo

ALFREDO. (*trazendo o vestido que Julia trajava no primeiro acto.*) Aqui está. Retire-se.

JULIA. Alfredo... compaixão !

ALFREDO. Vamos ! Saia !

JULIA. (*com voz tremula, mas forte.*) E's... um infame !

ALFREDO. (*segurando-a por um braço.*) Retire-se, ou esmagal-a-hei !

JULIA. Infame ! infame !..

ALFREDO. (*arrastando-a para a porta.*) Vamos ! Saia, saia imediatamente !

SCENA XIV

Julia, Alfredo e Luiz

LUIZ. (*apparecendo d porta, no momento em que Julia e Alfredo vão transpor-a.*) O senhor é um covarde !..

ALFREDO. (*recuando.*) Ah !

JULIA. (*cahindo de joelhos.*) Luiz !

LUIZ. (*crusando os braços e fictando-a.*) Morreu !..

FIM DO 2º ACTO



ACTO III

Sala extremamente pobre. Uma unica cadeira. Suspenso á parede, o quadro da Magdalena. Ao subir o panno, Luiz, com os braços cruzados, contempla tristemente o quadro. E' noite.

SCENA I

LUIZ. Magdalena arrependida, abraçada á cruz, chorando os erros da mocidade... (*Apontação para a porta do lado.*) Magdalena arrependida, nos martyrios da agonia, pedindo perdão a Deus dos crimes do passado... (*Pausa.*) Foi um sonho... O longo soffrimento d'essa mulher matou-me o coração para a honra... resuscitou-o para a compaixão... O esposo amante morreu: ficou o irmão carinhoso para amparar a irmã desgraçada... O mundo é assim: no paraíso da mais tranquilla felicidade, vem sempre o demonio deixar a sua parte de amarguras...

SCENA II

Luiz e Doutor

DOUTOR. (*du porta.*) Dá licença, meu amigo?

LUIZ. (*indo ao seu encontro*) Bem vindo seja, doutor.
(*Descem.*)

DOUTOR. Como vai a nossa doente?

LUIZ. Um pouco melhor. A lembrança do passado é que a mata...

DOUTOR. Não. O passado será esquecido, e então...

LUIZ. Então ..

DOUTOR. Ainda não de gosar dias bem felizes.

LUIZ. Engana-se, doutor. A felicidade acabou para mim.

DOUTOR. Quem sabe?

LUIZ. O meu longo martyrio de dois annos...

DOUTOR. Venho trazer-lhe consolações e... Vamos, meu amigo, procure fugir a essa tristeza, que tanto mal 'lhe faz... Quando o verei alegre?

LUÍZ. Nunca. Ha tristezas que só acabam á beira do tumulo. A minha é d'essas. Como posso eu mostrar alegria, doutor, si me vejo deshonrado e na miseria, si vejo essa infeliz quasi a expirar? Oh! si o doutor soubesse quanto tenho soffrido; os dias de angustia que tenho passado; as idéas que me assaltam n'essas longas noites de dolorosas vigílias, quando penso ver ainda Julia prostrada a meus pés, implorando perdão! Custa muito, doutor... custa muito!..

DOUTOR. Comprehendo o seu soffrimento, meu amigo, mas tenha coragem. Deus é grande. O infame seductor não morreu, e Deus o punirá.

LUÍZ. Eu me vingarei, doutor. O maldicto morrerá... Oh! si o doutor soubesse como é doce massacrarmos aquelles que nos massacraram!..

DOUTOR. E si o matar, que lucro tirará d'isso?.. Não sabe a que penas está sujeito o homem que commette um crime?... Qual seria a recompensa d'esse attentado?... O carcere, a fome, a miseria, a deshonra... é o que mais?... uma morte de réprobo. Si o seductor merece a morte, e que merece o assassino?... Si o homem que, infamemente, abusa da fraqueza de uma pobre mulher, lança a alma no inferno, onde irá parar a alma do homem, que tira, sem compaixão, a vida de outro, sabendo que essa vida pertence a Deus, e que Deus somente della pode dispôr?...

LUÍZ. Mas a honra, doutor!.. a honra!..

DOUTOR. O assassino vale menos do que um cão...

LUÍZ. E vale menos do que um cão o homem que não se vinga das affrontas que 'lhe lançam em rosto!..

DOUTOR. O amôr é grande, meu amigo; mas o respeito á sociedade deve ser ainda maior. Esse homem deshonrou-o?... Não importa. Fugio... Não importa. Não procure vingar-se. Deixe que o tempo passe, que sua mulher morra, que o seu coração gotteje sangue...

LUÍZ. Mas para que isso?... Si eu não me vingar, quem me vingará?

DOUTOR. E Deus?... Não se lembra de Deus?..

LUÍZ. O martyrio tornou-me descrente, doutor.

DOUTOR. Assassinar?... Para que?... Oh! não. Isso seria

o homem lançar-se ao abysmo, sabendo que n'elle eucontraria morte inevitavel. Espere... Não tome isto como um conselho de covarde, não Console essa, infeliz nas suas agonias, chore com ella, anime-a a ter fé em Deus, porque o resto será por conta de Deus. O seu coração talvez que hoje peça vingança; mas quando chegar a occasião de pôr em pratica essa vingança, elle confranger-se-ha, e o braço armado cahirá sem força para executar uma inspiração de Satanaz. Calma e resignação, meu amigo: calma na vingança, resignação no soffrimento...

LUIZ. E depois ?

DOCTOR. Depois ?... Quando em um momento de desvario se julgar perdido, volte-se para Deus, porque Elle é bom e misericordioso. Seja surdo a essa voz maldicta que de continuo o impelle para ovingança—para o abysmo. De que serve vingar-se ?.. Com a perda de uma vida, restituirá a vida á sua mulher ?.. Com o sangue que fizer correr, purificará a sua honra ?..

LUIZ. Doutor !

DOCTOR. De que serviria isso, Luiz ?.. Louco, que olhas para o abysmo, sem medir-lhe o fundo !.

JULIA. (*dentro.*) Luiz... Luiz... Oh ! como soffro !.. As minhas lagrimas são de fogo !.. Meu Deus, ampara-me... Nunca deixei de crer em Ti !..

DOCTOR. Ouça: é Deus que falla pelos labios da martyr...

LUIZ. E' sempre assim, doutor !

DOCTOR. Coragem ! Não podemos evtar os decretos divinos, não podemos fugir ás leis do céu... Não seja covarde no soffrimento.

LUIZ. Doutor, são inuteis os seus conselhos, porque eu me vingarei...

JULIA. (*dentro*) Luiz... Luiz...

LUIZ. (*tomando as mãos do doutor.*) Venha, doutor... Salve-m'a !..

DOCTOR. Vamos.. Deus a salvará. (*Sahem. Scena deserta um momento.—Julia, extremamente pallida e desfigurada, amparada pelo Doutor e por Luiz, atravessa vagarosamente a scena e senta-se na cadeira.*)

SCENA III

Julia, Doutor e Luiz

JULIA. Oh! como soffro, doutor! . .

DOCTOR. Hade ficar melhor...

JULIA. (*fictando insistentemente o doutor.*) E não tarda, não é assim?

LUIZ. Julia!...

DOCTOR. Deus é quem sabe, minha Sra...

LUIZ. O que diz, doutor?.. Então ella ..

DOCTOR. (*a custo.*) Hade ficar boa...

JULIA. Luiz, chega-te para mim.. mais perto ..

LUIZ. Aqui estou, Julia...

JULIA. Assim... Dá-me a tua mão... Lembras-te?..

LUIZ. De que?..

JULIA. Da nossa infancia... Oh! como foi dôce esse tempo!.. Não foi, Luiz?

LUIZ. Foi, Julia... foi... mas...

DOCTOR. Quer tomar o seu remedio, minha Sra. i...

JULIA. Como queira, doutor...

DOCTOR. Vou buscal-o. (*Sahe.*)

SCENA IV

Julia e Luiz

JULIA. Eram tão formosas aquell's manhãs em que brincavamos juntos... tão sereno o rio em que pescavamos.. Oh! como fomos felizes, Luiz!..

LUIZ. Socega, Julia. Bem precisas de socego...

JULIA. (*delirando.*) Não... Escuta... não ouves? ..

LUIZ. O que?..

JULIA. Meu pai chama-nos.. São horas de resar, Luiz..

LUIZ. Meu Deus!...

JULIA. Elle já deve estar impaciente... Vamos... Luiz... vamos... Amanhã tornaremos a brincar...

LUIZ. Julia!

JULIA. Não queres abraçar tua mãe, Luiz?...

LUIZ. Ella delira!... Julia!... Doutor! Doutor!...

JULIA. Luiz... Luiz...

SCENA V

Os mesmos e o Doutor

DOUTOR. O que ha?...

JULIA. Luiz... aquella borboleta... Meu Deus!.. não a vês?...

LUIZ. Corta o coração, doutor!...

JULIA. (*estendendo a mão.*) Apanhei-a... Como é formosa, Luiz!... (*Com estertor.*) Luiz... Luiz... Meu Deus!... (*Deixando cair a cabeça no espaldar da cadeira.*) Ah!...

LUIZ. Acuda, doutor!.. Ella...

DOUTOR. Morreu!

LUIZ. (*caindo nos braços do doutor, com um grito de supremo desespero.*) Ah!..

FIM



IV

OBTEMERAO

DRAMA ORIGINAL EM 4 ACTOS



Personagens

Manoel	70	annos
Antonie	50	»
Pedro	24	»
José	30	»
Anselmo	45	»
João	18	»
Maria	22	»

Operarios.—Dois soldados.



ACTO I

Sala pobre —A' D., em uma pequena meza, o necessario para se escrever. A' E. uma janella. Ao F., porta larga de arcada, dando para uma officina de marceneiro, onde se veem os operarios trabalhando. A' D., duas portas, uma acima e outra abaixo da meza. A' E., abaixo da janella, uma porta. O panno sobe depois de ter principiado o côro, durante o qual, José, sombrio e concentrado, entra pelo F. e pára junto da meza. —Algumas cadeiras toscas eucostadas ás parêdes. Junto da meza, uma cadeira —E' dia.

SCENA I

Jose'. (*entrando, sombrio e concentrado, pelo F., e parando junto da meza, depois de ter começado o côro seguinte.*

*Do trabalho resalta a alegria,
o socego do bom coração,
a ditosa, feliz harmonia,
a amizade de irmão para irmão.)*

Ou hoje, ou nunca!.. Ah! já estou cansado de supportar-lhe os desdens, a indiferença .. Prefiro antes o seu odio .. (*Pausa.*) Porque não me ama ella?. Porque?.. (*Pausa.*) O mestre sempre diz que sou vadio, que sou máo . Muitas vezes me tem reprehendido diante de todos... e eu não sei o que me tem impedido de obrigar-o a calar-se. . Ah! mas de repente .. cuidado!... (*Pausa*) E ella .. porque me despreza?... porque se esquiva quando vou fallar-lhe?... (*Pausa.*) Mas é necessario que isto tenha um fim, e hade ter Vou pedir-lhe a ultima palavra. Si essa palavra fôr de encontro ás minhas esperanças... ah! então cuidado comigo!.. O mestre diz que sou máo, e eu não quero desmentil-o!..

SCENA II

José e Pedro

PEDRO. (*entrando a caminhar, pelo fundo*) Ah! estás aqui?

JOSÉ. (*á parte*) Não sei porque, tenho um odio de morte a este homem.. Nunca me fez mal, e no entretanto odeio-o! (*falto.*) Estou aqui, sim. Porque não havia de estar?..

PEDRO. Parece que estás apaixonado, José, ou então meditas alguma coisa má. Foges dos companheiros e do trabalho, para andares pelos cantos, fallando só... Estás doente?... Tens emagrecido ultimamente e perdido a cor. Porque não consultas um medico?..

JOSÉ. Estou doente, é verdade; mas a minha doença não é d'essas que os medicos curam com quatro tisanas.. Más que te importa que eu fuja dos companheiros e do trabalho?. Por ventura precisam vocês de mim?. preciso eu de vocês?. Cuida cada um na sua vida, que não faz tão pouco. Ou queres ser meu conselheiro?..

PEDRO. Não quero ser teu conselheiro, não só porque és mais velho do que eu, como mesmo porque não posso ser-o. O que quero é evitar que o mestre te repreenda outra vez, porque, embora não me mostres muita amizade, eu sou teu amigo...

JOSÉ. Agradeço a honra; mas não a pedi.

PEDRO. Ha bem poucos dias ainda, deves lembrar-te, o mestre chamou te de vadio e máo, porque abandonas o trabalho e não te ligas com companheiro algum. A solidão é má conselheira, José. Porque não te ligas comnosco?. Ao menos distrahes te. Fica certo que em cada operario encontrarás um amigo dedicado..

JOSÉ. O mestre chamou-me vadio e máo, não é verdade?

PEDRO. Tu bem ouviste.

JOSÉ. Pois sim .. sou vadio, porque não quero que elle enriqueça com o meu trabalho; sou máo, porque não consinto que me dominem. E si eu sou vadio e máo, porque não me despedem?... porque me conservam aqui?..

PEDRO. Si és conservado aqui, não é por ti, fica certo, mas por tua mãe, pobre e doente, a quem sustentas. Isto disse o mestre.

JOSE'. Ah ! o mestre é muito caritativo ! Hypocrita !.. Que lhe importa que minha mãe morra de fome ?.. Pensas que elle deixaria de comer e de dormir si minha mãe morresse ?.. Estás enganado... Mas, por fallar em minha mãe... Olha que aquillo é uma carga bem pesada que tenho ás costas !

PEDRO. (*recuando.*) José !

JOSE'. Então, o que é isso ?..

PEDRO. Pois dizes isso de tua mãe, José, de tua mãe ?..

JOSE'. E porque não ? Quem diz a verdade não merece castigo.

PEDRO. Agora fico convencido de que és verdadeiramente máo !

JOSE'. (*com furor concentrado.*) Tambem tu, Pedro ?..

PEDRO. (*tranquillo.*) Tambem eu, sim Tivesse eu mãe, fôsse ella velha e doente, e eu me julgaria o mais feliz dos homens por poder trabalhar para sustental-a, para que nada lhe faltasse...

JOSE'. Ha mais de uma hora que estás a pregar-me sermões, que não encomendei. Quem sabe si fôste mandado pelo mestre ?.. Todos sabem que és o seu querido...

PEDRO. Eu não sou querido do mestre. Elle me tracta como tracta a todos, e como te tractaria, si fôsses como nós.

JOSE'. Si fôsse como vocês ?.. Como se entende isso ?..

PEDRO. Si fôsses obediente, si cumprisses os teus deveres, si trabalhasses... Mas tu és recalcitrante, e não trabalhas. Queres ganhar o teu salario sem nada fazer...

JOSE'. Olha, Pedro: antes de te lembrares de ser conselheiro, devias lembrar-te do que fôste. Aposto que já não te lembras de tempo em que andavas maltrapilho, immundo, morrendo de fome, sentado nas pedras das ruas... Provavelmente, já não te lembras... Estás um grande ! O mestre tracta-te como um rei, e o Sr. Manoel chama-te filho...

PEDRO. Não é necessario que me lembres o passado, porque nunca d'elle me esqueço...

JOSE'. E' natural. Ha misérias que nunca se esquecem.

PEDRO. Si eu andava maltrapilho, immundo, morrendo de fome, a culpa não era minha, mas do destino, que me foi algoz, que não quiz que eu conhecesse pai nem mãe... Disseste que eu sou tractado como um rei pelo mestre, que o Sr. Manoel chama-me filho .. Quem ha n'isso para admirar ?... Bem pequeno fui recolhido n'esta casa; aqui cresci, fui educado e ensina-

ram-me a trabalhar. O pai que conheço é o mestre. Grato a tantos benefícios, procuro cumprir o melhor que posso os meus deveres, trabalhando e obedecendo...

JOSÉ. Basta! Já estou cansado de supportar te. Não posso admitir que um miseravel bastardo venha dar-me conselhos!

PEDRO. *(com um movimento de contrariedade, avançando um passo.)* José!

JOSÉ. Tenho dito!

PEDRO. *(encarando-o.)* E's... um desgraçado! *(Sahe.)*

SCENA III

JOSÉ. Heide vingar-me!... Pisem, firam... mas eu heide pisal-os mais, heide feril-os mais fundo!..

SCENA IV

José e Antonio

JOSÉ. Bom dia, mestre.

ANTONIO. Sempre na ociosidade, José! Enquanto os teus companheiros ali trabalham como mouros para ganharem o pão da vida, estás tu aqui, com as mãos nas algibeiras, sem nada fazer..

JOSÉ. *(á parte.)* Começa novo sermão... Mas a ultima palavra será minha! *(Alto)* Não sou eu só que vadio, mestre..

ANTONIO. Quem é mais?..

JOSÉ. Ainda ha pouco o Pedro.

ANTONIO. O Pedro!.. Prohibo-te que falles n'ell.. O Pedro é um rapaz honrado e trabalhador. Além d'isso, é meu filho, porque fui eu que o criei e eduquei. E' meu filho pelo amor e pela gratidão. Depois, é teu superior...

JOSÉ. Ora! O Pedro meu superior, mestre!

ANTONIO. Sem duvida. O contra-mestre de uma officina é um superior.

JOSÉ. Mas o Pedro não tem idade para ser contra-mestre. Havia outros mais velhos na casa...

ANTONIO. Quando tive a idéa de fazel-o contra-mestre, reuni todos os operarios e expuz-lhes o meu desejo. Sabes como foi elle acceto: com um grito de alegria partido de cincoenta

boccas... Só tu permaneceste calado. Pedro é um amigo dedicado até ao sacrificio, um operario zeloso e activo como poucos, um homem honrado. A minha escolha não podia ser melhor. Sei que todos os meus empregados são bons e intelligentes; mas Pedro tem sobre todos a vantagem da instrucção. Todos são bons, menos tu ..

JOSÉ. Mestre!

ANTONIO. Tu és madraço, desobediente e máo. Vens sempre tarde para a officina, quando vens. Passas os dias andando de um lado para o outro. Si te reprehendo, tens sempre uma resposta má para dar-me. Pois olha: si te reprehendo, é para teu bem, é porque não posso ver-te viver assim, quando tens tua mãe doente, que precisa de certas commodidades, e que não as tem por causa da tua má cabeça...

JOSÉ. Mas eu não tenho que dar contas das minhas acções a pessoa alguma. Si ha quem supponha que sou escravo, está enganado!

ANTONIO. José!

JOSÉ. Basta, mestre! Ainda ha pouco, o seu querido contra-mestre matou-me o bicho do ouvido com um sermão de moral, mais incommodo do que uma chaga. Agora vem o mestre continuar o mesmo sermão. Eu não sou uma criança; tenho trinta annos. Creio que já não estou em idade de receber conselhos, que não peço e de que não preciso!

ANTONIO. José, tu abusas da minha paciencia...

JOSÉ. E o mestre não tem abusado da minha, reprehendo-me, todos os dias, diante de todos, sem reflectir que sou um homem e que posso reagir? ..

ANTONIO. Si te reprehendo é porque mereces, porque és um insolente, que podes deitar a perder todos os outros operarios.

JOSÉ. Tome cuidado, mestre! Olhe que o cão tem o seu dia de raiva, e morde a mão que lhe bate!

ANTONIO. Ameaças-me? ..

JOSÉ. Si o ameaçasse, estava no meu direito, porque tambem tenho sido ameaçado ..

ANTONIO. Acho melhor que vás trabalhar, José. Não me incomodes.

JOSÉ. Ah! manda-me trabalhar! Então tem medo de ouvir-me. . tem medo das consequencias! ..

ANTONIO. (*avançando*) Medo! quem falla em medo?

JOSE'. (*pondo a mão no espaldar de uma cadeira, em attitude aggressiva*) Não se approxime, mestre! não se approxime, porque pode arrepender-se!...

ANTONIO. Miseravel!..

JOSE'. E o mestre é um... ladrão, que quer enriquecer á custa do nosso suor!..

ANTONIO (*precipitando-se*) Ah! é de mais!...

JOSE'. (*erguendo a cadeira*) Até que enfim, deixou de ser covarde, mestre!

SCENA V

Os mesmos e Pedro

PEDRO. (*apparece ao fundo, vê a lucta que se prepara e atira-se entre os dois.*) O que é isto?..

JOSE'. Arreda-te, intrigante, ou esmago-te!

PEDRO. Esmagar-me! a mim! Isso é o que nós vamos ver!

ANTONIO. (*segurando Pedro.*) Deixa o, Pedro.. Não te deshonres luctando com esse infame.

PEDRO. (*calmo.*) Não lucto, não, mestre, porque tenho pena d'elle.

JOSE'. Guarda a tua compaixão para ti mesmo, que bem precisas d'ella, bastardo!

PEDRO. Bastardo! Sempre esta palavra!

JOSE'. E o que és tu?..

ANTONIO Retira-te, Pedro.

JOSE' Não, mestre. Retiro-me eu. Agora vou trabalhar satisfeito. (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA VI

Antonio e Pedro

ANTONIO. Pedro, desde hoje este homem deixa de fazer parte das minhas officinas.

PEDRO. (*tomando-lhe a mão.*) Mestre, peço-lhe que o deixe ficar.

ANTONIO. Como, si ousou levantar a mão para mim?...

PEDRO. Perdôe-lhe, mestre, perdôe-lhe em nome da pobre velha, que lá está enferma, em casa, sem poder trabalhar, e que vive do pouco que o filho ganha. A má acção fica com quem a pratica.

ANTONIO. Não, Pedro.

PEDRO. José é um louco, mestre, e para todo o louco deve haver compaixão, deve haver misericórdia. Deixe-o ficar. Espero em Deus trazel o em pouco tempo ao bom caminho.

ANTONIO. Mas tens animo de pedir por elle, que a cada momento te insulta com a palavra—bastardo,—uma palavra que fere tanto ?...

PEDRO. Tenho, mestre. Deixe-o ficar. Peço-lhe em nome da compaixão com que me tem tractado.

ANTONIO. (*abraçando-o*) Vem cá, meu filho... Tu és o homem mais honrado, mais generoso e mais nobre que conheço. Deus não quiz dar-te a suprema consolação de conheceres pai nem mãe, mas deu-te o melhor coração do mundo. José está perdoado

PEDRO. (*apertando-lhe as mãos*) Obrigado, mestre ! muito obrigado !

ANTONIO. Agora vai ver como anda o trabalho ahi por dentro. Preciso ficar só.

PEDRO. Sim, mestre. (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA VII

ANTONIO. (*senta-se perto da mesa. Pausa.*) Quando eu pensava virencontrar aqui a tranquillidade de espirito de que tanto careço. . encontro mais um espinho para juntar-se aos tantos que já me rasgam o coração !.. (*Pausa.*) Depois de quarenta longos annos de trabalho e privações, eis que venho esbarrar-me com a deshonra, no ultimo quartel da vida... (*Pausa.*) Onde ir buscar dinheiro para pagar essa lettra fatal ?.. Onde ?.. Tres contos de réis seriam hoje para mim a riqueza... (*Pausa.*) Fui hontem ameaçado de uma penhora si não satisfizesse o pagamento d'essa lettra no devido tempo... Procurei contrahir um novo emprestimo, mas tôram baldados todos os meus passos... (*Pausa*) Pois heide ver me despojado de tudo que com tanto trabalho adquiri, assim, de um momento para outro ?.. Pois heide consentir que me salpiquem de lama estes cabellos que ficaram brancos com cincoenta annos de honra, esta fronte que

nunca corou de uma acção má?.. Oh! o golpe é tremendo!...
(Pausa.) Escrevi ha pouco ao meu implacavel credor pedindo
 uma demora de alguns dias para o pagamento. . mas não tenho
 esperança alguma de ser attendido... Emfim, esperemos .. Si
 fôr attendido, terei alguns dias de avanço, e poderei talvez pôr
 em melhor ordem os meus negocios... Tres contos! .. misera-
 vel quantia que tantas vezes me tem passado pelas mãos, e que
 seria hoje para mim a salvação! .. *(Descança os braços sobre
 a meza e deixa cahir a fronte nas mãos, com profundo abati-
 mento. Momento de silencio.)*

SCENA VIII

Antonio e Maria

MARIA. *(entrando pela esquerda.)* Ah! já veio?.. Co-
 mo se demorou hoje...

ANTONIO. *(levantando-se e beijando-a na fronte.)* Sim...
 demorei-me .. Tinha tantos negocios a tractar..

MARIA. it que negocios são esses que o demoram tanto
 tempo por fóra, não me dirá?...

ANTONIO. *(fingindo-se alegre.)* Ora, que negocios! ..
 Compras de materiaes... transacções . e muitas outras coisas...

MARIA. Eu já estava com cuidado...

ANTONIO. Louquinha! Cuidado, porque?..

MARIA. Pensei que lhe tivesse succedido alguma coisa...
 Então não era possível? .

ANTONIO. Sem duvida, porque ninguem tem a saude fe-
 chada na mão. De um momento para outro adoece-se ou mor-
 re-se, sem se saber porque, nem de que.. *(Reparando.)* Mas
 como estás catita hoje!. Sim, senhora!.. Vais passear?... *(José
 apparece ao fundo)*

MARIA. Vou coser, e depois pretendo fazer uma visitinha
 á pobre Andreza, si meu pai der licença,

JOSÉ. *(á parte)* \ ai á casa de minha mãe... *(Batendo na
 frente.)* Ah! *(Desapparece)*

ANTONIO. Concedo-t'a com a melhor vontade. Mas não
 tens medo de ir só?

MARIA. Medo de que? E' alto dia, e a viagem não é grande.

ANTONIO. *(rindo)* E o bosque?.. Cuidado com as onças!..

MARIA. Ora! O bosque é de laranjeiras, e as onças ainda estão para nascer... Dizem que a pobre velha está mal, e eu não quero deixar de vel-a.

ANTONIO. Pobre velha! Dizes bem. A mãe que tem um filho como ella tem, é muito desgraçada.

MARIA. Mas o que tem o José?

ANTONIO. O José é um máo homem...

MARIA. Sim; já o tenho ouvido, por mais de uma vez, dizer isso; mas não posso saber em que é que elle é máo ..

ANTONIO. Porque não quer trabalhar, é desobediente, e foge dos companheiros, como si os temesse ..

MARIA. Mas porque foge dos companheiros?

ANTONIO. Só elle o sabe. E' porque talvez se reconhece peor do que elles, ou porque tem muito orgulho.

MARIA. Desgraçado do homem que se julga inferior aos outros homens. Quanto ao orgulho... não vejo motivo para tel-o; é um operario como os outros.

ANTONIO. Cada um pensa a seu modo. Deixal-o pensar como lhe parecer. Si já o não despedi, tem sido unicamente em attenção á pobre mãe, que lá está no fundo de uma cama, e que não tem culpa da má cabeça do filho.

MARIA. Peço-lhe que não o despeça, meu pai, pelo menos emquanto ella viver. Seria um golpe bem doloroso para a infeliz.

ANTONIO. Não o despeço, não. Descança.

MARIA. E' uma obra de caridade que pratica para com uma moribunda.

ANTONIO. Mas onde está teu avô, que ainda não o vi, depois que cheguci?

MARIA. Deixei-o no jardim.

ANTONIO. Vou lá. (*Sahe.*)

SCENA IX

MARIA (*toma uma costura que está em cima de uma caueira e senta-se*) Ora vamos a ver si acabo esta tarefa antes de sahir .. Quero que o altar de nossa Senhora das Dôres tenha amanhã a sua toalha nova .. (*Começa a trabalhar.*)

SOENA X

Maria e José

JOSE'. (*ao fundo, á parte.*) Está só. Aproveitemos a ocasião. (*Descendo.*) Menina Maria,...

MARIA. Ah ! E' o Sr. José ?

JOSE'. Pode prestar-me um momento de attenção ?

MARIA. Com muito gosto. Mas hade permittir que vá trabalhando enquanto falla.

JOSE'. Pode trabalhar. O que tenho a dizer não levará muito tempo. Peça-lhe que não se constranja

MARIA. Mas antes de principiar, desejava que me dissesse como está sua mãe

JOSE'. Minha mãe está mal. Já não se levanta, tem falta de appetite e queixa-se de grandes dôres de cabeça. Está em uma continua somnolencia e tem repetidas agitações nervosas.

MARIA. E' preciso haver todo o cuidado com ella, Sr. José: satisfazer-lhe todos os desejos e tractal-a com o maior carinho.

JOSE'. Tracto-a como posso, e quem faz o que pode não é a mais obrigado. Todos os dias, antes de vir para a officina, deixo-lhe em uma meza, perto da cama—um pão e uma bilha com agua...

MARIA. (*á parte.*) Perverso ! (*Alto.*) E o tractamento medico ?

JOSE'. O tractamento medico... Eu não tenho dinheiro para pagar as visitas do facultativo e as drogas da botica...

MARIA. Mas quando não se dispõe de meios, recorre-se aos amigos...

JOSE'. Eu não tenho amigos.

MARIA. Lastimo-o... E quer que sua mãe fique boa?...

JOSE'. Eu... eu não tenho a sua saude fechada na mão. Ficará boa, si for o seu destino não morrer d'esta vez

MARIA. (*depois de um momento de silencio.*) E si ella morrer ?

JOSE'. Si morrer... tenho de enterral-a, e está tudo acabado...

MARIA. Ah !

JOSE'. Mas quando lhe pedi um momento de attenção, não foi para tractar de minha mãe; foi para tractar de mim.

MARIA. Do Sr. ?.. Então queira fallar. Eu vou trabalhando. Quero acabar esta toalha antes de ir ver sua mãe.

JOSE'. Como não ignora, eu vivo isolado na officina. Seu pai reprehende-me todos os dias. Ainda ha pouco, n'esta sala, chamou-me de vadio o máo...

MARIA. Meu pai é incapaz de reprehendel-o injustamente, Sr. José. Si o reprehende, e porque o Sr. merece.

JOSE'. Como ?

MARIA. Porque rasão nunca se alterou elle com os outros operarios?.. Por que são trabalhadores, zelosos e obedientes...

JOSE'. E eu então ?

MARIA. Como eu tenho visto, o Sr abandona o trabalho a cada momento, e sahe, voltando muitas vezes para a afficina duas e tres horas depois. Passa dias e dias que não vem cá, não por estar doente, mas por não querer trabalhar...

JOSE'. Mas...

MARIA. E meu pai nunca descontou um real do seu salario. E' preciso mudar de vida. Seja assiduo, venha cedo, como os seus companheiros, trabalhe tanto como elles, seja obediente, como elles são, e garanto-lhe que meu pai nunca mais o reprehenderá.

JOSE'. Pelas suas palavras, vejo que tambem está prevenida contra mim. .

MARIA. Eu não estou prevenida contra pessoa alguma, Sr. José, porque, graças a Deus, a ninguem odeio nem offendi.

JOSE'. Está prevenida, sim; por isso, julgo desnecessario dizer-lhe o motivo que me trouxe aqui.

MARIA. Pode dizer. Si estiver em minhas mãos fazer o que deseja, creia que o farei de todo o coração. (*Momento de silencio*) Vamos, Sr. José: falle.

JOSE'. Receio offendel-a...

MARIA. Não me offenderá Diga.

JOSE'. Então... eu... amo-a!

MARIA. (*erguendo-se.*) Ama-me !... O senhor ?..

JOSE'. Sim... amo-a! O que quer ?.. A gente, por fim de contas, hade amar alguém...

MARIA. (*sentando-se.*) Disse-lhe que não me offendia, e não me offendi. .

JOSE'. Não se offendeu ?..

MARIA. Sei que o amôr nasce espontaneo no coração, que

é poderoso, que domina, que escravisa, que arrasta muitas vezes ás maiores loucuras... Por isso, perdão-lhe...

JOSÉ. Perdoar-me!... O que?... Toma por acaso o meu amor como um insulto?...

MARIA. Não tomo como um insulto, por que estou certa que o Sr. é incapaz de insultar-me... Tomo simplesmente como uma loucura

JOSÉ. Uma loucura!

MARIA. (*levantando-se.*) Sim. Procure esquecer esse amor, José. Trabalhe, junte-se com os seus companheiros, divirta-se, folgue e seja feliz, porque eu não posso amal-o.

JOSÉ. Não pode amar-me!... Porque?...

MARIA. Porque não ha quem possa dizer:—«Eu quero amar!»—porque, como já disse, o amor nasce espontaneo no coração... e eu amo...

JOSÉ. (*á parte.*) Ah! eu bem suspeitava!

MARIA. Peço-lhe perdão si o faço soffrer com esta revelação; mas sou franca, e não quero illudil-o nem dar-lhe esperanças que nunca hão de realizar-se.

JOSÉ. Que importa uma dor de mais ou de menos?... (*á parte.*) Mas heide vingar-me!...

MARIA. Perdoe-me, sim?

JOSÉ. (*apertando-lhe o pulso, com voz rouca.*) Perdoar-lhe!

MARIA. (*recuando assustada, e depois encurando-o com supremo desprezo.*) Desgraçado!... (*N'este momento os operarios repelem o coro, na officina.—José entra na officina.—O panno desce antes de expirar o canto.*)

FIM DO 1.º ACTO



ACTO II

A mesma vista do 1º acto.

SCENA I

Maria e Pedro

PEDRO. (*entrando.*) Chamou-me ?

MARIA. Chamei. Quero merecer-lhe um favor, Pedro.

PEDRO. Eu, n'esta casa, não faço favores, Maria: cumpro ordens.

MARIA. Não as cumpre, porque ninguém lh'as dá: nem meu pai, nem meu avô, nem eu. Todos aqui amam-no muito para lhe darem ordens.

PEDRO. Obrigado, Maria. Faço o que posso, não para pagar a minha enorme divida de gratidão, porque as dividas de gratidão não se pagam, mas...

MARIA. Fallemos de outra coisa. Queria pedir-lhe que fosse procurar um medico e que o levasse á casa da velha Andreza. Pode ?

PEDRO. Porque não ?

MARIA. Queria tambem que comprasse alguns biscoitos um pouco de chá e mais algumas coisas para a pobre velha, que morre de debilidade... (*Dá-lhe dinheiro, que tira da gaveta.*)

PEDRO. (*recusando.*) Não, Maria. Hade permittir que me associe á sua obra de caridade. Essa despeza, quero eu fazel-a.

MARIA. Tens um nobre coração, Pedro. Assim o tivesse José. Sabes o que me disse elle ha pouco? ..

PEDRO. O que foi ?

MARIA. Disse-me que quando vinha para a officina, deixava sobre uma meza, perto da cama da enferma, uma bilha com agua e um pão...

PEDRO. José é um desgraçado. Hade acabar mal. Tenho empregado todas as minhas forças para trazel-o ao bom caminho, mas em vão. José está irremediavelmente perdido. Contudo, heideluctar sempre contra os seus máos instinctos.

MARIA. Deus te pagará o sacrificio, Pedro

PEDRO. Não é sacrificio, Maria O meu coração manda que eu assim faça: heide fazer. Mas estou aqui perdendo tempo. Vou procurar o medico e ao mesmo tempo comprar o mais necessario pera a doente. Até já. (*Salte.*)

SCENA II

MARIA. Este é o anjo bom dos que padecem, o manto dos que têm frio, o pão dos que têm fome, a consolação dos afflictos... Alma grande, não pôde ver o soffrimento alheio, sem que chore com o desgraçado, sem que lhe dê crença, sem que lhe mostre o céu... Ainda hontem, vi-o esconder-se, como um malvado que medita uma acção má, para der esmola a um pobre. Não pude conter-me: corri a elle e apertei-lhe as mãos: «— Assim, Pedro! assim!» exclamei.— «Assim, o que? O que fiz eu?»—perguntou elle. Apontei para o pobre, que desaparecia na estrada, e respondi:—«Olha: Deus te pagará!»— Fez um movimento de contrariedade, e entrou na officina.. E pode-se deixar de amal-o?.. Oh! não! Ali está a caridade, o trabalho, o amôr, a dedicação e a honra.. E eu amo-o... amo-o muito... Que importa que elle seja pobre, que fosse recolhido por caridade, que não conheça pai nem mãe? Por ventura é a riqueza que faz a felicidade?.. Minha mãe dizia:— «Pedro é a gratidão!»— Meu pai diz:—Pedro é o o modelo da honra e do trabalho!»— Todos os operarios estimam-no como a um irmão.. Quando elle entra na officina, é sempre recebido com um grito de alegria!... (*Continua a costura, que tem tomado de sobre a meza.*)

SCENA III

Manoel e Maria

MANOEL. Ah! estás aqui?

MARIA. E trabalhando, como vê, com toda a vontade, para acabar hoje este bordado. Amanhã e sabbado, e eu quero que o altar de Nossa Senhora das Dôres tenha uma toalha nova.

MANOEL. Pois trabalha, filha. O fim para que trabalhas é tão bonito, que si eu ainda tivesse os olhos dos vinte annos e entendesse d'isso, ajudava-te de coração.

MARIA. Sei que a vontade é boa, meu querido avô.

MANOEL. (*sentando-se.*) Onde está Pedro?

MARIA. (*trabalhando.*) Sahio.

MANOEL. Sabes onde foi?

MARIA. Pedi-lhe para.. ir comprar-me linha, porque a que tenho está quasi acabada. Mas não pode demorar-se.

MANOEL. Para que faltas á verdade, filha?..

MARIA. Como? ..

MANOEL. Ainda hontem teu pai comprou linha mais que sufficiente para dois bordados como esse..

MARIA. Mas ..

MANOEL. Queres que te diga o que foi Pedro fazer?.. Foi, a teu pedido, á casa da velha Andreza...

MARIA. Meu avô! ..

MANOEL. Adivinhei?...

MARIA. Sim... adivinhou..

MANOEL. Tu és um anjo, Maria. Não ha pobre que a ti se chegue e que saia com as mãos vazias. Para que occultar as boas acções, si as más não encontram abrigo em nossos corações? ..

MARIA. A mão esquerda deve sempre ignorar o que dá a direita: é o que Deus manda, foi o que minha mãe me ensinou. E depois, si ha aqui quem seja caritativo, não sou eu por certo..

MANOEL. Quem é mais caritativo do que tu?

MARIA. Pedro, que se esconde, como um criminoso, para socorrer a pobreza.

MANOEL. Viste?

MARIA. Vi. Agradeci-lhe em nome da humanidade soffredora, mas elle voltou o rosto e retirou-se contrariado

MANOEL. Pedro tambem já sentio frio, já teve fome, e se-

be quanto é doloroso o sofrimento da fome e do frio. Tem um coração de ouro, que a miséria não conseguiu corromper. Em seu coração levantou elle dois altares:—um para a gratidão, o outro para o amôr...

MARIA. (*das ultimas palavras de Manoel, levanta-se e abraça-o.*) Oh! meu avô, nem sabe quanto as suas palavras me fazem feliz!

MANOEL. Olha que me afogas, rapariga!.. Mas feliz, porque?

MARIA. Porque eu...

MANOEL. Falla, filha. Porque hesitas?

MARIA. (*ocultando o rosto no peito de Manoel.*) Eu... amo-o!

MANOEL. É envergonhas-te d'isso? Para o dizeres, é necessario occultares o rosto? Para eu saber que o amavas, não era preciso que m'o disseses...

MARIA. Como?

MANOEL. Adivinhei.

MARIA. Meu avô!

MANOEL. De certo tempo a esta parte, a amizade de vocês não é tão franca, como era antigamente. Primeiro symptoma. Quando estão juntos, fallam-se com acanhamento, coram, tremem. Segundo symptoma. Porque? Pois não é tão natural o amor nos moços?.. Amem-se. Melhor escolha não podias tu fazer. Quanto ao nascimento, que importa?.. Tem elle culpa de haver nascido assim?..

MARIA. Tem razão, meu avô. Que culpa tem os filhos dos crimes dos pais?..

MANOEL. Amem-se. Por teu pai respondo eu. Elle louvará o teu são juizo. Vamos. Nada de corar. Praticaste alguma acção má?... Levanta a cabeça e enxuga os olhos... Chorar... Porque?... No meu tempo tambem se amava, e as moças não choravam por isso.

MARIA. A felicidade tambem faz chorar. .

MANOEL. Sim; não duvide. Mas o caso não é para lagrimas. Pedro é um excellente rapaz... Si a escolha não tivesse sido acertada, seria eu o primeiro a aconselhar-te que procurasses esquecer... Vamos... Dá-me um abraço e está tudo acabado. Não fallemos mais n'isto. .

MARIA. (*abraçando-o.*) Meu avô!...

SOENA IV

Os mesmos e Antonio

ANTONIO. (*á parte, pensativo.*) Ainda nada.. E esta demora dá-me que pensar... O golpe demora-se, mas hade ser fatal... (*Josè apparece ao fundo.*)

MANOEL. Ora, venha cá o Sr. Deixe-se de estar ahi ruminando como um mafeitor, e ouça-me. Tenho uma noticia a dar-lhe...

ANTONIO. (*sorrindo contrafeito.*) Que noticia ?

MANOEL. Sabe que brevemente temos casamento por cá?..

JOSE'. (*á parte.*) Casamento !

ANTONIO. Que casamento ?

MANOEL. Ora! que casamento!

MARIA. Meu avô!

MANOEL. A companhia de Pedro havia de dar algum resultado.

JOSE'. (*á parte.*) Pedro! Ah! (*Desapparece.*)

ANTONIO. Ah! sim? Então a minha sensitiva, que se retrahia toda á vista dos outros rapazes...

MANOEL. Ora, vamos lá, homem! O que tem de ser, hade ser.

ANTONIO. (*a Maria.*) Pois bem: n'esse caso, Deus os abençõe.

MARIA. (*abraçando-o.*) Meu pai!

MANOEL. E os faça muito felizes.

SCENA V

Os mesmos e Pedro

PEDRO. Maria! Maria! (*Vendo o grupo.*) Ah! (*Josè apparece ao fundo.*)

ANTONIO. Chegou a proposito, senher galan marceneiro... Então é bonito o seu procedimento?...

PEDRO. Que procedimento, mestre?...

ANTONIO. Ora, que procedimento! Faça-se agora de innocente...

PEDRO. Não o comprehendo..

ANTONIO. O seu procedimento de andar transtornando o juizo das raparigas

PEDRO. (*recuando.*) Transtornando o juizo das raparigas!.. Mestre, essas coisas nem brincando se dizem...

ANTONIO. Está bom. Deixemo-nos de preambulos. Amas minha filha?

PEDRO. Amo-a, mestre, amo-a; mas juro pela minha honra que nunca lhe dirigi uma palavra de amor.

ANTONIO. Acredito, e por isso dou-t'a. Amem-se, meus filhos. Pedro, conheço-te desde a infancia, e sei que entrego minha filha a um homem de bem.

JOSE'. (*á parte.*) Maldictos! (*Desapparece.*)

PEDRO. Mestre... mestre... mas eu não mereço...

ANTONIO. A prova de que mereces, é que exijo que me dês um abraço. (*Abraçam-se*)

PEDRO. (*cheio de prazer e ao mesmo tempo de confusão*) Obrigado, mestre... obrigado!

MANOEL. (*a Maria.*) Estás contente?

MARIA. Si estou! (*Abraçando o pai.*) Meu pai!

ANTONIO. Está bom... está bom... Não me suffeques..

MARIA. Como sou feliz agora, vou visitar a pobre Andreza.

MANOEL. Pois vai, filha, vai.

MARIA. (*apresentando a frente ao pai, que a beija.*) Meu pai... meu avô... Até logo, Pedro... (*Sahe*)

SCENA VI

Antonio, Pedro e Manoel

PEDRO. Mestre, o acto que acaba de praticar confunde-me... Eu não mereço tanta honra nem tanta felicidade...

ANTONIO. Olha: Bogaço, que foi um grande homem, disse:

«O premio da virtude-- é a virtude.

«E' castigo do vicio--o proprio vicio»

Tu és bom, grato e virtuoso. A recompensa das tuas virtudes, dou-t'a em minha filha. Tu a conheces, sabes quem ella é:—quaes os seus defeitos, quaes as suas boas qualidades. Amem-se como devem amar se dois corações bem formados.

MANOEL. E eu vou descansar um pouco. A minha idade já não é para estas coisas. (*Sahe*)

SCENA VII

Antonio e Pedro

ANTONIO. Onde está José?

PEDRO. Creio que trabalhando.

ANTONIO. Duvido. José nunca trabalha por sua vontade. Aquelle rapaz hade acabar mal. Ainda o outro dia vi-o praticar um acto que revoltou me.

PEDRO. O que foi?

ANTONIO. Conseguio, não sei como, apanhar uma andorinha. Quebrou-lhe as pernas, arrancou-lhe as azas e acabou por vasar-lhe os olhos...

PEDRO. Ah!

ANTONIO. Revolta-te isto, não é verdade?

PEDRO. Revolta, mestre. Si tu fizesse semelhante coisa, creio que morreria de remorse.

ANTONIO. José não é uma criança inconsciente: é um homem... Repito:—o fim de José hade ser desgraçado. Quem viver, verá.

PEDRO. Mestre, si me dá licença, vou mandar os operarios embora. E' meio dia.

ANTONIO. Pois manda-os. *(Pedro entra no officina.— Ouve-se tocar uma sineta.— Pouco depois, vê-se, pela porta do fundo, os empregados desfilarem da esquerda para a direita, repetindo o cântico do P. acio)*

SCENA VIII

ANTONIO. *(que, a meio da scena, com os braços cruzados, tem acompanhado com a vista a saída dos operarios.)* Não meus filhos... Talvez que breve fechem-se sobre todos as portas d'esta casa, onde, durante dez annos, ganharam com honra o pão de cada dia... Vão... Quem sabe se será esta a ultima vez que os vejo?... Quizera abraçal-os a todos, agradecer lhes a sua lealdade, a santa amizade que sempre me tiveram... Mas para que entristecer ainda mais o quadro?... *(Senta-se, pensativo.— Momento de silencio — Ouve-se ao longe dar meio dia.— Antonio levanta a cabeça, prestando attenção, até extinguir-se no espaço a vibração da ultima badalada — Ergue-se vagarosamente, vai ao fundo, e, cruzando os braços sobre o peito, contempla, com profunda tristeza, a officina deserta.)*

SCENA X

Antonio e João

JOÃO. *(da esquerda, com uma carta.)* Mestre ! *(Silencio.)*
 Mestre !. *(Silencio.)* Oh ! *(Avançando até meio da scena.)*
 Mestre !..

ANTONIO. *(voltando a cabeça.)* O que queres ?

JOÃO. Aqui está uma carta, que trouxeram agora mesmo para o mestre.

ANTONIO. *(descendo rapido.)* Uma carta !.. Dá-m'a. *(A' parte, recebendo a carta.)* Oh ! aqui está a salvação ou o inferno !. *(João Sahe.)*

SCENA X

ANTONIO. Tenho medo de abrir esta carta.. Parece-me que aqui dentro está a minha sentença de morte !.. *(Abre a carta e lê, agitado e tremulo.—Deixa cair o papel das mãos hirtas.—Dá, vacillando, alguns passos e cahe, pesadamente, na cadeira perto da mesa, dando um grito de desespero.)* Ah !

SCENA XI

Antonio e Manoel

MANOEL. *(indo a elle.)* O que á isso, Antonio ?..

ANTONIO. Ah ! o coração bem me adivinhava !..

MANOEL. Mas o que é ?.. que succedeu ?..

ANTONIO. Não sei .. ahí pelo chão deve estar um papel... Lêa...

MANOEL. *(apanha o papel e lê:)* «E' impossivel a demora que pede. O homem que não satisfaz os seus compromissos no devido tempo, ou está arruinado ou é um ladrão.»—*(Amarrutando, convulso, o papel.)* Um ladrão !.. Tu, Antonio !..

ANTONIO. E assim perder em um momento quarenta annos de honra, meu pai ! .. Que quer ?.. Como não pude, pela primeira vez na minha vida, satisfazer um compromisso no devido tempo, chamam-me ladrão ! .. Ah ! estão no seu direito... O meu passado nada vale... é um passado de ladrão !.

MANOEL. Coragem, meu filho ! Deus é grande !

SCENA XII

Os mesmos e Pedro

PEDRO. Mas o que é isto?... que abatimento é esse, meu pai?... o que succedeu?... Ah! sim... já sei... Mas não se afflijam. A sua honra continua intacta, meu pai... A lettra está paga.

ANTONIO. Paga!... Como?...

PEDRO. O portador da carta que ha pouco recebeu, contou-me tudo... Eu tinha umas economiasinhas e... Com a fortuna! Para que serve o dinheiro sinão para enxugar as lagrimas dos que soffrem?... Vamos, mestre! nada de tristezas!.. O temporal já vai longe... Agora ao trabalho, e viva a Providencia!..

MANOEL. Obrigado, Pedro!... Obrigado por mim e por elle!

ANTONIO. Pedro, agora repito o que sempre diz:—«As dividas de gratidão não se pagam!»—Dá-me um abraço. Quando dois homens honrados abraçam-se, Deus sorri-se no céu! (*Rumor fóra.*) O que é isto?

MANOEL. Parece muita gente a lamentar-se... (*O rumor aproxima-se.—Entram dois operarios conduzindo Maria desmaiada, com os vestidos rotos e os cabellos em desordem, e a sentam em uma cadeira.—Os operarios, em não pequeno numero, ficam ao fundo.—José entra pela esquerda, e pára á rampa, contemplando o quadro.*)

SCENA XIII

Antonio, Manoel, Maria, Pedro, João, José e Operarios

ANTONIO. (*correndo a Maria.*) Minha filha!

MANOEL. (*idem.*) Meu Deus!

PEDRO. (*idem.*) Maria!..

ANTONIO. (*aos operarios.*) Mas o que aconteceu?

João. Não sabemos, mestre. Quando passavamos pelo bosque das laranjeiras. ouvimos uns gemidos como de quem agonisava. Corremos ao lugar de onde partiam os gemidos, e encontramos a nossa pobre menina no estado em que a vê, com este papel pregado no vestido. (*Mostra uma tira de papel.*)

ANTONIO. Um papel!.. Dá-m'o '!.. (*Lendo.*) «Sahio pura de casa, mas voltará deshonrada.»—(*Rasgando o papel*) Ah! o miseravel!.. Quem foi '!.. (*Indo a Maria.*) Maria! . minha filha!.. (*Cabe soluçando, em uma cadeira.*)

MANOEL. Meu Deus!

PEDRO. Coragem, meu pai!

JOSÉ. (*á parte.*) E' preciso que os anjos chorem, para que Satanaz possa folgar algumas vezes! Calumniei-a, mas vinguei-me!.. (*Antonio soluça, em uma cadeira.—Pedro e Manoel soccorrem Maria.—Os operarios, ao fundo, mostram-se commovidos.—José, à bocca da scena, contempla, sorrindo, o quadro.*)

FIM DO 2º ACTO



ACTO III

A mesma vista

SCENA I

PEDRO. (*sentado perto da janella, pensativo.—Depois de um momento de silencio.*) É assim perder em um momento uma esperança alagada ha tantos annos !... E não saber quem foi o miseravel !. Oh ! com que satisfação calcal-o-hia aos pés, cuspir-lhe-hia na face, matar-o-hia aos poucos, lentamente, sem piedade, sem compaixão !... *(Pausa.)* O meu coração nunca abrigou odios nem rancôres, nunca em minha alma poude palpar o sentimento da vingança... Sempre fui bom... Chorei com os que choravam, animei aos que perdiam a coragem, levei a luz da fé aos que descreiam, dei pão aos que tinham fome, cobri a nudez dos que tinham frio... E que recompensa tive eu por ser assim ? Rasgarem-me o coração, envenenarem-me a alma, roubarem-me a minha unica felicidade, tornarem-me descrente !... Descrente !... Oh ! não ! Eu não descreio... Deus hade proteger-me, hade mostrar-me o infame !... *(Deixa cahir a fronte nas mãos, com profundo desanimo.)*

SCENA II

Pedro e José

José'. Bom dia, Pedro.

PEDRO. (*terguendo a cabeça*) Bom dia, José.

José'. Então, o que é isso ?.. Que seysma é essa em que estás tão abysmado ? Olha: quem seysma não casa.—Não queiras agora illudir o mestre...

PEDRO. É uma ironia José ?

José'. É's desconfiado meu companheiro. Pois não estas para casar com a filha do mestre ?

PEDRO. (*contrariado.*) E' certo.

JOSE'. E então ..

PEDRO. Mas esse casamento não pode mais ter lugar ..

JOSE'. Porque?

PEDRO. Porque... não pode..

JOSE'. Sim: depois do que houve, eu disse logo com os meus botões: --- Pedro é um rapaz honrado, e não casará mais .
--- Um homem de bem não pratica o triste acto de casar com uma rapariga sobre quem recahe a certeza de uma falta...

PEDRO. F si essa falta foi commettida involuntariamente, por meio da violencia ?..

JOSE'. Nem por isso deixa de ser uma falta, e uma falta gravissima... (*Pausa*) Pedro, chegou a occasião de dar-te uma prova de gratidão pela amizade que sempre me mostraste..

PEDRO. Como ?

JOSE'. No dia em que ficou decidido o teu casamento com a filha do mestre, tive compaixão de ti, meu companheiro, porque abusaram miseravelmente da tua boa fe...

PEDRO. Não te comprehendo.

JOSE'. Comprehender-me has. Lembras te quando o mestre deu um jantar aos annos de sua filha, jantar que terminou por um baile ?..

PEDRO. Lembro-me

JOSE'. Lembras te que a esse jantar e a esse baile assistio o Sr. Jorge de Castro, filho do commendador Castro ?..

PEDRO. Lembro-me.

JOSE'. Lembras-te que ao jantar o Sr. Jorge de Castro esteve sentado ao lado da filha do mestre e que lhe fez cinco ou seis saúdes ?..

PEDRO. Lembro-me.

JOSE'. Lembras te que á noite o Sr. Jorge de Castro dansou quasi sempre com a filha do mestre ?

PEDRO. Lembro-me

JOSE'. Pois bem. Durante o jantar o Sr. Jorge de Castro não deixou um só momento de olhar para Maria, e emquanto dansaram, conversaram e conversaram muito. Eu ouvi.

PEDRO. Ouviste? O que ouviste?..

JOSE'. Não digo porque não quero affligir-te. Para que hei-de lançar mais fel no teu coração, já tão cheio d'elle ? (*A' parte.*) Vou bem ! (*Alto*) Embora máo, embora perverso, como diz o

mestre que sou, não quero acabar de acabrunhar-te com uma revelação dolorosa...

PEDRO. Não ! Hasde dizer-me o que ouviste. Não supponhas que com essa revelação abres-me uma nova chaga no coração... O meu coração é uma chaga só, viva, gottejando sangue... Sabes que eu amava Maria com todas as forças da minha alma, com toda a vehemencia do primeiro amor. Maria era para mim a unica ambição, a unica felicidade... Mas depois do que se deu, afastei-me d'ella, não com odio, porque o meu coração não pode ter odio a ninguem... Fiquei só, inteiramente só... Dize-me o que ouviste, José...

JOSE'. Já que assim o queres, vou dizer o que ouvi... e o que vi tambem...

PEDRO. Viste tambem...

JOSE'. Ah ! meu companheiro, muito enganado tens vivido ! Não admira. Qualquei deixar-se-hia arrastar pelos sorrisos fagueiros e pelas palavras doces d'essa moça. Vi e ouvi, Pedro. O que ouvi e mais, o que vi é horrivel...

PEDRO. Fala, Jose, falla !

JOSE'. Não; não quero magoar-te mais...

PEDRO. Não me magoas. Falla.

JOSE'. O Sr. Jorge de Castro disse á filha do mestre: -- «E' um anjo. Feliz o homem que merecer o seu amor. Creia. Ha corações que amam ou odeiam ao primeiro impulso... O primeiro impulso do meu coração foi amal-a... e eu amo-a...» --

PEDRO. E ella... ella... o que respondeu?..

JOSE'. Corou, baixou os olhos e balbuciou: -- «Quem sabe?...» --

PEDRO. Oh ! mas isso é uma confissão !..

JOSE'. Assim penso eu tambem. Uma confissão clarissima. Elle insistio: disse que a amava loucamente, que por ella sacrificaria até a propria vida, e ella respondeu...

PEDRO. O que?... o que?..

JOSE'. Respondeu: -- «Creio !» --

PEDRO. Ah !.. Mas isso é verdade, José?... isso é verdade?

JOSE'. Si é verdade?... A pergunta é offensiva, meu camarada. E' verdade, sim: juro-o pela salvação da minha alma.

PEDRO. Ah ! e assim abusavam da minha credulidade... e assim escarneciam da minha boa fé !.. Porque ? E... o que viste?..

JOSÉ. Não sei si deva dizer-te. Estás tão agitado, que me nettes dó. Outro dia contar-te hei tudo.

PEDRO. Não!.. Hade ser já, agora... Quero saber até que ponto zombaram de mim!

JOSÉ. Mas temos muito tempo, muito tempo, Pedro. Amanhã...

PEDRO. Já disse que hade ser hoje, agora. Falla!

JOSÉ. Vou satisfazer-te, mas bem contra a minha vontade. Ha dois mezes, pouco mais ou menos, ia eu passando pelo bosque das laranjeiras, para levar um pouco de pão á minha mãe. Ouvi um murmúrio de vozes, abafado e confuso. Curioso por saber o que aquillo era, entrei subtilmente no bosque, e, occulto pelas arvores...

PEDRO. O que viste?..

JOSÉ. Vi a filha do mestre sentada na relva, e o Sr. Jorge de Castro de joelhos, em attitude supplicante.

PEDRO. Ah!

JOSÉ. (*ferindo as palavras*) Depois, as cabeças dos dois approximeram-se... um beijo longo unio-lhes os labios... o Sr. Jorge enlaçou Maria pela cintura... conchegou-a a si... alagou-lhe com meo tremula os cabellos soltos... e um novo beijo fez-se ouvir...

PEDRO. (*recuando, com explosão*) Ah! miseraveis!.. miseraveis!..

JOSÉ. Retrocedi. Aquillo era uma infamia, uma dupla infamia, porque ella perdia-se, illudindo-te vergonhosamente...

PEDRO. Mas o que fiz eu para ser tractado assim?

JOSÉ. Tu, nada; mas tudo a tua boa fé.

PEDRO. Meu Deus!

JOSÉ. Eu tinha pena de ti. Mais de uma vez quiz dizer-te tudo; mas recuava sempre, porque temia que não me acreditasses...

PEDRO. Acreditava, sim... Que necessidade tinhas tu de levantar uma calumnia?

JOSÉ. Pedro, agora tenho um pedido a fazer-te.

PEDRO. O que é?

JOSÉ. Peço-te que não me odeies

PEDRO. Odiar-te, porque?..

JOSÉ. Pelo que acabei de dizer-te. Embora a minha consciencia tranquilla diga que cumpri o meu dever, sei que te offendi...

PEDRO. Não te odeio por isso, José. Agradeço-te até, do íntimo d'alma, o serviço que me prestaste. Si não fôras tu, eu continuaria a viver illudido. Tu me abriste os olhos, salvaste-me talvez de um abysmo, e eu te agradeço.

JOSÉ. Coragem! Coração á larga, meu amigo!... Mulheres não faltam. Mostra-te alegre, feliz, sati feito...

PRIMO, (*pensativo.*) Sim... é isso...

JOSÉ. Bem. Agora deixo-te. Vou trabalhar. Não quero que o mestre torne a chamar-me vadio. Heide evitar o mais possível as suas reprehensões.

PEDRO. Até logo, José.

JOSÉ. (*á parte.*) Veremos quem vence! (*Alto.*) Vamos para a officina, Pedro. O trabalho e os nossos companheiros farão com que esqueças as tuas maguas. Não quero ver-te assim... Nunca me esquecerei que foram os teus conselhos que me arredaram do mão caminho que eu seguia... Si Maria te vir com essa tristeza star padano rosto, hade rir-se á tua custa, e com rasão. Vamos.

PEDRO. Vai. Já te sigo.

JOSÉ. Lá te espero. Coração á larga. O tempo fará o resto. (*Sahe.*)

SCENA III

PEDRO. Que esperança me resta agora?... Esperança!.. Castello de arêa, o vento da adversidade fel-o cahir em ruínas!.. Pobre filho da desgraça, volto de novo ao pó de onde um momento me ergui, querendo ser homem um momento.. Foi um sonho que passou.. Está acabado!.. Vamos trabalhar!... (*Maria entra pela direita.*) Ah! (*Vai sahir pelo fundo.*)

SCENA IV

Pedro e Maria

MARIA. (*parando á porta, com profunda tristeza.*)
Retira-se?

PEDRO. Sou necessario na officina, e não posso demorar-me. (*Sahida falsa.*)

MARIA. Ou é a minha presença que o torna necessario na officina?. E' injusto para commigo, Pedro. Que lhe fiz eu, para proceder assim ?..

PEDRO. (*descendo.*) Nada .. O que podia fazer .. O que se pode fazer a um desgraçado como eu ?.. Ludibrial-o, escarnece-lo, desprezal-o ?.. E' tão natural !.. O que sou eu ?.. O que fui ?.. Um miseravel que dormia nas pedras das ruas e pedia uma esmola para comer... uma pobre creatura, sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem amigos... um átomo de arêa, sobre quem todos assentavam o pé para esmagar. . um lazaro, de quem todos fugiam com horror ..

MARIA. Mas...

PEDRO. Um dia, houve um homem, que teve compaixão do desgraçado, que se finava á mingua de carinhos e afeições. Esse homem levou-o para sua casa. Deu-lhe pão, e galinho e muito amor. O misero paria encontrou uma familia. Teve pae, teve mãe, teve uma irmã. Creou-se feliz e descuidoso no meio da abastança e da honra, Por se ver assim amado de todos, julgou-se um homem e commetteu a ousadia de amar a filha do seu protector. Ella accitou o seu amôr e disse: — «Sou feliz !» -- Mas, depois, succedeu o que tinha de succeder. Em seu coração, o orgulho fallou mais aito do que o amôr, e ella, não querendo dizer ao desgraçado que já não o amava, valeu-se da hypocrisia, enganou o, abusou vilmente da sua boa fê, do seu amôr, da sua gratidão ..

MARIA. Pedro !

PEDRO. E julgava a Sra. que podia abusar da minha boa fé, que podia fazer um brinco do meu amôr, sem que eu me revoltasse, sem que o meu brio reagisse ?.. Oh ! não !.. Na minha face ainda ha pejo, ainda aqui palpita um coração !..

MARIA. Pedro !..

PEDRO. O que poderá dizer-me ?.. Que é falso o que avancei ?.. que nunca me iludio ?.. que sempre me amou ?..

MARIA. E então ?..

PEDRO. E então... é que eu nao a acredito ..

MARIA. Não me acredita !..

PEDRO. Não.. porque si acreditasse, seria mais uma vez illudido, mais uma vez ludibriado pela sua hypocrisia ! ..

MARIA. Mas eu juro ..

PEDRO. Oh ! não jure !.. De que serviria jurar ?.. Seria um juramento falso como todos os outros... Suppunha talvez

a Sra. que eu havia de ser cego toda a vida, mas enganou-se... Hoje vejo . vejo até de mais .. Quer uma prova... duas... tres? . (*Apontando pela janella.*) Olhe: estou vendo d'aqui o bosque das Laranjeiras. .

MARIA. (*á parte.*) Enlouqueceria elle ?.

PEDRO. No mais recondito do bosque estão duas pessôas... Vejo as d'aqui... Uma mulher e um homem... Ella está sentada ra relva, com o olhar languido, o cabello solto, o sorriso nos labios tremulos... Elle está de joelhos, com o olhar chammejante de paixão, os labios sequiosos e ardentes... As cabeças dos dois approximam-se... suspiram... acariciam-se... Veja!... São dois amantes felizes aquelles! .

MARIA. (*offegante.*) O que quer dizer, Pedro ?.

PEDRO. Nada .. Quer saber os nomes d'aquellés dois amantes felizes? . (*Segurando-lhe nervosamente a mão.*) Elle chama-se Jorge de Castro... ella ..

MARIA. (*ansiosa*) Ella .

PEDRO. Ella chama-se... Maria...

MARIA. (*recuando*) Eu!... Ah! quem lhe disse ?.. (*Ultima*) E ponde acreditar que eu praticasse similhante infamia?..

PEDRO. Acreditei. Si durante tantos annos acreditei no bem, porque não heide agora acreditar no mal ?.. (*Pausa.*) O Sr. Jorge de Castro é rico, tem uma familia illustre . Eu sou pobre, e não conheci pai nem mãe.. Quem foi meu pai? . Quem foi minha mãe? . Talvez duas opulencias. talvez duas infamias! . Quem sabe?... Agora volto ao que fui: á lama de onde sahi. A minha presença n'esta casa é talvez um estorvo aos seus novos amores... Parto hoje... Não sei para onde... Mas em toda parte ha um palmo de terra para o verme se arrastar! .

MARIA. Deixa-nos. . e meu pai? .

PEDRO. Oh ! não me falle n'elle, que me tira toda a coragem . Seu pai é a unica cadêa que me prende a esta casa... (*Á parte.*) A unica! . (*Alto.*) Si to rasgar-se-me o coração ao deixal-o, talvez para nunca mais tornar a vel-o... Mas o que heide fazer? Ficar ?.. Não! nunca!.. Partir? E' o meu dever, é o unico recurso que me resta...

MARIA. E partirá?..

PEDRO. Partirei ! (*Sabe.*)

SCENA V

MARIA. (*segue Pedro com a vista; depois, deixa-se cahir n'uma cadeira, soluçando.*) E não posso justificar-me... e não posso dizer-lhe: —«E' falso! E' uma calúnia infame que me levantam!» — Oh! mas isto é um inferno!.. Pois eu heide consentir que pese sobre mim uma suspeita terrível, sem proferir uma palavra?... Heide deixar que me apontem como uma mulher sem honra, sem brio, sem provar a minha innocencia?... (*Pausa.*) Oh! mas elle... elle... —«Segredo sobre o que acabo de fazer,—disse me elle; si proferir uma palavra, juro que a vida de seu pai pagará a revelação!» — Oh! meu Deus! meu Deus!.. O que devo fazer?... Calar-me?... E a minha honra, de que duvidam?... Fallar?... E a vida de meu pai?... (*Pausa!*) Calar-me-hei... Que importa que duvidem da minha honra, que me condemnem, si salvo meu pai á vingança d'aquelle miseravel?... Oh! mas tudo quanto tenho soffrido .. todas as amarguras que me despedaçam a alma, elle hade soffrel as tambem... heide vel-o.. Oh! não! não, meu Deus!.. Perdôo-lhe.. E' o seu destino: nasceu para o mal; hade cumprir a sorte.. E comtudo, tenho pena d'elle.. Estar só no mundo, sem pai, sem mãe, abandonado de todos como um maldicto... deve ser... é horrivel!. Sim: que Deus se compadeça d'elle, e lhe dê de felicidades o que me tem elle dado de amarguras!.. (*Senta-se, chorando.*)

SCENA VI

Maria e José

JOSE'. (*d' parte, ao fundo.*) Chora!... E' bem que pagues com lagrimas o que me tens feito soffrer!..

MARIA. (*sem vel-o.*) E elle duvidou do meu amôr!..

JOSE'. (*d' parte.*) E hade duvidar sempre, porque eu assim o quero! (*Descendo.*) Chora!

MARIA. (*erguendo-se.*) Ah! o senhor!..

JOSE'. (*sorrindo.*) Sou eu. Assusta-a por acaso a minha presença?..

MARIA. Saia! O Sr. é um miseravel!..

JOSE'. Para que esses palavrões inuteis!.. Sou infame?..

Embora ! Mas tenho-a fechada na mão. Si proferir uma palavra cuidado com o miseravel ! Lembre se do que eu disse:— «Si proferir uma palavra, a vida de seu pai pagará a revelação !.— Experimente. Diga uma palavra, uma só, e verá si eu sei ou não cumprir os meus juramentos !

MARIA. Mas que mal lhe fez meu pai, que mal lhe fiz eu, para tractar-nos assim ?..

JOSE'. Que mal ? . Como !. Pois já se esqueceu das reprehensões, dos insultos que de seu pai soffri ?.. Já se não lembra do desprezo que mostrou quando lhe declarei que a amava ? . E não queria que me vingasse ?.. Oh ! seria preciso que eu não tivesse coração !.. Tenho soffrido muito; mas heide fazel-os soffrer dobradamente Dirá que sou máo, que sou perverso. Podia ser bom, si me tivesse attendido, si me tivesse amado... Eu vivia em um inferno: o seu amôr ter-me-hia sido a salvação.. Comprehende ?..

MARIA. Mas eu não podia amal-o...

JOSE'. Porque amava o outro. Mas esse outro não precisava do seu amôr, porque era feliz, emquanto que eu...

MARIA. O odio cega-o, José Quando me declarou o seu amôr, lembre-se que eu lhe disse:—«Não ha quem possa dizer: eu quero amar—porque o amôr nasce espontaneo no coração.»— Como podia eu amal-o, si o meu coração amava Pedro ?

JOSE'. Não vim aqui para mover -a á compaixão, para que tivesse piedade de mim; vim simplesmente para lembrar-lhe o meu juramento. Sei que está pura e virgem, mas para a minha vingança é necessario que não o esteja.

MARIA. Oh ! mas isso é uma calumnia !.. uma calumnia infame ! .

JOSE'. Que importa ? . Quando um homem como eu quer vingar-se, lança mão de todos os meios, mesmo os mais ignobéis...

MARIA. Miseravel !..

JOSE'. Sabe que luctámos como dois leões no bosque das Larangeiras; que mais de uma vez a tive subjugada e que mais de uma vez a Sra começou a lucta. Por fim, faltaram-lhe as forças: tentou ainda um momento repellir-me, mas em vão .. Desmaiou..

MARIA. Oh ! cale se ! cale-se !

JOSE'. O máo triumphava finalmente ! Ia ser minha !.. De repente ouço vozes na estrada .. tenho medo que ouçam os

seus gemidos .. Vejo perdido o meu triumpho... Escrevo a lapis em uma tira de papel as seguintes palavras:—«Sahi pura de casa, mas voltará deshonrada.»--Prêgo com um espinho a tira de papel ao seu vestido, para que o vento não a levasse, e occulto-me...

MARIA. Basta !

JOSE'. Um momento depois estava a Sra. rodeada de homens, attrahidos pelos seus gemidos:--eram os operarios da officina de seu pai. Conduziram-nos braços para casa. Sahi do logar onde me occultára e segui-os de longe. Assisti ao desespero de seu pai, á dôr de Pedro, á magua desoladora dos operarios. E eu sorria á vista d'quelle soffrimento todo. Estava vingado. Agora, de novo imponho-lhe silencio, lembrando-lhe que a vida de seu pai está nas minhas mãos. Si quizer fallar, pode fallar; mas fique convencida de que o resultado da sua indiscricão ser-lhe-ha fatal ..

MARIA. Ah ! que si não fosse meu pai, eu apontal-o-hia como um miseravel, indigo de compaixão !

JOSE'. (*frio.*) E o que lucraria com isso ?

MARIA. Calar-me-hei; mas não supponha que o dominio que sobre mim exerce fará com que eu o ame . não, porque lhe tenho odio de morte...

JOSE'. Muitas vezes os grandes odios transformam-se em grandes amores. Tom-se visto d'isso. Além de que, eu não tenho pressa. Esperarei. O que não pode ser hoje, será amanhã...

MARIA. Miseravel ! . Nunca !.

JOSE'. Quem sabe ?.. Pode a Sra. adivinhar o futuro ?.

MARIA. Nunca, repito ! Antes mil vezes a morte, do que amal-o um momento só !

JOSE'. Não me offende a sua franqueza: pelo contrario: dá-me grandes esperanças...

MARIA. Continue a vingar-se, a desesperar-me, a acabrunhar meu pai . Mas olhe: Deus, que nos vê, não hade deixar impune o mão !

JOSE'. Ora ! Deus ! . Deus não se occupa com as miserias d'este mundo !.. Vou trabalhar. Quero ser um operario exemplar, porque estou com as minhas tenções ao logar de contra-mestre. Reflecta e depois proceda

MARIA. Não tenho que reflectir, e o meu procedimento já está traçado: heide odial-o sempre !

JOSE'. Odeie. Já disse que os grandes odios transformam-

se muitas vezes em grandes amôres. O seu odio não me fere. Prefiro ser odiado a ser desprezado. O desprezo esmaga: o odio excita a vingança, e a vingança é um prazer para os máos, como eu sou. Odeie. Algum dia amar-me-ha. (*Sake.*)

SCENA VII

MARIA. (*levando as mãos á frente e cahindo n'uma cadeira, afogada em soluços.*) Oh! Meu Deus! meu Deus!...

SCENA VIII

Maria e Manoel

MANOEL. Sempre assim, minha filha! sempre assim!

MARIA. (*abraçando-o*) Meu avô!

MANOEL. Minha pobre filha, porque te obstinas em guardar silencio?... Porque não dizes o nome do miseravel, Maria?..

MARIA. Meu avô...

MANOEL. Não foste tu que erraste: foi a violencia que te fez errar. Para mim, és sempre a minha neta querida, a minha neta virgem e pura de outros tempos...

MARIA. (*á parte.*) E elle acreditou tambem!.. Que supplicio, meu Deus!

MANOEL. Teu pai ama-te como te amou sempre; Pedro..

MARIA. Pedro odeia-me, meu avô!..

MANOEL. Odiar-te? porque?..

MARIA. E não tem elle razão? Não era eu a sua noiva?... Não era eu o seu unico amor n'este mundo?... Veja como elle anda:—triste, pensativo, escabrunhado, pallido. Quem sabe que abysmo de amarguras lhe não vai pelo coração!.. Oh! meu querido avô, para que viver assim?... Antes Deus se compadecesse da desgraçada levando-a para si...

MANOEL. (*recebendo-a nos braços.*) Cala-te!.. Coragem, filha!.. Estava-te reservado este martyrio: soffre-o com resignação! (*Ficam abraçados.*)

SCENA IX

Os mesmos, e Antonio

ANTONIO. (*apparece ao fundo e pára ao ver o grupo*)
Pobre filha!.. Ah! si eu conhecesse o miseravel!.. (*Desce.*)

MARIA. Meu pai!

ANTONIO. Ora vamos... Para que lagrimas, Matia? Coração á larga, minha filha. Está lá em cima quem nos hade vingar. . Olha: agora, quando vinha passando pelo bosque das Larangeiras, sabes que idéa tive?.. (*Josè apparece ao fundo.*)

MARIA. Que idéa, meu pai?..

ANTONIO. Que o homem que te reduzio a este estado foi José...

JOSÉ. (*á parte.*) Ah!

MARIA. (*estremecendo*) Oh! não, não, meu pai!

MANOEL. (*á parte, pensativo.*) José. . Quem sabe?..

ANTONIO. Como affirmas que não foi José, si sempre disseste que não tinhas visto esse homem? .

MARIA. Mas .. sim... mas garanto que não foi elle...

ANTONIO. Quem foi então?..

MARIA. Não sei... Meu avô, peça-lhe que não me faça mais perguntas ..

ANTONIO. Que interesse tens em occultar um segredo que tanto mal te faz? . Quem foi esse homem? ..

SCENA X

Os mesmos e José

JOSÉ. (*descendo.*) Mestre!..

MARIA. (*estremecendo e abraçando-se com o pai.*) Meu pai!...

FIM DO 3º ACTO

ACTO IV

A mesma vista

SCENA I

José'. *(entra, cautelosamente, pelo fundo, vai a todas as portas, olha para dentro e dirige-se depois para a janella.)* Psio! psio!.. *(Desce.)* Tenho esta idéa a fervilhar-me na cabeça ha mais de quinze dias. Sempre desconfiei que o bastardo tinha dinheiro guardado... Ora, um homem que paga uma divida alheia de tres contos de réis, é porque tem dinheiro...

SCENA II

José e Anselmo

ANSELMO. *(á porta, mysterioso.)* Pode-se entrar?

José'. Entre. A occasião é optima. Estão jantando.

ANSELMO. *(sempre mysterioso)* Muito bem! muito bem!
Então podemos fallar.

José'. Sim; mas baixo, para não sermos ouvidos.

ANSELMO. Está claro. Eu cá sou muito prudente.

José'. Sei d'isso, porque não é de hoje que o conheço como um grandissimo velhaco.

ANSELMO. Bondade... bondade... *(Batendo-lhe no ventre.)* Ah! maganão!. Chama, chama, antes que te chamem... *(Outro tom)* Pois, meu amiguinho, estamos servidos

José'. Estamos?

ANSELMO. Sem duvida, sem duvida. Eu cá não metto prégo sem estôpa. Com franqueza; o amiguinho não gosa de muito boa fama aqui... e em toda parte.. Não me agradeça. Isto não é elogio, não; é a verdade. Ora, quando á outra noite foi procurar-mee me apresentou um molde de fechadura, pe-

dindo-me que lhe arranjasse uma chave, eu disse logo com os meus botões: — «O marreco quer fazer alguma breguirada»... —

JOSE'. Mas...

ANSELMO. Vamos lá, vamos lá.. E continuei: — «A tal chavesinha hade ser provavelmente para abrir alguma gaveta do patrão, ou coisa assim»... —

JOSE'. Sr. Anselmo!

ANSELMO. Não me agradeça o bom juizo que faço da sua honrada pessoa.. E conclui o meu raciocinio: — «Ora, desde que eu empresto a ferramenta para a operação, é bem que...» —

JOSE'. A chave é para abrir um bahú meu.

ANSELMO. Heim?.. Não pega!.. Ora, si a chave fôsse para abrir um bahú seu, não iria pedir-m'a, mas compraria uma fechadura nova e quebraria a velha. E' natural... é natural... Sabe que eu sou de segredo. Porque não me conta tudo?..

JOSE'. — Porque nada tenho a contar-lhe. Creio que é tambem natural.

ANSELMO. Não é natural, não... Está bom: não vai a zangar. Olhe: com mentiras não arranja nada... O amiguinho não ignora que eu não sou ferreiro nem ferragista... Vivo das minhas economiasinhas e dos miseraveis juros de um dinheirinho que empresto...

JOSE'. Miseraveis juros! Eu que o diga. Cincoenta por cento de desconto sobre cada emprestimo! Uma ladroeira!

ANSELMO. Seja. Isso são contas do meu rosario, e não do seu. Si quer iniciar-me no segredo, muito bem; *sine qua, non...* (*Mostrando uma chave*) A chave está aqui.

JOSE'. Mas eu não tenho segredos...

ANSELMO. Continua a negar?.. Adeusinho. Nada temos feito. (*Sahida falsa*)

JOSE'. Pois bent.. sim... essa chave é para abrir um bahú... o bahú de Pedro... Desconfio que lá dentro ha dinheiro...

ANSELMO. (*descendo*) Heim?.. Mas porque é que desconfia?..

JOSE'. Porque Pedro pagou ha dias uma divida do mestre na importancia de tres contos de réis...

ANSELMO. Upa!.. Tres contos de réis! Mas então o niinho deve estar vasio... O credor do mestre comeu os ovos que lá estavam em chôco...

JOSE'. Não. Está enganado... Sei que ainda ha dinheiro.

ANSELMO. Tem certeza ?

JOSE'. Tenho.

ANSELMO. Pois bem: cedo-lhe a chave, mas com a condição de dar-me metade...

JOSE'. Mas isso... é um roubo!

ANSELMO. Hê! hê! hê! Que ingenuidade !.. Ora, um roubo ! E o que vai o amiguinho fazer ?..

JOSE'. Pode guardar a sua chave... guarde-a. . Arranjarei outra.

ANSELMO. Heim ?.. Mais de vagar... Si o bahú não fôr aberto com a minha chave, não será com outra.

JOSE'. Denuncia-me, não ?

ANSELMO. Está claro... Eu cá sou um homem honrado, e não quero ser cúmplice de ladroeiros...

JOSE' (*á parte.*) Ah! si eu pudesse estrangular-te!

ANSELMO. E c decidir, porque estou com pressa.

JOSE'. Dê-me a chave, Sr. Anselmo. Terá a metade...

ANSELMO. Muito bem. Assim é que se tracta entre gente honesta como nós nos presamos de ser. Mas quem me garante que o amigo me dará a metade, si eu não assistir á extracção ?..

JOSE'. Pode assistir.

ANSELMO. Quando ?

JOSE'. Já.

ANSELMO. Heim ?.. De dia ?.. E não ha perigo ?..

JOSE'. Não

ANSELMO. Onde é o quarto ?..

JOSE'. Na officina

ANSELMO. E os operarios ?..

JOSE'. Foram jantar.

ANSELMO. Mas não ha perigo ?..

JOSE'. Já disse que não. Dê-me a chave.

ANSELMO. Emfim... Mas olhe: traga-m'a outra vez... Esta chave é do meu cofresinho e... (*Mostrando.*) Tem aqui deste lado gravado o meu nome. Veja...

JOSE'. E' verdade... (*Lendo.*) «Anselmo Gil.»— Para que mandou gravar o seu nome n'esta chave ?..

ANSELMO. Para, dado o caso de perdel a, saberem logo a quem pertence, e entregarem-m'a.

JOSE'. Teve uma idéa luminosa, muito luminosa. . (*Tomando-lhe a chave, á parte.*) Muito luminosa... para mim!.. (*Alto.*) Vamcs! (*Entra na officina*)

SCENA III

ANSELMO. *(ao fundo, fallando para dentro.)* Vamos... mais ligeiro.. D'essa maneira, apanham o amiguinho com o focinho na botija... *(Pausa)* Serve?... Ande... Ao menor rumor, safo-me e deixo-o nos apuros... *(Pausa..)* Entrou?... Muito bem! muito bem! Parece que foi feita de proposito... Bravo!.. Não acha nada?.. Uma carteira!. Esplendido!.. Ligeiro... ligeiro!..

SCENA IV

Anselmo e José

JOSE'. *(com uma carteira.)* Eil-a! *(Desce.)*

ANSELMO. *(seguindo-o.)* E terá miolo?..

JOSE'. *(abrindo a carteira.)* Veja!

ANSELMO. Muito bem! Não fomos mal succedidos .

JOSE'. Vamos fazer a divisão. Mova-se!

ANSELMO. Aqui?

JOSE' Em sua casa. *(Sobe.)*

ANSELMO. Pois vamos, vamos... *(Parando.)* E a minha chave?..

JOSE'. *(sorrindo.)* Esqueci-me de trazel-a.

ANSELMO. *(com as mãos na cabeça.)* Ai! ai! ai! Agora como hade ser?..

JOSE'. Não sei... Arranje se! *(Sahé correndo.)*

SCENA V

ANSELMO. Estou perdido... Uma chave com o meu nome... a chave do meu cofre... Ora, um homem honrado como eu, estar mettido n'estas coisas!.. Vou busca-la... Si me pillham, estou morto... *(Dirige-se, cauteloso, para o fundo.)*

PEDRO. *(dentro.)* Vou ao meu quarto e já volto mestre.

ANSELMO. *(recuando, a tremer.)* Ah! fujaamos!.. Não ha tempo a perder!.. *(Sahé correndo pela esquerda.)*

SCENA VI

PEDRO. (*entrando pela direita.*) Não posso mais viver n'esta casa... E' um martyrio continuo, sem treguas... Vel-a a todas as horas... a todos os instantes... E apesar de tudo, amo-a... Cada lagrima sua é uma tortura que soffro, cada soluço uma agonia que me dilacera a alma!.. Vamos!.. Irei para bem longe... para onde nunca mais possa vel-a...

SCENA VII

Antonio e Pedro

ANTONIO. Uma palavra, Pedro.

PEDRO. Estou ás suas ordens, mestre.

ANTONIO. Pedro, o teu casamento com Maria tornou-se impossivel...

PEDRO. Mestre...

ANTONIO. Esse casamento promettia ser por demais feliz, para realisar-se. Criei-te como filho, e conheço-te.

PEDRO. Mestre, a minha continuação n'esta casa, bem deve comprehender, tornou-se impossivel tambem...

ANTONIO. Impossivel! Porque?

PEDRO. Porque a minha presença é um martyrio para Maria. Já soffre tanto, a infeliz, que é bem que lhe evitemos mais essa tortura.. Fazia tenção de despedir-me hoje...

ANTONIO. Como! E para onde vais?..

PEDRO. Não sei ainda... Para qualquer parte. O destino me levará...

ANTONIO. Para que isso, Pedro?.. (*Commovido.*) Para que?.. Pois não és tu meu filho?.. Onde devem estar os filhos sinão na casa de seus pais?.. A tua presença não será um martyrio para Maria; pelo contrario: ser-lhe-ha uma consolação. Fica.

PEDRO. Não, mestre Partirei.

ANTONIO. E eu então?.. E meu pai?.. Queres abandonar-nos na nossa velhice?.. queres deixar-nos entregues ao desespero?.. queres abrir-nos mais uma chaga no coração?..

PEDRO. (*commovido.*) Mestre!..

ANTONIO. Oh! como são ingratos estes filhos! Justamente quando mais d'elles precisamos para nos consolarem no ultimo quartel da vida, para nos darem alguns momentos de alegria nos

ultimos dias, deixam-nos sós, sem se compadecerem das nossas lagrimas, da nossa solidão... Para que queres partir, Pedro ?...

PEDRO. Mas é necessario mestre .. é necessario. .

ANTONIO. Pois bem: parte ! (*Senta-se á mesa e escreve, entregando depois o papel a Pedro.*) Toma... vai... Tu és um ingrato !... (*Chorando*) Um ingrato !

PEDRO. (*sem ler*) Mas para que é este papel, mestre .

ANTONIO. É um documento. Já não te lembras que te devo tres contos de réis... .

PEDRO. Ah ! mestre, nem sabe o mal que me faz !.. (*Atirando o papel sobre a mesa*) Por acaso pedi eu este papel ? . Exigi alguma clareza ? .

ANTONIO. Não. Mas desde que tens coragem para deixar-nos, terás coragem para um dia nos vires tirar o pão... E para isso é necessario que tenhas um documento qualquer... Agora, vai .. Tu já não és meu filho: és um ingrato !

PEDRO. O mestre nada me deve. Os tres contos que lhe emprestei são o dote de Maria.

ANTONIO. Estou pobre, mas agradeço a esmola. Aceital a-hia, si ficasses aqui... Mas não queres ficar... A nossa companhia já te aborrece...

PEDRO. (*á parte*) O que fazer, meu Deus !..

ANTONIO. Vai. O que esperas ainda ?.. Cravaste-me o punhal no coração... agora queres assistir até á minha derradeira agonia... não é assim? .. Vai... vai, ingrato !.. (*Cahndo n'uma cadeira*) Ingrato !..

PEDRO. Mestre !..

SCENA VIII

Os mesmos, e Manoel

MANOEL. Mas o que é isto ?.. Porque choras, Pedro ?.. E tu, Antonio ?..

ANTONIO. Aborreceu-se de nós, o ingrato, e agora veio dizer-me que quer partir ..

MANOEL. Porque ?..

PEDRO. Porque assim é preciso .. porque eu não posso mais viver aqui...

MANOEL. Mas o que te fizemos nós ?.. Em que te offendemos ?..

PEDRO. Offensas!.. Eu aqui sò tenho recebido beneficios, Sr. Manoel... Quero partir porque... porque não posso ver Maria soffrer... porque amo-a muito!..

SCENA IX

Os mesmos e Maria

MARIA. (*que pouco antes tem apparecido á direita, á parte.*) Meu Deus!.. E não poder fallar . (*Descendo.*) Obrigada, Pedro, obrigada!.. Faz bem em compadecer-se de mim!..

MANOEL. Mas elle quer partir, filha... quer deixar-nos...

MARIA. (*recuando.*) Quer deixar nos!.. (*Naturalmente*) Está no seu direito.

ANTONIO. Mas é um ingrato, Maria!..

MARIA. Os ingratos são tantos, meu pai!

MANOEL. (*em tom supplice.*) Pedro!

PEDRO. (*olha para todos os lados, vai á mesa, toma o papel, desce ao meio da scena e rompe-o. Com explosão.*) Oh! não! não partirei!. Maria é minha irmã, e eu devo ficar para vingal a!.. Dá-me um abraço, minha irmã! Coragem!.. Juro pelos martyrios que tens soffrido, que heide vingar-te!

ANTONIO. Então, ficas ..

PEDRO. Fico, meu pai.

ANTONIO. Mas guarda o documento...

PEDRO. (*mostrando os pedaços do papel.*) Olhe!

ANTONIO. Rompeste?..

PEDRO. Rompi, porque nada me deve.

ANTONIO. (*abraçando-o.*) Tu tens um grande coração, meu filho! Serás feliz!

PEDRO. Então, já não me chama ingrato?..

MANOEL. Ingrato?.. Tu és a perola dos homens de bem..

SCENA X

Os mesmos e José

JOSÉ'. Boa tarde, mestre.

ANTONIO. Boa tarde, José. O que queres?

JOSÉ'. Venho dizer ao mestre que conclui antes de ir jan-

tar a tarefa que me distribuiu. Espero que o mestre mande Pedro distribuir-me outra.

ANTONIO. Estás de uma actividade espantosa, José!

JOSÉ. O que quer o mestre?. Nem sempre se hade ser vadio. Jurei corrigir-me, e creio que...

ANTONIO. E's um operario exemplar, não ha duvida. Bem. Podes retirar-te. Pedro já lá vai.

JOSÉ. Sim, mestre. (*Sahindo, à parte.*) E' preciso illudil-os... (*Entra na officina.*)

SCENA XI

Antonio, Pedro, Maria e Manoel

ANTONIO. Causa-me admiração esta subita mudança de José.

MANOEL. O arrependimento salva.

MARIA. E crê que elle esteja arrependido, meu avô?

MANOEL. Creio. Porque não heide crer?..

ANTONIO. Quem sabe?.. José era um máo homem, desrespeitoso, vadio. Não posso comprehender como de um momento para outro transformou-se a tal ponto. Pedro, creio que é necessario estar prevenido.

PEDRO. Estarei, mestre. Si o seu arrependimento é verdadeiro, Deus nos perdoará o máo juizo. Si é um meio de que se serve para enganar-nos...

MARIA. (*à parte.*) Medita algum novo crime...

PEDRO. Com licença, mestre. (*Sahe.*)

SCENA XII

Antonio, Maria e Manoel

ANTONIO. Vamos nós trabalhar tambem. A ociosidade é mãe de todos os vicios.

MARIA. E eu que ainda não conclui a toalha para o altar de Nossa Senhora das Dôres...

MANOEL. Concluirás quando puderes. No teu estado de saude, deves ter descanço, minha filha.

MARIA. Mas si eu nada sinto, meu avô. Estou perfectamente boa...

MANOEL. E essa pallidez... essa tristeza?..

MARIA. Esta pallidez... esta tristeza...

ANTONIO. Ora vamos. Para que toldar mais o céu, quando podemos tirar-lhe algumas nuvens?.. O passado, passado. O que de melhor podemos fazer, é esquecel-o...

MARIA. Esquecel-o!

ANTONIO. Pois então?..

MARIA. Mas é que eu não posso esquecer, meu pai!

ANTONIO. Ora, um esforço, e basta. Vamos trabalhar. O trabalho é uma consolação.

MARIA. Fica, meu avô?

MANOEL. Nada. Vou também.

MARIA. (*sorrindo*.) Trabalhar?

MANOEL. Ah! si eu pudesse... (*Sahem.*)

SCENA XIII

JOSÉ. (*entrando pelo fundo.*) Preparei tudo com mão de mestre. A chave lá está ainda, e aquella chave é a minha salvação. Deixei-a propositalmente. (*Tirando a carteira do bolso e batendo-lhe em cima.*) Dois contos e quinhentos mil réis... Para uma primeira experiencia, já é alguma coisa... (*Guarda a carteira.*) Tremi ao abrir o bahú... tremi ao tirar a carteira... tremi ao sahir do quarto... Tive medo... Si era a primeira vez!.. Estes receios estupidos perdem-se com a continuação... Heide perdel-os... E queria aquelle idiota que eu dividisse o dinheiro! . Que venha para cá!..

SCENA XIV

José e Anselmo

ANSELMO. (*que, sem ser visto por José, tem entrado cautelosamente a olhar para todos os lados, batendo-lhe no hombro*) O meu dinheiro!

JOSÉ. (*dando um salto.*) Heim?.. (*A' parte.*) Temol-o outra vez!.. (*Alto.*) Que dinheiro?..

ANSELMO. O dinheiro do roubo.

JOSÉ. O Sr. está sonhando! Pois eu sei lá d'isso?..

ANSELMO. Vamos: nada de hypoerisias nem de subterfugios. Quero já e já o meu dinheiro!

JOSE' (*vindo.*) E a chave... Não a quer também?...

ANSELMO. A chave! A minha rica chavesinha!.. Oh! perdô-lhe tudo, com tanto que m'a restitua.

JOSE'. E pensa o amiguinho que a deixei no bahú por esquecimento?

ANSELMO. Então porque foi?

JOSE'. Deixei-a muito propositalmente. Aquella chave tem o seu nome e serve optimamente para afastar suspeitas..

ANSELMO. (*avançando.*) Ah! miseravel! Quer perder-me!

JOSE'. (*recuando*) Morrer por morrer—morra o Sr. que é mais velho. Agora, é deixar que as coisas sigam o seu curso. Si o amigo fôr filado, prometto ir todos os dias visital-o á cadeia ..

ANSELMO. (*com as mãos na cabeça.*) Estou perdido! Estou perdido!

JOSE'. Aguenta-se! (*Rumôr na officina*)

ANSELMO. O que é isto?

JOSE'. Pouca coisa. E' o dono do bahú que .. achou a sua chave.

ANSELMO. (*cahindo n'uma cadeira.*) Ah! o meu nome! o meu nome!

PEDRO. (*dentro.*) Roubado! Roubado!

JOSE'. Fuja! Si Pedro o encontrar aqui, esmaga o!..

ANSELMO. (*erguendo-se.*) Mas eu não sou o verdadeiro culpado!..

JOSE'. Não sei. O que falla a verdade é a chave.

ANSELMO. Perdido! perdido!.. Ah! quizeste perder-me, miseravel!.. Mas heide vingar-me! (*Sahe.*)

SCENA XV

JOSE'. (*indo até á porta por onde Anselmo sahio e voltando.*) Estou salvo! Digam, si são capazes, que o ladrão sou eu!..

SCENA XVI

Josè e Pedro

PEDRO. Roubado! Estou roubado! (*Atira a chave ao chão.*)

JOSE'. Roubado? Como? (*Apanha a chave e examina-a.*) Coragem, Pedro. Eu conheço o ladrão.

PEDRO. Conheces ?.. Quem é ?..

JOSE'. O Anselmo Gil.

PEDRO. Anselmo? Como sabes?..

JOSE'. (*mostrando a chave.*) Eis a prova. Além de que, vi-o entrar e sahir d'aqui ha talvez meia hora.

PEDRO. Mas como podia elle saber?

JOSE'. Isso é que eu não sei ..

PEDRO. Não, não é possível. Anselmo é um agiota, mas não é um ladrão... Sem duvida, roubaram-lhe a chave... Não, o ladrão não é elle.

JOSE'. Quem é então ?

SCENA XVII

Os mesmos, Anselmo e dois policias

ANSELMO. (*apparece á porta, onde deixa os policias, desce e bate no hombro de José.*) Ladrão !

JOSE'. (*recuando assutado.*) O que diz ?

PEDRO. Elle ?

ANSELMO. Onde é que está a minha chave, a chave que me roubaste ?.. Vamos: responde ?.. Si queres guardar silencio, está ali á porta quem póde obrigar-te a fallar.

JOSE'. (*anniquilado, á parte.*) Maldicto !

PEDRO. Então foste tu, miseravel! E andavas aqui fazendo de homem de bem !

JOSE'. O Senhor esta louco ?

ANSELMO. (*a Pedro.*) Quanto tinha o senhor ?

PEDRO. Dois contos e quinhentos mil réis em uma carteira preta.

ANSELMO. (*aos soldados.*) Revistem este homem. (*Os soldados avançam.*)

JOSE'. (*recuando.*) Revistar me ! a mim !.. Não consinto !.. E' uma infamia !.. Eu não roubei coisa alguma !.

SCENA XVIII

Os mesmos e João

JOÃO (*vai entrar pelo fundo, mas, ao ouvir as palavras de José e ao ver os soldados, volta-se para dentro, gritando.*) Rapazes ! rapazes !.. Depressa ! Temos ladrão em casa !

ANSELMO. Esse medo depõe contra a sua innocencia. Si nada roubou, deixe-se revistar. *(Aos soldados.)* Revistem-no! *(Os soldados seguram José.— Entram todos os operarios e formam grupo.)*

SCENA XIX

Os mesmos e Operarios

JOSÉ. *(luctando.)* Deixem-me !.. Deixem-me !.. *(Trava se a lucta.— Um dos soldados tira do bolso de José a carteira, que entrega a Anselmo.)*

TODOS. Ah !

JOÃO. *(aos operarios.)* um ladrão ! Estão vendo ?..

ANSELMO. *(dando a carteira a Pedro.)* E' esta ?

PEDRO. *(abrindo-a para verificar.)* E'.

ANSELMO. *(aos soldados.)* Levem-no, levem-no. Cadêa com o marreco ! *(Os soldados conduzem José.)*

JOSÉ. *(luctando.)* Miseraveis ! miseraveis !.. Heide vingar-me !.. *(Sai.— Anselmo segue-o.)*

SCENA XXI

Pedro, João e Operarios

PEDRO. Viram, meus amigos ?.. Era um ladrão ! E eu que pensava tel-o salvo do abysmo !..

JOÃO. O mestre sempre dizia que aquelle canalha havia de acabar mal !

SCENA XXI

Os mesmos, Antonio, Manoel e Maria

ANTONIO. José ! José !..

JOÃO. E' inutil chamal-o, mestre. O canalha do José está preso.

ANTONIO. Preso !

MANOEL. *(ao mesmo tempo.)* Preso !

MARIA. *(ao mesmo tempo.)* Preso !

JOÃO. E preso por ladrão ! (*Aos operarios.*) Não é verdade, rapazes ?

OS OPERARIOS. (*á uma voz.*) Sim, sim ! por ladrão !

MARIA. (*adiantando-se, com um grito de alegria.*) Ah ! então posso fallar !

ANTONIO. O que tens a dizer ?..

MARIA. Tenho a dizer, meu pai, que estou innocente, que estou pura... que esse miseravel calumniou-me infamemente !..

ANTONIO. Que dizes ?..

MANOEL. Minha filha !

PEDRO. Ah !

MARIA. Si ha mais tempo não fiz esta revelação, foi porque José jurou que o mataria, si eu dissesse uma palavra, meu pai !.. (*Ajoelhando ante o pai.*) Meu pai, juro pela memoria de minha mãe, que fui calumniada !

ANTONIO. Basta, filha ! Creio. (*Recebe-a nos braços.*)

MANOEL. Dá-me um beijo, filha ! (*Beija-a.*)

MARIA. (*timidamente.*) E tu, Pedro ?..

PEDRO. (*beijando-lhe a mão.*) Eu... adoro-te !

JOÃO. Mestre, os operarios honrados saudam o mestre honrado, e não tendo mais para offerecer-lhe no dia em que foi d'esta casa expulso o infame, e n'ella entrou de novo a felicidade, cantam em seu louvor o hymno do trabalho ! (*Os operarios, em duas alas, cantam o côro do 1º acto.—Todos repetem o canto.—Desce o panno*)

FIM



V

O ANJO DO LAR

DRAMA ORIGINAL EM 2 ACTOS



Personagens

Julia	10	annos
Maria	25	>
Lucia	20	>
Doutor Castro.	50	>
Jorge da Silva.	40	>
Dois criados.							

Este drama foi, em 1881, escripto a pedido da então pequenita actriz Julieta dos Santos.



Duas palavras

Este pequeno drama foi severamente recebido, allegando-se em prol d'essa severidade:

1º.—ser impossivel que uma criança de 10 annos, por muito viva, por muito talentosa que seja, emitta uma linguagem como a de que se serve a minha heroina.

2º.—Ser o papel de Jorge uma monstruosidade inadmissivel.

De accôrdo, quanto ao primeiro ponto. A linguagem é, realmente, demasiado elevada para uma criança. Mas quando creei o papel de Julia, não o fiz para que o considerassem como um modelo de naturalidade. Foi unicamente para pôr á prova o talento genial da actrizinha para quem o destinava, tornando-o de difficil execução, não só quanto á parte litteraria como tambem quanto á dramatica.

No que diz respeito ao segundo ponto, foram injustos os criticos. Innumerous exemplos de requintada perversidade, ora consequente do amôr, ora do odio, ora da ambição, são, quasi diariamente, noticiados pela imprensa. Ora, si são admittidas essas monstruosidades na vida real, porque não havia eu de transplantar uma d'ellas para a vida ficticia do theatro? Mães que abandonam a prole, pais que estrangulam os filhos, irmãos que violentam as irmãs, homens que assassinam, compellidos pelo odio ou pela ambição do ouro—de taes monstros muitas e muitas vezes tem-se occupado os jornaes. Jorge, pois, é uma monstruosidade, mas não inadmissivel. Além d'isso, Jorge não ama Maria: o seu fim—unico, exclusivo,—é apossar-se da sua fortuna. Maria, completamente illudida, aceita-o, mas com a condição—*sine qua non*—de passarem todos os seus haveres a pertencer á filha. Julia, pois, torna-se um obstaculo á realização dos mais intimos desejos de Jorge, cujo character máo está plenamente definido desde a scena VI do 1º acto. Jorge quer dinheiro, precisa de dinheiro, de muito dinheiro, e, para obtel-o, tenta afastar o obstaculo que se lhe antepõe, mostrando-se, porém,

sempre extremamente carinhoso, carinhosamente dedicado, para não attrahir suspeitas.

O doutor Castro,—digo-o com orgulho,—é um typo bem delineado sem falha, justo, cheio de razão, amigo verdadeiro.

Maria é um character natural. Viuva aos vinte e cinco annos, em plena mocidade, em pleno vigor dos sentidos e das aspirações, illudida pelas palavras de Jorge, entrega-se-lhe, tendo, porém, antes o maternal cuidado de garantir o futuro da filha, garantia essa que,—como muitas vezes succede,—foi justamente a causa de todo o mal.

Lucia, finalmente, é a criada dedicada á casa onde vive. Vio nascer Julia, e dedica-lhe todos os thesouros de bondade do seu coração, todos os affectos de sua alma.

O unico ponto, pois, vulneravel do meu trabalho, é a linguagem de Julia. Esse, porém, fica claramente explicado.



ACTO I

Sala rica. Portas ao fundo e á esquerda. A' direita, no primeiro plano, uma janella, no segundo plano, uma porta. A porta do primeiro plano da esquerda está fechada.

SCENA I

MARIA. (*sentada no sofá, em attitude meditativa.*)
Amar-me-ha tanto este homem ? Não serão uma mentira estes extremos de amôr que tantas vezes me tem mostrado ?.. Tenho escarnecido tanto d'elle; tenho-lhe revelado tanta indifferença, tanto desprezo mesmo, que si não fôsse verdadeiro o seu amôr, nunca mais tentaria commover-me .. E quem me assegura que a sua paixão não é pelo meu ouro, pela minha opulencia ?.. A'svezes está quasi a partir-me dos labios a palavra que resolverá esta lucta que dura ha tantos mezes... mas lembro-me que posso ser enganada, e tenho medo... não por mim, mas por minha filha... A pobre criança é quem mais havia de soffrer... talvez mãos tractos... talvez a miseria um dia... quem sabe ?.. Fui feliz no primeiro matrimonio; mas sel-o-hei no segundo ? (*Pausa.*) Hoje vou submettel-o á ultima prova, á prova mais dolorosa. Si triumphar d'ella, então não tenho mais nada a receiar. Entregar-me hei.. (*Toca um tympano.*)

SCENA II

Maria e Lucia

LUCIA. Determina alguma coisa, minha Sra. ?

MARIA. Lucia, manda servir o almoço.

LUCIA. Mas...

MARIA. O que ha ?

LUCIA. O Sr. Jorge está ha mais de uma hora na sala de espera...

MARIA. (*sorrindo levemente.*) Já?... Pois manda-o embora.

LUCIA. Elle declarou que não sahirá sem fallar á Sra.

MARIA. Não me deixa descançada um momento!... Que entre.

LUCIA. Sim, minha Sra. (*Sahe. Jorge entra.*)

SCENA III

Maria e Jorge

MARIA. O Sr. é... inconveniente...

JORGE. (*indo a ella e querendo beijar-lhe a mão.*) Maria..

MARIA. (*erguendo-se.*) Saia! (*A' parte.*) Resistirá?

JORGE. Mas...

MARIA. Si vem á minha casa para fazer loucuras, previno-o que não estou resolvida a supportal-o.

JORGE. Mas para que essa frieza? Não vê que a amo tanto?..

MARIA. Mas eu não o amo.

JORGE. A Sra. é cruel.. Que mais é preciso que eu faça para provar-lhe o meu amor?..

MARIA. E o que tem feito o Sr.?

JORGE. Veja: era moço, e estou velho...

MARIA. (*dando uma risada.*) Deveras?

JORGE. Porque ri-se?

MARIA. Por nada. O Sr. é de uma ingenuidade unica... Pois ignora que se envelhece á proporção que os annos passam?... Olhe: eu hoje tenho vinte e cinco annos; mas d'aqui a vinte e cinco annos terei cincuenta, e estarei velha, não é verdade?... (*Olhando-o fixamente.*) E si quizer continuar a ser sempre moça, serei forçada a pintar os cabellos, a carminar-me, a..

JORGE. Mas...

MARIA. Diga me, meu caro Sr.: não acha ridiculo um velho apaixonado?

JORGE. (*contendo-se a custo.*) Si eu fôra velho diria:— acho sublime!

MARIA. Mas como não é velho...

JORGE. Digo que não sei...

MARIA. Com que modo me falla ! Dir-se-hia que o offendi...

JORGE. Em que ?

MARIA. Ora, em que !. No seu amôr proprio de... moço !

JORGE. Maria, para que hade martyrisar-me assim ?.. Creia que a amo... Olhe que o escravo revolta-se um dia contra o jugo que o opprime, e...

MARIA. Ameaça-me ?.. Na sua idade, creia, não lhe fica bem essa linguagem...

JORGE. Oh ! é de mais !.. Adeus !.. (*Parte.*)

MARIA. (*dundo uma risada.*) Boa viagem !

SCENA IV

MARIA. Si me ama, como diz, voltará. Custa-me a feril-o assim, tanto, porque o amo tambem. . Mas em primeiro lugar está minha filha, a minha querida Julia ..

SCENA V

Maria e Julia

JULIA. (*com um ramo de flores, entrando a correr.*) Mamã !.. Mamã !..

MARIA. Estou aqui, minha filha.

JULIA. Dá-me um abraço bem apertado e um beijo bem grande, anda... (*Reparando.*) Mas estás triste ?

MARIA. Não... Triste, porque ?..

JULIA. Estavas te lembrando do papá, não é verdade ?.. Elle era tão bom ! Todas as noites sonho com elle... Vejo-o sorrir-se para mim, acariciar-me com o olhar... Mas quando estendo os braços para apertá-lo ao coração, a sua imagem so me se, para apparecer mais longe, dizendo-me adeus com a mão e com os olhos rasos de lagrimas... A's vezes, accordo-me em sobresalto, chorando tambem. . Mamã, onde está o papá ?..

MARIA. Está no céo, minha filha, para onde vão os justos e os bons.

JULIA. Como deve ser bonito o céo, mamã !... A patria dos anjos e das harmonias, da infinita pureza e dos canticos divinaes, das flôres que nunca murcham e dos perfumes infindos,

das luzes que nunca expiram e dos eternos sorrisos !.. Com^o deve ser bonito o céu !.. Às vezes tenho desejos de morrer par^a ir vêr o papá no céu !..

MARIA. Morrer !.. Não digas isso, filha ! E não tinhas pena de deixar-me aqui, não tinhas saudades de mim ?..

JULIA. Mas tu morrerias também e iríamos juntas.. Com que alegria nos abraçaria o papá !.. Ha tanto tempo que não nos vê, que já deve estar com muitas saudades.. E o céu não é melhor do que a terra ?.. As flôres da terra murcham ao mais fraco raio do sol; as luzes extinguem-se ao menor sopro da briza; os perfumes evaporam-se como apparecem; as harmonias expiram no meio dos soluços; os canticos de alegria orvalham-se de lágrimas.. Venho do jardim. As flôres estão todas abertas e os perfumes chegaram a entontecer-me.. Mas d'aqui á pouco, o sol desfolhará as flores e a briza levará todos os perfumes.. O que fica sendo o nosso jardim ?.. Um cemiterio juncado dos cadaveres das flores, respirando a tristeza da morte.. O céu é melhor, mamã ..

MARIA.. E', filha; mas não ha quem queira morrer..

JULIA. Não entristeças outra vez.. Trouxe do jardim este ramo de flores para offerecer-te.. A Lucia disse-me que fazias annos hoje. Quantos annos, mamã ?..

MARIA. Vinte e cinco, minha filha.

JULIA. Vinte e cinco !.. Mas então tu és muito mais velha do que eu !..

MARIA. (*sorrindo*) Sou. Si não fôsse muito mais velha do que tu, não podia ser a tua mamã..

JULIA. Ora; ahí está ! E não queres ir para o céu, tu, que tantas vezes me tens dito que no céu não se envelhece !

MARIA. Mas ..

JULIA. Olha;— lá, os nossos cabellos fluctuariam, corados de flôres, ás brizas od rosas; tu cantarias as melodias do amor que me tens; os teus olhos teriam mais brilho e mais belleza. Lá, ajoelhada a teus pés, como o crente fervoroso aos pés da imagem de Christo, eu te adormeceria ao som dos meus hymnos, e, volando o teu somno puro, sonharia contigo. Lá, as estrellas iriam depor nos zos pés as puras offerendas do seu melancolico brilho; os vergéis se abateriam para formar macio tapete a nossa passagem; as brizas sonoras beijariam, embalsamando-os, os nossos cabellos; as flores se debruçariam nas hastes debeis para depositarem em nossos labios os purissimos osculos

do amor purissimo; os anjos nos acompanhariam em triumpho, emtoando os seus mais suaves cantares...

MARIA. (*abraçando-a e beijando-a ternamente.*) Julia!..

JULIA. Mas tu choras?. Porque?. Não chores mais, que o mundo não merece essas lagrimas... Tu disseste que o céu é a nossa patria... Enxuga as tuas lagrimas, e olha para o céu; enxuga os teus olhos, para que possam n'elles reflectir-se os thesouros de bondade da tua alma; enxuga os teus olhos, mamã, e abracemo-nos, para ascendermos ao céu—a nossa patria! Como seria bonito!.. Com as nossas fronte circumdadas pela luz effusadora da felicidade, com os olhos vibrantes das alegrias intimas e purissimas d'alma, com os labios descerrados pelo sorriso perfumado de um sonho de alegria,—seria tão bom nos erguermos nas azas da briza ao paraizo das ignotas felicidades, á patria azul dos sonhos loiros--ao céu!.. Lá encontraríamos o papá... Coitado!.. Como elle deve estar com saudades de nós!.. Tu não queres vel-o?.

MARIA. Para que?.

JULIA. Para que?. E' bem verdade que de certo tempo a esta parte não choraste mais por elle, não me fallaste mais no seu nome... Porque, mamã?..

MARIA. Porque o mundo é assim, minha filha... Ai! de nós si a saudade fôsse eterna!.. Tudo tem um fim..

JULIA. Mas como é que eu choro ainda?... Como é que ainda tenho tantas saudades? Lembro-me tão bem! Os passarinhos cantavam no jardim, espantando-se dos primeiros raios do sol que despontava; as rosas abriam as suas petalas purpuras, cobertas das lagrimas crystalinas do orvalho; as brancas açucenas desabrochavam timidás, como que receiosas de entrarem em concorrência com as rosas; a briza suspirava por entre as flores, como que murmurando uma cantiga de saudades... Eu brincava no caramanchão, conversando com as flores, que se abriam, com o sol, que despontava doirado e alegre, com a briza, que passava suspirando... De repente, ouço um grito, um grito tão agudo, tão doloroso, que senti o meu coração comprimir-se e os meus joelhos vergarem-se... Fiquei um momento hirta... Aquelle grito fez-me tanto mal!.. Fiz um esforço e corri para casa... (*Escondendo a fronte no seio de Maria.*) Ah! mamã!...

MARIA. (*chorando*) Cala-te, filha!.. Para que recordar as nossas dôres passadas?..

JULIA. Tu estavas sentada n'esta cadeira, com o rosto occulto nas mãos, e soluçavas tanto, que me despedaçaste o coração...—«Porque choras?»—perguntei-te. Não me respondeste. Abraçaste-me em silencio, e apontaste para o quarto do papá. Cheguei á porta e vi .. e vi.. Ah! quando me lembro d'isto, tenho medo de enlouquecer!.. Vi um padre ajoelhado aos pés do leito, resando com voz tremula e os olhos humidos... vi o doutor, com o rosto pallido e contrahido, segurando uma vela na mão livida de meu pai, que parecia olhar-me com os seus olhos vitreos e sem movimento.. sorrir-me com os seus labios brancos e mudos... Dei um grito e corri para elle.. O padre ergueu-se dos pés do leito e o doutor disse:—«Está morto!»—Morto!.. O meu bom papá estava morto!.. Senti como si alguma coisa se me despedaçasse no peito.. os olhos fecharam-se-me... e cahi .. Ah! mamã.. como custam estas recordações!..

MARIA.. Basta, filha!.. basta!..

JULIA. Oito dias depois, perguntei-te pelo papá. —«Está no cco...» —me respondeste, chorando. Vestiste-me de preto e ensinaste-me a resar pela sua alma. D'ahi em diante fui todos os dias orar perto do leito em que meu pai expirou. . A's vezes parece-me vel-o erguer-se... dirigir-se para mim, apertar-me nos braços e cobrir-me de beijos e de lagrimas .. Mamã, como é triste não se ter pai!

MARIA. E si eu te desse outro papá Julia? Querias?!

JULIA. Outro papá!.. Como!.. Tu pedes?!

MARIA. Posso, minha filha.

JULIA. E esse papá que queres dar-me será tão bom como o outro?

MARIA. Hade ser, porque não poderá deixar de amar-te, de querer-te muito.

JULIA. E quem e elle?

MARIA. Depois saberás.

JULIA. E porque não me dizes já?.. (*Abraçando-a.*) A mamã bem sabe que eu sei guardar segredos ..

MARIA. Não. Depois. Vamos almoçar.

JULIA. E as flôres? *Tomando o ramo, que está sobre uma cadeira.*) Quero collocal-as no vaso, bem defronte de ti, sim?..

MARIA. (*beijando-a.*) Sim, minha filha.

JULIA. Vamos. (*Sahem. Ascena fica vasia um momento.*)

SCENA VI

JORGE. (*apparecendo á porta.*) Ninguem... (*Entra.*) Heide convencel-a, porque assim é preciso. Esta mulher é a minha salvação: preciso da sua fortuna, e heide tel-a... Não a amo, porque nunca amei mulher alguma... O amôr é uma tolice... Não é do amor que se vive, mas do prazer... e como não ha prazer sem dinheiro, eu venho procurar o dinheiro aqui. Tenho representado soberbamente o meu papel. Ella está quasi convencida de que ardo em um Vesuvio de amor, e hade entregar-se... Mais dia ou menos dia, tudo isto será meu... tudo... Serei o homem mais feliz do mundo!.. (*Outro tom*) E mais feliz seria, si não fosse essa criança... Julia é uma nuvem no meu céu... E' bem verdade que basta um sôpro para desfazer uma nuvem do tamanho d'ella... Mas tractemos primeiro de attrahir a viuva, que tempo não faltará para nos occuparmos da filha... Esta mulher é terrivel. Si não fôra a minha coragem, ha muito teria sido batido vergonhosamente... Suppõe que todos a illudem, e duvida de todos... Mas os fortes também são vencidos... Um pouco mais de perseverança, e o inimigo entregará as armas... Si dentro de um mez não estiver casado, fico perdido... E' preciso, pois, que isto tenha um fim e mais breve possível...

SCENA VII

Jorge e Julia

JULIA. (*com o ramo.*) Ah! estava aqui?

JORGE. Cheguei ha pouco, minha menina. Para quem são essas flores?

JULIA. Estas flores são da mamã. Colhi-as esta manhã para offerecer-lhe.

JORGE. Ah!

JULIA. A mamã faz annos hoje, e bem vê que...

JORGE. Ah! a mamã faz annos hoje?

JULIA. Faz. A Lucia disse-m'o, e eu, não tendo outra coisa para offerecer-lhe como lembrança, dei-lhe esta ramo. Acha bonito?

JORGE. E' lindissimo... mas não tanto como a menina...

JULIA. (*sorrindo.*) Deveras ?

JORGE. Sem duvida. O seu rostinho mimoso tem mais frescura do que essas açucenas, e os seus labios nacarados mais perfume do que essas rosas... A menina é um anjo... Ama muito a sua mamã ?..

JULIA. Por certo. Qual é a filha que não ama sua mãe ?.. Si o amor filial não fôsse espontaneo, seria um dever. Além d'isso, a minha mamã é tao boa, faz-me tantos mimos, que, embora eu tentasse, nao poderia deixar de amala

JORGE. E quem lhe ensinou essas coisas, minha menina ?

JULIA. Ninguem. Digo o que o meu coração sente. Estas coisas não se aprendem: nascem conosco.

JORGE. E si a sua mamã, em vez de encher-a de mimos e de caricias, tractasse mal a menina ?..

JULIA. O que quer dizer ?

JORGE. Sim... si a sua mamã fôsse má, si a reprehendesse, si a castigasse, o que faria a menina ?..

JULIA. O que faria ?.. Amava-a da mesma maneira, porque, boa ou má, não deixaria nunca de ser minha mãe.

JORGE. A menina falla como um anjo. E o seu papá ?.. Ainda se lembra d'elle ?

JULIA. (*entristecendo.*) Lembro-me... e reso sempre a Deus pela sua alma.

JORGE. Onde ?

JULIA. (*mostrando a porta que está fechada.*) Ali...

JORGE. (*indo á porta.*) Aqui ?

JULIA. (*tomando a porta.*) Não se approxime...

JORGE. Porque ?..

JULIA. Este quarto é sagrado. Foi aqui que meu pai exhalou o derradeiro suspiro, foi aqui que eu derramei as primeiras lagrimas da orphandade, foi aqui que eu chorei pela primeira vez... (*Abrindo a porta.*) Olhe:--foi n'aquelle leito que elle expirou. O padre, um velho, que tambem já morreu, estava ali, e joelhos, resando com voz tremula, mais pela commoção do que pela idade... A' cabeceira estava o doutor. Vi duas lagrimas lentas e grandes deslisarem pelo rosto cadaverico de meu pai... o seu olhar turvar-se... os seus labios contrahirem-se em um suspiro doloroso... O doutor, sem me ver, disse ao padre:—«Está morto!..»—(*Fechando a porta, e limpando os olhos.*) Já vê que este quarto é sagrado para mim... Aqui ninguem entra além de mim e de minha mãe...

JORGE. O seu papá amava-a muito tambem ?..

JULIA. Muito !

JORGE. E si a sua mamã lhe dêsse outro pai ?..

JULIA. E então ?..

JORGE. Amal-o-hia muito ?..

JULIA. Não sei... talvez...mas não tanto como ao outro...

JORGE. E si esse papá fosse eu?

JULIA. O senhor ?..

JORGE. Sim: não queria ser minha filha?

JULIA. Para que?

JORGE. Eu havia de ser muito seu amiguinho... Dar-lhe-hia os mesmos mimos, as mesmas caricias que seu pai lhe dava...

JULIA. Deveras ?..

JORGE. Sem duvida .. Queria ?..

JULIA. Talvez...

JORGE. Mas a sua mamã não quer...

JULIA. Porque ?

JORGE. Não sei. Pergunte-lh'o... Não, não lhe pergunte nada... Diga-lhe antes:—«Mamã, o senhor Jorge é muito meu amiguinho e ama-te muito... Peço-te que consintas que elle seja meu pai...»

JULIA. E si ella disser que não ?

JORGE. Diga-lhe ainda:—«Elle prometteu ser para mim tão bom como foi meu pai... prometteu amar-me tanto como si eu fôsse sua filha. Eu quero que elle seja meu pai, sim mamã?.. Elle tem, soffrido tanto por tua causa, tem sido tão infeliz pelo amor que te tem que é justo que lhe dê essa felicidade...»—

JULIA. Só isso ?

JORGE. Sô. E si a menina conseguir isso, eu não serei somente seu pai, pai carinhoso, cheio de affecto e de amor... Serei tambem seu escravo...

JULIA. Escravo ?.. Não! Será meu pai... Olhe... parece-me que já o amo...

JORGE. Já ?.. (*Beijando-a.*) Minha filha !

JULIA. Oh! era com essa ternura que meu pai tambem me chamava... Era com esse affecto que elle tambem me beijava... (*Abraçando-o.*) Amo-te, papá!.. amo-te!..

JORGE. (*á parte.*) Primeiro triumpho! Heide vencer sempre !

SCENA VIII

Os mesmos e o Doutor

DOUTOR. Pode-se entrar ?

JULIA. (*indo ao doutor.*) Oh ! é o Sr. doutor!.. Seja bem vindo. Porque é que ha tanto tempo não vem cá? Eu devia ficar mal com o Sr...

DOUTOR. (*depois de cumprimentar friamente a Jorge.*) O que queres, minha gazellinha ?.. Tive tantos afazeres, que não me sobrou tempo para vir ver-te...

JULIA. Sim ?

DOUTOR. Estavas com saudades ?

JULIA. Muitas Mas o Sr. é um ingrato: não faz caso das pessoas que o estimam. Estou tão zangada, que de repente...

DOUTOR. O que fazes ?

JULIA. Dou-lhe um abraço.

DOUTOR. Pois venha ellé, e um beijo tambem, para ser completa a reconciliação. (*Abraça-a e beija-a.*)

JULIA. E' assim que eu me vingo de quem me offende.

DOUTOR. E vingas-te... como se vingam os anjos!

JULIA. E' assim que os anjos se vingam ?

DOUTOR. E'. A vingança d'elles é o perdão. Pensa sempre assim, minha filha, e hasde ser feliz.

SCENA IX

Os mesmos e Lucia

LUCIA. Ah! está cá, Sr. doutor? Ia mandar chamal-o. (*Vendo Jorge, á parte.*) Sempre este homem!

DOUTOR. Para que ?

LUCIA. A senhora precisa muito fallar-lhe, e por isso...

DOUTOR. Está ella doente, Julia ?

JULIA. Não, senhor.

DOUTOR. Melhor. Prefiro ser chamado pelos que gosam perfeita saude.

JULIA. Mas quer ser chamado somente pelos que gosam saude ?

DOUTOR. Porque é prova de que a humanidade não soffre.

LUCIA. O Sr. doutor quer ter a bondade de entrar ?

DOUTOR. Vamos. (*Sahe. — Lucia segue-o.*)

SCENA X

Jorge e Julia

JULIA. Sabe que estive quasi dizendo ao doutor que ia ter outro papá?

JORGE. Faria mal si o dissesse.

JULIA. Porque?

JORGE. Porque não convem que o doutor saiba por ora. Esse homem aborrece-me. Reparou? Durante o tempo que aqui estive não me dirigio uma unica palavra... (*Tomando o chá-pé.*) Vou retirar-me.

JULIA. Não espera então pela mamã?..

JORGE. Não. Voltarei depois. A sua mamã está agora em conferencia com o doutor, e não pode attender-me.

JULIA. Então volte, sim?..

JORGE. Sim; d'aqui á pouco. A minha filha não se esqueça do meu pedido. Lembra-se ainda?..

JULIA. Lembro-me. Vá descansado, que a mamã hade querer. Ella faz sempre o que eu peço. Mas o senhor não hade entrar nunca n'aquelle quarto...

JORGE. Entrarei, Julia,

JULIA. Entrará?. Então...

JORGE. Mas para resar contigo pelo teu papá.

JULIA. O senhor resará tambem?

JORGE. Sem duvida. Ajoelhar-me-hei a teu lado, unirei as mãos como tu, e juntos pediremos a Deus por elle, sim?..

JULIA. Sim. . Dê-me um abraço...

JORGE. (*abraçando-a.*) Faça com que a sua mamã me ame...

JULIA. Heide fazer.

JORGE. Até logo. . (*A parte.*) Representei optimamente o meu papel de bom pai!.. (*Sahe*)

SCENA XI

JULIA. (*pensativa.*) Mas si a mamã não quizer?... O que heide eu fazer para convencel-a?. Como heide provar-lhe que o Sr. Jorge gosta muito d'ella, e que me ama como si eu fôsse sua filha?.. (*Outro tom.*) Ora! Ella hade querer... porque eu quero Heide prometter-lhe muitos abraços, muitos be-

jose e muitas flôres.. E por fallar em flôres: não me esqueci d'este pobre ramo ?. (*Toma o ramo que deixára no sophá.*) Não entristeçam, minhas flôres . Vou pol-as em um vaso bem bonito e com bastante agua, para que não murchem. . Eu não quero que murchem... fiquem sabendo... Vamos lá ! (*Sabe.*)

SCENA XII

Maria e Doutor

MARIA. Onde está elle ?.

DOUTOR. Provavelmente, já se retirou. Achou que a demora foi demasiada e...

MARIA. O doutor conhece esse homem?..

DOUTOR. De vista apenas.

MARIA. E por informações ?

DOUTOR. Quasi tanto como de vista.

MARIA. E o que se diz d'elle ?

DOUTOR. Que eu saiba, pouco.

MARIA. Posso saber ?

DOUTOR. A Sra. interessa-se muito por elle ?.

MARIA. Não. Desejo simplesmente saber com quem tracto. Esse homem vem á minha casa e ..

DOUTOR. E ama-a...

MARIA. A mim?...

DOUTOR. Por certo que não hade ser á menina Julia, que tem apenas dez annos !..

MARIA. Doutor !

DOUTOR. Quer que lhe diga como sei isto, não ?

MARIA. Peça-lhe.

DOUTOR. Pois bem: foi elle mesmo quem revelou o segredo. Estavamos conversando quatro ou cinco amigos. Elle chegou. Depois de m'o apresentarem, a palestra tornou-se geral e fallou-se de mulheres...

MARIA. (*sorrindo.*) Pois o doutor !..

DOUTOR. Eu tambem... Pois então ! A velhice não exclue o sentimento do bello. Conheci um homem de setenta annos que passava os dias encostado á esquina de uma rua, contemplando uma moça. Um anno durou essa contemplação muda. Um dia, a moça casou-se...

MARIA. Com o velho ?

DOCTOR. Não. Com um moço.

MARIA. E o velho ?

DOCTOR. Quinze dias depois era conduzido por meia duzia de amigos..

MARIA. Para onde ?

DOCTOR. Para o cemiterio. Morrêra de paixão...

MARIA. Era poeta ?

DOCTOR. Não. Era commendador de uma ordem qualquer...

MARIA. Admira.

DOCTOR. Não admira tal. Si fôsse poeta, embora com setenta annos, não teria deixado que a moça casasse com outro... Mas voltemos ao nosso homem. Apenas principiámos a fallar de mulheres, o Sr. Jorge tornou-se triste. Perguntaram-lhe a razão, e calou se. Instaram, e...

MARIA. E...

DOCTOR. E disse tudo.

MARIA. Mas o que disse elle ?

DOCTOR. Ora ! .. Disse que a amava.. que estava louco pela senhora.., que...

MARIA. E depois ?

DOCTOR. Mais nada. A Sra ama-o ?

MARIA. Talvez, doutor.

DOCTOR. No amor não ha talvez, minha Sra. Ama-se ou não se ama. Ama-o ?

MARIA. Sim... amo-o... mas...

DOCTOR. O que ?

MARIA. Queria consultal-o. O doutor é um amigo velho da casa, um homem experimentado e sisudo. Falle-me com franqueza: faço bem em tornar a casar-me ?

DOCTOR. Não sei. Consulte o seu coração. Si elle disser—sim,—sim; si disser—não,—não, e está tudo acabado. A Sra. tem bastante experiencia do mundo para pedir conselhos a quem quer que seja.

MARIA. Mas o coração engana tantas vezes...

DOCTOR. Engana; mas quando não somos nós enganados ?

MARIA. E si o doutor estivesse no meu logar, o que faria ?

DOCTOR. Eu ?.. Não me casava.

MARIA. Porque ?

DOCTOR. Porque sabia o que tinha e ignorava o que havia de ter. Sabe o adagio:— mais vale um passaro na mão do

que dois voando...—A Sra. é rica, independente e respeitada. Para que hade abandonar esta tranquilidade, esta calma ininterrompida em que vive, pelo que não conhece, pelo ignoto?.. A Sra. foi feliz no seu primeiro casamento. Sel-o-ha no segundo?..

MARIA. Essa pergunta já fiz a mim propria...

DOCTOR. E o que lhe respondeu o coração?

MARIA. Nada... Calou-se.

DOCTOR. Calou-se, porque o problema é insolúvel. O casamento é como a Loteria. Compramos o bilhete, muitas vezes com sacrificio. N'esse pedaço de papel concentramos todas as nossas esperanças, todos os nossos pensamentos. Formamos mil castellos, edificamos palacios, compramos carruagens, temos lacaios, damos bailes, alquirimos um titulo de nobreza, sustentamos, enfim, um apparatus esplendido. É a força de pensarmos n estas coisas, convencemo-nos de que já as possuímos e habituamo-nos a ellas. Um dia, anda a roda. Nós lá estamos, com o coração palpitante, os olhos fixos, as narinas dilatadas, o corpo tremulo... De repente, a um simples movimento d'aquellas rodas de que está pendent: a nossa fortuna, desmornam-se os palacios; as carruagens os bailes, os titulos, os lacaios, a opulencia—tudo desaparece em um momento. Tudo aquillo não foi mais do que um sonho... Onde julgavamos achar a felicidade, fomos encontrar um desengano cruel, um desengano muitas vezes fatal. O casamento é assim...

MARIA. Mas então ninguem se casaria!

DOCTOR. Perdão... Pela mesma razão, ninguem compraria bilhetes da loteria, e todo o mundo os compra. Nem todos tiram bilhete branco. Eu fallei unicamente dos que perdem. Ha muitos que ganham. Mas tanto uns como outros, atiram-se ao desconhecido. Aquelles erram o alvo, estes acertam:—é a felicidade de cada um.

MARIA. Mas o que me aconselha?

DOCTOR. Já lhe disse:—consulte o seu coração. A Sra vai comprar um bilhete da loteria. Desejo de toda a minha alma que tire a sorte grande.

MARIA. Então incommodei-o inutilmente, doutor.

DOCTOR. Pelo contrario: deu-me um prazer lembrando se de mim. Sinto não poder dar-lhe um conselho, porque um conselho é coisa muito melindrosa... Si fôsse uma receita...

MARIA. Obrigada.

DOCTOR. Eu, no seu caso, não me casaria. E' unicamente

o que posso dizer. Mas a Sra. tem muito juízo, e fará o que o seu são juízo lhe dictar. (*Tomando o chapéo.*) Adeus, minha Sra. Peço-lhe que dê um abraço na menina Julia... um abraço de verdadeiro amigo.

MARIA. Adeus, doutor. Apareça. O Sr. tem-se tornado ultimamente quasi invisível... Quem sabe si pretende casar-se tambem ?..

DOCTOR. Nada. Minha mulher, que Deus tenha em sua santa gloria, era um anjo, e os anjos não abundam. N'este valle de lagrimas em que vegetamos, tenho notado que ha mais demonios do que anjos. Além de que, nunca gostei de jogar na loteria. E creio que si todos pensassem como eu, não veriamos tantas infelicidades. Até amanhã. (*Sahe.*)

SCENA XIII

MARIA. (*pensativa, depois de pausa.*) Quem sabe?... quem pode desvendar os arcanos do futuro?.. Amo-o... elle ama-me... Pois a felicidade do casamento não provém da reciprocidade de sentimentos, do mutuo amôr?... Diz-me o coração que serei feliz... que nada devo receber... Tentemos...

SCENA XIV

Maria e Lucia

LUCIA. Minha Sra., está ahi outra vez o Sr. Jorge, que insiste para fallar-lhe.

MARIA. Ah! Que entre. (*Lucia sahe.*)

SCENA XV

MARIA. E' impossivel que o amôr d'este homem seja uma mentira... é impossivel que este homem não me ame!..

SCENA XVI

Maria e Jorge

JORGE. Maria...

MARIA. Ah! eu sabia que havia de voltar... Então, fica á porta ?..

JORGE. Maria, peço-lhe que me ouça.. (*Desce.*)
 MARIA. Em quem me diz isso!. Quem o ouvisse, julgá-lo-hia um Othelo no momento em que..
 JORGE. Não gracieje!. oh! não gracieje!
 MARIA. Porque?
 JORGE. Porque o que tenho a dizer lhe é muito sério.
 MARIA. E o que tem a dizer-me?
 JORGE. Ouça..
 MARIA. Não é preciso, porque eu sei tão bem como o Sr. Accedo aos seus desejos.
 JORGE. (*alegre.*) Accede!
 MARIA. Mas com uma condição: a minha fortuna pertence á minha filha. O Sr. não poderá tocar em um real. Na escriptura hade ser mencionada esta clausula.
 JORGE. Acceto.. porque não é a sua riqueza que eu amo.. (*A parte.*) Depois veremos!
 MARIA. Acceita!..
 JORGE. Eu não ambiciono o seu ouro nem a sua opulencia :: ambiciono o seu amor, unicamente o seu amor..
 MARIA. (*estendendo-lhe a mão*) Ah! bem me dizia o coração!... Amo-o!
 JORGE. (*beijando-lhe a mão.*) Maria!... (*A parte.*) Triumphei, finalmente!..

SCENA XVII

Os mesmos e Julia

JULIA. (*entrando a correr.*) Mamã! mamã!..
 MARIA. Vem cá, minha filha... Abraça o teu papá.
 JULIA. (*a Jorge*) Então a mamã quiz?
 JORGE. (*abraçando-a*) Quiz, minha filha, quiz!
 JULIA. Dá me um beijo, papá!.. (*Jorge beija-a. Maria, sorrindo, contempla o quadro.*)

Fim do 1.º acto

ACTO II

A mesma vista do primeiro acto.

SCENA I

Julia e Lucia

LUCIA. (*conduzindo Julia, vagorosamente, pela mão.*)
De vagar, minha menina, de vagar...

JULIA. (*pallida, magra e com olheiras.*) Canço tanto, Lucia! A's vezes, parece-me que vou morrer... Ah! senta-me n'esta cadeira... (*Lucia senta-a.*) Não sei que mal fiz a Deus, para soffrer tanto assim .. (*Olhando para as flôres de um vaso.*) Minhas pobres flôres .. meu formoso jardim, onde eu ia conversar com os passarinhos, que cantavam alegres... com as rosas, que desabrochavam sorrindo e cobertas de orvalho.., com o sol, que despontava doirado, banhando com a sua luz brilhante as arvores floridas ,

LUCIA. Socegue, meu amôr; descance...

JULIA. A's vezes começo a pensar e sinto como que o coração me dizer:—«Despede-te do sol, das flôres, dos passarinhos, dos teus brincos infantis, porque não os verás mais »—

LUCIA. Menina, para que pensar essas coisas?.. A menina hade ficar boa, hade ir muitas vezes ainda ao seu jardim, para conversar com o sol, com as flores e com os passarinhos .. Verá.

JULIA. Não... sinto que não.. Si já nem forças tenho para caminhar!.. Lucia, leva-me á janella... Muito impertinente me tenho tornado... Mas tem paciencia, sim .. Não é por minha vontade...

LUCIA. (*amparando-a*) Vamos, minha menina...

JULIA. E's tão boa, Lucia! ..

LUCIA. Cumpro o meu dever. Além de que a menina é quasi minha filha. Vi-a nascer, vi-a crescer, e acalentei-a nos

meus braços. Si eu tivesse uma filha, estou certa que não a amaria mais do que amo a menina...

JULIA. Obrigada, Lucia...

LUCIA. Depois, a menina tractou-me sempre com tanto carinho, com tanto amor, que eu não faço mais do que pagar uma divida de gratidão.

JULIA. (*encostando-se á janella*.) Ah! pensei que não chegasse...

LUCIA. Olhe para o seu jardim, e veja como está bonito.

JULIA. Como está lindo!.. como está cheio de sol e de perfumes!.. Como as trepadeiras se alastram em festões floridos nas grades do caramanchão!. Olha, Lucia: era ali, por traz d'aquellas roseiras... lembraste?.. que eu me escondia para te assustar quando passavas... N'aquelle banco, a mamã sentava-se, á tardinha, para me ver correr por entre as flores, em perseguição das borboletas... N'aquelle canto... Oh! como eu tenho saudades d'esse tempo!.. Então eu brincava... era feliz... Hoje... Ah! lá chegou a mamã... sentou-se no banco... Mas o que terá ella?.. Passa o lenço pelos olhos... occulta o rosto nas mãos... Chora?... Mas porque?..

LUCIA. Engana se, minha menina: a sua mamã não está chorando.

JULIA. Está, Lucia: eu bem vejo.

LUCIA. Porque não se senta, minha filha?.. Já deve estar cansada. Quer que a leve ao collo?..

JULIA. Não... Dá me a tua mão...! Muito te aborreço.. não é?..

LUCIA. (*beijando-a*.) Aborrecer-me!.. Si eu tenho tanto prazer em servil-a!

JULIA. (*sentando-se*.) Quando vem a mamã?..

LUCIA. Quer que vá chamal-a?..

JULIA. Não. Deixa-a descansar. Tenho-lhe dado tanto trabalho, que é bem que descance um momento... Senta-te, Lucia... Tu tambem deves estar cansada.

LUCIA. Não estou, não, meu anjo.

JULIA. Onde está o papá?.. Hoje ainda não veio abraçar-me...

LUCIA. Sahio muito cedo e não quiz accordar a menina, que estava passando por um somno. D'aqui á pouco estará ahí.

JULIA. Elle é tão bom... Não é Lucia?..

LUCIA. E', minha filha.. mas...

JULIA. O que?..

LUCIA. Quer que lhe falle com franqueza?.. Não gosto d'elle.

JULIA. Porque?..

LUCIA. Porque... porque... nem eu sei porque... Mas desde a primeira vez que o vi, antipathisei com elle.

JULIA. Não te tracta elle bem?

LUCIA. Tractar-me melhor seria impossivel. Mas ha pessoas que agradam ou desagradam á primeira vista. E a primeira impressão que o seu papá me causou foi desagradavel.

JULIA. E eu amo-o tanto!..

LUCIA. Mais do que ao outro?

JULIA. Mais, não... E' verdade: ainda não resei hoje por elle... Leva-me, Lucia, sim?..

LUCIA. Resará logo mais... amanhã, quando estiver melhor, não é?

JULIA. Não; quero resar. Vamos.

LUCIA. Já que assim quer... (*Leva Julia á porta do quarto.*)

JULIA. (*querendo abrir a porta.*) Estou tão fraca, que já nem forças tenho para abrir uma porta... Abre, sim, Lucia?.. (*Lucia abre.*) Agora, ajuda-me a ajoelhar... (*Lucia ajuda-a.*) Meu pobre pai!.. (*Unindo as mãos.*) Meu Deus! Pai de todos as creaturas, vós que perdoastes aos vossos assassinos, vós que soffrestes todos os martyrios para a nossa salvação, vós, que derramastes o vosso sangue para a remissão dos nossos peccados, vós que sois bom e misericordioso, perdoai a meu pai todas as culpas que n'este mundo commettesse e tende-o no seio da vossa divina gloria... (*Occultando o rosto nas mãos.*) Lembro-me tanto d'elle!.. tanto!.. Oh! si eu pudesse ir abraçal-o no céu!.. Era a maior alegria que Deus podia dar-me!..

LUCIA. Não diga isso, meu anjo...

JULIA. Si eu morresse, não soffreria mais...

LUCIA. Mas a menina disse que não sente dôr alguma...

JULIA. E não sinto... mas diz-me o coração que morro...

Quero levantar-me, Lucia... Ajuda-me... (*Lucia levanta-a.*) Adeus, meu pai!.. Até amanhã!.. Lucia, fecha esta porta, sim?.. (*Lucia fecha a porta e leva Julia para a cadeira.*)

LUCIA. E não se sente melhor hoje?

JULIA. Não. A fraqueza é a mesma.

LUCIA. Quer um biscutininho?...

JULIA. Obrigada,
 LUCIA. É o seu remedio ?. Quer tomal-o ?..
 JULIA. Logo. Quero tomal-o pela mão do papá... Elle fica
 tão afflicto quando vê que o remedio não produz effeito !.. Já
 reparaste ?..
 LUCIA. Ainda não. Porque não vai deitar-se um instanti-
 nho ?. Vai, sim? .. Faça-me a vontade..
 JULIA. Para que ?
 LUCIA. Para descansar... Vamos.
 JULIA. Pois vamos..
 LUCIA. (*conduzindo-a*) E hade dormir tambem..
 JULIA. Si puder..
 LUCIA. Fique bem quietinha, que hade poder. . (*Sahem.*)

SCENA II

MARIA. (*entra pelo fundo, abatida e triste. Senta-se. Pausa.*) Ha um mez que soffre aquella pobre criança... Vai desaparecendo aos poucos, como uma luz quasi a apagar-se.. Era o sorriso, a alegria, o sol que illuminava esta casa... Hoje está tudo triste e silencioso como um tumulo . Já não se ouve a sua voz suave, a sua risada argentina... Oh ! só quem é mãe é que pode julgar o que eu sinto !.. Todos os recursos teem sido inuteis... A molestia progride, caminha a passos de gigante, e a minha filha hade morrer !.. Morrer !.. E eu heide perder o meu maior, o meu unico thesouro !.. Daria tudo quanto possuo para salvá-a... tudo !.. Perde-la... vel-a morta... fria... com os labios cerrados... os olhos vitreos... a face de marmore. . chama-la, abraça-la, beijá-la... e ella ficar muda... fria... de marmore !... Ah ! (*Occulta o rosto nas mãos, suffocada em soluços.*)

SCENA III

Maria e o Doutor

DOUTOR. (*da porta, á parte.*) Pobre mãe !.. (*Descendo.*)
 Bom dia, minha Sra. !
 MARIA. (*indo a elle e lomando-lhe as mãos.*) Ah ! final-

mente, doutor!.. Não sabe com que ancia o esperava... Vamos, vamos vel-a..

DOUTOR. Peiorou?

MARIA. E' a mesma coisa: aquella fraqueza, aquelle abatimento... Diga-me, doutor: tem esperança?

DOUTOR. Eu .. tenho... e a Sra. deve tel-a tambem... O que seria das almas que soffrem, dos corações que choram, si ella não viesse derramar nas ulceras d'alma, nas chagas gottejantes do coração o balsamo sacrosanto dos seus sorrisos divinos?..

MARIA. Ah! doutor, que bem me fazem as suas palavras!.. Creio e espero...

DOUTOR. Porque não faz uma viagem?

MARIA. Seria util?..

DOUTOR. As viagens são sempre o remedio salutar ministrado pela natureza, quando a medicina confessa-se fraca...

MARIA. Mas então... a sua sciencia julga-se impotente para vencer o mal?.. Então... a molestia de minha filha é incuravel?..

DOUTOR. Perdão! Eu não disse isso... Si as viagens fazem bem aos enfermos no ultimo periodo, mais vantagem devem offerecer áquelles cujo estado não é ainda desesperador. Sua filha está n'este ultimo caso. As viagens são sempre uteis a todas as molestias, quer physicas, quer moraes. A mudança de ares, novas paisagens que se offerecem á vista, novos habitos, diferentes usos, são sempre o melhor remedio. As dôres mais fundas, os mais fundos soffrimentos, os mais dolorosos desgostos, insensivelmente desaparecem com a mudança de um paiz para outro. Peça a seu marido, e vão viajar. Si quizerem, acompanhá-os hei.

MARIA. Doutor, parece que o Sr. me illude... Minha filha está condemnada...

DOUTOR. Ainda não.

MARIA. Dá-me a sua palavra?..

DOUTOR. *(á parte.)* Ha occasiões em que a mentira é uma virtude... *(Alto.)* Dou, minha Sra, dou a minha palavra.

MARIA. Obrigada, doutor, muito obrigada!

DOUTOR. Vamos ver a nossa doentinha

MARIA. Vamos. *(Acompanha o doutor até a porta. O doutor sahe. Fica encostada ao humbral, olhando para dentro.)*

SCENA IV

MARIA. Contrahe os supercílios... sacode a cabeça... desanima... (*Desce, comprimindo a fronte com as mãos.*) Oh! meu Deus! meu Deus! a minha filha não se salva!.. (*Cabe, soluçando em uma cadeira.*)

SCENA V

Maria e Doutor

DOCTOR. (*Entrando, á parte.*) E' inacreditavel: não posso comprehender aquella molestia..

MARIA. (*indo a elle.*) Então, doutor?

DOCTOR. Está adormecida agora..

MARIA. Vio-a?

DOCTOR. Vi.

MARIA. (*cada vez mais anciosa, com voz tremula.*) Examinou-a?

DOCTOR. Examinei.

MARIA. E ainda tem esperança?

DOCTOR. Tenho.

MARIA. O senhor illude-me.

DOCTOR. Como?

MARIA. Eu olhava o d'aquella porta e vi todos os seus movimentos. E' inutil constringer-se por mais tempo. Diga a verdade, a verdade inteira.

DOCTOR. Aquella molestia é incomprehensivel, e confesso que todos os esforços por mim feitos até agora teem sido infructiferos. Ella não-soffre, não sente a menor dôr, e, no entanto, vai se consumindo aos poucos. E' extraordinaria aquella enfermidade...

MARIA. Como?

DOCTOR. Ha trinta annos que exerço a medicina e tenho tractado milhares de enfermos; mas é a primeira vez que isto vejo. (*Senta-se á meza. Enquanto escreve a receita.*) Torno a aconselhar-lhe as viagens. Vá viajar. Tenho esperança que a menina Julia se restabelecerá. (*Dando a Maria a receita.*) Aqui está. Mande immediatamente á botica. (*Depois de uma*

pausa, como que se lembrando.) E' verdade: quem é que dá o remédio á sua filha?

MARIA. E' meu marido.

DOUTOR. Só elle?

MARIA. Só. Não quer que outrem faça esse serviço.

DOUTOR. (*admirado.*) Deveras?

MARIA. Meu marido tem um coração de ouro, doutor. Ama essa criança como si ella fôsse sua filha. O doutor não calcula quanto a molestia de Julia tem-no feito soffrer...

DOUTOR. Uma solicitude tamanha!..

MARIA. Admira-o?

DOUTOR. Bastante... Olhe, minha Sra.: conheço um veneno que produz os mesmos symptomas que apresenta a enfermidade de sua filha...

MARIA. O que quer dizer, doutor?

DOUTOR. Nada.

MARIA. (*como assaltada de uma idéa.*) Pois meu marido?..

DOUTOR. Seu marido, minha Sra., é padrasto de sua filha, e sua filha é talvez um estorvo aos seus planos... Não é a primeira vez que penso n'isto...

MARIA. (*altiva.*) Senhor!

DOUTOR. Não se offenda. Eu não faço mais do que expender uma idéa que me incommoda ha uns poucos de dias. Si estou em erro, Deus me perdoará o juizo temerario; si acerto...

MARIA. (*dando-lhe as costas.*) Nunca pensei que o doutor fôsse... um calumniador!

DOUTOR. Obrigado, minha Sra. Tenho cincoenta annos, e é a primeira vez que me insultam. (*Tomando o chapéo.*) Adeus, minha Sra. Amanhã, si não julgar conveniente fechar as suas portas a um calumniador, voltarei. Amo muito essa pobre criança, e quero lutar até vencer ou succumbir. Até amanhã. (*Sahe.*)

SCENA VI

MARIA. (*acompanha o doutor, depois vai á porta do quarto de Julia e para um momento a olhar para dentro. Descendo.*) E si fôsse verdade?... Si esse homem tenta assassinar minha filha, para apoderar-se da minha fortuna?... Mas si isto é assim... é uma monstruosidade... é uma coisa horrivel!. Entao não me ama... simula aquelle affecto todo para

illudir-me... (*Pausa.*) Mas parece-me um impossivel .. O doutor terá rasões, que eu ignoro, para detestar meu marido, e vingá-se assim . (*Pausa.*) Expional-o... seguir-lhe os passos,.. aeompanhal-o como a sua sombra .. Não, não farei isto... E' uma infamia! . (*Pausa*) Mas si tudo é real?.. Si elle, como de facto, está assassinando minha filha?.. Oh! esta duvida é atroz!..

SCENA VII

Maria e Lucia

LUCIA. (*sahindo do quarto de Julia*) Minha Sra. .

MARIA. Ah! ia chamar-te. (*Dando o receita.*) Manda immediatamente esta receita á botica e volta cá. Ainda... vai. . A menina..

LUCIA. Continúa adormecida.

MARIA. Está socegada ?

LUCIA. Não muito.

MARIA. Vai.

LUCIA. Sim, minha Sra. (*Sahe.*)

SCENA VIII

MARIA. Vou dizer-lhe tudo. Quero ouvir a sua opinião. Jorge tracta-a bem, e ella não tem motivos para aborreccel-o. Deve ser sincera. .

SCENA IX

Maria e Lucia

LUCIA. Aqui estou, minha Sra.

MARIA. Gostas de teu amo ?

LUCIA. Porque me faz essa pergunta ?

MARIA. Gostas ?

LUCIA. Quer que lhe falle com franqueza ?

MARIA. Sim: falla.

LUCIA. Não gosto.

MARIA. Mas elle tracta-te bem ..

LUCIA. E' verdade, mas aquella delicadeza é uma mentira. .
Seu marido, minha Sra , não pode ser bom...

MARIA Mas debes ter uma rasão para dizer isso. .

LUCIA Tenho a instinctiva antipathia que lhe voto.

MARIA. Mas o coração tambem se engana...

LUCIA. Os olhos, segundo dizem todos, são o espelho da alma . . Pois bem: o olhar do Sr. Jorge não é bom. Tem olhar de louco ou de..

MARIA. Ou de assassino, não ?

LUCIA De assassino ?..

MARIA. De assassino, sim.

LUCIA. Mas assassino... de quem ? .

MARIA. Da menina Julia.

LUCIA. O que diz, minha Sra ?..

MARIA E' uma idéa do doutor...

LUCIA. Oh! mas isso é demais !. Aborreço-o, é verdade, mas não o julgo capaz de tanto...

MARIA. Nem eu. Mas é forçoso sahirnos d'esta duvida. E' preciso que o espiemos e que nunca lhe demos a conhecer a nossa desconfiança.

LUCIA. A pobre menina !..

MARIA. Espiemol-o. Pode ser uma loucura do doutor . . mas tambem pode ser verdade..

LUCIA Serei incançavel, minha Sra (*Ouvem-se passos fóra.*)

MARIA Silencio!

SCENA X

As mesmas e Jorge

JORGE. (*beijando Maria na fronte.*) Bom dia, minha querida.

MARIA. (*sorrindo.*) Bom dia.

JORGE. Sabes que partimos amanhã?

MARIA. Para onde? (*Lucia vai dispôr as flores dos vasos, no fundo*)

JORGE. Para a fazenda de um amigo. Lembrei-me que a mudança de ares deve fazer bem á nossa querida filhinha, e para restabelecer a empregarei todos os esforços .

MARIA. Tens muito amôr a essa menina, Jorge ?.

JORGE. Por certo, minha querida. Não estou eu fazendo

as vezes de seu pai ?.. Depois, ella é tão galante, tão mimosa, que não se pode vel-a, sem amal-a. O doutor já esteve cá ?

MARIA. Já.

JORGE. E o que disse ?

MARIA. Aconselhou me que viajasse.

JORGE. Ah! está: tive a mesma idéa. E para onde queres ir ?

MARIA. Para onde fôr da tua vontade.

JORGE. Partiremos amanhã. Tenho fé em Deus que com esta mudança a nossa querida menina hade restabelecer-se.

MARIA. E eu tambem...

JORGE. Vamos vel-a, sim ?.. (*Entram no quarto de Julia.*)

SCENA XI

LUCIA. (*descendo.*) Ah ! o doutor disse isso !.. Deve ser verdade, e eu acredito que o seja... A primeira vez que vi este homem, tive um sentimento de repulsão, de aborrecimento... Mas heide esprai-o... e ai! d'elle! Então, mata-se, assim, aos poucos, lentamente, uma pobre criança inoffensiva, e não se hade pagar esse crime!.. Minha ama não quiz nunca attender ao doutor... Quantas vezes lhe disse elle: —«Eu, no seu logar não me casava!» —Ella, porém, cerrava os ouvidos á vez da razão, para escutar somente a voz do seu amor... O resultado foi este: a tristeza e as lagrimas... Mas: veremos!.. (*Vai receber o medicamento que um criado traz. Colloca o vidro em um dos aparadores. Para um instante á porta do quarto de Julia, sacode a cabeça com desanimo e sahe, enxugando as lagrimas.*)

SCENA XII

Jorge, Maria e Julia

JORGE. (*conduzindo Julia pela mão, carinhosamente.*) Soffres muito, minha querida filhinha ?

JULIA. Não, papá. Não sinto dôres.. E' esta fraqueza que me mata..

JORGE. Tem paciencia, filha. Hasde ficar boa. (*Senta-a.*)

JULIA. Ah ! si eu ficasse boa!.. Tu querias ver-me boa outra vez, não é verdade, papá ?

JORGE. Si queria !... Não és tu a alegria d'esta casa, a

minha felicidade, a ventura de tua mãe, o anjo adorado do nosso lar?..

JULIA. Chega-te para aqui, mamã... Porque ficas tão longe de mim?. Dá-me um beijo... (*Olhando para o quarto, cuja porta está fechada, e dando um grito suffocado.*) Ah!

MARIA. O que é, filha?..

JULIA. Ali... não vês?.. encostado áquella porta.. olhando para mim com os olhos vitreos e pasmos?... Ah! é elle, mamã... é elle...

MARIA. Elle quem, filha?..

JULIA. Vens buscar-me, papá?.. Estavas com muitas saudades da tua filhinha?.. Pois vamos... vamos... Ergamo-nos nas azas da briza... em um raio do sol... no perfume das flôres... Vamos... E lá, no céu, rodeados de anjos, e ás doces melodias de peregrinos cantares... eu adorarei contigo a grandeza de Deus... tu serás feliz com o meu amor... e nós cantaremos sempre... sempre... sempre...

MARIA. (*afflicta*) Julia! Julia!

JORGE. (*á parte.*) Começa o delirio...

JULIA. Vamos, papá... Eu quero ir contigo... Mas... e a mamã.. hade ficar aqui, sosinha, sem a sua filhinha?.. Eu era tão feliz!.. Aos doces afagos de meus pais, eu via correr a minha vida serena e bella, e nunca uma lagrima veio velar o brilho dos meus olhos... Tu morreste, papá... Per ti senti a primeira dor.. suffocou-me o primeiro soluço... derramei a primeira lagrima... Oh! meu Deus!.. quanto custa vermos morrer aquelles que amamos, que nos amam, que nos enchem de beijos e de caricias!.. Mamã... mamã...

MARIA. O que é, minha filha?..

JULIA. Tu me deixas ir com o papa?.. Não choras por mim, não?... Eu, lá do céu, acompanharei os teus passos, velarei por ti... e pedirei a Deus que te dê todas as felicidades...

MARIA. Não digas isso, filha, que me rasgas o coração!..

JULIA. Então como hade ser?.. Si eu fôr, tu choras... si eu ficar, o papá chora também... Como hade ser, mamã?..

MARIA. O papa não chora... Elle está em um lugar onde nunca se chora, minha filha...

JULIA. Eu sei... Como deve ser bonito o céu, mamã!

MARIA. (*á parte.*) Oh! isto corta o coração... Não é possível que este homem...

JORGE, (*á Maria.*) Minha querida, deixa-me sò com ella Tu não podes assistir a isto.. Vái. Eu velarei por ti e por mim.

JULIA. Então a mamã vai-se embora ?..

JORGE Ella já volta, minha filha. Vai mandar chamar o doutor. Tem paciencia um momento, sim ?.

JULIA. Ah ! vai mandar chamar o doutor .. Ha tanto tempo que elle não vem cá..

MARIA. Enganas-te. Ainda ha pouco esteve aqui...

JULIA. E como é que eu não o vi ?..

MARIA. Estavas dormindo.

JULIA. Ah ! lembro-me agora... Estava adormecida... Sonhava com meu pai...

MARIA, (*á parte.*) Sempre esta idéa !

JULIA. Elle estava encostado á cabeceira da minha cama.. Olhava para mim e sorria-se ., mas com um sorriso tão triste . tão triste . que me cortava o coração... De repente, uma harmonia suavissima, uma harmonia como só podem ter os canticos dos anjos, fez-se ouvir por cima da minha cabeça... Olhei .. O tecto do quarto tinha desaparecido... as cortinas do meu leito estavam rôtas .. Vi o céu abrir-se. . Em um raio do sol desceram todos os anjos do paraíso... Quem pudesse ter azás como os anjos, mamã !.. Aproximaram se de mim... beijaram-me e começaram a cantar. . Meu pai perguntou-me:—«Queres ir com elles ?»—E eu respondi:—«Quero, papá, quero !»—Então aquella infinidade de anjos estendeu as azas douradas . Meu pai suspendeu-me ao collo e depoz-me sobre ellas .. Os anjos subiram, cantando... Eu olhava para baixo e dizia-te adeus, mamã... Depois, fôste desaparecendo . desaparecendo... até que não pude mais ver-te. . Entramos no céu... Quanta luz !. quantas flôres !. quantos perfumes !.. Deus abraçou-me, a Virgem deu-me um beijo e Jesus disse-me:—«O lar dos anjos é o céu: o teu lar é aqui, meu anjo !»

MARIA. (*que tem ouvido com grande afflicção.*) Basta, filha ! basta !.. Isso foi um sonho . Esquece-o... Quem estava debruçado á cabeceira do teu leito não era teu pai...

JULIA. Quem era então ?..

MARIA. Era o doutor, que vinha ver te, porque é muito teu amigo...

JULIA. Ah ! era elle ! . E como me achou ?

MARIA. Melhor, muito melhor. Disse que dentro em poucos dias estarias boa.

JULIA. Boa !

MARIA. Sim: boa.

JULIA. Para cantar... para brincar no jardim... para correr por entre as flores... para conversar com os passarinhos... para apanhar borboletas...

MARIA. Sim: para tudo isso...

JULIA. Estou tão fraca, mamã!..

MARIA. Pois descança. Tens fallado tanto, que deves estar cansada. Queres que vá buscar-te flôres?..

JULIA. Sim... vai... Traze-me rosas.. só rosas... Não me tragas goivos nem saudades, mamã... Ah ! pergunta aos passarinhos si teem tido saudades de mim... Perguntas?..

MARIA. Pergunto, sim.

JULIA. Elles eram tão meus amiguinhos !..

MARIA. (*beijando-a.*) Até já, minha filha.

JULIA. Até já, mamã... Não te demores muito, não?..

MARIA. Não, Volto já.

JULIA. Não te esqueças que eu quero somente rosas... rosas..

MARIA. Sim: trago-te somente rosas. (*Sahe.*)

SCENA XIII

Jorge e Julia

JORGE. Não queres deitar-te?..

JULIA. Não. Prefiro estar aqui... Leva-me á janella, sim?.. Quero vêr a mamã no jardim...

JORGE. (*conduzindo-a*) Vamos... (*Julia encosta-se á janella.— Maria apparece á porta do quarto de Julia, onde fica de observação.*)

JULIA. Mas onde está ella ?.. Não a vejo...

JORGE. Está talvez do outro lado .. Disseste-lhe que querias somente rosas, e provavelmente foi colhel-as no canteiro da esquerda, onde ellas são mais bonitas...

MARIA. (*á parte, á porta.*) Este homem não pode ser criminoso ...

JULIA. Ah! lá está Lucia... Vês, papá?..

JORGE. Vejo.

JULIA. Está também colhendo flores.. Então todos colhem flores para mim ?.

JORGE. Não. Aquellas são para os vasos. As tuas é a mãe quem as traz.

JULIA. Olha, papá... n'aquella arvore...

JORGE. O que ?

JULIA. Dois passarinhos... não vês ?

JORGE. Vejo, minha filha, vejo.

JULIA. E como cantam!.. como estão alegres!..

JORGE. E' porque são felizes.

JULIA. Quem sabe si me viram aqui, papá?..

JORGE. Talvez, minha filha.

JULIA. (*agitando a mão.*) Adeus, meus amiguinhos!.. adeus!..

JORGE. (*beijando-a.*) Meu anjo! .

MARIA. (*d' parte.*) E' impossivel !. E' um crime suspeitar d'elle!..

JULIA. (*chamando.*) Lucia... não apanhes tanto sol, que te faz mal... Dize á mamã que venha para casa...

JORGE. (*d' parte.*) A's vezes tenho pena . mas é necessario..

JULIA. Ainda me queres muito, papá?..

JORGE. Quero, minha filha... quero-te mais do que nunca.

JULIA. Eu também te quero tanto!..

JORGE. Vamos tomar o nosso remedio?..

JULIA. Amarga tanto, papá!

JORGE. Mas é para teu bem. (*Leva-a para o sofá.*)

MARIA. (*d' parte.*) Chegou o momento... Mas é impossivel!

JORGE. (*indo á mesa onde Lucia deixou o frasco.*) Ah ! temos remedio novo ! Talvez este tenha melhor gosto, minha filha.

JULIA. Ah! é outro?.. Si esse me fizesse bem...

JORGE. (*emquanto tira do bolso um vidrinho e despeja algumas gottas do liquido n'elle contido em uma colher que está sobre a mesa.*) Hade fazer... Tenho esperança... (*Acaba de encher a colher com o remedio do frasco e desce, deixando o vidrinho no aparador.*) Toma, minha filha. Estou certo que este remedio te restituirá a saude...

SCENA XIV

Os mesmos e Maria

MARIA. *(no momento em que Jorge aproxima a colher dos lábios de Julia, Maria, que lhe tem acompanhado todos os movimentos com extrema ansiedade, precipita-se e segura-lhe bruscamente no braço.)* Assassino !...

JORGE. *(recuando de chofre.)* Ah ! *(Encaram-se um momento.)*

JULIA. Mamã...

MARIA. *(com colera concentrada.)* Envenenava-a ! . envenenava-a !.. Mas então o que é o Sr. ?.. N'esse peito não palpita um coração ? . essa alma está tão corrompida, que não se confrangia ante tamanho crime ?.. E o Sr. matava-a, covardemente, miseravelmente, sem que sequer tivesse um momento de compaixão !.. Ah ! e eu amei-o !.. amei-o !..

JULIA. Mamã . mamã..

JORGE. A senhora não dirá uma palavra ! Deixe-me sahir !..

MARIA. *(inteiramente fóra de si.)* Não sahirá ! *(Toma-lhe a passagem.)*

JULIA. Mamã .. mamã...

JORGE. *(segurando Maria pelos pulsos, raivoso.)* Deixe-me sahir !.. deixe-me sahir !

MARIA. *(luctando)* Hade sahir, mas passando por cima do meu cadaver !.. Vamos !.. Mais um crime !.. mate-me !.. O Sr. sabe matar !..

JORGE. Maria !

JULIA. Mamã... onde estás ?.. Já não te vejo...

MARIA. Oh ! eu enlouqueço !.. Socorro ! socorro !.. *(Consegue fugir às mãos de Jorge, e vai cahir de joelhos perto de Julia, a quem recebe nos braços.—Jorge vai sahir, mas encontra-se com o doutor e recua.)*

SCENA XV

Os mesmos e o Doutor

DOCTOR. *(á porta.)* O que é isto ?

MARIA. Acuda, doutor !.. Minha filha morreu... morre envenenada ! .

DOCTOR. Ah! (*A Jorge.*) Eu bem suspeitava !.. O senhor é um miseravel !..

JORGE. Senhor !

DOCTOR. (*chamando.*) José ! Pedro !

JORGE. (*atirando-se.*) Oh ! quero passar ! heide passar !..

DOCTOR. (*repellindo o*) Mas não passará assim !.. É um miseravel, repito !.. Para que se introduzio no scio d'esta familia ?.. Para,—impellido pela ambição, pela loucura do ouro,—vir lançar aqui as lagrimas, as agonias e a morte !.. E depois de consummar o mais hediondo dos crimes, queria sahir, franca e livremente, para talvez ir mais adiante commetter crimes novos !.. Oh ! não ! Os martyrios que aquelle pobre anjo tem soffrido pedem vingança, e o Sr hade expial-os, para exemplo á sociedade e ás mães de familia, que, inconscientes como aquella, sacrificam a sua felicidade e o futuro de seus filhos a uma paixão cega, a uma louca vaidade talvez !..

JORGE. (*anniquilado.*) Senhor !

DOCTOR (*aos criados que entram.*) Levem este homem d'aqui, e tenham-no em guarda. Si tentar fugir, matem-no ! (*Os criados olham se, admirados*)

JORGE. (*á parte.*) Estou perdido !

DOCTOR. (*aos criados.*) Então !. segurem-no !

JORGE. Não se approximem ! não se approximem !

DOCTOR. Segurem-n-o ! Este homem é o assassino da menina Julia !.. (*Os criados avançam e seguram Jorge, que vai debatendo se até desaparecer.*)

SCENA XVI

Julia, Maria e Doutor

DOCTOR. (*que tem ido até á porta, desce e dirige-se ao grupo formado por Maria e Julia*) Minha senhora !.. minha senhora !

JULIA. (*com voz fraquíssima.*) Mamã... mamã. . já não te vejo... Onde está o papá ?.. Cheguem-se todos... para perto de mim... Chamem Lucia,.. Sinto que vou morrer... morrer, mamã... morrer...

MARIA. (*com um grito de supremo desespero.*) Ah !

DOCTOR. Coragem, minha Sra. ! coragem !

MARIA. Salve-a, doutor ! salve-a !

JULIA. Mamã... mamã. . abraça-me... Quero morrer... morrer nos teus braços... Meu Deus ! . Ah ! (*Deixa pender a cabeça sobre o hombro de Maria*)

SCENA XVII

Os mesmos e Lucia

LUCIA. Senhora ! senhora !

DOCTOR. Silencio !... (*Mostrando Julia.*) Está morta!.. (*Lucia recúa tremula, olhando para o grupo.*)

FEIM



VI

ROSAS E GORROS

DRAMA ORIGINAL EM 1 PROLOGO, 6 ACTOS E 1 EPILOGO



Personagens

Maria	25	annos
Olympia	28	»
Elvira	20	»
Jorge	30	»
Carlos	24	»
Mauricio	25	»
Alfredo	26	»
Visconde	55	»
José	30	»

Mascarados. — Convidados. — Creados.

ACTUALIDADE

NOTA

A scena 1^a. do prologo, com pequenas variantes, é traducção de um capitulo do livro — «La veilleuse» — de Elie Raymund.

o auctor



PROLOGO

Bacchanal

Sala rica, mas de gosto severo. Portas de arcada lateraes e ao fundo. E' noite. Ao subir o panno, Jorge, Carlos, Alfredo, Mauricio e convidados estão sentados ao redor de uma meza profusa mente servida.

SCENA I

Jorge, Carlos, Alfredo, Mauricio, Convidados

CARLOS. Eia, meus amigos! Bebam, folguem, cantem, que eu não os deixarei sahir antes de finda a noite. . Vamos! Não nos falta o Champagne, o Madeira, o Chambertin!

ALFREDO. Bebamos! A' saude de Carlos de Andrade!
Hyp! hyp!

TODOS. (*tocando os copos.*) Hurrah! (*Bebem*)

CARLOS. Bebam! Tudo aqui me pertence, é meu:—os vinhos, os copos, os moveis, a casa, e, sobretudo, seiscentos contos de réis! Eu não sou mais o desgraçado de outr'ora que tantas vezes comêu e bebeu á vossa custa. Estou rico. Minha tia morreu, finalmente, deixando-me todos os seus bens, porque não podia leval-os, a mesquinha velha! Deixou-me tudo: o seu velho cofre, o seu velho vinho, e até a sua velha criada, que não é a antiguidade menos curiosa da casa. . . Bebam, pois, senhores! Encham os copos a transbordar!.. (*Todos encham os copos.*) Um hurrah! por Deus! um hurrah á morte de todos os tios e tias, cujos sobrinhos esperam herança e desesperam por não poderem vel-os de viagem para o outro mundo!

Todos. (*erguendo os copos.*) Hyp! hyp! Hurrah! (*Bebem*)

MAURICIO. E' preciso confessar que és bem feliz, Carlos. Oh! si por descuido me cahisse do céu ou surgisse do inferno um tio ou tia para morrer deixando-me todo o seu ouro!

CARLOS. Não se ganha uma fortuna como se bebe Bordeaux, meu amigo, a menos que se seja salteador. Eu não queria hoje adquirir as riquezas de Rotschild com o trabalho enorme que empreguei para fazer jús a estes miseraveis seiscentos contos. E' mais difficil aturar uma velha de setenta e dois annos, do que um milhão de rapazes como nós. Quando eu visitava essa tia maldita, que satanaz tenha, o seu primeiro bom dia era sempre uma reprehensão:—«Como cheira a fumo este rapaz!»

ALFREDO. E enquanto ella te dizia isso em voz alta, dizias tu, mentalmente:—«Como cheira a ouro esta velha!»—

CARLOS. Depois, passava-me um sermão sobre o jogo, a dança, o fumo, as mulheres, as pandegas. . Prophetisava-me a miseria, a desespero. .

MAURICIO. Enquanto Deus lhe concedesse um fôlego... Tinha razão.

CARLOS. Eu, que sempre detestei os conselhos, via-me obrigado a attendel-a. . Saudava a criada, afagava o gato, amimava o cãesinho e... beijava minha tia, que tinha setenta e dois annos!

TODOS - Horrôr!

CARLOS. Contava-lhe as miserias do mundo, o desrespeito pelas coisas santas, o meu amôr pela solidão...

MAURICIO. Do *boudoir* das raparigas bonitas...

CARLOS. E chorava por vel-a enferma, para, no fim de tão custosa comedia, embolsar alguns mil réis...

ALFREDO. Juro dos seiscentos contos que mais tarde devias receber. Carlos, si tua tia ainda vivesse, eu era capaz de praticar uma loucura, uma enorme loucura!

MAURICIO. Raptava-la?

ALFREDO. Não. Casava-me com ella!

TODOS. Ah! ah! ah!

ALFREDO. (*erguendo se, de copo em punho.*) Meus senhores, acompanhem-me n'um hurrah á minha noiva de além tumulo!.. Eia, meus amigos, eia! (*Todos enchem os copos.*) Hyp! hyp!

TODOS. Hurrah! (*Bebem.*)

CARLOS. Bebam mais, bebam sempre! O vinho illumina o espirito e adormece os soffrimentos, —os soffrimentos do cora-

ção !— Bebam mais, bebam sempre ! A embriaguez tambem é uma gloria ! Bebamos !

SCENA I

Os mesmos, Maria, Olympia e Elvira (*)

MARIA. (*tomando um copo.*) Bebamos, sim, bebamos !

OLYMPIA. (*idem*) Viva a pandega !

CARLOS. (*á parte*) Maria !

JORGE. (*á parte.*) Maldicta !

MARIA. (*erguendo o copo.*) Hyp ! hyp !

TODOS. Hurrah ! (*Bebem*)

ALFREDO

A ti todos os meus beijos;

Formosa Aspasia do amor !

MARIA. (*voltando-se.*) Quem falla ?

ALFREDO. O teu poeta, peregrina houri !

MAURICIO. A' tua saude, Olympia !

JORGE. A' tua saude, Elvira !

MARIA. Silencio ! A vós, que tantas vezes me tendes acclamado rainha de todas as festas, a vós, que acabais de saudar-me com tanto entusiasmo e gentileza, vem, por meus labios tremulos, agradecer-vos tanta bondade o meu coração jubiloso ! Gozemos ! O que é a vida, meus senhores ? Uma peregrinação estúpida do berço ao tumulo; a flor que se abre ao raiar da auro-ra embalsamando o ambiente com os seus perfumes subtis, e que á noite se desfolha languida, sacudida pelo sopro da tempestade; o vertiginoso turbilhonar da catarata espumante, cujas aguas descem, descem sempre, e para sempre se perdem nas in-vias solidões da floresta virgem !.. O que é a vida, meus se-nhores ?.. O goso, sempre o goso, mas o goso sem treguas, al-tivo de sua insaciedade, orgulhoso do seu desregramento, soberbo das suas victorias !

Todos. Bravo ! bravo !

MAURICIO. Msus senhores, peço permissão para cusentarme por cinco minutos apenas.

ALFREDO. Onde vais ?

(*) Elvira conserva-se sempre um pouco afastada, em attitudede meditativa, sem tomar parte no que se passa.

MAURICIO. E' segredo.
 OLYMPIA. Posso saber ?
 MAURICIO. Depois (*Sahe*)

SCENA III

Os mesmos, menos Mauricio

MARIA. Gosemos, pois! Gosemos hoje, amanhã, sempre, e que até na extrema hora possamos empnnhar um copo de vinho e bradar com a voz já rouca pela derradeira agonía: —Viva o goso!—

ALFREDO. Es um anjo, Maria!

MARIA. Um anjo! Um anjo que arrasta as azas brancas no lodagal do vicio.. E' mal cabida a expressão, meu caro poeta. Os anjos adoram a Deus, prostram-se ante o seu throno e cantam-lhe hosannas .. Eu adoro o ouro, prostro-me ante o altar do goso e canto hosannas ao prazer .. Os anjos são feitos de amor: eu sou feita de odio; os anjos amam: eu desprezo !.. O amor !.. O que é o amor, meus senhores ?

ALFREDO. Bravo! soberbo!

CARLOS. E's muito severa, minha formosa Maria. O amor é poderoso: eleva e abate, dá vida e mata... E' dos romances.

MARIA. E acredita no que dizem os romances ? . O senhor é de uma simplicidade espantosa!

CARLOS. Acredito. E porque não heide acreditar, si o que dizem os romances é o que vemos todos os dias, a todas as horas, a todos os instantes ?.. O que seria da creatura, si não houvesse um sentimento mais puro, um sentimento mais do céu, que a animasse ?.. Amei já, amei muito... A mulher dos meus extremos era para mim o jubilo, a gloria, o paraíso dos meus sonhos...

MARIA. E porque não se casou com ella ?..

CARLOS. Era uma mulher divina: cabellos negros, olhos negros...

ALFREDO. Bravo!

MARIA. Isso é poesia!

CARLOS. Um dia fui pedil-a ao pai. O pai recebeu-me de braços abertos. Eu, na verdade, estava louco por essa mulher...

MARIA. (*ironicamente.*) Deveras ?

CARLOS. A' noite houve um baile, um baile esplendido, onde o luxo e a riqueza corriam parilhas... A' meia noite desci as escadas de marmore do opulento palacio e fui para o jardim. O tumulto das grandes salas resplandecentes incommodava-me. Eu queria estar só para pensar na minha felicidade ..

ALFREDO. E depois ?

MARIA. (*sorrindo.*) E depois ?

CARLOS. Sabem o que vi ?

OLYMPIA. Não deciframos enigmas.

CARLOS. A mulher que, poucos momentos antes, me jurára um amor eterno .. Mas caminemos em regra. A noite estava soberba. A lua despontava pallida no seio azul do infinito... as auras perfumadas fallavam de amores...

MARIA. (*ironica.*) Tomos romance.

CARLOS. Fui sentar-me perto de um caramanchão e pensei. .

OLYMPIA. Em que ?

CARLOS. No futuro... Sonhava-o doirado, cheio de venturas, repleto de amor... A minha cabeça ardia... Ajoelhei-me sobre a relva humida de orvalho...

MARIA. (*ironica.*) Era um martyr !... (*Dá uma risada.*)

JORGE. Era um pateta !

CARLOS. Era um homem que amava, e que amava pela primeira vez... Ajoelhei-me sobre a relva humida de orvalho, uni as mãos e fitei o céu ..

MARIA. (*ironica.*) Soberba attitude !

JORGE. Ridicula posição !

CARLOS. Eu não podia conter o coração no peito... Resei com devoção e recolhimento, fallei a Deus do meio da solidão que me cercava...

OLYMPIA. (*rindo.*) E o que disse a Deus ?

JORGE. Alguma parvoice !

CARLOS. Disse:—«Eu vos agradeço, meu Deus. Amo e sou amado. A mulher, por quem eu não trepidaria em dar a propria vida, é minha. Ella será o anjo da minha guarda na longa peregrinação d'este mundo, será a minha companheira nos dias de alegria e de lucto, o unico objecto das minhas adorações na terra... Ouvistes as minhas supplicas, meu Deus: eu, de joelhos, vos agradeço !»—

OLYMPIA. Magestoso !

ALFREDO. Divino !

JORGE. Ridiculo !

MARIA. (*ironica.*) Adiante

CARLOS. Escarneçam... Que importa?... Escarnecem porque nunca amaram... E eu amava, estava louco de amor... Nesse tempo o meu coração era puro...

OLYMPIA. Faço idéa!

CARLOS. Depois, pensei... Um leve tarfalhar de sedas veio arrancar-me á minha meditação... Ergui-me. Ouvi o estalar de um beijo, um respirar febril, umas vozes suffocadas... Um frio de gelo invadiu-me o coração...

MARIA. (*rindo, ironica.*) Teve medo?

CARLOS. (*fictando-a.*) Medo?... Assaltára-me uma idéa diabolica.. Aproximei-me e olhei... Quiz dar um grito: morreu-me a voz na garganta... quiz entrar: uma força mysteriosa prendeu-me...

OLYMPIA. O que vio?

CARLOS. O que vi? Querem que lhes diga o que vi?... A mulher que jurara amar-me na vida e na morte, nos braços de outro homem, jurando amal-o tambem...

MARIA. Ah! ah! ah!

CARLOS. Fiz um esforço supremo e de um salto achei-me junto d'ella: — «Miseravel!» — bradei. Depois, olhei para o amante, que recuára tremulo, e dei uma gargalhada.

ALFREDO. E amava a!

CARLOS. Amava-a, sim; amava-a mais do que a propria vida... Mas aquillo era uma infamia tão grande, que nem o meu desprezo merecia.

OLYMPIA. E depois?

MARIA (*ironica, sorrindo.*) Adiante, adiante.

CARLOS. Ajoelhei outra vez. outra vez rendi graças a Deus, mas por ter impedido que eu desse o meu nome a essa mulher... Passado algum tempo o pai morreu... (*Fictando Maria.*) Na noite do funeral, a filha infame.

ALFREDO. E quem era ella?... quem era o seu amante?

CARLOS. (*a custo.*) Não sei...

MARIA. O senhor sempre foi romantico.

CARLOS. (*como que querendo fugir á oppressão.*) Meus amigos, encham os copos! Um hurrah á minha ultima noite de amor!

MARIA. Um momento, meus senhores. Essa mulher, querem saber quem era?

ALFREDO. Quem era?

MAIRA. Era... eu !

OLYMPIA Tu !

ALFREDO. E o teu amante ?

MARIA. Não tarda. Agora, meu caro amphytrião, permitta que lhe diga que nunca o amei.

ALFREDO. Amava a Mauricio, é clarissimo.

MARIA. Nem a elle

JORGE. A quem enlão ?

MARIA. A ninguem. Eu não amava. Procurava o goso, o prazer real. Nunca amei, não amo, nem heide amar !

ALFREDO. Quem sabe ?

MARIA. Eu ! Eu, que escárneço de todas essas paixões divinas, que calco aos pés todos os preconceitos estupidos da sociedade, que zombo da pureza d'alma... eu, que sou livre como os passaros da terra e as nuvens do céu... eu, que deslumbro a sociedade com a minha formosura... eu, Maria—*a Mensalina!*

CARLOS. Meus amigos, um ultimo hurrah, que o dia já vai alto ! (*Entra Mauricio com tres corôas de rosas.*)

SCENA IV

Os mesmos e Mauricio

MAURICIO. (*entrando.*) Sim, sim, um ultimo hurrah !

MARIA. E um ultimo brinde !

ALFREDO. Quem o faz ?

MARIA. Eu, a rainha da festa.

MAURICIO. (*coroando-a.*) Mas coroada de rosas—as flores da formosura !

ALFREDO. (*coroando Olympia.*) E com a fronte inebriante de perfumes... (*Designando Maria.*) para saudar o astro que passa—deslumbrando com as suas scintillações abrazadoras !...

MAURICIO. (*indo coroar Elvira*) Elvira...

ELVIRA (*atirando a coroa ao chão.*) Nunca ! (*Sorpreza geral*)

MAURICIO. Porque ?

ELVIRA. Porque seria aviltar-me muito, porque seria descer muito ! Não ! Esta corôa era mais uma affronta, era mais um insulto que queriam atirar-me á face ! Ah ! suppõem os senhores que podem fazer o que lhes aprouver da pobre peccadora, e que ella se curvará a tudo com o sorriso nos labios, e sera

que lhe suba ao rosto — não o rubôr do pejo, porque não o tem, mas o sangue da indignação, do coração revoltado!

JORGE. Muito bem, Elvira! muito bem!

ELVIRA. A mulher, que se perde por um punhado de ouro, que se perverte impellida pelos instinctos do vicio, podem co-roar-lhe a fronte, podem levar-a em triumpho de orgia em orgia!.. Mas a mim, não! Perdi-me, sim, mas foi a necessidade que me obrigou: foi porque a minha mãe morria, foi porque meu pai agonisava, foi porque meus irmãos soffriam... e eu, pobre criança, que então era, não tinha um ceutil para soccorrel-os... Fui pedir uma esmola. Deram-m a, mas como?.. Abusando da minha fraqueza, calcando aos pés a minha innocencia!.. (⁂) A miseria perdeu-me, mas não me perverteu!

JORGE. (*beijando-lhe a mão.*) Eu te respeito, Elvira!

MAURICIO. Deixemos as historias lugubres para depois. Agora---á meza!

TODOS. A' meza!

ALFREDO. Encham os copos, meus, senhores! (*Todos enchem os copos, rodeando a meza.*)

MARIA. (*tômando um copo e subindo a uma cadeira, á cabeceira da meza.*) Contemplem-me, admirem-me, pasmem! Reu:am todas as flôres da terra, todos os astros do céu, todas as perolas de Ophir, todos os diamantes de Golconda, dissolvam tudo isso á chamma ardente do delirio, ao fogo crepitante da loucura, e medelem depois uma estatua maravilhosamente bella, esplendidamente soberba,—e essa estatua serei eu!. Eia, meus senhores! A' saude da Messalina!.. Hyp! hyp!

TODOS. (*tocando os copos.*) Hurrah! hurrah!

¶ fim do proloço

(*) Luciola.

ACTO I

Um novo Dom João

Salão luxuoso. E' noite. Ao subir o panno, Maria está sentada junto de uma meza, a meio da scena, com o rosto apoiado á mão, e Mauricio, quasi deitado em um sophá, fuma.

SCENA I

Mauricio e Maria

MAURICIO. (*contemplando o fumo do charuto, descuidosamente.*) Pensas?

MARIA. Em que?

MAURICIO. Em Carlos de Andrade, talvez.

MARIA. E' engraçdao! E porque heide eu pensar mais n'elle do que em outro qualquer? Sou livre, meu caro, e o meu pensamento é mais livre ainda.

MAURICIO. E não o amas?

MARIA. Amal-o? Pois já se esqueceu do que eu disse hontem?... Não ame, não amo, nem amarei nunca. Não sei o que é o amôr. Quando me virem apaixonada por um homem, dou licença que me cuspem na face, que me calquem aos pés, que fujam de mim, como de um lazaro. Sou bella, diz-me a consciencia, e os meus espelhos não meteem; sou moça, pois que só tenho vinte e cinco primaveras; tenho todos os prazeres da vida, todos os gosos imaginaveis... Que me importa o resto?

MAURICIO. Mas é que nem sempre terás vinte e cinco annos nem nm rosto de anjo.

MARIA. Falla-me na velhice?... Oh! mas as mulheres

como eu, quando presentem que a velhice se aproxima, matam-se! Orgulhosa da minha formosura, não deixarei que o meu rosto crie rugas, que as minhas fôrmas percam a flexibilidade... Amar?... Para que?... Para ser uma Mimi?... Para morrer phthysica?... É romântico, mas é triste. Si eu posso viver livre, inteiramente livre, para que heide ir entregar os pulsos ás cadêas da escravidão?... para que heide escravisar-me a um homem, que mais tarde me desprezará, me lançará em rosto o passado, me atirá á face, com o mais esmagador desprezo, estas palavras: — «Quem foste? quem és?...» —

MAURICIO. Magdalena arrependeu se.

MARIA. De haver sido uma mulher perdida? Não creia,

MAURICIO. De que então?

MARIA. Magdalena arrependeu-se porque teve medo...

MAURICIO. (*tomando outra posição no sofa.*) Medo?

MARIA. Sim. Um medo horrível d'essa ficção a que chamam—Deus. Acreditou na sua existencia, creu que elle a castigaria com castigos tremendos, e fingio-se arrependida...

MAURICIO. E não crês em Deus?

MARIA. Não. Creio na vida, porque vivo; no goso, porque goso; no prazer, porque sinto... Aqui—é o inferno; o céu é aqui. Além d'esta vida — é o vacuo, o abysmo, o esquecimento. Aqui—chora-se ou canta-se, gosa-se ou soffre-se:—é o céu ou o inferno: o céu para os que cantam, o inferno para os que choram. Quando se arroja dos pulmões o ultimo alento, está tudo acabado. O algoz e a victima, o feliz e o desgraçado vão para a terra immunda do cemiterio, vão ser pasto dos vermes. Está tudo acabado.

MAURICIO. E não te arrependers nunca?

MARIA. Não. Para o arrependimento é necessaria a crença, e eu não creio na eternidade. A minha crença é o prazer. O mais é nada, e eu não me dou ao trabalho de pensar no nada... Tenho mais em que occupar-me. A minha belleza e as minhas «toilettes» absorvem-me o tempo. Si eu empregasse o meu tempo em meditar no invisível, estaria louca em um mez ou morta em dois, porque seria uma meditação essa horrorosamente estúpida... Leve-me á janella, mostre-me um homem qualquer e diga: — «Aquelle homem é uma mina!» — e eu me ajoelharei e direi: — «Aquelle homem é um Deus!» — Comprehende agora?

MAURICIO. Mas estás tão sceptica?

MARIA. Estou. Tenho lido muito, tenho estudado muito.

Meu pai deu-me uma instrução esplendida: gastou commigo rios de dinheiro. Conheço bastante o mundo, por mim e pelos livros. Mimi amou, amou muito, amou como só uma vez se pôde amar na vida. Qual foi a recompensa d'esse amôr immenso? Uma doença horrivel—a phthysica—o martyrio continuo, sem trêguas, de todas as horas, de todos os instantes; depois—a morte, o esquecimento, os vermes, a podridão, emfim. Gabriella de Walcreuse amou muito tambem. Qual foi a recompensa d'esse amôr enorme? Uma agonia, lenta, terrivel como os odios da inquisição:—uma morte desastrosa;—uma bala acabando de despedaçar-lhe o coração já tão despedaçado. Mariquinhas, a ingenua, a santa Mariquinhas, amou com extremo a Luiz Fernandes. Qual foi a recompensa d'esse amôr sublime de criança? Ver o homem por quem daria a propria vida, morrer por causa de outra mulher; ver essa mulher roubar-lhe, sem compaixão, até o ultimo olhar, o derradeiro sorriso do seu noivo, do seu unico amôr!.. Oh! nada de cadêas, nada de escravidão, nada de amor! (*Olympia e Elvira, cada uma com um bouquet, entram pelo fundo.*)

SCENA II

Os mesmos, Olympia e Elvira

OLYMPIA. (*offerecendo o bouquet a Maria*) A ti, que és a rosa mais deslumbrante dos jardins maravilhosos da formosura, saúdo com rosas, que são as flôres da suprema belleza!

ELVIRA. Para coroar-te a formosa fronte só um diadema das mais brilhantes estrellas; mas, não podendo arrancar-as ao céo, venho saudar-te hoje com este singelo ramo de modestissimas flôres... (*Offerece o ramo.*)

MARIA. Obrigada, minhas amigas, muito obrigada.

MAURICIO. Si estamos em maré de mimos, minha bella Maria, hasde permittir que eu tambem te faça um mimo. Em tuas mãos de fada—thesouro de perfeição—onde brilham as rosas esplendidas da primavera, deve tambem o ouro espalhar em brilhantes reflexos as suas scintillações deslumbradoras. Ellas te trouxeram rosas—rosas cheias de mel e de perfumes:—eu, humilde e commovido, trago-te o meu anel. Perdêa a mesquinha offerta. (*Tira do dedo um anel, que dá á Maria.*)

MARIA. Meus amigos, sinto-me feliz ao receber estas provas da mais sincera amizade. Não as mereço, mas aceito-as como uma recordação, que em todos os tempos me trará a memória esta noite...

MAURICIO. Não mereces ?

MARIA. Não.

MAURICIO. Mereces mais. Si eu possuísse as minas da California, deitaria a teus pés todas as suas riquezas, só para merecer-te um sorriso.

ELVIRA. Eu faria um diadema de ouro cravejado de brilhantes para coroor-te a formosa fronte.

OLYMPIA. Tu alastraria de pó de ouro o chão onde tiveses de collocar as mimosas plantas.

MARIA. Pelo que vejo e ouço, estão todos apostados para fazer-me enlouquecer de alegria... Pois olhem: eu, si fosse possuidora das riquezas de que fallam, sabem o que d'ellas fazia ? .. Empregava-as em bailes, cêas, orgias, para agradar aos meus amigos e passar a vida dos meus sonhos... Mas, embora não seja rica, preparo-lhes uma surpresa...

OLYMPIA. O que é ?

MARIA. Por ora é segredo; mas dentro em oito dias...

OLYMPIA. Ora, dize já...

MARIA. Não.

OLYMPIA. De maneira que temos de esperar oito dias ?

MARIA. Sim. Hoje é sabbado. No sabbado proximo ficarão sabendo o que é. Preparem-se,

OLYMPIA. Não diminues nem um dia ?

MARIA. Nem um só. Sou inflexivel,

OLYMPIA. Má !

ELVIRA. Eu estou prompta a esperar.

OLYMPIA. Pois eu não.

MARIA. Que remedio tens ?

OLYMPIA. Vingo me. O primeiro bilhete que me escreveres devolvo-t'ó.

MAURICIO. Depois de o leres ?

OLYMPIA. Não. Antes.

MARIA. Não faças isso...

OLYMPIA. Faço.

MARIA. Si fizeres, ficamos mal.

OLYMPIA. (*abraçando-a.*) Está bom: não faço. Eu sou tão tua amiga !

MARIA. Não é preciso que m'o digas. Leio nos teus olhos.

ELVIRA. (*aproximando-se do grupo.*) E eu então ?

MARIA. (*batendo-lhe no rosto.*) Tu ?.. Tu és a joia das raparigas bonitas no rosto e no coração.

ELVIRA. Obrigada.

OLYMPIA. Como ficou orgulhosa !

MARIA. Mas não me explicarão agora o motivo da surpresa que me fizeram ha pouco ?

ELVIRA. Não fazes annos hoje ?

MARIA. Ah ! faço vinte e cinco annos. (*A Mauricio.*) Estou envelhecendo, não ?.

MAURICIO. Quem sabe ?.

SCENA III

Os mesmos, Alfredo e Jorge

ALFREDO. (*du porta.*) Permittem o ingresso a dois peregrinos que veem depôr ás plantas da rainha da belleza os seus humillissimos respeitos ?

MARIA. Como ? Pois pedem licença ? (*Sobe.*)

ALFREDO. (*descendo com Jorge.*) Temiamos que houvesse aqui dragões que nos impedissem a entrada.

MARIA. Não estamos no jardim das Hesperides.

OLYMPIA. (*a Alfredo.*) O offerecimento em verso. Aqui os poetas só podem fallar em verso.

ALFREDO. Pelo que vejo, estamos em pleno Parnaso !

JORGE. Mas faltam seis musas.

ALFREDO. E Apollo ?

MAURICIO. Desceu ao valle no feroso Pégaso. Constou-lhe que queria aqui ter entrada um poetastro de aldêa e foi procural-o para fazel-o conhecer o seu lugar. O pobre rapaz hado ficar desesperado; mas que tenha paciencia...

JORGE. (*ironico.*) E' o caso de dizer-se como poeta:

«Ao Parnaso quer subir
 «Novo rival de Camões,
 »E das loucas pretenções
 «As musas se põem a rir;
 «Apolló, sem se effligir,
 «D'est'arte diz ao casmurro:

—«Pode entrar, que não o empurro,
 «Nem me vem causar abalo:
 «Já cá sustento um cavallo,
 «Sustentarei mais um burro!»—

MAURICIO. Obrigado. Cá chegou.

JORGE. O que?

MAURICIO. Quando entraram, a quem encontraram aqui?

ALFREDO. Ah! ah! ah!

MARIA. Nada de discussões. Ao contrario, quando Apollo chegar, contar-lhe-hei tudo.

ALFREDO. Quem é Apollo?

MAURICIO. O visconde de Monte-Verde.

MARIA. Um vovô de cincoenta e cinco janeiros, prodigo como um rapaz de vinte primaveras.

OLYMPIA. Anda viajando?

MARIA. Chegou hoje. Não deve tardar por ahí.

MAURICIO. É rico,

ALFREDO. (*dando um escriptorio a Maria.*) Offereço-te uma pequenina prova da minha immensa sympathia.

JORGE. (*dando um livro.*) Não te offereço um mimo custoso e magnifico em que o ouro scintille com os seus reflexos fulvos e os diamantes deslumbrem com o seu brilho offuscante. É um livro que te trago—«A Dama das Camélias»—uma mulher formosa como tu e cuja historia é quasi igual á tua. Acceita-o e medita sobre as suas paginas.

SCENA IV

Os mes.nos e o Visconde

VISCONDE. (*da porta, todo curvado, com o chapéo na mão.*)
 Dão licença?

MARIA. (*subindo.*) O meu querido Apollo!

VISCONDE. (*beijando-lhe a mão*) Minha formosa Cleopatra! (*Maria, Olympia e Elvira formam grupo e conversam á parte, sem prestarem attenção ao Visconde.*)

MAURICIO. Visconde, um seu humillissimo criado...

ALFREDO. Illustre visconde. .

JORGE. Senhor Visconde..

VISCONDE Oh ! meus amigos, nada de incommodos.. Estão em sua casa . (*Curvando-se ante as damas*) Minhas Sras..

OLYMPIA. (*a Maria*) Depois saberás.

ELVIRA. (*a Maria*) Sim, depois saberás.

MARIA (*às duas, sorrindo.*) E porque não heide saber já ?

OLYMPIA. Porque não e possível ?

VISCONDE. (*sempre curvado*) Minhas Sras..

OLYMPIA Ah ! estava ahi, visconde ?

VISCONDE. Ha cinco minutos que a cumprimento..

MARIA Visconde, fico com ciumes !

VISCONDE. Ah ! perdão... perdão..

ALFREDO. Não o atarantes, Maria. Deixa-o descansar da viagem.

JORGE. Coitado !

VISCONDE. Feliz, deve dizer. Pois não mereço as atenções da formosa Maria ?

MARIA E não vai comprar-me uma parelha de cavallos baios ?

VISCONDE. Heim ? . Uma...

MARIA. Uma parelha de cavallos baios.

VISCONDE. Uma parelha de cavallos baios ! Mas isso é uma loucura !..

MARIA. Si é uma locutura, não os compre; mas declaro-lhe que ficamos mal

VISCONDE. Nada... nada... Para evitar essa desgraça, daria... daria toda a minha fortuna. . Senhor... senhor Jorge... feça o favor ..

JORGE. (*aproximando-se.*) Sr. Visconde...

VISCONDE. Tire-me aqui de um embaraço... Diga á formosa Maria si eu sou ou não capaz de dar toda a minha fortuna somente para merecer-lhe um sorriso ..

JORGE Quer que felle com franqueza, Sr. Visconde ?

VISCONDE. Sem duvida, sem duvida...

JORGE O Sr. não seria capaz de dar toda a sua fortuna; mas de enforçar-se... talvez... (*Sobe.*)

OLYMPIA. (*segurando o Visconde por uma orelha.*) Usurario !

VISCONDE. (*fazendo uma pirueta*) Oh ! Sr... Sr.. Jorge .. quer ver ?

JORGE. O que ?

VISCONDE. Espere um momento (*Sahe.*)

SCENA V

Os mesmos, menos o Visconde

MAURICIO. Maria, não o ponhas louco.

MARIA. Já está.

ALFREDO. Mas é uma loucura mansa e divertida. Si o apertares muito, pode ficar furioso.

MARIA. Que me importa?

MAURICIO. E não tens pena?

MARIA. Pena! Pois eu gasto o meu tempo em compadecer-me dos outros?

ALFREDO. Então não tens coração?

MARIA. Tenho, mas para viver, porque o coração é indispensavel á vida. Para compadecer-me dos outros, não.

ELVIRA. Mas os sentimentos de humanidade...

MARIA. Ora, minha cara! A humanidade .. sou eu, os meus prazeres, os meus gosos, a minha opulencia, a minha belleza incomparavel! (*Sahe.*)

OLYMPIA. (*á parte*) Vaidosa!

SCENA VI

Os mesmos, menos Maria

ALFREDO. O que iria fazer o visconde?

MAURICIO. Ora! necessariamente foi deitar-se a afogar!

ALFREDO. Duvido. Aquelle velho tem amôr á pelle.

OLYMPIA. Mas é um completo idiota!

SCENA VII

Os mesmos, Visconde e Maria

VISCONDE. (*pelo fundo, com um escriptorio na mão.*) Maria! Maria!

MARIA. (*da direita.*) Aqui estou. O que ha?

VISCONDE. Olha. Soberbo! Heim?

MARIA. (*tomandô o escriptorio.*) Um adereço... Podia ser melhor; mas acceto, não se esquecendo dos cavallos.

VISCONDE. Não me esquecerei. Si te amo tanto !

OLYMPIA. E eu então, visconde ?

VISCONDE. (*atrapalhado.*) Ah ! eu...

OLYMPIA. Ama-me tambem ?..

VISCONDE. Eu .. eu .. creio que sim... mas... sim. quero dizer..

MARIA. Visconde, ficamos mal !

MAURICIO. E' ridiculo !

JORGE. Pelo que vejo, são rivaes ?

ALFREDO. Este visconde é um herôe. Só lhe noto um defeito.

VISCONDE. Um defeito .. Qual é ?

ALFREDO. Apaixonar dois corações ao mesmo tempo.

VISCONDE. Não tenho a culpa.

MARIA. (*fingindo chorar.*) E eu que o amo tanto !..

OLYMPIA. (*fingindo chorar*) E eu tambem !

VISCONDE. Adeus, minhas encommendas !

ALFREDO. Aqui está o resultado da sua volubilidade !

VISCONDE. Quando perderei o costume de ser borboleta !

JORGE. (*á parte.*) Que miseria !

VISCONDE. Perdão, Maria..

MARIA. (*subindo.*) Acabou-se tudo !

VISCONDE. Olympia..

OLYMPIA. (*subindo*) Está tudo acabado !

ALFREDO. Ajoelhe-se, Visconde.

VISCONDE. (*cahindo de joelhos.*) Senhoras... por compaixão...

MARIA E OLYMPIA. Não !

VISCONDE. Pelo amôr que lhes...

ALFREDO. Heim ? O que é isso, visconde ?

VISCONDE. Pelo amôr que te tenho, Maria !

JORGE. (*a Alfredo e Mauricio.*) Que figura fazemos nós aqui ? Vamos ?

ALFREDO. Vamos.

MARIA. Já ?

ALFREDO. Voltaremos depois. (*Sahem os tres.*)

OLYMPIA. (*á Elvira*) Vamos ao jardim ?

ELVIRA. Vamos.

MARIA. Deixem-me ?

OLYMPIA. Vamos ao jardim. Ahi fica o Visconde para te divertir .. (*Sahem.*)

SCENA VIII

Maria e Visconde

VISCONDE. (*satisfetissimo.*) Ficamos, finalmente, sós !

MARIA. Creio que não

VISCONDE. Como ?

MARIA. Porque vou deixal-o tambem.

VISCONDE. Porque ?

MARIA. Adeus ! (*Sahe, enviando-lhe um beijo.*)

SCENA IX

VISCONDE. (*enviando muitos beijos.*) Eu estoiro !... de repente estoiro ! . Esta rapariga é um demonio !.. um verdadeiro demonio !.. E ama-me como uma doidinha !.. Nunca vi um amôr assim !. Mas o diabo é que ainda nada pude conseguir !.. Gasto com ella rios de dinheiro, e nada de novo ! Emfim, talvez que mais tarde...

SCENA X

Visconde e Olympia

OLYMPIA (*entrando pelo fundo e batendo-lhe na face.*)
Visconde, venho buscal-o.

VISCONDE. Buscar-me. . para onde ?

OLYMPIA Para o jardim.

VISCONDE. Para o jardim... Oh ! menina, diga-me uma coisa .

OLYMPIA. Duas e tres, si quizer.

VISCONDE. A menina ama-me ?

OLYMPIA. Não.

VISCONDE. Não ?

OLYMPIA. Não.

VISCONDE. Porque ?

OLYMPIA. Porque o Visconde é um ingrato .. um volúvel...

VISCONDE. Ora, mas isso...

OLYMPIA. O que tem?

VISCONDE. Nada, nada, absolutamente.

OLYMPIA. Depois, sou tão amiga de Maria ..

VISCONDE. Mas arranja se tudo, sem que Maria saiba.

OLYMPIA. Deveras?

VISCONDE. Deveras, sim

OLYMPIA. E o visconde me dá...

VISCONDE. O que?

OLYMPIA. (afagando-o.) Vestidos de sêda...

VISCONDE. Dou...

OLYMPIA. (deitando a cabeça no hombro do visconde.)

Fitas, anéis, collares, pulseiras, cavallinhos bonitos e um bccadinho do seu dinheiro?..

VISCONDE. Oh! que demoninho!

OLYMPIA. Uma casinha bem linda, toda mobiliada, com um jardimzinho na frente e tres criadinhãs?

VISCONDE. Dou, dou, minha joia; dou tudo que quizeres.

OLYMPIA. Como é bom! Vamos para o jardim?

VISCONDE. Vamos, vamos... A hora não póde ser mais propicia. Sim.. a noite está magnifica... (Sahem de braço.)

OLYMPIA. (sahindo, á parte.) Que tôlo!..

SCENA XI

Carlos e Maria

CARLOS. (apparece ao fundo e Maria á direita.) Maria,.. (Maria envia-lhe um beijo e desaparece. Carlos dá um passo para seguil-a, mas pára. Pensativo.) Quem sabe?..

FIM DO 1º ACTO

ACTO II

amôr

Gabinete rico. Meza de meio. Preparos de escripta Um album. Ao subiro panno, ouvem se os ultimos compassos de uma walsa. E' noite. Carlos está sentado junto da meza, com a fronte descançada na mão.

SCENA I

CARLOS. Esta mulher!.. Para que vi eu esta mulher?.. E' um inferno este viver! E amo-a... eu, que a vejo cada vez descer mais, aviltar-se mais, amo a como um insensato! Em balde procuro calcar no fundo do coração este amôr maldicto, em balde procuro esquecer-o no meio dos prazeres, da embriaguez muitas vezes!.. De dia, de noite, a todas as horas, a todos os momentos, sempre a vejo, e sempre bella! (*Vendo o album.*) Ah! (*Folheá o album e pára de repente.*) Maldicto! (*Lê.*) «Os teus olhos são duas estrellas que reverberam a sua luz divina na estrada coberta de abrolhos da minha vida de lagrimas,—a luz santa e pura das esperanças queridas...» —(*Pausa.*) Todos eserevem no seu album... Porque não escreverei eu!.. O que me impede de deixar tambem n'este livro uma prova do amôr que por ella sinto?.. (*Escreve. Jorge apparece ao fundo, onde fica, até Carlos acabar de escrever*)

Amo-te! A vida, que se escôa rapida do berço á tumba, é solitaria e triste, si não se abraça do prazer aos jubilos, pois só no amôr é que o prazer consiste...

Sei que me esqueces... mas na dôr sem balsamo
que me acabrunha e me devora o seio,
consente em ser do meu amor o idolo,
e que eu te adore n'este atroz aneio...

E quando a morte me prostrar... ai ! chora-me...
sobre o cadaver do cantor que dorme
geme, chorando da saudade as lagrimas:
—De amor sublime—coração enorme!—

SCENA II

Carlos e Jorge

JORGE (*descendo vagarosamente.*) Bonitos estão elles,
Carlos, mas são mal empregados.

CARLOS. (*levantando-se.*) Ah !

JORGE. Tambem escreves versos no seu album ? Pedio-t'os
ella ?.. Essa mulher, meu amigo, é muito orgulhosa para fa-
zer-te semelhante pedido...

CARLOS. Mas eu amo-a. .

JORGE. Amas ?.. E o teu nome ?.. e a tua honra ?..

CARLOS. Oh ! tudo esqueço por amôr d'ella: o meu nome,
a minha honra... tudo...

JORGE. Olha: queres saber o que é o amôr entre as mu-
lheres como Maria ?.. Queres saber ao que chamam ellas amor ?..
E' ao ouro, á conveniencia, ao luxo, á ociosidade, á devassidão.
Sei que a amaste muito emquanto foi ella pura e virgem, que a
adoraste quasi como se adora á Deus; mas nunca suppuz que
continuasses a amal-a depois de perdida, depois de mais vil do
que o verme que se arrasta na podridão !

CARLOS. Mas...

JORGE. Oh ! não me digas nada ! Sei a historia d'este
amôr. Foste tu mesmo que a contaste; foi ella mesma que disse
que nunca te amou. Gosa os seus carinhos emquanto puderes;
mas não a ames, porque esse amor é a abjecção, é o desprezo de
si mesmo, é o crime. Por isso é que andas ahí com cara de lé-
gua e meia, cabeça baixa, magro e de olhos no chão... N'esse
andar, acabas doido, meu pobre amigo...

CARLOS. Talvez !

JORGE. E si sabias que havias de ficar doido, para que te apaixonaste por ella--por uma mulher sem brio, sem honra, sem coração? Porque não empregas o teu amor em uma rapariga honesta e pura, que possa recompensal-o? Quem te disse que olhasses para uma Messalina? Porque te apaixonaste por ella?.. Pela sua belleza?.. Mas ha tanta mulher bonita e digna do teu amor, tanta rapariga pobre a quem podes amparar com o teu nome... Porque te apaixonaste por ella, Carlos?

CARLOS. Porque?.. Porque o meu coração queria amar, porque essa mulher subjugou-o, porque eu não tive forças para fugir..

JORGE. E o que pretendes fazer agora?

CARLOS. Sofrer.. e calar-me..

JORGE. E's um covarde!

CARLOS. Um covarde!

JORGE. Esquece essa mulher, esquece a, porque essa mulher hade ser a tua perdição... Porque não amas tua prima? E' uma moça honesta e diligente. Conheço-a bem. Ainda hontem estive em sua casa. Durante todo o serão só fallou em ti, queixando-se que não apparecias, que não ias vel-a. E' pobre. Mas que importa? Não és tu rico bastante para repartir com ella a tua abastança? Tenstão perto o céu, e queres precipitar-te no inferno. Abre os olhos e recúa. Hoje ainda é tempo. Amanha talvez já seja tarde. Tua prima ama-te. Julia é um anjo. Precisa de quem a ampare. Morreu-lhe a mãe o anno passado, como sabes. A pobresinha vive só, porque o pai vai á casa somente para descansar dos seus penosos trabalhos, á noite. Casa te com ella. Melhor companhoira para as lidas d'este mundo não encontras tu por certo...

CARLOS. Ah! si ha mais tempo me tivesses dado esse conselho...

JORGE. (*approximando-se de Carlos.*) E então?

CARLOS. Tel-o-hia accetado com os braços abertos... Mas hoje... não posso amar minha prima. . Sintó-o do fundo d'alma; mas o meu coração não pode conter dois amôres...

JORGE. Pois que contenha um só. Esquece a Messalina e adora a Virgem.

CARLOS. Esquecel-a?.. Oh! nunca!

JORGE. Louco! cem, mil vezes louco!.. Pois não acabo de dizer-te que esta mulher é..

CARLOS. Oh! cala-te! Não me faças soffrer ainda mais!

JORGE Deixo-te com os teus pensamentos. Prevejo que ainda hoje terás de te arrepender da tua paixão insensata...

CARLOS. Como?

JORGE. Não sei (*Sabe*)

SCENA III

CARLOS Oh! Deus não daria tanta belleza áquella mulher, sem lhe ter dado um grande coração! (*Fica pensativo.*)

SCENA IV

Carlos e Maria

MARIA. Ah! estava aqui? Como acha a minha festa?

CARLOS. Esplendida...

MARIA. Não parece, pois que fuge das salas para vir meditar aqui...

CARLOS. Eu meditava?

MARIA. Sem duvida. Um homem que vem a um baile e fuge das salas, é porque está aborrecido e quer meditar.

CARLOS. Em que?

MARIA. Em qualquer coisa... no amor, por exemplo.

CARLOS. Oh! sim... no amôr... mas n'um amôr febril, insensato, louco... no amôr, sim... porque eu amo...

MARIA (*sorrindo*). A mim?

CARLOS. A ti... Tu és o meu céu, a minha vida, a minha alma, a minha unica ambição...

MARIA. E o passado?

CARLOS. O passado foi um pesadelo: desapareceu ao romper da aurora... Não o evoquemos. Deixemol-o dormir nas cinzas frias do esquecimento...

MARIA. Não Lembremol-o Devemos lembral-o. Eu não o amava e o senhor queria a t' do custo possuir-me. Eu entreguei-me a outro homem, e o senhor publicou a minha deshonra, suppondo que exercia uma vingança sobre mim. Mas enganou se. Não fez mais do que advinhar o meu pensamento e satisfazer o meu desejo. Ama-me? Creio. Mas eu não o amo. N'este ponto o passado revive... Procurou atirar-me á irrisão publica não me ferio a vingança, porque realisou a minha am...

bição; mas ferio-me a idéa da affronta, e eu quero desaffrontar-me.

CARLOS. Mas o meu amor, Maria!

MARIA. (*sorrindo, ironicamente.*) O amôr, segundo pintam-no os poetas, é um menino bonito, alegre, travesso, que anda sempre armado de arco e aljava cheia de douradas settas. Filho de Marte e Venus, isto é, filho de um deus tão máo e de uma deusa tão sem pudôr, o amor não podia deixar de ter defeitos no seu todo tão galante, não tem coração. Com as suas farpadas settas dilacera, sorrindo—sorrindo, como eu estou n'este momento,—o coração d'aquelles que n'elle procuram a felicidade, e zomba depois—como eu estou fazendo agora—dos soffrimentos e dos estragos que causa... Tem por mais intimo amigo o ciúme..

CARLOS. Sim... o ciúme... é isso...

MARIA. (*sempre ironica.*) O ciúme—perfeito contraste do amôr, enquanto seu companheiro inseparavel—é um rapaz magro, amarello, de cabello desgrenhado, unhas aduncas e enormes, mãos grandes, pés dignos das mãos, olhos raiados de sangue, com o coração maligno e o coração cheio sempre de máos pensamentos. Quando o amor não se sente satisfeito com os estragos que fez com as suas penetrantes settas e atrozes zombarias, ordena ao ciúme que acabe de rasgar o coração—ferido já—com as suas unhas martyrisadoras. O ciúme abraça com entusiasmo o perverso menino, e, de mãos dadas, começam ambos, como si fôra um simples brinco de crianças, a grande obra da destruição, da desgraça, da duvida e das grandes loucuras quasi sempre. Assim, para que heide eu amar? Para que heide deixar o certo pelo duvidoso? Para que heide trocar a felicidade pela desgraça? Para que heide desprezar a liberdade pela escravidão?... As mulheres como eu despresam, odeiam, mas não amam nunca. O senhor ferio-me, não na minha honra, mas no meu amor proprio... E si me ama, como acaba de dizer, o seu amor será a minha vingança. Além d'isso, uma mulher como eu não ama... um tolo como o senhor!

CARLOS. (*exaltado, avançando um passo.*) Oh! é demais!

MARIA. (*calma.*) Que diz?

CARLOS. Digo... digo que és uma infame!

MARIA. Senhor! (*com cynismo.*) Só agora é que o sabe?

CARLOS. (*indo a ella, vencido pela paixão.*) Oh ! não !.. Perdão !..

MARIA (*com desprezo*) Ah ! ah ! ah ! pateta ! *Shahe.*)

SCENA V

CARLOS. (*cahindo n'uma cadeira.*) Oh ! e ella nem sabe quanto amor vai n'este coração !

SCENA VI

Carlos e Jorge

JORGE. Ainda, Carlos !.. Vamos: lagrimas não pagam dividas. O lugar não é proprio para meditações. Quando vamos a um baile é para nos divertirmos, gosarmos com excesso, dansarmos desesperadamente, bebermos á saude e á custa de todo mundo.

CARLOS. Mas fôste tu que me arrastaste...

JORGE. E que tem isso ? Arrastei-te, é verdade, porque não podia ver-te sombrio como um tumulto... O que é o amor ? Um brinco como outro qualquer, cuja continuidade acaba por aborrecer-nos. E tu tomas a sério o amor ! Pateta !.. Não te ama ella ? Que importa ?.. Ha mulheres de sobejo para fazerem-te esquecer as angustias estupidas de um amor ridiculo (*Levando-o ao fundo.*) Olha: vês aquelles salões repletos de gente ? Lindas mulheres ali dansam, esperando um olhar, um sorriso, uma palavra para se renderem... Verdadeiras Junos de formosura, ellas são obra de Deus nos olhos languidos, na frente esplendida, nos hombros cor de rosa, nos labios que pedem beijos .. mas no coração... mulheres ! demonios de perdição, anjos mãos do homem que n'ellas crê como tu ! Mas o que se hade fazer ?.. Nasceram assim: com o instincto da hy pocrisia, da perfidia, da ingratição: hão de assim morrer. O amor mais vehemente que possa abrigar um coração de mulher, não merece cinco minutos de meditação. Queres saber qual é o unico amor verdadeiro, desinteressado e nobre ?.. E' o amor de mãe. Este, sim, que em si reúne o que ha de mais bello, de

mais sublime, de mais grandioso. Os mais o que são ?.. Nada Nascem e passam como o fumo...

«Nuvens são, vem com vento, o vento as leva!» (*)

CARLOS. Basta! Que te importa o meu abatimento?... Tu não amas, não amaste nunca!

JORGE. Não amei nunca? Quem sabe?

CARLOS. Tu, um sceptico?

JORGE. O amor é como o vinho: alegra uns, desespera outros, mata aquelles, torna descrentes estes.. A descrença !.. oh! a descrença!.. E sabes tu si eu nunca amei? Ah! ah! ah! disseste bem... A mulher para mim vale menos do que um copo de cerveja: a cerveja da vida, a mulher mata; a cerveja é um balsamo para a saúde, a mulher é um martyrio para o coração.. Mas não ia eu cahindo no sentimentalismo?... Vamos dansar, Carlos!

CARLOS. Dansar!.. Quem pode mostrar nos labios o sorriso da felicidade, quando o coração lhe chora sangue?... Não posso.. Vai tu, Jorge.. Tu és feliz.

JORGE. Estás sarcastico hoje, Carlos. Ha pouco disseste que nunca amei; agora dizes que sou feliz...

CARLOS. Mas então...

JORGE. Sou um homem incompreheensivel, é o que eu sou. De que me serve chorar um amor perdido, si lagrimas são mutes para revivel-o? De que me serve meditar sobre as dores que me cruciam o coração, si a meditação mais as aumenta ainda? Fiz juramento de rir de tudo e de todos. E' um passatempo como outro qualquer. Si eu visse hoje meu proprio pai expirando n'uma enxêrga, crê que não tinha uma lagrima siquer para derramar pelo pobre velho... O soffrimento matou-me o coração...

CARLOS. Jorge, nunca me fallaste assim.. No teu coração ha uma chaga velha, mas que ainda gotteja sangue. Porque não me confias o teu segredo—esse fatal segredo que te mata, que te faz descreer da Providencia?... Em que seio mais amigo podes derramar as tuas lagrimas?

JORGE. Hoje, não. Um dia te contarei tudo...

CARLOS. Dize-me ao menos o nome da mulher que...

JORGE. O nome d'essa mulher, Carlos, é um segredo que nunca revelarei.

CARLOS. O nome d'essa mulher, Jorge!

(*) Antonio Feliciano de Castilho

JORGE. Não, Carlos...

CARLOS. O nome d'essa mulher! Quero saber-o!

JORGE. Pois bem. . Já que assim o queres .. (*Baixando a voz.*) E'... Maria ..

CARLOS. (*recuando.*) Maria!

JORGE. Amei-a como um louco. Depois, ella prostituio-se. Chorei, mas enxuguei as lagrimas; calquei no fundo do coração o meu amor, e folgo e rio... Todos julgam-me feliz; mas só eu sei o que soffro .. De novo te aconselho: esquece essa mulher. essa mulher é um demonio que mata! (*Sahe.*)

SCENA VII

CARLOS (*depois de uma pausa.*) Então o destino d'esta mulher é este?... Deixemos de ser covarde! Arranquemos do peito este amor que me ucvara l.. Jorge soffre... essa mulher mata-o... Vingamos o meu verdadeiro, o meu unico amigo! (*Ao fundo.*) Messalina infame, acceta a luva do desafio que te atiro a face sem pudôr! Guerra sem treguas, guerra de morte!...

SCENA VIII

Carlos, Olympia e Visconde

OLYMPIA. (*de braço com o visconde, pelo fundo.*) Ah! ah! ah! Este visconde é de uma boa fé admiravel!

VISCONDE. E não é verdade?

OLYMPIA. Pois o visconde não vê que Maria não o ama?

VISCONDE. Não me ama?

CARLOS. Não, visconde, porque aquella mulher a ninguem ama. Tem o coração de estanho assim como a face. O que ella ama é o seu ouro, o seu ouro só!

OLYMPIA. Mas o senhor insulta-a.

VISCONDE. E' verdade: insulta-a.

CARLOS. A ninguem insulto. Pois será insulto dizer a uma Messalina;—Tu não tens pudôr, tu não tens sentimentos, tu não tens coração?

OLYMPIA. O senhor hade permittir que eu transmitta á minha amiga o que acaba de dizer.

CARLOS. (*exaltando-se.*) Pode ir. Diga-lhe que a chamei
faca de estanho, coração de pedra. . . que é uma mulher sem brio,
sem sentimentos. . . uma mulher infame!

VISCONDE. Minha Olympia, si não quizeres dizer, digo eu
Não posso supportar que se insulte a formosa Maria!

OLYMPIA. (*fingindo grande ciúme.*) Visconde!

VISCONDE. Está bom, minha bella, está bom. . . Não digo
nada. . .

CARLOS. Senhor visconde, ha quanto tempo conhece a for-
mosa Maria?

VISCONDE. Quatro mezes.

CARLOS. E quanto tem gasto com ella?

VISCONDE. Quinze a vinte contos. . . não sei bem, porque
não tomo nota d'estas coisas.

CARLOS. Ah! ah! ah!

VISCONDE. Ri-se?

CARLOS. Rio-me. . . da sua simplicidade.

VISCONDE. Da minha simplicidade?

CARLOS. Sim. Pois o senhor, que tem perto de sessenta
annos, deixa-se ainda depennar d'essa maneira?

VISCONDE. Maria ama-me!

CARLOS. Ao senhor! Pois julga-se ainda no caso de ser
amado? A sua simplicidade chega ao ponto de julgar-se com di-
reito ao amôr de uma mulher, e, sobretudo, de uma mulher
como Maria?..

OLYMPIA. (*ao visconde.*) Bem feito!

VISCONDE. (*incomodado.*) Ora essa! E porque não?

CARLOS. E' preciso que um homem seja muito tôlo para
acreditar!

VISCONDE. Tôlo!.. O senhor chamou-me tôlo!

OLYMPIA. Contenha-se, visconde.

VISCONDE. Não posso conter-me! Chamou-me tôlo!

OLYMPIA. (*a Carlos.*) O senhor é um insolete!

CARLOS. A sua injuria não me attinge. Estou muito alto
para que possa chegar até mim.

VISCONDE. (*passeando, a gesticular.*) Chamou-me tôlo! .
sim. . . chamou-me tôlo!.. Ora, isto não se atura!

OLYMPIA. visconde. . .

SCENA IX

Os mesmos, Alfredo e Mauricio

ALFREDO. Quem foi que o chamou tolo, visconde ?

VISCONDE. Ora, quem havia de ser ? Foi este senhorzinho, que supõe ter o rei na barriga, desde que herdou uns miseráveis contos da tia !

CARLOS. (*avançando.*) Sr Visconde !VISCONDE. (*recuando.*) Espinhe-se agora, si lhe parece !

OLYMPIA. Vamos, visconde.

VISCONDE. Vamos, minha joia. Si fico, estoiro !.. (*Sahindo de braço com Olympia, a gesticular.*) Chamou-me tolo !.. sim, chamou-me tolo !

SCENA X

Carlos, Mauricio e Alfredo

ALFREDO. E' irrisorio este homem ! A's vezes tenho pena.

MAURICIO. De vel-o ser depennado ?

ALFREDO. Não. De vel-o representar papeis tão ridiculos.

SCENA XI

Os mesmos e Elvira

ELVIRA. (*simplesmente vestida.*) Então, abandonam as sa-las ?.. Não dansam, meus Srs, ?

ALFREDO. Estás ardente hoje, pequena !

ELVIRA. Nunca fui, meu caro senhor. Maria espera-os, e ella não está habituada a esperar.

CARLOS. Tens razão. Ella é muito infame para ter essa condescendencia !

SCENA XII

Os mesmos, Maria, Olympia e Visconde

MARIA. O sr. Carlos de Andrade é muito generoso !

MAURICIO. Retire a expressão !

CARLOS. Não desço da minha dignidade.

MAURICIO. Retire a expressão, repito!

CARLOS. Não seja... tolo!

VISCONDE. *(dando um pulo, a olhar para Mauricio.)*
Tolo!

MAURICIO. *(avançando.)* Ah!

MARIA. *(collocando-se de permeio.)* Não se incommode, meu amigo. O senhor Carlos de Andrade ama-me; eu desprezo-o. Eis a razão porque se mostra tão altivo.

CARLOS. Eu não me mostro altivo:—mostro-me superior á canalha!

TODOS. A' canalha!

MARIA. Ah! ah! ah! Não se incomodem, não se incomodem, meus amigos... Isto é fogo de amor!

CARLOS. *(levando as mãos ao peito)* Sim, á canalha infame. . porque—desprezo-a... porque odeio-a... porque... *(Cahindo n'uma cadeira.)* Meu pobre coração!..

SCENA XIII

Os mesmos e Jorge

JORGE. *(entrando na occasião em que Carlos cahe, corre a elle.)* Ah!

MARIA. *(dando uma risada)* E' um louco!

ELVIRA. *(um pouco afastada, á parte.)* Já não a ama!

VISCONDE. *(gesticulando.)* Bem feito!.. Chamou-me tolo! sim... chamou-me tolo!

JORGE. *(que está amparando a cabeça de Carlos, imperiosamente ao Visconde.)* Silêncio!. *(Walsa, dentro.)*

FIM DO 2º ACTO



ACTO III

Phantazias

Sala rica. Ao subir o panno, a scena esta vazia. Pouco depois entra Olympia pelo fundo. Traja um luxuoso vestido de baile. A' esquerda, meza com um album e um tympano. E' noite de baile.

SCENA I

OLYMPIA. Ninguem ! E' inacreditavel, pois já são quasi dez e meia... (*Senta-se, levando aos labios um bouquet de rosas que tem na mão.*) E vim voando para dansar a primeira quadrilha. Apenas tive tempo de vestir-me e de tomar o meu «bouquet» de rosas... As rosas são as flores da minha paixão... (*Levantando-se.*) Mas estou admirada!.. Esta solidão, este silencio dão-me que pensar... (*Dá duas pancadas no tympano.*)

SCENA II

Olympia e José

OLYMPIA. Maria ?

JOSÉ. A se:nhora sahio.

OLYMPIA. Como ? Abandona a casa, quando devia estar recebendo os convidados ?

JOSÉ. Não sei. A ordem que recebi foi de franquear a entrada a todos que se apresentassem.

OLYMPIA. E sabe onde foi ella ?

JOSE'. Sei e não sei.
 OLYMPIA. Como?
 JOSE'. Sei, porque ouvi-a dizer á criada, quando se vestia,
 e não sei, porque não m'o disse.
 OLYMPIA. E' galante ! Mas onde foi ?
 JOSE'. A' casa do sr. Carlos de Andrade.
 OLYMPIA (*admirada*) A' casa de Carlos ?
 JOSE'. Sim, sra. Foi buscal-o de carruagem.
 OLYMPIA. (*indo sentar-se, sempre admirada.*) Não é
 possível !
 JOSE'. Tanto é, que foi.
 OLYMPIA. (*comsigo.*) Pois ella animou-se, depois do que
 se passou ?.. (*A José.*) Bem.
 JOSE'. Era só isto ?
 OLYMPIA. Só. Pode retirar-se.
 JOSE'. A's ordens. (*Sahe.*)

SCENA III

OLYMPIA. Estou abysmada ! Mas não é possível... Este
 homem enganou-se certamente. Maria não se abaixava a tanto...
 Talvez fôsse á casa de outro qualquer...

SCENA IV

Olympia e Maria

MARIA. Ah ! já estás cá ?
 OLYMPIA. E' verdade, e sobre brazas.
 MARIA. Porque ?
 OLYMPIA. Disse-me o teu criado que tinhas ido á casa de
 Carlos ?
 MARIA. Fui.
 OLYMPIA. Mas .
 MARIA. Parece-te que é descer muito, não ?
 OLYMPIA. Sem duvida.
 MARIA. Pois estás enganada.
 OLYMPIA. Como ?
 MARIA. E' querer subir. Sabes que aquelle rapaz é rico ?

OLYMPIA. Sei.

MARIA. E então?

OLYMPIA. Então, o que?

MARIA. E' preciso não afugental-o.

OLYMPIA. Mas elle insultou-te...

MARIA. E como devemos nós receber os insultos que nos atiram á face?

OLYMPIA. Com a colera no coração e um insulto maior nos labios..

MARIA. Não. Com os olhos alegres e o sorriso nos labios; com o rosto tranquillo e o coração de marmore...

OLYMPIA. Mas...

MARIA. Tenho mais experiencia do que tu. Como sabes, aquelle rapaz ama-me. O que elle disse não foi um insulto: foi um simples desabafo. Momentos antes, havia-o eu tractado asperamente. O desabafo era justo. Não me offendi. Sorri-me. Recebi tudo tão tranquilla como nos melhores dias da minha vida...

OLYMPIA. Onde estão os teus convidados?

MARIA. Estão no salão azul.

OLYMPIA. E já estás prompta?

MARIA. Não. Vou vestir-me.

OLYMPIA. Pois apressa-te. Já são mais de dez horas.

SCENA V

As mesmas e Elvira

ELVIRA. (*traja um vestido escuro, inteiramente simples.*)
Bôa noite, minhas amigas.

MARIA. Como estás bonita hoje! Mas vem cá, minha querida: é preciso mudares de pensar...

ELVIRA. Como?

MARIA. Gostas tanto das côres sentimentaes!

ELVIRA. Ah! é porque ando sempre de lucto.

OLYMPIA. De lucto! Por quem?

ELVIRA. Por mim...

OLYMPIA. Ora, esta Elvira tem cada lembrança! Ah! ah! ah!

MARIA. Ah! ah! ah! E's uma tôla!

ELVIRA. Não escarneçam. Mal sabes tu, Olympia, como tenho pena de ti, quando te vejo calcar aos pés todos os senti-

mentos bons.. Mal sabes tu, Maria, como me rasgas o coração quando escarneces de tudo o que ha de mais nobre e de mais sagrado. Bem me conheço... Sei que sou uma mulher indigna... Mas quando eu passo e me apentam ao dedo, quando me atiram uma phrase dubia, uma palavra de sentido duvidoso, eu choro... sinto o coração espedaçar-se-me e tenho remorsos.

MARIA Ora, minha amiga, não ha quem te comprehenda! Vou vestir-me. (*Sahe.*)

SCENA VI

Elvira e Olympia

OLYMPIA. De onde provém essa tristeza com que estás hoje, Elvira?

ELVIRA Não sei... (*Senta-se.*)

OLYMPIA. Nada. Comquanto sempre fôsses sentimental, tens algum segredo que te entristece. Conta m'ò.

ELVIRA. Não tenho segredo algum...

OLYMPIA. Enganas-me. Estás doente?

ELVIRA. Não...

OLYMPIA. Amas?

ELVIRA. (*erguendo-se.*) Eu! (*Com esforço.*) Não...

OLYMPIA. Oh! oh! Como disseste esse — não!., — Amas, já sei

ELVIRA. Pois bem... sim... amo.. Mas é um amôr fatal este, é um martyrio .. Si eu não posso dizer ao homem dos meus pensamentos:—«Amo-te! amo-te muito!.. Sou uma Messalina, mas o meu amôr é virgem, é puro, é santo! Recebe-o, e em paga dá-me um pouco da tua compaixão!..»—

OLYMPIA. Mas disseste que não podias revelar o teu amôr ao homem a quem amas?

ELVIRA. Não posso...

OLYMPIA. Porque?

ELVIRA. Porque o amôr no meu coração — é um crime. nos meus labios — um sacrilegio...

OLYMPIA. Ora!

ELVIRA. O amor é tão divino, tão de Deus, que si eu dissesse a um homem:—«Ame te!»—elle teria o direito de cuspir-me na face, de matar-me até...

OLYMPIA. Deixa-te disso... Deitaria pela janella fóra a ultima moeda, si lhe impuzesses essa condição.

ELVIRA. Além d'isso, o homem a quem amo é rico. Supporia que me declarei apaixonada para fazer jús á sua fortuna...

OLYMPIA. (*ironica.*) E si assim fôsse?

ELVIRA. Si assim fôsse, eu seria a creatura mais vil, mais infame, mais abjecta... mereceria o odio dos homens e a maldição de Deus!

OLYMPIA. Mas a quem amas?

ELVIRA. E' inutil perguntares-m'o. Nunca t'o direi. Amo. Sinto que morrerei d'este amor... Paciencia... Oh! um soffrimento de mais ou de menos...

OLYMPIA. Minha amiga, esse amôr é um castigo. Crê.

ELVIRA. Quem sabe?. Talvez seja o perdão de Deus!

OLYMPIA. Olha: si Maria sabe que estás apaixonada, ella, que crê tanto no amôr como em Deus, criva-te de satyras.

ELVIRA. Mas tu nada lhe dirás, não é assim?. (*Varios mascarudos entram pela direita e sahem pela esquerda. Ouve-se dentro a primeira parte de uma quadrilha.*)

OLYMPIA. Vou dansar. Adeus. (*Sahe, direita.*)

SCENA VII

ELVIRA. Oh! como são miseraveis estas mulheres! Quando me lembro que somos iguaes, tenho vontade de morrer!.. E elle?... Ama outra, ama uma mulher que não o ama... chora por uma mulher que o despreza... Mas si elle soubesse que eu o amo tanto... quem sabe?... Mas quem lh'o dirá?... Eu?... Não... Tenho medo de ser odiada... Oh! nunca de meus labios ouvirá elle uma palavra de amor... um queixume.. Mas tenho tanta pena de vel-o soffrer!.. (*Senta-se a um lado, pensativa.*)

SCENA VIII

Elvira, Alfredo e Mauricio

ALFREDO. (*com um costume de truão*) Ora, vamos: nada de considerações. Dizes que ella gosta de ti?

MAURICIO. (*com um costume de antigo fidalgo hespanhol.*) Como uma louca.

ALFREDO. Pois então, tracta de seduzil-a. Si for tão bonita assim, Maria não desgostará de contal-a nas fleiras dos seus exercitos.

MAURICIO. (*a Elvira.*) Em que pensas, minha gentil gazella ?

ELVIRA. (*fria.*) Em nada.

MAURICIO. Não dansas ?

ELVIRA. Não.

MAURICIO. (*sentando-se ao ludo d'ella.*) Estás insociavel hoje.

ELVIRA. (*levantando-se.*) Que lhe importa ?

ALFREDO. Ah' ah !

ELVIRA. Digam-me: a respeito de quem fallavam ha pouco ?

MAURICIO. De uma rapariga bonita... como tu !

ELVIRA. Chama-se ..

MAURICIO. Amelia.

ELVIRA. E é filha, .

MAURICIO. De um pobre diabo,—um marceneiro.

ELVIRA. E o sr. pretende seduzil-a ?

MAURICIO. Boa duvida !

ELVIRA. Mais uma infamia !

MAURICIO. Como !

ELVIRA. Mas os srs. estão tão habituados á infamia !..

ALFREDO. Fallas serio ?

ELVIRA. Pois não vê ?

MAURICIO. Ora !

ELVIRA. Que mal lhes fez essa pobre rapariga ?.. Porque querem seduzil-a ?.. Não seria mais bonito que os Srs., ricos como são, protegessem-na, casassem-na, do que a deshonrassem, do que a atirassem ao vicio, á depravação ?

MAURICIO. Estás brincando ! Pois eu vou lá gastar um ceutil, sem um fim, seja qual for ?

SCENA IX

Os mesmos, Olympia, Maria e Visconde

OLYMPIA. O visconde está hoje de um espirito transcendental ! Si não tirasse a mascara, ninguem o conhecia.

VISCONDE. (*imita um macuco no vestuario.*) Obrigado, meu povo !

ALFREDO. Visconde, quem lhe suggerio a idéa de metamorphosear-se em macaco ?

VISCONDE. Eu. Pois eu não posso ter uma idéa? E o senhor, quem lhe disse que se vestisse de truão ?..

ALFREDO. O visconde não só póde ter uma idéa, como até uma duzia; mas não o julgo capaz de tal

MARIA. Deixe-o, visconde, e cumpra o promettido. (*Maria traja luxuosamente.*)

VISCONDE. Mas o que prometti eu ?

MARIA. Já se esqueceu? Cante. Estou anciosa por ouvi-lo.

VISCONDE. Não sei cantar.

MARIA. Mas hade cantar.

MAURICIO. O visconde hoje só assobia

VISCONDE. Não canto.

MARIA. Ora, cante..

VISCONDE. Estou constipado.

OLYMPIA. Isso não impede.

VISCONDE. Impede, sim, senhora, impede. Já disse que não canto, e não canto mesmo. Sou teimoso como um jumento.

ALFREDO. «*Similia cum similibus facile congregantur.*»

VISCONDE. Como ?

ALFREDO. Quero dizer:--«*birds of a feather all flock together.*»

VISCONDE. Isso quer dizer aquillo ?

ALFREDO. Isto quer dizer isto mesmo. E' um adagio inglez. Sabe inglez ?

VISCONDE. Eu ?

MAURICIO. A pergunta é ociosa. Um macaco sabendo inglez deve ser engraçado !

MARIA. (*á Elvira.*) Ainda não dansaste ?

ELVIRA. Não.

MARIA. Hade dansar agora. Quando se vai a um baile é para se dansar. (*Walsa, dentro.*)

ELVIRA. Desculpa, mas não posso.

VISCONDE. Não pode?... Porque não póde?... Hade dansar commigo.

ELVIRA. (*sorrindo.*) Com o senhor ?

VISCONDE. Esta walsa está mesmo de fazer os anjos andarem á roda, e eu quero dansal-a. Vamos ?

ELVIRA. Não posso.

VISCONDE. Pode, sim; vamos. (*Quer tomar-lhe o braço.*)

ELVIRA. (*afastando-se.*) Não seja importuno, sr. visconde!
 TODOS. Ah! ah! ah!
 ALFREDO. Pobre macaco!
 MARIA. (*a Elvira.*) Fazes-me o favor?
 ELVIRA. Enfim...
 VISCONDE. Sempre cedeu. Ora graças a Deus!
 ELVIRA. Como é que os macacos walsam!
 TODOS. Ah! ah! ah!
 MARIA. Nunca vi o visconde dansar, e quero apreciá-lo.
 VISCONDE. Pois aprecie agora. (*Saem todos pela direita.*)
 ALFREDO E MAURICIO. (*após o Visconde.*) Macaco! macaco!

SCENA X

Jorge e Carlos

JORGE. (*traja usualmente de preto.*) Recommendo-te de novo a força e a coragem. Não mostres mais a essa mulher que a amas, Disseste-me que foi á tua casa?
 CARLOS. (*traja usualmente de preto.*) Foi.
 JORGE. Cautela. Esta mulher é um demonio. Todo o cuidado com ella é pouco. Viemos demasiado tarde. Não sei como anda isso ahi por dentro. Vou ver.
 CARLOS. Eu fico.
 JORGE. Pois fica; mas toma cuidado. (*Sahe pela direita.*)

SCENA XI

CARLOS. Não sei o que sinto... Parece que uma vida nova se abre para mim... Ella foi procurar-me... Pedio-me que visse... instou supplicou... vi-lhe até lagrimas nos olhos... Talvez que me ame ainda... Quem sabe? Oh! como eu serei feliz então! Vel-a todos os dias, a todos os instantes, sempre carinhosa, bella sempre!.. (*Pausa.*) E si ella foi procurar-me, não por amor, mas por uma phantasia, por um capricho?... Si nunca me amar?... Oh! duvida infernal, que, apenas a esperança me sorri, lanças por terra, desfazes, sem dó, as mais formosas flores do meu mais ardente desejo!.. (*Sentá-se á esquerda, pensativo.*)

SCENA XII

Carlos e Elvira

ELVIRA. (*vai a entrar pela direita e pára. A' parte.*) Eil-o. Pensa talvez em Maria, que nem d'elle se lembra... E' sempre assim... Oh! si elle soubesse... Não me animo a dizer-lhe uma palavra... Tenho medo...

CARLOS. (*sem vel-a.*) Oh! Maria! Maria! Si não tens de amar-me, si o teu coração é insensível e frio ao amôr, mata-me, mas não me deixes soffrer este martyrio!.

ELVIRA. Oh! isto mata!.. Oh! meu Deus!

CARLOS. (*sem vel-a.*) Soffro tanto!.. E ella folga e nem se lembra que bem perto de si ha um coração que soffre e que chora! (*Occulta o rosto nas mãos.*)

ELVIRA. (*avançando e tocando-lhe timidamente no hombro.*) Soffre?..

CARLOS. (*erguendo-se.*) Ah! estavas aqui?

ELVIRA. Não. Cheguei agora. Mas vejo-o tão triste...

CARLOS. E' engano teu. Estou cansado, mas nada sinto..

ELVIRA. O senhor soffre, eu sei...

CARLOS. Sabes?..

ELVIRA. Sei.

CARLOS. Mas...

ELVIRA. Animo! Maria não o ama; mas talvez que o ame ainda.

CARLOS. (*com desalento.*) Talvez!

ELVIRA. Descrê tão cedo? Pois olhe: eu, que sou pobre, eu, que estou só no mundo, sem pai sem mãe, sem um irmão, sem um amigo, ao menos, em cujo seio possa derramar as minhas lagrimas, a quem possa pedir conselho, amparo e protecção, -- eu tenho esperança.. Ai! da creatura que perde a esperança!

CARLOS. Mas de que tens esperança?

ELVIRA. De regenerar-me, de tornar a ser uma mulher de bem, de ser feliz. Tenho soffrido muito. Preciso um pouco de descanso, de tranquillidade. E tenho esperança que si não encontrar o descanso na terra, Deus se compadecerá de mim: dar-m'o ha no céu...

CARLOS. Vem cá, minha Elvira... (*Toma-lhe as mãos.*) Como és formosa assim! Olha: si eu não sentisse no coração um amor tão forte, tão vehemente.. amava-te..

ELVIRA. (*estremecendo.*) Amava-me?...

CARLOS. Amava-te, sim. Tu és meiga, és boa, és bella. Que mais precisava eu para ser feliz?.. Mas Maria é o meu sonho de todos as noites, a minha meditação de todos os dias.. Si para merecer-lhe um olhar, um sorriso, uma palavra, fosse preciso que eu dêsse o meu sangue, a minha vida, eu, de bom grado, daria a minha vida e o meu sangue.. Amo-a.. Que importa o passado?.. Que importa o presente?..

ELVIRA. (*commovida.*) E si ella nunca o amar?..

CARLOS. Morrerei... porque este amor é a unica esperança da minha vida..

ELVIRA. Eu pedirei por si, e ella não será tão inflexivel, que não me attenda..

CARLOS. Oh! não lhe diga uma palavra. Ella supprá que tui eu que a mandei..

ELVIRA. Mas eu lhe direi que não..

CARLOS. Não a acreditará.

ELVIRA. Pois bem: nada lhe direi, mas com uma condição..

CARLOS. Qual é?..

ELVIRA. (*Timidamente, depois de uma pausa.*) E' que..

CARLOS. (*tomando-lhe as mãos.*) Falla.

ELVIRA. E' que hade amar-me... como a uma irmã.. Promette?..

CARLOS. (*beijando-lhe a mão.*) Pois si eu já te quero tanto!

ELVIRA. Oh! obrigada! obrigada!

SCENA XIII

Os mesmos, Olympia, Maria, Jorge, Alfredo, Mauricio, mascarados

MARIA (*a Carlos.*) Estava aqui? Porque não me procurou?

JORGE. (*baixo a Carlos.*) Cuidado!

MARIA. Não dança?

CARLOS. Não.

MARIA. Hade dansar commigo. (*Musica, dentro.*) Meus srs., aproveitem a musica. Uma walsa! (*A Carlos.*) Dansamos, sim?

CARLOS. (*hesitando.*) Maria...

MARIA. (*com extrema meiguice.*) Peço-lhe como uma graça.

CARLOS. (*á parte.*) Não posso resistir..

TODOS. A' walsa ! . (*Dansam todos, menos Jorge e Elvira.*)

CARLOS. (*á terceira ou quarta volta, desprende-se de Maria e vai cahir n'uma cadeira.*) Meu Deus ! (*Jorge corre á elle.*)

TODOS. (*acudindo.*) O que é ?

JORGE. (*depois de contemplar Carlos alguns momentos, fictando Maria.*) E' a peçonha da Messalina !

ELVIRA. (*occultando o rosto nas mãos.*) Ah !..

MARIA. (*dando uma risada.*) Foi .. um beijo !

FIM DO 3º ACTO



ACTO IV

Magdalena

Em casa de Elvira. -- Sala simples, mas decente. Ao subir o panno, Elvira apparece á direita e Maria ao fundo. E' dia.

SCENA I

Elvira e Maria

ELVIRA. Ah !

MARIA. (*abraçando-a.*) Venho visitar-te, já que não appareces.

ELVIRA. Estive doente.

MARIA. Com effeito, acho-te pallida. E' preciso tractares-te, minha querida. D'essa maneira não vais bem, Tu não andas bôa. Quasi desmaiaste em minha casa, na noite do baile, depois adoceste, e gravemente, a julgar pela tua physionomia... E' preciso tractares-te...

ELVIRA. Para que ?

MARIA. Para ficares bôa, para gosares a vida, para seres feliz, como eu sou.

ELVIRA. Feliz... enquanto outros soffrem, Maria Essa tua felicidade custa lagrimas, custa torturas...

MARIA. E quem é que chora ?

ELVIRA. Carlos, que te ama... Na noite do baile, fallou-me em ti, na tua belleza, no teu coração. Depois, começou a fallar em amor, a lastimar-se...

MARIA. Esse rapaz é um doido. Não devia nunca ter pensado em amar-me. Na noite do baile fez-me uma declaração

cheia de lagrimas... e de reticencias. Ridicularizei-o. Foi este o motivo porque, em linguagem de arreeiro, chamou-me—infame canalha—em minha propria casa. Ora, bem vês que uma mulher da minha tempera não ama, porque o amor é o captiveiro, e eu quero ser livre, inteiramente livre...

ELVIRA. Mas elle soffre tanto, Maria!

MARIA. São soffrimentos esses que passam logo, Aconselha-o, e elle mudará de idéas.

ELVIRA. Carlos ama-te e hade amar-te sempre.

MARIA. Tanto peor para elle. Eu não posso amal-o. Tenho rasões fortes para isso.

ELVIRA. Para o amôr não ha rasões. Tu não o amas porque amas outro.

MARIA. Ah! ah! ah! A ninguem amo. Mas supponhamos que seja como dizes. Por ventura não tenho o direito de dar o meu coração a quem bem me parecer?. A ninguem amo. Gosto de ver esses homens n'errenderem mil finezas, satisfazerem os meus menores caprichos, apaixonarem-se por mim, e nada mais. .

ELVIRA. Então, não o amarás-nunca?

MARIA. Nunca.

ELVIRA. Fazes mal. Estou convencida que o amôr de Carlos seria a tua felicidade...

MARIA. Quem testemunhasse o interesse que por elle tomas, apostaria que és sua intermediaria. Eu, pelo menos, estou inclinada a acreditar-o...

ELVIRA. Isso disse-me elle...

MARIA. Sim?..

ELVIRA. Sim, que tu dirias isso... Mas eu affiancei-lhe que não me julgarias capaz de representar similhante papel...

MARIA. E porque não?

ELVIRA. Maria!

MARIA. Si o estimas, segundo creio, que mal ha que te interesses por elle?

ELVIRA. Estime-o, sim; mas...

MARIA. Pois fica com elle. Guarda-o para ti e colloca-o dentro de uma redoma para não apanhar pó... Ah! ah! ah!

SCENA II

As mesmas e Olympia

OLYMPIA. Bom dia, minhas amigas! Venho alegre como um passarinho na primavera! Estes homens! Quando deixarão estes homens de ser parvos! Ora, adivinha lá, Maria, o que me disseram hoje...

MARIA. Não sei.

OLYMPIA. Já fui á tua casa para dar-te a grande noticia, mas disseram-me que estavas aqui, e vim correndo... Pois é publico que o teu amante está arruinado...

MARIA. O meu amante?... Bem sabes que não tenho.

OLYMPIA. Ora! E o que é o Visconde?..

MARIA. O visconde é um tólo. Metteu-se-lhe na cabeça que hade ser meu amante, e não ha quem d'isso o dissuada. Gasta commigo todo o seu dinheiro, o que muito lhe agradeço,—porque enquanto elle empobrece enriqueço eu,—e passa a vida em minha casa,—o que pouco abalo me dá, porque a sua presença não me impede de fazer o que quero. Está arruinado, dizes tu?! Que importa?.. Não é o primeiro que se tem arruinado por minha causa...

ELVIRA. E não tens pena?

MARIA. Pena de que?.. Ora vamos; tu não comprehendes a vida. Viver é facil, mas saber viver não é para todos. Não são quatro lagrimas que me commovem, nem dez suspiros que me abrandam. (*A Olympia*, Mas o que faz o visconde?.. Chora?..

OLYMPIA. Ri-se. Diz que dá por bem empregada a fortuna que contigo esbaniou, e que sente não ter outra ainda maior para depôr-te aos pés.

MARIA. E querem estes homens que se os ame, que nos sujeitemos ás suas vontades e aos seus caprichos!.. Conheci um que ingerio uma dóse de azul da Prussia, somente porque uma rapariga negou-lhe um beijo; outro, que fez-se eremita, porque a namorada recusou-lhe não sei o quê; outro, que se enforcou, porque morreu-lhe a noiva!.. E ainda ha mulheres que amam!.. Essas que se desesperam, que choram por um homem, que se finam de paixão, que morrem de amor, merecem mais do que desprezo... merecem ser azorragadas na praça publica...

ELVIRA. E sabes tu si hasde amar um dia?..

MARIA. Ah ! ah ! ah ! Pois eu posso lá amar, eu, que desprezo os homens, que me rio d'elles, que os detesto ?.

ELVIRA. Não falles com essa isenção. Hasde amar um dia, não com um amôr vulgar, mas com um amôr vehemente, bem do intimo d'alma, eterno. E quando amares assim, gostarás que o homem dos teus pensamentos, o homem, por quem viveres e serás capaz de morrer, te diga em face:—«Pois eu posso lá amar-te, eu, que desprezo as mulheres, que me rio d'ellas, que as detesto?»—

OLYMPIA. A mulher que não quizer ouvir essas palavras, faça como eu, faça como Maria.

MARIA. E' isso, minha Olympia. Só tu me comprehendes; só nós comprehendemos a vida.

ELVIRA. Si a esse modo de encarar as coisas chama-se—compreender a vida,—eu não posso nem quero comprehendê-la.

MARIA. Mas o que queres então ?

ELVIRA. Pouco, bem pouco mesmo. Uma casinha branca na encosta verdejante de um outeiro; um laranjal, ao lado, extenso, vêrde, coroado de flôres, onde, á tardinha, langues suspirassem as auras casando as suas dôces melodias ao melodioso trovar dos passarinhos alegres; á frente, um lagosinho, azul e suspiroso como o primeiro sonho de amôr de uma donzella; boiando nas aguas transparentes do lago, uma barquinha, esguia, alva como um cysne, em que eu fôsse, descuidosa e feliz, visitar as floridas margens, apanhar conchinhas e correr na prateada arêa; ao fundo, um jardimzinho, em cujas grades azues se entrelaçassem as trepadeiras modestas; lyrios n'um canteiro, rosas n'outro, violetas n'este, e n'aquelle—a flôr dos meus extremos, a flôr do amor eterno—a sempre-viva modesta; mais além, um bosquesinho feiticeiro, onde eu fôsse, ao descambar do sol, fallar de amor ás auras, á flor, ao monte, ao céo sereno... E eu ali, só, n'esse paradisinho das puras alegrias, vivendo esquecida do mundo, das festas, dos prazeres ruidosos, da perdição emfim...

MARIA. Ah ! ah ! ah !

OLYMPIA. (ao mesmo tempo.) Ah ! ah ! ah !

MARIA. Já acabaste ?

OLYMPIA. Estás muito poetica hoje ! Olha: queres saber uma coisa ? Põe a poesia de lado e occupa-te com a realidade, que lueras mais.

MARIA. Esta Elvira está apaixonada ou...

OLYMPIA. Está apaixonada.
 MARIA. Por quem ?
 OLYMPIA. Por ..
 ELVIRA. (*supplicante.*) Olympia !

SCENA III

As mesmas, Alfredo e Mauricio

ALFREDO. Ora vivam !
 MAURICIO. Maria, sabes que estou hoje como um pintasilgo que foge á gaiola depois de um anno de captiveiro ?
 MARIA. Sim ? Tirou a sorte grande ?
 MAURICIO. Melhor do que isso.
 MARIA. O que foi então ?
 MAURICIO. Uma soberba conquista. Tens mais uma Venus para os tens exercitos. A pequena esquivou-se muito, mas cedeu afinal. E' um mimo, uma joia.
 MARIA. E onde está esse portento ?
 MAURICIO. Hoje, em casa do pai; de amanhã em diante em toda a parte, menos em casa do pai.
 MARIA. E quem é o pai ?
 ALFREDO. Um marceneiro
 MARIA. Ora ! Conquista de agua-furtada ! Não lhe faz honra a aventura, meu D. João das duzias ! (*Jorge e Carlos apparecem ao fundo e somem-se.*)
 ELVIRA. Então, sempre realisou o seu intento, não ?
 MAURICIO. Por certo.
 ELVIRA. Fez mal. Que destino pretende dar agora a essa moça ?
 MAURICIO. Nenhum. (*Jorge apparece e fica encostado a uma das portas do fundo*)
 ELVIRA. Quer vel-a então perdida, sem sentimentos, sem brio, como eu e como tantas outras, não ?
 MAURICIO. Ora !
 ELVIRA. (*perdendo gradualmente a calma.*) Praticou uma infamia !
 MAURICIO. (*avançando um passo*) Elvira !
 ELVIRA. (*medindo-o com a vista.*) Estou em minha casa, meu caro senhor, e em minha casa sô eu tenho o direito de

levantar a voz. Praticou uma infamia, repito. O homem que abusa da fraqueza de uma pobre mulher para seduzil-a, é um miseravel ! Pedi-lhe que deixasse tranquilla essa rapariga em casa de seus pais. O senhor não me attendeu. Sabe agora quaes serão as consequencias do seu miseravel triumpho ?!. As lagrimas para a infeliz mãe, que com tanto trabalho a criou; o desespero para o pai, que n'ella concentrava todas as suas alegrias; a morte talvez para ambos...

MAURICIO. Que me importa ?

ELVIRA. Foi um passo glorioso, foi um triumpho esplen-dido ! Pois não é uma gloria seduzir uma fraca mulher ?.. Não é um triumpho lançar a desordem, o desespero, a morte ao seio de uma familia ?.. E o senhor ufana-se de haver praticado uma acção semelhante !.. Devia antes curvar a fronte, arrepender-se e correr á casa da sua victima para reparar o mal. Eu sou uma mulher perdida, mas ainda tenho coração, o sentimento da dignidade ainda me não abandonou...

MAURICIO. (*abborrecido.*) Ora !

ELVIRA. Vá ! Continue a seduzir, a deshonrar, a matar de vergonha !.. Que importa que atraz fiquem as filhas chorando lagrimas de sangue, fiquem os pais amaldiçoando o infame ? . Vá ! O primeiro passo está dado... Arraste essa infeliz pelos cabellos, cuspa-lhe na face — ainda quente dos seus osculos factaes, —calque-a aos pés e atire-a ao abysmo immenso, sem fundo, da prostituição ! . Leve-a de orgia em orgia, de bordel em bordel, até vel-a bem pervertida, bem mesquinha, bem vil. . Depois,.. abandone-a ou mate a !.. O Sr. é um miseravel !.

SCENA IV

Os mesmos e Jorge

JORGE. (*descendo.*) Bravo. Elvira ! Bravo !

TODOS. Como ?

JORGE. Fallaste como um anjo: o homem que abusa da fraqueza de uma pobre mulher para seduzil-a, é um infame !

MAURICIO. Senhor !

JORGE. E' um infame, sim ! Pois que outro nome quer que se lhe dê ?.. Si o senhor tivesse uma irmã, si sua irmã fôsse seduzida, o que faria ao seductor ?

MAURICIO. Nada. O que havia de fazer ?

JORGE. Não o obrigaria a reparar o mal ?

MAURICIO. Não.

JORGE. Não o mataria?

MAURICIO. Não.

JORGE. Oh! pois então não ha brio n'esse rosto, n'esse coração nao ha sentimento ?

MAURICIO. Insulta-me ?

JORGE. Saia, sr., saia immediatamente !

MAURICIO. Mas o que tem o sr. com os meus actos ?

JORGE. O que tenho ? Queria o sr. talvez que eu lhe apertasse a mão e dissesse: — «Muito bem! avante!» — Si eu lhe estendesse a minha mão, manchal-a-hia, si eu lhe dissesse isso, seria tão infame, tão miseravel como o senhor !

MAURICIO. Ah! é de mais !

ELVIRA. Senhores...

JORGE. E o senhor vem contar a sua aviltante aventura, suppondo ter praticado um acto glorioso... e diz que quer ver a mulher que seduzio--sem sentimentos, sem brio ! Esta mulher disse-lhe:— «Vá, arraste-a pelos cabellos, cuspa-lhe na face, calque-a aos pés, mate-a !...» — Eu lhe digo o mesmo, menos que a mate, para que cada lagrima da sua victima seja-lhe um remorso, cada soluço --um martyrio, cada miseria --uma agonia ! .. Vá... A sua presença revolta-me !

MAURICIO. Nem mais uma palavra !

JORGE. (*calmo.*) Saia !

MAURICIO. Senhor !

JORGE. Saia, já disse ! .

MAURICIO. Eu saio... mas cuidado ! (*Sahe.*)

SCENA V

Os mesmos, menos Mauricio

MARIA. (*a Alfredo*) Não vai com o seu amigo ?

ALFREDO. (*sentando-se.*) Nada.. Estou melhor aqui.

MARIA. Elvira, a tua casa está hoje peor do que um mercado. Vou-me.

OLYMPIA. Eu tambem.

ALFREDO. E eu tabem.

MARIA. *a Elvira.*) Podes dizer ao senhor Carlos de Andrade que perde o seu tempo enviando-me embaixadores

ELVIRA. Offendes-me ..

MARIA. Ora... Não te retraias, minha sensitiva! Ah! é verdade: quando tiveres a tua casinha branca, o teu jardimzinho e a tua barquinha, não te esqueças de prevenir-me, sim?.. *(Sabe, rindo ás gargalhadas, com Olympia. Alfredo segue-as.)*

SCENA VI

Jorge e Elvira

JORGE. *(tomando lhe as mãos)* E's um anjo, Elvira!

ELVIRA. Sou uma mulher que sente e que ama...

JORGE. Amas?... A quem?

ELVIRA. A ninguém .. E' um segredo.

JORGE. Nem a mim o confias?

ELVIRA. Ao sr. menos que a qualquer outro...

JORGE. Porque?

ELVIRA. Porque si eu lh'o confiasse agora, d'aqui á pouco estaria descoberto...

JORGE. Não... Dize-me a quem amas, que eu juro guardar o teu segredo como o sacerdote guarda o segredo da confissão

ELVIRA. Não posso...

JORGE. Elvira, sê minha irmã. Sei que estás arrependida, e o arrependimento é a regeneração. Ama-me como amarias a um irmão, si o tivesses. Confia-me as tuas maguas...

ELVIRA. Senhor Jorge!..

JORGE. Não me julgas digno de ser teu irmão?

ELVIRA. Oh! não! Vivo tão só no mundo, e o Sr. é tão generoso... Mas não me peça que diga o nome do homem a quem amo... O meu amor seria repellido, eu seria desprezada...

JORGE. Quem sabe?

ELVIRA. Eu, que não posso amar, porque uma mulher como eu não pode, não deve amar; eu, que me sinto feliz amando em segredo, e que seria desgraçada si revelasse os meus sentimentos. O senhor é um homem honrado. Não me forçará, de certo, a dar um passo que me repugna...

JORGE. Mas já jurei guardar segredo. Além de que, para eu saber a quem amas, não é preciso que m'o digas...

ELVIRA. Como ?

JORGE. Porque tenho observado muito, e as minhas observações nunca me enganam.

ELVIRA. Que irmãosinho tenho eu ! E' mais curioso do que uma mulher !

JORGE. Mas vamos: a quem amas ?

ELVIRA. E si eu lhe confiar o meu segredo ?

JORGE. Serci mudo como um tumulto.

ELVIRA. Pois bem: eu amo...

JORGE. A quem ?

ELVIRA. Tu amo...

JORGE. Não tenhas receio... Receio porque ?

ELVIRA. (*escondendo o rosto nas mãos*.) Ao sr. Carlos..

JORGE. As minhas previsões não me enganaram... (*Carlos apparece ao fundo.*) Minha querida, fica sabendo que um segredo nunca se revela em voz alta... Olha: as paredes teem ouvidos...

ELVIRA. (*voltando-se.*) Ah ! O sr. atraçouou me !..

SCENA VII

Os mesmos e Carlos

CARLOS. (*descendo e apertando com reconhecimento as mãos de Elvira.*) Obrigado, Elvira, obrigado !

ELVIRA. (*humilde.*) Não me fica odiando, não ?..

CARLOS. A ti, pobre anjo, que te sacrificavas para ver-me feliz !.. Oh ! não !.. amo-te !.. (*Beija-lhe a mão.*)

SCENA VIII

Os mesmos e Maria

MARIA. Bravo ! Quadro soberbo !.. (*Do fundo.*)

CARLOS. (*recuando.*) Maria...

JORGE. Nem mais um passo ! Não venha empestar com o seu halito impuro este amôr que santifica a alma, que purifica o corpo e que resuscita uma mulher.

ELVIRA. (*correndo a ella.*) Vem, minha amiga... Dá-me um abraço... Sou tão feliz !

MARIA. (*afastando-a.*) Pobre criança! Desprezas então a nossa vida alegre, a nossa vida de liberdade plena, para te entregares a um homem que te não ama, que nunca te amou, porque me ama,—a mim, a Messalina, a mulher altiva, a mulher que escarnece do amor e de quem ama?..

CARLOS. (*que tem estado de cabeça baixa, levantando-a e fictando Maria.*) Amei-a... Para que negal-o?.. Mas hoje desprezo a... Não a odeio, porque desceria da minha dignidade si a odiasse!

JORGE. Muito bem, Carlos!

MARIA. Ah! ah! ah! Pois bem: fiquem embebidos nas seystu.as languorosas d'esse amor divino—que me faz rir—que eu continuarei a viver como tenho vivido:—alegre e satisfeita, esquecida do dia de hontem e meditando um novo prazer para o dia de amanhã! Adeus, Elvira. Tu és uma mulher perdida, e a Messalida será sempre a Messalina!

CARLOS. Maria!..

ELVIRA. Porque me tractas assim?..

MARIA. Porque o mereces, porque és uma mulher morta, e eu costumo cuspir a saliva do desprezo á face das mulheres que morrem como tu!..

ELVIRA. (*supplicante, chorando e com vos sumida.*) Maria . .

JORGE. Saia! Aqui não ha mais Messalina: ha uma mulher que se regenera pelo amor, uma mulher honrada, a quem estendo a minha mão, porque não temo manchar a! (*Estende a mão a Elvira.*)

ELVIRA. (*beijando-lhe a mão.*)

JORGE. Póde sahir. Vá. continúe a ser o que foi e o que e. Si se arrependesse, seria eu o primeiro a arrancar-a das trevas do vicio, para encaminhal-a á luz. Mas não se arrepende, não quer arrepender-se .. Fez mal..

MARIA. Ah! ah! ah! Vou arrepender-me em casa de Olympia, entre uma taça de champagne e os sorrisos do visconde... Voltei cá para convidal-os a assistirem á minha conversão... Senhor Jorge, sr. Carlos de Andrade, não querem vir fazer uma saúde á rainha da festa?.. (*Sahindo.*) Ah! ah! ah! (*Sahe.*)

SCENA IX

Jorge, Elvira e Carlos

ELVIRA (*aproximando-se, humildemente*) Senhor Jorge, quanto lhe devo!

JORGE. (*entre os dois.*) Agora, meus filhos, desprezo eterno ao passado; olhos no cé), e caminhar para o futuro! A tempestade passou. O sol das alegrias íntimas desponta: banhemo-vos na sua luz!. (*Carlos e Elvira abraçam-no com effusão.*)

FIM DO 4º ACTO



ACTO V

A última festa

Salão azul. Luxo deslumbrante. Quadros e espelhos. Flores por toda parte. Luzes em profusão. A meio da scena uma meza profusamente servida. Ao subir o panno, Maria, ricamente vestida, entra pela direita. Vai a um consólo e dá duas pancadas n'um tympano. Está pallida e tem os olhos pisados. Nota-se em todos os seus movimentos agitação nervosa. Apenas toca, vai sentar-se no sophá. Entra José.

SCENA I

Maria e José

MARIA. E então ?

JOSÉ'. Os convites foram distribuidos.

MARIA. Todos ?

JOSÉ'. Menos o do Sr Carlos de Andrade.

MARIA. Porque ?

JOSÉ'. Porque sua senhoria partio ha cinco dias.

MARIA. (*erguendo-se.*) Partio ? Para onde ?

JOSÉ'. Não sei.

MARIA. Partio só ?

JOSÉ'. Com a senhora Elvira.

MARIA. (*sentando-se, triste.*) Com Elvira ! Bem. ! Pode retirar-se. (*José sahe.*)

SCENA II

MARIA. (*depois de um momento de abatimento, erguendo-se, com explosão.*) Traidores !.. E eu que a julgava since-

ra, que julgava verdadeira a sua amizade !.. E elle ! Miseravel ! Dizia amar-me, jurava-o até, para melhor illudir-me !.. (*Pausa, como despreendimento, mas sempre commovida.*) Mas... que me importo eu com elle?... que me importa que se desse a outra mulher, que viva com ella, que a ame?... Si eu o amasse, não consentiria que me ludibriasse assim, oh ! não !.. Havia de vingar-me, vingar-me de um modo cruel... mais cruel do que a affronta !.. Si eu o amasse... (*Pausa. Senta-se, abatida.*) Hontem passei uma noite de insomnia... Sentia a febre abraçar-me... Tive tantas ideas, tantos pensamentos descontraídos, que temi enlouquecer... (*Pausa.*) Pensei n'elle... Vi-o bello, generoso, nobre... mas triste como a dôr... Vi-o estender as mãos para mim, supplicante, lacrymoso, pedindo o meu amor, que era a sua vida. Vi-o arrastar-se de joelhos a meus pés, perdendo uma palavra de esperanza... E eu sentia-me commovida... Estive um momento para erguel-o, para apertal-o nos braços, para dizer lhe:—«Amo-te !»—(*Com força, erguendo-se.*) Mas era uma mentira ! Si eu não o amo ! Si o meu coração não pode amar !.. Eu, apaixonada, a palavra—amôr—por mim pronunciada com sentimento, com paixão, seria irrisorio !.. Não, não amo ! não quero amar !.. (*Senta-se, acabrunhada.*) Mas tudo foi um sonho, uma visão da febre !.. (*Pausa.*) Onde estava elle hontem ?

SCENA III

Maria e Visconde

VISCONDE (*indo direito á mesa.*) Oh ! oh ! isto está succulento, verdadeiramente succulento !..

MARIA. Acha ?

VISCONDE. Esplendido ! (*Lendo as etiquetas das garrafas.*) Bravo ! Isto é que é ! Já sei que vamos ter uma noite cheia...

MARIA. (*erguendo-se, calma.*) De vinho ?

VISCONDE. E de alegria também.

MARIA. E' esse, pelo menos, o meu pensamento.

VISCONDE. Sempre hasde ter pensamentos succulentos !

MARIA. Diga-me: por onde tem andado desde a noite do baile ? Ha um mez que não o vejo.

VISCONDE. Ora ! Tenho andado por toda parte . e por parte nenhuma.

MARIA. A resposta pode ser muito clara, mas não a comprehendo.

VISCONDE. Pois nada mais positivo. Tenho andado por toda parte, porque tenho passado a vida na rua do Ouvidor, palestrando com as francezas ..

MARIA. Deveras? E o visconde sabe francez?

VISCONDE. Não; mas fallava em portuguez.

MARIA. E ellas?

VISCONDE. Respondiam-me em francez.

MARIA. E entendia-as?

VISCONDE. Não; mas era o mesmo.

MARIA. E o visconde não temia ser victima d'ellas?

VISCONDE. Victima?

MARIA. Sim. Quem sabe si essas mulheres escarneciam do visconde?..

VISCONDE. De mim?.. Ora!

MARIA. Ora, não! Pois si o visconde não as entendia! Quantas vezes fallou-lhes o visconde em fitas e ellas responderam-lhe...

VISCONDE. Com que?

MARIA. Com figas, por exemplo. Então divertio-se muito, não?

VISCONDE. Muito!.. Muitissimo! Nunca me diverti tanto!

MARIA. Nem em minha casa?

VISCONDE. Ah! em tua casa a gente diverte-se também...

MARIA. Mas vamos: não esteve em parte alguma porque...

VISCONDE. Porque não sahi da rua do Ouvidor.

MARIA. De modo que o visconde está com a educação completa! Para um provinciano que chegou aos sessenta annos sem nunca ter sahido da sua terra natal, caminhou como um wagem. Felicito-o.

VISCONDE. Ora! Os homens de talento depressa se habituaem.

MARIA. E o visconde tem talento?

VISCONDE. Espero que não me faças a affronta de duvidar...

MARIA. Deus me livre: mas quizera ter provas.

VISCONDE. Provas! Pois quem bebe como um inglez, sabe todos os jogos e eutrem relações com as raparigas da moda,—parece-me que tem talento... Ah! esquecia-me de dizer-te que também já tenho entrada nas caixas dos theatros..

MARIA. Também? E em que idioma falla com as actrizes?

VISCONDE. Em portuguez

MARIA. E quando as actrizes são italianas?..

VISCONDE. Fallo tambem em portuguez, sempre em portuguez.

MARIA. E entende-as?

VISCONDE. Não, mas é o mesmo, porque ellas tambem não me entendem...

MARIA. O senhor é um homem admiravel, e tem uma bôa fé mais admiravel ainda... uma bôa lé que toca a simplicidade.

VISCONDE. Pois estás enganada, minha flôr. Sou fino como uma raposa.

MARIA. Acredito, porque e o senhor mesmo quem o diz.

VISCONDE. E a prova é que quando o pelintra do Carlos me chamou—tôlo,—entendi-o logo, e cresci, cresci tanto, que si Olympia não tivesse mão em mim, eu era capaz de furar o céo com a cabeça... Fiquei como uma braza!

MARIA. Com effeito!

VISCONDE. No primeiro impeto, quasi o esganei...

MARIA. E o que foi que o conteve?

VISCONDE. A prudencia.

MARIA. Ou o medo?

VISCONDE. O medo! Não me conheces. Si me conhecesses melhor, verias o que vai em mim de...

MARIA. De coragem?

VISCONDE. De coragem, sim! Pois então! Mas aquelle rapazola não perde por esperar!

MARIA. O que pretende fazer?

VISCONDE. Nada... Eu cá sei...

MARIA. Si vai desafiar-o para um duello, peço lhe que compareça no logar do combate com o seu vestuario de macaco. Deve produzir um effeito magnifico!

VISCONDE. Parece que estás zombando...

MARIA. Eu?

VISCONDE. Pois eu devo lá ir brigar vestido de macaco! Eram capazes de correr-me á pedrada!.. Além de que, não quero saber de duellos nem por sonhos... O duello é cego e...

MARIA. E podia succeder que o visconde levasse alguma estocada contra a vontade, não?

VISCONDE. E' exacto. Quando encontrar o biltre ao voltar de uma esquina, dou-lhe meia duzia de cachações, e está tudo acabado.

MARIA. Mas isso não é vingança de fidalgo.

VISCONDE. Ora, cada um faz o que quer, e eu quero fazer assim. E' uma phantasia.

MARIA. E depois da questão ainda não o encontrou ?

VISCONDE. Já, mas em logares tão desertos que..

MARIA. Que recebeu approximar-se.

VISCONDE. Nada. . que não quiz desaffrontar-me. Eu quero que a minha vingança seja vista por todos, para que no dia seguinte os jornaes digam:—«Hontem, ás tantas horas do dia, na rua do Ouvidor, o sr. visconde de Monte-Verde puchou as orelhas do sr. Carlos de Andrade.»—

MARIA. Mas isso não é benito. Pois o sr., um titular, quer passar por capoeira ?

VISCONDE. E' mais uma prova de talento

MARIA. Quer que lhe diga uma coisa, visconde ? O sr. está hoje inteiramente desfructavel. Ainda não abriu a bôcca, depois que aqui chegou, sinão para dizer tolices.

VISCONDE. (*formalisado*.. Maria. . isso que dizes...

MARIA. E' o que lhe digo

VISCONDE. Pois então .. não deu mais pio ! (*Senta-se perto da meza*)

SCENA IV

Os mesmos e Olympia

OLYMPIA. Bôa noite.

MARIA. Adeus, Olympia.

OLYMPIA. Ora, muito obrigada, Sr visconde ! muito obrigada !

VISCONDE. (*olha para ella e faz um movimento como que perguntando o que quer dizer.*)

OLYMPIA. Então o Sr. abala de casa e faz-me esperar até agora ?.. Pensei que tinha partido.

MARIA. O visconde tambem vai partir ?

VISCONDE. (*faz um gesto affirmativo*)

MARIA. Para onde ?

VISCONDE. (*faz um signal como querendo dizer: - para muito longe.*)

OLYMPIA. (*sacudindo-lhe o braço.*) Oh ! visconde está mudo ?

MARIA. O Visconde prometeu-me ha pouco não dizer uma palavra durante toda a noite.

OLYMPIA. Porque ?

MARIA. Porque está hoje com a bossa da teleima desenvolvida demais.

OLYMPIA. Ah ! ah ! ah ! E' verdade, visconde ?

VISCONDE. *(faz um gesto de protesto.)*

MARIA. Mas para onde vai elle ? Tu deves saber...

OLYMPIA. Não sei... Para a China... para a Africa... Ah ! para a California... Não é para a California, visconde ?

VISCONDE. *(faz um gesto affirmativo.)*

MARIA. E o que vai elle fazer á California ?

VISCONDE. *(faz signal de dinheiro.)*

OLYMPIA. Fortuna.

MARIA. Para vir depôr aos meus pés ?

OLYMPIA. Diz elle.

MARIA. Então é inutil sacrificar-se. Estou resolvida a não aceitar mais a opulencia de quem quer que seja. Agora quero desançar. Si o visconde quizer partir, parta e seja muito feliz; mas, por mim, pode ficar para continuar a conversar em portuguez com as francezas e com as italianas, tambem em portuguez...

OLYMPIA. O que é que estás dizendo ?

MARIA. O que elle mesmo disse ha pouco, isto é, que passou um meza conversar em portuguez com as francezas, que lhe respondiam.. em francez !

OLYMPIA. O senhor é um tôle !

VISCONDE. *(levanta-se, abre a bocca para fallar e torna a sentir-se.)*

OLYMPIA. Pois não se lembrava que estava servindo de piteca áquellas mulheres ?.. E' um tôle, repito !

VISCONDE. *(erguendo-se.)* Chamas-me tôle ! Olympia, olha que por causa d'essa palavra jurei puchar as orelhas ao biltre do Carlos !

OLYMPIA. E quer fazer-me o mesmo ?

VISCONDE. Não digo isso... mas não é prudente provocar o leão que dorme.

OLYMPIA. Ou o macaco !.. Ah ! ah ! ah ! E' verdade: sabe que aquella sua idéa de transformar-se em macaco immortalisou-o ?

VISCONDE. *(com empenho.)* Deveras, heim ?

OLYMPIA. Não se falla em outra coisa. Até um jornal, que recebi ha pouco, occupa-se d'isso.

VISCONDE. E o que diz ?

OLYMPIA. Diz que o visconde teve uma idéa luminosa em escolher similhante phantasia, e que aquelle vestuario assentava-lhe tão bem, que houve até quem jurasse que o visconde era um verdadeiro macaco...

VISCONDE. Heim !.. (*Batendo na frente.*) O talento ! o talento !

OLYMPIA. Mas o artigo não diz macaco...

VISCONDE. O que é que diz então ?

OLYMPIA. Não me lembro... Ah ! ourang-outang.

VISCONDE. Estás ouvindo, Maria ?.. Até os jornaes já se occupam com as minhas idéas... (*Batendo na frente.*) O talento ! o talento !

SCENA V

Os mesmos, Alfredo e Mauricio

ALFREDO. Dão licença ?

MARIA. Oh ! meus senhores...

ALFREDO. Visconde, accete os meus parabens.

VISCONDE. (*vaidoso.*) Porque ?

ALFREDO. Os jornaes já se occupam da sua pessoa..

VISCONDE. Assim acabou Olympia de dizer-me... Heim !.. E qual é a sua opinião ?

ALFREDO. A minha opinião é que o visconde, na carreira em que vai, ou chega em pouco tempo a um hospicio...

VISCONDE. (*rindo.*) Gaiato !

ALFREDO. Ou os seus admiradores são capazes de mandar embalsamar-o para que se não perca.

VISCONDE. (*satisfeito.*) Estão ouvindo ?.. Vou já á rua do Ouvidor espalhar que...

OLYMPIA. O que ?.. O senhor não sahe d'aqui, por que eu não quero !

VISCONDE. Ciumenta !.. Está bom: ficarei.

MAURICIO. Maria, sabes quem desapareceu ?

MARIA. Quem ?

MAURICIO. Carlos e Elvira.

MARIA. (*bruscamente.*) Já sei.

MAURICIO Dizem que estão em Petropolis.

MARIA. (*dando uma risada nervosa.*) Gosando a lua de mel ?

MAURICIO. E' provavel.

MARIA. (*com explosão.*) São uns miseraveis !.. Enganaram-me... escarneceram de mim... ludibriaram-me !.. Oh ! mas eu heide vingar-me !..

Todos. (*sorprehendidos.*) Como ?

MARIA. Aquella mulher, que eu julgaria um anjo, si os houvesse, aquella mulher, que me jurava todos os dias uma amizade eterna, traiçou-me indigna, miseravelmente...

OLYMPIA. Mas como te traiçou ella ?

MARIA. (*outra tom.*) Ah ! ah ! ah ! Que me importo ! Eu sabia que ella o amava, mas nunca suppuz que praticasse a infamia de confessar-lhe o seu amor !

VISCONDE. Mas..

MARIA. Hoje detesto-a, detesto a ambos... odeio-os mesmo... E quando uma mulher como eu odeia é capaz de tudo ! Ah ! mas heide fazel-os soffrer... soffrer... soffrer tanto.

VISCONDE. Mas porque ?

MARIA. (*exaltada.*) Porque elles amam-se... e eu não quero que se amem.. não quero ! (*Acalmando-se e mudando subitamente de tom.*) Mas os meus convidados demoram-se... Dar-se-ha o caso que não venham ?.. Si não vierem, bem poucos seremos á meza. E' um contra-tempo, porque eu pretendia fazel-os passar uma noite esplendida... (*1ª parte*) Faltará elle... Não o amo, mas quizera vel o aqui...

MAURICIO. (*vendo entrar os convidados.*) Eil-os.

MARIA. (*indo recebê-los.*) Entrem, meus amigos, entrem. Já suppunha que não vinham... (*Entram os convidados. Jorge é o ultimo.*)

SCENA VI

Os mesmos, Jorge e Convidados

MARIA. (*a Jorge.*) Tambem veio ? Obrigada. Nem sabe que prazer me dá em ter accettato o meu convite.

JORGE. (*sorrindo ironicamente.*) E's muito amavel ! Quando deixarás de ser serêa ?

MARIA. Como ?.. Creia que fallo sinceramente ..

JORGE. Como sempre ?

MARIA. Não; pela primeira vez.

JORGE. Ah !

MARIA. Meus amigos, agora que estamos todos reunidos, sò nos resta ir para a meza.

TODOS. Sim; á meza!.. *(Todos tomam lugar á mesa.)*

MARIA. *(vai ao consólo e toca o tympano. Entram quatro criados, que principiam a abrir as garrufas e a encher os copos. Maria toma lugar á cabeceira.)* Meus senhores! Quem passa a existencia no meio do revoltear dos gosos e do espadanar dos prazeres não se lembra de que o soffrimento é uma realidade, escarnece da dôr, zomba da desgraça e ri-se das explosões do amor. Eu, que fui sempre esplendidamente bella, eu, que fui sempre ardentemente adorada, procurei tornar a minha vida um edep de alegrias, um mundo de festas, um jardim em primavera eterna... Si consegui o meu grande intento, si realisei o meu mais querido sonho, podeis dizel-o vós todos, que nunca me vistes no rosto o sello da tristeza, que nunca me vistes nos meus olhos a scintillação de uma lagrima. Passei cantando todos os meus dias, passei a ir todas as minhas noites:—a minha vida foi como o paraíso descripto pela igreja e pelos poetas. Nunca um suspiro de magua fez-me estremecer o seio; jamais a nuvem da melancholia velou por um momento sequer o brilho fascinante dos meus olhos. Fui a rainha desejada de todas as festas, fui a soberana idolatrada de todos os prazeres. A opulencia vinha de toda parte render-me preito e derramar a meus pés os perfumes inebriantes das suas homenagens... Sinto me exhausta hoje, sinto-me aborrecida de ver os homens ajoelhados perante mim, de ver tantas grandezas prosternadas á minha passagem, beijando, ebricas e loucas, os signaes das minhas plantas.. Por isso, venho dizer lhes, meus senhores, que é esta a ultima festa que lhes offereço..

JORGE. Como ?.. Despresas então esta vida alegre, esta vida de prazeres e de liberdade plena, para te entregares á solidão, ao isolamento, á tristeza ?.. Pois tu, a mulher da moda, a mulher adorada e desejada por todos, abandonas o mundo, assim, sem um motivo, sem uma razão qualquer ?.. Abdicas assim a tua corôa de triumphos, renegas as tuas glorias ?..

MARIA. Tanto é possível, que o faço. *(Rindo.)* Mas não vão suppôr que estou apaixonada, que é o amor que me impelle

a deixar a minha vida de loucuras... Sabem perfeitamente que a ninguém amo, que escarneço de todos esses parvos que fallam de amor, que os desprezo até!.. Ah! ah! ah! (*Carlos apparece ao fundo. Maria estende os braços e dá um grito suffocado.*) Ah!

SCENA VII

Os mesmos e Carlos

JORGE (*indo a Carlos, baixo.*) Para que vieste?

CARLOS. (*baixo.*) Cheguei agora mesmo.

MARIA. (*depois de um momento de ansiedade, corre a elle e toma-lhe as mãos.*) Ah! finalmente, chegou!..

CARLOS. Maria...

VISCONDE. (*aos convidados, que olham-se admirados*) Que massada!

MARIA. Não sabe com que ansiedade eu o esperava!.. (*Mostrando a mesa*) E' a minha ultima noite de prazer: está tudo acabado!

JORGE. (*entre os dois.*) Não se acabou! A Messalina será sempre a Messalina!

MARIA. (*supplicante.*) Senhor!

JORGE. Vamos, Carlos. E' mais um laço que esta mulher quer armar á tua boa fé.

CARLOS. Mas eu..

JORGE. Juraste obedecer-me! Vamos! (*Carlos baixa a cabeça. Saem ambos.*)

SCENA VIII

Os mesmos, menos Jorge e Carlos

MARIA. (*correndo á porta, depois de um momento de hesitação*) Miseraveis! Oh! mas isto é infame!.. (*Descendo, com voz tremula.*) Meus amigos... Desculpem. Isto foi um pequeno incidente, a que não devemos ligar importancia... Continuemos a nossa festa! (*Tomando um copo.*) A' minha saude! Hy! hy!

TODOS. (*tocando os copos.*) Hurrah ! hurrah !

MARIA (*deixando cair o copo e levando as mãos ao peito.*) Acudam me ! acudam me !. Falta-me o ar... foge-me a vista... meu Deus !. (*Cahindo n'uma cadeira.*) Ah ! (*Todos approximam se*)

FIM DO 5º ACTO



ACTO VI

Fluctas d'alma

Gabinete. Maria, sentada junto de uma meza, em attitude meditativa, passa a mão pela frente, como tentando afastar uma idéa incommoda. Depois lê pausadamente no album, que tem diante de si. E' noite.

SCENA I

MARIA

Amo-te ! A vida, que se escôa rapida
do berço a tumba, é solitaria e triste
si não se abraça do prazer aos jubiles,
pois só no amor e que o prazer consiste.

Sei que me esqueces... mas na dôr sem balsemo,
que me acabrunha e me devora o seio,
consente em ser do meu amôr o idolo,
E que eu te adore n'este atroz aneio...

E quando a morte me prostrar... ai ! chora-me !
sobre o cadaver do cantor, que dorme,
geme, chorando da saudade as lagrimas:

— «De amôr sublime — coração em rme !» -

(Está pallida, com olheiras e o rosto cavado; nota-se-lhe grande abatimento. Fica um momento absorta em funda meditação.) E pode-se amar assim ?.. Há coração de homem que tanto sinte ?.. *(Pausa.)* O que é o amor ?.. Não sei... não o conheci nunca... Este homem diz que me ama, que hade amar-

me eternamente. Mas então o amor não é um brinco, uma phantasia, como eu suppunha... Deve ser um sentimento elevado, calmo, nobre... (*Tosse. Pausa.*) Não amei nunca e jurei que nunca havia de amar... Mas estes versos impressionaram-me... Si isto é verdade, porque não heide amar?... (*Como assaltada de uma idéa.*) E quem sabe si eu já amo?... Será amor pensar em um homem a todas as horas, a todos os momentos? sonhar todas as noites com elle?... ter um desejo ardente de saber o que faz, o que pensa?... (*Pausa.*) Ha um mez que penso consecutivamente n'elle, que tenho sempre diante dos olhos a sua imagem, que a minha maior vontade é vel-o junto de mim, para contemplal-o, para admiral-o, para sorrir-lhe... A's vezes, quero mandar chama-l-o... mas tenho medo... De que?... Não sei... Quando me lembro que elle está satisfeito, feliz, em companhia de outra mulher, tenho impetos de ir procural-a, de calcal-a aos pés, de estrangulal-a!.. (*Pausa.*) E soffro... e choro... e tenho febre... Sinto um mal estar desconhecido, uma melancolia que me aterra... Eu, que fui sempre tão alegre, que me ria de tudo, que de tudo escarnejava, sentir-me assim—abatida, pallida, nervosa!.. Será um castigo?... Amarei eu realmente aquelle homem?... Oh! mas si isto que sinto é o amôr, si esta raiva que me domina ás vezes o coração é o ciúme... sou bem desgraçada!.. (*Deixa cahir a fronte nas mãos, tossindo.*)

SCENA II

Maria e Visconde

VISCONDE. (*entrando.*) Ora viva a minha formosa Maria!

MARIA. Está bom, visconde?

VISCONDE. São como um pêro e forte como um carvalho. Nunca me senti com tanta disposição para divertir-me... Quando temos outra pandega?

MARIA. Nunca mais.

VISCONDE. Porque?

MARIA. Porque a minha casa deixou de ser um lupanar, porque eu morri para esses prazeres tumultuosos que cançam o espirito e matam o coração...

VISCONDE. Não te comprehendo.

MARIA. Nem é preciso que me comprehenda. Creio que ainda sou livre para tomar uma resolução qualquer...

VISCONDE. Mas eu...

MARIA. O senhor é exactamente como os outros. Não vem á minha casa por mim, mas pelos prazeres que lhe offereço, pelos meus bailes, pelas minhas festas...

VISCONDE. Comtudo, julgo-me um pouco superior aos outros...

MARIA. Porque?

VISCONDE. Porque... sim... na qualidade de seu protector..

MARIA. Meu protector? Pois eu estou em idade e condições de ter protectores?

VISCONDE. Pois si não queres que seja na qualidade de protector, seja na de amante.

MARIA. Melhor ainda.

VISCONDE. Como?

MARIA. Não tenho mais amantes, sr. visconde. Si os tive, morreram. Afoguei-os no vinho da minha ultima bacchanal. De hoje em diante quero viver para um homem só...

VISCONDE. Quem te ouvir, dirá que estás apaixonada.

MARIA. E estou.

VISCONDE. Então tu, que dizias com altivez e orgulho que nunca amarias...

MARIA. Pois amo. (*Tosse.*)

VISCONDE. A mim?

MARIA. Ao senhor? Pois o senhor suppõe-se no caso de ser amado, a sua simplicidade chega ao ponto de julgar-se com direito ao amor de uma mulher—como eu?..

VISCONDE. E porque não?

MARIA. Tenho dó da sua leviandade!

VISCONDE. Maria, quero crer que tudo quanto tens dito não passa de uma brincadeira...

MARIA. Nunca fallei tão sériamente.

VISCONDE. Então estás em um dos teus momentos de máo humôr. Vou á rua do Ouvidor. Quando voltar, talvez já estejas oôa

MARIA. Nunca

VISCONDE. Veremos. Adeus. (*Sahe.*)

SCENA III

MARIA. Escrevi-lhe hontem, e ainda não recebi resposta alguma.. Que quererá dizer este silencio?.. Amar-me-ha elle

ainda?... Quem sabe?... (Tosse.) Oh! aquella mulher!.. Como eu a odeio!.. (Toca no tympano. A José, que entra.) Vou sair. Si vier procurar-me o senhor Carlos de Andrade, peça lhe que espere e vá immediatamente chamar-me á casa de Esmeralda. (Sahe pela direita José segue-a. Scena vazia um momento)

SCENA IV

Alfredo e José

ALFREDO. (do fundo.) Ninguém! Tanto melhor. Vou deitar-me n'este sophá, e deitado esperarei que appareça alguém. (Deita-se. José atravessa a scena da direita para a esquerda.) Psio!.. oh! coize! Onde está Maria?

JOSÉ. Sahio n'este momento. (Sahe.)

ALFREDO. Sahio?... Pois esperarei.. Decididamente, o homem é um animal que nasceu para estar deitado.

SCENA V

Alfredo e Mauricio

MAURICIO. (do fundo, percorrendo a scena com a vista.)
Maria...

ALFREDO. Sahio

MAURICIO. Esperarei. (Senta-se.)

ALFREDO. Espera a como eu: deitado

MAURICIO. Estou com saudades d'ella Ha um mez que não a vejo,

ALFREDO. Então foi desde a noite da pandega.

MAURICIO. Consta que se nega a quem a procura...

ALFREDO. E o motivo?... Sabes?

MAURICIO. Descenflo que Maria está apaixonada.

ALFREDO. Ora! Maria não tem coração!

MAURICIO. Mas ama desesperadamente ao Carlos

ALFREDO. Carlos é rico...

MAURICIO. Maria ama o homem.

ALFREDO. Mas em que te fundas para dizer isso?

MAURICIO. Em uma carta por ella dirigida a Carlos.

ALFREDO. Viste essa carta?

MAURICIO. Suspeitando que Maria amava, quiz certificar-me.

ALFREDO. E depois ?

MAURICIO. Hontem encontrei o criado com uma carta..

ALFREDO. E tomastel-a ?

MAURICIO. Promettendo que a faria chegar ao seu destino.

ALFREDO. Mostras-m a ?

MAURICIO (*dando a carta.*) Eil-a.

ALFREDO. (*lê.*) «Caros. — Ha um mez que não o vejo Matam me saudades suas. Peço-lhe que appareça. — Maria.» — (*Restitue a carta.*) Está apaixonada. Não ha duvida.

SCENA VI

Os mesmos e Olympia

OLYMPIA. Por cá, meus senhores ?.. Onde esta Maria ?

ALFREDO. Sahio.

MAURICIO. Por onde tens andado, minha joia, que ha tanto tempo não te vejo ?

OLYMPIA. Passeando em Petropolis.

MAURICIO. E o teu visconde ?

OLYMPIA. Ora ! O meu visconde está cada vez mais parvo Quando não anda fazendo tolices pela rua, está em casa me aborrecendo com as suas asneiras... Metteu-se-lhe agora em cabeça ser deputado...

MAURICIO. E tu fôste a Petropolis cabalar ?

OLYMPIA. Pois eu vou comprometter-me por aquelle quadrupede !

ALFREDO. Pois olha que teem sido deputados muitos bipedes mais quadrupedes do que o visconde !

SCENA VII

Os mesmos e Maria

MARIA. Meus senhores... (*Senta-se, cansada. A parte.*) Não veio...

OLYMPIA. Mas como estás pallida !

MARIA. Estou doente.

OLYMPIA. Ha um mez nada sentias.

MARIA. Mas hoje... sinto-me morrer...

MAURICIO. Quem é o teu medico?

MARIA. O doutor Vasconcellos... Mandeí chamal-o ha pouco.

ALFREDO. Elle hade restituir-te a saude,

MARIA. Para a morte não ha remedio...

OLYMPIA. Ainda heide ver-te prasenteira e linda.

MARIA. Estou fraca, não tenho appetite e a febre não me deixa... Não posso dormir... Querem ver?

ALFREDO. O que?

MARIA. Dentro em pouco provar-lhes-hei que a minha molestia é incuravel... (*Tosse, levando o lenço aos labios e ficando cansada.*)

MAURICIO. O que ha n'esse lenço?

MARIA. Nada...

OLYMPIA. E' sangue.

ALFREDO. Sangue!

MARIA. (*a Alfredo.*) Meu amigo, quero merecer-lhe um favor: vá procurar Carlos, sim?

ALFREDO. Para que?

MARIA. Quero vel-o...

ALFREDO. (*trocando um olhar com os outros.*) Vou.

MAURICIO. Eu tambem vou

OLYMPIA. (*d' parte.*) Voltarei quando estiver boa.. si não morrer, Nunca tive geito para irmã de caridade! (*Alto.*) Meus caros, aproveito a amavel companhia.

MARIA. Já me deixas?

OLYMPIA. Já. Tenho que fazer... Mas voltarei... voltarei... Adeus Maria... (*Sahem os tres.*)

SCENA VIII

MARIA. Esperemos... Sinto o coração opprimido e triste... (*Pausa.*) Quem diria que eu havia de chegar a este extremo, a esta agonia tamanha! Elle ama... Lembiança horrivel, que tantas e tão dolorosas vigalias me tem feito passar... que tão amargas lagrimas me tem feito derramar!.. Messalina altiva, quem te mandou amar assim?.. quem te arrojou do pedestal em que assentavas o teu orgulho, ao abysmo d'este martyrio

atroz ?.. (*Pausa.*) Oh ! a vida ! a vida !.. Quem pode prever o que succederá no dia que hade vir ?.. Quem pode arrancar o véo que encobre o futuro, para ver as lagrimas ou os sorrisos que nos estão reservados ?.. (*Depois de um accesso de tosse, ajoelhando, fraca e abatida.*) Oh ! Deus ! creio em ti, creio no teu supremo poder, creio na tua soberana bondade ! **MAGDALENA** arrependida, venho, humilde e supplicando, accolher-me á luz benéfica da tua santa protecção !.. An para-me, oh ! Deus ! (*Jorge apparece ao fundo e para, sorprendido por vel-a de joelhos*)

SCENA IX

Maria e Jorge

JORGE. (*cruzando os braços.*) A infamia quando se ajoelha é para pedir a inspiração de um novo crime !

MARIA. (*erguendo-se, calma.*) Ou para implorar a Deus o esquecimento do passado.

JORGE. **E' raro.** (*Descendo.*) D'entre cem Messalinas, uma ha que se arrepende. não para agradar a Deus e ser perdoada, mas com medo do inferno !

MARIA. Porque crê na existencia do inferno. Eu não. O inferno para mim é aqui, porque é aqui que se soffre. Além d'isto, o nada— sempre o nada.

JORGE. Ha o horror.

MARIA. De que ?

JORGE. Do esquecimento. As mulheres como a senhora preferem jejuar quinze dias, a serem esquecidas um momento.

MARIA. Está enganado. O que eu mais desejo hoje é o esquecimento. Esqueçam-me todos, e eu me julgarei feliz; despresem-me, e eu agradecerei, sorrindo, o desprezo; odeiem-me, e eu receberei o odio como uma graça suprema !.. Esqueçam-me, despresem-me, odeiem-me todos, menos um homem, um só, porque esse é a minha vida, a minha luz, o meu norte, a minha unica ambição na terra... Por elle vivo, por elle morrerei .

JORGE. E julga que esse homem ama-a ?

MARIA. Tenho esperança .

JORGE. E' mal cabido o espirito n'este momento... Pois a senhora suppõe se digna de ser amada por aquelle homem ?

MARIA. E porque não ?

JORGE. Porque aquelle homem jã mais descerá da sua dignidade para dar-lhe o seu amor, o seu coração. Mas si a loucura dominal-o, si a compaixão arrastal o, aqui estou eu para impedir a consummação d'essa loucura, d'essa compaixão insensata, aqui estou eu para dizer-lhe:--«Que fazes, insensato ?.. Pois aquella mulher merece um sacrificio semelhante ?.. Recua ! Deixa-a chorar, deixa-a morrer, deixa-a só com os seus remorsos, com as suas agonias ! Não te approximes d'ella. O seu contacto mata, uma lagrima sua é a morte !»

MARIA. Mas elle ama Elvira...

JORGE. Porque Elvira é uma santa. Peccou, mas está arrependida. No seio de Elvira Carlos encontrará o perfume da castidade, o calor da esperança, a luz da vida, as flores sempre viçosas da mais santa amizade, E o que lhe daria a senhora ? .

MARIA. Um amor ardente, infinito; um amor como jamais houve mulher alguma que o sentisse; um amor, que me arrancando do inferno em que vivo, daria o céu ao homem que me amasse !

JORGE. Actriz consummada na vaidade e na mentira, a senhora representa o seu papel de um modo tal, que quem não a conhecesse julgaria estar na presença de uma mulher verdadeiramente apaixonada. O amor é um sentimento do céu, uma paixão divina: não pôde abrigar-se em uma alma corrompida, em um coração de lôdo !

MARIA. Basta ! Si não quer crer-me, está no seu direito... Mas não me insulte. E' uma acção mesquinha e villã insultar uma pobre mulher, fraca e enferma, que não pôde defender-se. Saia ! O senhor amou-me, e eu nunca o amei; o senhor quiz que eu fosse sua, e eu lancei-me nos braços de outro homem. Esta va escripto no grande livro do destino que havia de succeder assim, e assim succedeu. O seu amor transformou-se em odio, e o senhor procura agora todos os meios para ferir-me, para massacrar-me . E' pouco generoso, creia !.. *(Tosse, levando o lenço aos labios.)*

JORGE. E que nome deve-se dar á mulher que se perde por sua vontade, que se prostitue sem necessidade ?

MARIA. Que nome ?.. Desgraçada !..

JORGE. Não: indigna infame, miseravel !

MARIA. Senhor!

JORGE. Disse que está enferma. E' natural. As orgias, a devassidão, as loucuras não enfermam só; matam também. E a senhora morrerá despresada, repellida... Junto do seu leito de morte não verá um rosto, um coração amigo para dar-lhe coragem, para animal-a, para ajudal-a a morrer !..

SCENA X

Os mesmos e Elvira

ELVIRA. *(que tem assistido, do tundo, ao final da scena precedente, avançando.)* Verá! Serei eu!

MARIA. *(fica um momento perplexa, como retida por uma força occulta, olhando-a, depois, com um movimento rapido e expontaneo, e banhada em lagrimas, abraça-a com transporte.)* Tu és um anjo, Elvira!

JORGE. *(sorpresa.)* Tu?

ELVIRA. Eu, sim. Ao naufrago, que braceja agonizante no meio das ondas revoltas, atira-se uma tabua de salvação; ao moribundo, que se convulsiona no leito frio da morte, mostra-se o Christo para arrepende-se das misérias da vida... Porque não se hade estender a mão à mulher perdida, que chora e quer arrepende-se?.. Ouvi tudo d aquella porta. Ha uma hora que o senhor massacra esta infeliz, sem ter misericordia dos seus soffrimentos. Ha um mez, eu era uma mulher infame, talvez mais infame do que ella. O senhor estendeu-me a mão, ergueu-me do lodo em que eu me revolvia e regenerou-me. Porque não hade fazer o mesmo a esta infeliz?.. Vamos, meu amigo, vamos: peça-lhe perdão, porque a desgraçada está arrependida.

MARIA. *(soluçando.)* Meu Deus!

ELVIRA. *(ajoelhando.)* Oh! sou eu que lh'o peço de joelhos... Não vê como ella chora, como soffre a desgraçada?.. Seja tão generoso para com ella, como foi para commigo. Supplica-lhe: estenda lhe a mão, e ter me-ha salvo duas vezes!

MARIA. *(Supplicante.)* Senhor Jorge.

ELVIRA. Olhe... Não a mate!..

JORGE. Não.. não posso! E' impossivel! *(Sai rapido.)*

SCENA XI

Maria e Elvira

ELVIRA. (*erguendo-se e abraçando-a.*) Animo, minha pobre amiga!

MARIA. Animo!.. Como queres que eu tenha animo, si me sinto morrer?..

ELVIRA. Eu tornarei a pedir e elle hade attender-me..

MARIA. Não te attenderá. Aquelle homem foi por mim ferido no coração, e quer vingar-se. Que se vingue, mas deixe-me morrer com a esperança de ser amada. Quando me fallavas no amor, na solidão, no socego, eu ria-me e escarnecia de ti... mas...

ELVIRA. E' porque nunca tinhas amado. Mas hoje que amas, e que, tenho esperança, serás feliz com esse amor, que se apoderou do teu coração para o teu arrependimento, não escarneces mais; não é assim?..

MARIA. Elle duvidou do meu arrependimento, do meu amor... mas Deus bem sabe si estou arrependida e si amo..

ELVIRA. Amas, e eu sou um obstaculo ao teu amor. Si não fôra eu, tu serias feliz. Parece que uma fatalidade me enca minha os passos. Mas não importa. Serei mais forte que a fatalidade, e heide vencel-a—dando-te o amor de Carlos...

MARIA. Mas tu tambem o amas!

ELVIRA. (*com esforço.*) Ora .. um amor passageiro, que facilmente será esquecido... nem se pode chamar amôr—a isto que eu sinto... E' um capricho, uma phantasia. que amanhã terá desaparecido, para ser substituida por outra. (*A' parte.*) Uma phantasia!

MARIA. (*flctando u.*) Minha doce Elvira, si por tal preço tenho de ser feliz, regeito a felicidade... Sorrir eu, emquanto tu choras; viver eu tranquilla, emquanto tu sentes o coração dilacerado pelo soffrimento... não, nunca!

ELVIRA. Louquinha! Mas si eu heide sorrir com os teus sorrisos, si heide ser feliz com a tua felicidade? Escuta. Eu era uma desgraçada, sem nome, que vivia no vicio e no crime, passando muitas noites em trevas, muitos dias sem comer... Tu me estendeste a mão, cobriste-me a nudez... Chegou a occasião

de eu pagar uma parte d'essa divida de gratidão, sem trabalho, sem sacrificio algum...

MARIA. A tua divida de gratidão! Não, porque nada me deves. Eu não te protegi por caridade; protegi-te porque eras bonita, e eu te queria para os meus prazeres. Tu eras uma alma virgem, e tomaste por caridade o que eu fazia por interesse. Fôste villamente enganada.. Perdôa-me..

ELVIRA. Perdoar-te, o que ?

MARIA. Quanto ao sacrificio que queres fazer-me da tua felicidade, regeito-o, porque sou indigna d'elle. Eu nasci para isto. Como ha pouco disse, estava escripto que havia de succeder assim, e succedeu. Deixa-me morrer... Sê tu feliz, que bem o mereces, minha amiga. Eu sinto-me mais para o lódo, de onde sahi, do que para o céu, a que tive a loucura de aspirar um momento. Era esta a minha ultima illusão: desfizeram-m'a, como eu desfiz as outras. Pequei muito. Começa agora a expiação. Soffrerei o castigo com resignação. Que a resignação, ao menos, seja levada em desconto das minhas faltas. Sinto-me enferma. Quando o soffrimento prostrar-me para uma vez no leito da agonia, quero ver te sempre junto de mim, para me consolares na hora derradeira... (*Tosse Elvira chora.*) O teu sorriso de anjo me purificará a alma, pedirá por mim a Deus.. E quando eu morrer, si Deus tiver compaixão da misera peccadora, minh'alma, prostrada junto do throno do Altissimo, pedirá a eterna felicidade para o anjo que teve misericordia, que a protegeu sob suas azas brancas, que a consolou com a palavra santa da resignação... pedirá por ti, enfim, que não me abandonas na adversidade, que queres sacrificar-te por mim...

ELVIRA. Mas o que eu faço não é um sacrificio!

MARIA. E'.

ELVIRA. Vamos... Depois fallaremos sobre isto; Tens soffrido muito hoje... Deves estar fatigada. Vai descansar...

MARIA. Mas...

ELVIRA. Peço-t'o eu. Vai.

MARIA. (*beijando-a!*) Até logo. (*Sahe.*)

SCENA XII

ELVIRA. Amo-o, é verdade... Mas desde que esta desgraçada soffre tanto por elle, o meu amor trava a fel, não pôde haver felicidade perfeita para mim... Suffocarei o meu amor, fiz um sacrificio enorme, immenso, mas Deus sorrir-se ha no

céo, perdoando-me o passado... Ninguém me verá chorar, ninguém me verá soffrer... Quando não puder supportar com os olhos enxutos e o coração socegado a felicidade d'elles, irei procurar a solidão e o silencio para pedir coragem a Deus !

SCENA XIII

Elvira e Jorge

JORGE. Vamos.

ELVIRA. Para onde ?

JORGE. O teu lugar não é aqui.

ELVIRA. E' Aqui ha uma infeliz que soffre e que precisa de quem a anime. O meu lugar é aqui.

JORGE. Mas o ar que se respira n'esta casa infecciona; este luxo, esta opulencia estão envenenados pela podridão d'alma d'essa mulher !

ELVIRA. Eu quero que ella se salve, e o Sr. hade salvá-a.

JORGE. Estás enganada. Para essa mulher não ha salvação possível. O seu coração está morto para o arrependimento. Não podes recusar-te a acompanhar-me. Tu eras uma materia informe, um corpo sem alma, uma creatura abjecta e vil. Eu te ergui do lôjo, dei-te uma alma, regenererei-te, purifiquei-te, finalmente. Tu és minha filha, e ordeno-te que saias. (*Maria apparece á porta do quarto.*)

ELVIRA. Devo-lhe muito, devo-lhe tudo... Obedecer-lhe-hei sempre, servil-o-hei de joelhos, matar-me-hei a seus pés, si o exigir, mas não me obrigue a abandoná-la...

JORGE. Não !

ELVIRA. Peça-lhe pela sua honra, por tudo quanto ha de mais sagrado !

JORGE. E' impossivel !

ELVIRA. Senhor Jorge !

JORGE. Acabemos com isto ! Vamos !

ELVIRA. (*resoluta.*) Não irei !

JORGE. (*segurando-lhe o braço.*) Hasde ir, porque eu assim o quero ! Vamos !

ELVIRA. (*luctando.*) Deixe-me ! Não vou !

JORGE. (*arrastando-a.*) Hasde ir !

ELVIRA. (*luctando.*) Deixe-me ! deixe-me ! (*Sakem.*)

SCENA XIV

MARIA. (*vacillante, dá alguns passos; chegando ao meio da scena, cahe de joelhos, fictando o céo.*) Meu Deus! Perdôa-lhe !.. (*Deixa cair a fronte nas mãos, soluçando.*)

FIM DO 6º ACTO



EPILOGO

Emfim !

Alcova. Ao fundo um leito com cortinado. Perto do leito um toucador. Sobre o toucador um quadro com um retrato em miniatura. Maria, livida e cadaverica, está adormecida em uma poltrona, perto da janella aberta. Traja um roupão branco e está com o cabello solto. Elvira, do lado opposto, com os braços cruzados, contempla-a tristemente. É noite. O clarão da lua, entrando pela janella, illumina Maria.

SCENA I

Maria e Elvira

ELVIRA. Dorme... Ha tanto tempo que não tem um momento de repouso aquelle coração dilacerado!.. Escarneceste do amor, altiva e orgulhosa, e hoje o amor vingá-se de ti, mata-te sem compaixão!.. Mata-te?... Oh! não! Tu não morrerás.. Tens soffrido tanto... tanto... que é bem que vivas para gozar um pouco de calor do sol da felicidade... Oh! si eu pudesse trazer-o aqui, lançal-os nos teus braços, dizer:—«Amem-se, sejam felizes!»—crê que eu não hesitaria, embora isso me custasse a vida. Si o amo também tanto! *Maria faz um pequeno movimento.* Move-se. Vai talvez despertar.. Deixemol-a tranquilla... (Sáhe)

SCENA II

MARIA (*tem um estremecimento nervoso; tosse; percorre vagarosamente a scena com a vista, sorrindo triste. Com a voz fraca e cansada*) Ah! que sonho tão doce!.. Mas para que sonhar assim, si o despertar é tão triste?.. Sonhei que o tinha junto de mim .. tinha as suas mãos entre as minhas,.. contemplava-o,.. sorria-lhe. Era tão feliz! (*Pausa.*) Dizem que o sonho dá forças... mas eu sinto-me tão fraca! (*Pausa.*) Sinto o coração comprimido .. a cabeça arde-me... Meu Deus! Como é doloroso amar assim, sem esperança, sem futuro... tendo em recompensa de um amor tão grande a indiferença e o desprezo!.. Oh! si elle scubesse quantes martyrics eu tenho soffrido, não despresaria os meus extremos. . não se mostraria de gelo aos soluços da minha dôr... (*Tosse, olhando para o lenço, que retira dos labios.*) Sangue! sempre sangue! E' certo que bem pouco tenho que viver... Mas, si ao menos, antes da minha morte; elle me estendesse a mão e me dissesse:—«Vem! eu te perdô!»—Como eu seria feliz ainda!.. como eu agradeceria a Deus si me concedesse alguns momentos mais para chorar a seu lado... para vel-o... para pedir-lhe perdão!..

SCENA III

Maria e Elvira

ELVIRA. Maria.

MARIA. Ah! és tu!

ELVIRA. Mas como estás pallida!

MARIA. (*com voz sumida*) E' a pallidez da morte...

ELVIRA. Da morte?

MARIA. Sim... Mas onde estão os meus amigos... os meus adoradores?... Fugiram todos?... E' justo... Não se pode ter alegria onde ha um cadaver...

ELVIRA. Não falles assim. Ha pouco fallei ao medico sobre o teu estado ..

MARIA. E elle...

ELVIRA. (*hesitando*) Deu-me esperanças... muitas esperanças...

MARIA. Não me illudes... Ouvi tudo... Elle disse...

ELVIRA. (*fugindo à questão.*) Mas hoje parece que tens passado melhor... Já dormiste, o que não te succede ha uns poucos de dias.

MARIA. Escuta. O medico disse...

ELVIRA. (*como acima.*) Porque não procuras dormir outra vez?

MARIA. O medico disse:—«Aquella mulher não tem mais do que alguns momentos de vida!»—

ELVIRA. Não foi isso. Entendeste mal. O que elle disse foi...

MARIA. Suppunham-me adormecida. Ao ouvir aquellas palavras tive medo. . oh! um medo horrivel . porque eu não quero morrer ainda...

ELVIRA. Mas...

MARIA. Eu bem o sinto. A minha vida está como uma luz quasi a se apagar.

ELVIRA. Ainda ficarás bôa. . .

MARIA. Podes mandar a receita á botica?

ELVIRA. Vou mandar. (*A' parte.*) O medico não quiz recetar... Disse que era inutil. (*Sahe.*)

SCENA IV

MARIA. Vou escrever-lhe... pedir-lhe que venha ver-me ao menos um momento... (*Com grande custo vai a uma pequena mesa onde ha o necessario para escripta e um tympano. Escreve.*)—«Carlos.—De joelhos peço-lhe que venha ver-me. Dê-me essa consolação na minha hora derradeira.»—(*Asigna, fecha e subscripção a carta.*) Talvez que elle me atenda... Quem sabe?... (*Dá uma pancada no tympano e volta para a poltrona. A José, que entra, dando-lhe a carta.*) Esta carta immediatamente ao Sr. Carlos de Andrade. (*José sahe.*) Oh! si viesse!.. Não zombará elle outra vez de mim?..

SCENA V

Maria e Jorge

JORGE. (*da porta.*) Maria...

MARIA (*vendo-o, com um estremecimento.*) O senhor!

JORGE. (*descendo.*) Eu. Porque não? Está melhor?

MARIA. (*á parte*) Na hora da morte não se deve abrigar odios nem tancôres no coração... Já não o odeio. (*Alto.*) Sente-se... aqui... perto de mim... Preciso fallar lhe... (*Jorge senta-se perto d'ella.*) O senhor amou-me muito n'outro tempo; não é verdade?

JORGE. N'outro tempo... é verdade...

MARIA. Eu desprezei o seu amôr...

JORGE. E eu soffri muito...

MARIA. Pois bem: hoje peço-lhe que me perdôe...

JORGE. Perdoar-te...

MARIA. Sim; que me perdoe os soffrimentos que lhe causei. Oh! tenho padecido tanto!.. Não fica me odiando não?. Compadeça-se de mim... que sou um cadaver!

JORGE. Maria!

MARIA. Dê-me a sua mão... (*Toma-a.*) Deixe-me beijal-a... banhal-a com as minhas lagrimas... (*Beija-a*)

JORGE. Minha pobre Maria!.. Pensaste um momento que eu deixaria de te amar?.. O teu desvario matou-me para o mundo, mas não me matou para ti... O mal que te tenho feito não passa de uma vingança mesquinha e vil, de que hoje me arrependo... Quem deve pedir perdão sou eu...

MARIA. Obrigada! As suas palavras fazem-me tanto bem!

JORGE. Ainda é tempo, Maria... Queres ser minha?... Eu te levantarei da degradação em que cahiste, dar-te-hei o meu nome sem macula, rehabilitar-te-hei, farei com que todos te respeitem... e aí! d'aquelle que te não respeitar!

MARIA. Não posso...

JORGE. Não podes... Não vês que te amo ainda com mais ardor?.. Amo-te muito!.. Rio, canto, folgo, para que me não chamem covarde, para que não digam.—E' um miseravel! Ama como um louco e é despresado!—Maria, vamos á França, á Italia... Tu recuperarás a saude perdida e eu..

MARIA. Não posso... Perdoe-me si é uma nova chaga que lhe abro no coração... mas amo tanto!..

JORGE. Houve tempo em que eu te suppunha um demónio: hoje creio-te um anjo.

MARIA. Não sou anjo. E' Deus que me anima no martyrio, porque Deus bem sabe que estou arrependida...

JORGE. Vamos viajar... vamos á Italia...

MARIA. Não.. Quero morrer onde nasci..

JORGE. Mas isso é um suicidio !

MARIA. E' o meu ultimo soffrimento... o soffrimento que me levará ao céu.

JORGE. Ficaremos Eu te enxugarei as lagrimas que deramares por elle; tu me pagarás o sacrificio com um olhar... Basta-me isso... Mas... estou te fazendo padecer ainda mais com estas lembranças... Descança

MARIA. Não me deixe.. Estou aqui tão só !

JORGE. E os teus convidados, os teus amigos?

MARIA. Os meus convidados, só vinham á minha casa para folgar; os meus amigos, só os tive durante a felicidade.

JORGE. E' assim Miseraveis ! Chegou a desgraça—todos te abandonaram !

MARIA. Amigos, de tantos que tive, só me restam dois: o senhor e Elvira. O senhor anima-me, Elvira.. é a minha enfermeira.

JORGE. Elvira é uma santa. Era uma perola que se revolvía no lódo e que eu levantei. Seremos dois para chorar contigo..

MARIA. E.. Carlos?..

JORGE. Admira o coração de Elvira, e procura esquecer o passado..

MARIA. *(estremecendo)* Ah!.. *(Tosse.)*

JORGE. O que tens?..

MARIA. Nada... Deve ser feliz, não?..

JORGE. Supponho...

MARIA. Sim... é natural... Oh ! os homens !..

SCENA VI

O mesmo e o Visconde

Visconde. Perdão...

JORGE. O que deseja?

MARIA. Procuo Olympia.

MARIA. Não está cá.

Visconde. Ha tres noites que não vai á casa... Estou incommodadissimo..

MARIA. Então... não pergunta como me acho ?

VISCONDE. Tinha-me esquecido; mas não se queira a Olga a Olympia, si apparecer cá, que eu espero em casa. Que não! Façam contos; e frequente certas casas emquanto vejo que ellas ha prazer; desde que presinto a desgraça — acuecinho! Não se separem que se sejam amigos que incommo...
 JORGE. (avançando.) O senhor é um miseravel!
 VISCONDE. (que diz?) (Recuando.)
 JORGE. Saia immediatamente, senhor visconde!
 VISCONDE. (Hado dar-me uma satisfação) Desrespeitar um titular!.. (Entra José.)
 MARIA. (anotosa.) E então?
 JORGE. Responde o sr. Carlos de Andrade que não...
 MARIA. Porque?..
 JORGE. Não disse o motivo. (Sake.)
 MARIA. (ocultando o rosto nas mãos, com um soluço.) Ah!
 JORGE. (indo a ella.) Maria...
 VISCONDE. Eu supponha mais generoso o sr. Carlos de Andrade...
 JORGE. Saia! Já lhe disse uma vez!
 VISCONDE. Valentão de...
 JORGE. O senhor!.. (Vai a ella.)
 VISCONDE. (tremulo, recua de salto, e engaminha-se para a porta, olhando sempre para tras, e simulando arrgançia.) Havemos de nos encontrar! Olá, si havemos! (Jorge avança um passo... O visconde desanda a correr, e desaparece)

SCENA VII

Jorge e Maria

MARIA. (levantando a cabeça, com extremo cansaço.) Meu amigo, um ultimo favor...
 JORGE. O que é?
 MARIA. Vá procurar Carlos... trago-m'o! Oh! Eu quero vel-o antes de morrer.. (Enxuga os olhos.)
 JORGE. Maria!
 MARIA. Vá, vá sim?
 JORGE. (á parte, contemplando-a.) Voltarei ao tempo (Sake.)

SCENA VIII

MARIA. (*depois de um momento de prostração, com ansia.*) Meu Deus!.. Mas o que é isto que eu sinto?.. Foge-me a luz... (*Suffocada.*) Elvira... Elvira... As forças me abandonam... falta-me o ar... Si é a morte... Mas eu não quero morrer ainda... não quero morrer sem vê-lo... sem dizer-lhe o ultimo adeus... sem pedir-lhe perdão...

SCENA IX

Maria e Elvira

ELVIRA. (*correndo a ella.*) Mas o que é isso?.. o que tens?..

MARIA Não sei... uma suffocação... uma fraqueza... Elvira... ahí... sobre o toucador... o retrato de Carlos...

ELVIRA. (*indo buscar o retrato e entregando-lh'o.*) Eil-o.

MARIA. (*beijando-o.*) Ah! és tu... Adeus... adeus... meu unico amôr... Elvira... dá-me... a tua mão... (*Toma-lh'a. Elvira chora.*) Olha... faze-o feliz... sim? Peço-t'o eu... pede-te uma moribunda... Não chores... Adeus... Resa por mim... Sei que o amas muito... muito... mas como eu... como eu... (*Deixando cahir a cabeça para tras, com voz quasi extincta.*) Ah!

ELVIRA. (*afflicissima.*) Maria! Maria!.. Morta! Meu Deus!.. (*Cabe de joelhos, soluçando*)

SCENA X

Os mesmos, Jorge e Carlos

JORGE. Maria...

ELVIRA. (*erguendo-se, a chorar*) Está morta!

CARLOS. (*indo a Maria.*) Morta!..

JORGE (*ajoelhando e tomando uma das mãos de Maria.*) Maria... Perdão! (*Deixa cahir a fronte sobre o peito.*)

ELVIRA (*com humildade, a Carlos.*) E eu?... (*Carlos, como que sahindo de um lethargo, abraça-a.*)

FIM DO DRAMA

PARTE COMICA

A SOGRA

—
FACTOS DIVERSOS

—
DITOS E FEITOS



A PRIMA

—
OS PRETENDENTES

—
GRANDES MANOBRAS

—
O IDIOTA

TRANSIÇÃO

De um lado a dor, o pranto, as trevas d'agonia,
a morte, o horror, o lucto, o grito amargurado
da miseria e da fome, o coração chagado...
—vida de lucta insana, em lagrimas, sombria.—

d'outro—a festa, o sorriso, as flores da alegria,
o jubilo cantante e vivo e descuidado
que faz da vida um céu, que traz o desejado
anceio de viver—crescendo dia a dia...—

Deixemos d'amargura a dor que chora e clama,
que as flores d'alegria esmaga e vai passando
—phantastico corcel correndo á solta rédea,—

e ás lagrimas fugindo, ás lagrimas do Drama,
vamos, almas em flor,—hymnos de luz cantando,
em demanda do mundo alegre da Comedia!



I

A PRIMA

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO



Personagens

Bernardo	45	annos
Maneca	22	"
Mariquinhas	18	"

ACTUALIDADE



ACTO UNICO

Sala simples, mas decente. E' noite.

SCENA I

BERNARDO (*sentado, afinando um violão.*) Dó... dó... dò... dó... mi... dó... mi... dó... Não está bom ainda. (*Pausa.*) Ha um anno entendi que devia aprender a tocar violão, e deitei-me logo á obra. Comprei o violão, procurei um mestre e principiei a coisa. Mas os progressos não teem sido muitos... Em um anno aprendi apenas a tocar um acompanhamento... Din... din .. din... don... don... don... e disse! Entretanto, ainda não perdi a esperança de ser mestre também. (*Afinando.*) Ré, mi... ré, mi... ré, mi... dó... dó... dó... Está bom agora. Vamos ao meu acompanhamento predilecto... porque é o unico que sei...

SCENA II

Bernardo e Maneca

MANECA. Boa noite, meu tio.

BERNARDO. Deus te abençõe e te dê juizo, rapaz.

MANECA. O tio passa a vida agarrado ao seu instrumento!

BERNARDO. (*dedilhando.*) E o que tens com isso?

MANECA Eu, nada; mas a Mariquinhas diz que é aborrecido.

BERNARDO. Aborrecido, porque?

MANECA Porque o tio não toca nada que preste e leva os dias a encher os ouvidos da gente com—dons, dons, dons e dins, dins, dins, que é um nnnca acabar.

BERNARDO. Ora, tu e a Mariquinhas que vão passear! Não

executo grandes coisas, é verdade; mas já tóco um acompanhamento, e não é pouco...

MANECA. Um acompanhamento que o tio impinge para tudo: modinhas, recitativos, havaneiras. .

BERNARDO. Mas é bonito.

MANECA. E massante também.

BERNARDO. Para quem toca, não duvido.

MANECA. E ainda mais para quem ouve.

BERNARDO. (*sungado.*) Vai para o diabo, e deixa-me socego!

MANECA. Quanto por mez paga o tio ao seu mestre ?

BERNARDO. Cinco mil réis.

MANECA. E ha quantos mezes paga ?

BERNARDO. Quatorze mezes.

MANECA. Ora, ahi tem: quatorze mezes a cinco mil réis — setenta mil réis. Setenta mil réis que o seu mestre lhe tem roubado sem consciencia, porque o sujeito pôde ser tudo, menos mestre.

BERNARDO. (*sungado, erguendo-se.*) Homem, queres que te diga uma coisa ? (*Dando-lhe o violão.*) Vai guardar o meu instrumento.

MANECA. (*recebendo-o.*) Onde, meu tio ?

BERNARDO. Lá dentro. Deita-o com todo o cuidado, e raspate. Vê lá, não o desafines.

MANECA. Não tenha medo. (*Vai sahir e volta.*) Oh ! tio, não acha melhor que vá o sr. mesmo guardar o seu instrumento ?

BERNARDO. Porque ?

MANECA. Porque é melhor.

BERNARDO. Tens rasão. E's um estabanado, e podes fazer alguma asneira. (*Toma o violão e sahe.*)

SCENA III

MANECA. Já é uma mania ! Almoça violão, janta violão e cêa violão ! E nós que estejamos aqui para atural-o !.. Já tenho tido gana de arrancar o fundo ao tal instrumento... mas receio as consequencias: o tio era capaz de metter-me a bengala e comprar outro violão !

SCENA IV

Maneca e Mariquinhas

MARIQUINHAS. Onde está o papai?

MANECA. Foi guardar o violão.

MARIQUINHAS. E' um aborrecimento ! Oh ! Maneca, vamos atirar o violão pela janella fóra ?

MANECA. Atira-o tu, si quizeres; eu não me metto n'isso.

MARIQUINHAS. Porque ?

MANECA. Pois estou lá para experimentar de que páe é feita a bengala de teu pai ?

MARIQUINHAS. Mas aquillo é um martyrio que eu não posso mais supportar !

MANECA. Paciencia . é preciso ter paciencia. Talvez que Deus leve esse martyrio em conta dos nossos peccados.

MARIQUINHAS. Nada ! De repente quebro o maldicto violão !

MANECA. Mas olha as consequencias.

MARIQUINHAS. Qual nada !

MANECA. Depois não digas que não te aconselhei .

MARIQUINHAS. Você é um medroso ! Corre até da propria sombra !

SCENA V

Os mesmos e Bernardo

BERNARDO. (*cantolando*) Din, don, din, don.. din, din, din .. don, don, don . Lá o deixei perfeitamente guardado na cama do Maneca... (*Vendo os dois.*) Ah ! estão ahi ? Preciso fallar-lhes sériamente.

MARIQUINHAS. A mim, papai ?

MANECA. A mim, meu tio ?

BERNARDO. A todos dois. Digam-me cá uma coisa: porque é que vocês, de certo tempo a esta parte, andam sempre mettidos pelos cantos, cochichando e cheios de mysterios ?

MARIQUINHAS. Mysterios, eu ?

MANECA. Eu, com mysterios ?

BERNARDO. Sim, vocês. Então pensam que não tenho

olhos ?.. Ainda hontem estava eu perto da janella da varanda, afinando o violão, quando, casualmente, olhando para o quintal...

MARIQUINHAS. (*isfarçando, a suspirar.*) Ai! ai!

MANECA. (*à parte.*) Mão! mão!

BERNARDO. Lá estavam vocês agarrados um ao outro, como dois carrapatos..

MARIQUINHAS. Eu, papai?

MANECA. Eu, tio?

BERNARDO. (*imitando-os.*) Eu tio ?.. eu, papai? Não.. havia de ser eu com a vizinha, Eu não gosto muito d'estas coisas, e resolvi pôr-lhes um termo.

MARIQUINHAS. Ah!

MANECA. (*à parte.*) Vai pôr-me no olho da rua!

BERNARDO. Resolvi que vocês não se agarrariam mais no quintal, enquanto não se agarrassem primeiro na igreja. E' uma medida de precaução. A mocidade de hoje caminha muito depressa..

MANECA. Nem por isso, meu tio..

MARIQUINHAS. Eu tambem acho que nem por isso...

BERNARDO. No meu tempo os rapazes andavam em fraldas de camisa até aos vinte annos...

MARIQUINHAS. E as raparigas, papai?

BERNARDO. (*atrapalhado.*) As raparigas... não me lembro bem. Mas isso... sim... mas isso pouco importa ao caso..

MANECA. Eu acho que importa muito.

MARIQUINHAS. E eu tambem

BERNARDO. Pois os rapazes andavam em fraldas de camisa..

MANECA. Era uma immoralidade!

BERNARDO. Não era tal, não, Sr. Era innocencia... tanto que os rapazes brincavam com as raparigas, sem lhes pegarem nas mãos, como fazem hoje... Um desafôto!

MARIQUINHAS. Ora!

MANECA. N'esse tempo, estava tudo muito atrasado, e os rapazes eram uns tôlos... «Le monde marche», tio...

BERNARDO. Pois sim... mas cá por casa é que elle não hade marchar..

MARIQUINHAS. Então o papai não é progressista.

BERNARDO. Sou o Bernardo, pai da Mariquinhas e tio do Maneca, e é quanto basta.

MANECA. E' um retrógrado.

BERNARDO. (*sangado.*) Ora... dá um nó na lingua e calate! Mariquinhas, gostas do Maneca?

MARIQUINHAS. Eu gosto

BERNARDO. Maneca, gostas da Mariquinhas?

MANECA. Muito, meu tio. Sou doido por ella.

BERNARDO. Então preparem-se para d'aqui a um mez estarem casados. Eu cá sou assim: antes que o mal cresça, corto lhe a cabeça. Nada! Atraz das minhas orelhas ninguem faz zinho!

MARIQUINHAS. Papai...

BERNARDO. (*imitando-a.*) Papai! Não te faças de manto de sêda. Por isto estavas tu morrendo,

MANECA. Eu confesso que estava

BERNARDO. Mas cuidado. D'aqui até lá, podem conversar... mas nada de muitas liberdades...

MANECA. Em vista da sua resolução, posso preparar-me para d'aqui a um mez, não?

BERNARDO. Sem duvida. D'aqui a um mez o nosso vigario conjuga o verbo e vocês ficam auctorisados a fazer o que lhes pareceer. (*Outro tom.*) Bom. Vou aqui á venda da esquina comprar cigarros, e já volto. Fiquem muito quietinhos, e nada de apertos de mão, sinão.. Quem me avisa, meu amigo é. (*Fazendo rócêga no queixo de Mariquinhas*) Estavas morrendo por isto, heim? (*Batendo na barriga de Maneca.*) E tu tambem, maganão! (*Sabe.*)

SCENA VI

Maneca e Mariquinhas

MANECA.. E esta!

MARIQUINHAS. Contraria-te a resolução do papai?

MANECA. Não me contraria, não; mas..

MARIQUINHAS. O que?

MANECA. Uma coisa assim tão de repente..

MARIQUINHAS. Pois eu gosto das coisas feitas de repente.

MANECA. (*ironico.*) Sim, heim?

MARIQUINHAS. Ora, graças a Deus, que vamos ficar livres do tal violão do papai..

MANECA. Como?

MARIQUINHAS Pois não vamos nos casar, e, por consequencia, mudar de casa?

MANECA Nem penses n'isso. Havemos de ficar aqui mesmo. Si alugarmos casa, a despeza vai longe...

MARIQUINHAS (*com desdém*) Usurario!

MANECA. Espirito de economia, minha querida, espirito de economia. Si eu posso fazer as coisas sem despeza, para que heide gastar inutilmente?

MARIQUINHAS. Mas não tens vergonha de me dizer isso, a mim, que sou tua noiva?... Os noivos devem sempre mostrar-se francos e generosos diante das noivas; ao contrario, fazem um triste papel, que pode dar logar a...

MANECA. A que?

MARIQUINHAS. A que as noivas os mandem passear e voltem-se para outro lado. (*Sóbe, contrariada.*)

MANECA (*seguido-a.*) Mas, Mariquinhas..

MARIQUINHAS. (*vollundo-se.*) E' isto mesmo, meu Sr. E não me aborreça. (*Sáe*)

MANECA (*sahindo.*) Mas, venha cá, menina... deixa me explicar-te... (*Sáe.*)

SCENA VII

BERNARDO. (*fumando um enorme cigarro*) Fumo ordinario! O taverneiro vende isto por Pomba... Pode ser mata ratos, mas Pomba é que elle não é. (*Olhando em roda*) Mas onde estão elles?... (*Seu ando-se.*) Isto já me vai cheirando mal. Sempre pelos cantos, sempre com segredinhos e apertos de mão... Assim é que as coisas principiam. A filha da minha vizinha da esquerda tinha um apaixonado. Começou tambem por apertinhos de mãos, e acabou pondo os pés no mundo com o namorado. A culpa tive eu em metter o sobrinho em casa sem reflectir que tinha uma filha bonita, e que a polvora ao pé do fogo faz explosão. Nada! O melhor é casal-os quanto antes...

MARIQUINHAS (*dentro, dando um grande grit*) Ai! Maneca!

MANECA. (*dentro*) Cala a bocca!

BERNARDO. (*dando um pulo.*) Heim! Que diabo é isto? . E é no quarto do Maneca!

SCENA VII

Bernardo e Maneca

MANECA. (*assustado.*) Ah! meu tio, que desgraça!

BERNARDO. Mas o que foi que succedeu?

MANECA. Tio, perdôe-me... perdôe-me... mas...

BERNARDO. Mas o que foi, homem? Falla! Falla!

MANECA. Não me atreve, tio... Eu bem tomei cuidado... bem evitei... mas...

BERNARDO. Oh! animal, fazes-me perder a paciência! Que desgraça foi essa?...

MANECA. O quarto estava no escuro... entrei... mas sem má intenção...

BERNARDO. E então?

MANECA. Procurei a cama para deitar-me... sempre sem má intenção. Eu sou incapaz de...

BERNARDO. Falla, estafermo!

MANECA. E a prima... a prima...

BERNARDO. (*recuando*) Heim?...!

MANECA. E' verdade... Mas perdôe-me... perdôe-me...

BERNARDO. (*agarrando-o pelo paletot.*) Ah! infame! Eu bem estava adivinhando! Miseravel! patife!

MANECA. (*tentando escapar.*) Misericórdia, tio!...

BERNARDO. Misericórdia, para ti, desalmado! para ti, selvagem! para ti, desgraçado!

MANECA. Meu tio, não se exalte...

BERNARDO. Que não me exalte! (*Sacudindo-o.*) E ainda tens cara de pedir-me que não me exalte!... Patife! Cachorro!... E's um cachorro!... (*Indo ao fundo.*) Maria! Maria!

MANECA. Meu tio, não a accuse... O unico culpado sou eu.

BERNARDO. (*agitado, passeando.*) Havemos de ver... havemos de ver!...

SCENA IX

Bernardo, Maneca e Mariquinhas

MARIQUINHAS (*de cabeça baixa.*) Aqui estou, meu pai...

BERNARDO. Venha cá: porque foi que a senhora gritou: — «Ai! Maneca!» —

MARIQUINHAS. (*olhando disfarçadamente para Maneca e abaixando logo a cabeça.*) Eu...

BERNARDO. Sim, a Sra. ! Não negue, que será peor.

MARIQUINHAS. Ah! não tenho animo de dizer-lhe... Perdoe, papai...

BERNARDO. Vamos, falle, ou levo tudo á bengala!

MANECA. Mas eu já lhe disse, meu tio, que a prima

BERNARDO. E' verdade, Sra. ? é verdade?..

MARIQUINHAS. E' verdade, papai. é verdade. não posso negar...

MANECA. E' verdade, meu tio...

BERNARDO. E ainda confessam! A que ponto chegou a falta de vergonha, Santo Deus! (*Indo a Maneca.*) Infame! infame!

MARIQUINHAS. Meu pai!

MANECA. Comprehendo a sua exaltação, meu tio. Mas o facto é naturalissimo, porque, afinal de contas, uma prima não é um bicho de sete cabeças...

BERNARDO. (*contendo-se.*) Então achas que uma prima não é um bicho de sete cabeças?..

MANECA. Sem duvida.

BERNARDO. (*avançando, com explosão.*) Oh! canalha!

MANECA. Arranja-se outra, e o seu violão fica perfeito.

BERNARDO. (*admirado.*) Heim?.. O meu violão?..

MANECA. Como lhe disse, o quarto estava no escuro. O tio tinha posto o violão em cima da minha cama. Vou tactear e rebente-lhe a prima... Ora, ahí está.

BERNARDO. (*d' parte, com que livre de um grande peso.*) Ai! que alivio!..

MARIQUINHAS. Perdoe, papai?..

BERNARDO. (*galhofando.*) Ora! Bôa duvida!.. Eu estava brincando... Amanhã compra-se outra prima, e... Mas vão se preparando, porque d'aqui a quinze dias caso-os.

MANECA. Mas o tio, ha pouco, marcou um mez...

BERNARDO. E' verdade Mas agora marco quinze dias. E'

melhor para mim e... para vocês também ! (*Abraçando-os.*)
Abracem-me, andem ! Ora, uma prima ! Amanhã compro outra,
e está tudo acabado ! (*A' parte.*) Que alívio ! que alívio ! . Mas
é preciso casal-os quanto antes !.. (*Descem.*)

MANECA.

Pela prima .. mas que prima !..
a prima de um violão,
o primo quasi que toma
uma tremenda lição !

BENRADO

Pela prima... mas que prima !..
a prima de um violão,
quasi vou da prima ao primo
às ventas, sem compaixão !

Todos

Vão casar o primo e a prima,
da prima finda a questão,
supplicando o tio e os primos
algumas palmas... pois não !

Fim



II

Os Pretendentes

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO



Personagens

Anselmo--corcunda	60 annos
Malaquias--caôlho	60 >
Macario--doente dos callos	60 >
Tiberio	50 >
João	25 >
Luiza	18 >

ACTUALIDADE



ACTO UNICO

Sala decente. Sofá, cadeiras de braços, cadeiras simples, aparadores, vasos com flores, lampeões.—Janella á direita alta. — Portas lateraes e ao fundo.—E' dia.—Ao subir o panno, Luiza, á janella, olha para fóra.

SCENA I

LUIZA. Já lá está o maldicto a me fazer signaes com o lenço. (*Descendo.*) Quando não é aquelle que vai postar-se á esquina para namorar-me, é o outro... e o outro! Um sempre hade estar lá espetado para me incommodar e obrigar-me a sahir da janella! Tres estafermos, que antes cuidassem em pôr-se bem com Deus, do que estarem com pretenções a namorados!.. (*Indo á janella.*) Ainda! (*Fazendo uma careta.*) Toma, toleirão! (*Descendo.*) Antes de hontem fiz uma figa a um, hontem mostrei o sapato ao outro, e agora fiz uma careta ao terceiro!.. (*Indo a janella.*) Lá vai outra careta!.. (*Faz caretas.*)

SCENA II

Luiza e João

JOÃO (*entrando da esquerda baixa.*) Oh! prima, a quem é que estás fazendo caretas?..

LUIZA. (*descendo.*) Ora, a quem hade ser? A um dos tres!..

JOÃO. (*á janella.*) Ah! lá está elle tomando uma pitada. E' o taverneiro da outra rua.

LUIZA. E' um idiota!

JOÃO. (*intencional.*) Dizem que tem dinheiro..

LUIZA. Não sei. Feio como um ouriço é que elle é. Fique o primo sabendo que eu não quero casar-me por dinheiro, quero casar-me por amor. Entende?

JOÃO. Ah ! sim ? Mas o dinheiro.:

LUÍZA. O dinheiro... o dinheiro não dá felicidade, sr. meu primo.

JOÃO. Lá isso é verdade. Aqui estou eu, que ando quasi sempre á divina, e no entretanto considero-me o homem mais feliz do mundo

LUÍZA. E acredita que podias ser ainda mais, si visses um palmo adiante do nariz... um palmo só.

JOÃO. Ambições, não tenho...

LUÍZA. Mesmo nenhuma ?

JOÃO. Nenhuma, absolutamente.

LUÍZA. (*intencionalmente.*) Nem ao menos pensas em casar-te ?

JOÃO. Ora, casar-me ! Para que ? Olha, prima, com franqueza: a maior tolice que um homem pode fazer é casar-se. Eu, felizmente, parece que fui vaccinado contra o casamento, e creio que nunca heide cahir em tal asneira...

LUÍZA. Oh ! primo, asneira é o que estás ahí a dizer !

JOÃO. (*sentando-se no sofá.*) Mas como ?

LUÍZA. O casamento ! E' a melhor coisa que se tem inventado !

JOÃO. Para as mulheres, não duvido,

LUÍZA. E para os homens tambem. (*Com intenção, sentando-se ao lado de João*) Unirem-se dois corações que se amam... Estarem sempre juntinhas assim duas almas que se adoram.. (*Tomando lhe as mãos.*) Viverem sempre com as mãos enlaçadas assim como duas pessoas que se idolatram .

JOÃO. (*á parte.*) Oh ! srta., o que quererá ella com-migo ?

LUÍZA. Pois tudo isto não é tão agradável .. tão doce ?...

JOÃO. Oh ! prima, e enquanto os dois corações estão juntinhos, enquanto as duas almas estão unidas, enquanto as duas mãos estão enlaçadas... o que é que se come ?..

LUÍZA. Ora ! que pergunta !

JOÃO. (*erguendo-se*) Emfim, tudo isso pode ser muito agradável e muito doce... mas para quem gosta d'essas pieguiças Para mim não serve.

LUÍZA. (*á parte.*) Estupido ! Mas heide vencel-o !

JOÃO. (*á janella.*) Oh ! prima, olha: lá está o outro agora.

LUÍZA. E' o sapateiro da esquina. Foi áquelle que eu mostrei o sapato. (*Outro tom.*) Mas porque é que o primo é tão inimigo do casamento ?

João. Sou inimigo do casamento, em primeiro lugar, por causa... do casamento, e em segundo, por causa da sogra.

Luiza. E quando a mulher já não tem mãe... como eu?

João. Ah! quando a mulher já não tem mãe... é porque a mãe morreu!

Luiza. (*á parte.*) Tôlo!

João. E depois, as despezas que se fazem!.. E os filhos!.. Um berreiro infernal! Este, a fungar para um lado, com o nariz a pingar; aquelle, todo besuntado, a esfregar-se nas nossas calças; aquelle outro, a esprehear como um diabinho dentro de uma pia de agua benta; a mulher a exigir um chapéo ou um vestido, quando o marido não tem muitas vezes dez tostões no bolso para ir ao mercado!... Um aborrecimento!.. (*Á janella.*) Oh! prima, já lá está o outro.

Luiza. (*olhando.*) E' o alfaiate São tres patetas que vivem a incommodar me todo o dia!

João. Porque é que a prima não casa com elles, já que é tão o apologista do casamento?

Luiza. Com todos tres?

João. Não. Com um de cada vez...

Luiza. Como?

João. Eu me explico. Todos tres são velhos e pouco podem demorar-se cá pelo mundo. A prima casa primeiro com o alfaiate. O bruto, mais dia, menos dia, apanha uma gastrite ou uma febre escarlatina, e bate a bota para o—aqui jaz—Casa em seguida com o sapateiro; mas o sapateiro é atacado de uma coqueluche, e lá se vai tambem para o—ora! por elle.—Casa, finalmente, com o taverneiro, e o taverneiro apanha um ataque de bichas, indo descansar a ossada na—terra te seja leve—

Luiza. E depois?

João. Depois... depois, ficavas viuva de tres maridos,..

Luiza. Só?

João. E o que mais querias?

Luiza. Queria mais alguma coisa...

João. O que?

Luiza. Queria chamar-te tôlo, idiota, simplorio e bruto.

João. Oh! prima!

Luiza. E estúpido tambem!...

João. Mas isso... é duro!

LUÍZA. Tens olhos, e não vês; tens ouvidos, e não ouves; tens cabeça, e não comprehendes!

JOÃO. Mas ver, ouvir, comprehender .. o que?

LUÍZA. (*subindo.*) Não sei! (*Voltando-se da porta*) Tolo! tolo! tolo! (*Sahe.*)

SCENA III

JOÃO. (*um momento depois de ter Luíza saído.*) Oh! srta. !.. esta minha prima, si não está com o juizo a arder, parece .. (*Descendo.*) Mes o que queria ella que eu comprehendesse? .. Eu, para decifrar charadas, sempre fui tapado como uma porta! (*Senta-se.*) Perguntar-me si não penso no casamento! Casar-me! Eu .. Não foi sem motivo que um rei inventou o adágio:— «Por muitas vezes a mulher varia, e a vida é muito louca quem comia.»—Esse rei foi Francisco I, e um rei que pede a todo mundo que não se lianas mulheres, não tem nada de tolo!.. (*Pausa, accendendo um cigarro.*) Na a maior parte, são muito meigas, muito catinhasas, muito doces, muito cheias de apertinhos de mão e de olhares languidos, enquanto não pilham os patinhos... Mas depois que os agerram... Jesus! Que gritarias!.. que decomposturas! que inferneiras!.. (*Pausa.*) Algumas continuam a ser o que fôram em solteiras... mas essas são poucas, e não trazem letreiro... (*Pausa.*) Ora dá se maior felice do que estarem um marmanjo e uma moça horas inteiras, defronte um do outro, a sorrirem-se, a olharem-se, a apertarem-se as mãos de um modo perigoso, a dizerem baixinho:—«Ai! querida da minha alma, tu és a minha vida!»—E ella:—«Ai! amado do meu coração, tu és a minha alma!»—E em seguida um olhar mais terno, um sorriso mais perigoso e um aperto de mão mais nervoso e atrevido! Chamam a isto namoro,-- mas eu chamo officio de malandros!—Nada! Eu quero as coisas mais positivas, mais reaes ..

SCENA IV

João e Anselmo

ANSELMO. (*da porta*) Dá licença, menina?

JOÃO. (*olhando em roda.*) Menina! Dar se-ha o caso que a menina seja eu?..

ANSELMO. Ah! queira desculpar... Eu pensava...

JOÃO. (*subindo.*) Oh! seu aquelle, está desculpado. Deseja alguma coisa?

ANSELMO. Está em casa o Sr. Tiberio?

JOÃO. O tio Tiberio não está, não, Sr.; mas está minha prima. Talvez o Sr. prefira fallar con minha prima, não é verdade?..

ANSELMO. (*vergonhoso.*) Parece que o Sr. desconfia de alguma coisa.

JOÃO. Não desconfio, não. Tenho certeza.

ANSELMO. (*vergonhoso.*) Certeza?

JOÃO. Mas sente-se e conversemos. (*Sentam-se.*)

ANSELMO. Ah! meu sr, si V. S. sabe do que ha, si conhece o estado attribulado do meu pobre coração!..

JOÃO. Uma paixão; heim?

ANSELMO. Estou doidinho pela filha do Tiberio... Que moça, meu amigo! que pintura! que estampa! que olhos! que bocca! que nariz! que braços! que mão! que pé! O pé sobretudo... aquillo não é pé!..

JOÃO. E' mão.

ANSELMO. Não; é pé mesmo. Mas que delicadeza! que mimo! que encanto! Um pesinho d'este tamanho!.. (*Mostra.*) Olhe: eu tenho uma sapataria que me dá uns cobres bem regulares... Pois venho pôr os cobres e a sapataria aos pés da Luizinha!

JOÃO. Mas veja o que faz...

ANSELMO. O demonico da rapariga fez-me maluco de uma vez! Não durmo, não como, não bato sola, não prego uma tombo, que o diabinho não me esteja sempre diante dos olhos! A's vezes fico tão cego, que não vejo um dedo adiante do nariz...

JOÃO. Depois do jantar?

ANSELMO. Depois do jantar? E antes tambem... (*Mostrando um dedo.*) Olhe: vê esta mancha preta aqui na cabeça do dedo? A desgraça succedeu-me á semana passada. Eu estava pregando um salto no sapato de um freguez. De repente lembrei-me d'ella... lembrei-me que ella podia estar n'aquelle momento conversando com algum namorado... Senti o sangue subir-me á cabeça...-descarrego uma martellada e quasi esborracho o dedo! Calcule a dôr!

JOÃO. Calculo, pois então! Estou certo que quando o sr. apresentaresse dedo á minha prima como uma prova do seu amôr, ella é capaz de cahir-lhe nos braços...

ANSELMO. (*erguendo-se.*) O que me diz?.. Cahir-me nos braços aquelle corpinho de anjo!.. Que paraíso!

JOÃO. Sim, heim?

ANSELMO Olhe: aqui entre nós, que ninguem nos ouve... Eu já tenho a minha idadesinha.. os meus sessenta, é verdade... Mas não estou muito sovado e posso casar-me sem fazer figura triste. Tenho ainda o sangue rijo, meu amigo!.. E que vão rondar me a porta os pintalegreses... que vão!

JOÃO. Mas porque é que o sr. não procura uma sra. de certa idade... ou mesmo de idade... incerta?..

ANSELMO O que?.. Pois eu estou para isso!..!Aturar uma velha que masque, que tome tabaco.. um hyppopotamo fanho que esteja noite e dia a seringar-me os ouvidos, a dizer-me... (*Voz fanhosa.*)—«Oh! Anselmo, vai-te embora... não me incommodes... não te mettas em cavallaris altas.»--

JOÃO. (*d' parte.*) Uma çontissão completa!

ANSELMO. Além d'isso, a minha paixão é pela Luizinha... Si eu não casar-me com ella...

JOÃO. Pois, meu Sr., vou chamar a Luizinha.

ANSELMO. Chame... chame.. Mas deixe-nos sós, sim?..

JOÃO. Não ha duvida. A Luizinha não corre o menor perigo ficando sò com o Sr.

ANSELMO. (*apertando-lhe a mão*) Obrigado meu amigo!

JOÃO (*d' parte, sahindo.*) Espera ahi, rhinoceronte! (*Sahe*)

SCENA V

ANSELMO. (*estregando as mãos.*) Só em pensar que vou vel-a, que vou fallar-lhe, fico tão nervoso, que até tenho medo que me dê um ataque! Deus de minha alma!.. Si ella quizer, mando deitar duas duzias de rojões e tomo uma carraspana de ficar de papo ao sol!.. (*A' porta por onde João sahio.*) Ai! Luizinha! Luizinha!.. Si tu soubesses que aqui bem perto de ti ha um coração que bate como uma aneurisma.. voarias logo aos braços d'este namorado, que arde, que pega fogo, que é devorado pela chamma ardente de uma paixão sem fim!.. Luizinha da minha alma, vem a meus braços, anjo adorado, estrella da minha vida!..

SCENA VI

Anselmo e Tiberio

TIBERIO. *(que momentos antes tem apparecido ao fundo e parado, admirado, á parte.)* Que diabo é isto? . Terei eu malucos em casa?..

ANSELMO. *(sem ver Tiberio, continuando a declamação.)* Passarinho do meu coração, rolinha da minha alma, corre a meus braços, vòr para mim...

TIBERIO. *(descendo subtilmente e pondo-lhe a mão no hombro)* Oh! meu caro amigo, o que faz aqui?

ANSELMO. *(que tem os braços estendidos para a porta, como quem vai fallar, voltando-se.)* Ai!

TIBERIO. Olha! O Anselmo!..

ANSELMO. Eu mesmo, com todos os ossos.

TIBERIO. Mas o que estás fazendo aqui? Que macaquices eram aquellas que fazias ali á porta?..

ANSELMO. *(levando-o para o sofá.)* Vem cá. Senta-te aqui e conversemos. *(Sentam se)*

TIBERIO. Queres conversar? Pois conversemos.

ANSELMO. Tu me conheces, não?

TIBERIO. Perfeitamente.

ANSELMO. Sabes si sou um homem arranjado, bom pro cedido e que não tenho notas...

TIBERIO. Na policia? Não tens não. Sei isso muito bem.

ANSELMO. A minha corcunda é tão pequena, que nem n'ella se repara ..

TIBERIO. E' pequena, é; pode até passar por uma malasiinha de viagem que trazes ahí ás costas.

ANSELMO. Já vês que isto não constitue um defeito, e que posso julgar-me um homem perfeito...

TIBERIO. E' bonito!

ANSELMO. Obrigado. Não me fazes favor dizendo isso .. Tenho umas economias que podem andar por uns dez contos. Nunca quiz casar-me, porque, com franqueza, nunca encontrei uma moça que me agradasse e que comprehendesse os meus sentimentos. Tive uma vez, uma namorada e estava, pelas duas, pelas tres. a leval-a á igreja; mas, uma bella noite, a «ty-pa» fugio com um pandilha, destruindo todos os meus projectos matrimoniaes. Fiquei tão desnordeado com isso, que nunca

mais olhei para mulher alguma, até que conheci... (*Fica como que envergonhado e passa o lenço pelo rosto.*)

TIBERIO. Quem? quem?

ANSELMO. A tua filha.

TIBERIO. (*erguendo-se.*) A Luizinha!.. Pois tu!..

ANSELMO. (*obrigando-o a sentar-se.*) Mas senta-te, homem, senta-te... Pois eu, sim. Porque não?.. Vi a tua filha, e fiquei logo pelo beijo.

TIBERIO. E depois?

ANSELMO. Depois... venho pedir te a sua mão..

TIBERIO. (*erguendo-se.*) Oh! Anselmo, tu estás idiotando!

ANSELMO. (*levantando-se.*) Oh! Tiberio, idiotando por que?

TIBERIO. Pois tu, um jarreta, que já tens o beijo cahido!..

ANSELMO. Disseste ha pouco que me conhecias, mas está provado que não me conheces. Fica sabendo que ainda tenho sangue nas veias!.. Beijo cahido! De beijo cahido estás tu, que enviuvaste ha dez annos e não tornaste a casar!

TIBERIO. Não te zangues, homem. Retiro a expressão.

ANSELMO. Então... retira tambem o jarreta.

TIBERIO. Fica tambem retirado o jarreta.

ANSELMO. Muito bem.

TIBERIO. E agora?..

ANSELMO. Dás-me ou não me dás a mão da tua filha?

TIBERIO. Anselmo, não posso dar-te uma resposta immediata. Bem sabes que não tenho o direito de violentar as inclinações da rapariga. Si fôsse da minha mão que se tractasse..

ANSELMO. Ora! Podes guardar a tua mão no bolso!..

TIBERIO. E' preciso consultal-a. Quem nos diz que ella já não tem o coração preso aos bigodes de algum rapaz?..

ANSELMO. (*recuando.*) Heim?.. Ah! Tiberio, si tal houver, acredita-me, juro por esta luz que nos allumia, que sou capaz de cortar em fatias o coração do pintalegrete e comel-o crú...

TIBERIO. Sem pirão, Anselmo?

ANSELMO. Não zombes, Tiberio! não zombes!..

TIBERIO. Modera-te, homem, modera-te. O que eu disse não é mais do que uma simples supposição. Consultarei minha filha e empregarei todos os esforços para conseguir d'ella uma resposta favoravel...

ANSELMO. Ah! Tiberio, si tu soubesses..

TIBERIO. Bem, bem. . . (*Mostrando a porta da direita baixa.*) Entra para o meu gabinete e distrahe-te vendo os bonecos de um livro que lá tenho, enquanto consulto a pequena. Anda, vai.

ANSELMO. Tiberio, lembra-te que colloquei-me sob a tua protecção, e que só tu podes evitar uma enorme desgraça.

TIBERIO. Lembro-me, lembro-me... Mas vai...

ANSELMO. (*sahindo.*) Ai! Luízinha! Luízinha!..

SCENA VII

TIBERIO. O diabo, depois de velho, fez-se ermitão; o Anselmo, depois de velho, fez-se namorado. E isto é máo... N'aquella idade, uma paixão recolhida, é morte certa!.. Eu sei que a rapariga vai receber esta noticia com uma gargalhada... mas não quero que o Anselmo diga que não transmitti o seu pedido. . Vou chamal-a. (*Sobe, mas volta, pensativo.*) Mas isto é o demónio! Si ella aceitar a proposta do Anselmo, fica destruido o meu projecto de casar-a com o João, que, embora inimigo do casamento, conheço como as palmas das minhas mãos, e sei que --usurario como é,-- não deitará o meu rico dinheirinho pela janella fóra.. (*Fica pensativo.*)

SCENA VIII

Tiberio e Malaquias

MALAQUIAS. (*da porta.*) Está em casa o Tiberio Canella?

TIBERIO. (*voltando-se.*) O Malaquias! (*Subindo.*) A esta hora, é novidade... Negocio grave, heim?

MALAQUIAS. (*apertando-lhe a mão, muito cançado.*) E'. Negocio sério, tão sério

TIBERIO. Que eu não me rio, descança. Mas senta-te. Estás com a careca pingando. . . (*Sentam-se.*)

MALAQUIAS. Eu..

TIBERIO. Mas toma fôlego!.. Da maneira que estás, si eu te tapasse a bocca, era uma vez um homem..

MALAQUIAS. (*sempre cançado.*) Estou cançado, estou Apressei um pouco o passo, e o resultado foi este...

TIBERIO. Pois descança, homem.. Quando se cança como um jumento como tu, o remedio é descançar.

MALAQUIAS. (*depois do descansar e de limpar a careca com o lenço.*) Pois, meu querido Tiberio, vais saber o motivo que me traz aqui. Sabes que fui casado duas vezes. A primeira vez tive por mulher uma jararaca e por sogra uma surucucú.. Quando uma gritava, já a outra queria torcer me o pescoço! Dois diabos de saias! Si eu não tivesse olho vivo e não tractasse logo de pôr me ao fresco, matavam-me, esfolavam-me e punham-me ao fumeiro, como linguça. Felizmente, morreram. Deu-lhes a bexiga de lixa, e lá se fôram ambas para o inferno. No dia em que sahiram os enterrros, não deitei foguetes por causa da visinhança. .

TIBERIO. É' exacto, e. Mas nem sempre o teu olho vivo te servio de muito, porque... sim. . não sei se me entendes... (*Faz o gesto de quem dá pancadas.*) Os teus casacos que o digam..

MALAQUIAS. (*envergonhado, procurando disfarçar.*) Calumnias, meu amigo... calumnias.. As coisas nunca chegaram a tanto... Somente duas vezes...

TIBERIO. Tira o petiço da chuva, Malaquias... Olha que foram mais de duas vezes...

MALAQUIAS. Passados dois annos, casei-me outra vez...

TIBERIO. Tinhas sido tão feliz da primeira...

MALAQUIAS. Nada... A mesma coisa, Uma mulher que era uma surucueú e uma sogra..

TIBERIO. Que era uma jararaca

MALAQUIAS. A-q-u-i. É a minha desgraça ainda foi maior do que da primeira vez, porque a minha segunda mulher, além de ser assanhada como uma cobra, era feia como uma minhoca e.. dez annos mais velha do que eu!

TIBERIO. Misericordia!..

MALAQUIAS. Veio uma epidemia de febre amarella, e zás! a mulher foi a primeira victima!

TIBERIO. Deitaste foguetes!

MALAQUIAS. Não, ainda por causa da visinhança.

TIBERIO. E a sogra?

MALAQUIAS. Mandei-a plantar batatas. Não quiz mais casar-me, e ha quinze annos que me conservo no respeitavel estado de viuvo sem filhos. (*Piusa.*) Ha dias, estando parado ali á esquina, olhei casualmente para este lado e vi tua filha..

TIBERIO. (*á parte.*) Mais um namorado! Já tinha cá um

coreunda, agora tenho um caóho! (*Alto.*) Viste então a pequena, heim?.. E que tal a achas?

MALAQUIAS. (*com enthusiasmo.*) Esplendida! deliciosa!

TIBERIO. Mas com que enthusiasmo dizes isso!..

MALAQUIAS. Esqueci tudo: as minhas duas mulheres, as minhas duas sogras, a vida de cachorro que as quatro me fizeram passar, e disse com os meus botões:—Feliz o mortal que obtiver aquelle bom bocado! que vida! que paraíso! que céu aberto!—E vim procurar-te.

TIBERIO. Então queres casar com a pequena, não?

MALAQUIAS. E' o meu maior desejo, a minha unica ambição...

TIBERIO. (*coçando a cabeça.*) Mas isto é o diabo!

MALAQUIAS. Porque?.. Por acaso sou algum perdulario, algum libertino?.. Sou ainda rijo e tenho patacos... Si é por causa do meu olho... Olha que eu vejo mais por um olho só do que tu por dois...

TIBERIO. Não é isso... E' que...

MALAQUIAS. O que?

TIBERIO. E' que já tenho cá um pedido igual, e ainda não consultei a pequena...

MALAQUIAS. (*agitado.*) Outro pretendente!.. Ah! malvado! bandido!

TIBERIO. Calma, homem, calma...

MALAQUIAS. Quem é elle?... Quero trincar-lhe os figados!.. (*Passén.*)

TIBERIO. (*á parte.*) Ai! Anselmo! si eu digo que és tu, ficas com a coreunda n'um pastel! (*Alto.*) Vem cá, Malaquias...

MALAQUIAS. Quero trincar-lhe os figados, já disse!

TIBERIO. Oh! homem, mette essa lingua onde quizeres, mas attende-me...

MALAQUIAS. Tiberio, manda esse pretendente ao diabo, e promette-me que hasde defender a minha causa!

TIBERIO. Prometto, prometto tudo; mas não te alteres.

MALAQUIAS. Estou calmo. Tua filha hade fazer o que tu quizeres.

TIBERIO. Muito bem. Agora vai para o meu gabinete, enquanto consulto a pequena. Palestra com o Anselmo, que lá está vendo as figuras de um livro.

MALAQUIAS. (*irritado.*) Tiberio, o outro pretendente será o Anselmo?

TIBERIO. Qual, homem! O Anselmo não pensa n'essas coisas. É bananeira que já deu cach.

MALAQUIAS. Garantes-me que não é elle?

TIBERIO. Garanto. Que diabo! Vai, anda, e deixa a tua pretensão por minha conta.

MALAQUIAS. Vê lá o que fazes...

TIBERIO. Descança em mim. Prometto advogar a tua causa da melhor forma possível. (*Empurra-o para o gabinete.*)

MALAQUIAS. Dize a pequena que eu, a minha taverna e os meus patacos, tudo será d'ella... Não te esqueças

TIBERIO. (*empurrando-o.*) Vai socegado.

MALAQUIAS. Toma cuidado. (*Sahe, direita baixa*)

SCENA IX

TIBERIO. (*descendo.*) E esta! Si isto não é uma praga que me cahio em casa, parece! Ora! estas tartarugas ainda com idéas de casamento!.. Pois eu vou dar a pequena a qualquer d'estes idiotas, para fazer a desgraça da rapariga!.. (*Pausa.*) Tudo tem os seus termos e as suas exigencias. Os moços devem casar-se com as moças e os velhos com as velhas. É a ordem natural das coisas. (*Outro tom.*) Um velho casa com uma moça. Que grande poesia, heim?.. Estar a pobresinha condemnada a ver todos os dias a cara encarquilhada do marido, a mandal-o a cada instante limpar os pingos do rapé que lhe cahem do nariz, a ouvil-o arrastar os pés e a fazer barulho com a sua bronchite chronica e ainda em cima sujeita á linguinha do povo, que olha para a mocidade da mulher, para a velhice do marido, ri-se á socapa e resmunga com os seus botões... (*Pausa.*) Uma velha casa com um rapaz. O rapaz vive na rua para não ver a carranca da mulher, mette-se na pandega e engana a costella, que o ameaça de chinello e passa-lhe decomposturas de arripiar os cabellos!.. (*Outro tom.*) Nada! Velhos com velhas, moços com moças!

SCENA X

Tiberio e Macario

MACARIO. (*da porta.*) Pode-se entrar?

TIBERIO. Oh! amigo Macario, sem cerimonia. Esta casa é nossa.

MACARIO. (*descendo, a manquejar.*) Ai! meus callos!.. Vamos ter vento sul. Quando está para cahir vento sul, vivo n'um inferno!. Os callos dão-me fuziladas, que me fazem ver sol á meia noite!.. E' um inferno! (*Gemendo*) Ai! ai!

TIBERIO. Abanca te e descança os pés. Si tomas banho todas as noites, podes tirar os sapatos, que não me incommodas. Queres uns chinellos?

MACARIO. (*sentando-se.*) Nada, não. . Ai! que fuziladas!..

TIBERIO. Mas tira os sapatos, homem...

MACARIO. (*encolhendo se.*) Jesus! Que martyrio!

TIBERIO. Pois descalça te, Macario.

MACARIO. Não, não... (*Gemendo.*) Que fuziladas! que fuziladas!

TIBERIO. Homem, com essa teima fazes acreditar que..

MACARIO. O que?

TIBERIO. Que não lavas os pes!

MACARIO. Tiberio, eu sou um homem limpo! Mudo roupa todos os sabbados e lave-me...

TIBERIO. Duas vezés por anno?

MACARIO. Levo-me todos os dias...

TIBERIO. Pois então tira os sapatos, anda, tira os sapatos

MACARIO. Já te disse que não tiro! Oh! Tiberio, olha que és teimoso como um burro!

TIBERIO. E tu como um homem que se lava todos os dias. Emfim, não insisto mais. Faze o que quizeres.

MACARIO. (*estendendo o pé*) Ah! que alivio .. Quando ando um pedaço, fico n'uma desgraça; mas tambem sento-me, e no fim de cinco minutos nada sinto...

TIBERIO. Já é uma consolação. E o que fazes para os callos?

MACARIO. Nada. Não ha nada que me faça bem.

TIBERIO. Nem mesmo a agua?

MACARIO. Qual agua! Agua para que!

TIBERIO. (*á parte*) Confessou! (*Alto.*) Mas então, que grande motivo te trouxe cá?.. Com este sol que está torrando a gente ..

MACARIO. Um grande motivo.

TIBERIO. (*á parte.*) Ai! ai! ai! Será outro pretendente? (*Alto*) Um grande motivo, heim?.. (*Dando-lhe uma palmada na barriga*) Ah! maganão!

MACARIO. (*dando um pulo e bütendo com o pé na cadei-*

ra.) Jesus !.. (Começa a andar, manquejando e a torcer-se de dôres.) Ai ! ai ! ai !

TIBERIO. (segundo-o.) Desculpa, homem... Olha que não foi por querer. Si eu soubesse que esborrachavas o teu melhor callo, não te teria dado a palmada ! Oh ! Macario, senta-te aqui, anda... Isso passa... Dêe um bocado, mas passa... (Obriga-o a sentar-se.) Mas tambem, quem tem uns pés como os teus, quando sae, não os leva para a rua ! Que diabo !

MACARIO. Já vai passando... Pucha dôr !.. Uma facada não custa tanto !.. (Limpando o suor.) Uf !

TIBERIO. Que alivio, heim ?..

MACARIO. E ... é o diabo !

TIBERIO. Tudo é assim: dôe, mas passa. O diabo seria si doesse e não passasse. Queres tirar o sapato ?

MACARIO. Tractemos do meu negocio.

TIBERIO. Do teu grande negocio. Vamos lá. (Senta-se.)

MACARIO. Meu amigo, tenho sessenta annos de idade, quinze contos em bôa moeda, uma loja de alfaiate, duas casas, um filho natural, orphão de pai e mãe, e uma duzia de callos que me trazem tonto... Amo tua filha, e quero casar-me com ella...

TIBERIO. (erguendo-se.) Pois tu tambem, Macario ?

MACARIO. Eu tambem ? Então ha outro pretendente ?

TIBERIO. Não ha outro, meu amigo; ha outros.

MACARIO. (erguendo se.) O que me dizes ?

TIBERIO. Digo-te a verdade; mas não te afflijas. De todos elles, és tu o que mais me convem. Talvez não acredites, mas debes ser um marido ás direitas. Influirei em teu favôr no animo da pequena, e ella hade concordar commigo. Olha, Macario, quasi que posso dizer-te: — considera-te casado com a Luizinha !—

MACARIO. Ah ! Tiberio, já não sinto os maldictos callos ! Dá-me um abraço. (Abraça-o.) As minhas casas, a minha loja, os meus quinze contos, os meus callos... tudo está á disposição de tua filha, tudo lhe pertence !

TIBERIO. Ella acceitará tudo, descança; menos os callos. Os callos é que ella não acceita, nem á mão de Deus Padre ! Tenho certeza.

MACARIO. (abraçando-o.) Tiberio, meu querido sogro !

TIBERIO. Bem. Agora vai para o meu gabinete, esperar a resposta. Lá estão o Malaquias e o Anselmo vendo bonecos em

um livro. Palestrem á vontade. Vou communicar á pequena a tua proposta.

MACARIO. (*rubindo.*) Jesus! Casado com a Luizinha! (*Parando e erguendo o pé.*) Ai! que fuzilada!

TIBERIO. O que é?

MACARIO. (*entrando no gabinete*) Nada... Ai' ai'!

SCENA XI

TIBERIO. Oh! srs. !... que mal fiz eu a Deus, para ser tão perseguido?... Parece que um bicho ruim mordeu esta velhada toda e a fez perder o juizo! Pois a Luizinha quer lá estes kagados para maridos! (*Chamando.*) Luizinha! oh! Luizinha! (*Descendo.*) Isto é tempo perdido. A pequena não quer, nem eu tão pouco. Assentei que ella havia de casar com o João, e hade casar... (*ausa.*) Mis vejam para o que estão dando es velhos agora! (*Voltando-se para a porta do gabinete.*) Ah! sucia de bestas! O que vocês precisam bom sei eu! E' uma sóva de pão para criarem juizo!..

SCENA XII

Tiberio e Luiza

LUIZA. O papai chamou-me?

TIBERIO. Chamei, sim, chamei... Senta-te aqui. (*Mostra o sofá.*) Temos de conversar sériamente.

LUIZA. (*sentando-se.*) Sou toda ouvidos.

TIBERIO. (*sentando-se.*) Menina, sabes para que vem a mulher ao mundo?

LUIZA. Sei.

TIBERIO. Então dize lá para que é.

LUIZA. A mulher vem ao mundo, como o homem, para estar no mundo.

TIBERIO. Sim, sra... E para casar-se tambem.

LUIZA. Sem duvida. Sobretudo para casar-se, porque a mulher que não se casa...

TIBERIO. Fica solteira, é certo. E, vamos e venhamos, deve ser aborrecido para uma moça... aborrecido e incommodo...

LUIZA. Muito aborrecido: Eu, pelo menos, não tenho vocação para freira.

TIBERIO. E fazes muito bem. Justamente por conhecer que o teu temperamento não dá para tia, foi que te chamei para apresentar-te tres propostas.

LUIZA. Logo tres ?

TIBERIO. Mas não te constranjo. Podes acceptal-as ou não.

LUIZA. Muito bem. Vamos então por partes. A primeira proposta ?

TIBERIO. E' o Anselmo, Sapateiro, bom partido; uma concunda que parece uma mala de viagem. Serve-te ?

LUIZA. Não. Não vou viajar e não preciso de malas. A segunda ?

TIBERIO. O Malaquias, Taverneiro, excellente partido; um olho de menos e uma canceira de mais. Serve-te ?

LUIZA. Não. Não quero ouvir todas as noites um batalhão de pintos a me gritar ao lado nem ter um marido com um olho só. A terceira ?

TIBERIO. E' o Macario... o Macarinho, sabes Alfaiate, optimo partido; soffre horrivelmente dos callos e tem horror á agua. Serve-te ?

LUIZA. Não. Não quero ter o lenço continuamente enso-
pado em desinfectantes.

TIBERIO. E então ?

LUIZA. Quando o papai fallou-me em tres propostas, des confiei logo d'esses tres tôlos, que revezam-se ali á esquina para me fazerem signaes telegraphicos com os lenços de rapé, e obrigarem me a sahir da janella. Quero casar-me, estou mesmo louca por isso, mas nunca com nenhum d'esses defuntos. Ha um rapaz de quem eu gosto, mas que não quer casar-se.

TIBERIO. Já sci. E' o João.

LUIZA. E' o João, sim. Ainda ha pouco declarou-me que nunca se casaria, porque o casamento é uma tolice. Teem sido em vão os meus esforços para chamal-o a outras idéas.

TIBERIO. Deixa isso por minha conta. Si fôr preciso, metto me no meio de vocês dois e arranjo tudo. O João é teu marido... Podes desde já consideral-o como tal... mas dentro de certos limites, bem entendido... Mas voltemos aos teus pretendentes. Estão todos tres ali no gabinete, á espera da tua resposta.

MALAGUIAS. (*dentro.*) E' impossivel ! O sr. é um tratantel

ANSELMO (*dentro.*) E o sr. é um canalha !

MACARIO. (*dentro*) São todos dois uns patifes !

LUIZA. (*erguendo-se.*) O que é isto, papai ?

TIBERIO. Ai ! ai ! ai ! São os teus pretendentes !

ANSELMO. (*dentro.*) Desatôro !

MACARIO. (*dentro.*) Pouca vergonha !

MALAQUIAS. (*dentro*) Eu levo tudo a murro ! (*Rumor, dentro, de cadeiras atiradas, tropel, etc Macario, Anselmo e Malaquias entram furiosos, lutando Luiza, á vista do grupo, senta-se tranquillamente no sofá.*)

SCENA XIII

Tiberio, Luiza, Macario, Anselmo, Malaquias e João

TIBERIO. Mas o que é isso, meus velhos ?.. Acalmem-se...

LUIZA. (*rindo se*) Deixe-os, papai.

MACARIO. Sr. Tiberio, porque não me disse que estavam lá dentro estes dois bigorrilhas ? (*Levantando o pé.*) Ai ! meus callos !

MALAQUIAS (*muito cançado.*) Porque não me disse que era este jarreta que estava lá dentro ? *Mostra Anselmo.*

ANSELMO. Porque não me disse que o gabinete . estava vazio ?

TIBERIO. Mas venham cá. O que é que vocês querem ?.. Casar com minha filha, não é verdade ?

OS TRES. (*ao mesmo tempo.*) Sem duvida !

TIBERIO. Pois ahí está. Ella que decida

OS TRES. (*ao mesmo tempo*) Menina ..

LUIZA. (*rindo.*) Decidam os Srs.

MACARIO. Então é commigo !

ANSELMO. (*empurrando-o.*) Arreda, porco ! E' commigo !

MALAQUIAS. (*empurrando Anselmo.*) E' commigo, suas bestas !

ANSELMO. Pois veremos ! (*Atracam se os tres outra vez. — Tiberio e Luiza riem-se.*)

JOÃO. (*quetem entrado no principio da scena e ficado de parte a observar.*) Para que estes tres velhotes estejam a esmurrar se por causa de um casamento, é porque a coisa é bôa. Quero tambem experimentar. (*Indo a Luiza.*) Oh ! prima, você quer casar commigo ?

LUÍZA (*contente.*) Oh ! primo, aqui está a minha mão.

JOÃO (*beija-lhe a mão e volta-se para os tres, que continuam a fazer gestos de ameaça uns aos outros*) Eu tambem sou pretendente. Vamos lá, seus velhotes. juizinho e olho da rua !

OS TRES. (*avançando para João.*) Patife !

TIBÉRIO. Meus amigos, conttenham-se. Não ha motivo para tamanho barulho.

OS TRES. (*a Luíza, ao mesmo tempo.*) A menina casa commigo ?

LUÍZA. Esperem, meus srs. Meu pai transmittio-me as suas propostas e eu ia dar a minha decisão, quando os srs. irromperam do gabinete, fazendo um barulho pouco proprio de homens de certa idade. .

MACARIO. Foi este concunda que teve a sem vergonha de dizer que ia casar com a menina !

ANSELMO. Disse, sim, porque pisou os callos d'este estefermo, e elle chamou-me logo de burro !

MALAQUIAS. E eu levei tudo a sôcco, porque entendo que é commigo que a menina deve casar !

LUÍZA. Muito bem. Vou resolver a questão da melhor fórma possivel. O Sr. Anselmo não quer que eu case nem com o Sr. Macario nem com o Sr. Malaquias, não é verdade ?

ANSELMO. Não quero, e não quero !

LUÍZA. O Sr. Macario não quer que eu case nem com o Sr. Malaquias nem com o Sr. Anselmo, não é certo ?

MACARIO. Bôa duvida ! O preferido devo ser eu !

LUÍZA. O Sr. Malaquias não quer que eu case nem com o Sr. Anselmo, nem com o Sr. Malaquias, não é assim ?

MALAQUIAS. Per certo ! Sou eu que...

LUÍZA. Pois, como nenhum dos tres quer que eu case, e não querendo eu ficar solteira, caso me...

OS TRES. (*ao mesmo tempo.*) Com quem ?..

LUÍZA (*dando a mão a João.*) Com meu primo !

OS TRES. Oh ! (*Ficam a olhar uns para os outros*)

JOÃO. Aceito, priminha, aceito. Si me der mal, não casarei segunda vez !

TIBÉRIO. Bravo ! Acredita, João, que te dou uma excellente mulher

JOÃO. E não me dá sogra, o que é melhor ainda. Obrigado, meu tio !

OS TRES. *(ao mesmo tempo.)* E nós o que fazemos aqui?

JOÃO. Era justamente o que eu ia perguntar-lhes.

OS TRES. *(avançando para João.)* Bigotinhas!

JOÃO. Cuidado, meus velhos, cuidado!

LUÍZA. Meus srs., ficam convidados para tomar uma taça de champagne no dia do meu casamento com meu primo, que não tem callos, nem corcunda e nem um olho furado.

TIBÉRIO. Vão, meus amigos, e peçam a Deus que lhes dê juízo, que é coisa que vocês não tem. Casem-se com tres velhas e deixem a pequena casar com o rapaz. Olhem: o casamento deve ser assim: — velhos com velhas, moços com moças... — para não ser ninguém enganado!

OS TRES. *(ao mesmo tempo.)* Mas, Tiberio!..

TIBÉRIO. Vão passar, vão... e não chorem.

OS TRES. *(ao mesmo tempo, com os punhos cerrados, avançando, em linha, para João.)* O sr é..

LUÍZA. *(rindo.)* O meu querido noivo!

OS TRES. *(subindo, ao mesmo tempo.)* Um canalha!

JOÃO. Oh! hyppopotamos!

TIBÉRIO. Oh! Macario, quando te resolveres a tomar mais de um banho por anno, passa-me telegramma, ouviste?.. Oh! amigo Anselmo, toma cuidado com a giga.. não te vá ella passar de malasinha de viagem a barril de quinto! E tu, Malaquias, toma um xarope qualquer para a canceira e manda fazer um olho de vidro!.. E boa viagem!.. *(Os tres, que teem parado á porta, voltam-se, ameaçam ainda com soccos e sahem aos empurrões. — Tiberio cde em uma cadeira, ás gargalhadas — João beija a mão de Luiza. — Desce o panno.)*

FIM

III

Grandes manobras

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO



Personagens

Mariquinhas	17 annos
Malaquias	30 . .
Gregorio	46 . .
Symphronio	25 . .
Officiaes de todas as patentes	

ACTUALIDADE



ACTO ÚNICO

Praça. — Dia. — Ao subir o panno, a scena está vazia. — Ouve-se fóra grande barulho de vivas e o estalar de foguetinhos da China.

SCENA I

UMA VOZ. Viva o capitão Manduca!

MUITAS VOZES. Viva!

VOZ. Viva o heroico tenente Symphronio das Chagas!

MUITAS VOZES. Viva!

VOZ. Viva o tenente coronel Gregorio Pereira!

MUITAS VOZES. Viva!

VOZ. Viva a heroica guarda nacional!

MUITAS VOZES. Viva!

VOZ. Toque a musica! (*Ouve-se uma gaita de folles. — Espocar de foguetinhos. — Grande vivorio. — O barulho vai se afastando, até perder-se ao longe.*)

SCENA II

MALAQUITAS. (*entrando, furioso, da esquerda.*) Bandalheira! pouca vergonha!.. (*Olhando pelo bastidor.*) Andem, deem vivas, aticem foguetes, mettam-se no pisão! Melhor rirá quem rir por ultimo!.. Pensam vocês que teem a coisa muito segura!.. Pois estão enganados!.. Todas as nomeações hão de ser annulladas!.. (*Descendo.*) Depois, quando um homem vira casaca, é sem vergonha, é canalha, não tem character!.. Pois olhem que eu agora tinha rasão de sobra para virar casaca!.. Calculem que deram patentes da guarda nacional a todo mundo, menós a mim, — a mim, que tantos serviços tenho prestado ao meu partido!.. O Symphronio é tenente... Ora, o Sym-

phronio!.. Os srs conhecem o Symphronio?.. Um pulha! Quando encontrarem um pulha ahí na rua, é o Symphronio! O Manduca é capitão.. o Chico é o diabo que o carregue!.. Todos receberam uma patente; só eu fiquei no tinteiro!.. Isto é um desafôro, uma pouca vergonha!.. Mas toda esta patifaria hade ser annullada!.. Chegaram a promover a alferes cidadãos que ja eram tenentes, e a fazer capitães a três ou quatro defuntos!.. Não leram o «Diário Official»?.. Pois lêam, lêam, e depois conversem commigo! E o que mais me incommoda não é só a grande injustiça que me fizeram atirando-me para o canto.. Quando me lembro que com esta chuva de gulões, a Mariquinhas é capaz de apaixonar se por algum d'elles.. tenho impetos... tenho impetos de arranjar uma metralhadora e mandar todos para o inferno! (*Pausa*) Foram todos tardar-se para o exercicio... Mas que exercicio vão elles fazer, sem soldados?.. Não ha um unico soldado!.. Si se procura um soldado da guarda nacional para um sinapismo, não se encontra! Todos são officiaes... alferes, tenentes, capitães, majores, tenentes-coroneis e coroneis... Si houvesse marechaes na guarda nacional, todo mundo era marechal!.. Mas tambem juro desde já que si a Mariquinhas dêr-me «gola» por causa de algum d'esses bonecos agaloados, perco a cabeça e faço uma asneira!.. Furo-a com o primeiro ferro que encontrar!.. Pouco me importa a cadêa! Perdido por um, perdido por mil!.. (*Começa a passear, gesticulando.*)

SCENA III

Malaquias e Mariquinhas

MARIQUINHAS. (*vai atravessar a scena da direita para a esquerda, mas vê Malaquias a gesticular para o publico, e desce.*) Ah! O que é que está fazendo, Malaquias?

MALAQUIAS. (*suspende a gesticulação, meda-a de alto a baixo, enterra o chapéo na cabeça, mette, furioso, as mãos nos bolsos, e começa a passear.*) Cebolorio!

MARIQUINHAS. (*muito admirada, á parte.*) O que terá elle?

MALAQUIAS. (*parando diante de Mariquinhas.*) Onde vai a Sra.?

MARIQUINHAS. Vou á missa do dia. Pois não se lembra que o convidei hontem para ir tambem ?

MALAQUIAS. A mim?. Está enganada, minha sra. Talvez convidasse a algum tenentesinho de meia tigella. A mim, não !

MARIQUINHAS. Estou extranhando os seus modos, Malaquias.. O que é que o sr. tem ?.

MALAQUIAS. O que tenho ? Quer que lhe diga o que tenho ?

MARIQUINHAS. Si lhe pergunto...

MALAQUIAS. (*dando-lhe as costas.*) Não tenho nada !

MARIQUINHAS. (*supplicante.*) Malaquias !..

MALAQUIAS. Eu não sou mais o Malaquias ! Seu uma bomba, uma granada, um obuz ! Quando eu rebentar, então saberão para quanto presto !

MARIQUINHAS. Mas porque está tão zangado ?.. Sou, por acaso, culpada de alguma coisa ?.. O que fiz eu ? (*Com voz de choro.*) Diga...

MALAQUIAS. (*para um momento a olha-a, vai a ella e toma-lhe as mãos.*) Perdôa-me, Mariquinhas !.. Mas si souberes a injustiça que me fizeram...

MARIQUINHAS. Mas que injustiça ?

MALAQUIAS. Pois não sabes ?

MARIQUINHAS. Não sei nada.

MALAQUIAS. Eu te conto Mas hasde guardar segredo.

MARIQUINHAS. Prometto.

MALAQUIAS. Teu pai procedeu para commigo, como não se procede com um moleque...

MARIQUINHAS. Como ?

MALAQUIAS. Lembras-te quando houve uma reunião em tua casa para tractar-se da escolha das pessoas que deviam ser propostas para officiaes da guarda nacional ?

MARIQUINHAS. Lembro-me... Por signal que houve uma discussão calorosa, e que tu quizeste brigar com o Symphronio...

MALAQUIAS. (*exaltado.*) Não me falles n'esse homem !.. Odeio-o, detesto-o... tenho ganas de mata-lo !..

MARIQUINHAS. Mas, meu Deus ! Porque !

MALAQUIAS. Porque teu pai prefere-o a mim, porque quer que elle case contigo !.. Um pulha, o Sympronio !.. Pedante como elle só e burro como uma porta !

MARIQUINHAS. Mas não é a ti que eu amo ? Que te importa o resto ?..

MALAQUIAS. Mariquinhas.. Mariquinhas... juras amar-me sempre...

MARIQUINHAS. Mas não é preciso jurar... Creio que te tenho dado bastantes provas de que sô a ti amo...

MALAQUIAS. E' certo... Mas o que queres? Tenho ciúmes de todos... Quando me lembro que podes esquecer-me para attenderes á vontade de teu pai, tenho vertigens!... Teu pai não é um homem, Mariquinhas!

MARIQUINHAS. (*admira.*) Não é um homem?.. O que é então?

MALAQUIAS. E'... é um tyranno da escola antiga!

MARIQUINHAS. Mas estavas fallando da reunião para escolha de officiaes, e mudaste de conversa...

MALAQUIAS. Mudei, porque fallaste no nome d'aquelle trampolheiro! (*Pausa.*) Pois n'essa reunião ficou assentado que eu seria proposto para tenente da segunda companhia do batalhão de que teu pai é commandante...

MARIQUINHAS. Lembro-me perfeitamente. E não foste?

MALAQUIAS. Riscaram o meu nome da proposta, e metteram o nome do Symphronio!.. Um pulha! Vê ahi o dedo de teu pai, a preferencia que elle tem pelo Symphronio!..

MARIQUINHAS. Pois o Symphronio já é tenente?

MALAQUIAS. (*sangado.*) Pois o Symphronio já é tenente!.. Estás muito contente, não? Parece que não é só teu pai que tem preferencia pelo Symphronio!..

MARIQUINHAS. Eu não disse isso, Malaquias!

MALAQUIAS. Não dizes, mas pensas!.. Pois vai... vai... agarra-te ao Symphronio, que levas um bom canalha!..

MARIQUINHAS. (*quasi chorando.*) Oh! meu Deus!.. que homem!

MALAQUIAS. (*acalmado-se*) Perdôa-me, Mariquinhas. Mas eu estou, que nem sei o que digo!

MARIQUINHAS. Eu te amo, Malaquias, e deves ter confiança no meu amor...

MALAQUIAS. Tenho... tenho... mas o maldicto ciúme põe-me quasi louco!

MARIQUINHAS. Mas eu ainda não te dei motivo para teres ciúme...

MALAQUIAS. Mariquinhas.. (*Repique de sino, fóra.*)

MARIQUINHAS. Vou-me embora... Já está tocando a terceira vez para a missa.

MALAQUIAS. Adeus... Ama-me sempre, sim?
 MARIQUINHAS. Sempre, Adeus.
 MALAQUIAS. Durante a missa, pede a Deus que proteja o
 nosso amôr, ouviste?
 MARIQUINHAS. E por que não vais tambem á missa?
 MALAQUIAS. Não vou... Sinto-me incommodado... ner-
 voso... Adeus, e pensa sempre em mim.
 MARIQUINHAS. Adeus! *(Apertam-se as mãos.—Sahe pela
 esquerda.)*

SCENA IV

MALAQUIAS. *(depois de acompanhá-la com a vista.)* Vai...
 vai... Pensas que me fio nos teus juramentos?... Ela preciso
 que eu fôsse uma besta! *(Desce.)* E' impossivel que eu não
 tome uma gola!. O Symphronio é tenente, e eu nem cabo de
 esquadra sou... o pai d'ella gosta mais de Symphronio do que
 de mim... A prova está na bandalheira que fez riscando o meu
 nome da proposta... *(Reparando.)* Mas ahí vêm justamente os
 dois canalhas... Não quero encontrar-me com elles... Pôde o
 sangue subir-me á cabeça, e eu ponho-os em gravetos!., *(Sahe
 pela esquerda.—Entram pela direita Gregorio e Symphro-
 nio, fardados.)*

SCENA V

Gregorio e Symphronio

GREGORIO. Eu bem lhe dizia que se fiasse na minha in-
 fluencia...
 SYMPHRONIO. Influencia illimitada, tenente coronel.
 GREGORIO. O que eu quero, e o que se faz
 SYMPHRONIO. Pois eu, mais uma vez, lhe agradeço a pro-
 tecção que me dispensou, commandante... O Malaquias é que
 hade estar bufando com a historia!
 GREGORIO. Ora! Quem é que faz caso d'aquillo... Um ty-
 po que não serve para coisa nenhuma querendo tambem im-
 pôr-se, como si fôsse gente!
 SYMPHRONIO. Lá isso é verdade... Vive a dizer que é um
 homem cheio de serviços ao partido... que tem feito... que
 tem acontecido... que...

GREGORIO. Lingua só. No mais, não vale nada. Ter ape-
tulancia de andar arrastando a aza á Mariquinhas!.. Como si
eu fôsse dar a pequena a um pandilha d aquella laia!

SYMPHRONIO. E' exacto. Sô mesmo si o commandante
estivesse maluco, podia dal-a a) Malaquias.

GREGORIO. (*intencional.*) Nada.. não me serve aquillo
para genro... Quero um rapaz atrado, elegante, espirituoso, e
que pelo menos seja tenente .

SYMPHRONIO. (*á parte.*) Aquillo é commigo, e eu pego!..
(*Alto.*) Tem toda a rasão, commandante. Um tenente já é al-
gnma coisa...

GREGORIO. (*á parte.*) O marreco entendeu! (*Alto.*) Sem
duvida. Com a minha protecção, o tenente de hoje sera amanhã
capitão, depois de amanhã major, depois tenente coronel... O
meu amigo já sabe que a minha influencia serve para alguma
coisa...

SYMPHRONIO. Perfeitamente. (*á parte.*) Lá vai uma bom-
ba! (*Alto.*) Meu illustre commandante, ha muitos dias já que
ando para tocar-lhe em um assumpto de summa importancia;
mas, por diversas circumstancias alheias á minha vontade, não
pude ainda fazel-o. O lugar agora não é proprio, mas quero
aproveitar a occasião, antes que ella mais uma vez me fuja...

GREGORIO. (*á parte.*) Vai fallar-me na pequena; chegou
ao rego! (*Alto.*) Então que negocio tão grave é esse?

SYMPHRONIO. Commandante, ha bastante tempo que eu
amo..

GREGORIO. E' natural. Moço, solteiro, bonito...

SYMPHRONIO. E amo perdidamente... perdidamente ..

GREGORIO. E porque não tem casado?

SYMPHRONIO. Ah! porque, desgraçadamente, a moça a
quem adoro, não me ama...

GREGORIO. Homem, essa agora!.. Não acredito!

SYMPHRONIO. Pois é a pura verdade, commandante...

GREGORIO. E quem é essa moça?.. Por acaso quererá ella
algum principe para marido?..

SYMPHRONIO. A moça é... é sua filha, commandante...

GREGORIO (*á parte*;) Finjamos surpresa. (*Alto.*) A Mari-
quinhas?..

SYMPHRONIO. Sim. Tenho empregado todos os meios para
fazer com que ella me ame, mas inutilmente. A sua attenção
esta toda voltada para o Malaquias, e nem sequer repara no meu

soffrimento ! (*Tragico.*) Novo Sisypho, rôlo sem descanso a pedra enorme do meu tormento da baze do meu amôr ao cume da minha paixão, d'onde para logo ella torna a cahir nas profundezas immensas dos abysmos insondaveis da minha saudade !

GREGORIO. Meu amigo, quer que lhe diga uma coisa ?.. A Mariquinhas pode casar com o diabo, porque ninguem sabe para o que está no mundo; mas com o Malaquias não casa ella ! Daqui á pouco vou mandar chamal-o para dar-lhe um desengano redondo... O Malaquias !.. Pois aquelle pifio não se enxerga ! Para aquelle traste todos são pulhas; no entanto, não conheço ninguem mais pulha do que elle !..

SYMPHRONIO. Um pulha de primeira força !.. E medroso como ninguem !

GREGORIO. E' o que lhe digo, Com o Malaquias a Mariquinhas não casa. Pode elle casar com o diabo que o carregue, mas a Mariquinhas, nunca !

SYMPHRONIO (*apertando-lhe a mão.*) Ah ! commandante, nem pode calcular a felicidade que me dão as suas palavras !.. Sisypho desapareceu... quem está na sua presença é Jove triumphante !..

GREGORIO. Quem ées e Jove ?.. Si é gente que pague a pena, pergunte-lhe si quer ser alferes do meu batalhão. Quero uma officialidade de cruz !

SYMPHRONIO. Commandante, Jupiter... Jupiter ou Jove ..

GREGORIO. (*sem o attender.*) A filha do Gregorio Pereira, tenente coronel, commandante de um batalhão de guardas nacionaes, alferes honorario do exercito, cavalleiro da ordem da Rosa, condecorado com a medalha da campanha do Paraguay, ex-liberal «enragé», ex-conservador intransigente, ex... ex... casar com o Malaquias Lagartixa, um typo, um traste, um pulha, que nem cabo de esquadra é !.. Nunca !

SYMPHRONIO. Desengane-o, commandante. E' preciso dar uma lição áquelle biltre !

GREGORIO. Sem duvida ! Vou pôr os pingos nos sises !.. O que mais me admira não é o Malaquias querer casar com a Mariquinhas; é a Mariquinhas querer casar com o Malaquias !.. Nunca fui tyranno, mas creio que d'esta vez heide ser um Nero ! Si fôr preciso, mando prendel-o !

SYMPHRONIO. Por certo. Oito ou dez dias de solitaria hão de arrefecer-lhe os enthusiasmos matrimoniaes ! Commandante, colloco o meu amôr sob a sua protecção.

GREGORIO. Deixar estar. Fica-se em mim, e deixe o marfim correr.

SYMPHRONIO. Estou perfeitamente socegado.

GREGORIO. Ora, ó Malaquias! O Malaquias é tólo!

SYMPHRONIO. E petulante também, porque é uma petulância d'elle querer casar com a filha do tenente-coronel Gregorio Pereira!

GREGORIO. Bôa duvida!

SYMPHRONIO. Bem. Vou aqui adiante e volto já.

GREGORIO. Mas não se demore. Olhe que o exercicio está marcado para as onze horas em ponto.

SYMPHRONIO. Não me demore, commandante. Até já.

GREGORIO. Si encontrar por ahi o Malaquias, mande-o cá.

SYMPHRONIO. Muito bem. *(Sai pela esquerda.)*

SCENA VI

GREGORIO. *(depois de um momento de reflexão.)* Mas si eu enganar o Malaquias, quem é que hade ser o instructor do meu batalhão.. Aqui, diga-se a verdade, o unico animal que entende alguma coisa de manobras é elle. Eu não pesco patavina.. O Symphronio... n'esse não se falla: é uma besta!.. *(Pausa.)* Ah! tenho um meio. Digo-lhe que foi o governo que o riscou da proposta, prometto fazel o official na primeira vaga e peço-lhe para instruir os rapazes.. Elle cae como um tólo, e eu estou feito. Si fallar-me na pequena, dou-lhe esperanças.. O que menos custa é dar esperanças. *(Pausa.)* Realmente, foi uma bandalheira que eu fiz, riscando o nome do Malaquias, depois de lhe ter garantido a nomeação, e mettendo o nome do Symphronio.. Foi uma patifaria, foi.. Mas a mãe do Symphronio pedio-me tanto, que eu não tive outro remedio.. Além d'isso, como estampa, o Symphronio é muito superior ao Malaquias!

SCENA VII

Gregorio e Malaquias

MALAQUIAS. *(atravessando da esquerda para a direita)* Máos raios partam a todos elles.. Canalha!

GREGORIO. Oh! Malaquias, onde vai tão zangado ?

MALAQUIAS. Deixe-me, sr. ! deixe-me !

GREGORIO. Venha cá, homem ! (*Segura-lhe o braço.*)
Porque é que já não aparece lá em casa ?.. Quem foi que matou o seu cachorrinho ?..

MALAQUIAS. (*à parte.*) Este canalha quer fazer-me alguma tractantada... Olho vivo !

GREGORIO. Então não diz nada ?..

MALAQUIAS. O sr. deve sabel-o muito melhor do que eu.

GREGORIO. (*fingindo-se admirado.*) Como ?

MALAQUIAS. O que foi que me fizeram em sua casa ?.. Ficou assentado que eu seria proposto para tenente da 2ª companhia, e no entretanto riscam o meu nome e mettem o do Symphronio !

GREGORIO. Mas não fui eu, meu amigo, não fui eu que fiz essa bandalheira !

MALAQUIAS. Quem foi então ?

GREGORIO. Não sei... A minha proposta seguiu tal qual tinha sido combinado. A substituição foi feita pelo governo. Dei o cavaco, porque, realmente, foi pessima a escolha do Symphronio... Aquillo é um traste :

MALAQUIAS. E' um pulha !

GREGORIO. O Symphronio é um typão, um ignorante, um tólo ! Você nem se compara com elle... Você está á par de todas as manobras. . E' um rapaz atirado, talentoso e elegante. (*A' parte.*) E' preciso atagar-lhe o amôr proprio.

MALAQUIAS. Então não foi o sr. que riscou o meu nome ?

GREGORIO. Eu não ! Nem você devia formar tão máo juizo de mim. Substituir o seu nome pelo do Symphronio ! Isso foi um canalhismo que me poz furioso !.. Mas garanto-lhe que dentro em poucos dias heide fazel-o capitão, ou eu não serei mais o tenente coronel Gregorio Pereira !

MALAQUIAS. Promette ?

GREGORIO. (*à parte.*) Prometter não custa. (*Alto.*) Sem duvida. Pode até mandar fazer a farda e pregar-lhe as botas... Isto são favas contadas.

MALAQUIAS. E... e...

GREGORIO. E... o que ?..

MALAQUIAS. Sim... quero dizer... não sei si me faço comprehender.

GREGORIO. (*à parte.*) Já te entendo (*Alto, insinuante.*)

E não fui eu só que dei o cavaco com a substituição do seu nome... Houve mais alguém que...

MALAGUIAS (*alegre.*) O que me diz, tenente-coronel ?

GREGÓRIO. Isto mesmo. Si eu esbravejava para um lado, essa pessoa gritava para o outro. Chegou a chorar, meu amigo, chegou a chorar !.. Não lhe digo o nome d'essa pessoa, mas o caso é certo.

MALAGUIAS. (*desconfiado.*) Mas, commandante, essa pessoa ignorava até ha pouco que eu tivesse sido preterido...

GREGÓRIO. (*a parte.*) Apanhou-me ! (*Alto.*) Quem lhe disse ?

MALAGUIAS. Ella mesma, aqui.

GREGÓRIO. (*a parte.*) Fallaram-se' ..

MALAGUIAS. De modo que não sei em quem deva acreditar: si n'ella, si no commandante...

GREGÓRIO. (*atrapalhado.*) Em mim, meu amigo... em mim... Eu lhe explico o negocio... A Mariquinhas .. quero dizer... essa pessoa... disse-lhe... jurou talvez que ignorava tudo, para não augmentar o seu desgosto... sim .. porque.

MALAGUIAS. Pode ser...

GREGÓRIO. E' certo... (*Outro tom.*) E' verdade: tenho um pedido a fazer-lhe, e espero que não deixe de attender-me ..

MALAGUIAS. Tudo quanto quizer, commandante. (*a parte.*) Ella chorou !.. Ail Mariquinhas !..

GREGÓRIO. Hoje, ás 11 horas, temos de fazer um pequeno exercicio, e estou apertado...

MALAGUIAS. Porque ?

GREGÓRIO. Porque não tenho um instructor.

MALAGUIAS. (*intencional.*) Tem o Symphronio.

GREGÓRIO. Ora ! Aquillo é uma besta ! Si o Symphronio cahir de quatro pés, não se levanta mais, aposto ! Nada: o Symphronio não serve. Você, que entende a legua do risado, é que podia...

MALAGUIAS. Garante-me a patente de capitão ?

GREGÓRIO. Pois não. Garanto.

MALAGUIAS. E não se oppõe...

GREGÓRIO. (*a parte.*) Ahi vem outra vez a Mariquinhas... (*Alto.*) Oppor-me... a que ?.. Não me opponho a coisa nenhuma...

MALAGUIAS. Então, estou prompto. Mande reunir a tropa e disponha de mim.

GREGÓRIO. Vou mandar já. Quero vê-lo fazer brilhanturas .. O Malaquias ! o capitão Malaquias é um herói !.. Modestia á parte, meu amigo: você é um bravo !

MALAGUIAS. O commandante confunde-me .

GREGÓRIO (*sahindo juntos pela direita.*) Acredite: você é um bravo, um herói, um novo Carlos Magno !

SCENA VIII

Symphronio e Mariquinhas

SYMPHRONIO. (*entrando da esquerda, ao lado de Mariquinhas.*) Mas, D. Mariquinhas, a sra. não tem cotação !

MARIQUINHAS. (*incommodada.*) Deveras ?

SYMPHRONIO. Ha tanto tempo que a amo, que a adoro, que deliro pela sra. !..

MARIQUINHAS. Esta muito poetico hoje ! Onde foi aprender isso ? No «Mensageiro dos amantes» ! .

SYMPHRONIO. (*dramatico.*) Cruel ! alma de gelo !.. Vê que me consumo lentamente, horrorosamente, queimado pelas chamas abrazadoras d'este amôr ardentissimo, louco, fatal, immenso, e nem ao menos commove-se aos meus lamentos, ás minhas supplicas, ás minhas lagrimas !.. Cruel ! mil vezes cruel !..

MARIQUINHAS. (*resoluta.*) Quer que lhe diga uma coisa ?

SYMPHRONIO. Cem coisas, coração de pedra !

MARIQUINHAS. O sr já está passando a ser aborrecido !

SYMPHRONIO. (*tragico.*) Oh ! tempestades do céu ! oh ! espiritos celestes !.. Aborrecido, eu !

MARIQUINHAS. Não é aborrecido ?

SYMPHRONIO. Nunca ! oh ! nunca !

MARIQUINHAS. Então é ridiculo !

SYMPHRONIO. Ridiculo !.. Ah ! «Senhor, Deus dos desgraçados ! onde estás tu, Senhor Deus» !

MARIQUINHAS. Isso é roubado ! Diga coisa sua.

SYMPHRONIO. Isto é meu !

MARIQUINHAS. Não é !

SYMPHRONIO. E' meu ! é meu ! é meu !.. Ora ahi tem !

MARIQUINHAS. Não é ! não é ! não é ! Ora, ahi está. Deixe-se de ser prosa. E' de Castro Alves. (*Outro tom.*) Já lhe

tenho dito cem vezes que é inútil estar a perseguir-me com as suas declarações de amor. Eu não o amo, não o amo, nem nunca heide amá-lo. Procure outra, e não me aborreça !..

SYMPHRONIO. E porque e que não me ama ?

MARIQUINHAS. Porque não quero !

SYMPHRONIO. E porque é que não quer ?

MARIQUINHAS. Porque não gosto da sua cara !

SYMPHRONIO. E porque e que não gosta da minha cara ?

MARIQUINHAS. Porque... porque... Quer que lhe diga ?

SYMPHRONIO. Diga, sim, diga !

MARIQUINHAS. Porque o sr. é um tólo !

SYMPHRONIO. (*recuando.*) Um tólo, eu ! Eu um tenente da guarda nacional !..

MARIQUINHAS. Podia até ser general. Nem por isso deixava de ter cara de tólo !

SYMPHRONIO. Ah ! potestades do céu ! ah ! espíritos celestes !

MARIQUINHAS. Esse pedacinho também não é seu. Já o disse duas vezes sem citar o nome do auctor.

SYMPHRONIO. Ah ! não me ama !.. não gosta da minha cara ! diz que sou tólo !.. Eu sei porque é tudo isto !..

MARIQUINHAS. Porque é ?.. Pode dizer.

SYMPHRONIO. E' por causa do patife do Malaquias !..

MARIQUINHAS. (*espinhando-se.*) Alto lá !.. O Malaquias nada lhe deve, entende ?.. Gosto d'elle, e não consinto que diga a mais pequena coisa a seu respeito !..

SYMPHRONIO. Heide fazer-lhe as contas, deixe estar !

MARIQUINHAS. Ora, o Malaquias faz muito caso das suas contas !

SYMPHRONIO. Mss hade fazer das de seu pai, que não quer vel-o nem pintado, e que ainda ha pouco me garantio que a Sra. havia de casar commigo ! Para lá vamos.. para lá vamos..

MARIQUINHAS. Meu pai disse isso ?

SYMPHRONIO. Disse, sim, ainda não ha meia hora, aqui mesmo.

MARIQUINHAS. Pois vá se fiando nas garantias de meu pai, e não corra.

SYMPHRONIO. Como ?

MARIQUINHAS. Heide casar com o Malaquias, heide casar, heide casar, e heide casar !.. E adeusinho ! (*Sobe e volta-se.*) Tólo ! tólo ! tólo ! (*Sahe pela direita.*)

SCENA IX

SYMPHRONIO. (*trágico.*) Tôlo !.. Ah ! inferno e céu ! anjos e demonios ! Chamar-me tôlo mesmo nas bochechas !.. Insultar em mim toda a denodada classe dos tenentes da guarda nacional !.. Um insulto d'estes não pode ficar impune !.. Ah ! mas quem vai pagar-me com lingua de palmo é o Malaquias !.. Heide torcer-lhe o pescoço, como se faz a um frango !.. Ah ! potestades do céu ! ah ! espiritos celestes ! anjos e demonios ! Vou procural-o !.. (*Sobe.*)

SCENA X

Symphronio e Malaquias

MALAGUIAS. (*entrando da direita.*) Está decidido: a Mariquinhas é minha.

SYMPHRONIO. Uma palavra, cavalheiro.

MALAGUIAS. O que deseja ?

SYMPHRONIO. Desejo que me dê uma palavra.

MALAGUIAS. Pois falle de uma vez, porque tenho pressa.

SYMPHRONIO. Quero que me explique a razão porque anda namorando a Mariquinhas.

MALAGUIAS. (*avançando.*) Oh ! «seu» cachorro !

SYMPHRONIO. (*recuando.*) Não se chegue !

MALAGUIAS. Pois eu tenho que dar-lhe satisfações, «seu» patife !

SYMPHRONIO. O Sr. insulta-me !

MALAGUIAS. Quem é você para me fazer perguntas d'essas ?

SYMPHRONIO. Veja que sou um tenente !

MALAGUIAS. Si pensa que me assusta com os seus galões, está muito enganado !

SYMPHRONIO. Veja o que diz !.. Eu mato-o !..

MALAGUIAS. (*segurando-o pela gola.*) Pois, mata, pulha de uma figa ! mata !

SYMPHRONIO. (*forcejand.*) Oh ! «seu» Malaquias .. largue-me... Olhe que me machuca o collarinho .. Estou quasi suffocado... Deixe-me, pelo amor de Deus... (*Toque de corneta*) Largue me... Já está tocando chamada .

MALAQUIAS Fica sabendo que si continuares com pretenções á mão da Mariquinhas, dou-te uma sóva que te ponho em pannos de vinagre l. (*Dando-lhe um pontapé.*) Vai-te embora' tenente de... d aquillo l..

SYMPHRONIO. (*correndo para o fundo.*) Atrevido! Havemos de nos encontrar! Agora não, porque vou para o exercicio... mas amanhã ou em outro qualquer dia... A Mariquinhas hade ser minha mulher!

MALAQUIAS. (*subindo.*) Vem cá, poltrao!.. (*Symphronio joga. — Seguindo-o, a gritar.*) Pulha! pulha! pulha!

SCENA XI

MARIQUINHAS. (*entrando da direita.*) Que barulho foi este aqui?... Pareceu-me ouvir as vozes do Malaquias e do Symphronio... (*Pausa.*) Felizmente, ja desenganei aquelle tolo! Mas o pancada é teimoso como um burro l.. (*Rumor dentro: Joquetes, vivas.*) Que rumor é este?... (*Reparando pela direita.*) Ah! é o exercicio... Aprecieemos isto, que deve ser divertido. (*Vai para o fundo*)

SCENA XII

Mariquinhas, Malaquias, Gregorio, Symphronio, Officiaes

(*Todos fardados. Gregorio com as insignias de tenente coronel; Symphronio com as de tenente; os outros com as de alferes, tenentes, capitães e majores. — Todos trazem espadas ao hombro, como si fossem espingardas. — Entram marchando sob o commando de Malaquias, que está fardado de soldado e trae um cacete á guiza de espingarda. — Todos trazem chapéos de differentes feitiços e cores, menos Gregorio e Symphronio, que trazem bonets.*)

MALAQUIAS. Aito! (*Todos param. — A Gregoria.*) Comandante, prehiha ao sr. Symphronio que levante tanto a cabeça em fórma. Isto é ridiculo!

GREGORIO. Mas, sr. instructor, isto é uma prova de entusiasmo.

MALAQUIAS. Qual entusiasmo! E' ridiculo!

SYMPHRONIO. Ridiculo l.. O termo é duro...

MALAQUIAS. Senhor tenente, guarde a viola no sacco e não metta o nariz onde não é chamado.

SYMPHRONIO. Senhor Malaquias!

MALAQUIAS. Silencio, ou prendo-o immediatamente!

GREGORIO. Oh! sr. instructor, repare que o sr. Symphronio é um tenente.

MALAQUIAS. E' um tenente que não sabe nada, e que está aqui recebendo as minhas lições, como V. S.

GREGORIO. Basta! basta! Já não está aqui quem fallou...

SYMPHRONIO. (*trágico.*) Eu me contenho... porque me contenho!.

MALAQUIAS. Silencio na fileira!.. Sentido! Olhar frente!

GREGORIO. Oh! «seu» Malaquias.

MALAQUIAS. O que deseja?

GREGORIO. Olhe que isso de olhar frente parece-me uma asneira

MALAQUIAS. Porque?

GREGORIO. Porque ninguem tem olhos atraz...

MALAQUIAS. Ora, commandante, que o tenente Symphronio dissesse essa asneira, estava no seu papel; mas o sr.!

SYMPHRONIO. O que é diz?..

MALAQUIAS. Silencio na fileira!.. Esquerda volver! (*Fazem.*)

SYMPHRONIO. (*volvendo a direita.*) Ora, bolas!

MALAQUIAS. (*sangado.*) Primeira forma! primeira forma!.. (*Fazem.* — *A Symphronio.*) Oh! «seu» tenente, qual é a sua mão direita?

SYMPHRONIO. (*mostrando.*) E' esta.

MALAQUIAS. E a esquerda.

SYMPHRONIO. (*sangado.*) Ora, pilulas!.. E' esta.

MALAQUIAS. Então como é que errou a manobra?

SYMPHRONIO. Basta, sr.!

MALAQUIAS. Silencio na fileira!.. Marcar passo! (*Fazem.*)

SYMPHRONIO. Que amolação!

GREGORIO. Que cacetada!

MALAQUIAS. Silencio na fileira!.. Commandante, si tornar a abrir o bieo, mando prendel-o!

GREGORIO. Basta! basta! Já não está aqui quem fallou!

MALAQUIAS. Esquerda volver! (*Fazem.*) Ordinario, marche! (*Fazem.*) Em frente, alto! (*Fazem.*) Marcar passo! (*Fazem.*) Meia volta, alto! (*Fazem.*) Accelerado, marche! (*Fazem.*)

Alto! (*Fazem.*) A dois formar! (*Fazem.*) Direita volver!
 (*Fazem.*) Ordinario, marche! (*Fazem.*) Alto! (*Fazem.*) Meia
 volta! Alto! (*Fazem.*) Descançar!

SYMPHRONIO. (*sentando-se no chão.*) Vou descançar!
 (*Crusa as pernas.*)

MALAQUIAS. Oh! «seu» pandorga, então descança senta-
 do? (*A parte.*) Heide descompôr este pulha!

SYMPHRONIO. (*erguendo-se.*) O sr. n andou descançar, e
 eu, como não tinha cadeira, sentei-me no chão...

MARIQUINHAS. (*ao fundo á parte.*) Que tôlo meu Deus!

MALAQUIAS. Fôra de fôrma! (*Debrindam, formando gru-
 pos.*)

GREGORIO. (*a Malquias.*) O que diz dos seus discipulos?

MALAQUIAS. Assim, assi... Com franqueza, tenente co-
 ronel, não são tão estapidos como parecem.

GREGORIO. (*rodando nos calcantares e vendo a filha ao
 fundo.*) Oh! filha, estavas ahí?

MARIQUINHAS. (*descendo.*) E' verdade: não pude resistir ao
 desejo de ver o exercicio...

GREGORIO. E gostaste?

MARIQUINHAS. Muito. O sr. Malaquias commanda como
 um general. Quando todos estiverem perfeitamente ensinados,
 hão de apresentar-se de modo a causar pasmo.

SYMPHRONIO. (*á parte tragico.*) Está elogiando o patife!
 Ah! céu e inferno! anjos e... (*Approximam-se do grupo,
 seccamente.*) Então, gostou das minhas obras?

MARIQUINHAS. Gostei de todos... menos do sr.

SYMPHRONIO. Menos de mim? Porque..

MARIQUINHAS. Porque o sr. faz tudo ao contrario.

MALAQUIAS. (*á parte.*) Toma lá, pulha!

SYMPHRONIO. (*levando Gregorio á parte.*) Commandan-
 te, exijo immediatamente o cumprimento da sua palavra.

GREGORIO. Que palavra, he meu?

SYMPHRONIO. O meu casamento com sua filha.

GREGORIO. Oh! tenente... mas um matrimonio, assim, no
 meio da rua... (*Conversam.*)

MALAQUIAS. (*á Mariquinhas.*) Obrigado pela lição que
 acaba de dar-lhe.

MARIQUINHAS. Está contente?

MALAQUIAS. A sra. é um anjo! (*Conversam.*)

SYMPHRONIO. Vamos, commandante, decida-se.

GREGORIO. Mas isto é o diabo .. (*Conversam.*)

MALAQUIAS. (*a Mariquinhas.*) O que estarão elles conversando ?

MARIQUINHAS. Aposto que é a meu respeito. Mas não tenho receio.

MALAQUIAS. Confio na sra.

GREGORIO. (*indo á filha.* Menina, o tenente Symphronio acaba de fazer-me um pedido...

MARIQUINHAS. Já sei. Póde dizer ao tenente Symphronio que agradeço a honra, mas que não quero casar-me com elle.

SYMPHRONIO. (*á parte.*) Ah ! potestades do céu ! ah ! espiritos celestes !

MARIQUINHAS. Meu pai, eu só me casarei por minha vontade, e a minha vontade é casar-me com o sr. Malaquias...

SYMPHRONIO. (*á parte.*) Com o Lagartixa ! (*Dando um berro tragico.*) Ah !

GREGORIO. (*muito assustado, escondendo-se atraz de Malaquias.*) A's armas ! ás armas !.. (*Todos os officiaes, assustados, escondem-se u's atraz dos outros.*)

MALAQUIAS. (*rindo*) Não tenham medo, meus srs. Foi o tenente Symphronio que deu um berro !

SYMPHRONIO. (*tragico.*) Um berro !

GREGORIO. (*com ares de valentão.*) Eu logo vi ! Tanto que não mudei de posição !

MALAQUIAS. (*á parte.*) Que pulhas !

GREGORIO. (*á filha.*) Mas, menina...

MARIQUINHAS. Tenho dito. Quero casar-me, e heide casar-me com o sr. Malaquias, e já o previno, meu pai, que si quizer obrigar-me, fujo de casa.

GREGORIO. (*benzendo se.*) Padre, Filho, Espirito Santo !.. (*á Symphronio.*) Está ouvindo, «seu» Symphronio ?

SYMPHRONIO. (*tragico, adiantando-se.*) Furias do Averno, genios maléficos das trevas, vinde em meu auxilio !.. Caia muito embora por terra essa esperança que me alimentava a alma, que me enchia o coração de chammas, que me povoava o cerebro de risonhas imagens... eu serci invulneravel como Achilles, immortal como os deuses, para perseguil-os como um flagello eterno, como a febre amarella, como o cholera-morbus !

MARIQUINHAS. Isso é bonito, mas não é seu. (*á Malaquias.*) Meu noivo, aqui tem a minha mão.

MALAQUIAS. (*apertando-lhe a mão*) Obrigado !

SYMPHONIO. (*tragico.*) Ah! Satanaz, filho da,..

MALAQUIAS. Sentido! (*Todos entram em fôrma.*) Firme!..
Olhar frente!.. Direita volver! (*Fazem.*) Ordinario, marche!
(*Fazem.*) Alto! (*Fazem.*) Tirar misturadas! (*Enfia o chapéo
no cacete.*)

TODOS. (*tirando os chapéos e curvando-se, em attitude
de quem cunprimeuta, aos espectadores*) Bôa noite! Como
passaram?..

EIM



IV

O BROTÃO

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO



Personagens

Macario de Souza	45	anos
José Pato	22	»
Ambrosio	25	»
Elvira	20	»

ACTUALIDADE



ACTO UNICO

Sala bem preparada. Portas lateraes e ao fundo. Ao fundo, esquerda e direita, aparadôres com lampeões e vasos com flôres. A' esquerda baixa, sofá e uma cadeira de braços. A' direita baixa, meza redonda com pertences de escripta, e duas cadeiras, sendo uma de braços. Nos espaços entre portas, cadeiras --As posições dos personagens são tomadas da scena.

SCENA I

ELVIRA *(recostada no sofá, lendo um livro)*

- Vai alta a noite; na mansão de morte
- Já meia noite, com vagar, soou;
- Que paz tranquillã! Nos vei-vens da sorte,
- só tem descanso...

SCENA II

Elvira e Macario

MACARIO. *(pela direita alta, com uma carta na mão e fazendo grande espalhafato.)* Bravo! bravo! A's mil maravilhas!

ELVIRA. *(atirando o livro sobre o sofá e levantando-se.)* Ai! que susto!

MACARIO. *(rindo e approximando-se de Elvira.)* Assustei-te, heim?

ELVIRA. Si lhe parece! Entrar assim como uma tempesta de, sem ser esperado!... *(Sentu-se.)*

MACARIO. Isso é dos nervos, pequena.. é dos nervos... Porque não te casas?... Olha que o casamento...

ELVIRA. Mas..

MACARIO. *(sentando-se junto de Elvira.)* Não te incomodes. Eu me encarrego de arranjar-te um marido. Já o te-

nho mesmo de olho, posso até dizer: fechado na mão l. E' só abrires a bocca e dizeres: — «O marido que saia!» —

ELVIRA. E o marido sae ?..

MACARIO. Exactamente como um boneco de borracha de dentro de uma caixinha de molas. Deixa o negocio por minha conta.. (Mostrando a carta.) Olha: — lê esta cartinha.

ELVIRA. (estendendo a mão.) Vejamos.

MACARIO. (retrahendo a carta.) Não. E' melhor que eu mesmo a lêa. Presta atenção.

ELVIRA. (passando, amuada.) Ora! O que poderá conter essa carta...

MACARIO. (junto da mesa do meio, com entusiasmo.) Esta carta contém a sorte grande! esta carta contém um milagre! esta carta contém um marido!

ELVIRA. (sentando-se á direita da mesa.) Está bom! está bom! Lêa.

MACARIO. (sentando-se á esquerda da mesa.) Ouve. (Le) «Meu presado sr. — Fui sorprendido com um convite de V. S. para jantar hoje em sua casa. Não tenho a honra de conhecê-lo intimamente...»

ELVIRA. Oh! papai, pois o sr. convida para jantar a honras que não conhece ?..

MACARIO. Ouve lá, pequena, ouve lá. (Procurando na carta.) Um... um... um... Ah! cá está... (Le) «Não tenho a honra de conhecê-lo intimamente; mas informando-me a seu respeito, disseram-me que V. S. era um homem honrado e merecedor de toda a sympathia. Em vista, pois, das boas informações que obtive, sou a dizer a V. S. que acceito o seu convite, e que estarei em sua casa á hora marcada no mesmo convite. Entretanto, presado sr. desejo que V. S. me informe si ha mulheres em sua casa...»

ELVIRA. Essa agora, como diz a Quitéria, parece...

MACARIO. Parece, mas não é. Ouve. (Procurando na carta.) Um... um... um... Ah! cá está... (Le) «...si ha mulheres em sua casa, porque, com bastante acanhamento, o digo, sou muito tímido, e as mulheres mettem-me um medo extraordinario...»

ELVIRA. Oh! papai, esse homem parece tólo!

MACARIO. Ouve ainda. (Procurando na carta.) Um... um... um... Ah! cá está (Le) «Prefiro a vizinhança de uma jararaca, a estar perto de uma mulher...»

ELVIRA. (*levantando-se.*) Não é somente tólo ! E' atrevido tambem... é... (*Desce.*)

MACARIO. O que elle é, não sei. Mas ouve o resto. (*Procurando na carta.*) U'm... um... um... Ah ! cá está. (*Le.*) -Assim, pois, peça a V. S. que me communique si ha ou não mulheres em sua casa.—Seu attento criado—*José Pato*— (*Guardando a carta e erguendo se.*) Heim !.. Que dizes ?

ELVIRA. Digo... digo...

N 1.

ELVIRA

O tólo do Zé Pato,
e digo em boa fé,
será bicho do matto,
mas home' é que não é !

MACARIO

Mas, olha, rapariga,
e presta-me attenção,
embora seja espiga,
o Pato é um partidão !

ENSEMBLE

MACARIO

S'eu fósse
tu, que achado,
desejado
a mais não ser,
o Pato
por marido
bem querido,
havia ter !

ELVIRA

Que seja
grande achado,
desejado
a mais não ser,
não quero
por marido,
pai querido,
um bicho ter !

MACARIO. O rapaz é bonito, delicado e tem dinheiro. Tem o sestro de fugir das mulheres, mas tu tens a faca e o queijo na mão para cural-o em meia duzia de lições... (*Sentando-se á esquerda da mesa.*) Vou responder ..

ELVIRA. (*subindo.*) O que ?

MACARIO. (*tomando penna e papel.*) Dize lá o que heide responder.

ELVIRA. (*collocando-se por traz da cadeira de Macario.*) Responda que não ha mulheres cá em casa, e que póde vir sem

reccio (*Outro tom.*) Quero dar uma lição a esse pelintra ! Te medo das mulheres !.. Um homem que tem medo das mulheres, não é homem !

MACARIO. Então o que é?..

ELVIRA. E... é... Seja o que for, mas não é homem. Vamos, papai: responda a esse pateta.

MACARIO. (*escreve.*) «Meu caro sr. Lede vir sem receio. Em minha casa não ha mulheres, além de minha filha Elvira. Para gosar alguns momentos da sua amavel companhia, mandei-a para a casa da madrinha. Espero-o ás 4 horas. — Seu criado — Macario de Souza.» (*A' Elvira.*) Está bôa ?

ELVIRA. (*descendo pela esquerda.*) Perfeitamente. Mas previno o que não saio hoje de casa. Quero rir-me á custa d'esse tôlo e fazê-lo andar aqui n'uma roda viva.

MACARIO. (*fechando a carta.*) Vê lá... o rapaz é rico e não é para desprezar...

ELVIRA. Deixe o por minha conta. Esperarei occasião oportuna para apparecer-lhe. O papai não se admira do que eu fizer !

MACARIO. (*endereçando a carta.*) Toma cuidado, menina... A's vezes a gente pensa uma coisa e ella é outra... Não vá o chumbo virar por cima da cortiça...

ELVIRA. Sei o que tenho de fazer. Não se assuste.

MACARIO. (*a porta, esquerda alta.*) Ambrosio ! oh ! Ambrosio !

AMBROSIO. (*dentro*) Já vou, patrão !

ELVIRA. (*sentando-se no sofá.*) Ter medo de mulheres .. Este homem é ..

MACARIO. (*descendo.*) E' rico, menina, é rico... Lembra-te d'isto.

ELVIRA. Mas é um estúpido !

MACARIO. Menina, quem tem dinheiro nunca é estúpido, nem ignorante, nem feio e nem idiota. Olha o Ambrosio. Penses tu que si o Ambrosio tivesse um par de contos de reis, haviam de chamal o maluco, como o chamam agora? Estás enganada. Todos o considerariam como o homem de mais juizo d'este mundo e classificariam de philosophia a sua maluquice !. (*vindo á esquerda alta.*) Ambrosio ! oh ! Ambrosio !

AMBROSIO. (*dentro.*) Já vou, patrão !

MACARIO. (*descendo.*) Olha: conheci um barão tapado como uma porta. O animal, — apimal é o termo, — não abria a

bocca que não dissesse um chorrilho de asneiras... mas era podre de rico .. *(Indo á esquerda alta.)* Oh ! Ambrosio ! Ambrosio !

AMBROSIO. *(dentro.)* Já vou, patrão !

MACARIO. *(descendo.)* Pois os jornaes, quando fallavam do tal quadrupede, o menos que o chamavam era de illustrado e talentoso ! *(Indo á esquerda alta.)* Oh ! Ambrosio ! oh ! diabo !

AMBROSIO. *(dentro.)* Já vou, patrão ! Oh !

ELVIRA. *(que tem estado a folhear o livro.)* Então o dinheiro é tudo ?

MACARIO. *(descendo.)* E' tudo, menina, e é preciso acompanhar os costumes. No pobre, um callo arruinado é bebedeira; no rico, uma bebedeira é callo arruinado; um pobre sujo é porco; um rico porco, é philosopho !.. *(Indo á esquerda alta.)* Oh ! Ambrosio ! oh ! raio do diabo !

SCENA III

Os mesmos e Ambrosio

AMBROSIO. *(entrando da esquerda alta. a amarrar um cordel na cintura.— Typo exquisito, arripiado, amarello e idiota.)* Já vou, patrão !

MACARIO. Oh ! tractante, ha uma hora que deito os bofes pela bocca, a gritar por ti !

AMBROSIO. *(rindo parvamente.)* Eu não podia vir, patrão..

MACARIO. Porque ?

AMBROSIO. *(rindo e descendo, no centro)* Porque não podia...

MACARIO. Desembuche, bruto !

AMBROSIO. *(rindo.)* Porque não podia... O patrão bem viu quando eu entrei...

N. 2.

Ai ! que teima «arenegada»,
esta teima do patrão !
lixe a coisa bem calada,
e termine a amolação !

Não quero tei mas agora...
 si teimar mais tempo, assim,
 o motivo da demora
 digo - tim-tim por tim-tim !

MACARIO. Está bom: não é preciso pôr os pingos nos *i* !
(Dando a carta.) Vai levar esta carta ao sr. José Pato. Sabes quem é ?

AMBROSIO. *(sempre rindo.)* Nunca o vi mais gordo, patrão.

MACARIO. Nem precisas conhecê-lo. Aqui no endereço está a indicação. Anda, salta !

AMBROSIO. E si elle não estiver em casa ?

MACARIO. Deixa a carta. Pé lá, pé cá. Anda, animal !

AMBROSIO. *(sempre rindo, e olhando em torno.)* Animal !. O patrão falla commigo ?

ELVIRA. Anda, Ambrosio. Vai levar essa carta e volta já

AMBROSIO. Já vou, menina, já vou. Que pressa ! Arre !..

MACARIO. *(segurando-o por uma orelha.)* Oh ! patife, vais ou não vais ?

AMBROSIO. *(saltando.)* Ai ! ai !. Que brincadeira !.. Já vou, patrão... já vou !..

MACARIO. *(deixando-o.)* Salta !

AMBROSIO. *(á parte, olhando para Elvira.)* Ai ! ai ! Si ella quizesse... casar commigo...

MACARIO. *(dando um grito.)* Ao brásio !..

AMBROSIO. *(coçando a cabeça.)* Já vou, patrão, já vou... Que pressa !

MACARIO. *(empurrando-o para o fundo direita.)* Anda, bruto ! anda !

AMBROSIO. *(saindo.)* Jesus !. . que maldicta pressa !

SCENA IV

Macario e Elvira

MACARIO. *(descendo.)* Decididamente, vou pul-o na rua .. Não posso mais aturar-c. . não posso !..

ELVIRA. Não, papai. Tenha pena d'elle.

MACARIO. Um idiota !

ELVIRA. Justamente por isso. Depois, o pobre rapaz, emquanto teve juizo, servio-nos sempre tão bem.

MACARIO. Ainda estou por saber como ficou assim pancada...

ELVIRA. Eu tambem. Um rapaz que era tão esperto...

MACARIO. Mas voltemos á vacca fria: ao José Pato.

ELVIRA. E' verdade: explique-me a rasão porque, não o conhecendo, convidou-o para jantar.

MACARIO. (*Sentando-se na cadeira junto do sofá.*) A rasão é simples: eu sempre pensei em casar-te com um homem rico...

ELVIRA. É tolo, não ?

MACARIO. Não, tólo não; porque tolo não-era eu em casar te com um homem tolo. Hontem, na casa do teu padrinho, lá encontrei o José Pato, que eu nunca tinha visto mais gordo, como diz o Ambrosio, e que momentos depois, sahio. O teu padrinho disse-me então que o rapaz era filho de um fazendeiro de S. Paulo, e que tinha alguma instrucção. Ao ouvir isto, lembrei-me logo de ti; mas o cor padre deitou-me agua na fervura, dizendo que o José tinha mais medo de mulheres do que o diabo da cruz. Esta noticia desconcertou-me um pouco, mas arranjer logo um plano...

ELVIRA. Que plano?

MACARIO. Convidal-o para jantar, dizendo-lhe que não encontraria mulheres cá em casa. O rapaz vem. Sentamo-nos á meza, eu e elle. Faço-o beber um pouco mais. Quando esta-belecer-se maior intimidade entre nós dois, tu appareces. O rapaz, que já está com «dois dedos de grammatica» na cabeça, olha para ti, acha-te bonita, e nem pensa em fugir... E o casamento está feito!.. Heim?.. O que dizes?.. (*Desce, esfregando as mãos e rindo.*)

ELVIRA. E contou commigo para essa comedia?

MACARIO. Comedia, não, menina! O negocio é até muito sério... Um rapaz bem educado... com uma bôa fortuna...

N.º 3

ELVIRA

Ai! bca fortuna
não péde elle ter,
si á vista das moças
se põe a tremer!

Ai! ai!.. ai! ai! ai!
si á vista das moças
se põe a tremer!

MACARIO

Não digas tolices,
e agarra o rapaz,
e deixa o seu medo,
que mal não te faz.

Ai! ai! ai! ai! ai!
e deixa o seu medo,
que mal não te faz!

ELVIRA. O papai devia ver logo que não me convinha um marido que andasse a fugir de mim... E si eu já amasse outro?..

MACARIO. A quem?.

ELVIRA. Ao primo Antonico, por exemplo... (*Sentiu-se.*)

MACARIO. Ora, o Antonico!.. (*Sentando-se.*) O Antonico é um pobretão... um empregadinho de meia tigella, que mal ganha para comer... O Antonico nunca poderá dar-te o que te hade dar o José... Elvira, agarra o José, e nada te faltará... Terás carruagem, irás aos theatros, aos bailes nos passeios... terás brilhantes, vestidos de seda..

ELVIRA. Casando com o José Pato, terei tudo isso, como diz, mas.

MACARIO. Nada te faltará, fica certa...

ELVIRA. Talvez falt: justamente... o José Pato!

MACARIO (*admirado*) Como?

ELVIRA. Não é bom a gente fiar-se em todo mundo... As apparencias enganam... Emfim, veremos...

MACARIO. Sim; confio no teu juizo... (*Levantando-se*) Mas vai preparar-te, vai fazer-te bonita, anda.. O rapaz não tarda por ahi...

ELVIRA. (*sahindo pela esquerda baixa e dando uma risada.*) Ora, um homem que tem medo das mulheres!.. Tenho muito que rir-me'.. (*Sake.*)

SCENA V

MACARIO. Esta rapariga é uma tôla!.. O José Pato é rico, de bôa familia e bonitote lá isso é... (*Fica gesticulando d bôcca de scena.*)

SCENA VI

Macario e Ambrosio

AMBROSIO. (*entrando subtilmente do fundo direita e gritando ao ouvido de Macario.*) Prompto, patrão!

MACARIO. (*dundo uma vira-volta.*) Oh! bruto!..

AMBROSIO. (*rindo.*) O patrão pregou um corcovo!.. O patrão é passarinho?

MACARIO. Entregaste a carta a elle mesmo?

AMBROSIO. A elle mesmo, não; o moço tinha sahido.

MACARIO. E então?

AMBROSIO. Entreguei ao criado, um crioulo retinto como um carvão... O moço vem cá, patrão?

MACARIO. Vem. E' o noivo da menina.

AMBROSIO. (*recuando.*) O noivo da menina!.. O que me diz patrão? E eu então?..

MACARIO. Heim?.. Tu o que?

AMBROSIO. (*com voz de choro.*) E eu que não sabia!..

MACARIO. Nem tinhas que saber, tractante!.. Bem. Vou descansar um pouco. Quando chegar o sr. José Pato, manda-o sentar-se e vai prevenir-me. (*Sahe pela direita alta.*)

SCENA VII

AMBROSIO. (*fica parado um momento seguindo Macario com a vista; depois dá um grande suspiro.*) Ai! ai!.. (*Pausa, limpando os olhos.*) E eu; então?.. E eu, que gosto tanto d'ella!.. (*Desatando n'um berrreiro infernal.*) Ai! ai! ai! Que capora esta minha! Nunca se vio uma coisa assim!..

N. 4.

Tenho a capora
nas costas, cá,
como um ouriço..
ah! ah! ah! ah!

ah! ah! ah! ah! (*Bis*)

Não posso nunca
 casar-me... Ole,
 morro solteiro...
 eh! eh! eh! eh!
 eh! eh! eh! eh! (Bis)

As namoradas
 todas perdi,
 todas se fôram...
 ih! ih! ih! ih!
 ih! ih! ih! ih! (Bis)

Tenho a minh'alma
 que mette dô,
 toda em pedaços...
 oh! oh! oh! oh!
 oh! oh! oh! oh! (Bis)

Todos me comem
 por tôlo, crú,
 e fazem troça,
 uh! uh! uh! uh!
 uh! uh! uh! uh! (Bis)

(Sentando-se no sofá, a rir.) Já quando eu namoriscava a Rita... aquella «damnada» do Becco do Segredo... veio o diabo do Zé Grillo, passou-me a perna, e lá carregou com a Rita, deixando-me a ver navios... (Outro tom.) A ver navios?... Era justamente o que eu não via!.. Chorei uma semana, e arranjei um bico d'obra com a Narcisa... a Narcisa... aquella trigueira, que morava na rua do Padre Miguelinho... Veio o Chico, e lá se me foi a Narcisa com o Chico... Chorei outra semana, e comecei a catrapiscar a Michaela... Ahi veio o maldicto do Pedro, e levou-me a Michaela, sem me dar tempo de apitar pela policia... Todas as minhas namoradas teem ido assim pela agua abaixo!.. (Chorando.) E eu que chore e que arranque os cabellos! (Rindo.) Ah ora volte-me cá para a menina... (Chorando alto.) Ai! ai! ai!.. (E caipora esta minha!.. E a menina vai tambem abalar com o Zé Pato... um pato!.. Que

vergonha !.. (*Pausa, mirando-se, a rir.*) Pois eu não sou feio nem desageitado... O Ze, o Chico, o Pedro, o Pato, e todos os outros, são mais feios do que eu !.. Parece inacreditavel, mas são... (*Pausa.*) De que me serviram os dias que perdi, mettido pelos cantos, e as noites que passei sem pregar olho, pensando n'ella !.. (*Chorando alto.*) Ai ! ai ! ai ! Todas as mulheres são umas ingratas !.. Estão todos os dias a casar-se com macacos, e no entretanto não querem casar commigo, que sou um rapaz bonitinho !.. (*Chora cada vez mais alto.*)

SCENA VIII

Ambrosio e Macario

MACARIO. (*Entrando da direita alta*) Que diabo de berraria é essa, Ambrosio ?.. Parece que está aqui um boi !

AMBROSIO. (*rindo*) Boi ! Não era boi, não, patrão. Era eu.

MACARIO. Que eras tu, sei eu, animal ! Mas porque berravas assim ?

AMBROSIO. Eu não berrava, patrão; estava chorando..

MACARIO. Mas chorando porque, estás tu ?

AMBROSIO. (*rindo*) Eu estava chorando por uma coisa, patrão...

MACARIO. Que coisa ?

AMBROSIO. (*chorando.*) O patrão não se zanga commigo, não ?

MACARIO. Não me zango, não. Falso estúpido !

AMBROSIO. (*rindo.*) Estúpido !.. Ai ! ai ! Estou apaixonado, patrão !

MACARIO. (*pasmado.*) A... a... apaixonado !

AMBROSIO. (*imitando-o.*) A... a... apaixonado !... Sim, patrão, eu estou doido !

MACARIO. (*fassando.*) Doido, não; idiota, pateta !

AMBROSIO. (*rindo.*) Idiota, não, pateta, doido !

MACARIO. Mas apaixonado por quem ?

AMBROSIO. Por uma moça... (*Avançando.*) Ui !.. quando penso n'ella, fico damnado !

MACARIO. (*recuando, com medo.*) Está bom... Guarda isso para depois, rapaz... guarda isso para depois...

AMBROSIO. O patrão teve medo ?

MACARIO. (*arrogante.*) Mêdo !.. Pois eu lá tenho nêdo de coisa alguma !..

AMBROSIO. (*dando um grito e correndo a elle.*) Vou matar-te !

MACARIO. (*correndo para tras do sofá, com voz tremula.*) Oh ! Ambrosio... oh ! rapaz... toma cuidado... Si estás dando variedade, dize-o de uma vez... não me enganes...

AMBROSIO. (*rindo-se.*) Hué !.. O patrão disse que não tinha mêdo !..

MACARIO. (*ainda tremulo.*) Pois sim... mas isto não é modo de brincar... (*da parte.*) Pucha ! Não fiz o s sto com um kilo de sabão ! (*Alto*) Mas dize-me, rapaz, quem é a moça ?

AMBROSIO. Não digo, não. O patrão é capaz de me vir aos queixos...

MACARIO. (*sahindo, ainda receioso, de tras do sofá*) Des cança, que tenho mais que fazer.

AMBROSIO. O patrão não me pucha as orelhas ?

MACARIO. (*sempre receioso.*) Não. Fica tranquillo.

AMBROSIO. E promette guardar segredo ?

MACARIO. Sem duvida.

AMBROSIO. E jura não dizer nada a ninguem ?

MACARIO. (*avanzando.*) Oh ! cara de todos os bichos !..

Estás caçoando commigo ?

AMBROSIO. (*recuando.*) Está bom, patrão... não vri a zangar... Eu digo... eu digo...

MACARIO. Pois dize de uma vez !

AMBROSIO. (*rindo.*) A moça que me virou o miolo é...

MACARIO. Quem ?

AMBROSIO. (*chorando.*) Mas o patrão não me sóca, não ?..

MACARIO. (*segurando-lhe uma orelha.*) Fallas eu não fallas, bruto !

AMBROSIO. (*esperneando.*) Ai ! ai ! patrão da minha alma !... ai ! orelha do meu coração !

MACARIO. (*deixando-o.*) Salta para dentro, mariola !

AMBROSIO. (*rindo.*) Então o patrão não quer saber ?

MACARIO. Não quero saber nada !

AMBROSIO. Pois agora é que eu vou dizer !

MACARIO. Não digas !

AMBROSIO. Digo, patrão digo.

MACARIO. (*tapando os ouvidos.*) Não digas ! não digas !

AMBROSIO. (*gritando.*) E' a menina Elvira !

MACARIO. (*dando um salto, fica pálido, com as mãos nas ilhargas e as pernas abertas.*) A... a... a... Elvira!

AMBROSIO. (*tomando a mesma posição.*) A... a... a... Elvira!

MACARIO. (*avançando, furioso*) Oh! cachorro!

AMBROSIO. (*fugindo.*) Oh! cachorro!

MACARIO. (*perseguido-o.*) Bandido!

AMBROSIO. (*fugindo*) Bandido!

MACARIO. (*perseguido-o.*) Canalha!

AMBROSIO. (*fugindo.*) Canalha!

MACARIO. (*perseguido-o.*) Espera biltre!..

AMBROSIO. (*sahindo, fundo direita.*) Não vê que eu sou tólo!

SCENA IX

MACARIO. (*descendo*) E esta!.. Olhem que perigo tenho eu mettido em casa!.. Este diabo é capaz de perder as estribeiras e fazer uma asneira qualquer dia! Ora; para o que lhe deu a pancada!. Nada!.. Ou ponho- no olho da rua, ou... O melhor é pol-o na rua: é mais seguro... (*Sahindo, direita alta.*) Que perigo! que perigo!

SCENA X

ELVIRA. [*entrando da esquerda baixa.*] Já está me trazendo a visita do tal idiota com quem o papai quer que eu me case... Deve ser uma raridade digna de ver-se... Um homem que corre das mulheres!.. D'esta nunca me heide esquecer!..

N. 5.

Assim medroso, assim peleima,
 assim pancada, assim corrido,
 jamais acha moça ou velha
 que o aceite por marido...

Andar sempre em roda viva,
 sempre atraz do José Pato,
 [que tem medo das mulheres]
 como o cão atraz do gato ..

Não, não me serve,
 não aceito,

não tem geito
 um typo assim,
 que ande sempre
 aforismato,
 desastrado,
 além de mim!

(*Sentando-se no sofá.*) Ora, não tinha eu mais que fazer do que andar toda a vida a correr atraz d'elle, e elle a correr diante de mim !.. (*Tomando o livro que deixára no sofá e abrindo-o.*) Infim, matemos o tempo lendo alguma coisa... (*Folhea negligentemente o livro e lê.*)

•Mulatinha do corôço,
 no pescôço,
 eis aqui o teu cambão;
 mette o ferro d'agulhada,
 minha amada,
 no teu dengue cachorrão !»

SCENA XI

Elvira e Ambrosio

AMBROSIO. (*dá parte, encostando-se à porta fundo direita, a coçar a cabeça*) Que me çona !.. Ai !.. ai !..

ELVIRA. (*sem o ver*) Esta mulatinha do carôço—é bonita, mas ha coisas melhores... (*Folhea o livro e lê.*)

«Amarrotado o teu vestido branco...
 solto o cabello nas espáduas núas...»

(*Suspirando.*) E' esta a poesia da minha paixão... Como isto é expressivo !.. Ah ! si Casimiro de Abreu ainda fôsse vivo...

AMBROSIO. (*arrindo.*) Não tinha morrido, menina!

ELVIRA. (*fechando o livro.*) Ah ! o que estavas fazendo ahi ?

AMBROSIO. (*descendo pela direita.*) Eu... eu estava olhando...

ELVIRA. Para quem ?

AMBROSIO. Para a menina... A menina sabe que é muito bonita ?..

ELVIRA. Achas ?..

AMBROSIO. O que ?.. Si acho ?.. Mas é bonita mesmo como o diabo !..

ELVIRA. A comparação não é muito lisongeira para mim..

AMBROSIO. Mas é para o diabo, menina, e é a mesma coisa ?..

ELVIRA (*folheando distrahidamente o livro.*) Queres alguma coisa ?..

AMBROSIO (*coçando a cabeça.*) Queria... mas a menina não me dá.

ELVIRA Dinheiro ?..

AMBROSIO Dinheiro ?.. Não é dinheiro, não, menina. .

ELVIRA. Licença para sahires ?

AMBROSIO Licença ?.. Não é licença, não, menina...

ELVIRA. Então o que é ?

AMBROSIO. (*rindo.*) E... é... é uma coisa ..

ELVIRA. Mas que coisa ?

AMBROSIO. (*rindo.*) E' uma coisa que a menina tem, mas que não hade querer me dar...

ELVIRA. Uma coisa que eu tenho ?.. Não sei . Tenho tantas...

AMBROSIO Pois é uma d'elles... a mais gostosa de todas...

ELVIRA. Tenho sapatos... vestidos. chapéos...

AMBROSIO. Não é isso... E' uma coisa muito gostosa...

ELVIRA Então não sei o que é...

AMBROSIO. Quer que eu diga ?

ELVIRA. Pois dizê.. Si fôr possível...

AMBROSIO. (*cahindo de joelhos.*) Menina do meu coração, é o seu amôr !

ELVIRA. (*levantando-se.*) Heim ?.. O que é isso ?..

AMBROSIO. E' isto mesmo, menina... Eu amo a menina... estou apaixonado pelo menina... quero casar com a menina!..

ELVIRA. (*passando, á parte.*) Ficaria doido de uma vez ?

AMBROSIO. (*caminhando de joelhos*) Ai ! menina, tenha pena de mim !.. Si não casar commigo, eu faço uma tolice !

ELVIRA. Oh ! Ambrosio, não sejas idiota... Olha si o papai vem por ahi...

AMBROSIO (*de joelhos.*) O papai já sabe .. Por signal que quasi me arrancou uma orelha !

ELVIRA (*passando.*) Mas eu não posso casar contigo !

AMBROSIO (*de joelhos.*) E os dias que perdi, e as noites que não preguei olho, pensando na menina!.. (*Chorando alto.*) Hâm !.. hâm ! . hâm !..

ELVIRA. Ambrosio, cala te!
 AMBROSIO. Não me calo ! não me calo !. (*Chorando.*)
 Hi ! hi ! hi !.
 ELVIRA. Ora... vá para o diabo ! *Salte, esquerda baixa*

SCENA XII

AMBROSIO (*chorando alto.*) Hãh !.. hãh !.. hãh !..
 (*Olhando em roda depois de uma pausa.* Foi-se a ingrata !..
 (*Erguendo-se.*) Está decidido: vou me matar vou me matar !
 vou me matar !.. (*Rindo.*) Ella não quer casar commigo !..
 (*Tragico.*) Vou me matar ! vou me matar !.. (*Chorando alto*)
 Hãh !.. hãh !.. hãh !..

SCENA XIII

Ambrosio e José

JOSÉ. (*á porta fundo direita.—Rapaz adamado, de pin-
 ce-nes, voz aflautada, roupa justa, imberbe.*) Está em casa o
 sr. Macario de Souza ?..
 AMBROSIO. (*olha-o de alto a baixo e dá uma gargalha-
 da.*) Olha o boneco !
 JOSÉ. (*olkando em roda.*) Boneco ?.. Onde está o bone-
 co ?..
 AMBROSIO. (*acendendo-lhe.*) Ouve cá, rapaz. Approxima-te.
 JOSÉ (*á parte, descendo pela direita, receioso.*) Este su-
 jeito será maluco ?..
 AMBROSIO. (*gritando.*) Boneco ! boneco !.. (*Gargalhada.*)
 JOSÉ (*á parte, com medo.*) Já não estou bem aqui...
 (*Alto.*) O sr Macario de Souza ?
 AMBROSIO. (*mirando.*) Estás catita... estás... Mas espera...
 Eu te conheço...
 JOSÉ. (*á parte.*) Mão ! mão !.. (*Aito.*) A mim ?
 AMBROSIO. (*rindo e aproximando-se de José.*) Não; a
 mim.
 JOSÉ. (*á parte, desviando-se*) Este sujeito é idiota por
 força... Oh ! srs., eu, de repente, disparo pela porta fóra !..
 (*Alto.*) O sr. Macario de Souza ?
 AMBROSIO. Eu te conheço, eu te conheço !

JOSÉ. (*tremulo.*) O sr. parece que está enganado...

AMBROSIO. Nada. Eu te conheço!

JOSÉ. (*à parte, a tremer.*) Oh! meu Deus!.. que apertost!.. Estou sem pinga de sangue!

AMBROSIO. Tu nasceste por engano, e eu vou já te provar. Espera ahí... (*Corre a elle.*)

JOSÉ. (*correndo e gritando, perseguido por Ambrosio.*) Quem me acode! socorro! quem me acode!..

SCENA XIV

Os mesmos e Macario

MACARIO. (*da direita.*) O que é isto, oh! Ambrosio?

AMBROSIO. (*rindo.*) Não é nada, patrão. (*Gritando a José.*)

Boneco! boneco!

MACARIO. Desculpe o, sr. Este rapaz é um pouco idiota.

JOSÉ. Idiota! (*A' parte.*) Olhem em que assados estava eu mettido!

MACARIO. (*approximando-se de Ambrosio, que está fazendo caretas a José.*) Vai-te embora, Ambrosio, e dize á Qui teria que sirva o jantar.

JOSÉ. (*a parte, desconfiado.*) Quiteria!

AMBROSIO. (*desatando a chorar.*) Hâm!.. hâh!.. hâh!.. Ella não quer casar commigo!.. (*Dá uma risada e grita a José*) Boneco! boneco! (*Cerra os punhos e corre a José.*) Lá vai sôco!..

JOSÉ. (*abrçando-se com Macario.*) Misericordia! misericordia!

MACARIO. (*dá um boleo em José, segura Ambrosio pelo cachaço e leva-o á porta direita alta.*) Salta, patife!

JOSÉ. Boneco! boneco!.. (*Sahe, chorando em altos gritos.*)

SCENA XV

Macario e José

MACARIO. (*indicando o sofá.*) Queira sentar se, meu amigo, queira sentar-se...

JOSÉ. (*sentando-se.*) Pois, sr Souza .

MACARIO. (*sentando-se na cadeira junto do sofá.*) Sem ceremonia... sem ceremonia... Agradeço-lhe do fundo do coração o ter accettato o meu convite...

JOSE'. (*desconfiado.*) Mas o sr. fallou em Quiteria...

MACARIO. E' a minha cosinheira.

JOSE'. (*erguendo-se, zangado.*) Mas Quiteria é uma mulher, sr.!

MACARIO. (*à parte.*) E eu que já me tinha esquecido!

JOSE'. (*passando.*) O sr. enganou-me!

N. 6.

Que desgraça cáe-me em cima !..

sinto o peito n'uma braza !

—dizer que estava sosinho,

tendo mulheres em casa !—

MACARIO

Mas, meu caro, não se zangue,

nem lhe cause a coisa abalo;

a Quiteria, da cosinha,

nem siquer póde enxergal-o !

ENSEMBLE

JOSE'

Que desgraça cáe-me em cima !

sinto o peito n'uma braza !..

—dizer que estava sosinho,

tendo mulheres em casa !—

MACARIO

Mas, meu caro, não se zangue,

nem lhe cause a coisa abalo;

a Quiteria, da cosinha,

nem siquer póde enxergal-o !

MACARIO. Mas, sr. Pato...

JOSE'. (*zangado.*) Mando perguntar-lhe si tem mulheres em casa; responde que não, isto é, que tem uma filha, mas que essa vai passar o dia fóra, com a madrinha... E no entanto, deixa ficar em casa uma Quiteria! Uma Quiteria, sr. !.. uma ..

MACARIO. Mas é uma velha, meu amigo!

JOSE'. As velhas também são mulheres, sr. ! O sr. não me aponta uma mulher que depois de velha mudasse de sexo!

MACARIO. Mas, meu amigo...

JOSE'. Além d'isso, eu não tenho medo somente das mulheres moças! As velhas ainda me mettem mais medo! (*Passando, sempre zangado.*) Tem em casa uma Quiteria, e não me prevenio!

MACARIO. Mas, meu amigo, acalme-se...

Jose. (*subindo.*) Com licença... Vou-me embora...
Uma Quiteria !..

MACARIO. (*á parte.*) Ora, que diabo de homem !.. (*Segurando-o.*) Oh ! meu amigo, fique. Eu vou mandar tambem a Quiteria a passeic.

Jose. Pois mande-a já, sr. ! mande-a já ! (*Descendo.*)
Uma Quiteria !

MACARIO. (*á porta, esquerda alta.*) Quiteria ! oh ! Quiteria !

Voz (*grossa, dentro.*) Que é lá, patrão !

MACARIO. Seive o jantar e vai dar um passeio. Não me appareças em casa antes da noite.

Voz. Que diabo de mania é essa, oh ! patrão ?

MACARIO. Estás ouvindo ?

Voz. Estou, estou, porque não sou surda !

MACARIO. (*descendo.*) Póde ficar descansado agora, meu amigo.

Jose' (*comsigo, sentando se no sofa.*) Uma mulher !
Uma Quiteria !..

MACARIO. (*sentando-se á esquerda da mesa do meio.*)
Mas o meu amigo não me explicará o motivo d'essa sua aversão ás mulheres ?

Jose'. Eu lhe explico. A mamãe era uma mulher... (*El vira apparece á esquerda baixa, onde fica.*)

MACARIO. E o papai era um homem. Eu já sabia.

Jose. Pois a mamãe era uma mulher de cabellino na venta. Todos os dias, por qualquer coisa, dava-me sóvas de chinelo, de me pôr a timir. Em casa havia duas primas, que não me davam parçadas, mas que queriam por força dar-me abraços... E uma vizinha passava os dias a convidar-me para irmos brincar o «tempo será de esconder» e a «Maria macunguê...»

MACARIO. Evocê o que fazia ?

Jose'. Eu ?.. Fugia da mamãe, fugia das primas e fugia da vizinha... O papai...

MACARIO. Que era um homem, já sei tambem...

Jose. Sim. O papai queria que eu me deixasse abraçar pelas primas e mandava-me brincar o «tempo será» com a vizinha. (*Depois de uma pausa, baixando os olhos, como que envergonhado.*) O papai era um bilontra !..

MACARIO. (*rindo.*) Era um bilontra o papai, heim ?

JOSE'. Mas eu disparava pela rua fóra, e não voltava para casa sinão á noite ..

MACARIO. E que idade tinha o meu amigo ?

JOSE'. Eu tinha deseseis annos ..

MACARIO. Tinha deseseis annos e... (*Dando um murro na mesa.*) Ah ! eu !

JOSE'. O que é que o sr. fazia ?

MACARIO. O que é que eu fazia ?.. Deixava me abraçar pelas primas e brincava o «tempo será» com a visinha. Ora, ahí está o que eu fazia !

JOSE'. (*admirado.*) O sr. é muito valente !

MACARIO. (*á parte.*) E' um completo maricas este tramanzola !

JOSE'. Uma noite, eu ia entrando em casa, de volta de uma das minhas fugidas por causa das primas e da visinha. O corredor estava escuro. De repente, sinto me agarrado por tres pessoas e sou arrastado por ali fóra. Começo a berrar como um animal; espero eio, atiro com os braços, sacudi-me todo.. mas qual ! Estava bem seguro. Mettem me n um quarto, fe cham a porta e acendem uma vela.. (*Estremecendo.*) Ai ! Ainda quando me lembro d'isto, fico sem pinga de sangue!..

MACARIO. (*sorrindo.*) E então ?

JOSE'. Eu tinha sido agarrado pelas primas e pela visinha.. Quando as reconheci, dei um grito e.. desmaiei !

MACARIO. Desmaiou ?

JOSE'. Si lhe parece ! O caso não era para menos .. Sou be depois que foi o papai que preparou aquillo tudo para eu perder o medo ás mulheres.. mas enganou-se, porque ainda fiquei com mais medo!.. (*Baixando os olhos, envergonhado.*) O papai era um grande bilontra !

MACARIO. E' verdade, é. Mas o filho não sahio ao pai; pode ser que sahisse á...

JOSE'. O sr desculpe...

MACARIO. Oh ! meu amigo, é uma fraqueza como outra qualquer.. Mas o sr precisa mudar de systema. Que idade tem ?

JOSE'. Vou fazer vinte e dois annos.

MACARIO. Ora, ahí está:—um homem de vinte e dois annos não deve ter medo das mulheres; deve, pelo contrario, rodeal-as, conversar com ellas, fazer-se amavel, namoral-as..

JOSÉ. Mas não está em mim...

MACARIO. Está; faça um esforço, que está. Não caia na asneira de dizer a todo mundo que tem medo das mulheres. São capazes de dar-lhe uma vaia de escachar... Ora, diga-me cá: não gosta de ver uma moça bonita?

JOSÉ. De longe...

MACARIO. E de perto?

JOSÉ. De perto, não! Deus me livre!

MACARIO. *(á parte.)* É uma mulher de calças!

SCENA XVI

Os mesmos e Elvira

ELVIRA. *(avançando subtilmente toma entre as mãos a cabeça de José e dá-lhe um beijo na testa.)* Meu querido Zézinho!

JOSÉ. *(levantando-se e dando um grito.)* Ai!.. *(Voltando-se e vendo-a.)* Uma mulher!.. *(Correndo para o outro lado.)* Socorro!.. socorro!..

MACARIO. *(erguendo-se, a rir.)* Oh! seu Zé, o que é isso?

ELVIRA. *(indo a elle.)* Meu Zézinho!

JOSÉ. *(fugindo.)* Não se chegue, sra.!. não se chegue!..

MACARIO. *(que se tem debruçado nas costas da cadeira.)* Oh! moço, socegue!.. *(Dá uma risada, e, sem mudar de posição, assiste, rindo, a toda a scena.)*

ELVIRA. *(perseguido-o.)* Vem cá, meu bôbo!

JOSÉ. *(fugindo.)* Sra... pelo amôr de Deus... arrede-se.. não me toque!..

ELVIRA. *(perseguido-o.)* Zézinho da minh'alma!..

JOSÉ. *(fugindo.)* Quem acode! quem acode!..

ELVIRA. *(perseguido-o.)* Hasde dar-me um abraço, quer queiras, quer não, meu idiota de uma figa!.. Heide fazer-te perder o medo ás mulheres!

JOSÉ. Pelo amôr de Deus, sra! Deixe-me... deixe-me!..

ELVIRA. *(agarrando o.)* Dá-me um abraço! Anda, bana na lá. pateta das luminarias!

JOSÉ. *(tremulo e tapando o rosto com as mãos.)* Estou perdido! estou perdido!..

ELVIRA. Vamos, abraça-me !

JOSE'. (*tremendo, e sempre com as mãos no rosto.*) Ai !
Eu tenho um ataque !.. eu morro . . Jesus !..

ELVIRA. Anja, simplorio... Olha para a minha cara... Sou
bonitinha, não sou ?

JOSE'. (*espiando por entre os dedos.*) E' bonita, é..

ELVIRA. Si sou bonita, porque é que foges de mim?..

JOSE'. (*forcejando para safar-se.*) Largue-me, Sra ...
largue-me... Deixe-me ir embora.. Eu tenho medo...

ELVIRA. Dá-me primeiro um abraço.

JOSE'. (*tremendo.*) Pelas suas alminhas !

ELVIRA. Dá-me um abraço, já te disse !.. Não te faças de
tôlo !..

JOSE'. (*sempre com o rosto tapado, desatando a chorar.*)
Hâm !.. hãm !.. hãm !..

ELVIRA. (*pondo-lhe as mãos nos hombros e como quem
acaricia uma criança que chora.*) Não chores, meu nené ..
coitadinho do meu Pipi !.. Não chores assim, que ficas com a
cara feia, meu Dúdú !.. Olha como está fazendo o beicinho com-
prido... Queres uma chupinha, meu bobo?..

MACARIO. (*rindo.*) Oh ! «seu» Zé, olhe bem para a pe-
quena. Ella não é nenhuma asneira, e não tem espinhos.

JOSE'. (*tremendo e espiando por entre os dedos.*) E' bo-
tinha, é... Mas eu tenho medo... (*Chora.*)

MACARIO. (*á parte.*) Ora, o diabo do maricas !

ELVIRA. Hasde casar commigo, ouviste ?

JOSE'. Casar !.. (*Fugindo-lhe.*) Socorro ! socorro !..
Querem me casar ! querem me casar ! .

MACARIO. (*rindo*) Oh ! menino, não grite assim !

ELVIRA. (*obrigando-o a sentar-se no sofa.*) Sente-se ahi,
seu pancada, vamos ! (*Senta-se junto d'elle.*)

JOSE'. (*tapando o rosto e chorando.*) Que desgraça esta
minha !.. Moça, eu quero ir-me embora.

ELVIRA. Nada; hasde ficar aqui, perto de mim .

JOSE'. (*á parte, absorvendo o ar.*) Ai ! que bom cheiri-
nho que ella tem ! .

ELVIRA. Já não tens tanto medo de mim ?

JOSE'. (*absorvendo o ar.*) Mas que bom cheirinho !..
(*Olhando a, com receio.*) E como ella é bonita !

ELVIRA. Sim, sou bonita, sou. Tu é que és um tôlo !

JOSE'. Tôlo eu !

ELVIRA. Tólo sim. Porque é que fugias de mim ?

JOSE'. Eu tenho medo das mulheres...

ELVIRA. Das mulheres feias e velhas, vá lá; mas de uma moça como eu, é imperdoavel.

JOSE'. (*á parte, absorvendo o ar*) Mas que cheirinho !.

ELVIRA. Olha ppra mim, anda.

JOSE'. (*olhando-a, e baixando logo os olhos, á parte.*) Ai ! que olhos tem ella !.. São dois vagalumes !..

ELVIRA. E então ?

JOSE'. Então, o que ?

ELVIRA. O que dizes ?

JOSE'. Eu... eu não digo nada... (*Olhando-a e baixando logo os olhos, á parte.*) Mas que olhos !.. São duas lanternas !..

ELVIRA. Dize-me uma coisa: porque é que não casar commigo ?

JOSE'. (*tapando o rosto com as mãos*) Casar com uma mulher !.. Eu !..

MACARIO. (*dando uma risada.*) Sim, com uma mulher. Pois então ! Oh ! Casusa, você é tolo !

JOSE'. (*á parte.*) Que cheirinho !.. (*Envergonhado.*) E a menina queria ?

ELVIRA. Queria; mas tu não havias de fugir de mim.

JOSE'. (*á parte*) Esta moça está me fazendo sentir umas coisas !.. (*Alto.*) Queria, sério...

ELVIRA. Queres ?..

JOSE'. (*tapando o rosto.*) Eu.. eu tambem quero...

MACARIO. Bravo ! Viva o Juquinha !

ELVIRA. Ora, graças a Deus !.. (*Levantando-se e estendendo a mão.*) Dê-me a sua mão, meu noivo !

JOSE'. (*levantando-se e dando a mão.*) Aqui está.

MACARIO. Sim, sr.: já vai criando juizo... (*Dando-lhe com as costas da mão na barriga.*) Ah ! maganão !

JOSE'. (*encolhendo se.*) Ai !

ELVIRA. Não tem raiva de mim, não ?

JOSE'. Raiva ! Agora sou eu que tenho gana de abraçar-a !

MACARIO. Pois abracem-se Sem cerimonia. Daqui a quinze dias, caso-os.

JOSE'. A menina me dá um abraço, para eu ver si é bom ?

ELVIRA. Nada, não, sr. Guarde isso para mais tarde...

JOSE'. E' só para experimentar si é bom, menina !

ELVIRA. E' bom, é. Mas como já está atrevido !

Jose'. Atrevido !.. A culpa é sua. Eu não sabia que era
tão bom estar pertinho das moças !..

N. 7.

Ai ! bella Elvira,
que amor me inspira,
como suspira
meu coração ...
como palpito ...
como me agito ..
já não hesito...
--peço-te a mão !

ELVIRA

N'um desconsôlo
de pobre tôlo,
n'um desconsolo
ias viver,
si assim vivace
não te ensinasse,
n um passe-passe,
amor a ter !

MACARIO

Que mais tu queres ?..
que mais prazeres ?..
Medo ás mulheres !..
que toleirão !..
Eis-te curado
d'esse peccado
tão desgraçado,
meu paspalhão !

TODOS

Amor dá gosos,
divinos cantos,
doces encantos
cheios de ardor,
põe-nos em chammás,
meche co'a gente,
febril, ardente,
amor ! amor !

SCENA XVII

Os mesmos e Ambrosio

AMBROSIO. (*entrando da esquerda alta.*) Patrão, o jantar está na meza (*Fazendo uma careta a José.*) Boneco!

MACARIO. (*á Elvira.*) Eu não te disse que o marido havia de saltar como um boneco de borracha de dentro de uma caixa de molas?..

ELVIRA. E saltou!

MACARIO. Agora vamos jantar, e viva a alegria!

AMBROSIO. (*rindo.*) A alegria?

MACARIO. A alegria, sim. D'aqui a quinze dias, caso a menina.

AMBROSIO. (*rindo.*) Commigo, patrão?..

MACARIO. Comtigo, animal?.. Aqui com o meu amigo José Pato.

AMBROSIO. (*desatando a chorar.*) Hâm!.. ham!.. hâm!.. A menina vai casar com o boneco!.. (*Rindo e fazendo caretas a José.*) Boneco! boneco! boneco! (*Chora alto.*)

MACARIO. Cala a bocca, Ambrosio. Fica descansado, que eu te arranjo uma noiva.

AMBROSIO. (*chorando sempre.*) Quem é patrãozinho, quem é?

MACARIO. Caso-te com a Quiteria. E' uma bruxa; mas para ti é o que serve.

AMBROSIO. Pois sim, patrão, pois sim... A Quiteria me serve... (*Rindo.*) O que eu não quero é morrer solteiro!

MACARIO. Mas com uma condição. has de fazer esquecer o teu berreiro distrahindo aquelles srs. com um pouco de musica.

AMBROSIO. Oh! patrão, eu conheço aquelles sujeitos...

MACARIO. Sim?

AMBROSIO. Quando o patrão me puchou as orelhas e a menina disse que não queria casar commigo, já todos elles estavam ali espiando cá para dentro, e por signal que fizeram ri sota de mim. . Mas não lhes quero mal por isso, não. Estive pelas duas, pelas tres, chamando-os tambem bonecos e fazendo-lhes uma careta... sobretudo quando vi muito bem repim pados, como si fôssem gente, o Zé, o Chico e o Pedro, aquelles que me carregaram a Rita, a Narcisa e a Michaela...

O patrão conheceu-as... sobretudo a Narcisa. Lembre-se bem... aquella que morava na rua do Padre Miguelinho.. aquella morena...

MACARIO. (*encalistrado, coçando o nariz.*) Está bom. . está bom... Canta alguma coisa, ainda.

AMBROSIO. Então lá vai. (*Vai à bocca da scena e volta.*) Nada, patrão. Estou muito envergonhado com aquelles srs., que viram o patrão puchar-me as orelhas... (*Sobe e volta.*) Ora, bolas ! . Quem tem vergonha, morre de fome ! (*Faz uma careta ao publico.*)

N. 8.

Si a dita nós tivemos
de o riso provocar,
si, rindo, vos fizemos
de sério despertar,
palminhas,
batidinhas,
cantadinhas
de estalar,
pedimos,
supplicamos,
impetramos,
ao findar !

(*Todos repetem o canto. — Cahe o panno.*)

FIM

V

A SÓBRA

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS



Personagens

Quiteria	40	anos
Mariquinhas	20	»
Manoel	45	»
Fernando	24	»
Augusto	25	»
José	30	»

ACTUALIDADE



ACTO I

Sala decente. Portas lateraes e ao fundo. Janelia á esquerda.
E' dia. Ao subir o panno, Mariquinhas entra arrebtadamente
pela direita. Fernando, cabisbaixo, acompanha-a

SCENA I

Mariquinhas e Fernando

MARIQUINHAS. (*bateo o pé.*) Hade dar ! hade dar ! ha-
de dar Pois então .. Eu não heide ir ao baile mais mal vestida
do que as outras, por causa das usuras do senhor meu maride !
Está enganado !..

FERNANDO. Mas, Mariquinhas...

MARIQUINHAS. Aqui não ha—mas—nem meio—mas.—O
—mas—é ir, já e já, comprar o vestido. E olhe que não quero
vestido de qualquer qualidade, entende ?.. Hade ser de seda...
Traga as amostras,

FERNANDO Mas, mulher...

MARIQUINHAS. !.. continúa ! Este homem é capaz de le-
var-me ao desespero, de pôr-me louca !.. Vamos ande !.. Mo-
va-se ! O baile é sabbado e não ha tempo a perder !.. O que
está esperando ainda ?..

FERNANDO. Mas, Mariquinhas...

MARIQUINHAS. Peior vai essa ! Não me faça perder as es-
tribeiras ! Eu tenho muito bom genio, mas...

FERNANDO. (*com resignação.*) Está se vendo. .

MARIQUINHAS. Pois está se vendo, sim ! Para que me zan-
gou ?.. Por isso bem diz minha mãe que a raça dos genros é a
peior raça que ha !

FERNANDO. (*calmo.*) Ora, sua mãe ! Sua mãe é minha
sogra !

MARIQUINHAS E cale-se ! Si lhe parece, falle agora de mi-

nha mãe ! E' só o que faltava ! Mas olhe que para es que falarem de minha mãe, ainda tenho unhas !

FERNANDO. (*seccamente.*) Maria !

MARIQUINHAS. Faça-se agora de tyranno, ande ! Pois não me mette medo, não: fique sabendo ! (*Outro tom.*) Vá comprar o vestido e ligeiro, porque sinão...

FERNANDO. Mas mulher, eu não tenho dinheiro. Estamos ainda em meados de mez e o meu ordenado já vouu..

MARIQUINHAS. Quero o vestido !

FERNANDO. Mas, Mariquinhas, sem dinheiro não se compram vestidos...

MARIQUINHAS. Não quero saber d'isso. Compre fiado !

FERNANDO. Para pagar com que ?

MARIQUINHAS. Com que ?.. Com o seu ordenado ! E boa !

FERNANDO. Mas como queres tu que uns miseraveis cem mil réis cheguem para tanta coisa ?

MARIQUINHAS. Não sei.. Quero o vestido, e heide tel-o !

FERNANDO. (*resoluto.*) Pois eu estou resolvido a não lhe dar o vestido !

MARIQUINHAS. (*avunçando.*) O que ?.. Repita o que disse, si é capaz?..

FERNANDO. Não dou o vestido ! não dou o vestido !

MARIQUINHAS. Pois espera ! (*Levanta a mão.—Batem.*)

FERNANDO. Silencio, senhora ! Isto é uma vergonha !

MARIQUINHAS. Vou para dentro esperar minha mãe, e heide contar lhe tudo. (*Subindo*) Desafôro ! pouca vergonha ! O senhor meu marido tambem já pensa que é gente ! (*Voltando-se e fazendo com os dedos uma cruz que beija.*) Si não me deres o vestido, juro por esta que uma noite enforco-te no pé da cama !

FERNANDO. Oh ! mulher !

MARIQUINHAS. Fica sabendo, para teu governo ! (*Sai*)

SCENA II

FERNANDO. E vive-se d'esta maneira ! Desde que amanhece até que anoitece, é sempre isto: briga d'aqui, ameaça d'ali, descompostura d'aquella ! Ah da quando é só minha mulher, o negocio vai em par de rosas.. Mas quando está cá minha sogra, então é que a coisa torna-se verdadeiramente feia !.. (*Pausa.*) Ora, um pobre empregado publico que ganha uns magros cem

mil réis, e que paga trinta de casa, quinze de criada, dez de lavadeira e dez de engommadeira, sem fallar no mercado e no armazem... que compre vestidos de sêda !.. (*Batem.*) Ah ! já me esquecia que tinha um freguez á porta... algum credor talvez ! (*Vai ao fundo.*) Olá ! Pois é preciso bater ?..

SCENA III

Fernando e Augusto

AUGUSTO. (*apertando-lhe a mão.*) Como vai isso ?

FERNANDO. Bem. E tu ?

AUGUSTO. Menos mal... menos mal... (*Vai deixar o chapéo em um aparador e encosta a bengala em um canto.*)

FERNANDO. (*á parte.*) Felizmente, não é um credor ! (*A Augusto que desce.*) Mas senta-te. Que cerimonia é essa ?

AUGUSTO. (*á parte, sentando-se*) Si eu nada tivesse ouvido, diria que és um homem verdadeiramente feliz !

FERNANDO. (*sentando-se.*) Então, que bons ventos te trazem por cá ?

AUGUSTO. Em primeiro lugar, venho visitar-te, e em segundo, consultar-te sobre um negocio de grande preponderancia... para mim.

FERNANDO. Fim do prologo. Capitulo primeiro...

AUGUSTO. Sabes que pretendo casar-me ?

FERNANDO. Deveras ?.. (*á parte*) Antes fizesses saltar os miolos !

AUGUSTO. (*sorrindo*) Por isso, vim procurar-te para que me desses alguns esclarecimentos sobre a vida conjugal...

FERNANDO. Homem, queres que te diga uma coisa ? A vida conjugal é um paraíso,—quando não ha a serpente, que é a sogra...—

AUGUSTO. Pensando n'isso, já tinha formado cá um plano...

FERNANDO. Que plano ?

AUGUSTO. Esperar que a mãe da pequena morresse, para depois casar-me...

FERNANDO. Que idade tem a velha ?

AUGUSTO. Não sei bem ao certo; mas deve ter uns quarenta annos, pouco mais ou menos... a idade da tua sogra...

FERNANDO. Ah! meu amigo, então nunca te casarás. As sogras teem sete folegos, como os gatos. São as mulheres de pelle mais dura de que ha noticia até hoje. Já viste vaso ruim quebrar-se? Morre um pai, morre um irmão, morre um amigo dedicado, mas a sogra não morre. Desatio te a que encontres no obituario o nome de uma sogra. «A sogra é a serpente do paraizo conjugal.» A febre amarella, o cholera morbus, as bexigas de lixa, —todas as molestias perigosas, emfim, são preferiveis a uma sogra. O homem de juizo deve casar se com mulher sem mãe, para não ter sogra. A sogra é o demonio do lar domestico. descompõe o genro e ensina a filha a descompôr o marido ..

AUGUSTO. Misericordia!. Mas isso..

MARIQUINHAS. (*dentro.*) Fernando, venha cumprimentar minha mãe

FERNANDO. Ouves ?. Cumprimentar minha sogra ! Teria mais prazer em apertar a mão do diabo!

AUGUSTO. E o sogro ?

FERNANDO. O sogro é outra coisa. Em regra, é alegre, bonachão e amigo do descanço. Para o sogro, tanto faz que a agua corra para cima, como para baixo; que o marido reprehenda a mulher; que ..

MARIQUINHAS. (*dentro.*) Então, não ouviu ? Quem sabe si está esperando que o vá buscar pelas orelhas?.. É' ó que menos custa !

FERNANDO. (*á parte.*) Que vergonha ! que vergonha ! . (*Allo.*) Tu nada ouviste, não e verdade ?

AUGUSTO. O que ? Tua mulher dizer que vinha buscar-te pelas orelhas ? . Não ouvi, não; descança.

FERNANDO. Que o diabo leve todas as sogras !

AUGUSTO. Acalma-te homem...

FERNANDO. Minha sogra é a peça maior que conheço. Morre tanta gente boa, e no entretanto, não ha uma epidemia que a carregue para o inferno ! Olha, meu amigo, não te cases, não caias nessa asneira, pelo menos enquanto a mãe da tua noiva existir, porque assim viverás sempre solteiro, livre de cuidados e de vergonhas...

MARIQUINHAS. (*dentro.*) Fernando, minha mãe está aqui.

FERNANDO. Irra ! Pois que vá plantar batatas !

AUGUSTO. Pois, meu amigo, estou resolvido a tomar o teu conselho .. Tens ahi um charuto ?

FERNANDO. Já não fumo. Minha mulher e minha sogra declararam-me que o cheiro do fumo causava-lhes náuseas, e prohibiram-me de fumar. [Ainda hontem, esquecendo-me da prohibição, mandei a criada comprar uns charutos. Sabes o que succedeu?.. Quando a criada chegou com os charutos, minha sogra atirou-os pela janella fóra, mesmo nas minhas barbas, chamando-me, ainda em cima, de malcriado, insolente, e não sei o que mais...

AUGUSTO. E tu, o que fizeste?

FERNANDO. O que havia de fazer?.. Nada...

AUGUSTO. E tua mulher?

FERNANDO. Minha mulher?..

AUGUSTO. Sim... O que fez ella?..

FERNANDO. Ora, minha mulher! Minha mulher não parece a minha mulher... parece minha sogra!

AUGUSTO. De maneira que vives aqui...

FERNANDO. Como no inferno! Passo uma vida de cão sem dono em que todos se julgam com o direito de atirar a sua pedrada...

AUGUSTO. Meu amigo, a culpa é tua.

FERNANDO. Como?

AUGUSTO. Si desde o principio tivesses sido homem, si não te tivesses deixado dominar por tua mulher e tua sogra, não succederia o que está succedendo...

FERNANDO. Mas...

AUGUSTO. Si a mulher é que é o homem da casa, então o marido que vista saias. Sê homem. Quando tua sogra fallar, manda-a bugiar; quando tua mulher levantar a crista, dá-lhe dois gritos e meio... Eu, no teu logar, não supportaria o que tu supportas...

FERNANDO. Mas, o que queres?.. Tenho medo do escandalo, da visinhança... porque, afinal de contas, ellas gritariam mais do que eu... A tyrannia já chegou ao ponto de prohibirem-me de sair á noite!.. A's Ave-Maria heide estar em casa. Si escrevo uma carta, querem saber para quem é; si um amigo me procura, cáe a casa... Vivo em um verdadeiro inferno!

AUGUSTO. Porque queres. Faze o que eu te disse, e verás.

FERNANDO. Ora, tu não conheces minha sogra. E' um dragão, uma furia, um satanaz de saias... E minha mulher

então!.. E' outro satanaz de saias!.. Mas sempre dizendo ambas que teem um genio de pomba. .

AUGUSTO. Pois olha: si eu tivesse uma mulher assim, á primeira vez que ella se encrespasse, batia o pé; á segunda, puchava-lhe as orelhas, e á terceira fazia o diabo. . E si minha sogra viesse com reclamações, tomava-lhe a medida ao corpo com toda a sem cerimonia...

FERNANDO. Dizes isso, porque não és casado; si o fôsses, fallarias de outro modo.

AUGUSTO. (*levantando se.* Não vais hoje á repartição?

FERNANDO. Não...

AUGUSTO. Em que tom me dizes isso!.. Porque não vais?

FERNANDO. Porque minha mulher não quer. E' mais um desconto que soffro, sem necessidade. E exige um vestido de seda para ir ao baile do club! Estas desgraças sò a mim succedem!

AUGUSTO. E vais dar-lhe o vestido?

FERNANDO. Não sei, porque não tenho dinheiro... Mas si me vir muito apertado...

AUGUSTO. Não lh'o dês. Toma o meu conselho.

QUITERIA. (*dentro.*) Já que o sr. meu genro não vem cumprimentar-me, vou eu cumprimental-o.

AUGUSTO. Ah! vem tua sogra. Adeus.

FERNANDO. Aparece. Ao menos desabafo.

AUGUSTO. Sim, sim... (*Sahe, deixando a bengala — Fernando vai encostar-se á janella.*)

SCENA IV

Fernando e Quiteria

QUITERIA. Ora, muito bom dia, sr. meu genro. (*Fernando não responde. — Levantando a voz.*) Então, está surdo?

FERNANDO. (*voltando-se.*) Ah! estava ahí? . Como passou, sra. minha sogra?

QUITERIA. Menos mal, meno mal, graças a Deus. Porque não foi lá dentro, quando a menina o chamou?

FERNANDO. Não pude. Estava aqui um amigo.

QUITERIA. Pois mande as amigos á fava quando a menina

chamal-o. Percebe? Quando lhe dei minha filha, não foi para vel-a tractada como uma criada...

FERNANDO. Nunca tractei sua filha como uma criada. Creio que até hoje,—apezar de todos os pezares,—tenho cumprido rigorosamente os deveres de bom marido...

QUITERIA. Sim, quando a menina o chama, não faz caso, não vai logo saber o que quer, o que deseja... Eu, como mãe não posso consentir n'este desafôro! . Então o que é minha filha n'esta casa, não me dirá?. Um palito, um dois de páos, um boneco... não é verdade?..

FERNANDO. Mas, minha sogra...

QUITERIA. Não admitto desculpas, sr. meu genro, não admitto desculpas. Isto não pode continuar assim!. Quero que minha filha seja obedecida em tudo e por tudo.. Entende?..

FERNANDO. Tem sido até de mais.

QUITERIA. Está se vendo, está se vendo. Este sr. meu genro cahio do céu por descuido! Não ha marido como elle!.. *(Dá uma risada.)*

FERNANDO. E' verdade, sra. minha sogra: posso ter essa gloria. Não ha marido como eu.

QUITERIA. Já se vio a pouca vergonha!. Elogiar-se a si proprio!, Faz bem, faz bem, porque todo o mundo tem muito juizo para elogiar-o.

FERNANDO. Mas, por fim de contas, o que quer a senhora?

QUITERIA. O que quero?.. Ainda se atreve a perguntar-me o que quero?.. Ora, sr. meu genro, vá... vá bugiar! Quero desafrontar minha filha—vilmente ultrajada pelo marido modelo dos bons maridos!

FERNANDO. Mas em que ultrajei-a eu?

QUITERIA. Em que?.. em que? Pois a menina chama-o e o sr. não faz caso!..

FERNANDO. Já lhe disse que não podia ir,

QUITERIA. Pois devia ter podido. Era a sua obrigação. Não lhe fazia favôr nenhum, fique sabendo.

FERNANDO. Ora.

QUITERIA. *(pondo as mãos nas ilhargas.)* Ora!.. Seja mais delicado, sr. meu genro!.. Ainda em cima, falta-me ao respeito!. Olhe que eu não sou de dar milho a pintos!.. Quando vier, venha bem; doo contrario, arrepende-se!..

FERNANDO. (*á parte.*) Que regateira, meu Deus!

QUITERIA. E' verdade, que historia é essa de um vestido que a menina pediu e que o sr. recusou dar-lhe?

FERNANDO. E' um vestido que custa muito caro, e eu não tenho dinheiro...

QUITERIA. Não tem dinheiro, porque é um extravagante, um devasso, um mariola!

FERNANDO. Senhora minha sogra!

QUITERIA. E não se encrespe. Já lhe disse que quando vier, venha bem! Eu uão morro de carêtas!. Pensa que não heide dizer as verdades?.. Heide dizel-as e redizel-as!

FERNANDO. (*á parte.*) Esta mulher, n'um mercado, ninguém podia com ella! (*Alto*) Pois diga, sra. minha sogra. O mais que posso fazer é ouvil-a com toda a resignação.

QUITERIA. E que remedio tem o sr. sinão ouvir-me? Si sahir, gritarei da janella que é um máo marido, um libertino, um patife!..

FERNANDO. Fique descansada, que não sahirei, comquanto me não desacredite o que a sra. disser.

QUITERIA. Não desacredita, porque o sr. já está desacreditado! Quanto á minha filha, declaro-lhe que hade ter o vestido!

FERNANDO. Não tenho dinheiro, sra. D. Quitéria, e, si, tivesse, não compraria simihante vestido.

QUITERIA. (*com as mãos nas ilhargas.*) Não compraria?.. O que?.. Como se entende isso?.. Tome euidado, sr. meu genro! Não me chegue a mostarda ao nariz, porque eu espirro!.. Não compraria! Si é homem, repita o que disse!

FERNANDO. Senhora minha sogra, peço-lhe por quantos santos ha na côrte do céu, que não me amole a paciencia. Já disse dez vezes que não compro o vestido, e não compro!

QUITERIA. Oh! senhores, eu suffoco!.. Si me atiro a elle, esgano-o! . (*Leva a mão á garganta.*) Estou até aqui! . De repente, rebento como uma bomba!

FERNANDO. Olhe que a sra. falla mais do que o preto do leite! Si eu fallasse a metade, cahia-me a lingua! Irra!

QUITERIA. Senhor meu genro, não me provoque! Digo e repito que o sr. é o peor marido que conheço!

FERNANDO. E a sra. é a peor sogra de que ha noticia!

QUITERIA. (*crescendo.*) Senhor meu genro!

FERNANDO. (*crescendo.*) Senhora minha sogra!

QUITERIA. (*avançando para Fernando.*) O sr. é um patife!

FERNANDO. (*recuando.*) Ea sra é um diabo!

QUITERIA. (*avançando.*) Mariola!

FERNANDO. (*recuando.*) Jararaca!

SCENA V

Os mesmos e Augusto

AUGUSTO. (*ao fundo, com o chapéo na mão.*) Peço perdão si venho interrompel-os na sua amabilissima palestra... mas não podia deixar de voltar cá.

FERNANDO. Oh! meu amigo, nem sabes como chegaste a tempo! (*Baixo.*) Livraste-me das garras do diabo!

AUGUSTO. (*baixo.*) Não sejas mole!

QUITERIA. Bom dia, meu sr. Creio que não reparou que havia aqui uma senhora.

AUGUSTO. Perdão, minha sra... mas...

QUITERIA. O que deseja o sr.?

AUGUSTO. Venho buscar a minha bengala, de que me tinha esquecido.

QUITERIA. (*indo buscar a bengala e entregando-lh'a.*) Aqui está. Póde retirar-se. Não faça cerimonia.

FERNANDO. Ah! E' de mais!

QUITERIA. O que, sr. modelo de maridos?

FERNANDO. Senhora D. Quitéria, fique sabendo que o dono da casa sou eu, e que só eu posso aqui mandar. Irra! Já estou cansado de soffrer tantas humilhações! Heide fazer-me respeitar!..

AUGUSTO. (*d' parte.*) Perfeito! admiravel! esplendido!

QUITERIA. Senhor meu genro, o sr. é o homem mais mal criado de todos os homens malcriados! Havemos de ver quem pode mais, si o sr., com toda a sua má criação, ou si eu, com toda a minha rasão.

FERNANDO. Pois havemos de ver.

QUITERIA. (*d' Augusto.*) Creio que já lhe disse que podia retirar-se.

AUGUSTO. Sempre ás suas ordens. (*Sobe.*)

FERNANDO. Não saia!

AUGUSTO. (*voltando.*) Não saio.
 QUITERIA. Saia !
 AUGUSTO. (*subindo.*) Saio.
 FERNANDO. Não saia
 AUGUSTO. (*voltando.*) Não saio.
 QUITERIA. Saia !
 AUGUSTO. (*subindo.*) Saio.
 FERNANDO. Não saia !
 AUGUSTO. Peço que decidam:—saio ou não saio ?
 QUITERIA. Si o senhor tivesse sentimento, já estava ha
 muito tempo no olho da rua !
 AUGUSTO. (*sentando-se.*) Então fico. Eu aqui obedeço ao
 dono da casa.
 QUITERIA. E eu então o que sou aqui ?
 FERNANDO. A sra. aqui é minha sogra, isto é, a minha
 chaga viva, o meu martyrio, o meu inferno, o typho, a febre
 amarella, a coqueluche, a escarlatina, o cholera-morbus !
 QUITERIA. Senhor meu genro !
 FERNANDO. E' um demonio que quer metter se em tudo
 que lhe não diz respeito, é...
 QUITERIA. E vá se calando !
 FERNANDO. Silencio ! N'esta casa quem levanta a voz sou
 eu. Si não lhe agrada o meu novo systema de vida, passe mui-
 to bem. Não me deixa saudades.
 AUGUSTO. (*á parte.*) Soberbo ! maravilhoso ! colossal !
 QUITERIA. Pois bem, sr. meu genro, para quebrar-lhe a
 castanha na bocca, sei o que me cumpre fazer ! (*Sobe*)
 FERNANDO. Viva !
 QUITERIA. Espere pela pancada ! (*Sahe.*)

SCENA VI

Fernando e Augusto

FERNANDO. Viste e ouviste ?
 AUGUSTO. Vi, ouvi e estou abysmado !
 FERNANDO. Pois este é o pão nosso de cada dia; a oração
 da manhã, do meio dia e da noite. E' impossivel que haja ou-
 tra casa igual á minha... Mas ainda não viste nem ouviste tu-
 do...
 AUGUSTO. Oh ! homem, pois ainda ha mais ?

FERNANDO. Si ha mais: Ha mais e muito mais. Ainda não tiveste occasião de apreciar minha mulher...

AUGUSTO. (*á parte.*) Deixo-te n'essa illusão.

FERNANDO. Oh! aquillo dá para cincoenta volumes! E tem um genio de pomba,—diz ella. Faze idéa do que haveria, si tivesse máo genio. Si eujá te disse que mais párece minha sogra do que minha mulher! Verás.

AUGUSTO. Pois, meu amigo, decididamente não me caso mais... pelo menos emquanto a mãe da pequena fôr viva. Tenho amôr á pequena, é verdade; mas tenho muito mais á minha tranquillidade.

FERNANDO. Si te casaras para ter sogra, serás um verdadeiro idiota, visto que não te faltaram conselhos nem exemplos. Si eu tivesse feito o que fizeste, si tivesse consultado um amigo sincero e dedicado, não me veria hoje no estado em que me vejo. Mas não quiz consultar pessoa alguma, e ahí estão as consequencias.

AUGUSTO. Si tivesses sido homem desde o principio, como fôste ha pouco, estarias a esta hora muito trauquillo.

FERNANDO. Ah! nem imaginas que consequencias espero da minha reacção. Agora não hade vir só minha sogra; hade vir tambem minha mulher. Então, adeus, minhas encomendas.. Posso considerar-me morto!

AUGUSTO. Continua a reagir.

FERNANDO. Como, st são dois dragões, duas furias contra mim?... Heide ser vencido por força.

AUGUSTO. Continua a reagir.

FERNANDO. Ouço passos... São ellas... Entra para o meu gabinete e fecha a porta.

AUGUSTO. Continúa a reagir. (*Sahe e fecha a parte.*)

SCENA VII

FERNANDO. Valha-me Nossa senhora da Bonança... porque a tempestade que se prepara hade ser feia!

SCENA VIII

Fernando e Manoel

MANOEL. Ora, viva! Como vai essa bizzarria, meu genro?

FERNANDO. Podia ir melhor, mas vai-se vivendo...

MANOEL. (*senta-se perto da janella e toma uma pitada.*)
Pois si está incommodado, tome um purgante. E' o meu reme-
dio. Enfraquece um pouco, é verdade, mas abre o appetite. E'
o meu remedio e não quero saber de outro. (*Espirra e limpa
o nariz a lenço e chita.*)

FERNANDO. «Dominus tecum.»

MANOEL. Obrigado. (*Assôa-se com força.*) Não ha nada
como uma boa pitada e um bom purgante. A pitada é uma
consolação, o purgante... (*Offerece rapé.*) Não ti mas ?

FERNANDO. Obrigado Nunca tomei.

MANOEL. Pois fazes mal. Isto e o purgante são as duas
melhores coisas do mundo. (*Volta-se para fóra.*)

SCENA IX

Os mesmos Quiteria e Mariquinhas

MARIQUINHAS. Então, ainda não foi buscar o vestido ?

QUITERIA. E' preciso ir buscar sr. meu genro.

FERNANDO. Não tenho dinheiro !

MARIQUINHAS. Peça emprestado ou compre fiado.

QUITERIA. Sem duvida: peça emprestado ou compre fiado
A pobresinha não hade deixar de ir ao baile por sua causa.

MARIQUINHAS. Tracte de ir buscar o vestido. Já mandei
chamar a costureira, que não deve tardar.

QUITERIA. E seria muito ridiculo mandal-a embora sem
dar-lhe a obra.

MANOEL. (*d parte, olhando para os tres e rindo-se.*) Mas
que desafôro será este ?

FERNANDO. Não tenho culpa que se apressassem tanto. Já
disse duas duzias de vezes que não compro semelhante vestido,
e não compro !

MARIQUINHAS. (*batendo o pé.*) Hade comprar !

QUITERIA. (*indo atras de Fernando, que passeia*) Hade
comprar !

FERNANDO. (*passeando.*) Não compro !

MARIQUINHAS. (*batendo os pés.*) Quero o vestido ! quero o
vestido !

QUITERIA. (*seguindo-o.*) Hade comprar ! hade comprar !

FERNANDO. (*passeando.*) Não compro ! não compro !

MARIQUINHAS. Patife !

QUITERIA. Mariola !

FERNANDO. Senhoras !

MANOEL. *(que tem assistido a tudo, rindo-se, levanta-se e toma o chapéo de Fernando de cima de uma cadeira.)* Meu genro, aqui está o seu chapéo. Vamos passear.

QUITERIA. Passear !

MARIQUINHAS. *(ao mesmo tempo.)* Passear !

FERNANDO. *(abrindo a porta do gabinete, depois de pôr o chapéo na cabeça.)* Augusto, vamos passear. *(Saem os tres.)*

MARIQUINHAS. Patifes ! Até o sr. meu pai !

QUITERIA. Peralvilhes ! libertinos ! Até o sr. meu marido !

MANOEL. *(apparecendo á porta.)* Tomem um purgante, tomem um purgante !.. É' remedio santo quando o sangue sobe á cabeça ! *Desapparece. — Mariquinhas e Quitéria correm á porta. — Desce o panno.)*

FIM DO 1º ACTO



ACTO II

Em casa de Manoel. Sala bem mobiliada. Portas ao fundo e á direita. Janelas á esquerda. Ao subir o panno, a scena está vazia. Pouco depois, entram pelo fundo Manoel, Augusto e Fernando. E' dia.

SCENA I

Manoel, Fernando e Augusto

MANOEL. (*sentando-se, a abanar-se com o lenço.*) Uf ! Escapou de bôa, sr meu genro ! Eu estava vendo que de repente lhe torciam o pe coço como a uma gallinha ! Que jararacas, santo Deus ! E' sempre assim ?

FERNANDO. Sempre

MANOEL. E você o que tem feito ?

FERNANDO. Até hoje, nada

MANOEL. Oh ! grande banana ! Porque não fez desde o principio como fez ha pouco ? Bata o pé, grite, ameace ! Você não é homem : é um banana !

FERNANDO. Si ha pouco abalancei me a fazer o que vio, foi por conselhos de Augusto...

MANOEL. Do senhor ?.. (*Estendendo a mão.*) Toque n'esta bizaria... O sr. é um homem de juizo. Quando se casar, não hade ser lôrpa como o sr. meu genro.

AUGUSTO. Pretendia casar me; mas á vista dos edificantes exemplos que vi ha pouco, resolvi o contrario

MANOEL. O Fernando, si fizesse como eu fiz, não havia de ser tractado como um boneco

AUGUSTO. Mas o que fez o sr. ?

MANOEL. Uma coisa muito simples. Eu lhe conto. (*Toma uma pitada e offerece a caixa.*) Toma ?

AUGUSTO. Tomei quando era mais moço; hoje não

MANOEL. Pois eu, quando me casei, tinha sogra, porque,

desgraçadamente, a mãe de minha mulher ainda não se havia lembrado de morrer. Minha sogra era para commigo o que minha mulher é para com Fernando...

AUGUSTO. O que todas as sogras são para com os genros...

MANOEL. Creio que sim. Ensinava a filha a ser caprichosa, exigente, malcriada; descompunha-me e mandava a filha descompôr-me; emfim, pintava o frade, isto é,— fazia o diabo!

AUGUSTO. E' o mesmo. Pintar o frade ou fazer o diabo é a mesma coisa...

MANOEL. Sim, sr. Somme um frade e um diabo e hade encontrar...

AUGUSTO. Dois diabos. São unidades homogêneas.

MANOEL. A principio, como não queria offendê-la e ainda era tolo, supportei tudo com cara alegre, pensando que as coisas mudassem; mas não mudaram. Um dia a inferneira foi tão grande, que perdi a paciência. Sacudi a Quiteria pelas orelhas, até ella pedir misericórdia, e dei uma roda de chinelladas em minha sogra, que a puz a tinir..

AUGUSTO. Para os grandes males—grandes remedios!

MANOEL. Sim, sr. Foi remedio evidente... ainda mais evidente do que o purgante. D'ahi em diante, vivemos sempre como Deus com os seus anjos. Eu tomava rapé todos os dias e um purgante de dois em dois dias, e ellas cosiam ou faziam renda. Mas o tal meu genro não fez assim. Deixou se dominar como uma criança, e agora vê-se obrigado a supportar tudo com cara d'asno.

FERNANDO. Meu sogro, de hoje em diante prometto ser homem.

MANOEL. Veremos. Fica certo de que não me zangarei por isso. Ao menos, por esta vez vinguei-te. Deixei-as como duas bichas. Si as mandei tomar purgante!

AUGUSTO. E' boa.

MANOEL. E' boa, sim, sr. Agora hão de estar como duas furias contra mim, hão de querer comer-me vivo. Felizmente, não tenho medo de furias, e a minha carne não é das mais tenras, eomquanto continue a purgar-me regularmente... A sogra é um bicho de tão ruim especie, sr. Augusto, que ainda não foi classificado na zoologia!

AUGUSTO. O sr. tem mais vinte annos do que eu, por isso, creio no que diz, e curve-me á evidencia. Os meus desejos matrimoniaes evaporaram se... pelo menos, temporariamente,

ou então casar-me-hei com a condição de a mãe de minha mulher morrer no dia seguinte ao do casamento. Não acha que é uma boa idéa ?

MANOEL. E uma tolice !

AUGUSTO. Como ?

MANOEL. Pensa que ella havia de morrer sem lhe fazer alguma picardia ?.. Está enganado.

AUGUSTO. Mas como ?

MANOEL. Ora, como ! Conendo ! O menos que ella podia fazer era o seguinte: quando estivesse quasi a expirar chama-va a filha e dizia-lhe:—«Menina, como vês, vou morrer, e com a minha morte perdes um auxiliar poderoso. Vou dar-te um conselho, que deves seguir. Não te deixes dominar nunca por teu marido, embora elle tenha um genio de santo. Sê altiva, caprichosa, exigente. Grita-lhe pela mais insignificante coisa, bate-lhe o pé, ameaça-o. Obriga-o a não recusar-te coisa alguma. Si elle alterar-se, vai-lhe ao pello, sem piedade. Si queres ser senhora, faze isto; do contrario, serás sempre escrava. Agora, dá-me um abraço e um beijo .. e adeus !»—

AUGUSTO. E a confissão ?

MANOEL. Morreria sem confissão, trincando a lingua ! As sogras ! Conheço algumas capazes de fornecer assumpto para cem volumes de mil paginas cada um... De todas que conheci, só uma,—uma só,—note bem, tinha olhos e não via, tinha bocca e não fallava, tinha ouvidos e não ouvia. Era uma santa...

AUGUSTO. Então, olhe uma excepção á regra.

MANOEL. Mas essa... era cega, surda e muda ! (*Chamando para dentro.*) José ! oh ! José ! (*José entra.*) Vai ali á charutaria da esquina e compra uma duzia de charutos bons. Toma o dinheiro. (*Dá dinheiro.*) Pé lá, pé cá. (*José sahe.*)

FERNANDO. Por mim, agradeço. Não fumo.

MANOEL. Mas fumavas...

FERNANDO. E' verdade; mas minha mulher e minha sogra roubaram-me essa ultima consolação.

MANOEL. Banana ! banana ! cem vezes banana ! E' bem feito o que te succede. Para que és molle ? Um homem é um homem, e um gato é um bicho ! (*Toma uma pitada e vai á janella.*—*Entra José, deixa os charutos em uma mesa e sahe.*—*Augusto accende um charuto.*—*Manoel encosta-se á janella, de costas para rua.*) Em que pensa, meu genro ? Accenda um charuto, vamos !

FERNANDO. Mas, meu sogro...

MANOEL. Accenda um charuto, já lhe disse, e venha quem vier, não o tire da bocca. Mando eu!

FERNANDO. Já que ordena, obedeço. (*Accende.*)

MANOEL. Esse charuto é o começo da sua reabilitação. Fique sabendo d'isto, seu paspalhão.

AUGUSTO. Até prohibiram-lhe que sahisse á noite...

MANOEL. O que me diz, homem? E elle não sae?

AUGUSTO. Está claro!

MANOEL. Envergonho-me de ser sogro de semelhante maricas! Não sei para que Deus dá barbas a certos homens! Ah! meu tempo! No meu tempo, os rapazes andavam em traldas de camisa até aos vinte annos... mas quando vestiam calças, sabiam ser homens!.. Hoje, os homens vestem calças para vergonha do sexo! Com todos os diabos! Si são homens só no nome, vistam saias!

AUGUSTO. Senhor Manoel, são tão bons os seus charutos, que não posso furtar-me ao desejo de levar meia duzia.

MANOEL. Pois não. Pode levar todos.

AUGUSTO. Não sr.; bastam-me só dez... (*A' parte.*) Eram doze: eu accendi um, o Fernando outro... ficaram justamente dez... Chegam para dois dias. (*Guarda os charutos.*)

FERNANDO. (*baixo, rindo.*) A conta não falha.

AUGUSTO. (*baixo.*) Cala-te. E' uma medida economica. Hoje o pagador da tropa é teu sogro. (*Tira uma fumaça.*) Excellentes charutos! Verdadeiros havanos... da Bahia!

MANOEL. (*rindo.*) Gaiato! (*Olhando para fóra.*) Lá veem ellas... Temos tempestade; mas cá estou eu ao leme... (*Fernando vai á janella para deitar fóra o charuto. — Manoel suspende-o.*) Continue a fumar; e deixe o resto por minha conta. Não seja maluco!

FERNANDO. Mas, meu sogro...

MANOEL. Ora, bolas!

AUGUSTO. O sr Manoel hade conceder-me licença...

MANOEL. Fique (*Fernando e Augusto sentam-se no sofá, traçam a perna e fumam — Manoel continúa á janella*)

SCENA II

Os mesmos Mariquinhas e Quiteria

MARIQUINHAS. (*admirada.*) Olhe, mamãe! Elle está fumando!

QUITERIA. (*avança para Fernando e tira-lhe o charuto da bocca.*) Cachorro!

FERNANDO. (*dando um salto.*) Ai!

QUITERIA. (*deitando o charuto fóra e sacudindo a mão, como quem se queima*) Insolente! Já não lhe prohibi que fumasse!.. (*A Augusto.*) E o senhor também?... Apague o charutinho, si não quer que lhe faça o mesmo!

AUGUSTO. (*tomando posição mais commoda e expellindo para o ar uma grande fumaça.*) Excellentes charutos! Verdadeiros havanos... da Bahia!

QUITERIA. Atrevido!

MANOEL. (*descendo.*) Sra. Quiteria, sra. minha filha, previno-as que si fizerem muito barulho, obrigo-as a tomar purgante!

QUITERIA. A questão não é com o sr. E' com este bigorri-lhas com quem tive a desgraça de casar minha filha.

MARIQUINHAS. Papai, elle não quer dar-me um vestido de seda...

MANOEL. Porque é que não quer dar?

MARIQUINHAS. Diz que não tem dinheiro...

MANOEL. Pois, minha filha, sem dinheiro não se compram vestidos de seda.

MARIQUINHAS. Mas podia comprar fiado...

MANOEL. Minha filha, lembre-se do adagio: — «quem come fiado...» —

MARIQUINHAS. Mas pagava depois. . .

MANOEL. Com que?. Com os cordões das seroulas! .

MARIQUINHAS. Com o ordenado...

MANOEL. E depois o que é que comiam?

MARIQUINHAS. Havia de se comer...

MANOEL. Sra. minha filha, quer saber uma coisa?.. Salte para dentro! (*Durante este dialogo, Quiteria não cessa de fazer gestos de ameaça a Fernando e Augusto.*)

MARIQUINHAS. Mas, papai...

MANOEL. Salte para dentro, si não quer que tenhamos orelhas puchadas, e ainda em cima, purgante!

QUITERIA. O que é lá isso?.. Ameaça a minha filha, para defender as bandalheiras de seu genro!.. Cuidado! Forte desafôro!..

AUGUSTO. Excellentes charutos! Verdadeiros havanos... da Bahia!

MANOEL. Todas duas para dentro! Irra! Meu genro nada lhe deve para a sra. andar continuamente seringando-lhe a paciencia!.. Puchem! O que esperam ainda?.. Cuidado com o purgante!

MARIQUINHAS. (*sahindo, a chorar.*) Quero o vestido! quero o vestido!

QUITERIA (*sahindo.*) Libertinos! desafôro! patifaria!

SCENA III

Manoel, Fernando e Augusto

MANOEL. Viram?! O purgante sempre produz effeito... embora não seja tomado...

AUGUSTO. Excellentes charutos! Verdadeiros havanos... da Bahia!

FERNANDO. Obrigado, meu sogro! Não sabe quanto lhe devo!

MANOEL. Guarde os agradecimentos para depois. Por ora, estamos no principio. Banana! Deixou que lhe tirassem o charuto da bôcca, e ficou como um boneco de engonço, com as pernas abertas, sem dizer palavra!

FERNANDO. Mas o que queria que eu fizesse, meu sogro?

MANOEL. Ora! Dêsse, dêsse um sopapo!

FERNANDO. Em sua mulher?

MANOEL. Si lhe dêsse um bofetão, não era em minha mulher, era em sua sogra .. em sua sogra, entende?.. E estava muito bem dado!

AUGUSTO. Excellentes charutos! Verdadeiros havanos... da Bahia!

MANOEL. Vou fazer-lhe uma recommendação, meu genro: logo á tardinha vá passear e só volte para casa ás onze horas da noite. Percebe?

FERNANDO. Mas receio...

MANOEL. Ahi vem o banana com os receios! Faça o que lhe digo, e cale-se. Saia, divirta-se, folgue, cante, danse, namore mesmo um pouco, e deixe a sogra por conta do sogro. Creio que já dei uma prova do que valho. Para as mulheres, a ameaça de um purgante é mais terrível do que cem bocças de fogo!

FERNANDO. Mas cuidado, meu sogro. Olhe que o inimigo pode atraíçal-o...

MANOEL. Não duvido. Para isso veste saias. Um inimigo feminino é pior do que um batalhão de Judas. Mas eu cá estou de olho vivo.

AUGUSTO. Excellentes charutos! Verdadeiros havanos... da Bahia!

MANOEL. Ora, o sr. não pode estar calado?.. Ha mais de meia hora que nos amola com essa cantoria!

AUGUSTO. Si não tenho mais nada para dizer...

MANOEL. Meu genro, agora vou sair. Não me seja molle!

AUGUSTO. Cá fico eu para dar-lhe coragem.

MANOEL. Muito bem (*Sai.*)

SCENA IV

Fernando e Augusto

FERNANDO. Agora heide ser homem, nem que me tachem de meio a meio!

AUGUSTO. Agora! Enquanto podias nadar, não te importaste com a salvação; agora que estás quasi afogado, queres segurar-te a qualquer galho de páo. Bem diz teu sogro que és um banana! E' verdade: não te esqueças que estás auctorisado a dar uma taponna em tua sogra, em caso de necessidade. Eu, no teu logar, valia-me da auctorisação, e, em vez de uma, dava-lhe dez!

FERNANDO. Dizer é facil; fazer é que é a coisa.

AUGUSTO. Ora, o diabo não é tão feio como o pintam.

FERNANDO. Mas minha sogra é peor do que o diabo. Não sabes que mulhersinha ali está. Ainda ha pouco, quando me arrancou o charuto da bocca, quasi que me levou a metade do beijo!

AUGUSTO. E era muito bem feito.

FERNANDO. Quando me casei, minha mulher era dócil,

meiga, obediente, despida de vaidades, inimiga do luxo. Mas porque?.. Porque se achava longe da mãe, que estava então em Lages, tomando ares. Podia ter morrido por lá, que não me deixava saudades. A minha casa era um paraíso de sossego e tranquillidade. Tudo respirava alegria. Até o gato mostrava-se contente e engordava. Não se ouvia uma palavra proferida em voz mais alta. Não se via um gesto de enfado ou de máo humor! Quando eu voltava da repartição, Mariquinhas corria para mim, abraçava-me, sorria-me, admirava-me. Si me via triste, não sabia o que havia de fazer para alegrar-me... Mas, logo que minha sogra voltou, as coisas começaram a mudar. Principiaram os enfados em minha mulher, os remeneios, as respostas tortas. Depois vieram as exigencias, os desdenhos, os caprichos. Finalmente, appareceram os gritos, as descomposturas, as bate delas de pés, as ameaças...

AUGUSTO. Mas com que fim fêrão as sogras isso?

FERNANDO. Com o fim de incommodarem os genros, de os acabrunharem, de os levarem ao desespero. E ainda em cima, dizem que somos máos maridos, que maltractamos as nossas mulheres, que as ultrajamos!.. Homem, dá-me um charuto...

AUGUSTO. (*à parte.*) D'esta maneira, não chegem para dois dias... (*Dando.* Toma lá.

FERNANDO. (*depois de accender.*) Ainda meu sogro sabe a mulher que tem. Si não fôsse elle...

AUGUSTO. Pois si tu és um moleirão!

FERNANDO. Não sou. A minha culpa é ter-me deixado dominar. Si desde o principio eu tivesse sabido ser dono de casa, as coisas teriam seguido outro curso.

AUGUSTO. (*tomando o chapéo e a bengala*) Bom. A mas-sada já tem sido grande...

FERNANDO. Já?.. Então vou passear.

AUGUSTO. E fazes muito bem. E' uma bomba que atiras em tua sogra.

FERNANDO. (*tomando o chapéo.*) Vamos (*Sahem.*)

SCENA V

MARIQUINHAS (*dentro.*) Fernando! Fernando! (*Entrando.*) Então, não responde?... (*Reparando.*) Ninguém! Que quer isto dizer?... Então o sr. meu marido já sabe sem me pedir licença?... Isto é o cumulo do desafôro!.. E o meu ves-

tido?.. Decididamente, fico sem elle e não vou ao baile. . Oh ! mas si tal succeder, o sr. Fernando que se livre das minhas unhas !.. Estrangulo-o na cama ! Si o sr. meu pai dá-lhe gan-ja, si me descompõe por causa d'elle !.. Ah ! mas quem me hade vingar hade ser minha mãe... (*Pausa*) Si as coisas continuarem assim, separo-me... De que me serve um marido que só tem prestimo para... Pois então eu casei-me só por casar-me ?.. Casei-me para ter vestido; bonitos, chapéus, fitas, aneis. . para passear de carruagem. para não perder boile nem theatro... Mas o sr. Fernando pensa que uma mulher casa-se com um homem para comerem no mesmo prato, beberem no mesmo copo, tomarem chá na mesma chicara e... Pois está muito enganado !.. Si não me dé o vestido, separo-me, e depois... sim... depois... elle que se arranje sosinho !. (*Chamando*) Mamãe ! mamãe !

SCENA VI

Mariquinhas e Quiteria

QUITERIA. Chamaste, menina ?

MARIQUINHAS. Chamei. (*Mostrando a sala.*) Olhe

QUITERIA. (*olhando em roda.*) O que ?

MARIQUINHAS. Olhe bem.

QUITERIA. Estcu olhando, mas nada vejo.

MARIQUINHAS. Onde está Fernando ?

QUITERIA. Não sei.

MARIQUINHAS. Sahio.

QUITERIA. Sahio ?

MARIQUINHAS. E sem me pedir licença !

QUITERIA. Sem te pedir licença ?.. Ah ! cachorro !

MARIQUINHAS. Sim, sra. : sem me pedir licença !

QUITERIA. Peralvilho ! pelintra !.. Olha, menina, aquell teu marido é o canalha maior que ha debaixo do sol !.. Ainda agora, quando lhe saquei o charuto da bocca, queimei a mão e o bruto nem me pediu desculpa !.. Já se vio uma coisa as — sim ?..

MARIQUINHAS. Eu já estou muito aborrecida d'isto. .

QUITERIA. Ah ! si eu fôsse mulher d'elle !..

MARIQUINHAS. O que é que fazia ?..

QUITERIA. O que fazia ?.. Ia-lhe á freguezia dos queixos !

MARIQUINHAS. E eu, si fosse sogra, quebrava-lhe os ossos com uma tranca!

QUITERIA. Não é preciso que me digas, porque, de repente, taço! O ponto está em eu ficar zangada de veras... Eu ainda não me zanguei... Tenho sempre procurado levar as coisas por boas maneiras... Si ainda não levantei a voz uma unica vez!.. Estou até admirada! Eu tenho muito bom genio; mas uma coisa assim é para fazer um anjo perder a paciencia!..

MARIQUINHAS. A respeito de bom genio, fallem commigo. A mamãe bem sabe que não sou capaz de matar uma mosca!..

QUITERIA. E' assim, menina... E's uma pombinha sem fel. Sahiste a mim, e está tudo explicado... Mas, como ia dizendo tenho tractado sempre o sr. meu genro com todas as atenções... nas palminhas das mãos... Bem tens visto. Elle é que quer ser mandão... pensa que a menina é sua escrava... sahe sem lhe pedir licença... fuma quando já lhe prohibimos que fumasse... Mas eu, de repente, perco a paciencia...

MARIQUINHAS. E eu tambem..

QUITERIA. E si eu perder a paciencia, vai tudo raso.

MARIQUINHAS. Não o poupe, mamãe. Fogo n'elle!

QUITERIA. Não o poupo, não. Eu sou muito boa, mas quando me chegam a mostarda ao nariz, sou capaz de engulir o mundo!.. Mas o motivo das patifarias do sr. meu genro eu sei...

MARIQUINHAS. Eu tambem sei.

QUITERIA. O sr. meu marido, de sociedade com o bigorri lha do tal sr. Augusto, é que lhe tem dado azas, porque Fernando não as tinha... isto é, sempre as teve, mas não tão compridas como agora. Mas heide cortar-lhe as guias, e então quero ver como é que elle voa.

MARIQUINHAS. É o vestido, mamãe?

QUITERIA. Hasde ter o? Não te afflijas por isso. Hasde ter um vestido ainda melhor do que desejas, e não só o vestido como tudo mais quanto é preciso para uma moça chamar a attenção em um baile... Descança. Fica tudo por minha conta.

MARIQUINHAS. Tudo, mamãe?

QUITERIA. Tudo, pois então! Quero que mettas inveja ás outras moças, e que faças os homens andarem tontos ao redor de ti. Hasde mostrar-te um boccadinho «coquette», voluvel.. Quando teu marido fizer cara feia, ri-te. É uma vingança-zinha...

MARIQUINHAS. Sim, mamãe, farei tudo isso. E eu que gosto tanto de dansar e conversar com um moço amavel, es-pirituoso, que se desfaz em elogios. Sou capaz de passar uma noite inteira a ouvi-lo, sem me aborrecer. Mas ouvir um ho-mem como o sr. meu marido!

QUITERIA. Aquillo é um estúpido, um animal ! Não sei como te agradaste de semelhante azê nola!

MARIQUINHAS. Diziam que o casamento era tão bom, que tinha tantos mysteriosinhos interessantes, e eu, como sou cu-riosa, cahi. Mas, hoje, que já conheço to los esses mysterios, que já não encontro nada de novo, estou arrependidissima... Olhe, mamãe, si eu pudesse, casava-me com outro, para ver si ha ainda mais mysterios. .

QUITERIA. Os mysterios são sempre os mesmos, menina. O que ha é a novidade...

MARIQUINHAS. A novidade?..

QUITERIA. Sim, eu me explico. A novidade consiste...

JOSE'. (da porta.) Ah! está uma sra. que diz ser a co-s-tureira que mandaram chamar. (Sahe.)

MARIQUINHAS. Que vergonha, mamãe! que vergonha!.. Agora o que havemos de fazer?..

QUITERIA. Agora, o unico remedio é dizer-lhe que venha mais tarde

MARIQUINHAS. (batendo os pés.) Diabo! diabo! diabo! Que vão para o inferno todos os mauidos! Mas deixe estar o sr. Fernando! D'esta vez hade roncar a sola do meu chinello!.. Si não o tenho feito até agora, é por causa da visinhan-ça... mas a visinhança que vá para o diabo!.. Não lhe deve na-da! O sr. meu marido hade apanhar caladinho, si não quizer ainda em cima passar pela vergonha de lha dizerem que apa-nhou da minha mão! Heide fazer-me respeitar!

QUITERIA. Vergonha, não, menina! Si fôsse elle o unico marido que apanhasse da mão da mulher, vá lá! Mas ha tan-tos!

SCENA VII

As mesmas e Fernando

FERNANDO. (á parte, parando á porta) Temos pedra prôa... cuidado! (Desce, com o ch'péo na cabeça e charuto

na bôcca.) Boa tarde ! (*Recosta-se no sofá.*) Uf ! que calôr !
(Sacode a cinza do charuto.) Que tempo insupportav el !

QUITERIA. (*que tem estado pasma, a olhar para elle, avançando.*) Largue o charuto !

FERNANDO. (*tranquillo.*) Não largo,

MARIQUINHAS. (*que tem estado pasma, a olhar para elle, avançando.*) Onde está o meu vestido ?

FERNANDO. Está na loja.

QUITERIA. Largue o charuto, já disse !

FERNANDO. Não largo.

MARIQUINHAS. Quero o meu vestido, repito !

FERNANDO. (*expellindo uma fumaça.*) Não tenho dinheire.

QUITERIA. Bigorrilha !

MARIQUINHAS. Canalha !

FERNANDO. (*com calma.*) Ora, não me amolem !

QUITERIA. Ouviste, menina ?

MARIQUINHAS. Ouvio, mamãe ?

QUITERIA. (*erguendo as mangas.*) Vamos a isto ! (*Avançam ambas para Fernando, que não se move. — Manoel, sem ser visto, entra e segura-as pelas orelhas. — Augusto fica á porta fumando.*)

SCENA VIII

Os mesmos, Manoel e Augusto

MANOEL. Pois vamos a isto ! Eu tambem entro na dança !

MARIQUINHAS. Ai ! ai ! ai !

QUITERIA. Largue-me ! largue-me !

MANOEL. (*levando-as á porta.*) Vamos ! A dança hade ser divertida !..

FERNANDO. Puche com mais força meu sogro, com mais força !

QUITERIA. Patife ! Hasde pagar-me ?

MARIQUINHAS. Ordinario ! Ai, minha orelha !

MANOEL. (*deixando-as á porta.*) E viola no sacco, si não, temos purgante !

AUGUSTO. (*descendo.*) Excellentes charutes ! Verdadeiros havanos... folha de couve !..

FIM DO 2º ACTO

ACTO III

A mesma vista do primeiro acto -- Dia

SCENA I

Mariquinhas e Quiteria

QUITERIA. *(entrando da direita, de costas para a scena.)*
Velho desmiolado !.. libertino !

MARIQUINHAS. *(entrando da esquerda, de costas para a scena.)* Marido desalmado !.. patife !..

QUITERIA. *(batendo o pé.)* Mas heide levar a minha avante !..

MARIQUINHAS. *(batendo o pé.)* Heide vingar me !..

QUITERIA. Heide tirar uma desforra de estrondo !..

MARIQUINHAS. E eu tambem !..

QUITERIA. Puchar-me as orelhas !..

MARIQUINHAS. Pedir que dêse mais força !..

QUITERIA. Tractante !..

MARIQUINHAS. Canalha !.. *(Volta-se uma para outra.)*

QUITERIA. E então ?..

MARIQUINHAS. E então ?.. *(Ficam um momento caludas, olhando uma para a outra, sacudindo a cabeça e fazendo gestos de zanga.)* Em que ficamos ?

QUITERIA. Sim, em que ficamos ?

MARIQUINHAS. Não sei !

QUITERIA. Nem eu ! *(Guardam silencio um momento.)*

MARIQUINHAS. Eu quero vingar-me !

QUITERIA. E eu tambem !

MARIQUINHAS. Mas como ?

QUITERIA. Sim, mas como ?

MARIQUINHAS. Reflectamos.

QUITERIA. Pois reflectamos. *(Vai cada uma para o seu lado e pensam, de costas uma para a outra.)*

MARIQUINHAS. Nada... Não me ocorre uma idéa. . Matal-o .. Não serve. Fico viuva, e depois quem sabe lá si tornarei a casar-me... Separar-me... Também não serve... (*Pensa.*)

QUITERIA. Nada... Estou estúpida como um genro!
(*Pensa.*)

MARIQUINHAS. Para dormir em outro quarto... não me serve... (*Pensa.*)

QUITERIA. Para enforcal-o no pé da cama... é o diabo...
(*Pensa.*)

MARIQUINHAS. Para... para... Estou bronca como um marido !.. (*Pensa.*)

QUITERIA. (*batendo na testa.*) Ah ! uma idéa ! (*Volta-se.*)

MARIQUINHAS. Qual é ?

QUITERIA. Passares para outro quarto.

MARIQUINHAS. Ora ! Isso é bom para gente velha !

QUITERIA. Como ?

MARIQUINHAS. Já tive essa idéa, mas não me convém...

QUITERIA. Porque ?

MARIQUINHAS. Porque... porque não me convém... A mãe, si tivesse a minha idade, havia de dizer a mesma coisa...

QUITERIA. Pois elha que é uma idéa soberba. E' a maior figa que podés pregar a teu marido.

MARIQUINHAS. Não quero. Si pudessemos chamar o tal sr. Augusto para o nosso lado...

QUITERIA. A idéa não é má tambem. Experimentemos.

MARIQUINHAS. Principiemos por mimoseal-o, Tenho ainda no meu bahú a ultima caixa de charutos que Fernando comprou. Está intacta.

QUITERIA. Então cáe-nos a sôpa no mel. Põe-na de mão, que eu me encarrego do assalto.

MARIQUINHAS. E o vestido ?

QUITERIA. Desde que esteja o homem do nosso lado, está o vestido tambem.

MARIQUINHAS. Quem sabe ?

QUITERIA. Sei eu. Não calculas a influencia que aquelle patife exerce sobre teu marido.

MARIQUINHAS. Então vou correndo buscar os charutos.
(*Sahe.*)

SCENA II

QUITERIA. E' preciso chamal-o para o nosso lado. Com semelhante alliado, é impossivel que não vençamos. Eu pretendia lutar só; mas vejo que não posso. Elles são mais fortes, confesso-o com vergonha... mas hão de tornar-se mais fracos... olá si hão de! A desforra hade ser tremenda... terrivel.. medonha... mas não haverá sangue !.. Tenho horror ao sangue !

SCENA III

Quiteria e Mariquinhas

MARIQUINHAS. (*com uma caixa de charutos.*) Aqui está a caixa.

QUITERIA. Dá cá. (*Tomando-a.*) Mas, menina, esta caixa não deve ser offerecida assim.

MARIQUINHAS. Como ?

QUITERIA. E' preciso enfeitall-a, passar-lhe umas fitas ..

MARIQUINHAS. Tem rasão. (*Sahe.*)

SCENA IV

QUITERIA. Ora bem. As coisas parece que não vão mal encaminhadas. Heide mostrar que commigo não se brinca! A natureza enganou-se commigo. Eu nasci, mas foi para homem!

SCENA V

Quiteria e Mariquinhas

MARIQUINHAS. (*com umas fitas.*) Aqui estão as fitas.

QUITERIA. Vamos enfeitall-a de modo que chame a attenção. (*Sentam-se no sofá e enfeitam a caixa com muitos laços.*) Prompta! (*Mostrando a caixa.*) Creio que está bonita. (*Levantando-se.*) O mariola deixa-se cahir como um patinho!

MARIQUINHAS. (*erguendo-se.*) E elle cahindo ..

QUITERIA. Tens o vestido.

MARIQUINHAS. Quem deve oferecer a caixa?

QUITERIA. Eu.. não. E' melhor que sejas tu. O tôlo pensa que estás apaixonada por elle, e ainda mais preso fica. O estratagemma é magnifico!

MARIQUINHAS. Mas elle é amigo de meu marido..

QUITERIA. Ora! E' amigo de teu marido, mas hade querer ser mais amigo teu. Não ha homem que fique de gêlo quando uma moça bonita lhe faz um mimo. Repara como elle fica nervoso ao receber a caixa, repara...

MARIQUINHAS. Mas é preciso combinarmos uma coisa ..

QUITERIA. O que?

MARIQUINHAS. Quando fôr chegando a occasião de dar a caixa, faço-lhe um signal e a mamãe vae para dentro. Preciso trabalhar sem constrangimento, e na sua presença...

QUITERIA. (*indo pôr a caixa em uma mesa.*) Está claro... Nem a minha presença era conveniente... Ainda sinto a orelha arder-me!

MARIQUINHAS. E eu tambem.

QUITERIA. Mostra-te amavel, olha-o como si estivesse em extasis, sorri-te a cada palavra que elle disser, finge que o namoras, e... si fôr preciso, namora-o mesmo um pouco...

MARIQUINHAS. Mas, mamãe, isso...

QUITERIA. Não faz mal, menina. Depois de conseguidos os nossos fins, mandamos o sujeito á fava... Quando eu sahir, deixa a tua cadeira e vai sentar-te ao lado d'elle. Torna-te romantica, apaixonada. Dize-lhe que não és feliz com teu marido.. que quando suppunhas ter encontrado um Romeu, esbaraste-te com um animal. De vez em quando, leva o lenço aos olhos... finge-te uma victima... Emfim, arranja as coisas de modo que o pateta fique seduzido. Sò assim poderemos vencer...

MARIQUINHAS. Então a mamãe pensa que não heide saber representar o meu papel?... Nunca ouvi dizer que se ensinasse o padre nosso ao vigario...

QUITERIA. Bem sei que és uma menina intelligente.

MARIQUINHAS (*que tem ido á janella, voltando-se vivamente.*) Olhe, mamãe!

QUITERIA. O que é?..

MARIQUINHAS. Ahi vem elle

QUITERIA. Então, ás armas ! E' preciso agarral-o. Do contrario, não terás vestido, nem irás ao baile.

MARIQUINHAS. Mas eu quero ir ao baile.

QUITERIA. Está nas tuas mãos.

MARIQUINHAS. Deixe estar. Si eu não arranjar nada com o tal sr. Augusto, não hade ser por falta de geito.

SCENA VI

As mesmas e Augusto

AUGUSTO. (*da porta.*) Minhas sras., Fernando manda dizer...

QUITERIA. (*subindo, muito amavel.*) Entre, sr. Augusto... sem cerimonia... Sabe que está em sua casa... Esta casa é sua..

AUGUSTO. (*à parte.*) Que diabo de mudança é esta !

MARIQUINHAS. (*tomando-lhe o chapéo e a bengala, muito amavel.*) Faz favor... (*Colloca os objectos em uma mesa.*)

AUGUSTO. Oh ! minha sra. ! (*A' parte.*) Que mudança !

MARIQUINHAS. (*levando-o para o sofá.*) Sente-se. Nada de ceremonias. .

QUITERIA. Quer uma cajuada ?

MARIQUINHAS. Ou prefere agua de Seltz ?..

AUGUSTO. Obrigado, minhas sras... obrigado. (*A' parte.*) Estou abysmado ! (*Alto.*) Pois o Fernando manda dizer..

MARIQUINHAS. (*com desdem.*) Ora ! Deixemos o Fernando, e fallemos de outra coisa...

QUITERIA. Eu tambem sou da mesma opinião.

AUGUSTO. Mas... (*A' parte.*) Isto, decididamente, é um laço !

QUITERIA. Estou, desde pela manhã, para perguntar pela sua saude, e ainda não tive occasião... Hade crer ? .

MARIQUINHAS. E eu tambem...

AUGUSTO. Não admira... (*A' parte.*) E' um laço.

QUITERIA. Porque não fuma ? . Accenda o seu charuto .. Fique certo que não nos incommoda.

MARIQUINHAS. Ora, o sr. Augusto com ceremonias com-nesco !..

AUGUSTO. Si permittem... (*tira um charuto.*)

QUITERIA. Pois não.

MARIQUINHAS. Com todo o gosto.

QUITERIA. Quer fogo?

AUGUSTO. Tenho phosphoros. (*Depois de accender.*) Receiava incommodal-as...

QUITERIA. Sei o que vai dizer. Prohibimos Fernando de fumar, por elle ser um atrevido.

MARIQUINHAS. Ora, mamãe, não falle n'essa peça!

QUITERIA. O sr. Augusto nem sabe que homem é aquelle. . Aquillo é um barbaro... Que o diga esta pobre martyr...

MARIQUINHAS. (*levando o lenço aos olhos.*) Martyr !.. Diz bem, mamãe.

QUITERIA. Só falta a esta pobre beber o fel e ser pregada em uma cruz. O mais tudo tem ella soffrido com uma resignação de santa... Mas não fallemos n'isto. Como vão os seus negocios?

AUGUSTO. Bem, graças a Deus.

QUITERIA. Nem sabe como isso me alegra. Si o estimo tanto!

AUGUSTO. Bondade sua, minha sra... (*A' parte.*) E' um laço, não ha que ver. Mas eu não caio.

MARIQUINHAS. Pois eu não me importo com os negocios do sr. Augusto. Sei que está de perfeita saude, e é quanto me basta para ser feliz.

AUGUSTO. (*a parte.*) Mão ! mão ! D'estas só a mim succedem. . Mas não pega.

QUITERIA. Menina, manda fazer uma cajuada para o sr. Augusto.

MARIQUINHAS. O sr. Augusto dá licença?

AUGUSTO. Oh! minha sra... (*A' parte.*) Decididamente, cômoo a isca e... (*Mariquinhas sahe.*)

SCENA VII

Quiteria e Augusto

QUITERIA. Porque não se casa, sr Augusto?

AUGUSTO. Porque ainda não achei quem me quizesse, minha sra.

QUITERIA. Ora ! Moço, bonito, espirituoso, rico... Aposto

que ha mais de cem moças com pretensões a seu respeito. Acertei? (*A' parte.*) O pateta cahe!

AUGUSTO. Creio que não, minha sra. Conheço-me de sobra, para aspirar a tanta ventura... (*A' parte.*) Pensa que caio!

QUITERIA. Ora, não me diga isso, pelo amor de Deus! Oito ou dez conheço eu que, quando o veem passar, quasi choram por não poderem pilhal-o...

AUGUSTO. Ah! minha sra., para que hade estar me embalando com tão fagueiras illusões, para depois...

QUITERIA. Embalando-o com illusões, não. Digo a verdade. Até entre essas oito ou dez posso apontar-lhe algumas... (*A' parte.*) Já está pelo beíço!

AUGUSTO. Não, não, minha senhora. É tão bom sonhar acordado!... (*A' parte.*) E a velha não pensa que estou rendido!..

SCENA VIII

Os mesmos e Mariquinhas

MARIQUINHAS. (*com uma salva em que traz o copo com a limonada.*) Aqui está: eu mesma quiz preparar e trazer. (*Offerecendo.*) Senhor Augusto...

AUGUSTO. Tanto incommodo, minha sra.!

MARIQUINHAS. Ora, incommodo! Seria incommodo si se tractasse de meu marido!

AUGUSTO. (*tomando o copo, á parte.*) Oh! diabo! Que olhes que ella me deita!.. (*Bebe e colloca o copo na salva, que Mariquinhas deixa em uma mesa.*)

MARIQUINHAS. Estava a seu gosto, sr. Augusto?

AUGUSTO. Excellente, minha sra., excellente! Preparada por V. Ex.!

MARIQUINHAS. Lisongeiro!.. (*Fazendo um signal a Quiteria.*) Estão lá dentro procurando-a, mamãe.

QUITERIA. Já sei. (*Levantando-se.*) Dá-me licença, sr. Augusto?

AUGUSTO. Oh! minha sra., sem cerimonia. sem cerimonia...

QUITERIA. (*á parte.*) Agora acaba de cahir como um patinho! (*Sahe.*)

SCENA IX

Mariquinhas e Augusto

AUGUSTO. (*á parte.*) Agora é que é a coisa...

MARIQUINHAS. (*sentando-se no sofá, bem conchegada a Augusto, e suspirando.*) Ai! ai!

AUGUSTO. (*afastando-se um pouco.*) Porque suspira, minha sra.?

MARIQUINHAS. (*aproximando-se.*) Sou muito infeliz!

AUGUSTO. (*ufastando-se.*) Infeliz, V. Ex.?

MARIQUINHAS. (*aproximando-se.*) Muito! Nem sabe quanto sou desgraçada!

AUGUSTO. (*apertando-se contra a cabeceira do sofá, á parte*) Não ha mais lugar. Já vi as coisas em melhor estado! (*Alto.*) Mas porque?..

MARIQUINHAS. (*aproximando-se.*) Meu marido é um máo homem.. um tyranno!..

AUGUSTO. (*passando para uma cadeira.*) Deveras?

MARIQUINHAS. (*indo buscar uma cadeira e sentando-se ao lado de Augusto.*) Pois então não sabe?

AUGUSTO. (*passando para o sofá.*) Nada, absolutamente.

MARIQUINHAS. (*indo para o sofá*) O sr. parece fugir de mim!

AUGUSTO. Eu minha sra., fugir de V. Ex.?. Deus me livre! (*Á parte.*) Estou perdido!

MARIQUINHAS. Sabe que lhe preparo uma surpresa?

AUGUSTO. (*afastando-se.*) Uma surpresa! (*Á parte.*) Desde que aqui entei, não seria a primeira!..

MARIQUINHAS. (*aproximando-se.*) Sim,.. uma surpresa, que muito lhe hade agradar..

AUGUSTO. (*afastando-se.*) Pois sou muito feliz, minha sra.

MARIQUINHAS. (*indo buscar a caixa de charutos e sentando-se ao lado de Augusto*) Olhe!

AUGUSTO. (*afastando-se.*) Admiravel! E isto é...

MARIQUINHAS. (*aproximando-se.*) Para o senhor.

AUGUSTO. (*outra vez contra a cabeceira do sofá.*) Para mim! (*Á parte.*) O sacrificio vale bem uma caixa de charutos!

MARIQUINHAS. (*aproximando-se.*) Sim, para o sr. A quem mais poderia eu offerrecer um mimo?

AUGUSTO. (*á parte.*) Está me provocando... Mas prefiro deixar que me enforcuem a astraçoar um amigo !.. (*Alto.*) Mas, minha sra., não sei se devo...

MARIQUINHAS. (*triste.*) Recusa? Oh ! nem sabe quanto me faria soffrer, si recusasse...

AUGUSTO. (*á parte.*) Está provocante, mas não pega. (*Alto.*) Eu não digo isso... mas...

MARIQUINHAS. (*pondo-lhe a mão no hombro.*) Aceita, sim ?

AUGUSTO. (*á parte, tentando afastar-se, mas sem poder.*) Peior ! peior ! Decididamente, vou-me... Esta mulher abusa da minha innocencia.

MARIQUINHAS. Então, não diz nada ?..

AUGUSTO. Minha sra., estou tão confuso... tão abstracto... que nem posso reunir as minhas idéas. .

MARIQUINHAS. (*á parte.*) E' meu ! (*Alto.*) Porque ?

AUGUSTO. V. Ex. tem me tractado com tanta amabilidade... com tanta deferencia... que... (*á parte.*) Não pega !

MARIQUINHAS. (*forçando-o a receber a caixa.*) E não é assim que se deve tractar as pessoas a quem se ama ?..

AUGUSTO. (*á parte.*) Si me demoro um momento mais, é capaz de abraçar-me ! (*Levantando-se.*) Minha sra., não tendo palavras com que possa agradecer a sua lembrança, peço permissão... para retirar-me...

MARIQUINHAS. (*levantando-se.*) Já ?

AUGUSTO. Sinto-me doente... creio mesmo que tenho febre... (*á parte.*) Bebi-lhe o refresco, fumo-lhe os charutos, e deixal-a suppôr que cahi no laço !

MARIQUINHAS. Mas sente-se verdadeiramente incommodado ?.. Isso assusta-me !

AUGUSTO. Verdadeiramente incommodado, sim. .

MARIQUINHAS. (*á parte.*) Está agitado... Eu tambem estou tao nervosa !.. (*Alto.*) Então não quero detel-o mais. (*Estendendo-lhe a mão.*) Adeus... e lembre-se de mim...

AUGUSTO. (*á parte, beijando-lhe a mão.*) Não representei mal o meu papel. Assim não sejam estes charutos da qualidade dos outros: verdadeiros havanos... folha de couve ! (*Toma o chapéo e a bengala e volta-se da porta para cumprimentar.*)

MARIQUINHAS. (*enviando-lhe um beijo.*) Adeus !

AUGUSTO. (*á parte.*) Misericordia ! (*Desapparece.*)

SCENA X

MARIQUINHAS. (*dando uma risada.*) E' meu ! Cahio como um parvo ! Julgou-me apaixonada, e apaixonou-se sériamente ! Representei bem o meu papel... Agora, com elle de meu lado, terei o vestido, irei ao baile, e mostrarei a meu marido que — «o que a mulher quer, Deus quer» ! — (*Batendo palmas em tom de canto.*) Estou vingada !.. estou vingada !..

SCENA XI

Mariquinhas e Quiteria

QUITERIA. (*entrando apressada.*) Ai ! menina, que alegria e essa ?

MARIQUINHAS. (*como acima.*) E' meu, mamãe !.. é meu !..

QUITERIA. (*imitando-a.*) E' nosso, filhinha !.. é nosso !.. (*Pausa.*) Sabes que o tal sr. Augusto é o «factotum» de Fernando. O que elle disser que faça, é o que teu marido hade fazer.

MARIQUINHAS. Então ..

QUITERIA. Tudo quanto quizermos, obteremos, principiando hoje pelo vestido...

MARIQUINHAS. (*dansando*) Oh ! mamãe, estou tão contente !

QUITERIA. (*dansando.*) Oh ! filhinha, e eu tambem !

MARIQUINHAS. Por esta não esperava o Fernando.

QUITERIA. Bem pregada !.. Mas quieto que me contes tudo quanto se passou, tim-tim, por tim-tim.

MARIQUINHAS. Pois vamos para dentro, para não sermos interrompidas por algum importuno.

QUITERIA. Vamos.

MARIQUINHAS. (*sahindo, a dansar.*) Oh ! mamãe, estou tão contente !

QUITERIA. (*imitando-a*) Oh ! filhinha, e eu tambem ! (*Scena vasia um momento.*)

SCENA XII

Manoel e Fernando

MANOEL. *(da porta, seguido de Fernando, espiando cautelosamente para todos os lados.)* Que silêncio!.. Dar-se-ha o caso que as caninanas procurassem outro ninho?

FERNANDO. Cuidado, meu sogro... Não se arrisque sem primeiro explorar o terreno...

MANOEL. *(entrando.)* Podemos entrar. Provavelmente, estão em algum conciliabulo lá por dentro...

FERNANDO. Safa! Olhe que hoje ainda não me deixaram pôr pé em ramo verde!

MANOEL. Por tua culpa. Bem podias ter evitado tudo isto. *(Senta-se.)*

FERNANDO. Como? *(Senta-se.)*

MANOEL. Não sendo banana! Ora, ahí está.

FERNANDO. E' bom de dizer. Si eu um dia perdesse as estribelas e batesse em minha mulher, o sr. seria o primeiro a reprehender-me e a taxer-me de máo marido...

MANOEL. Cale-se ahí, que ainda não o auctorisei a fazer tal suposição. Porque o tomei sob minha protecção? Porque sei que a razão está toda da sua parte, porque sei que tem sofrido muito, porque sei, finalmente, que tem representado um papel ridiculo... um papel de dois de páos!

FERNANDO. Ora, meu sogro...

MANOEL. Qual—ora—nem meia—ora!-- Esta é a verdade, e heide dizel-a. O sr. é um maricas, e com maricas não se tem considerações... Prohibem-lhe que fume, e deixa de fumar; ordenam-lhe que não saia á noite, e não sahe á noite!.. Ora, meu genro, isto só dando-lhe com um gato morto, até o bicho miar!

FERNANDO. Está bom... não vai a zangar.

MANOEL. Não me zango, não, porque seria uma asneira zangar-me com as suas pateticas.

FERNANDO. Deixe estar, meu sogro, que não lhe darei mais motivos de queixa.

MANOEL. Pois sim; mas fica certo que á primeira tolice que fizeres, deixo-te entregue ás caninanas!

FERNANDO. Isso seria a minha morte!

MANOEL. Tambem não se perdia muito. Agora não sigas

é risca as minhas instrucções. Faze alguma asneira, na fórma do costume, e não te queixes depois...

FERNANDO. Farei tudo quanto me disse.

MANOEL. Vou repetir-te o recado, para que depois não allegues ignorancia.

FERNANDO. Sou todo ouvidos.

MANOEL. Cara de poucos amigos, movimentos bruscos, attitudes de mando, voz carregada e seturna, phrases sentenciosas. Olha que é uma batalha decisiva que vamos travar. O resto já sabes

FERNANDO. Sei.

MANOEL. Vê lá

SCENA XIII

Os mesmos Quitéria e Mariquinhas

QUITERIA. (*ao fundo, baixo, á filha*) Não abusemos da nossa superioridade. Sejamos amáveis.

MARIQUINHAS. (*baixo.*) Desde que a victoria é nossa, não devemos mostrar-nos agastadas.

QUITERIA. (*sorrindo.*) Ora, vivam! Então sempre se resolveram a voltar?

MANOEL. (*á parte.*) Que amabilidade! Preferia encontrar as como duas cobras! (*Alto, bruscamente.*) Resolvemos.

MARIQUINHAS. (*musto amavel*) A que horas queres jantar, Fernandinho?

FERNANDO. (*á parte.*) Que solicitude! Estou para ser victima de alguma desgraça! (*Alto, bruscamente.*) A' hora que quizer!

QUITERIA. (*a Manoel.*) Estás tão afogueado, meu amor! Queres uma limonada?

MANOEL. (*bruscamente, medindo-a d'alto a baixo.*) Obrigado!

MARIQUINHAS. (*a Fernando*) Queres uma esjuada, meu bom?

FERNANDO. (*bruscamente.*) Não quero!

QUITERIA. (*a Manoel.*) Estás com uma cara!

MANOEL. E' boa! Havia de estar com duas!

MARIQUINHAS. (*a Fernando.*) Estás zangado?

FERNANDO. Não me aborreça !
 QUITERIA. Manoelzinho !
 MARIQUINHAS. Fernandinho !
 MANOEL. A sra. não pode estar calada ?
 FERNANDO. Si trincasse a lingua, seria uma fortuna !
 QUITERIA. (a Manoel.) Mas porque, não me dirás ?. (A' parte) O sangue já está me subindo á cabeça !
 MARIQUINHAS. Porque, então ? (A' parte.) De repente, salto-lhe'em cima !
 MANOEL. Porque não gosto de ouvir fallar !
 FERNANDO. Porque quero pensar !
 MARIQUINHAS. Em que ?
 FERNANDO. No que não é da sua conta !
 MANOEL. Meu genro... (Vão para a janella.)
 QUITERIA. (á bocca da scena, baixo, á filha.) Então !
 MARIQUINHAS. (baixo.) Então !
 QUITERIA. (baixo.) Eu estouro !
 MARIQUINHAS. (baixo.) Eu rebento !
 QUITERIA. (baixo.) Atrevido !
 MARIQUINHAS. (baixo.) Patife !
 QUITERIA. (baixo.) Vamos esganal-os ?
 MARIQUINHAS. (baixo.) Vamos ! (Avançam para os dois, que estão de costas-para a scena.—Augusto entra.—Des-cem as duas, fazendo-se signaes e suffocando o riso.)

SCENA XIV

Os mesmos e Augusto

AUGUSTO. (deixa a caixa de charutos em uma mesa e dá uns papeis a Fernando.) Fernando, aqui estão uns papeis que me deram agora ao subir a escada (Baixo) Arranjei as dividas pelo maior preço possível. São de arripiar os cabellos. (Descem os tres.—Quitéria e Mariquinhas estão a bocca de scena.)

QUITERIA (baixo, á filha) O que será ?

MARIQUINHAS (baixo.) Esperemos.

FERNANDO. (lendo um p'pel.) «Quinze pares de botinas de senhora—85\$000.» (Lê outro) «Feitio de cinco vestidos—100\$000.» (Lê outro) «Dois chapéos de senhora—75\$000...»

MARIQUINHAS. Tantos vestidos... tantas botinas... Não m^o lembro

FERNANDO. Pois lembre-se.

MANOEL. (*baixo.*) Pois deves tudo isso ?

FERNANDO. (*baixo.*) São contas arranjadas pelo Augusto. (*Alto.*) Por estas contas verifica-se que em menos de seis mezes contrahi, por causa de minha mulher, uma divida de duzentos e sessenta mil réis, sem incluir as contas que, por complacencia, me não mandaram hoje. A divida toda monta a seiscentos e cincoenta e um mil duzentos e oitenta réis. Tenho-a de cór. Ora, ganhando eu apenas cem mil réis, e não podendo, por essa poderosa rasão, fazer face aos desperdícios de minha mulher, resolvi pôr cobro aos seus desatinos.. (*Guarda os papéis.*)

MANOEL. (*tomando uma pitada.*) E' o diabo, é...

QUITERIA. (*a Fernando.*) O que é que diz ?

MARIQUINHAS. Sim: o que é que diz ?

AUGUSTO. (*á parte.*) Vai perfeitamente ! (*Accende um charuto.*)

FERNANDO. Resolvi... separar-me.

QUITERIA. (*assustada.*) Se...

MARIQUINHAS. (*assustada.*) Sepa...

FERNANDO. (*friamente.*) Separar-me.

MANOEL. (*á parte.*) Este meu genro não é tão tólo como parece !

FERNANDO. Sim, srás : separar-me. Vou viajar. Ao menos, longe d'agua viverei tranquillo. Já tomei passagem á bordo do paquete que parte amanhã para o norte. Aproveito a occasião para fazer as minhas despedidas, porque vou passar a noite em um hotel.

MANOEL. (*á parte.*) Pois é verdade: de tólo não tem elle nada ! (*Alto.*) Mas, meu genro, considere que essa resolução...

FERNANDO. (*tomando o chapéo.*) E' uma resolução irrevogavel. Assim, pois...

AUGUSTO. (*á parte.*) Que comedia !

MARIQUINHAS. (*fica um momento perplexa, depois vai a Fernando e tira-lhe o chapéo.*) Não partirás !

FERNANDO. Partirei. E preciso que parta, e partarei.

MARIQUINHAS. Não partirás ! Sujeitar-me-hei a tudo, com tanto que não partas...

FERNANDO. Sujeta-se a ser uma esposa obediente, humil-

de, sem vaidades nem caprichos, isto é, uma esposa de juizo ?

MARIQUINHAS. Sujeito-me...

QUITERIA. (*à parte.*) Ah ! fracalhona ! Mas heide vingar-me ! Illudamos estes parvos, e depois veremos.. (*Fingindo que chora.*) E eu não estou commovida !. Já se vio uma asneira assim !. (*A' parte.*) Si nao fôsse a toleirona da minha filha, a partida estava ganha, perque elle havia de curvar-se !

FERNANDO. Então...

MARIQUINHAS (*abraçando-o* ! Não partes, não ?

FERNANDO. (*beijando-a na fronte.*) Não !

AUGUSTO. Bravo !

MANOEL. Bravissimo !

QUITERIA. Meu genro, peço lhe perdão de todas as ofensas que de mim recebeu.

AUGUSTO. (*indo buscar a caixa de charutos, a Fernando*) Toma E' um brinde de tua mulher !

MARIQUINHAS. (*baixo, a Augusto.*) Obrigada ! O senhor é um amigo leal e um homem honrado !

QUITERIA. Perdôa-me ?

FERNANDO. Perdôo, mas si promette ser d'ora em diante uma bôa mãe.

QUITERIA. Juro-o ! (*A parte*) Jurar não custa !

FERNANDO. Então, esqueçamos o passado

QUITERIA. (*abraçando-o.*) Obrigada ! (*A' parte.*) Havemos de ver !

MANOEL. (*à parte*) Abraço de sogra. . é peor do que beijo de Judas !

AUGUSTO (*à parte*) Não fumei os charutos, mas fiquei com a consciencia tranquillã (*Alto.*) Sr. Manoel, hade dizer-me onde comprou estes charutos .. verdadeiros havanos... folha de couve !.

MANOEL. (*batendo lhe no hombro.*) O sr. é um pandego !

AUGUSTO. !. não me dirá qual é a meralidade d'iste tudo ?

MANOEL. A moralidade é esta. todo o homem que quizer ser verdadeiramente feliz, não deve nunca curvar-se aos caprichos da mulher. (*A Fernando*) Meu genro, venha de lá um abraço. (*Abraçando-o*) Pela primeira vez na sua vida, deixou de ser banana !

FIN

VI

Factos Diversos

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS



MUSICA

DE

José Brazilicio de Souza



Personagens

Major Anacleto	45	anos
Pantaleão Peroba.	50	»
Juca	25	»
Serafim	35	»
Antonio	30	»
Remualdo	20	»
Quinea	28	»
José Caolho (personagem mudo)	40	»
Manduca	18	»
Rosalina	17	»
Um cabo—Convidados. --Rapazes.		

ACÇÃO—NA ROÇA—1881



DUAS PALAVRAS

A JOSÉ BRAZILICIO DE SOUZA

Como deves lembrar-te, esta comedia foi representada, pela primeira vez, a 14 de Julho de 1892, por um grupo de amadores, em homenagem á Republica Franceza.

Do effeito que produziu, --effeito pouco usual na nossa platéa, que, de principio a fim da representação, demonstrou exuberantemente a sua plena satisfação, --occuparam-se, de fórma muttissima animadora, o «Jornal do Commercio», a «Republica» e a «Gazeta do Sul», --unicas folhas que aqui existiam n'aquella epocha.

Em carta que dirigi, a 8 do mesmo mez de Julho, ás diversas redacções disse:

«... ..representa, a 14 do corrente, no theatre «Santa Izabel», a associação particular «Grupo Dramatico», a comedia em 3 actos, de minha composição, intitulada *Factos Diversos*, ornada de esplendida musica do illustre maestro e meu distinctissimo amigo José Brazilicio de Souza.

«Para a parte musical d'esse trabalho não peço a benevolencia da imprensa e do publico, porque basta o nome sympathico e respeitado do brioso compositor para brilhantemente recommendal-a.

«Para a parte dramatica, porém, isto é, para o que é da minha lavra, não posso deixar de impetrar de todos a mais completa benignidade.»

E o publico e a imprensa coroaram de merecidos applausos a tua brilhante collaboração na peça, --collaboração que foi a moldura de ouro do meu modesto quadro.

A ti, pois, que --com a tua parte musical fizeste como que um escudo protector para a minha composição, dedico os *Factos Diversos*, não pelo que elles valem em si, mas como um signal da nessa amizade desde os bons tempos escolares

*
* -

Não vai n'esta comedia nem na que se lhe segue o resaiibo da satyra mordaz nem o acre sabor das allusões ferinas.

Não me alimentou o espirito na confecção d'essas paginas a idéa de ferir susceptibilidades ou de atirar ao dominio da zombaria o amor-próprio de quem quer que seja.

Os typos que apresento ao publico nunca existiram na frequencia onde se passa a acção. Os costumes, sim, esses existem, e a giria tambem.

A minha comedia é, pois, realmente, o que parece ser:—modesta, humilde e inoffensiva .. inoffensiva sobretudo.

Que todos a recebam hoje, impressa, como a receberam em 1892, em scena,—com benevolencia e caridade. E' o meu unico desejo.

Florianopolis—1898.

Horacio Nunes



ACTO I

moço da cidade

Sala da roça, simples, mas bem arranjada. Ao fundo e á esquerda, portas. A' direita, no primeiro plano, uma janella, no segundo plano, uma porta. Entre a porta e a janella, um aparador com espelho e dois vasos com flores. A' esquerda, entre portas outro aparador com vasos e um lampeão com e competente «abat-jour».—Sofá. Cadeiras.—Junto do sofá uma cadeira de braços; ao lado opposto da scena, outra cadeira igual.—E' dia.

SCENA I

Major e Pantaleão

PANTALEÃO. (*apparecendo á porta, ao Major, que está sentado no sofá, lendo o «Pais».*) Dá licença, amigo major?

MAJOR. (*deixando o jornal.*) Oh! amigo Pantaleão! (*Apertando-lhe a mão.*) Que bons ventos o trazem per cá tão cedo?

PANTALEÃO. (*sentando-se assoando-se ao lenço de chita.*) Unicamente o desejo de informar-me da sua preciosa saude, preclarissimo major.

MAJOR. (*recostando-se.*) Vai se vivendo, vai se vivendo.. Quando mal,—nunca maleitas.. E o meu illustre pedagogo?.. Cada vez mais moço e mais forte, heim?..

PANTALEÃO. Assim, assim... Podia viver melhor, si o nosso governo tivesse mais clara a comprehensão da sagrada missão do professor e lhe dêsse um vencimento de accordo com essa missão...

MAJOR. Ora, meu sabio amigo ! Não me fale em governo ! Um egoista, um ambicioso e ás vezes um tyranno !

PANTALEÃO. A quem o diz, meu amigo ! Eu, que aqui estou, posso fallar de eadeira sobre tal assumpto. . . Acredite: nem na antiga Roma, no tempo de Affonso XII, nem na moderna Hespanha, sob o governo de Caligula, os governos foram tão faltos de censo e tão inífrigos do progresso ! Robespierre, o grande tribuno portuguez, e José Estevão, o celebre revolucionario francez, já disseram alguma coisa a respeito da politica brasileira, classificando-a de politica de botocudos e tupinambás !..

MAJOR. É disseram muito bem, sim, senhor, disseram muito bem. Não sabem escolher os homens para os cargos, aniquilam os talentos mais brilhantes, suffocam as aspirações mais legitimas, matam as illustrações mais salientes !.. E para que, meu amigo ? Para elevarem a ignorancia, a vaidade, a toleima !.. Tem em mim um exemplo vivo. O Pantaleão conhece-me e sabe si estou ou não na altura de exercer com brilhantismo qualquer cargo publico... No entretanto, nunca se lembraram de fazer-me deputado provincial ! .

PANTALEÃO. E exacto, major, perfeitamente exacto. O major, que me conhece desde longos annos e que conhece os meus fundos .. em todos os ramos das sciencias humanas, diga, com franqueza, si estou ou não no caso de representar um papel saliente nas altas regiões da governação do paiz... .

MAJOR. Isso nem se discute, meu amigo. No entretanto, desprezam-nos, esquecem-nos, e só se lembram que existimos em epochas eleitoraes. . . Oh ! mas eu sei porque e que procedem assim... .

PANTALEÃO. Porque é, major ?

MAJOR. Porque nos temem, porque temem a nossa sabedoria, porque no momento em que rebentasse a luz do nosso talento, elles ver-se-hiam obrigados a fugir, a desaparecer, vencidos pelos raios da nossa palavra e pelos coriscos dos nossos conhecimentos !

PANTALEÃO. Sim, senhor, é isso mesmo ! Além de tudo, invejosos... Mas não nos incommodemos. . .

MAJOR. Não nos incommodemos, não. Quando a ignorancia d'elles tiver deitado tudo a perder, quando a sua falta de criterio tiver arrastado o Brazil ao abysmo—o que não está muito longe—ah ! meu amigo, então hão de lembrar-se de que

aqui existem um illustre major Anacleto da Trindade e um sabio Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria, e cá virão pedir-nos, de joelhos e de mãos postas, que salvemos a patria da completa ruina!

PANTALEÃO. E nós, então—Hercules e Sansão de mãos dadas—salvaremos a patria! Ah! major, que dia hade ser esse para os nossos corações de patriotas!

MAJOR (*com enthusiasmo, levantando-se.*) As manifestações, os vivas, as musicas á porta, as illuminações, os lampeões de papel, as passeiatas com fogos de Bengala e de chapéo de sol, e o povo a gritar:—Viva o major Anacleto da Trindade!

PANTALEÃO. (*levantando-se e sacudindo o lenço, com enthusiasmo.*) Viva!

MAJOR. Viva o grande Pantaleão! Peroba!

PANTALEÃO (*como acima.*) Viva!

MAJOR. E a nossa fortuna estará feita. O nosso patriotismo nao terá limites, o nosso desinteresse será extraordinariamente completo... e as arcas do thesouro serão nossas!..

PANTALEÃO. Esplendido! esplendido! (*A' parte.*) Só assim mandarei fazer uma fatiota nova!

MAJOR. (*sentando-se no sofá.*) Mas passemos de um pólo a outro. Sabe o que estava eu lendo n'este jornal, quando o amigo entrou?

PANTALEÃO. (*sentando-se no sofá.*) Saberei agora, si o major quizer dispensar-me a honra de dizelo.

MAJOR. Pois ouça. (*Lê com difficuldade.*) «Ca... cami... caminhamos pa... para o a... a... abysmo...»

PANTALEÃO. Vê? Caminhamos para o abysmo! E' horroso!

MAJOR. (*lendo com difficuldade.*) «O país...»

PANTALEÃO. Paiz, major, paiz!

MAJOR. E' paiz, Pantaleão? Pois seja. (*Lê.*) «O paiz não tem cre... credito... a jus... justiça é um so... sonho; o di... direi... direito é uma u... utópia...»

PANTALEÃO. Utopia, major, utopia!

MAJOR. Pois seja utopia, Pantaleão... (*Lê.*) «A ra... rasão é uma pa... palavra vã.» (*Outro tom.*) Que palavra arrevesada vem agora! (*Lê.*) «Sem o... ori... orien... orienta... orientação...» (*Outro tom.*) Oh! Pantaleão, o que é orientação?

PANTALEÃO. (*pensando.*) Orientação... orientação... (*Batendo na frente, convicto.*) Ah! cá está! Quer dizer—coisa que nos vem do Oriente. Oriente—orientação!

MAJOR. Pois então ha muito tempo que o Oriente não manda esse genero, porque, segundo o jornal, é coisa que presentemente não temos cá...

PANTALEÃO. Talvez que houvesse por lá alguma grande secca que matasse todas as plantações... Mas, si quer ter a bondade, continue a leitura, que estava me agradando immensamente.

MAJOR. (*le.*) «Sem cri... cite... criterio... os ti... timo... timoneiros da não...

PANTALEÃO. Não, major, não! Tem um risquinho em cima!

MAJOR. Pois seja não, Pantaleão. (*Le.*) ...«do es... estado, vão, de quê... da em quê... queda, arras... arrastan... arrastando o país...

PANTALEÃO. (*incomodado.*) Paiz, major! paiz!.. Oh!

MAJOR. Pois seja paiz, Pantaleão... Não te zangues... (*Le.*) «Arrastando o paiz ao des... desca... descabro e á ban... banca rô... rôta...»

PANTALEÃO. Muito bem! Mas agora precisamos resolver uma questão de alta transcendencia para a historia. A que paiz refere-se o escriptor:—ao paiz paiz, ou ao «Paiz» jornal? Aqui é que bate o ponto!

MAJOR. (*estendendo o beiço, depois de uma pausa.*) Isso é que eu não sei. Aqui está paiz com—p—pequeno.

PANTALEÃO. Então é ao «Paiz» jornal.

MAJOR. Hade ser isso. (*Atirando o jornal.*) E aqui tem o meu amigo como as coisas estão.

PANTALEÃO. Pessimas, major. Só nós dois poderemos salvar a situação.

MAJOR. E havemos de salvar-a! Já descobri o meio de impôr-me e de ser indispensavel ao governo...

PANTALEÃO. Qual é, major?

MAJOR. E' um segredo, por ora; mas como para o amigo não posso ter segredos, lá vai:—faço tenção de apresentar-me candidato nas proximas eleições geraes.

PANTALEÃO. Bravo! Conte commigo, major! Eu tambem nas proximas eleições provinciaes pretendo solicitar os suffragios do illustre corpo eleitoral.

MAJOR. Perfeitamente! Conte com a minha influencia e a minha protecção.

PANTALEÃO. Então, estamos feitos, (*Apertando a barriga e fazendo uma careta.*) O major já almoçou ?

MAJOR. Ainda não. Porque ?

PANTALEÃO. Porque... porque eu também ainda não almocei; e creio que é por isso que estou sentindo uma cólica-sinha bem aborrecida..

MAJOR. Almoça commigo.

PANTALEÃO. (*á parte.*) Si não lhe filasse todos os dias o almoço, o jantar e a cêa, o ordenado não chegava nem para meia missa ! (*Alto.*) Que horas são, major ?

MAJOR. (*vendo o relogio.*) Ainda é cedo. São apenas nove horas.

PANTALEÃO. (*rindo e assoando-se.*) E é assim, meu illustre major: muito bem sentadinhos, lendo jornaes ou na mais amavel palestra, enquanto se prepara o succulento almoço, dispomos do corpo eleitoral, sem lhe dar satisfações, e o corpo eleitoral hade fazer o que nós quizermos, sem poder dizer -- Je sus !—

MAJOR. E que falle ! que falle, si é capaz !

PANTALEÃO. Por isso é que todo mundo falla no corpo, e ainda não ouvi fallar na—cabeça eleitoral...

MAJOR. E' claro: é porque é corpo sem cabeça !

PANTALEÃO. Já me lembrei d'isso... Mas passemos a outro ponto.. O dia da sua festa está chegando, major. Faltam apenas tres dias. E' uma festa que vai dar panno para mangas. Quem lh'o diz sou eu Na occasião do banquete...

MAJOR. Já sei que está preparando discurso...

PANTALEÃO. (*formalisado.*) Oh ! major, eu nunca preparo discursos ! Improviso-os ! Quando eu menos esperar, em qualquer occasião, pode chegar-se a mim e dizer:—«Pantaleão, arruma um discurso!»—(*Levantando-se.*) E o discurso saltar-me-ha da garganta, como a agua de uma torneira que se abre !. O major já bastantes vezes me tem ouvido improvisar dez, doze, quinze discursos em um só jantar... Ah ! si eu tivesse a facilidade de fabricar outras coisas, como tenho para improvisar, outro gallo me cantaria ! (*Gesticulando.*) Preparar discursos ! Ora... (ra o major !

MAJOR. (*levantando-se.*) Não te exaltes, Pantaleão, não te exaltes ! Eu sei isso tudo, assim como sei que nunca te apertas e que fallas bem...

PANTALEÃO. Pois si sabe, admira como diz que prepare

discursos ! Isso é ferir seriamente o meu talento ! Preparar discursos !.. Ora ora o major !.. (*Outro tom, apertando a barriga e encolhendo-se.*) Ai ! ai ! Ahi está outra vez a maldicta colicasinha ! Quando não almoço cedo, é isto ! (*A' parte.*) Já passou a hora do almoço, e é preciso lembrar.

MAJOR Não tarda o almoço, Pantaleão. Tenha um bocadinho de paciência. Isso hade ser flato... Si depois de almoço, ainda sentir o incommodo, ponha na barriga uma folha de peri-peroba passada pelo fogo, com um pouco de azeite, que é remedio santo... Isso é flato.

PANTALEÃO. (*à parte.*) Não é flato, não: é fome ! (*Alto*) Assim que chegar a casa, embora já não sinta a dôr, heide fazer a receita...

MAJOR Faça, faça, que é remedio santo...

PANTALEÃO. (*à parte*) O que eu quero é encher o pandulho !..

SCENA II

Os mesmos e Rosalina

ROSALINA. (*entrando da direita, com um livro na mão.*) Bom dia, senhor Pantaleão.

PANTALEÃO. Bom dia, menina. (*Olhando-o, à parte.*) Ah ! si eu pudesse... e ella quizesse...

ROSALINA. Papai, o almoço está prompto.

PANTALEÃO. (*à parte, erguendo as mãos e os olhos ao céo, como em acção de graças.*) Santissimas palavras ! Já não sinto a cólica !

MAJOR. Vamos almoçar, Pantaleão.

PANTALEÃO. Vamos, major, vamos... (*A' parte.*) Isto vale mais do que cem folhas de peri-peroba passadas pelo fogo ! (*Alto.*) Com licença, menina... (*A' parte, sahindo, a olhal-a.*) Si eu pudesse... e ella quizesse !.. (*Sahe com o major, que já o esperava á porta E. A.*)

SCENA III

ROSALINA, (*depois de ir á janella.*) Ai ! que aborrecimento é esta vida da roça !.. Eu, acostumada, durante tanto

tempo, ao movimento da cidade, ás festas de igreja, aos espectáculos, aos bailes do Club 12... ver-me obrigada a estar aqui, no meio do matto, rodeada de rapazes que vivem a olhar para mim, de bocca aberta e a babar-se, como uns idiotas, que não sabem render uma ríeza nem dizer duas palavras certas !.. Ora, um Serafim ! um Romualdo !.. Pois isto é gente para quem se olhe !.. E' verdade que não ha outros melhores, porque elles, não prestando para nada, são os melhores que temos cá !..

N. 1

E' triste a vida que leve
n'esta triste solidão
ha dias em que descreio
dos gosos do coração.

Vivo aqui tão isolada,
n'esta fria solidão,
que muitas vezes nem sinto
palpitar-me o coração !

Mas o que heide fazer, si o papai assim o quer ? Si não fossem os romances que leio, levaria a vida a chorar p. los cantos... Os romances teem sido, e é possível que ainda sejam por muito tempo, os meus unicos e fieis companheiros n'este deserto... (*Senta-se no sofá, a ler.*)

SCENA IV

Rosalina e Romualdo

ROMUALDO. (*apparecendo ao fundo, a fazer mimices com os beiços e suspirando fino.*) Ai ! ai !

ROSALINA. (*á parte, sem olhar para a porta.*) Ahi teemos o Romualdo. Já tardava o bruto ! (*Alto, sem levantar a cabeça.*) E' o Romualdo ?

ROMUALDO. (*desce, machucando nas mãos o chapéo de pulha e suspirando fino.*) Ai ! ai ! Sou eu mesmo, menina. . Como é que a menina me conhece sem olhar ?

ROSALINA. O Romualdo é conhecido ao longe, mesmo sem ser visto

ROMUALDO. Porque ? .

ROSALINA. (*brincando com o livro.*) Porque suspira tanto, que é uma dôr d'alma.. Porque é que suspira assim?

ROMUALDO. Ai! ai! Não sei, menina.

ROSALINA. Tem algum pezar?

ROMUALDO. Não, menina.

ROSALINA. Tem no coração algum amôr?

ROMUALDO. (*fazendo um memo e suspirando grosso.*) Ai! ai!

ROSALINA. Si tem, conte-me o seu segredo. Talvez eu possa valer lhe..

ROMUALDO. (*fictando-a.*) Ai! menina!.. O paisinho está em casa!

ROSALINA. Está almoçando.

ROMUALDO. Ai! ai! O «sô manjor» vai fazer um festão!.. Que lindes «fogo» elle trouxe!.. Eu gosto muito dos «foge».. A menina não gosta?

ROSALINA. (*folheando o livro e sorrindo.*) Vi tantos na cidade, que já não me causam o menor interesse...

ROMUALDO. Pois sim... «Mas porém,» tem coizas bonitas... O amolador, o barquinho, a mulher que mi... que deita lume...

ROSALINA. (*sorrindo.*) As duas fortalezas...

ROMUALDO. Ai! ai! «As fortaleza!» Que coisa linda!.. E então «as roda»... «os rojão»!..

ROSALINA. Mas o senhor queria fallar com o papai?.. Si eu posso saber o que é...

ROMUALDO. (*olhando-a, pigarrêa e dá um enorme suspiro grosso.*) Ai! ai! O que é que está lendo?

ROSALINA. (*rindo.*) E' o «Moço loiro». Conhece?

ROMUALDO. Nunca vi esse moço... A menina conhece?

ROSALINA. Conheço. E' um rapaz muito bonito, muito bem vestido, que falla muito bem, que nunca dá suspiros nem finos nem grossos, e de quem eu gosto muito...

ROMUALDO. (*fazendo uma careta e levando as mãos ao peito, á parte.*) Ai! ai! Que espinha ella me metteu no coração!.. Isto é namorado com certeza!.. «Zesus»!

ROSALINA. Está incommodado, Romualdinho?

ROMUALDO. (*á parte.*) Romualdinho! «Zesus»! Como ella é bonita! (*Alto.*) Ai! ai! Nada, menina. Já não tenho nada. Eu tinha uma coisa no coração, mas já sahio! (*á parte.*) Romualdinho!.. Parece que ella tambem gosta de mim!..

«Jesus» ! que gola no «Sarafim» ! (4^{to.}) A menina deixa que eu me sente ?

ROSALINA. (rindo.) Sente-se, Romualdinho Sem cerimonia.

ROMUALDO. (à parte.) Outra vez Romualdinho !.. (Senta-se na ponta da cadeira, debaixo da qual põe o chapéo.— Pausa grande.— Rosalina lê.— Romualdo olha-a, com a bocca aberta, fazendo momices. De repente, dá um salto na cadeira e um enorme suspiro grosso.) Ai ! ai !

ROSALINA. (assustando-se.) O que é isso Romualdo ?

ROMUALDO. (suspirando fino.) Ai ! ai ! E' que eu queria dizer. . .

ROSALINA. Pois vá fallando, ande. . .

ROMUALDO. Ai ! menina, si «sabésse» ..

ROSALINA. Não sei, não; diga.

ROMUALDO. Eu queria, «mas porém», não tenho «corage» A coisa me chega á guela, mas não sahe.

ROSALINA. Pois tome um vomitorio, Romualdinho.

ROMUALDO. (à parte.) Outra vez Romualdinho ! «Jesus» !

ROSALINA. Vamos, falle. D'esta maneira, não acabará nunca. Pelo que vejo, é muito grave o que tem a dizer...

ROMUALDO. E' «grávido», é... Ai ! ai ! (Levantando-se.) «Mas porém», o que tem de ser «aminhá», «seje» hoje.

ROSALINA. (rindo.) Eu tambem penso assim.

ROMUALDO. (fazendo um mómo.) Menina Rosalina, eu... eu... (À parte, pondo a mão na garganta.) «Quá» ! Está atravessado aqui, mas não sahe nem pelo diabo !

ROSALINA. O que ?..

ROMUALDO. Eu... eu... Ai ! ai !.. Eu... gosto da menina ! (À parte, cahindo sentado na cadeira.) Sahio !

ROSALINA. (fechando o livro.) Eu já desconfiava...

ROMUALDO. (rindo brutaemente.) Ham ! ham ! ham !.. Já ?

ROSALINA. Já. Ha muito tempo que note que o Romualdinho suspira mais quando está perto de mim, e que me olha de um modo... de modo porque olham os namorados para as namoradas... Mas o senhor tem-me amor ?

ROMUALDO. (como acima.) Ham ! ham ! ham !

ROSALINA. O senhor gosta de mim ?

ROMUALDO. (admirado.) Hué !.. Pois eu já disse «indagurinha» !.. Por isso é que vim cá.

ROSALINA. Sim ?

ROMUALDO. Queria ver... Ai! ai!... si o «sô manjor» e a «sinha» Rosalina.

ROSALINA. (*sorrindo.*) Comprehendo. E porque não?... O Romualdinho é um dos moços mais sympathicos da freguesia, e...

ROMUALDO. Ai! ai! É a menina me acha bonitinho?

ROSALINA. Pois não! O Romualdo é uma estampa! Para ser um anjo, só lhe faltam as azas!

ROMUALDO. Então si eu tivesse azas era um anjo?

ROSALINA. Sem duvida!

ROMUALDO. (*á parte.*) Vou pedir á Rita Barbada umas azas de anjo que lhe deram na cidade... (*Alto.*) É a menina gosta de mim?

ROSALINA. Si gosto?... Pois nunca reparou...

ROMUALDO. (*calando de joelhos.*) Ai! ai! menina do meu coração!..

ROSALINA. (*deixa o livro no sofá e levanta-se, dando uma risada.*) Está bom, Romualdo! Olhe si o papai vem por ahí Levante-se!

ROMUALDO. (*erguendo-se.*) Menina, eu sou seu escravo... Dou-lhe tudo que me pedir... (*Tirando do bolso um embrulho de papel de jornal.*) Isto é para «prispiar.» E a menina o que é que tem para me dar?

ROSALINA. (*rindo e recebendo o embrulho.*) Por ora, nada. Mas deixe estar que heide fazer-lhe um presente. .

ROMUALDO. «Mas porém», o que é?

ROSALINA. É segredo. Vou guardar o seu presente. Espere um momento. Não tenha medo que o papai venha. Ainda está almoçando. (*Sabe.*)

SCENA V

ROMUALDO. (*acompanhando-a com a vista e rindo*) Ham! ham! ham!.. Custou, «mas porém», sahio! Ella tambem já tinha «paixa» por mim, e eu não sabia! «Zesus»! Pucha góia tomou o «Sa afim»! Ai! ai!.. Mas si elle descobre, é capaz de me comer!.. Mas, não vê!.. Exe! Quando elle fôr se chegando para mim, eu dispero! O «Sarafim» é um «quéra», e eu não sou burro! Exe! (*Outro tom.*) Ai! ai! O «sô manjor» tem cobre grosso, e eu não sou burro querendo casar com a filha! (*Rindo.*) Ham! ham! ham!.. Não trabalho, tenho di-

nheiro p'rajogar na venda do Piolho, tenho mulher bonita, e viva o «sô manjor»!.. (*Outro tom.*) E a pequena é bonita... mas bonita mesmo como o diabo! Ai! ai! Quando «m'alembro» que ella tambem gosta de mim, fico... fico... eu nem sei mesmo como fico!.. Sinto uma coisa no coração que quasi me mata!.. (*Sentando-se no sofá, no mesmo logar que Rosalina occupou.*) Que bom! Ainda está quentinho! (*Começa a mexer-se e a cantar.*)

N. 2

O logarzinho
esta quentinho
o logarzinho
qu'ella deixou,
o calorzinho
do seu corpinho,
o calorzinho
aqui ficou!

Ai! Rosalina,
bella menina,
ai! Rosalina,
rosa em botao,
por ti se fina,
bella menina,
por ti se fina
meu coração!

SCENA VI

Romualdo e Serafim

SERAFIM. (*ao fundo, tossindo.*) Hum! hum! hum!

ROMUALDO. (*á parte, com medo.*) Ai! ai! O «Serafim!»
(*Ergue-se.*)

SERAFIM. (*assoando-se aos dedos, que limpa a manga do paletot.*) Oh! Romualdo!

ROMUALDO. (*á parte.*) Elle ainda não sabe... (*Subindo.*)
Ai! ai! O «Serafim» de sapatos em dia de semana!.. Como estás bonito hoje! Que vens fazer?

SERAFIM. (*bruscamente.*) Ora, o que venho fazer!.. Venho ver a «cachopa!»

ROMUALDO. (*fazendo uma careta.*) Ai! ai! vens ver a «cachopa»! Eu passei por aqui «indagurinha». Ella estava lendo um livro na janella e convidou-me para entrar... (*À parte.*) Vou mentir. *Alto.*) Ai! ai! Cada vez que vejo aquella pequena, sinto umas coisas cá por dentro!.. (*Estremecendo.*) Ai! ai!

SERAFIM. E entraste?

ROMUALDO. Entrei. Ella perguntou por ti.

SERAFIM. Ah! «perguntou»? E tu o que disseste?

ROMUALDO. (*À parte.*) Mentira p'ra frente! (*Alto*) Disse que ella devia gostar muito de ti, porque tu gostas muito d'ella. Ouvindo isto, mandou-me sentar bem juntinho de si, no sofá, e «prisprou» a ler p'ra eu ouvir. Ai! ai! E como ella lê!.. Oh! «Serafim», tu não ficas com ciumes. não?

SERAFIM. Ciumes! Ora, tu és tólo, Romualdo! Pois não vês logo que ninguem pode ter ciumes de ti?

ROMUALDO. (*À parte.*) Ai! ai! E' porque ainda não sabes... (*Alto.*) Mas, oh! «Serafim», tu fazes tenção de casar com ella?

SERAFIM. Por certo. A Rosalina é uma «cachopa» de truz, e o «manjor» é um figurão.

ROMUALDO. Mas «antão», p'ra que andas enganando a Zefa do Maneca?

SERAFIM. Ora! aquillo é um namoro de pagode. A rapariga me «pravoca», e eu vou me divertindo.

ROMUALDO. Ai! ai! «Mas porém», si a Rosa sabe, hade ficar zangada...

SERAFIM. «Quá!» Eu conto-lhe duas historias, e ella ainda me ficará restando.. Porque não casas tu com ella?

ROMUALDO. Ai! ai! «cá» Rosalina?

SERAFIM. (*zangado.*) Não, bruto! «cá» Zefa. «cá» Rosalina! Si a Rosalina tivesse outro namorado fóra de mim, fica certo que eu matava «ambos os dois»!

ROMUALDO. (*À parte, a tremer.*) Ai! ai! Já estou me vendendo na ponta da faca do «Serafim»... e a Rosalina também! (*Alto, sempre a tremer.*) Mas tu tinhas «corage»?

SERAFIM. Si tinha! Mas porque tremes?

ROMUALDO. Ai! ai! Por nada...

SERAFIM. Si tu não fôsses o Romualdo, eu ia jurar que...

ROMUALDO. (*tremendo.*) «Quá!» Tu bem sabes que eu não gosto de namoros... E' uma «toliça» ..

SERAFIM. Mas estás tremendo, rapaz !

ROMUALDO. E'.. é... de frio... D'onde vieste ?

SERAFIM. Venho de dar dois dedos de conversa á Zefa. Aquella rapariga tambem é bem bôa droga. No outro dia o professor leu n'um jornal que ha uma terra onde a gente pode casar-se muitas vezes. Si cá na freguezia se pudesse fazer o mesmo...

ROMUALDO. O que é que tu fazias ?

SERAFIM. Heim? O que é que eu fazia ?.. Casava-me «câ» Zefa, «câ» Rosalina e «câ» moçada toda da freguezia !

ROMUALDO. (*rindo.*) Ham ! ham ! ham ! E os outros ?..

SERAFIM. Ora, os outros ! Os outros que fizessem como tu !

ROMUALDO. (*a parte.*) Olha que cachorro ! Mas eu faço-te as contas «câ» Rosalina ! (*Alto.*) Até logo, «Serafim».

SERAFIM. Eu tambem vou. O «manjor» está ahi, e é o diabo.

ROMUALDO. Pois vamos lá. (*Sahem.*)

SCENA VII

ROSALINA. (*entrando, com um embrulho de papel branco na mão.*) Já se foi ?.. Melhor ! Ora, para o que havia de dar áquelle maricas ! Pois eu quero lá casar com semelhante pamonha ! Um homem que vive a suspirar e a fazer memices !.. Idiota de uma figa ! Ter a petulencia de dar-me de presente um pedaço de rapadura embrulhado n'um papel de jornal ! Um pedaço de rapadura !.. Palavra que si eu visse logo o que era, tinha-lhe atirado com o presente ao nariz ! Mas tambem vou pregar-lhe uma de que elle hade lembrar-se por muito tempo. (*Mostrando o embrulho.*) Aqui está um presente que vai pol-o furioso ! (*Senta-se, pondo o embrulho ao lado, no sofá.*) E eis aqui a que estou sujeita todos os dias: — a receber rapaduras do Romualdo e declarações do Serafim, que é o bruto maior que conheço ! Nada ! Isto hade ter, por força, um fim... Agora mesmo ouvi o papai dizer ao professor que espera, hoje, ou amanhã, um rapaz da cidade. Estou decidida: seja esse rapaz feio ou bonito, torto ou direito, heide namoral-o e casar com elle !

N. 3.

Já 'stou bastante,
já 'stou bastante

aborrecida da vida
de rapariga solteira;
quero ver si a de casada
é melhor, mais prasenteira,
mais prasenteira,
mais prasenteira!

Aborrecida,
aborrecida
d'este viver inconstante
de viver a namorar,
quero agora,
quero agora
quero agora
me casar!

Está dito! E assim deixarei com agua na bocea o Serafim, o Romualdo e... e os outros!

SCENA VIII

Rosalina e Juca

JUCA. (*da porta.*) Bom dia, minha senhora.

ROSALINA. (*levantando-se, amavelmente.*) Bom dia, senhor.

JUCA. Está em casa o senhor major Anacleto?

ROSALINA. Sim, senhor. Queira entrar.

JUCA. (*apertando-lhe a mão.*) V. Ex. passa bem?

ROSALINA. (*tomando-lhe, amavelmente, o chapéo, que v'la collocar em um aparador.*) Bem, obrigada. Tenha a bondade de sentar-se.

JUCA. (*sentando-se, á parte.*) Sim, senhor: bonita e desembaraçada. (*lho.*) Provavelmente. V. Ex. não me conhece?

ROSALINA. Não tenho essa honra. O senhor é o moço que meu pai esperava?

JUCA. Sim, minha senhora. E si vinha com a certeza de não ter aqui um instante de aborrecimento, attenta a sincera sympathia com que o pai de V. Ex. ha algum tempo me distingue, agora tenho plena convicção de que heide passar momentos de verdadeiro prazer no remanso d'esta pacifica freguezia. .

ROSALINA. (*sorrindo.*) O senhor é de uma amabilidade extrema. Porque tem essa convicção ?

JUCA. Porque V. Ex. está aqui, porque é bella, porque é espirituosa, porque possui todos os dotes para attrahir e para encantar...

ROSALINA. (*sentando-se no sofá.*) Deveras ? A sua franqueza ainda é mais amavel... do que a sua amabilidade. Entretanto, não me conhecendo o senhor e sendo esta a primeira vez que me vê, não pode julgar dos meus dotes attrahentes e seductores...

JUCA. Em primeiro lugar, V. Ex. não sabe si é esta a primeira vez que a vejo; em segundo lugar, esses dotes saltam tanto á vista, que V. Ex. não poderia occultá-los, embora quizesse...

ROSALINA. Oh ! eu sou uma pobre moça da roça...

JUCA. Mas recebeu uma educação esmeradissima, educação que pode ser invejada por innumeradas moças da cidade, que não sabem ligar duas idéas nem emittir uma opinião propria.

ROSALINA. Não posso acceitar o cumprimento. Cada palavra sua me prova que o senhor não é mais do que um grande lisongeiro.

JUCA. Perdão Não sou lisongeiro. Sou franco. Si a verdade é uma lisonja, minha senhora, explique-me então o que é a verdade.

ROSALINA. (*á parte.*) Belle e amavel ! E' o meu sonho realisado ! (*Alto.*) E' a primeira vez que vem cá ?

JUCA. Não, minha senhora. Estive aqui, pela ultima vez, ha quatro annos. Depois fui para o Rio de Janeiro, onde me demorei até dezembro do anno passado. Oh ! n'esse tempo V. Ex. ainda devia ser bem criança, e eu ainda não tinha o prazer de entreter relações com o senhor major Anacleto, que é, sem contestação, a figura mais saliente do lugar pelo seu prestigio e alta influencia politica... (*Tomando o livro, que Rosalina deixára no sofá.*) V. Ex. tambem gosta de romances ?

ROSALINA. São a minha distracção aqui.

JUCA. Sabe, minha senhora, qua já nos conhecemos ha muito tempo ?

ROSALINA. Como ?

JUCA. V. Ex. já me viu bastantes vezes...

ROSALINA. Onde ?.. Não me lembro...

JUCA. No theatro, nas partidas do Club, a que assistio quando estudava na cidade...

ROSALINA. Pode ser; mas.

JUCA. Quer que lhe avive a memoria ?

ROSALINA. Desejo até.

JUCA. Pois bem. Uma noite, uma sociedade particular representava a «Dalila» no theatro «Santa Izabel». V. Ex. estava encostada ao peitoril de um camarote da primeira ordem, á direita. De repente escapou-lhe da mão o leque--um leque côr de rosa com arminhos--e cahio na platéa. Alguem apanhou-o e foi entregar-lh'o...

ROSALINA. Espere... Lembro-me agora d'esse facto... Esse moço...

JUCA. Eia eu, minha senhora.

ROSALINA. Ah!

JUCA. Dias depois, em uma partida do Club, um moço, achando-a extremamente bella, embora V. Ex. fôsse ainda quasi uma menina, offereceu-lhe uma camelia e dansou com V. Ex. uma quadrilha... Lembra-se?..

ROSALINA. Lembro-me tambem, perfeitamente... E esse moço...

JUCA. Era eu, minha senhora.

ROSALINA. (*levantando-se.*) Ah! mas então já somos conhecidos velhos; não acha? ; *Estendendo a mão.*) Toque meu cavalheiro da camelia e do leque!

JUCA. (*erguendo-se e apertando-lhe a mão, com verdadeira satisfação.*) Oh! minha senhora, que prazer me dá!

ROSALINA. Muito bem. Está em sua casa, meu senhor. Agora, dê-me licença. Vou prevenir o papai da sua chegada. (*Sahe.*)

SCENA IX

JUCA. Como é bom perder-se um conhecimento na cidade, para vir encontrá-lo na roça! Si a menina era bonita, a moça é esplendida!.. Decididamente, não heide aborrecer-me aqui! .

SCENA X

Juca, Major, Pantaleão e Rosalina

MAJOR. (*apressado, apertando a mão de Juca.*) Olá, meu illustre amigo e senhor Juca !.. Já estava extranhando a sua demora !

PANTALEÃO (*baixo.*) Oh ! major, apresente-me.

JUCA. Não me foi possível vir mais cedo, como desejava...

PANTALEÃO. (*baixo.*) Oh ! major, apresente-me...

ROSALINA. Mas o papai ainda não sabe que somos conhecidos velhos...

PANTALEÃO. (*baixo.*) Oh ! major, apresente-me...

MAJOR. (*a Rosalina.*) Heim ? Como assim ?

PANTALEÃO. (*baixo.*) Oh ! major, apresente-me..

MAJOR. (*baixo*) Espera um momento, criatura !

JUCA. Tive a honra de encontrar diversas vezes sua filha no theatre e nas partidas do Club.

PANTALEÃO. (*baixo.*) Oh ! major apresente-me...

MAJOR. Ora, n'esse tempo ella era um pirralhesinho... Estava estudando na cidade...

PANTALEÃO. (*baixo.*) Oh ! major, apresente-me..

JUCA. Mas já era uma interessante menina, que promettia uma formosissima moça.

PANTALEÃO. (*baixo, sangado.*) Oh ! major, apresente-me, sinão, faço uma asneira !

MAJOR. Apresento-lhe o meu amigo Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria, um dos mais luminosos luzeiros da freguezia...

PANTALEÃO. (*curvando-se, a Juca.*) E do Brasil, major; pode dizer sem receio.

MAJOR. Pois vá lá: e do Brasil, já que assim o queres.

JUCA. (*apertando a mão de Pantaleão e sorrindo.*) Tenho immenso prazer em conhecê-lo.

PANTALEÃO. (*empertigando-se.*) E eu tambem (*A' parte.*) Fallei bem !

MAJOR. Em historia o Pantaleão é um poço. Sabe historia como gente... Hade ver.

PANTALEÃO. (*pavoneando-se.*) Oh ! não me confunda, major ! Conheço de historia o quanto basta para saber que o pri-

meiro rei de França chamou-se Confucio e que o primeiro sabio da China chamou-se... Luiz XVI...

JUCA. *(á parte.)* Ui! que barra!

ROSALINA. *(sorrindo.)* E' certo, senhor Pantaleão: em historia ninguem o engana!

PANTALEÃO. *(á parte, olhando-a.)* Ai! si eu pudesse e ella quizesse!.. *(Alto, a Juca.)* Não sou propriamente um sabio, não, senhor; mas tenho estudos profundos sobre algumas sciencias, e, sem orgulho o digo, fallo com uma facilidade admiravel!

MAJOR. E' exacto. Só o amigo ouvindo-o fallar, pode formar uma idéa de seu talento.

JUCA. Esteu plenamente convencido. Mas.. como ia dizendo: não calcula o senhor major o prazer que senti ao vir encontrar aqui, transformada em uma encantadora moça, a linda menina com quem uma vez dansei no Club, e que já então me captivou com o seu fino espirito e esclarecido talento...

ROSALINA. Continúa o senhor a lisongear-me... Mas estamos aqui a tagarellar, e ainda ningnem se lembrou de perguntar-lhe o essencial.

JUCA. O que?

ROSALINA. Si já almoçou.

PANTALEÃO. *(á parte.)* Si houvesse segundo almoço, atirava-me a elle!

JUCA. Já, minha senhera Sabendo que chegaria aqui a horas improprias para vir pedir almoço ao senhor major, almocei antes de partir

PANTALEÃO. *(á parte.)* Que pena!

MAJOR. Mas não pode recusar-se a tomar um cálice de vinho. Olhe que o tenho bom: vinho de uva legitimo.

JUCA. Com todo o gosto, acceito.

PANTALEÃO. *(á parte.)* Deite-me outra vez ao vinho!

MAJOR. O meu amigo vai, no proximo domingo assistir á minha festa. Tenho gasto algumas patacas, mas hade ser uma festa de estrondo, talvez a primeira que aqui se tenha feito. Escreve em algum jornal da cidade?

JUCA. Escrevo.

MAJOR. Então fica desde já citado para escrever a noticia de accordo com o Pantaleão. Vamos para dentro.

PANTALEÃO. Não posso resistir, major; vou tomar mais

um calice. O seu vinho é uma verdadeira tentação: quem o be-
beu uma vez, hade bebel-o sempre... *(Saem os tres.)*

SCENA XI

ROSALINA. *(sentando-se no sofá e abrindo o livro.)* Agora, sim: estou contente! Juca veio encher a minha solidão com o seu sorriso alegre, com a sua voz *sympathica*, com a sua presença amavel!.. Agora, sou feliz!..

SCENA XII

Rosalina e Romualdo

ROMUALDO. *(com duas asas de anjo de procissão aos hombros, apparece a porta, suspirando grosso.)* Ai! ai!

ROSALINA. *(levantando-se, contrariada.)* Ainda, Romualdo! O que vem fazer outra vez?.. *(Vendo as asas.)* O que é isso, Romualdo?.. *(Desata a rir.)*

ROMUALDO. Pois a menina não disse que para eu ser anjo só me faltavam as asas?

ROSALINA. *(sempre a rir.)* Mas você é tôlo, Romualdo!

ROMUALDO. *(fazendo uma pirueta.)* Não sou tôlo, não, menina: sou anjo!

ROSALINA. Mas vamos a saber: o que pretende ainda?

ROMUALDO. Ai! ai! menina... venho fazer duas coisas.. Em primeiro lugar, o «Sarafim» mandou saber si pode vir cá.

ROSALINA. Pois o Romualdo não lhe disse que eu já tinha noivo?

ROMUALDO. Não tive «corage», menina... Ai! ai! O «Sarafim» é um «quéra», e era capaz de me vir aos queixos..

ROSALINA. Não lhe diga nada por ora; mas vá prevenil o de que não deve vir cá hoje, porque o papai está em casa, e pode haver qualquer coisa.

ROMUALDO. Ai! ai!.. *(Tirando do bolso um embrulho de papel de jornal.)* Agora, menina, aqui tem outro presentinho que eu lhe trago...

ROSALINA. *(sem receber.)* O que é isso?

ROMUALDO. Ai! ai! E' a outra metade da rapadura, menina...

ROSALINA. (*formalisada.*) Oh ! Romualdo, você parece que está brincando commigo !.. Pois atreve-se a trazer-me pedaços de rapadura embrulhados em papel de jornal !

ROMUALDO. (*com cara de choro.*) Ai ! ai ! menina !..

ROSALINA. Sabe que mais ?.. Já ! Puche d'aqui ! Você é um atrevido, um tólo !..

ROMUALDO. (*desandando a chorar.*) Ham ! ham ! ham !

ROSALINA. Vamos ! ponha-se ao fresco !

ROMUALDO. (*chorando.*) Ham ! ham ! ham !

ROSALINA. Então, não oive ?

ROMUALDO. (*chorando.*) Ham ! ham ! ham ! Ai ! «cachopa» da minha alma !..

ROSALINA (*indo buscar o embrulho que tinha collocado no sofá.*) Está bem ! Não quero barulho ! Tome lá um presente, e cale o bico !

ROMUALDO. (*recebendo o embrulho e olhando-o.*) Um presente !.. (*Rindo, volta o embrulho de todos os lados.*) Ai ! ai !.. menina Rosalina, o que será ?

ROSALINA. (*rindo.*) Veja !

ROMUALDO. (*desembrulhando o papel.*) Ai ! menina, que coisa linda hade ser !.. (*Acaba de desembrulhar, deixa cair o papel e recúa com uma boneca de panno na mão.*) Uma boneca !.. (*Deixa cahir os braços e fica com cara de choro, a olhar para Rosalina.*)

ROSALINA. (*rindo.*) Agora, raspe-se, seu choro ! Vá brincar com a boneca, e não me incomode !.. Ora ! . Trazer me presentes de pedaços de rapadura !..

ROMUALDO. (*desandando a chorar.*) Ham ! ham ! ham ! (*Sube, sempre chorando, e pára á porta, abraçado com a boneca.*)

ROSALINA

N. 4

Que se deixem de querer-me
namorados sem ventura,
que trazem ás namoradas
presentes de rapadura !

P'ra pagar a rapadura
d'este typo, d'este «mano»,
que chora por qualquer coisa,
—uma boneca de panno !—

FIM DO 1.º ACTO

ACTO II

⊕ banquete

A mesma vista, com aparadores, espelhos, cadeiras de braços e o sofá.—Quasi ao fundo, uma meza com copos, garrafas, pratos, talheres etc. Em cada cabeceira uma cadeira. Ao comprimento da meza seis cadeiras de cada lado.—E' dia. Ao subir o panno, Rosalina entra, collocando uma flôr no cabello.

SCENA I

ROSALINA. (*entrando, a pôr uma flôr no cabello.*) Decididamente, não sei em que hade isto dar... Já hontem, no terço, quasi que foi tudo pela agua abaixo, por causa das minhas imprudencias... Por um triz que o Serafim não bispou o meu namoro com o Juca... Eu já podia ter mandado o Serafim passear. Mas tenho medo. Aquillo é um bruto, e é capaz de armar um barulho dos meus peccados... Além d'isso, não me convem despedil-o inteiramente, emquanto o Juca não se deslarrar.

Gosemos
a vida
formosa,
florida!

Deixemos as maguas, os prantos sentidos,
os luctos, as scysmas tristonhas de dôr:
gozemos da vida os encantos queridos,
do mundo façamos mil mundos de amôr!

Sou moça,
formosa,
galante,
qual rosa!

=CENA II

Rosalina e Serafim

SERAFIM. (*mostrando a cabeça á porta.*) Oh ! Rosalina estás sosinha ?

ROSALINA. (*contrariada.*) Pois não vê ?.. (*1ª parte.*) Que aborrecimento !

SERAFIM. (*desce, deixando o chapéo no aparador á direita.*) Uf ! Olha que «há» povo na «zigreja» como milho na sóca ! «Amode» que não «havia» uma gata na freguezia que não fôsse á festa. E' verdade que tu não fôste... «P'ru mode quê» ?

ROSALINA. (*zangada, á parte.*) E assim chama-me gata sem mais nem menos ! E' muito bruto ! (*Alto.*) E o que foi o senhor lá fazer ?

SERAFIM. Eu ! Ora essa ! Fui ver si te bispava; umas porrem, como não te vi, mandei me mudar.

ROSALINA. (*dando-lhe as costas e indo ao espelho.*) Deveras ?

SERAFIM. Pois «antão» ! «Amode» que estás zangada comigo, oh ! «cachopa» !

ROSALINA. E ainda diz ! (*A parte.*) E' um perfeito bruto; mas tenho de atural-o, até que o Juca se explique.

SERAFIM. «S'ainda» digo ! Pois «antão» !.. E porque não «havera» eu dizer ? O que foi que eu te fiz oh ! «cachopa» ?

ROSALINA. (*imitando-o.*) O que foi que eu te fiz, oh ! «cachopa» ?.. (*Outro tom.*) E eu não lhe disse hontem, depois do terço, que não ia hoje á festa ?

SERAFIM. Si disseste, não «m'alembro», ou não «ouvi»...

ROSALINA. Sim... fez que não ouviu, porque a Zefa já o tinha prevenido que ia hoje á igreja !

SERAFIM. (*formalisado.*) A Zefa ! Pois tu «acraditas» ?..

ROSALINA. Não sei si acredito ou deixo de acreditar. O que sei é que o senhor anda me enganando...

SERAFIM. Pois a Zefa ! Pois tu não sabes «câ» Zefa namora o Zé «de riba» ?

ROSALINA. Isso não quer dizer nada ..

SERAFIM. Pois...

ROSALINA. Basta ! Não quero mais conversas. Volte para a igreja, e deixe-me cá...

SERAFIM. «Hãim»?... Mas é «co» não saio d'aqui sem primeiro «expilicar-te»...

ROSALINA. Dispensó as explicações.

SERAFIM. Mas dize cá: tu, andando de namoro cá «co» degas, és capaz de namoriscar os óutros? Anda, responde.

ROSALINA. Eu não! (*Sorindo.*) Deus me livre!

SERAFIM. Pois «antão»! Como queres «cá» Zefa me namore quando ella tambem tem o seu «derricho»?.. (*Approximando-se.*) «Escuita», façamos as pazes e

ROSALINA. (*desviando-se.*) Arrede se!

SERAFIM. (*seguindo-a.*) Vem cá, oh! «cachopa»!

ROSALINA. (*desviando-se*) Arrede-se, já disse! Com o se-
nhor não quero mais conversas!

SERAFIM. Mas eu não te fiz nada, oh! Rosalina!

ROSALINA. Pois sim... Anda por ahí dizendo que me namora por pagode, que não casa commigo, que...

SERAFIM. Eu!

ROSALINA. Pois quem?

SERAFIM. (*à parte.*) Aqui anda historia do Romualdo, Si eu descubro que aquelle traste está me armando intrigas, ponho-o em gravetos! (*Alto*) Oh! Rosalina, olha que isso são «embustiças» de outro bruto, que quer me tirar o pontõ... Não «acradites», pelo amor de Deus, não «acradites»!..

ROSALINA. Acredito, sim, acredito! (*Batendo o pé.*) Namora! namora! namora!.. Ora, aqui está!

SERAFIM

N 6

Eu não namoro! É mentira!
quem disse que eu namorei,
si com aquella carêta
toda vida ogerisei?

ROSALINA

Não venha p'rá com essas...
olhe que eu bem escutei...

SERAFIM

Ora, «escuitou»! Que «escuitaste»?

ROSALINA

A tál Zefa...

SERAFIM

Meu amôr,
si é só a ti «cô» namoro .

ROSALINA

Só a mim ?

SERAFIM

Só, minha flôr:
tu és o «mô» bem na terra,
o «nio» prazer, minha dor !

ROSALINA

Serafim !

SERAFIM

'Stás convencida ?

ROSALINA

Tu não namoras ?

SERAFIM

«Mo» bem,
eu namorar ! Nem tu sabes
que amor o rapaz te tem !

AMBOS

Unidos sempre,
sempre juntinhos,
vivamos sempre
quæes dois pombinhos,
do amor gosando
doces carinhos,
do amor gosando
doces carinhos !

ROSALINA. *(d parte.)* E' preciso fingir d'estes arrufos para não fazel-o desconfiar... *(Rumôr de passos.)*

SERAFIM. Quem vem lá !

ROSALINA. *(d parte, olhando para o fundo.)* O Juca !
(A Serafim.) Sahe ! sahe depressa ! *(Levando o a uma das portas da esquerda.)* Por aqui... Anda, homem !

SERAFIM. «Mas porém», quem é ?.. *(Vai repetindo a pergunta até desaparecer.)*

ROSALINA. Não sei... Creio que é o papai . Mas, sahe, demonio ! sahe de uma vez ! Anda, bruto !.. *(Empurra Serafim, que sahe de repellão, esquecendo-se do chapéo.)*

SCENA III

ROSALINA. (*descendo.*) Apre ! Ora, dá-se maior estafermo do que este ! E enquanto o Juca não se definir, heide ser obrigada a fazer d'estas scenas de quando em quando, para não afugentar inteiramente o rapaz e convencel-o de que estou morta por elle!.. Um estúpido, que sò calça sapatos em dias de festa e faz a barba de seis em seis mezes l.. Mas...

N. 7

Mas a vida é de curtos instantes...
é preciso gosar e viver,
e, no meio de risos e festas,
as tristezas da vida esquecer !

(*Vai mirar-se ao espelho.*)

SCENA IV

Rosalina e Juca

JUCA. Ora viva a formosa Rosalina ! Cada vez mais bella e mais seductora !

ROSALINA. (*descendo.*) Vem da festa ?

JUCA. (*deixando o chapéo no aparador da direita.*) Venho.

ROSALINA. E a festa levará muito tempo a acabar ?

JUCA. Não sei... (*Tirando uma flor de um vaso.*) Supponho que não... (*Descendo, e ageitar o pince nez.*) E é isso que tens para dizer-me ? Não temos então uma palavrinha de amor ?

ROSALINA. Para que ? Não sabes que te amo tanto ?.. que vivo d'este amor ?.. que sò em ti penso ?..

JUCA. (*a parte, aspirando o perfume da flor que tirou do vaso.*) Não duvido .. quando não pensas no Serafim, eu mesmo no Romualdinho ! (*Tomando-lhe as mãos.*) Oh ! mas como eu te amo !

ROSALINA. E eu então !

JUCA. Sim... mas tenho medo que me fujas... que me esqueças... que outro gose os teus carinhos..

ROSALINA. Ingrato! E o que mais queres que eu faça, para provar-te que só a ti amo?..

JUCA. Tu... (*A' parte, vendo o chapéo de Serafim.*) O Serafim já esteve cá, e sahio a trote, porque deixou a «tiririca»! Demorei-me, mas heide desforrar-me!

ROSALINA. Em que pensas?

JUCA. Penso... que si tu deixasses de amar-me um momento só, eu morreria de dor... Oh! nem sabes como é o meu coração! E' um fogo eterno, um eterno volcão!. Sonho contigo todas as noites... durante o dia nunca a tua imagem me sahe do pensamento...

ROSALINA. E eu então! Olha, Juca, si tu me faltasses, acredita que eu era capaz de matar me.. Não sei como se desenvolveu este amor... o que é certo é que por ti eu seria capaz de tudo...

JUCA. E si eu te pedisse o impossível?

ROSALINA. Para a mulher não ha impossiveis. Quando a mulher concebe um pensamento, é inutil dizer-lhe:—«não irás avante!»— porque ella arrostará tudo, saltará por cima de tudo, para realisar o seu pensamento. A palavra—impossível—foi inventada pelos homens para pôrem um paradeiro aos desejos da mulher... mas a mulher ri-se do fragil obstaculos, e vai caminhando sempre!

JUCA. (*d' parte.*) Que serêa! (*Alto.*) Heide submeter-te a uma prova...

ROSALINA. Pede-me tudo:—a vida, o sangue, a alma, que tudo te darei!.. (*A' parte.*) E si conseguir prender-te, o Serafim ficará a ver navios!

JUCA. Mas é certo que sentes tanto amor por mim?

ROSALINA. Sou toda amor! E tu!..

JUCA. (*sorrindo.*) Eu... creio até que sou feito de kerozene.. ardo como carvão de pedra! A's vezes tenho medo do fogo do proprio charuto! Não me admirarei si um dia o povo d'esta bôa freguezia correr toda á cidade, gritando por essas estradas:—«Foi o Juca que pegou fogo!»—

ROSALINA. (*rindo.*) Juca!

JUCA. Rosalina!.. Acreditas?.. Eu só trocaria este momento... por outro momento melhor!.. Para provar-te o meu amor, ouve o que escrevi hontem, depois do terço, pensando em ti...

N. 8.—Recitativo.

Sentes ?—As auras que suspiram trémulas
dos mathagaes na solidão agreste,
em teus cabellos veem depôr os ósculos
meigos e doces—de um amor celeste.

Ouves ?—Nos ermos, ao subtil murmúrio
das frescas fontes, dos vergéis em gala,
suspira amores a calhandra tímida
e á solidão dos seus amores falla.

Vês ?—Brilha o sol nas amplidões dos parámos...
—sultão brilhante a palpar de amôres,—
em cada raio—uma paixão intérmio
accende, audaz, no coração das flôres...

Ris ?—No teu riso perfumado e trépido
como um regato crystalino e puro,
scintilla a chamma de um amor ethéreo,
fallam promessas de um gentil futuro !

Cantas ?—Na voz harmoniosa e célica,
nas varias notas da canção festiva,
murmura o amor os juramentos languidos
de uma paixão sempre crescente e viva..

Olhas ?—Reluz nos teus olhares húmidos
vibrante a chamma de um desejo ardente,
o fogo activo de um amor sem trégoas,
brilhante o raio da paixão vehemente...

Fallas ?—Suspira em tuas fallas mórbidas
a voz do amor a palpar do anseio
do anhelos eterno de um perenne júbilo,
de um gozo infindo de infinite enleio ..

Dansas ?—Teu seio, a estremecer precipite,
tal como a vaga que o tufão agita,
de amor revela o escrepitante incendio
que as langues scysmas da paixão excita...

Dormes ?— Teus labios divinaes agitam-se,
como gemendo uma palavra ardente
do coração, que se debate examine
nos braços fortes de um amôr fremente...

Sonhas ?— O amôr, a desfazer-se em canticos,
vem, palpitante, povoar-te os sonhos
de luz e flôres, de desejos cálidos,
de alegres hymnes - festivaes, risonhos .

E's toda amor ! Eu todo amor !— Unamo-nos...
ao mundo, ás festas, ao prazer fujamos,
e, p'ra vivermos d'este amor intermino,
ao ermo ! nos ermos, abraçados, vames !

ROSALINA. (*que tem ido, pouco a pouco, descançando a
frente ao peito de JUCA, como que embebida por uma musi-
ca dulcissima, afusta-se.*) Ah ! Amas-me tanto assim ?..

JUCA. (*trindo.*) Mais, muito mais... O meu amor é tão
grande que...

ROSALINA. (*indo ao espelho, para disfarçar a agitação.*)
Sei...

JUCA. (*á parte.*) Aquella versalhada tem servido já para
cincoenta casos d'estes, e produziu sempre resultados admiraves ! .
(*Repiques de sinos, estouros de foguetes, grande gritaria,
fóra.*)

ROSALINA. (*descendo.*) Oh ! meu Deus ! A missa está
acabada... Tão cedo !..

JUCA. Cedo de mais até...

ROSALINA. Hasde sentar-te bem juntinho de mim... sim..

JUCA. Sem duvida !

ROSALINA. Velhaquete !

JUCA. (*brincando com o pince-nes.*) Qual de nós dois
será mais ?

ROSALINA. Tu, está claro.

JUCA. Quem sabe ?..

ROSALINA. (*á parte.*) Desconfiará do Serafim ?.. (*Vendo
o chapéo de palha.*) Ah !

JUCA. O que é ?

ROSALINA. Nada .. nada... (*á parte.*) Ora, dá-se maior
tolice ! Pois o camello não se esqueceu da cabeça !..

SCENA V

Rosalina, Juca, Major, Pantaleão, Serafim, Romualdo, Quincas, Antonio, Zé Caólho, Manduca, Convidados

MAJOR. Vamos jantar, meus amigos ! vamos jantar !

CAÓLHO. *(cumprimenta para todos os lados.)*

PANTALEÃO. Acho prudente e hygienica a idéa !

ROSALINA. *(a Juca.)* Achou bonita a festa ?

JUCA. *(apontando para a mesa.)* Succulenta !

SERAFIM. *(á parte.)* O que estará dizendo aquelle «pisa-flores» á Rosalina?..

ANTONIO. *(á parte, cerrando os punhos, ameaçador.)* Si descubrio que aquillo é «derricho», vai tudo com mil diabos !

QUINCAS. *(á parte, espirrando.)* Atchi ! Já está me subindo a coisa ao nariz !

MAJOR. Vamos jantar. Estou com uma fome de quinhentos demônios ! «Já sinto»...

PANTALEÃO. Não veio, major, não veio... Está de purgante...

MAJOR. *(seccamente.)* Quem, Pantaleão ?

PANTALEÃO. O Jacintho, major...

MAJOR. Ora, Pantaleão !.. *(Continuando.)* «Já sinto» a pelle da barriga agarrada ao espinhaço ! Vamos, rapazes: nada de mais demoras !

CAÓLHO. *(cumprimenta para todos os lados.)*

PANTALEÃO. Pois vamos lá ! *(Tomam logar á mesa, pela seguinte fórma:--á cabeceira da direita, Major Anacleto; á esquerda do Major, de frente para o publico--Quincas, Serafim, Rosalina, Juca, Zé Caólho e Manduca; á direita do Major, de costas para o publico--Antonio, Romualdo e quatro convidados; á cabeceira da esquerda, Pantaleão Peroba)*

MAJOR. Sirvam-se, meus amigos, sirvam-se.

SERAFIM. *(baixo)* O que tens hoje, que não queres olhar p'ra mim, oh ! «cachopa» ?

QUINCAS. *(baixo.)* Olha p'ra cá, pequena !

SERAFIM. *(á parte, olhando de soslaio para Qui cas.)* De repente, dou-lhe dois coices !

ROMUALDO *(suspirando, a olhar para Rosalina)* Ai ! ai !

MAJOR. Comam, meus amigos, comam até rebentar ! Que-

ro que hoje saiam d'aqui com a barriga esticada como um tambor!

CAOLHO. (*cumprimenta para todos os lados.*)

QUINGAS. (*espirrando.*) Atchi! Ora, bravo o «so manjo»!

ROMUALDO. Ai! ai! E eu que estou com uma fome!.. (*Todos servem-se a vontade e começam a comer. Pausa.*)

PANTALEÃO. (*levantando-se, a mastigar.*) Meus senhores!

CAOLHO. (*cumprimenta para todos os lados e começa a comer, só levantando a cabeça para cumprimentar e beber.*)

JUCA. Silêncio! Ouçamos o orador!

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina, com a lingua fóra da bocca.*) Ai! ai!

MAJOR. Si puderem, façam o menor barulho com os queixos... engulam mesmo sem mastigar! Sempre gostei de ouvir discursos... Creio até que nasci quando a mamãe ouvia algum discurso! Tem a palavia o Pantaleão! (*A Juca.*) Vai ouvi-lo. Assim para discursos só conheço dois: um é o Pantaleão...

JUCA. E o outro?

MAJOR. O outro... O Pantaleão que diga.

PANTALEÃO. O outro é você, major. (*Outro tom.*) Meus senhores!

JUCA. (*levantando-se e dando palmas.*) Bravo! bravo! (*Senta-se e continúa a comer.*)

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. (*depois de cumprimentar a Juca* Hoje, dia de festa, dia de publico regosijo nos annes da historia divina, eu, o mais incompetente, o mais obscuro de todos que aqui se acham, tomo a liberdade de erguer a «minha débil voz» n este «momento solemne»!..

JUCA. (*sem erguer a cabeça.*) Bravo! muito bem!

MAJOR. (*a Juca.*) Ouve?... E' um barra!

JUCA. E' um Demósthene... um verdadeiro Demósthene inteiriço!

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina.*) Ai! ai!

ANTONIO. [*á parte, olhando para Romualdo*] De repente, dou um apertão na barriga d'este «animal»!

PANTALEÃO. (*continuaudo.*) Tomo a liberdade de metter a minha colher de estanho na terrina de ouro da alegria geral!

MAJOR. (*a Juca, com admiração*) Que figura, heim?... que figura!

JUCA Esplendida, major!

CAÔLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO (*continuando, depois de ter comido uma garfada* ; Para saudar com tres vivas de arrancar couro e cabelo...

JUCA Couro e cabelo! Sim, senhor: é succulento!

MAJOR. (*convicto.*) E' magnifico!

PANTALEÃO. (*continuando.*) O nosso illustre major Anacleto da Trindade!

JUCA. (*deitando vinho no copo.*) Viva! viva! e viva!

TÓDES. (*deitando vinho.*) Viva!

CAÔLHO. (*que nunca dà vivas, cumprimenta, enche o copo e bebe.*)

PANTALEÃO. Silencio! Ainda não acabei! (*Enche o copo.*)

JUCA. Silencio! O senhor Pantaleão Demosthenes... quero dizer Pantaleão Peroba ainda não acabou!

PANTALEÃO. Meus senhores!..

JUCA. (*sem erguer a cabeça*) Magnifico! soberbo!

PANTALEÃO. (*desconfiado.*) «Amode» que o senhor está me flauteando..

JUCA. Deus me livre! Estou... mas é narcotizado pelos seus talentos oratorios!

PANTALEÃO (*convencido.*) Ah! então desculpe... (*A' parte, pensativo.*) Narcotizado... narcotizado A palavra é bonita.. Heide aproveitá-la... (*Continuando o discurso*) Meus senhores! Tão certo como cinco e cinco serem quinze...

CAÔLHO. (*cumprimenta e bebe.*)

JUCA. (*a parte.*) Em contas ninguem lhe passa o pé.

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina.*) Ai! ai!

QUINCAS (*espirrando.*) Atchi! (*Limpa o nariz aos dedos e passa-os na manga de Serafim, que lhe mostra um murro.*)

PANTALEÃO. (*continuando.*) Tão certo como 5 e 5 serem vinte..

JUCA. (*á parte.*) D'aqui á pouco, 5 e 5 são cincoenta!

PANTALEÃO. (*continuando.*) Tão certo como 5 e 5 são cincoenta e cinco...

CAÔLHO. (*cumprimenta e bebe.*)

JUCA. (*a parte.*) Foi além da minha expectativa!

PANTALEÃO. [*continuando.*] Não ha quem faça festas tão bonitas, com tanto vinho, tantos repiques de sino, tantos foguetes, tantas fitas, tantas flôres e tanto barulho, como o nosso illusterrissimo, celeberrimo, optimo e facilimo amphytrião!..

JUCA. (*a parte.*) Até o Coruja já anda na dança! . (*Ao major.*) Illustre amphytrião, tenha a honra de saudal-o.

MAJOR (*vaidoso.*) Obrigado.

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina.*) Ai! ai!

ANTONIO. (*dando-lhe um aperto.*) Cala-te, diabo!

ROMUALDO. (*dando um salto e um grito.*) «Jesus»!

SERAFIM. Bem feito!

QUINCAS. (*espirrando.*) Atchi! Bem feito!

JUCA. (*a Romualdo.*) O que foi?

ROMUALDO. (*com voz de choro.*) Foi o «alimal» do «sô» Antonico «pisca-pisca» que me deu um apertão na barriga!

ANTONIO. «Alimal» é elle, «cívio»?...

ROMUALDO. (*com voz de choro, cerrando os punhos*) «Hãim»? «Arrepita» si é capaz!

ANTONIO. Repito, sim! Pois «antão»!

MAJOR. Calma, senhores... Ao menos respeitem o am .. o amphy. . (*A Pantaleão.*) Como é Pantaleão?

PANTALEÃO. Amphytrião, major, Amphytrião.

MAJOR. Sim... (*Engasgado.*) O am... o amphy... o amphytrião .. ão... ão...

JUCA. O major parece que tem alguma coisa atravessada na garganta...

MAJOR. (*apalpando o pescoço.*) Não, senhor: não tenho.

JUCA. Então, queira desculpar.

PANTALEÃO [*muito contrariado, olhando para todos.*] Si os senhores querem, eu continuo; sinão, acabo de uma vez.

JUCA. Continue, senhor Pantaleão. Não nos prive do seu talento obtuso...

PANTALEÃO. (*á parte, pensativo.*) Obtuso... Também não é feia a palavra... (*Allo.*) Attenção!

CAÔHO. (*cumprimenta e bebe.*)

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina.*) Ai! ai!

QUINCAS. (*espirrando.*) Atchi! ; *Limpa o nariz aos dedos* ; Obrigado.

PANTALEÃO. (*continuando o discurso.*) O nosso major Anacleto da Trindade, o «obtusos» cidadão...

ROSALINA. (*dando uma risada.*) Bravo, senhor Pantaleão!

PANTALEÃO. (*continuando.*) O grande e «narcotizado» festeiro...

ROSALINA. (*nova risada.*) Cada vez a melhor!

PANTALEÃO. (*encalistrado.*) Porque é que a menina ri-se!

ROSALINA. Para não estar séria,

PANTALEÃO. Ah! logo vi. (*Continuando.*) A fazer uma festa de pouco mais ou menos, não fazia festa nenhuma, porque, meus senhores, um homem que como elle, vale o seu peso em ouro, uma tão distincta fracção ordinaria da illustrada sociedade d'esta muito leal e heroica freguezia, não ia descer da sua alta dignidade de official superior da nossa invicta guarda nacional, para fazer uma festasinha de moleques, uma festasinha de traques da China e rodinhas de vintem l..

JUCA. Apoiado! Muito bem!

CAÔLHO. (*cumprimenta e bebe.*)

PANTALEÃO. (*continuando.*) Além da invejavel «saberencia» que o adorna...

JUCA. (*d' parte.*) «Saberencia»! Em que cano itia o Pantaleão achar esta pérola!.. (*Alto.*) Bravo!

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina.*) Ai! ai!

ANTONIO. (*a parte*) Começa o bruto outra vez!

PANTALEÃO. (*continuando.*) E' um diplomata de mão cheia, pois que tem um geitinho todo especial para pedir o voto, sem offender a ninguem...

MAJOR. (*rindo*) Hê! hê! hê!.. E' o meu fraco... Hê! hê! hê!..

CAÔLHO. (*cumprimenta e bebe.*)

PANTALEÃO. (*continuando.*) Quem ha na freguezia, que, como elle, tanta actividade desenvolva em epochas eleitoraes?... quem ha que tanto trabalhe, tanto lide, tanto se sacrifique, chegando muitas vezes a expor a pelle ao odio «obtuso» da população «narcotizada»?..

ROSALINA. (*rindo.*) Bravissimo, senhor Pantaleão!

MAJOR. E' exacto, é. Ainda nas ultimas eleições municipaes, o «Zé Carêta» mandou me um sôco, que, si me pilha, era uma vez o major Anacleto. O que me valeu foi estar diante de mim o sargento Ricardo, que chuchou a coisa e foi rebolando pelo chão, sem dar um pie. Apenas cherao um boccadinho... mas é rapaz valente... lá isso, é.. Depois puchou o chanfalho para cortar a cabeça do «Zé», mas o «Zé» entesou para o Ricardo, que,—por prudencia está claro,—tornou a metter a durindana na igreja e sahio da bainya... quero dizer.

PANTALEÃO. (*que se tem mostrado muito contrariado durante o aranzel do major, sacóde a cabeça e pergunta secamente*) Acabou, major?

MAJOR. Acabei, Pantaleão, acabei.

PANTALEÃO. (*à parte.* 'E' occasião de arrumar uma noticia que li ha dias n'um jornal da cidade, e que, decorei logo, por ser coisa fina. *Alto.*) Meus senhores ! O escaphândrico e numismático cidadão, em cuja casa estamos, é, sem duvida, uma das mais rúbidas e cyclópicas orientações da moderna geração fim de século ! E' uma individualidade exdrúxua e sympathicamente buccólica ! As manifestações esporádicas do seu talento dardânico, na nossa metálica época ignivoma, são como as explosões volcânicas do prismático chronómetro de um coração pantagruélico ! Sobre a materia salycilica das intemperies cósmicas e altamente pathológicas, pode elle fallar ex-cathedra, porque as suas forças titânicas e grandemente obstétricas expandem-se vesúvicas nas figuras allegóricas das inspirações epidémicas ! A sua robustez cardíaca e cheia de t.tulações chloróticas precisa de tétricas commoções epispáticas para manter na devida circulaçã) tympânica e pythagórica o estapafurdico e cacaphonético sangue bíblico que lhe corre em perolas rúbidas nos canudos elásticos das artérias túmidas ! E' por isso que a sua natureza anémica, em lucta odontálgica com os vágados hydròpicos das sensações asthmáticas não arrasta a existencia lymphatica das carótidas hemorrhágicas productoras das congestões apopléticas e anesthesicas do figado !.. *Pausa.*— *Enxuga com desespero, ao lenço de chita a testa, o rosto e o pescoço, tossindo forte.*)

JUCA. (*à parte.*) O homem esqueceu-se do resto. Apertemol-o. (*Alto.* Adiante, senhor Pantaleão, adiante. O seu discurso é um monumento... gothico ! Continúe...

MAJOR. Ora, vamos, Pantaleão: acaba de despejar o sacco. A tua fallação é coisa de encher o olho !

PANTALEÃO. (*à parte, continuando a enxugar-se.*) O diabo é que perdi o fio... Ah ! tornei a apanhal-o, felizmente ! *Alto agitando o lenço.*) Meus senhores !

JUCA. Silencio !

PANTALEÃO. (*continuando.*) Eis a rasão porque nunca me canço de saudar o illustre amphytrião embryològico, cujo talento pyrotéchnico e dramatico tanto honra esta terra brasílica essencialmente agricola da bananeira indigena ! Eis a rasão porque nunca me canço de apertal-o n'um amplexo esasmòdico de admiração zoológica !

JUCA Admiravel !.. estupendo !.. sublime !..

PANTALBÃO. (*enxugando-se novamente com o lenço, á parte.*) Acabou-se a noticia... Agora vamos outra vez á lenha de casa! (*Continuando.*) E para fazer festas!.. Não temos outro que saiba reunir com tanto tino o regosijo publico ao da barriga!.. Por isso, meus senhores, pondo á mostra o meu talento diante d'esta gente, que abre a bocca e fecha os olhos, para ouvir me fallar, bebo um trago á saude do nosso «obtusos» amphytrião, o «narcotizado» major Anacleto da Trindade!

JUCA. Bravo! bravo!

MAJOR. (*erguendo o copo.*) Hyp! hyp!

TODOS. Hurrah! hurrah! (*Bebem.*)

CAÔLHO. (*que não acompanha a saude, cumprimenta e bebe.*)

ROMUALDO. (*a olhar para Rosalina*) Ai! ai! (*A Antonio, agitando-se na cadeira.*) O que é que está fazendo?

ANTONIO. O que é?

ROMUALDO. Está me apertando a barriga... (*Ao ouvido de Antonio, dando um grito.*) Burro!

ANTONIO. (*saltando.*) O que é que diz «so pinga óva»?

JUCA. Meus senhores, respeitemos o amphytrião.

MAJOR. (*erguendo-se*) Meus senhores! Ao distincto, ao luminoso, ao grande, ao enorme, ao extraordinario orador, que acaba de sentar-se, agradeço do mais intimo do estomago, o magnifico discurso. Hoje é dia de festa, meus carissimos irmãos, e si ficarem, por acaso, um pouco mais alegres, não será para admirar... sim, fiéis, não será para admirar! Encham, pois, os copos, e dêem um viva, mas um viva capaz de fazer todos os defuntos da freguezia levantarem-se nos seus buracos..

JUCA. (*á parte.*) Livra!

CAÔLHO. (*cumprimenta e bebe.*)

ROMUALDO. (*encolhendo-se.*) Ai! ai! Eu tenho medo, «sô manjor»!..

ANTONIO. (*cerrando os punhos.*) Pois que venha p'ra cá a defuntada da freguezia, e eu mostrarei p'ra quanto serve o «Antonio»!.. Que venha!

MAJOR. (*continuando.*) Sim, senhores, um viva capaz de fazer todos os defuntos da freguezia levantarem-se nos seus buracos ao futuro deputado o major Anacleto da Trindade!

JUCA. Viva! viva o futuro deputado!

TODOS. Viva! viva! (*Bebem.*)

CAÓLHO. *(que não acompanha o viva, cumprimenta e bebe.)*

ROMUALDO. *(que não acompanha o viva, nem bebe.: Ai ! ai ! Eu não bebo...*

MAJOR. Porque?

ROMUALDO. Tenho medo dos defuntos, «só manjor» !

ANTONICO. Maricas !

MAJOR. *(continuando)* Sendo amigos, e amigos sinceros, todos que aqui se acham presentes...

ROMUALDO. *(a olhar para Rosalina.)* Ai lai !

MAJOR. Peço ao senhor Romualdo que não me interrompa com os seus suspiros...

ROMUALDO. Estou mudo «qui nem» um peixe, «só manjor»... Ai lai !

MAJOR. *(continuando.)* Como ia dizendo, meus senhores: sendo amigos sinceros todos que aqui se acham presentes, a todos ergo uma saude e tomo a liberdade de pedir o voto !

PANTALEÃO *(mastigando.)* Muito bem !

MAJOR. *(continuando.)* Já fui vereador da camara, já fui inspector das escolas da freguezia...

PANTALEÃO. Bom tempo ! N'esse tempo eu não abria a escola por falta de alumnos, e no fim de mez recebia os cobres, como si tivesse ensinado a cincoenta rapazes. . . Bom tempo !..

MAJOR. *(seccamente.)* Acabou, Pantaleão ?

PANTALEÃO. Acabei, major, acabei.

MAJOR. *(continuando.)* Já fui juiz de paz, já fui subdelegado, já fui inspector de quarteirão, já fui jurado, já fiz parte da commissão encarregada dos concertos da igreja...

QUINCAS. *(espirrando.)* Atchi ! *(Limpa o nariz aos dedos.)* Obrigado, meu pove !

MAJOR. Já pedi ao senhor Romualdo que não me interrompesse com os seus suspiros: peço agora ao senhor Quincas que não me interrompa com os seus espirros

QUINCAS. Não espirre mais, «só manjor»... Atchi ! *(Limpa o nariz aos dedos.)* Obrigado !

MAJOR. *(continuando.)* O que mais me falta ser, meus senhores, desde que fui tudo aquillo ?

PANTALEÃO. *(com a bocca cheia.)* Presidente de provincia !

ANTONIO. Chefe de policia !

QUINCAS. Atchi !.. Vigario !

ROMUALDO. Ai ! ai !.. Bispo !

JUCA. Papa!

MAJOR. (*continuando.*) Sim, meus senhores, e deputado, e senador, e ministro! Mas quero principiar por deputado. Espero, pois, meus amigos, que não se compromettam, que me guardem os votos, e que não virem jaqueta, porque casaca é coisa que vocês não teem!

CAÔLHO. (*comprimenta e bebe.*)

PANTALEÃO. (*engasgado.*) A... a... apoiado!

MAJOR. (*continuando.*) Nas questões parlamentares, meus senhores, ninguém se atreverá a fazer-me frente. O que eu disser, é o que se hade fazer. Mudarei a capital para a nossa freguezia, mandarei fazer estradas de rodagem, vias-terreas, cidades, villas, freguezias, pontes, calçadas, ruas, praças... e até beccos sem sahida!. Sim, meus carissimos irmãos, eu... eu... eu... (*Grande barulho de vivas, choque de copos, hys e hurras.*)

SERAFIM. (*valendo-se do tumulto, quer segurar a mão de Rosalina.*) Oh! «cachopa»!

ROSALINA. (*dando-lhe um tabefe.*) Atrevido!

SERAFIM. (*levando as mãos ao rosto.*) Ai!

JUCA. Bravo!

ANTONIO. (*rindo.*) A paixão é o diabo, «Serafim»!

SERAFIM. (*furioso.*) «Sô»... «sô»... pisca-pisca!

ROMUALDO. Ai! ai! Que lindo tabefe, menino!

SERAFIM. (*furioso.*) «Sô»... «sô»... pinga óva!.. (*Baixo, a Rosalina.*) Vou-me embora... Mas heide vingar-me!.. (*Levanta se.*)

QUINCAS. Onde vais, oh! «Serafim»?

SERAFIM. Que lhe importa?..

ROMUALDO. Está bom... não «t'azangues», menino..

ANTONICO. (*á parte.*) Abençoada mão que te foi aos queixos! (*ponde o dedo pollegar no nariz e espalmando as mãos*) Fió! fió!

QUINCAS. (*o mesmo, ao mesmo tempo.*) Fió! fió!

ROMUALDO. (*o mesmo, ao mesmo tempo.*) Fió! fió!

SERAFIM. (*furioso.*) Vão a... a... vão p'ra o diabo que os carregue! (*Vai buscar o chapéo e sahe.*)

JUCA. (*á parte.*) Que succia!.. Onde estou eu mettido!

MAJOR. Mas o que foi isto, meus senhores?

PANTALEÃO. O Serafim tem a cabeça fraca, e talvez o vinho lhe fizesse maeaquinhos no sotão;

ROMUALDO. (*á parte.*) Ai! ai! Eu tambem já estou vendo

estrelinhas ! (*Baixo, a Antonio.* Oh ! Antonio, tu não estas vendo estrelinhas ?

ANTONIO. Cala-te, tolo !

SERAFIM. (*aparecendo á porta.*) Canalha ! Heide vingarme ! (*Desapparece.*)

MAJOR. (*levantando-se.*) Espera, cachorro !

PANTALEÃO. Contenha-se, major ! Oíhe que aquillo é um voto !

=CENA VI

Os mesmos, menos Serafim

MAJOR (*consultando o relógio.*) Meus amigos, já são horas de voltarmos para a igreja. Quero ser recebido á porta com foguetes e repiques de sinos... Uma ultima saude, e partamos. (*Todos enchem os copos e levantam-se.*) A' saude do senhor Pantaleão Peroba...

PANTALEÃO. (*gritando e escondendo dois pães nos bolsos*) Ferrebraz de Alexandria ! (*A' parte.*) Isto é para a cêa !

JUCA (*erguendo o copo e fingindo grande enthusiasmo.*) Hyp ! hyp !

TODOS. Hurrah ! (*Bebem.*)

CAÓLHO. (*que não acompanha o brinde, cumprimenta e bebe.*)

ROMUALDO. (*estalando a lingua.*) Ai ! ai ! Que linda bebedeira ! (*A Antonio.*) «Jesus» ! Não me apertes a barriga, Antonio !

PANTALEÃO. Silencio !

JUCA. (*á parte.*) Ainda ! Este Pantaleão não é um homem : é uma machina !

PANTALEÃO. Meus senhores ! Não posso deixar de, mais uma vez, engatilhar a palavra. Si nos remontarmos ao tempo das Cruzadas, ao antiquissimo conselho dos Dez, ao grande Xerxes, ao heroico Annibal, ao honradissimo Meneláo, ás mais sanguinolentas guerras dos pretos e dos brancos, á velha Grecia, á creação dos rabichos dos chins, á descoberta do Japão, á princeza Magalona, aos primeiros papas, ao João de Calais, ao José do Capote e até ao João Brandão, veremos que em todos os tempos e em todos os paizes foi sempre recebido com enthusiasmo o brinde !

JUCA. Sim, senhor. V. S. sabe mais historia... de que a mesma historia!

MAJOR. Lembre-se do que eu lhe disse:—é um barra!

PANTALEÃO. (*depois de cumprimentar.*) Assim, pois, meus senhores, não posso consentir que se ponha o ponto final no derradeiro periodo d'esta festa, divina e profana ao mesmo tempo, sem uma saude ao nosso illustre amigo o major Anacleto da Trindade!

Todos. Hyp! hyp! Hurrah! (*Bebem.*)

CAOLHO. (*que não acompanha o brinde, cumprimenta e bebe.*)

ROMUALDO. (*fazendo momices com a bocca.*) Ai! Quincas, que carraspana! que linda carraspana!

MAJOR. Meus senhores, voltemos para a igreja. Ficam todos convidados para virem logo á noite tomar mais alguma coisa.

ROMUALDO. (*isoladamente.*) Viva o «sô manjor»! (*Esvasia o copo*)

PANTALEÃO. Vamos, major. (*A' parte.*) Metti no bucho carga para tres dias, fora os dois pães que leve no bolso! (*Saheem todos menos Rosalina e Juca.*)

CAOLHO. (*sahe por ultimo, cumprimentando.*)

SCENA VII

Rosalina e Juca

ROSALINA. (*descendo*) Graças a Deus!

JUCA. (*descendo.*) O que?

ROSALINA. Esta gente incommodava-me...

JUCA. Porque?

ROSALINA. Amo-te tanto!

JUCA. (*cariciosamente.*) E eu então!.. (*Beija-lhe a mão.*)

SCENA VIII

Os mesmos e Serafim

SERAFIM. (*entrando a tempo de ver o beijo, pára sorprendido*) Que vejo!

ROSALINA. (*afastando-se.*) Ah !

JUCA. O que quer aqui ?

SERAFIM. O que quero ?.. Ora, essa !

ROSALINA. Senhores... (*Sobe, sorrindo, e vai para a janella.*)

JUCA. Raspe-se !

SERAFIM. Raspar-me ! Ora, essa ! (*Voltando-se para o lado onde está Rosalina.*) Por isso é que me dêste o «tapa-olho» ! (*Furioso.*) Mas heide vingar-me ! Deixa estar, sua «typa» !

JUCA. (*pondo-lhe a mão no hombro.*) Raspe-se, já disse !

SERAFIM. (*desviando-se.*) Sahe p'ra lá, pachola !.. Também hasde pagar ! (*Arregaçando as mangas.*) Pensas que tenho medo de ti, «sô» cara de boneco !

JUCA. Isto é de mais ! (*Segurando o por uma orelha*) Vamos ! Ponha-se ao fresco, já, já !

SERAFIM. (*saltando.*) Ai ! ai ! Largue-me ! Esta doendo muit !

JUCA. Socegue, sinão, arranco-lhe o abano ! (*Leva-o, seguro pela orelha, à porta da direita, e dá-lhe um ponta-pé no assento.—Serafim desaparece.—Rosalina desce, rindo.—Juca desce, rindo também.—Romualdo, dando enormes suspiros, atravessa a scena, da esquerda para a direita, correndo e com as mãos na barriga.—Fóra, repiques de sinos e estouros de foguetes.*)

FIM DO 2º ACTO



ACTO III

Os namorados

A mesma vista, preparada exactamente como no acto I.—E' noite.

SCENA I

Rosalina e Juca

JUCA. (*sentado na sofá, ao lado de Rosalina, como continuando uma conversão.*) E amas-me tanto assim?

ROSALINA. Sempre!

JUCA. Ah! si soubesses como o meu coração palpita quando estás perto de mim!..

ROSALINA. Juca!

JUCA. E como tu és bella!.. Oh! minha rosa peregrina, desabrochada, em plena primavera, na ignorada e solitaria devesa!.. E's bella, és bella como os anjos, e eu te amo com todo o fogo da mocidade, com todo o ardor dos vinte e cinco annos! Os teus olhos são duas estrellas resplandecentes que illuminam com os seus raios scintillantes o céu azul da minha existencia; os teus labios são duas rosas purpurinas que se abrem aos beijos da aurora, embalsamando o ambiente com os seus perfumes celestiaes; o teu sorriso prende-me, captiva-me, subjuga-me, mata-me; as longas tranças dos teus setinosos cabellos negros, são laços, são algêmas que me encadêam e fazem-me prostar a teus pés,—escravo humilde dos teus encantos de fada, da tua belleza olympica... Quando eu te contemplo, como agora, sinto incendiar-me o coração e a alma a chama ardente de um amor louco, enorme, infinito, e sinto fugi.

rem—como um bando de aves negras—as trevas dos meus pezares e das minhas tristezas... E tu és bella | és bella como as rosas e bella como os anjos!

ROSALINA. (*erguendo-se, muito commovida.*) Ah!

JUCA. (*á parte.*) Já era tempo de acabar: a provisão de ar estava esgotada!

ROSALINA. (*á parte.*) Tenho medo... (*Alto.*) Adeus!

JUCA. Então, deixas-me?

ROSALINA. Adeus! (*Ao chegar á porta, volta-se.*) Adeus! (*Sahe.*)

SCENA II

JUCA. O negocio não vai mal encaminhado... Si continuar assim, creio que ainda me demorarei por cá... A Rosalina merece este sacrificio por mais alguns dias... (*Pausa.*) A minha primeira idéa foi casar-me com ella... Já a amava, e julguei um momento que ella me amasse tambem... Mas depois que a conheci mais, depois que comprehendí as suas leviandades, as suas perfidias, o seu genio inconstante, procuro suffocar o meu arôr nascente, e olho para ella como para um passatempo, um brinco, um objecto de luxo, mas não como para uma mulher digna de ser amada... A loureira—como todas as loureiras—hade pagar por onde peccou:—quer a todos, mas ficará reduzida a um sò, e esse mesmo o peor de todos, si não morrer solteira... (*Pausa.*) Punge-me isto, porque, apezar de tudo, sinto que a amo!.. (*Pausa, como que afastando uma idéa incommoda.*) Emfim... Vamos dar um passeio e fumar um charuto... (*Sahe pela esquerda.*)

SCENA III

Serafim, Romualdo, Quincas, Antonio

SERAFIM. (*apparecendo á direita, olha para a scena e chama para fóra.*) Entrem, rapazes, entrem... mas não façam muito barulho... (*Entram Romualdo, Quincas e Antonio, cautelosamente.*)

ROMUALDO. (*dando um suspiro abafado e olhando para todos os lados.*) Ai! ai!

QUINCAS. (*dando um espirro suffocado e olhando para todos os lados.*) Atchi ! (*Limpa o nariz aos dedos.*)

SERAFIM. Ora, «escuitem»: como vocês bem sabem, hoje «haveu» e ha ainda grande festa aqui...

ANTONIO. (*arrogante.*) Sim, sim: sabemos.

SERAFIM. «Indagurinha», n'es-e maldicto jantar, que em má hora «alembrou-se» o «manjor» de dar, vocês viram «câ» Rosalina pespegou-me uma tapôna bem entre os olhos...

ROMUALDO. Ai! ai! Uma linda tapôna, menino!

QUINCAS. Olha que sabiste com uma cara!.. Atchi!

ANTONIO. (*arrogante.*) Ah! que si fosse em mim, tinha-a engulido sem achar uma espínha!

ROMUALDO. O que, menino?.. A Rosalina ou a tapôna?

ANTONIO. A Rosalina, está claro!

ROMUALDO. Ai! ai! Eu tambem não me engasgava...

SERAFIM. Agora querem vocês saber porque está tão espinhada a rapariga?

ANTONIO. (*arrogante.*) Ora! Porque é minha namorada, e tu fôste metter-te a engraçado na minha cara... Ella não gostou, e poz-te o nariz á banda!

QUINCAS. Olha o cutro! Tua namorada o quê tôlo!

ANTONIO. Minha namorada, sim! Pois «antão»!

QUINCAS. E minha!

ROMUALDO. Ai! ai! E minha tambem!

SERAFIM. Ouvem!.. Enganava a todos!.. E porque?.. Porque namora aquelle pisa-flores da cidade, aquelle diabo que...

ANTONIO. (*tragico.*) Será possível!.. Ah! si eu o pilhasse agora aqui, arrancava-lhe os bôtes pela bocca!

ROMUALDO. (*com voz chorosa.*) «Zesus»! E aquella ingrata que me deu uma coisa embrulhada n'um papel... uma coisa grande assim... (*Mostra o tamanho.*) Eu pensei que era um presente... desembrulhei e...

SERAFIM. O que era?

QUINCAS. Uma coisa grande assim, como o Romualdo diz... Um assobio de taquára!

ANTONIO. «Quá», assobio! Era uma banana de S. Thome!

ROMUALDO. (*choroso limpando os olhos com a mão.*) Não era nada d'isso, meninos... Era... era... uma boneca de pan-no!

TODOS. Uma boneca!

ROMUALDO. (*como acima*) Sim... E por causa d'isso, ainda quebrei uma das azas de anjo que fui pedir á Rita Barba-da, p'ra ficar mais bonitinho. .

ANTONIO. Pois tu andaste de azas ?

ROMUALDO. Vocês não viram ?. Fazia gosto ver !. «Ze-sus» !

QUINCAS. E quem foi que teve essa idéa ?

ROMUALDO. Foi ella... Ai ! ai !

ANTONIO. E's um «trouxa» !

SERAFIM. Pois «acraditem»: ella namora o pisa-flores, e ainda em «riba» faz pagode de nós, como fez com o Romualdo...

QUINCAS. (*torcendo o bigode.*) Talvez seja.

SERAFIM. Talvez seja, não ! E' certo. E como sei que vo-cês todos gostam da pequena, convide-os para um rôlo logo mais, quando a trouxa estiver ceando...

ROMUALDO. Pois sim, menino... mas aqui na casa do «sô manjer»...

QUINCAS. Eu estou prompto.

ANTONIO. Pois «antão» ! Na casa d'elle, que não é «mais melhora» do que a dos outros ! Pois «antão» !

QUINCAS. Ora, que duvida !

ANTONIO. Basto eu p'ra levar tudo a escação ! Vocês sabem que quando «m'azango» sou capaz de...

ROMUALDO. Ai ! ai ! Não és tão valente assim, menino... Já te esqueceste da sôva que o «Grigório» te deu o anno passa-do, no caminho da cidade ?

ANTONIO. (*sangado.*) E' mentira ! Ninguém viu !

ROMUALDO. «Antão», é certo, não é ?..

ANTONIO. Ora... era... cale-se ahi, «sô» pinga-ôva ! Toda a freguezia sabe que eu não sou de brincadeiras ! E si quer experimentar, venha !

ROMUALDO. (*encolhendo-se.*) Ai ! ai ! Não tens pena de sugar uma «criença» como eu, menino ?

ANTONIO. «Quá criença», nem «quá» diabo !.. Não és cri-ença p'ra ser bandalho !.. (*Arragucando as mangas.*) Vem ! Anda !

ROMUALDO. (*tremendo.*) Ai ! ai ! Eu não !

QUINCAS. Oh ! «Antonho», peço-te que não dês no coita-dinho. . . Poi elle fico eu...

ANTONIO. (*avançando para Romualdo.*) «Hâim» !

ROMUALDO. (*escondendo-se atrás de Quincas.*) Ai! ai!
«só» Quincas da minha alma! «Jesus»!

QUINCAS. Da-lhe agora, si és capaz!

ANTONIO. Oh! Quincas, não «m'azangues», não me chesgues a coisa ao nariz, porque eu faço o diabo!

QUINCAS. Da lh., si es capaz!

ANTONIO. (*descendo as mangas.*) Eu não lhe dou, porque és tu que pedes, sinão...

QUINCAS. Eu não te peço. Digo-te que não és capaz de dar-lhe... (*Chegando-lhe os punhos cerrados á cara.*) Porque si lhe desses...

ANTONIO. (*recuando.*) Está bom, Quincas, não «t'azangues»... E' a mesma coisa...

QUINCAS. Ah! já!.. Atehi! (*Limpa o nariz aos dedos.*)

SERAFIM. (*que durante a questão, tem andado espiando ds portas, desce.*) Com o barulho que fazem, admira como ainda não veio alguém... E' porque andam todos lá p'ra fóra... Deixem se d'isso... Todos vocês são valentes...

ANTONIO. (*arrogante.*) Pois «antão»!

QUINCAS. Que duvida!

ROMUALDO. (*á parte.*) «Nanja» eu... Ai! ai (*Entra na roda.*)

SERAFIM. Muito bem. Agora quero pedir lhes um favôr! Apertem as mãos e continuem a ser amigos.

ANTONIO. (*estendendo as mãos a Romualdo e Quincas.*) Ora! Nem por isso, deixo de continuar a ser temido por todos!

QUINCAS. (*apertando lhe a mão.*) Menos por mim.

ROMUALDO. (*apertando-lhe a mão, á parte.*) Que susto! «Jesus»!

ANTONIO. Sim, porque—dois bicudos não se beijam.—

ROMUALDO. Oh! Antonico, tu não me dás mais, não?

ANTONIO. Não dou, não; mas não ternes a fallar no Gregorio.

SERAFIM. Agora, que estão feitas as pazes, tractemos do nosso negocio. O Antonio entra pela cosinha...

ANTONIO. (*coçando a cabeça.*) Oh! «Serafim», não era melhor eu ficar de alcatéa no quintal?... (*Aos outros.*) Que dizem vocês, rapazes?..

QUINCAS. «A mode» que estás com medo...

ANTONIO. (*arrogante.*) Medo! Eu! Tu não me conheces!

QUINCAS Ora, si te conheço! Conheço-te até de sobra!
 SERAFIM. Basta, rapazes... Não comecem outra vez. Isto é muito feio... Como ia dizendo: o Antonio entra pela porta da cozinha, o Romualdo pela da sala, o Quincas pela da varanda, e eu por aquella janella. Esperem o signal, escondidos, e não se precipitem.

ANTONIO. Qual é o signal?

SERAFIM. O signal é este. (*Assobia tres vezes.*) Armem-se com bons cacêtes, e deixem o barco correr. Sobretudo, coragem e muita coragem. Estamos justos, não?

ANTONIO. Justinhos. (*Tragico.*) Ah! a «cachepa» namora a Juca!.. Pois veremos!

SERAFIM. Agora toca a safar.

QUINCAS Atchi! Vamos.

ROMUALDO. (*a parte.*) Eu metter-me no barulho... êxe!.. (*Sahem todos, menos Serafim.*)

SCENA IV

SERAFIM. Estou como uma braza!.. Heide mostrar pra quanto serve o «Serafim»!.. Terem a «laudacia» de me virem aos queixos e ás orelhas sem me pedirem licença!.. Namora-deira!.. E aquelle «ventas de cão d'agua da cidade»!.. E ainda em «riba» flautearem!.. Não sei mesmo o que me conteve, que não puz ao sol as tripas d'aquelle «alimal»!.. Mas deixa estar, meu pisa-flores, que não perdes com a demora... deixa estar... Heide pintar o frade!.. Si eu não te arrancar os bigodes pela raiz, não quero chamar-me «Serafim»!.. (*Pausa.*) E o pontapé que elle meu deu e que me fez vêr estrellas ao meio dia!.. Heide vingar-me!.. Pois «antão»!..

N. 9.

Heide mostrar que não tremo,
 que não me fazem tremer,
 heide fazer o diabo,
 heide matar ou morrer,
 hade sahir muita cinza,
 hão de ter muito que ver!

Hade em toda a freguezia
o sangue vivo correr,
o patife da cidade
hade ás minhas mãos morrer,
e de pão a Rosalina
heide, sem pena, moer'

Pois «antão» !.. Si não os esfaqueei, aos dois, ali mesmo, é... e... porque não tinha faea de ponta... Eu quero ver logo a cara d'elles, quando entrarmos aqui de pão na mão !.. Ah !.. pensam que se «escarniça» assim de um homem como eu ! Ah ! pensam que o «Sarafim» é algum banana, como o Remualdo, que morre de carêtas !.. Pois vão se «nanando» !.. Logo flearão sabendo quem eu sou !.. Pois «antão» !.. Mas estou aqui perdendo tempo, e ainda tenho de convidar mais uma duzia de rapazes p'ra coisa... (*Indo para a direita.*) Nada... Por aqui, não... Ahi vem o «manjer» com o mestre «Espantaleão» !.. (*Saque E., correndo.*)

SCENA V

Major e Pantaleão

MAJOR. (*senta-se, guardando as luvas no bolso das cul-cas.*) Uf !.. que amolação !

PANTALEÃO. (*senta-se, passando o lenço pelo rosto.*) Apesar do frio, estou suando como um cavallo !.. (*Levantando-se.*) E a gloria, major ! e a gloria !

MAJOR. Sim: si não fosse a gloria, não me mettia n'estas pasmaceiras do Espirito Santo... Felizmente, a minha festa vai dar que fallar.

PANTALEÃO. Parece-me já estar lendo nos jornaes da côrte:—«O illustre major Anacleto da Trindade, opulento lavrador, residente na muito leale heroica freguezia das «Tres Pessoas», da provincia de Santa Catharina, acaba de fazer uma festa do Espirito Santo, como ainda não se viu outra n'aquelle logar. Durante o magnifico banquete, o distincto e sabio cidadão Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria, brioso alferes da valente guarda nacional da localidade, cujos talentos oratorios são bastante conhecidos, não só no imperio, como no Japão e na mesma Africa, usou, por mais de uma vez, da palavra, pronunciando admiraveis discursos, que foram estrondosamente

applaudidos pelos illustres convidados—a flôr da sociedade da freguezia,—e que profundamente sentimos não poder reproduzirmos em nessas columnas. O sabio senhor Pantaleão. »

MAJOR. E eu, Pantaleão ? E eu ?..

PANTALEÃO. Espere, major, espere, que a sua vez hade chegar ! Que pressa ! (*Continuando.*) «O sabio senhor Pantaleão Pereba Ferrebaz...»

MAJOR. De Alexandria, já sei.

PANTALEÃO. (*continuando.*) «...de Alexandria e um d'esses talentos privilegiados, que sô de seculo a seculo apparecem em um paiz. No seculo XIX, vulgo,—seculo das luzes,—foi o Brasil que teve a dita a: apresentar um d'esses genios sublimes. Pantaleão Peroba...»

MAJOR. Ferrabaz de Alexandria, já sei.

PANTALEÃO. (*continuando.*) «...Ferrabaz de Alexandria é uma figura sympathica...»

MAJOR. (*comsigo.*) Está frêscia a figura !

PANTALEÃO. (*continuando*) «...é um joven de cincoenta annos...»

MAJOR. (*comsigo, coçando a barba.*) Fôra os que mamou...

PANTALEÃO. (*continuando e enthusiasmando-se gradualmente.*) «...fronte espaçosa, nariz assim-assim, rosto tal e tal... olhar de aguiá, olhar capaz de incendiar uma cidade, de reduzir a cinzas uma nação, de transformar em pó a humanidade inteira... «Memento homo quia pulvis est !..»

MAJOR. (*erguendo-se*) Oh !.. oh ! Pantaleão, você está maluco... (*A' parte,* Ora não esteja o meu virho lhe subindo agora á cabeça... (*Alto.*) E eu, Pantaleão ?.. E eu ?..

PANTALEÃO. Agora (*Continuando.*) «O major Anacleto...»

MAJOR. Ora, graças a Deus ! (*Senta-se*)

PANTALEÃO. (*continuando.*) «O major Anacleto é um typo ..»

MAJOR. (*erguendo-se.*) Um typo, não ! veja lá como falla !.. Um typo !.. Ora esta !..

PANTALEÃO. Espere, major, espere... Irra ! que pressa ! Roma não se fez n'um dia...

MAJOR. Alto lá ! D'esse ponto de historia estou bem a par. Roma fez-se de noite. (*A' parte, sentando-se.*) Dei-lhe um quináo !

PANTALEÃO (*continuando.*) «O major Anacleto é um typo acrobático, etiópico, barbifero, capricórneo, obstétrico e também sympáthico...»

MAJOR. (*rindo e esfregando as mãos.*) Hê ! hê ! hê !.. Sim, senhor: vá por ahí, que vai bem... (*Dando um pulo e olhando para as mãos.*) Oh ! diabo ! Si eu ainda estivesse de luvas ! Felizmente, já as puz a bom recado. (*Sentando-se.*) Adiante, Pantaleão, adiante.

PANTALEÃO. Si o major continúa a interromper-me, perce a ponta do discurso, e depois não a encontro mais, nem á mão de Deus Padre...

MAJOR. Não o interrompo mais; deseança.

PANTALEÃO. Então, lá vai obra. (*Continuando.*) «O major Anacleto também fez um discurso bombástico e sabiamente estapafurdico, pedindo os votos de seus comparochianos, porque pretende apresentar-se candidato á deputação geral nas próximas eleições...»

MAJOR. E diga-me cá, Pantaleão: haverá probabilidades de eu sahir deputado ?

PANTALEÃO. Innumeradas, major, innumeradas. Força de vontade, amor ao progresso, talento, illustração, verbosidade «et coetera e tal»... são os seus mais insignificantes predicados... Descance. Antes do major lembrar-se de ser deputado, eu já me tinha lembrado de apresental-o... E como não costume deixar que me apanhem em falso, tractei logo de tomar as minhas medidas... Descance... A sua eleição, major, é a salvação da patria e da freguezia...

MAJOR. (*rindo.*) Hê ! hê ! hê !.. Devéras, Pantaleão ?

PANTALEÃO. Devéras, major, devéras. Depois, tem todo o direito a uma cadeira na representação nacional. Fique convencido, major: só a sua estampa dá para fazer barulho na oôrtra ! (*Com enthusiasmo.*) E quando o major disparar a palavra !..

MAJOR. Devemos tractar de mandar imprimir circulares Pantaleão.

PANTALEÃO. Nada. Ha outro systema mais moderno: — um systema que só lembraria ao diabo ou aos francezes; um systema que, como novo systema, faz com que o antigo systema de circulares seja um systema que já deixou de ser systema; é um systema, que o mesmo systema-metrico, collocado a par de

meu systema, não pode, com justiça, ser classificado de systema...

MAJOR. (*impacientissimo.*) Mas, finalmente, Pantaleão, que diabo de systema é esse systema ?..

PANTALEÃO. (*pausadamente.*) É o systema. . . de cartões de visita. (*)

MAJOR. Cartões de visita ! Hom'essa !

PANTALEÃO. Sim, cartões de visita, major, cartões de visita. É moda no Japão, na China, no Egypto, não sei onde... mas é moda. Mande imprimir cartões de visita com o seguinte:

«Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional.»—

MAJOR. Só ?

PANTALEÃO. Só. Quando mais não seja, ha economia de palavras, e, sobretudo, economia de papel.

MAJOR. Homem, não sei... Mas você podia fazer o rascunho da circular...

PANTALEÃO. Siga o meu conselho major...

MAJ B. Garantir que é bom ?

PANTALEÃO. Garantir, não garanto; mas como é moda, é muito possível que produza effeito. Depois, é preciso encararmos as coisas pelo lado economico, major...

MAJOR. Lá isso, por certo.

PANTALEÃO. Ora, o major em cada cinco circulares gasta um caderno de papel, não é verdade ?

MAJOR. (*contando pelos dedos.*) Uma... duas... tres... quatro... cinco... É exacto.

PANTALEÃO. No entretanto, seguindo o meu conselho, com cinco folhas de papelão pode obter cem cartões de visita, pelo menos.

MAJOR. Pois está dito: vou mandar imprimir cartões de visita... Como é o rótulo, Pantaleão ?

PANTALEÃO. Rótulo, não, major; rótulo é de garrafa... Epitaphio, é epitaphic.

MAJOR. Como è ?

PANTALEÃO. «Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional.»

MAJOR. (*decorando.*) «Para deputado geral—Anacleto da

(*) Houve já, em Santa Catharina, um pretendente a deputação geral que apresentou-se candidato por meio de cartões de visita. Não era catharinense. Foi derrotado.

Trindade—major da guarda nacional.—(Outro tom.) Ah! Pantaleão! Pantaleão!.. Si eu chego a pilhar uma cadeira na camara dos deputados, heide fazer coisas do arco da velha, heide pintar o Simão!.. Precisamos de um bandão de reformas, de melhoramentos... do diabo!

PANTALEÃO. Por certo, major, por certo..

MAJOR. Olhe: uma das coisas mais importantes que heide tractar de reformar é o sino da nossa igreja. Aquillo é uma vergonha, Pantaleão, é uma vergonha! Pois onde é que se vio um sino sem beijos e com o badalo pela metade!

PANTALEÃO. (convicto.) Exactissimo, major: é uma vergonha!

MAJOR. Pois ahi está: ou mande-se fazer um sino novo, ou então pôr beijos e badalo no velho...

PANTALEÃO. Sim: das duas—tres.

MAJOR. Já reclamei uma vez do presidente da provincia energicas providencias a respeito d'esta magna questão do sino...

PANTALEÃO. Eu não sabia d'isso.

MAJOR. Cheguei até a dizer no meu officio que uma igreja servida com similhante sino, è o mesmo que uma taverna que sò tem panellas e pichôrras de barro!

PANTALEÃO. (com enthusiasmo.) Oh! mas a comparação foi esplendida! Eu não acharia uma phrase mais luminosa! Panellas e pichôrras de barro!.. Mas é magnifico!..

MAJOR. A minha linguagem franca, decidida e á altura do palpitante assumpto, devia ter calado no animo de outros homens, que não os da nossa epocha, produzindo logo a vinda de um sino novo...

PANTALEÃO. Nem podia deixar de ser assim... Panellas e pichôrras de barro! E' maravilhoso!

MAJOR. Mas, não, senhor... Riram-se da minha reclamação e não lhe ligaram a menor importancia... Consta-me até que o presidente deu o meu officio ao filho para fazer uma pandorga!

PANTALEÃO. E' inacreditavel! Pois uma reclamação com figuras de panellas e pichôrras de barro!.. São todos uns ignorantes, major... Desde que um homem eleva a linguagem e a salpica de figuras como aquellas... adeusinho! Não entendem mais patavina!

MAJOR. Quiz ir para a imprensa e pôr-lhes a calva á mostra; mas reflecti que isso seria descer da minha alta dignida-

de de official da guarda nacional, e absteve-me de travar polemica com elles. . Mas, si conseguir a minha eleição, o meu primeiro cuidado é apresentar um projecto n'esse sentido. Faço questão d'isso: quero um sino novo, e heide tel-o!

PANTALEÃO. Apoiado, major! apoiadissimo!.. (*Comsigo.*) Um officio com figuras de parellas e pichôrras de barro! . Mas é esplendido!

MAJOR. Ah! meu amigo Pantaleão Perobz. .

PANTALEÃO. Ferrabraz de Alexandria.

MAJOR. Ferrabraz de Alexandria, você hade ver o papelão que eu vou fazer na alta politica! Eu lhe mandarei os jornaes que se occuparem de mim; deixe estar.

PANTALEÃO. Desde já agradeço. (*Comsigo.*) Fazerem pândorga de um officio com figuras de parellas e pichôrras de barro!.. E' um desafôro!

SCENA VI

Os mesmos e Rosalina

ROSALINA. Já voltou, papai?

MAJOR. Já, pequena, já.

ROSALINA. E os outros, onde estão?

MAJOR. Os outros não tardam. (*Conversam, de um lado da scena, enquanto, do outro lado, Pantaleão falla.*)

PANTALEÃO. (*á parte, olhando para Rosalina.*) Na verdade, a rapariga é linda... Si ella quizesse, eu fazia uma «rebentôna»: peçia-a em casamento. Ha um bandão de tempo que ando doidinho para casar-me, mas sempre que chega a occasião de pedir a pequena, fico tão nervoso, que não abro o bico... (*Allo!*) Então, menina Rosalina, ainda não pensou em casar-se?

ROSALINA. Não. Porque?

PANTALEÃO. (*á parte.*) Isto não pode continuar assim! Decididamente, não quero morrer solteiro!

ROSALINA. Porque, senhor Pantaleão?

PANTALEÃO. Porque... porque é somente no que pensam as moças... E eu sei quem é que dá um cavaquinho pela menina...

ROSALINA. (*sorrindo.*) Sim? Quem é?

PANTALEÃO. Um rapaz elegante, instruido e delicado...

ROSALINA. (*a parte.*) E' o Juca.

PANTALEÃO. E' verdade que já não é muito, muito novo... Mas a menina tem bastante juizo para occupar-se com essas ninharias de idade...

ROSALINA. (*á parte.*) Não é o Juca. Quem será? (*Alto.*) E quem é elle?

PANTALEÃO. (*acanhado.*) Não sei si deva dizer ..

ROSALINA. Ora, diga...

MAJOR. Vamos, Pantaleão: dê de uma vez á luz esse rapaz. Si nos convier, muito bem; si não nos convier, mandamol-o plantar batatas, e está tudo acabado.

PANTALEÃO. (*á parte.*) E' preciso agarrar a occasião pelos cabellos! ; *Tira o lenço, tosses, assôa-se forte, e diz, emperdigando-se.*) Illustre major, tenho a honra de pedir em casamento a mão de sua filha, a illustre menina Rosalina.

ROSALINA. (*ironicamente.*) O rapaz é o senhor?

PANTALEÃO. (*muito comprometido*) Sou eu, menina. Pensei que já tivesse adivinhado, desde que eu disse— «um rapaz elegante, instruido e delicado.»—

ROSALINA. Pois justamente por isso é que eu nunca poderia adivinhar! (*Dando uma risada.*) O senhor!..

PANTALEÃO. (*como acima!*) Eu, menina... eu...

MAJOR. (*severo.*) Menina! (*A Pantaleão.*) Meu amigo, por mim, aceito de braços abertos o seu pedido.

PANTALEÃO. (*contente.*) Aceita, major! aceita!

MAJOR. (*á parte.*) Elle vai cabalar por mim! (*Alto.*) Aceito. E note que não lhe deu nenhuma espiga. Isto é uma rapariga de truz: bonita, como vê, e instruida como um doutor... instruido, já está sabido. Si a tive dois annos em um collegio da cidade! Gastei com ella um bandão de dinheiro, mas sahio-me mesmo x. p. t. o. London!

PANTALEÃO. (*muito contente, batendo palmas.*) Aceita, major! aceita! ; *Vai abraçar o major, mas escorrega e agarra-lhe as abas da casaca.*)

ROSALINA. (*desatando a rir.*) Bonito!

MAJOR. (*afastando-se.*) Oh! homem de Deus!.. tome cuidado! D'esta maneira, põe-me «pitôco»

PANTALEÃO. (*encalistradissimo.*) Desculpe, major... mas o entusiasmo... enthusiasmei-me

MAJOR. Pois sim... mas não é a minha casaca que hade pagar o pato!

ROSALINA. Eu não aceito.

PANTALEÃO. Oh! menina, não sabe o que perde... Aceite, MAJOR. Fazes mal, rapariga. E' um casamento conveniente por todos os lados.

ROSALINA. Mas elle e velho, papai...

PANTALEÃO. (*recuando.*) Velho!.. Oh! menina!.. Si tenho apenas trinta e cinco annos... incompletos!

MAJOR. Velho! velho! E eu o que sou?.. E por eu ser velho, deixo de ser teu pai e deixas de querer-me bem?.. Responde agora!

PANTALEÃO. Trinta e cinco annos incompletos, menina!

ROSALINA. Mas eu não o amo, papai!

MAJOR. Não o amas! E o que tem isso?.. Sabes tu o que é o amor?.. Isto de amor é uma tolice, uma patranha... O amor...

PANTALEÃO. (*sentencioso.*) O amor foi a causa da guerra de Troya. N'esse tempo o amor era uma mulher, e chamava-se Helena...

MAJOR. Estás ouvindo?

PANTALEÃO. (*sentencioso*) Depois, com o correr dos seculos, Jupiter, não podendo mais supportar as diabruras de Helena, e vendo-se continuamente sitiado de queixas, que de toda parte mandavam-lhe contra ella, resolveu transformal-a n um rapaz. Mas foi chover no molhado, foi piora emenda do que o soneto. Continuou da mesma fórma. Levou Luiz XVI, imperador da China, ao cadafalso; cortou a cabeça a Maria Antonietta, mulher de Confucio e rainha do Egypto; desterrou o sabio inglez Victor Hugo; levou aos sertões da Africa o illustre francez Stanley; matou de fome o José do Telhado, senador romano, e fez Julio Cezar, rei de Portugal, rebentar uma noite com uma indigestão de camarões... ou de sardinhas, não estou bem lembrado..

ROSALINA. (*á parte.*) Quanta asneira!

MAJOR. Estás ouvindo?.. Dou-te tres dias para reflectir.

PANTALEÃO. Reflecta, menina, reflecta, e depois nos dará a decisão final.

ROSALINA. (*sorrindo*) Está bem: já que assim querem, reflectirei.

PANTALEÃO. (*apertando a mão ao major.*) Obrigado, major! obrigado!

MAJOR. Não ha de que, Pantaleão, meu futuro genro!

SCENA VII

Os mesmos e Juca

JUCA. Boa noite, meus senhores.

MAJOR. Ora, viva o cidadão.

PANTALEÃO. Boa noite. *(Trava, á bocca da scena, animado dialogo com o major, suvindo-se, de quando em vez, um ou o outro, proferir as palavras—eleição, deputado geral, senado, ministerio etc.)*

JUCA. *(a Rosalina que está pensativa.)* Em que pensas?

ROSALINA. Em ti... Sabes que o papai quer casar-me?

JUCA. *(estremecendo.)* Com quem?

ROSALINA. Com o Pantaleão.

JUCA. *(sorrindo.)* Pois elle!.. Isso é brincadeira!

ROSALINA. E' serio. Fez agora mesmo o seu pedido.

JUCA. *(á parte.)* Namoraria ella tambem o Pantaleão, sem que eu soubesse? *(Alto.)* E o que pretendes fazer?

ROSALINA. Tenho tres dias para reflectir...

JUCA. E n'esses tres dias...

ROSALINA. O mundo dá tantas voltas... *(Commovida, vai á janella.)*

JUCA. *(á parte acompanhando-a com a vista.)* Vou submettel-a a uma prova rude. Si vencer, não hesito, caso-me, porque, apesar de tudo, gosto d'ella.. Si fôr vencida, não abusarei, mas procurarei esquecel-a...

MAJOR. Pantaleão, quer toniar alguma coisa?

PANTALEÃO. Aceito, major.

MAJOR. Então, vamos a isso. *(Comsigo)*—«Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional.»—*(Subindo com Pantaleão.)* O Pantaleão, amanhã tem de ir á cidade encommendar os cartões, entende?. Mas veja si arranja a coisa baratinha... Olhe que não os pago a mais de dois vintens cada um... *(Sahem.)*

SCENA VIII

Rosalina e Juca

JUCA. E então?

ROSALINA. *(descendo.)* O que?

JUCA. (*fictando-a.*) Porque não casas com elle ?

ROSALINA. (*sorprehendida.*) Eu ?

JUCA. E' um bom partido.

ROSALINA. (*offendida.*) E es tu que me dizes isso, Juca ?

JUCA. Porque não ?

ROSALINA. Não me amas então ?

JUCA. Amo, e é por isso que te deixo em plena liberdade para escolheres marido.

ROSALINA. (*cada vez mais admirada, fictando-o* ; Como ?

JUCA. (*tomando-lhe as mãos.*) Ha tanta paixão no amor que se envolve no mysterio... que treme aos murmurios da noite... que palpita de receio ao cair das folhas... que estremece ao menor rumôr... que procura a sombra... que se occulta a todos os olhos..

ROSALINA. Juca !

JUCA. Aborrece-te a vista continua d'estas montanhas ?.. achas monotonno este viver isolado da sociedade ?.. vives triste n esta solidão que te cerca ?.. Vamos para a cidade... Lá, tu serás feliz... Como fio de agua crystalina sobre arêas de prata, os teus dias se deslisarão; a tristeza será para ti desconhecida, e o sorriso de ouro do santo jubilo brincarà eternamente nos teus labios... Em cada novo dia terás um prazer novo... e o meu amor será teu... teu só.

ROSALINA. Mas como ?.. Eu serei tua mulher ?..

JUCA. Para que ?..

ROSALINA. (*recuando*) Ah ! comprehendo tudo agora !.. (*Pausa, chorando*) O seu amor era uma mentira !.. O senhor queria seduzir-me... queria perder-me !.. (*Alto, limpando as lagrimas.*) Está enganado, senhor ! Eu serei uma mulher inconstante, voluvel, caprichosa, mas nunca uma louca ! O senhor julgou facil a conquista, suppoz que bastavam duas palavras bonitas para deslumbrar-me... mas illudio-se... ou eu o illudi... Agora, que teve a fraqueza ou a miseravel covardia de revelar as suas intenções a meu respeito, peço lhe que saia !

JUCA. Rosalina !

ROSALINA. Saia ! O que tem mais a fazer aqui ?.. O senhor é um miseravel, e eu desprezo-o. Si a minha volubilidade de nunca permittio que eu o amasse verdadeiramente, senti sempre pelo senhor uma profunda sympathia, sentia um prazer intimo em vel-o, em tel-o ao pé de mim, em fallar-lhe, porque

o julgava um homem de bem... Mas hoje, essa sympathia que eu lhe votava transformou-se em odio...

JUCA. Rosalina!

ROSALINA. A sua presença causa-me tédio.. Saia, senhor! (*Sobe, soluçando.*)

JUCA. (*á parte.*) Está feita a prova. Ella venceu: vencerá sempre. (*Alto.*) Rosalina!

ROSALINA. Nem mais uma palavra!

JUCA. Um momento sò, e eu deixarei para sempre esta casa. (*Indo a ella e tomando-lhe as mãos.*) Amo-te!

ROSALINA. (*retirando as mãos, resoluta.*) E' inutil. Não me illude mais!

JUCA. Esquece o que eu te disse. Não foi mais do que uma prova de que sahiste victoriosa.

ROSALINA. Uma prova!

JUCA. Aperta a minha mão, Rosalina. Não tenhas receio, porque apertas a mão de um homem de bem.

ROSALINA. (*estendendo a mão, receiosa.*) Mas...

JUCA. (*tomando-lhe a mão, com carinho.*) Queres ser minha mulher, Rosalina?

ROSALINA. (*sorrindo.*) Oh! seria a felicidade!

JUCA. E sabes quem te dá essa felicidade?

ROSALINA. Tu, está claro.

JUCA. Não. Foi a tua intelligencia esclarecida, foi o livro. Que mulher, com o espirito acanhado, ignorante, não se deixaria arrastar pelas minhas palavras—seintillantes como perolas, suaves como um perfume embriagadôr, e que suspiravam doces e meigas como as notas harmoniosas de uma canção de melancolicas saudades?... O livro, minha querida, essa barreira de ouro que se antepõe a todas as ambições illicitas, a todos os desejos criminosos, a todas as miserias, a todas as infamias,—é um sorriso de Deus, derramando, em torrentes de luz, sobre a terra, o sentimento do brio, o amor casto, a dignidade santa, a virtude, finalmente... Não sou eu que te dou a felicidade, meu amor; é o que aprendeste: é o livro, que te ensinou a comprehender as maldades do mundo e a fugir das suas seducções...

ROSALINA. (*sorrindo.*) Mas... e o Pantaleão?

JUCA. Hasde dar-lhe o—sim,—e procedes para com elle, como si nada houvesse entre nós.

ROSALINA. Como?

JUCA. E' uma pilhéria. Promettes?

ROSALINA. Prometto. Mas tenho pena d'elle .

JUCA. Ora ! O Pantaleão hade ainda ficar agradecido, porque se convencerá de que não ha nada mais ridiculo do que um velho gaiteiro ..

ROSALINA. Juca !.. Sinto que te amo !..

JUCA. (*contemplando-a.*) E eu !.. Confio-te, sem tenôr, e meu nome, porque sei que o zelarás como um deposito sagrado !.. (*Rumôr de passos, fóra.*)

ROSALINA. Ah ! *Vai sentar-se no sofá.*)

JUCA. (*olhando para o fundo e indo para junto de um dos aparadores.*) E' o Serafim. }

SCENA IX

Os mesmos, major e Serafim

MAJOR. Menina, safe-se para dentro. E si o «sô» Juca fizer o mesmo, será favor. Preciso fallar em particular com este senhor.

ROSALINA. (*erguendo-se.*) Mas papai...

MAJOR. Falle eu, ou chia um carro !

SERAFIM. (*à parte.*) Si o velho não quizer dar-me a rapariga, então... o cacête hade fazer o diabo logo mais !

MAJOR. (*a Rosalina.*) Então ?

ROSALINA. Já vou, papai, já vou. Vamos, senhor Juca ?
(*A Serafim, sorrindo.*) Adeus, senhor Serafim. Seja feliz !..
(*Salta com Juca.*)

SCENA X

Major e Serafim

MAJOR. (*sentando-se.*) Diga o que quer, mas seja breve. Os convidades não tardam, e eu ainda não calcei as luvas.

SERAFIM. (*mordenão a aba do chapéo.*) Pois, «sô manjor»... vim «precural-o» n'esta occasião.

MAJOR. Sente-se.

SERAFIM. Estou bem, «sô manjor» ..

MAJOR. (*contrariado.*) Sente se, já disse.

SERAFIM. (*contrariado.*) Estou bem, «sô manjor».

MAJOR Peior ! Sente se, si quer dar o seu recado !

SERAFIM. (*à parte.*) Mão ! mão ! (*Senta-se.*)

MAJOR. (*consigo.*) «Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional.»—(*Alto.*) Vamos, avie se !

SERAFIM. Pois, «sô manjor».. eu... a menina Rosalina ..

MAJOR. (*erguendo-se, arrogante.*) E o que tem você com a menina Rosalina ?

SERAFIM. (*erguendo-se*) Gosto d'ella, e...

MAJOR. O que è que diz ?

SERAFIM. Sim... e vinha ver si o «sô manjor» me dava ella para...

MAJOR. Para que ?

SERAFIM. Para bom fim... sim... para...

MAJOR. (*contendo-se a custo.*) «Sô» Serafim, a menina Rosalina não é mel para os seus beiços, ouviu ?

SERAFIM. (*contendo-se a custo.*) Mas, «sô manjor»... lhe que si eu a peço... não é para qualquer coisa... é para bom fim, como já disse...

MAJOR. Vie per onde entrou, «sô» Serafim ?

SERAFIM. Si não sou cego ! (*À parte.*) Já estou ficando como uma braza !

MAJOR. (*perdendo a calma.*) Pois saia immediatamente, si não quer que lhe sacuda as pulgas ! E esta !.. O que é o senhor para vir pedir em casamento a menina Rosalina da Trindade, filha unica do major Anacleto «duas aspinhas», futuro deputado geral, senador, ministro e...

SERAFIM. (*fazendo um gesto de capoeira e gritando.*) Está muito baixo !

MAJOR. Heim ! Estou baixo ! Mariola ! Cachorro ! Dou-lhe com uma cadeira !..

SERAFIM. E eu passo-lhe d aqui uma rasteira ! (*Faz o gesto.*)

MAJOR. Saia, senhor !

SERAFIM. (*sentando-se e cruzando a perna.*) Não saio !

MAJOR. Saia, saia immediatamente, ou chamo gente ! Não me faça perder a cabeça !

SERAFIM. Chame o diabo que o carregue !

MAJOR. (*avançando um passo.*) Patife !

SERAFIM. Soldadinho de chumbo ! cara de todos os bichos ! (*Cruza a outra perna.*)

MAJOR. (*fóra de si, segurando uma cadeira.*) Eu mato este diabo !

SERAFIM. (*levantando-se, com gestos de capoeira.*) Pois pula p'ra cá, anda !.. Não queres «cá cachopa» case commigo, não é ?.. Pois eu te mostrarei «de quantos páos se faz uma canôa,» meu «manjor» das duzias !

MAJOR. Saia, senhor ! Ponha-se na rua !

SERAFIM. Saio porque quero; sinão... «exê !.. «havera-sahir ! Passe muito bem, Hade ter noticias minhas...

MAJOR. Ameça me !

SERAFIM. Quebro-te a cara ! (*Mostru dois sóccos.*)

MAJOR. Mariola ! bigorriha !

SERAFIM. «Hâim» : Repita, si é capaz, «sô» tucano !

MAJOR. Repito, sim repito !

SERAFIM. Macaco d'Angola ! macaco d'angola ! macaco d'Angola !.. (*Sahe.*)

MAJOR. (*descendo.*) Si este diabo voltasse, torcia-lhe o pescoço !

SERAFIM. (*apparecendo á porta, a fazer gestos de capoeira.*) Macaco d'angola ! macaco d'Angola !.. «Exe» !

MAJOR. (*correndo á porta*) Oh ! maldicto !

SERAFIM. «Exe» ! (*Desapparece* !

MAJOR. (*descendo*) Está visto: quer obrigar-me a commetter um crime !.. Cachorro !..

SERAFIM. (*apparecendo, com os mesmos gestos.*) Macaco d'Angola ! Macaco d'Angola !

MAJOR. (*correndo a elle, com uma cadeira.*) E' agora, tractante ! Mato-te, agora mato-te !

SERAFIM. «Exe» ! (*Desapparece.*)

SCENA XI

MAJOR. (*passando, agitado.*) Macaco d'Angola !.. E esta ! Patife ! Atrevido ! A filha do major Anacleto da Trindade !.. Audacioso ! Sem vergonha !.. Não sei o que me corteve, que não lhe abri a cabeça de meio a meio ! Si não fôsse comprometter a minha candidatura, tinha-o feito, olá, si tinha ! Mas descança, que não as perdes... Quando eu for ministro da guerra, o meu primeiro cuidado é trancar-te o «covado e meio» nas costas !.. Para lá vamos, para lá vamos... Enquanto não pensei em ser deputado, estive mais longe de ser ministro...

Atrevido! Heide ensinal-o!.. E ainda em cima ameaçar-me, a mim, um major, um veterano da invicta guarda nacional!.. Vou pedir ao subdelegado para mandar lavrar uma ordem de prisão contra aquelle... aquelle... (*Outro tom.*)— «Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional».—(*Outro tom.*) Parece-me já estar lendo nos annaes da camara:— «Leço a palavra, senhor presidente.»—(*Outro tom.*)—«Tem a palavra o senhor deputado Anacleto da Trindade.»—(*Sobe a uma cadeira, tosse, passa o lenço pela frente e principia em tom oratorio.*) «Senhor presidente, sendo esta a primeira vez que tenho a honra de entrar n'esta casa e de occupar a tribuna d'esta cadeira...»—(*Outro tom.*) A Rosalina! casar com aquelle animal!.. Nunca! (*Outro tom, continuando o discurso.*) «Com grande acanhamento, senhor presidente, animo-me a fallar diante de tão illustres capacidades... Mas a força das circumstancias, senhor presidente...»—(*Outro tom.*) Chamar-me soldadinho de chumbo e cara de todos os bichos! Hade ser preso... Pois então!.. (*Continuando o discurso.*)—«A força das circumstancias, senhor presidente, é que me obriga a occupar a attenção da casa por alguns momentos... Pretendo fallar do importantissimo assumpto da creação de um chiqueiro para recolhimento dos porcos desvalidos que andam á solta nas estradas da freguezia, que aqui, com tanto tino e sabedoria represento... Eu, senhor presidente, sou um porco... quero dizer, sou um cidadão...» (*Romualdo entra e pára a olhar para o major, sem que este o veja.*)

=CENA XII

Major e Romualdo

ROMUALDO (*à parte, olhando pasmo para o major.*) «Hué!»

MAJOR. (*sem ver Romualdo, mudando a voz.*) Apoiado! muito bem!

ROMUALDO. (*à parte.*) «Hué!»

MAJOR. (*continuando o discurso.*) «Sou um cidadão que não tenho porcos, nem porcas, senhor presidente. Por isso, não posso tolerar que os porcos dos meus vizinhos andem pelas estradas fazendo porcarias que a decencia manda que eu

cale .. Só a presença d'aquelles bichos, senhor presidente, é quanto basta para constituir uma grave offensa á moralidade publica...—*(Mudando a voz.)* Bravo ! muito bem ! magnifico ! *(Continuando o discurso.)* «Peço á casa que me disculpe tanta percaria e que tome na devida attenção a emenda que vou apresentar ao orçamento da fazenda» ..

ROMUALDO. Ai ! ai ! O «sô manjor» virou padre ?

MAJOR. *(saltando da cadeira)* O que quer aqui ?

ROMUALDO. *(vergonhoso.)* Eu ... eu vinha ver si o «sô manjor» me dava a menina Rosalina ...

MAJOR. *(segurando o pelas orelhas.)* Grandissimo !

ROMUALDO. *(saltando.)* Ai ! ai ! «sô manjor»... Está doendo muito !.. «Jesus» !

MAJOR. *(deixando-o.)* E ponha-se ao fresco, enquanto não lhe arranco es abanos :

ROMUALDO. *(chorando)* Ai ! ai ! Mas, «sô manjor» ..

MAJOR. Ainda !.. *(Vai a elle.)*

ROMUALDO. *(encolhendo-se.)* «Jesus» !.. *(Sai a correr.)*

MAJOR. Estouro, estouro por feição ! Mas hão de pagar me ! Quando eu fôr ministro da guerra ..

SCENA XIII

Major e Rosalina

ROSALINA. Papai, o senhor Pantaleão chama-o.

MAJOR. Já vou. Dize-me cá: já te resolveste ?

ROSALINA. *(sorrindo.)* Ainda não.

MAJOR. Vê lá o que fazes. Olha que este Pantaleão é um partidão.. Si elle quizesse casar commigo... quero dizer, si eu fosse moça e elle quizesse casar commigo, agarrava-o com unhas e dentes.. E' um partidão.

ROSALINA. Pois sim... Heide pensar n'isso papai.

MAJOR. Creio que tens bastante juizo para recusar um partidão d'aquelles.

ROSALINA. Heide arranjar tudo de modo que o satisfaça, sim ?..

MAJOR. E depois, bem sabes: o Pantaleão está ali, está aposentado, o que é uma pechinca.

ROSALINA. *(intencional.)* Então o papai quer dar-me para marido um homem... aposentado ?

MAJOR. Vê lá. (*Sahndo.*) «Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional»...

SCENA IV

ROSALINA. Casar-me com elle, amando o Juca ?.. Sim, porque eu sinto que o amo !.. (*Kindo.*) Logo heide fazer-lhe as contas... Depois do papai annunciar o meu casamento, depois do Pantaleão babar-se todo de alegria, sei o que tenho de fazer.. Estou mais alegre do que um passarinho !.. Si vou casar me com elle, com o meu Juca ! O Pantaleao é um tôlo !..

N 10. Quero casar-me,
mas por amôr,
fazendo figas
ao professôr !
Olá ! olá !
fazendo figas
ao professor !

Não tenho culpa
que os «tabaréos»
se apaixonassem
dos olhos meus !
Olá ! olá !
se apaixonassem
dos olhos meus !

Por taes macacos
não pode, não,
sentir amores
meu coração !
Olá ! olá !
sentir amores
meu coração !

Desde que o Juca
quer se casar,
que vão batatas
os mais plantar !
Olá ! olá !
que vão batatas
os mais plantar !

(*Indo à porta do fundo*) Senhor Pantaleão ! oh ! senhor Pantaleão ! (*Descendo.*) Vou principiar a rir me á custa do Pantaleão. O tólo é capaz de rebentar de alegria !. (*Vai ao sapelno endireitar o cabello.*)

SCENA XV

Rosalina e Pantaleão

PANTALEÃO. (*paramo á porta e segurando-se aos portaes.*) Com os diabos ! Esta casa parece que tem rodas !. (*Descendo vagarosamente.*) A menina chamou ?

ROSALINA. Chamei.

PANTALEÃO. Já se decidiu ?

ROSALINA. O sr. pediu me em casamento não é verdade ?

PANTALEÃO. E' verdade. (*A' parte.*) Tem rodas ! Anda-me tudo a dansar diante dos olhos !

ROSALINA. E eu tive tres dias para reflectir, não é assim ?

PANTALEÃO. E' assim.

ROSALINA. Pois bem: já reflecti. Aceito

PANTALEÃO. (*rindo.*) Aceita, menina ! aceita !.. Viva a menina Rosalina !. (*A' parte.*) O tal vinho puro do major é cachaça pura ! Ahi está porque sinto a casa andar á roda...

ROSALINA. Aceito, mas com duas condições.

PANTALEÃO. Com mil menina, com mil... (*A' parte.*) Não me fez bem o tal vinho-sinho !

ROSALINA. A primeira é que nunca hade ter ciumes.

PANTALEÃO. Ora, ciumes ! A menina tem tanto juizo !

ROSALINA. A segunda—é que hade cantar.

PANTALEÃO. (*recuando.*) Cantar !.. (*A' parte.*) E a maldicta casa continúa a andar...

ROSALINA. Não quero casar-me com um homem que não saiba cantar

PANTALEÃO. Mas, menina .

ROSALINA. Si não cantar, nada temes feito.

PANTALEÃO. (*a parte.*) Isto é o diabo ! *Alto.*) Mas o que quer que eu cante ?

ROSALINA. Alguma coisa ao nosso casamento.

PANTALEÃO. Já que disso depende a minha felicidade, cantarei. Mas deixe-me pensar primeiro.

ROSALINA. Pois pense; mas não leve muito tempo, porque tenho mais que fazer.

PANTALEÃO. É um momento sô, menina. (*A parte.*) Pois o tal vinho puro do major é caehaça pura! (*Pensa um momento, olhando para o tecto, e bate na frente.*) Lá vai!

N. II.

Quando nós fôrmos casados.
fôrmos marido e mulher,
bem unidos e juntinhos
havemos sempre viver!

ROSALINA (*á parte*)

Quando de meu bello Juca
eu fôr ditosa mulher,
bem unida a meu esposo
heide contente viver!

PANTALEÃO

Serás minha

ROSALINA (*á parte*)

Só do Juca .

PANTALEÃO

Minha só .

ROSALINA (*á parte*)

Só do meu bem...

PANTALEÃO

Terás toda a minha vida...

ROSALINA (*á parte*)

Sò Juca o meu amôr tem!

AMBOS

Seremos felizes
nos braços de amôr,
vivendo sem penas,
sem maguas, sem dôr!

ROSALINA. Senhor Pantaleão, meu futuro marido, agradeço-lhe a amabilidade e marco o nosso casamento para d'aqui a um mez.

PANTALEÃO. Oh! diabo! Decididamente, sou um rapaz feliz!.. (*A parte.*) A casa é que cada vez anda mais á roda!

ROSALINA Está satisfeito?

PANTALEÃO. Estou satisfeíssimo! Vou procurar o major. Esta noticia vai causar-lhe uma apoplexia de prazer! Menina, fique recebendo os convidados e dando-lhes parte, enquanto eu vou surpreender o papá com um abraço de quebrar costelas! *(Sobe um pouco e pára como si sentisse faltar-lhe o terreno; á parte.)* A tempestade augmenta... E' cachaça pura o tal vinho do major! *(Sake vagarosamente.)*

SCENA XVI

Rosalina, Caólho, Manduca, Convidados

ROSALINA. *(recebendo-os.)* Bem vindos, meus senhores. Já estavam tardando. Sentem-se. Nem sabem que prazer dão a meu pai em terem accettato o seu convite.

MANDUCA. Oh! menina, a honraria é pra «nóis».

CAOLHO. *(cumprimenta para todos os lados.)*

ROSALINA. E para nós tambem. *(Sentam-se todos.)*

SCENA XVII

Os mesmos, Major e Pantaleão

MAJOR. Boa noite, meus senhores.

TODOS. *(a um tempo, menos Caólho.)* Boa noite.

CAOLHO. *(levanta-se, vai ao major, cumprimenta e volta para a cadeira.)*

PANTALEÃO. *(baixo, a Rosalina.)* Já disse?

ROSALINA. Eu não. Quem tem bocca não manda soprar.

PANTALEÃO. *(baixo, ao major)* Ella ainda não disse, major. *(A parte.)* Fez-me mal o tal vinho. E' cachaça pura!

MAJOR. *(solemne, tomando a mão ae Pantaleão)* Meus illustres amigos, apresento-lhes o meu futuro genro, o grande sabio, o immortal cidadão Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria!

PANTALEÃO. *(tapando a cara com as mãos.)* Hi! que vergonha!

MANDUCA. Pois a menina Rosalina «se casa-se»?

ROSALINA. *(rindo.)* E' provavel.

MANDUCA. Mil felicidades, mil felicidades. *(Todos, dos seus logares fazem uma mesura a Rosalina.)*

CAOLHO. (*levanta-se, vai a Rosalina, cumprimenta e volta para a sua cadeira.*)

PANTALEÃO. (*à parte.*) Decididamente, esta casa tem rodas!.. (*Rumor, fóra, como de uma questão entre muitas pessoas — Pantaleão assusta-se.*)

MAJOR. O que é isto ?

PANTALEÃO. (*tremendo.*) Quer que vá ver, major ? Eu não tenho medo.

MAJOR. Pois vá, ande.

PANTALEÃO. (*tremendo, a Caólho.*) O major disse que o senhor fosse ver.

CAOLHO. (*cumprimenta-o e dá-lhe as costas. — Entram Juca e Serafim, este agarrado por um cabo de policia. Serafim vem sem paletot com a gravata desatada e só um pé calçado. — Levantam-se todos.*)

SCENA XVIII

Os mesmos, Juca, Serafim e Cabo

Todos. O que é isto ?

CAOLHO. (*vai cumprimentar Serafim e volta para o seu logar.*)

CABO. Saberá o «sô» major que acabo de catrafilhar no seu quintal este sujeito, que, juntamente com mais dez ou doze, preparava-se para assaltar a sua casa.

Todos. O Serafim !

CAOLHO. (*cumprimenta o cabo e torna ao seu logar.*)

MAJOR. O que me diz, creatura de Deus ?

SERAFIM. (*baixo.*) «Sô manjor», o meu voto

CABO. Devemos esta prisão aqui ao senhor Juca. Os outros conseguiram evadir-se; mas entre elles ia, com certeza, algum ferido, porque dava—ais—desesperados...

PANTALEÃO. Não ia ferido não. Era o Romualdinho. . . Aquelle Romualdinho é o diabo !

MAJOR. (*a Juca.*) Então foi o senhor ?

JUCA. É verdade. Descobri o trama, e fui immediatamente dar parte á auctoridade.

CAOLHO. (*cumprimenta Juca e volta ao seu logar.*)

SERAFIM. (*baixo.*) «Sô manjor», o meu voto...

MAJOR. Entendo, entendo. Como entregue hoje a minha

coroa de imperador do Espirito Santo ao meu successor, quero terminar o meu reinado praticando um acto de alta magnanimidade.

PANTALEÃO. Bravo, major! muito bem! (*A parte.*) E a casa não pára nem pelo diabo!

MAJOR. Selte este homem, cabo. *Rosalina vai conversar com Juca.*

CABO. (*a Serafim.*) Salvou-se n'uma taboinha. (*Sahe.*)

SERAFIM. Hasde ter o meu voto quando eu fôr irade, soldadinho de chumbo!

MAJOR. Oh! patife!

SERAFIM. «Exe!»! (*Sahe correndo.*)

SCENA XIX

Os mesmos, menos Serafim

ROSALINA. Papai, já reflecti.

MAJOR. (*ainda sangado.*) Já sei.

ROSALINA. Mas não sabe ainda que noivo escolhi.

MAJOR. E' o Pantaleão, está claro.

CAÓLHO. (*cumprimenta Pantaleão e torna ao seu logar.*)

ROSALINA. Está enganado. (*toma a mão de Juca.*) Eil o!

TODOS. Ah!

PANTALEÃO. Como é lá isso, oh! menina? E eu então?

ROSALINA. (*rindo-se.*) O senhor Pantaleão beberá á minha felicidade, no dia do meu casamento.

MAJOR. Mas, menina...

ROSALINA. Si não o aceitar, declaro que não casarei com outro.

CAÓLHO. (*cumprimenta Juca e torna ao seu logar.*)

PANTALEÃO. (*chorando.*) E eu, major?... E eu?... Pois hei-de ficar viuvo antes de casar-me?..

MAJOR. Bemfim, o que está feito, feito está. Venha de lá um abraço, meu genro (*Abraça-o.*) Promette fazer feliz a minha filha?

JUCA. Juro-o!

PANTALEÃO. (*chorando.*) E eu, major?... E eu?..

MAJOR. Não choras, Pantaleão. Apenas seja collocado o sine novo na nossa igreja, nomeio-te sineiro mór.

PANTALEÃO. Bravo ! Vivam os noivos !

TODOS. (*menos Caolho.*) Vivam !

CAOLHO. (*cumprimenta para todos os lados. — Foguetes, jóra. Muitas vozes, jóra: — «O fogo! o fogo!» —*)

MAJOR. Meus amigos, ouviram os foguetes?

PANTALEÃO. (*solemne.*) E' o signal glorioso e triumphante para principiar o mystico e encyclopedico fogo de artificio !

MANDUCA. (*pulando de contente.*) Os «fôgo»! viva os «fôgo» !

MAJOR. Vamos aos fogos, meus amigos ! Depois a eêa, e viva a alegria !

PANTALEÃO. Sim, mas havemos de sahir por meio de uma evolução que inventei agora mesmo. E' uma coisa x. p. t. e. London... em primeira mão ! Todos em linha ! (*Todos fórman em linha, á bocca da scena. — Pantaleão canta.*)

N 12. Viva a bella sociedade,
da freguezia a melhor,
viva o fogo d'artificio,
viva a festa do major !

Côro

Viva a bella sociedade,
da freguezia a melhor,
viva o fogo d'artificio,
viva a festa do major !

(Quando principia a segunda vez o coro, Pantaleão, seguido de todos, a um de fundo, dá uma volta pela scena e sahe. — Caolho, que fecha a marcha e não canta, vai sempre cumprimentando.)

Fim

VII

ACTOS E PERSONAS

COMEDIA ORIGINAL EM 4 ACTOS



(CONTINUAÇÃO DA COMEDIA--FACTOS DIVERSOS)



Personagens

Major Anacleto da Trindade	45	anos
Pantaleão Peroba	50	»
Juca	25	»
Serafim	35	»
Antonio	30	»
Romualdo	20	»
Quineas	28	»
José Caolho (personagem mudo)	40	»
Manduca	18	»
Rosalina	17	»
Rita	60	»

Convidados—Rapazes

ACÇÃO — NA ROÇA — 1881



ACTO I



candidato

Sala da roça, simples, mas bem arranjada.—Ao fundo e á esquerda, portas.—A' direita, no primeiro plano, uma janella; no segundo plano, uma porta.—Entre a porta e a janella, um aparador com espelho e dois vasos com flores.—A' esquerda, entre portas, outro aparador com vasos e um lampeão com o competente «abat-jour».—Sofá e cadeiras.—Junto do sofá uma cadeira de braços; ao lado opposto da scena, outra cadeira igual.—1.º dia.

SCENA I

Juca e Rosalina

(Juca, sentado no sofá, lê um livro.—Rosalina, que principia a cantar, dentro, termina a ultima parte em scena, entrando pela esquerda alta.—Apenas começa o canto, Juca fecha o livro e fica como embevecido.)

ROSALINA

N. 1. Amor! amor!
O amor é riso, é canto,
aurora, aroma flor,
o mais divino encanto,
o jubile maior!
 Amor! amor!

 Amor! amor!
O sol das alegrias,
da vida e são calor,

• céu das harmonias,
o riso, o canto, a flor !
amor ! amor !

Alma que vive sem ter amores,
sem ter os gózos de uma paixão,
é fria e triste—bem como as flores
já desfolhadas—no pó de chão !

Amor afasta todas as dores,
mata as tristezas da solidão,
traz dos prazeres as puras flores,
enche de galas o coração !

Amor ! amor !
O amor é riso, é canto,
aurora, aroma, flor,
e mais divino encanto,
• jubilo maior !
Amor ! amor !

Amor ! amor !
O sol das alegrias,
da vida o são calor,
• céu das harmonias,
• riso, e canto, a flor !
Amor ! amor !

JUCA. (*tomando-lhe as mãos, com arder.*) Rosalina !

ROSALINA. Ahas bonita a minha canção de amor ?

JUCA. Ache-a divina... divina como tu !

ROSALINA (*coquette.*) Obrigada. Lisongeiro... como sempre !

JUCA

N. 2. Recitativo.

Tu não és mulher, não !—Esplendido composto
de perfumes subtis e pétalas de rosas,
de alveradas de maio e luz de céos de agosto,
des ardores de sol e pérolas custosas.

Um dia appareceste, e as lucidas auroras,
as pérolas do mar e os célicos perfumes,
o sol, o céu, a luz, as vibrações senoras,
curvaram-se a teus pés,—frementes de oíumes...

Do teu berço gazil —conjuncto primeroso
de suspiros de amor e azul vago do espaço,—
surgiste, como surge um astro vaporoso
de nuvens d'ouro e luz no lúcido regaço.

Cresceste, como cresce a flor purpúrea e bella,
cheia de amor e seiva e sedueções e festa,
como cresce co'a treva o brilho de uma estrella,
como cresce co'a noite a sombra da floresta...

Tu não és mulher, não! — Esplendido composto
de perfumes subtis e pétalas de rosas,
de alvoradas de maio e luz de céos de agosto,
des ardores do sol e pérolas custosas!

ROSALINA. (*ficando-o, como que receiosa.*) Sabes?.. Ha momentos em que tenho medo de ti!

JUCA. (*sorrindo.*) Porque?

ROSALINA. Porque, quando me fallas, como agora, ha tanto ardor nas tuas palavras, tanto brilho nos teus olhos, tanta vehemencia na tua voz, que te transfigurás, que deixas de ser um homem, para ser uma visão de sonho, uma idealidade produzida pela febre, um sêr encantado, que me attrahe, que me deslumbra, que me leva nos azas doiradas de um desejo sem limites a terras maravilhosas, cheias de sol, de flores, de canções extraordinarias, de amores suavissimos, que não nos é dado gosar na terra!.. Porque é que me olhas assim e me fallas com tamanho ardor?

JUCA. Porque tenho os olhos cheios da tua belleza e o coração cheio da tua imagem... Quando te contemplo assim, parece-me que estou sonhando... parece-me que a minha alma desprende se de tudo quanto è terreno, que vò a ás regiões infinitas e que adeja serenamente nos espaços translúcidos de uma felicidade suprema!

ROSALINA. (*sentando-se no sofá e tomando o livro que Juca deixára*) Ainda ha pouco li isso mesmo...

JUCA. Onde?

ROSALINA. Nos teus olhos... e n'este livro.

JUCA. (*sentando-se na cadeira junto do sofá.*) Já houve quem affirmasse que os poetas não dizem o que sentem; que nas suas estrophes, mesmo as mais inspiradas, as mais sublimes,

não é o coração que falla, não é a alma que canta... mas unicamente a ambição de renome, o desejo da gloria...

ROSALINA. E não é ?

JUCA Não. Calumiaram os pobres cysnes, que, mesmo agonisantes, cantam, como canta o eysne moribundo das ribas de Euretás, o amor, a saudade, as tristezas, as proprias agonias, que hão de um dia matar-os ..

ROSALINA. Ah !

JUCA. (*tomando o livro.*) Si a verdade já foi alguma vez dita na terra, ella está aqui, n'este livro, inteiramente divina na sua pureza celestial. A poesia é a mais perfeita e a mais ampla expressão do sentimento. Tentem embora suffocá-la, ter tem destruí-la para sempre os materialistas que tudo encaram pelo lado má. ella triumphará sempre de todos os ataques, porque anima-a o sópre divino, porque vem do céu toda a sua força... Já um grande homem disse que a poesia formulada e medida,—a poesia em verso,—não tardaria a desaparecer. Esse homem foi Eugenio Pelletan. E outro homem—um poeta—respondeu:—«Eu sento-me pacífico á beira da corrente dos destinos; contemplo o que me passa por diante, e com o que ainda lá vem de longe não me altero. Si eu fôr vivo quando já se não fizerem versos, deitar-me-hei no loireiral dos cysnes que fôram e consolar-me-hei facilmente ouvindo-lhes os cantares—milagrosos cantares—cujos echos, em lugar de esmorecerem com o tempo e com a distancia, se reforçam e se eternisam»...—Esse poeta foi Antonio Feliciano de Castilho.

ROSALINA. Conheço. Já li os «Ciumes do Bardo.» (*Recita*)

- «Mulher pura e fiel não ha nem houve ..
- «Raça infame de viboras dolosas,
- «Pudesse uma só não contel-as todas
- «E o piloto fôsse eu»..

Ingrato e sem piedade para com as mulheres

JUCA. Si elle não te conhecia ! Uma só vez que te ouviu, estou certo que o seu modo de pensar e de sentir soffreria uma transformação completa ..

ROSALINA. Porque ?

JUCA. Porque havia de amar-te, amar-te louca, perdida—mer.te como eu te amo !

ROSALINA. Mas disseste ha pouco que a poesia é a mais perfeita e a mais ampla expressão do sentimento, e que si a ver-

dade já foi alguma vez dita na terra, ella está n'este livro...

JUCA. Sim...

ROSALINA. Mas quando escreveste este livro, não me conhecias, nunca me tinhas visto talvez...

JUCA. E o que prova isso?

ROSALINA. Prova que hoje estás aqui, a meu lado, que és meu noivo, quasi meu marido, e que no entretanto todos estes versos fôram escriptos para outra, cuja imagem enchia-te então a alma, iuspirando-te com a sua belleza e os seus encantos...

JUCA. Estás enganada, minha querida.

ROSALINA. O amor que me tens jurado não é o primeiro amor da tua vida...

JUCA. Ainda um engano. E's o meu primeiro amor, posso jurar-te. Nunca senti o meu coração palpitar por mulher alguma, como palpita por ti, nunca a minha alma recolheu-se extatica na contemplação de outra mulher, como, muda, mas ardente, contempla os teus encantos.

ROSALINA. (*sorrindo.*) Poesia!

JUCA. Sim: poesia, porque a poesia é a verdade, e eu estou dizendo a verdade. O poeta, minha querida, é um sêr privilegiado, extraordinario. A sua vida é um sonho que não tem fim. Vive entre os homens, e não os vê; atravessa as multidões, e não lhes ouve o tu muito... O seu pensamento paira, além, nos espaços, vêa em todas as direções, adeja no infinito do idealismo, em demanda de uma visão encantada... Como todos os poetas, orei na minha imaginação ardente, na minha alma so-nhadora, no meu coração de moço, uma mulher para o meu amor, a quem eu consagrasse todo o meu sentir, todo o meu pensar, todas as minhas paixões... uma mulher bella, meiga, carinhosa, que me comprehendesse e que me amasse tambem.. Nos bailes, nos theatros, nos passeios, nas egrejas, flectava todas as mulheres, procurava ler-lhes nos olhos, no rosto, um signal, um traço, que me dissesse:—«Eu sou a realidade do teu sonho, sou a encarnação da tua visão:—ama-me!»—Mas aquelles olhos nada me diziam, aquellas physionomias passavam ante o meu olhar frios e mudos como o marmore, e o meu coração continuava a palpitar,—calmo e sereno como antes...

ROSALINA. Peregrino, não em busca da terra santa, mas de uma chimera,—viveste viuvo de um amor verdadeiro, até que vieste encontrar-me aqui... (*Rindo.*) É poetico!

JUCA. Encontrei-te, e encontrei em ti a realização do meu ideal, a corporisação do meu sonho... Amei-te!

ROSALINA. (*em tom de duvida.*) E assim fica provado que a poesia é — a expressão da verdade?

JUCA. Sem duvida. Si eu, para escrever estes versos, idealisei uma mulher — si tu és a encarnação viva, palpitante, bella do meu ideal, este livro foi escripto para ti, porque foste tu que m'o inspiraste...

ROSALINA. (*rindo.*) A conclusão pode ser logica; n.ºs..

JUCA. Não duvides. E's o meu primeiro amor. Acredita que, si por uma fatalidade qualquer, si uma desgraça inesperada viesse quebrar os laços que nos unem, o meu sofrimento seria tão grande, como é grande a minha paixão por ti...

ROSALINA. Deite estar, meu senh'r Deus e bom, e não permittirá que succeda essa desgraça... Como já disse uma vez, eu, com fraqueza, repito, fui volúvel, fui caprichosa, fui, ás vezes, leviana mesmo... Mas a tua presença transformou-me completamente... Hoje, si me amas, não p'antaste em canteiro estéril as rosas do teu amor. Amo-te tamb'm, amo-te, e tenho orgulho d'este amor, que é para mim a maior, a unica felicidade da minha vida...

JUCA. Oh! falla! A tua voz falla-me ao coração como uma harmonia dulcissima... como uma musica do céu!.. Falla! falla sempre!

SCENA II

Os mesmos e Major

MAJOR. (*consigo.*) Para deputado geral—Panta .. não, Pantaleão, não .. Anacleto da Trindade—major da invieta guarda nacional ..

ROSALINA. Então, papai, como passou a noite?.. Deitou-se tão tarde...

MAJOR. Deus te abençõe... Bom dia «seu» Juca. Como vai isso?

JUCA. Perfeitamente. Nem podia deixar de assim ser desde que foi aqui que vim encontrar a felicidade

MAJOR. Pois sim... comprehende... Mas eu já não posso dizer o mesmo. Em primeiro logar, a cabala para a minha eleição tem-me dado agua pela barba; depois, a ausencia do Pan-

taleão tem-me feito pensar seriamente... Tres dias para ir á cidade buscar os epitaphios!..

ROSALINA. Talvez que os cartões não estejam promptos...

MAJOR. E' uma rasão, é. Mas o diabo é estar a escola fechada ha tres dias... sobretudo agora, que o Pantaleão tem dois alumnos... O inspector das escolas, o Zé Caolho, pode dar uma parte contra o Pantaleão, e fazel-o passar um máo bocado...

JUCA. Não tenha receio, major. Quem faz os officios de Zé Caolho é o Pantaleão, porque o inspector mal e mal assigna o nome com quatro pernas de aranha. Já vê, pois, que o Pantaleão está garantido... E a proposito do Zé Caolho, informe-me de uma coisa: o homem é mudo ?

MAJOR. Não. Porque ?

JUCA. Porque desde que aqui estou ainda não o ouvi dizer uma unica palavra. Para cumprimentar, sim, é um «barra», tão «barra» como o Pantaleão para fazer discursos...

MAJOR. Não é mudo, não. E' acanhado. Diante de gente não abre o bico, nem que o rachem de meio a meio... Mas é muito attencioso, muito cortez.

ROSALINA. E muito aborrecido com os seus cumprimentos.

MAJOR. Pois não sei mesmo a que attribuir esta demora do Pantaleão. Para dizer que o rapaz está doente... Mas si tivesse adoecido, escrevia-me logo... Ouvi dizer que estava aberto o recrutamento... Ora, não me fossem catrafilhar o Pantaleão para soldado !

JUCA. Ora, qual ! O Pantaleão já não está em idade de ser soldado.

ROSALINA. E' muito velho já, papai. Não tenha cuidado. O que póde succeder é o senhor Pantaleão arder de paixão por alguma moça da cidade... E elle que é tão sensivel !

MAJOR. Pode muito bem ser assim. Porque não ?.. O Pantaleão é velhusco, mas ainda tem sangue no olho, ainda se entusiasma á vista de uma moça bonita ! Houve tempo em que pensei que aquillo era bananeira que já tinha dado cacho; mas depois que o vi formalisar-se pela filha do Zé Caolho e por ti, convenci-me de que nas veias d'aquelle mariola ainda corre sangue...

JUCA. Debaixo dos geles ha volções...

MAJOR. Mas é infeliz nos amores... Coitado ! Pois não merece aquelle caiporismo... Instruido, talentoso, elegante, pro-

funde mesmo... O meu amigo, que já o conhece, sabe-lhe a força. A minha opinião a respeito d'elle é inabalavel:—o Pantaleão é um pôço!

JUCA. De que, major?

MAJOR. (*admirado.*) De que?.. Ora, essa! E' um pôço de «saberencia»! Convença-se, «seu» Juca! o Pantaleão, em outra parte, ia longe, ia muito longe... Mas metteu-se aqui, a ensinar rapazes, quando os tem, e a dormir, quando não tem rapazes para ensinar, perdendo-se assim um homem extraordinario!

ROSALINA. E' exacto, papai. O senhor Pantaleão derme mais do que ensina, porque ha mezes em que não vai á escola um só alumno.

JUCA. Um dia d'estes passei pela escola, e lá vi... advinhem fazendo o que...

MAJOR. A' janella, aquecendo-se ao sol, como um lagarto. E' o costume d'elle.

JUCA. Nada. Vi-o armado com uma canna, a matar traças nas parêdes. Quante a alumnos, si fôsse preciso fazer uma cataplasma de um alumno do Pantaleão para um deente... e deente morria por falta de remedio,

MAJOR. Tem agora dois alumnos: o filho de João Pelota e o sobrinho da Rita Barbada, o Manduca. Ouvi dizer que tambem vai entrar o afilhado de Manoel Caronha... Diz o Pantaleão que o sobrinho da Rita é um talento!..

JUCA. Um pôço, major, um pôço!

MAJOR. Nada... Hade ser mais tarde, si não abandonar os estudos com o Pantaleão.

ROSALINA. Mas já podia ser tambem um peço... não tão grande como o senhor Pantaleão, mas... um pocinho!

JUCA. E' exacto: um pocinho!

MAJOR. O «seu» Juca sabe que o Pantaleão tem obrigaçõe de ensinar somente primeiras lettras aos rapazes; mas verificando que o rapazola...

ROSALINA (*rindo.*) E' um pocinho:..

MAJOR. Ora belas! Não me córtes o discurso!.. Comeia dizendo: verificando que o rapazola é um talento, principiou a ensinar-lhe historia e geographia,..

JUCA. E elle que sabe historia como gente!

MAJOR. E sabe, lá isso sabe... Diz elle que o pequeno é uma coisa admiravel!.. que aprende com a mesma facilidade com que um burro carrega uma carga de laranjas!

JUCA. (*rindo.*) Bravo!

ROSALINA. (*ao mesmo tempo.*) Muito bem!

MAJOR. Porque é que vocês riem-se?

ROSALINA. Pela bonita comparação do senhor Pantaleão.

MAJOR. Está tão entusiasmado o homem, que pretende levar brevemente o Manduca á cidade para apresental-o ao director geral como raridade... (*Incomodado.*) E no entretanto, a tia, a Rita Barbada—uma estúpida, um animal de saias—quer tirar o rapaz da escola do Pantaleão para mandal-o aprender a tocar gaita!.. Ora, «seu» Juca, isto é uma miseria! Um rapaz que ainda pode vir a fazer um figurão na politica!..

ROSALINA. Oh! papai, pois aquelle amarello pode fazer figura nenhuma!

MAJOR. Essa é boa! Tu não entendes d'isto, rapariga... Mette-te com os teus livros de versos e de historias da carechinha, e deixa a politica para nós... Pois, mesmo assim amarello pode fazer um figurão, sim, senhora, si souber ser velhaco... Eu, que aqui estou, meu amigo, fui feito alferes da invicta guarda nacional pelos conservadores, tenente pelos liberaes, capitão pelos conservadores e major pelos liberaes... Entretanto, não vá pensar que tenho vivido a mudar de partido. Nada! Firme como uma rocha: governista sempre!

JUCA. Sim, heim?.. Mas confesso que não posso comprehender...

MAJOR. Oh! homem de Deus! Fui sempre governista victo! Os governos mudavam, é verdade, com a subida dos partidos; mas eu não mudava: era sempre do governo!

JUCA. Ah! comprehendo agora Eram os governos que vivavam casaca...

MAJOR. Mas eu—firme sempre firme como uma estaca!

JUCA. Mas como é hoje opposicionista?

MAJOR. Eu lhe conto Um dia, já aborrecido de ser major, pedi ao partido que então dominava que me arranjasse o posto de coronel commandante superior. Responderam-me os chefes da capital que sentiam muito não poder servir-me por que já estavam comprometidos com outro que tinha incontestaveis direitos ao logar... Zanguei-me, e quiz ir para o «Jornal do Commercio» dizer meia duzia de desafôros; mas o Pantaleão, a quem tinha encarregado de escrever a descompostura, lembrou-me outro meio:—«Seja opposicionista, major»,—disse-me elle. Aceitei o conselho, que me economisou pelo menos dois mil réis do annuncio no «Jornal», e...

JUCA. E fez-se opposicionista ?

MAJOR. E' verdade. (*Indo ao fundo*) E o demonio do Pantaleão, que não apparece ! Esta demora já me vai dando cuidado... Preciso distribuir sem perda de tempo os epitaphios... (*Comsigo.*)— Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da invicta guarda nacional...—(*Outro tom.*) Ah ! meu futuro genro, vou fazer um papelão !

JUCA. E conta com o triumpho na eleição ?

MAJOR. Si conto ! Segundo os calculos do Pantaleão,—e o Pantaleão em calculos é um ..

ROSALINA. (*que desde o começo da scena tem ido sentar-se no sofá, a ler.*) E' um pôço, papai.

MAJOR. E' exacto; é um pôço... Pois—segundo os calculos do Pantaleão—devo vencer por força.

JUCA. Mas, major, comprehende perfeitamente que estando eu para fazer parte de sua familia, devo interessar-me pelos seus negocios, e, sobretudo, pelo seu nome...

MAJOR. Certamente; não ha duvida.

JUCA. Pois, na minha opinião, o major deve desistir da sua candidatura.

MAJOR. (*recuando.*) Desistir ! (*Assoando-se com força.*) Desistir !

JUCA. Sem duvida, porque mais vale uma retirada honrosa do que uma derrota.

MAJOR. (*tornando a assoar-se.*) Uma derrota !

JUCA. Com franqueza, major: o resultado da sua eleição é uma derrota. Não vá atraz das prosas do senhor Pantaleão, e desista emquanto é tempo.

MAJOR. (*sangado.*) Ora, meu amigo... ora... ora, belas ! Então pensa que eu nasci hontem !.. (*Passeiando.*) Desistir ! Nunca !.. Em primeiro logar, seria um fiasco... em segundo logar, a despeza dos epitaphios está feita, e não é tão pequena !

JUCA. Mas, major, attenda...

ROSALINA. (*indo a elle.*) Mas, papai, ouça...

MAJOR. (*sempre sangado.*) Uma eleição tão bem encaminhada !.. Si o Pantaleão não tivesse levado os apontamentos, eu lhe provava que aquillo é—pá—pú—terra, e viva...

ROSALINA. Mas papai...

JUCA. (*ao mesmo tempo.*) Mas, major...

MAJOR. Ora, façam o favôr de não me amolar a paciencia ! Si estou dizendo que aquillo é—pá—pú—terra, que são favas contadas !.. Forte teima !..

ROSALINA. Está bom, papai... Não se incomode...

JUCA. (*á parte*) Não há meio de dissuadi-lo. E' uma mania!

MAJOR. Querem que lhes diga uma coisa? Vão passear, e deixem-me cá com a minha eleição! A minha eleição não é da conta de ninguém!..

JUCA. Faça o que entender. Cumpri um dever de amizade sincera, aconselhando-o. Não quiz acceitar o meu conselho. E' o mesmo. Lavo as minhas mãos. Si lhe succeder uma infelicidade,—o que é certo,—não poderá dizer que não houve quem lhe abrisse os olhos... Com licença... Accetto o seu conselho: --vou passear. (*Sahe*)

SCENA III

Major e Rosalina

ROSALINA (*que tem ido á janella, desce, afagando o pai*)
Papaisinho...

MAJOR. (*suspendendo o passeio, saugado.*) O que temos ainda?

ROSALINA. Desista, papai, desista...

MAJOR. Ora já se viu uma birra igual! Parece que estão todos resolvidos a incommodar-me!..

ROSALINA. Mas, papai, lembre-se que os calculos do senhor Pantaleão podem falhar...

MAJOR. Falharem os calculos do Pantaleão... de Pantaleão Peroba... do primeiro calculista do mundo!..

ROSALINA. Lembre-se que os votantes com quem o papai conta podem votar no outro candidato, no candidato do governo, e que o papai não obtenha voto nenhum... Que vergonha será, meu papaisinho!

MAJOR. Oia, que espiga!, que espiga!

ROSALINA. Ainda si o papai fôsse apresentado pelo governo, podíamos estar descansados, porque tenho ouvido dizer que os candidatos do governo ganham sempre, embora percam. Mas não é... Vai arriscar-se em um jogo, cujas probabilidades são todas contra si...

MAJOR. Oh! senhores, que espiga!.. Estou quasi rebentando! De repente, rebento!.. Pois si o Pantaleão garante, e

Quando o Pantaleão garante, duvidar da sua palavra é o mesmo que duvidar da infallibilidade do papa !.. As afirmações do Pantaleão são sentenças !.. «Magister dixit».. diz elle !..

ROSALINA. Ainda é tempo papai... Diga que não quer ser mais deputado... que resolveu desistir... que não quer incomodar-se...

MAJOR. (*furioso.*) Oh ! rapariga !

ROSALINA. Papaisinho !

MAJOR. Já ! Pire-se p'ra dentro !

ROSALINA. Papai !

MAJOR. P'ra dentro ! p'ra dentro !.. (*Passeando*) Estou damnado ! estou furioso ! Estou possesso !.. (*Parando*) A primeira vez que me vieres com essas cantigas de desistencia da minha eleição, arrumo-te um puchão de orelhas tão bonito, que te arranço os dois abanos !.. Salta p'ra dentro, já !..

ROSALINA. (*á parte.*) Não ha meio de convenceo ! (*Sahe*)

SCENA IV

MAJOR. (*passeando.*) Desistir !.. Mas é muito boa !.. Este meu genro, si não é idicta, é... é... besta !.. Bem queria eu que a Rosalina casasse com o Pantaleão. Aquillo, sim: é que e um homem !.. (*Outro tom, parando.*) «Para deputado geral—Anacleto Pantaleão da guarda nacional Peroba da Trindade... Não, não é isto...

SCENA V

Major e Serafim

SERAFIM. (*apparecendo á porta, receioso.*) Prompto, «sô manjor».

MAJOR. Venha cá.

SERAFIM. (*encostado à porta, mordendo a aba do chapéo.*) Estou bem, «so manjor»... (*Á parte.*) «Eixe» !

MAJOR. Entre, homem; não tenha medo. Não mandei chamar-o para ir-lhe ao pollêgo, mas para sermos bons amigos. O que lá vai—lá vai. Você foi um pouco atrevido, foi; mas perdôo lhe, tomando em consideração a sua estupidez... Vamos: não tenha medo, e entre.

SERAFIM. (*como acima.*) Estou bem, «sô manjor»... (*À parte.*) «Exe»!

MAJOR. Mão! mão! Principia você como da outra vez. Já lhe disse que não quero esmurrar-o, comquanto tenha rasões de sobra para isso!.. Mas sou bom homem, e não guardo raiva a ninguém... Desça e sente-se. Vamos!

SERAFIM. (*como acima.*) «Exe»! O «sô manjor» está me enganando. Quer que eu entre pra me pegar á unha... Mas eu não sou «óva»!..

MAJOR. Ora, que diabo de homem! Oh! Serafim, você é maluco? Si eu quizesse metter-lhe o «tira-teimas», já tinha tido muitas occasiões de fazel-o..

SERAFIM. Mas o «sô manjor» não me agarra, não?

MAJOR. Não agarro, não; descance.

SERAFIM. «Mas porém,» palavrinha?

MAJOR. (*incommodado.*) Palavrinha, sim.

SERAFIM. (*receioso, descendo pelo lado opposto ao em que está o major.*) Ora, vamos a ver si o «sô manjor» tem palavra.

MAJOR. (*à parte.*) E' um animal esta besta! Mas como preciso do voto. (*Muito amavel.*) Sente-se, Serafim, sente-se.. Olhe que eu sou seu amigo... De cá o seu chapéo... (*Toma-lh'o, depois de uma pequena resistenciã, e atira-o no chão, para o fundo.*) Então, meu amigo, tome uma cadeira...

SERAFIM. (*à parte.*) Ou este canalha precisa de mim, ou quer me fazer alguma bandalheira!

MAJOR. (*pondo-lhe as mãos nos hombros.*) Sem cerimonia.. a casa é sua.. Sem cerimonia... sem cerimonia...

SERAFIM. (*obrigado pela pressão das mãos do major, cede sentado no chão.*) Ai! ai! «sô manjor»!

MAJOR. (*levantando-o.*) Oh! meu amigo... Desculpe... Mas a culpa foi sua... Devia ter olhado para a sua retaguarda, antes de sentar-se... (*Leva-o para uma cadeira.*) Agora, sim. Abanque-se.

SERAFIM. (*apalpando o assento, senta-se na beira da cadeira.*) Puchá palmada levei eu!..

MAJOR. (*sentando-se.*) Agora tractemos do nos-o negocio, Como o amigo Serafim não ignora, a eleição está nos batendo á porta, e vai ser uma eleição damnadinha... vai haver um reboliço dos meus peccados.

SERAFIM. E', «sô manjor», a «inleição» está chegando. (*A parte.*) Eu não disse? O cachorro precisa de mim!

MAJOR. Eu sou candidato, como sabe...

SERAFIM. Sei, sei...

MAJOR. O meu amigo é votante, — e um bom votante, diga-se a verdade. — E como eu: — firme como uma rocha em suas opiniões políticas...

SERAFIM. (*A parte.*) Ora o bobo!

MAJOR. A minha eleição, segundo as contas do Pantaleão, está ganha. Entretanto, como o seguro morreu de velho, não quero deixar de trabalhar para o maior brilhantismo do meu triumpho. (*Irra do bolso dois enormes cigarros de palha e oferece um.*) Experimente o meu fumo; Serafim, experimente o meu fumo. Afianço-lhe, que é bom.

SERAFIM. (*aceitando.*) Obrigado, «so manjor». (*Risca um phosphore, accende o cigarro e saborda uma fumaça.*) Pucha papa-terra bom!

MAJOR. (*depois de accender o cigarro.*) Quer uma pinga-sinha, Serafim?... Nada de açanhamento...

SERAFIM. Os pois, «so manjor», os pois...

MAJOR. Pois quando lhe appetecer, peça...

SERAFIM. Pois o seu fumo é um veludo, «sô manjor»...

MAJOR. Heide dar-lhe um pedaço... Mas, como ia dizendo: a minha eleição está garantida, e o governo vai d'esta vez levar um rombaço do diabo... (*Pausa.*) Estou certo que o meu amigo ainda não se comprometteu com ninguém...

SERAFIM. (*A parte.*) E' agora! (*Alto.*) Já, «so manjor», já me «compremetti», O «so» Zé Caolho me fallou «traz ant'honte» p'ra eu votar com elle, e eu disse que sim.

MAJOR. Oh! Serafim! mas que asneira fez você! Porque não veio fallar commigo, homem de Deus!...

SERAFIM. (*tirando uma fumaça.*) Eu não sabia, «so manjor»... (*A parte.*) Heide passar te o pé, cara de todos os bichos!

MAJOR. Mas, diga-me: o meu amigo não se comprometteu de graça... sim... quero dizer... firme, como é, em suas opiniões políticas, não podia comprometter-se de graça...

SERAFIM. De graça?... (*Cruzando a perna e tirando uma grande fumaça.*) «Exe»! O «so» Zé Caolho queria que eu fosse de graça; «mas porém», eu que não sou burro, sacudi as orelhas e fui andando. Elle, «antão», vendo que não arranjava nada assim, deu um berre por mim, e eu voltei... (*Tira uma*

fumaça) «Antão» elle «prisprou» a contar-me umas historias, a me dizer que eu fazia mal, que o «arrecrutamento» estava aberto, e que o governo não era de brincadeiras...

MAJOR. Que patife é o tal Zé Caolho! que canalha, heim, Serafim? E aquelle traste a mostrar-se muito meu amigo!... E depois?

SERAFIM. Os pois, «prisprou» a me metter medo, a fallar na praça, no xadrez, na cadeia...

MAJOR. (*passando, zangado.*) Ah! canalha!.. E depois? e depois?

SERAFIM. Os pois?... (*Fumando.*) Mais nada.

MAJOR. Não. Houve por força mais alguma coisa... Não se açanhe, Serafim; diga.

SERAFIM. Pois «antão», lá vai. Os pois, vende que a coisa não pegava, metteu-me na mão...

MAJOR. O que foi que elle lhe metteu na mão, Serafim?

SERAFIM. Duas «pellegas» de dois.

MAJOR. Ah! sovina! Animar-se a dar quatro mil réis! (*Passando.*) Então o Zé Caolho comprou-lhe, a consciencia por quatro mil réis!

SERAFIM. A consciencia, não, «sô manjar»... O voto...

MAJOR. E' a mesma coisa. Pois, meu amigo, eu sou mais generoso do que o Zé Caolho: dou-lhe cinco mil e quinhentos...

SERAFIM. Mas si eu não posso, «se manjar»... si eu já vendi a fazenda ao «so» Zé...

MAJOR. Homem, isso não quer dizer nada. Vende a mim tambem.

SERAFIM. «Mas porém», como?

MAJOR. Ora, como! Você é tolo. Serafim!

SERAFIM. (*tirando uma grande fumaça e soprando-a para o ar.*) Tolo!.. «exe»!..

MAJOR. Nada mais simples; guarde os quatro mil réis de Caolho, receba os meus cinco mil e quinhentos e voto commigo. Isto é um negocio como outro qualquer... (*Pausa.*) Então, está dito, heim?

SERAFIM. Mas, «se manjar», e si o outro descobre a bandalheira?

MAJOR. Mas isto não é bandalheira; Serafim! E' até uma coisa muito natural. Ha muitos votantes de opiniões firmes e convicções inabalaveis, como você, que procedem da mesma fórma votam em todos os partidos, recebem dinheiro de todos

os lados e vendem a consciencia por qualquer preço... E, depois, o Caolho não pode descobrir...

SERAFIM. «Mas porém»...

MAJOR. Olhe: você recebe a chapa d'elle e a minha; mette a d'elle no bolso do paletot e a minha no bolso da calça, e vai para a igreja. Emquanto espera pela sua vez, vai mostrando a todos a do Zé Caolho. Quando a meza gritar pelo seu nome, você mette outra vez a do Zé no bolso do paletot, tira disfarçadamente a minha do bolso da calça, e zás! dentro da urna com ella... E ahí está tudo arranjado.

SERAFIM. Pois está dito. Venham os cinco e quinhas, «sô manjor».

MAJOR. Já?.. (*A' parte.*) O animal accitava até dois mil reis!

SERAFIM. Pois «antão»! Negocios, negocios, amigos á parte. O «sô manjor» mesmo disse que isto era um negocio.

MAJOR. Tem rasão, tem... (*A' parte.*) O tractante vendia o voto até por quatro patacas! (*Dando dinheira.*) Tome lá... Mas cuidado... não vá enganar-me, não vá roer-me a corda, entende, Serafim?

SERAFIM. (*guardando o dinheiro.*) Oh! «so manjor»! Era preciso que eu fosse um canalha!..

MAJOR. (*á parte.*) E ainda julga que é um homem de bem, o patife!

SERAFIM. Obrigada, «so manjor». Descance, que o meu voto é seu... (*A' parte.*) Si não apparecer outro que me de seis «min» réis, voto com o Zé Caolho!

MAJOR. Logo ou amanhã heide fallar com os outros rapazes. Estou certo que todos elles hão de seguir os passes do Serafim...

SERAFIM. I'u tambem fallo com elles, «so manjor».

MAJOR. Tambem? (*Abraçando-o.*) Oh! amigo Serafim!

SERAFIM. Ai! que me quebra a espinha!.. Ai!..

MAJOR. Pois vá, meu amigo, vá conversar com os outros, o Antonio, o Quincas, o Romualdinho...

SERAFIM. (*á parte.*) Eu vou mas é convidar a rapaziada p'ra uma bisca a vintem na venda do Piôlhõ... (*Alto*) Já vou.. Até logo... Viva o «sô manjor»!.. (*A' parte apanhando o chapeo.*) «Exe»! (*Sohe.*)

SCENA VI

MAJOR. Mais cinco mil e quinhentos para a corda do sino !.. E por fallar em sino: esta demora do Pantaleão já está me assustando. Embora a minha candidatura esteja correndo ricamente, qualquer coisa me assusta.. E no entretanto, não tenho rasão, porque estou aqui, estou na camara dos deputados; estando na camara dos deputados, estou no senado; estando no senado, estou na pasta da guerra !.. Ah ! que taponas no Zé Caolho !.. Tenho vontade de rir, de cantar, de dansar !.. A minha pelle parece que é pequena para conter-me !.. Deputado ! senador ! ministro !.. Que papelão ! que papelão !.. Já heide levar d'aqui o meu primeiro discurso escripto pelo Pantaleão. Hade ser coisa de encher o olho.. pois não ! O Pantaleão tem dedo e tem talento... Mas que alegria ! que alegria !.. (*Dansa, cantarolando.*)

PANTALEÃO. (*ao longe.*) Oh ! major ! major !

MAJOR. (*prestando attenção.*) Heim ?.. Parece que me chamaram..

PANTALEÃO. (*mais perto*) Oh ! major ! major !

MAJOR. (*alegre.*) E' o Pantaleão ! Finalmente ! Chegou o Pantaleão !.. (*Corre ao fundo.*)

SCENA VII

Major e Pantaleão

PANTALEÃO. (*precipitado, com um embrulho na mão e com grande enthusiasmo.*)

N. 3. Eis-me cá ! eis-me cá !
 O grande Pantaleão
 cá está ! cá está !..
 trazendo aqui a eleição,
 a eleição,
 a eleição
 do major Anacleto da Trindade,
 a sapiente, exdrúxula entidade
 da freguezia
 das Tres Pessôas !

Os cartões ! os cartões ! os cartões
de visita
aqui 'stão;
illustre senhor
deputado major ! .

MAJOR. (*abraçando-o.*) Meu amado Pantaleão ! sabio dos sabios, rei da sabedoria ! A tua demora, preclaro e dilecto amigo, já estava me dando crueis receios. Julguei que tivesses adoecido, que te tivessem reerutado para soldado... Ah ! Pantaleão, quando se ama como eu te amo... sim, porque tu es o meu braço direito, o meu braço esquerdo, a minha perna esquerda, a minha perna direita, e sobretudo—a minha cabeça !

PANTALEÃO. (*senta-se no sofá, deixa o embrulho ao lado e passa o lenço pela frente.*) Ah ! major, não me foi possível vir mais cedo. Em primeiro lugar, fui á typographia, pelos cartões...

MAJOR. Epitaphios, Pantaleão, epitaphios.

PANTALEÃO. Chego e faço a encomenda—«Quando ficam promptos ?»—perguntei.—«D'aqui a tres dias.»—respondeu-me o dono da quitanda.—«Tres dias!—exclamei —Nada; é muito tempo; quero-os para amanhã sem falta.»—«Pois bem amanhã estarão promptos; venha amanhã.»—Quando dei o lettreiro, o sujeito olhou para mim, depois de o ler, e fez assim uma cara de quem quer dar uma risada. Encalistrei a principio; mas levantei-me em seguida, tomei uma posição magestosa e perguntei:—«Porque é que o senhor ri-se ?»—Quem me mandou fazer tal pergunta ? O maldicto levou as mãos á barriga, e teve um frouxo...

MAJOR. (*admirado.*) Um frouxo ?

PANTALEÃO. De riso, major, de riso. Perdi a tramontana. Enterrei o chapéo até ao pescoço, agarrei o lettreiro e embarrufastei para a porta; mas o damnado, ainda gago de riso, pegou me pelo cangote, gritando:—«Não se incommode... Vou explicar-lhe o motivo porque estou rindo»...—

MAJOR. E explicou ?

PANTALEÃO. Explicou. Disse-me elle que aqui ha tempos atraz... (*Assôa-se.*)

MAJOR. (*impaciente.*) Adiante, adiante. Guarda o nariz para depois.

PANTALEÃO. Tinha feito uns cartões com um lettreiro quasi igual, e que o resultado foi o candidato ganhar...

MAJOR. O que ? o que ?..

PANTALEÃO. Uma derrota, major, uma derrota.

MAJOR. (*dando um pulo.*) Oh ! diabo !

PANTALEÃO. Mas não se afflija. O nosso caso é outro, e o seu triumpho é infallivel como a lua nova.

MAJOR. (*rindo.*) Hê ! hê ! hê !

PANTALEÃO. Bom. Mas a minha demora não foi somente por causa dos cartões... foi também por causa do sino...

MAJOR. Do sino ?

PANTALEÃO. Reflecti que o major fazia um papelão si offerecesse um sino novo á nossa igreja, e puz-me á procura do sino..

MAJOR. Oh ! Pantaleão, você é um genio !. Mas um sino deve custar carinho...

PANTALEÃO. Nem por isso. Achei um quasi de graça, em segunda mão. E que sino, major ! que sino ! Quatro palmos de bocca e badalo d'este tamanho ! (*Mostra o tamanho com as mãos.*) Heide repical-o no dia do seu triumpho ! Tem umas vozes de anjo !.. Parece a menina Rosalina quando canta, ou o Juca...

MAJOR. Não me falle na Rosalina. Pantaleão ! não me falle no Juca !

PANTALEÃO. (*admirado.*) Então porque ?.. (*A' parte.*) Dar-se-ha o caso que durante a minha ausencia os dois pom-binhos... E' duro de roer, é, e o major tem rasão para estar escamado...

MAJOR. Pois os desgraçados não queriam ainda ha pouco que eu desistisse da minha candaditura, Pantaleão ?

PANTALEÃO. (*dando um salto.*) O que me diz homem !

MAJOR. E teimaram... Mas puz-me teso e não desisti.

PANTALEÃO. Perfeitamente. Uma cendaditura tão bem aceita, com tantas probabilidades de um triumpho esplendido ! (*Outro tom.*) Quer que lhe diga uma coisa, major ? A menina Rosalina e o Juca que vão dormir, si estão com scorno ! Desistiu ! Nunca, major !

MAJOR. (*tragico.*) Nunca ! nunca ! nunca !

PANTALEÃO. O sino vem ahi atraz. Amanhã ou depois havemos de collecal-o e atirar fóra o sino velho, aquella vergonha sem beiços ! Agora, major, vou mostrar-lhe os cartões. (*Abre o embrulho, desatando vagarosamente os cordões que o atam.*)

MAJOR. (*comsigo.*) Para deputado geral — Anacleto Pantaleão... não, não é isto..

PANTALEÃO. (*dundo um cartão.*) Veja isto, major, veja isto, e diga-me si é possível ser derrotado quem se apresenta candidato com semelhante luxo!

MAJOR. Mas, Pantaleão, o outro foi...

PANTALEÃO. Ora! O outro foi; mas o major não hade ser. . Digo lh'o eu! Veja...

MAJOR. (*lendo com dificuldade.*) «Para deputado geral--Anacleto da Trindade—major da...» (*Outro tom, sangado*) Está errado, Pantaleão, está errado!

PANTALEÃO. Não é possível, major. Lêa bem.

MAJOR. Oh! Pantaleão, basta que eu diga que está errado, para estar errado! Então eu não sei ler? (*Lê com dificuldade*) «Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da guarda nacional.»

PANTALEÃO. (*triumphante.*) E então?

MAJOR. E então? Orde é que está aqui a palavra —«invicta»—, Pantaleão?

PANTALEÃO. (*vencido.*) Desculpe, major. Escapulio-me involuntariamente...

MAJOR. Pois não devia ter escapulido. Você devia ter mais consideração pela minha pessoa! Esta foi mesmo uma dos diabos! E eu que fazia questão da palavra —«invicta»!

PANTALEÃO. Oh! major, que todas as dificuldades fossem como essa. Eu escreverei em todos os cartões a palavra—«invicta»—, e está salva a patria!

MAJOR. Mas o Pantaleão tem uma letra medonha e vai borrar os papelinhos que estão tão limpos...

PANTALEÃO. Então peça ao Juca que escreva.

MAJOR. (*contemplando um momento o cartão.*) Mas, Pantaleão, a palavra—«invicta»—é indispensavel?

PANTALEÃO. Não, major. E' perfeitamente dispensavel. Até a minha opinião é que essa palavra ahi constitue um pleonasmio.

MAJOR. O que é isso, Pantaleão?

PANTALEÃO. E' uma figura, major, uma figura chinesa... (*Declamando.*) Invicta guarda nacional! Ora! Basta dizer—guarda nacional--para estar subentendido que é invicta. . sobretudo a nossa!

MAJOR. Lá isso, é exacto. Pois fica abolida a palavra—«invicta»—, Pantaleão!

SCENA VIII

Os mesmos e Serafim

SERAFIM. «Sô manjor», já fallei «câ» rapaziada.

MAJOR. Você é um—«quéra»,—Serafim! E elles querem?

SERAFIM. Ora, si querem! (*Baixo.*) Mas cada um quer tres páos, menos nem um x.

MAJOR. (*á parte.*) Isto é o diabo! A coisa já me vai entrando muito pelos cobres... Mas, que remedie!.. (*Baixo.*) E quantos são?

SERAFIM. E' o Quincas, o Antonio, o Romualde e o Zé.

MAJOR. (*á parte.*) Upa! Tres vezes quatro... (*Contando pelos dedos sempre á parte.*) Doze mil réis!.. D'esta vez fico em mangas de camisa!.. (*Baixo, dando dinheiro.*) Tome lá; mas olho vive com os «mecos»... Que não vão me fazer alguma...

SERAFIM. Agora, «exe»! Ficam por minha conta... (*Á parte.*) Cinco e quinhas com mais quatro e mais doze—vinte um e um quinhentão! Vou comprar um chapéo novo e uns sapatos envernizados! (*Alto.*) Ah! «sô manjor», que dia vai ser o da sua «inleição»!.. que festança! que pagode! E viva o «sô manjor»!

PANTALEÃO. (*que tem estado, desde a entrada de Serafim a contemplar um cartão e a gesticular, levanta-se como impellido pôr uma mola.*) Viva!

MAJOR. (*que desde a sua ultima falla, passêa; resmoneando e a contar pelos dedos, ao mesmo tempo.*) Viva!

SERAFIM. Viva'o «sô Espantaleão»!

MAJOR. Viva!

PANTALEÃO. (*ao mesmo tempo, agitando o lenço.*) Viva! viva! Viva eu!

SERAFIM. E eu tambem!

N. 4.

PANTALEÃO.

Ai! que dia!

MAJOR (*tallado*)

Mas que dia!

SERAFIM

Este dia...

PANTALEÃO

Da eleição !

MAJOR (*fallado*)

Que triumpho !

SERAFIM (*á parte*)

Já 'stou rico !

PANTALEÃO

Que gloria !

MAJOR (*fallado*)

Pantaleão !

PANTALEÃO

Que rumôr na freguezia !
que festas ! que barulhão !

SERAFIM (*á parte*)

Já tenho os cöbres no bolso...

MAJOR (*fallado*)

Meu rico Pantaleão !

Todos

Ai ! que dia ! mas que dia
este dia da eleição !
que rumôr na freguezia !
que festas ! que barulhão !
ai ! que dia ! mas que dia,
este dia da eleição !

SCENA IX

Os mesmos, Rosalina, Juca, Quincas, Antonio e Romualdo

ROSALINA. Que cantoria é esta, papai ?

PANTALEÃO. Nada, menina. Estamos festejando antecipadamente o triumpho do papai !

JUCA. (*á parte.*) Que idiotas !

QUINCAS. (*baixo a Serafim.*) Escorregou ?

ANTONIO. (*idem, ao mesmo tempo.*) Escorregou ?

ROMUALDO (*idem, ao mesmo tempo*) Escorregou ?

SERAFIM. (*baixo.*) Caluda ! Temes cobre... Dez «tustas» p'ra cada um.

ROMUALDO. (*baixo.*) E' pouco... Ai ! ai !

QUINCAS. (*baixo, espirrando e limpando o nariz aos dedos.*) Atchi ! Eu quero mais.

ANTONIO. (*baixo.*) E eu tambem.

SERAFIM. (*baixo.*) Elle disse que amanhã dá mais. Por hoje, só dez «tustas.»

PANTALEÃO. (*indo ao grupo, baixo.*) Oh ! rapazes, vocês vão salvar-me de um grande aperto. O director geral communicou-me que depois de amanhã vem visitar a escola. Como vocês sabem, eu só tenho dois alumnos—o filho do João Pelota e o sobrinho da Rita Barbada. Ora, será uma vergonha para mim que o director encontre somente dois tramanzolas na escola. O que eu quero é que vocês e mais alguns amigos, no dia em que o homem chegar, façam-me o favôr de ir servir de meus alumnos por uma ou duas horas. Lá o serem já taludes e meio barbados, não quer dizer nada...

JUCA. (*que tem estudo a conversar com o major e Rosalina, rindo.*) O que é isso, senhor Pantaleão ?..

PANTALEÃO. (*tomando-o á parte.*) O que quer, meu amigo ?.. E' o unico meio que tenho de salvar quasi trinta annos de bons e reaes serviços.

JUCA. Está bom, está bom.

PANTALEÃO. Mas «scute... (*Conversam.*)

SERAFIM. (*á parte muito satisfeito.*) Tenho cobre...

PANTALEÃO. (*indo no grupo dos rapazes*) O que resolvem ?

SERAFIM. (*baixo.*) O «só Espantaleão» dá um «quinhetão» a cada um ?

PANTALEÃO. (*baixo.*) Dou... Que remedio !.. (*Á parte.*) E' o diabo ! Mas si não fizer um sacrificio, estou apertado...

SERAFIM. Viva o «só Espantaleão» !

JUCA. Então, major, insiste ?

ROSALINA. Papai...

MAJOR. Ora, não me amchem ! (*Aos outros.*) Meus amigos, viva o deputado Anacleto da Trindade !

TODOS. Viva !

JUCA. Meu sogro...

ROSALINA. Papaisinho ..

PANTALEÃO. (*tomando o major á parte.*) Duro com elles, major, duro com elles ! Não desista !

MAJOR. Nunca! (*Solemne.*) E' uma questão de honra!
Heide trabalhar sem descanso, e heide triumphar! Meus ami-
gos, tenhamos coragem uma vez e vençamos o inimigo que
quer supplantar-me n'esta eleição!

N. 5.

CÔRO

Sejamos, pois, valentes,
p'ra triumphar
dos inimigos que querem
nos supplantar
n'esta eleição,
n'esta eleição,
e que, traidores nos ferem
com a traição, com a traição!
(*Tanto nos vivas como no côro Rosalina e Juca não entram.*)

FIM DO 1º ACTO



ACTO II

A escola

Sala vazia, mas suja de borrões de tinta em varios pontos das paredes.—Uma meza pequena, ordinaria.—Duas classes velhas.—Quatro cadeiras velhas.—Um quadro negro com um pedaço de giz no rebordo e uma esponja amarrada com um barbante.—Sobre a meza, uma campainha grande, livros velhos, papéis, canetas e um tinteiro de barro.—Encostada á meza, ou sobre ella, uma cauda de foguete.—E' dia.

SCENA I

PANTALEÃO. (*sentado, com os braços sobre a mesa, servindo-lhe de travesseiro, resomna.—Sonhando.*) Silencio, meninos... não façam barulho... (*Ronca.*) Oih essa lição, João Pelota... (*Ronca.*) Napoleão I foi o ultimo bispo do Rio de Janeiro... e Napoleão III foi o primeiro subdelegado da freguezia da Lagôa... (*Ronca.*) Limpa esse nariz, João Pelota... Não sejas porco, rapaz! A porcaria é uma virtude... menos no nariz!.. (*Ronca.*) A nossa freguezia está situada tão perto do polo norte, que qualquer um de nós, estendendo a mão, pode tocar... (*Resomnando, estende a mão, pega na campainha e toca com força.—Acorda sobresaltado, vai a cair da cadeira, mas segura-se á mesa, deixando ir ao chão a campainha e olhando admirado para todos os lados.—Pausa.*) Parece que estive a dormir... Parece, não: é certo que passei por uma sonneca. (*Levanta-se e apanha a campainha, que colloca na mesa.*) É o caso é que o director geral podia apanhar-me com o focinho na botija... Focinho—é um modo de dizer, porque focinho teem os porcos irracionais... os racionais, como eu, teem nariz!

(*Tomando a cauda do foguete e sentando-se.*) Hoje vou ter um triumpho! O Manduca, o sobrihuo da Rita Barbada, vai pôr o director de bocca aberta!.. Si eu já não sei o que heide ensinar-lhe de historia e geographia... O rapaz decora como um papagaio, e o que lhe entra... fica! (*Indo a porta.*) Mas o diabo é que já devem ser nove horas, e a rapaziada não apparece... (*Desce.*) Estão talvez por ahí a jogar os cunhos eu o pião, mas não de vir... (*Senta-se. Pausa.*) Mas que logro, e que idéa a minha de arranjar alumnos a cinco testões cada um!.. E' puchadinho, é; mas, afinal, quem paga é o major; porque pedi-lhe uns cobões para a compra de votos... Não comprou os votos, e pago aos rapazes... (*Erguendo se.*) Si eu não tivesse recebido a communiqueação da visita do director estava trito! O homem apresentava-se aqui, e só encontrava na escola a mim, as traças e as moscas, as traças, sobretudo, porque as traças andam aqui as pencas! (*Reparando para a parede.*) Lá vai uma subindo... (*Dando com a cauda do foguete*) Anda, sem vergonha! Então isto aqui é posso!.. (*Reparando.*) Olha outra... uma... duas... tres... quatro... Chi!.. (*Dando com o foguete a torto e a direito.*) Não é a tóa, que os livros e os papeis estão n'uma desgraça! (*Sentando-se.*) Mas, como ia dizendo: depois de cinco ou seis mezes de uma ausencia absoluta de frequencia, matricularam-se—á força das minhas choradeiras—o filho do João Pelota e o sobrinho da Rita Barbada,—o Manduca, um talento! Entretanto, eu não podia apresentar ao director dois alumnos somente, quando o regulamento exige que o minimo da frequencia seja dez... Para salvar-me do apuro, comprei o Serafim, o Romualdo e mais alguns para virem hoje fazer numero. Lá o terem já algumas barbicas, não quer dizer nada, porque assim como nasceu aqui ha tempos uma criança com orelhas de burro...—e por signal que toda a frequezia disse que era o meu retrato...—podiam elles tambem ter nascido barbados... Isto é da natureza! (*Afugentando uma mosca.*) Sahe-te, diabo! Moscas e traças, traças e moscas,—eis o que tenho aqui com fartura! (*Reparando para a parede.*) Lá vai outra... (*Dando com a frecha nas paredes*) Si eu tivesse alumnos, como tenho traças, estava bem aviado! (*Continuando a bater com a frecha.*) Fóra! fóra! fóra! (*Descendo, alegre.*) Mas o logro ao director!.. Esta é exactamente como a historia dos cartões de visita:—só lembraria ao diabo ou aos francezes.. E o director hade engulir a coisa sem achar uma espinha!.. (*Fôe a frecha ao hombro, á guisa de espingarda.*)

N 6.

Ai ! que logro ! que trapaça !
que pedacinho de truz !
que pagode ! que chalaça !
que velhacada ! Jesus !

Com certeza—tenho graça:
n'um momento—catrapuz:
o Peroba a perna passa
no visitante ! Jesus !

Que troça ! que troça !
que grande chalaça !
que logro ! que logro !
que graça ! que graça !

SCENA II

Pantaleão e Rita

RITA. (*da porta, fallando cantado.*) Oh ! «sô Espantaleão» ?..

PANTALEÃO. (*sem olhar, á parte.*) E' a Rita Barbada—a tim do Manduquinha... Esta mulher é peier do que um catharro chrenico !

RITA. (*da porta.*) Oh ! «sô Espantaleão» ?..

PANTALEÃO. (*á parte.*) Espantaleão é o diabo que te carregue !

RITA. (*da porta.*) «Sô Espantaleão» ?

PANTALEÃO. (*á parte.*) Já sei, Vem com a ladainha do costume. Quer tirar o sobrinho da escola para mandal-o aprender a tocar gaita. E' uma besta esta mulher !

RITA. (*gritando.*) Oh ! «sô Espantaleão» ?.. Está surdo, «home» ?

PANTALEÃO. (*á parte.*) Si eu pudesse transformar-me em mosca ou traça, era uma pechincha !.. (*Reparando para a parede.*) Lá vai outra... (*Começa de novo a bater com a frecha na parede e a gritar.*) Salta ! Já d'aqui pra fóra, lambisgoia ! Chó, carocha !

RITA. (*segurando-o por tras, pelos hombros e sacudindo-o.*) Oh ! «home» do diabo, «vancê» está maluco ?

PANTALEÃO. (*fingindo-se admirado de a ver.*) Ah! é a «sinha» Rita?. Era por causa das traças... Aqui ha muita traça...

RITA. Cara de traça me parece «vancê», «so Espantaleão»! Ha um bandão de tempo que estou «le» chamando, e «vancê» . moita... fingindo que não «oivia, so marreco»!

PANTALEÃO. (*á parte.*) Marreco! Ainda si me chamasse gallo, vá lá; mas marreco!.. (*Alto.*) Não ouvi, tia Rita,

RITA. Tia, não; veja lá como falla! Tia é negra velha!

PANTALEÃO. (*à parte.*) E' preciso leval a por bem, si não, lá se me vai o Manduquinha pela agua abaixo... (*Alto.*) Está bom, está bom... não se zangue, D. Ritinha... Nem sabe a alegria que tenho quando a vejo apparecer cá em casa .. Ora, a D. Ritinha!.. (*Á parte.*) E' um homem de saias... um perfeito homem de saias!

RITA. Pois, «so Espantaleão», eu vim cá...

PANTALEÃO. Mas sente-se, D. Ritinha... Ora, a D. Ritinha de pé!.. (*Dando uma cadeira.*) Sente-se.

RITA. (*sentando-se.*) «Brigada».

PANTALEÃO. A D. Ritinha!.. A senhora quando vem cá é o mesmo que o sol me entrando pela porta. . porque a senhora é um sol.. Quem a vir, não acredita... mas é: basta que eu diga que é...

RITA. Pois, «sô Espantaleão»...

PANTALEÃO. (*á parte.*) Sou ate capaz de pedil-a em casamento, para que ella não leve o rapaz!.. (*Alto, com attitudes de galan.*) Ah! D. Ritinha, si soubesse...

RITA. (*á parte, desconfiada.*) Este «home» não está «bão» hoje, não... (*Alto.*) Pois, «sô Espantaleão»...

PANTALEÃO. Si soubesse. D. Ritinha!.. Mas é sempre assim... é sempre assim... A senhora não sabe... Si soubesse...

RITA. (*desconfiada.*) O que, «homê»?

PANTALEÃO. Não sabe... Está visto que não sabe... E soffra um homem... e passe dias em claro e noites sem comer e... Ah! D. Ritinha! D. Ritinha! A senhora é uma ingrata!..

RITA. (*á parte.*) Coitadinho! Parece que está meio virado da bôla!

PANTALEÃO. E' uma ingrata, sim... uma grande ingrata! Pois não comprehendeu ainda... (*Á parte.*) Que purgante!.. (*Alto.*) Não adivinhou... (*Á parte.*) Já estou com o estomago

como si tivesse tomado um litro de jalapa l., Mas o Manduquinha fica na escola, fica. . . (Alto.) Ainda não verificou,...

RITA. (*desconfiada.*) Mas o que, «home» ?.. Que «dianho» !

PANTALEÃO. Ah ! coração de gelo ! ah ! alma de esterco !.. Não: alma de esterco, não !.. (A' parte.) Estou quasi vomitando, mas o Manduquinha fica !

RITA. (*á parte, desconfiada.*) Ficou maluca, ficou,.. Aqu'elle juizinho não está «bão»...

PANTALEÃO. (*dramatico.*) Não comprehende os grandes sentimentos, os amôres loucos, as enorme paixões que inspira com a sua belleza l., (A' parte, querendo vomitar.) Vomito, decididamente, vomito !

RITA. (*admirada.*) «Hãim» ?.. Que é que «vancê» está dizendo ?..

PANTALEÃO. (*vahindo de joelhos.*) Digo... digo que te amo !.. que morro por ti !.. (A' parte.) O Manduca fica...

RITA. (*levantando-se assustada e recuando.*) «Jesus» !.. Chegue p'ra lá «home» !.. Que coisa !

PANTALEÃO (*tomando-lhe a mão.*) Ritinha da minha alma !

RITA. (*recuando.*) «Vancê» está doido, «home» !.. «Vancê» não está «bão», não... «Hué» !

PANTALEÃO. Mas eu te amo l.,

RITA (*pasma.*) Ama ! (Outro tom.) Oh ! «sô Espantaleão, vancê» não tem «vregonha» ?..

PANTALEÃO Mas, Ritinha, o amor nunca teve vergonha, e eu amo-a..., amo-a doidamente !

RITA. Ora, já se vio p'ra o que deu o diacho do velho ! (Afastando-se.) Chegue p'ra lá, «home» !..

PANTALEÃO Vem cá, minha Venus... meu sol... minha lua... meu cometa de cauda... (*Quer abraçal-a.*)

RITA. (*afastando-se.*) «Jesus» ! Santa Maria !.. Este «home» comeu cobra !

PANTALEÃO. (*seguinto-o.*) Quero casar contigo, Ritinha !

RITA. (*parando, admirada.*) Ca ..

PANTALEÃO. Casar !

RITA. Oh ! «home, vancê» está chingando a gente !

PANTALEÃO. Porque ?

RITA. Porque... porque... (*Com um grande suspiro, revirando os olhos para Pantaleão.*) Ai ! ai !

PANTALEÃO. Porque suspiras, minha pomba rôla ?..

RITA. Mas o «so Espantaleão» não está maluco, não?

PANTALEÃO. Maluco! Ora, essa! Estou mas é furioso por si, Ritinha. (*A' parte, querendo vomitar.*) Parece que tomei jalapa!

RITA. Mas «qué memo casá» commigo?

PANTALEÃO. Pois não: é o meu maior desejo.. Ah! Ritinha, do nosso casamento depende... (*A' parte.*) Depende que o Manduquinha fique na escola até amanhã... (*Alto*) Ritinha, você acha-me bonito?

RITA. «Home», eu não sei «pregá» mentira, «Vance» é feio como a «gueixa» do Zé Caolho!

PANTALEÃO. (*empregando-se, sangado.*) Oh! mulher, essas coisas pensam-se, mas não se dizem! Feio como a «gueixa» do Zé Caolho! Olha a franqueza!

RITA. Mas, «memo» assim, eu casava com «vance».

PANTALEÃO. (*alegre.*) Casava! Pois está dito. Com franqueza: a Rita parece mais um cameleão do que uma mulher... mas eu adoro-a mesmo assim. Então somos noivinhos, heim? (*A' parte.*) Eu bem disse que o Manduca ficava. Amanhã digo à velha que estava brincando, e mando-a á fava! Ora, a coruja!

RITA. E quando hade «sê» o «casóro»?

PANTALEÃO. Veremos isso depois... (*A' parte.*) Que pressa!

RITA. Quanto mais de pressa, «mió»; si «fô aminhá», bem «bão»;

PANTALEÃO. (*A' parte.*) E esta! (*Alto.*) Amanhã, não; para a semana...

RITA. Chi! Leva muito tempo!.. Eu quero já, já!

PANTALEÃO. (*A' parte.*) Ora, o diabo da lesma! (*Alto.*) Já, já, não é possível, Ritinha... mas depois de amanhã, sem falta.

RITA. (*batendo palmas.*) Está dito! «Dispois» de «aminhã»!

PANTALEÃO. Agora, que o nosso casamento está assentado de pedra e cal, e que só aguardamos,—com uma impaciencia facil de comprehender; attentos o verdor dos nossos annos e os nossos encantos pessoases.—o momento psychologico da nossa feliz união, diga-me, adorada Ritinha, o que veio fazer ao humilde tugurio d'esse pobre pastor arcádico...

RITA. Eu vim p'ra «tirá» o Manduca da escola...

PANTALEÃO. Mas, para que?.. O Manduca é um talento!. No pouco tempo que o tenho cá, já sabe tanto como eu! Aquelle rapaz, com mais um anno de escola, vai longe...

RITA. «A mode» que é assim... Porém eu queria que elle aprendesse...

PANTALEÃO. A tocar gaita, já sei.

RITA. P'ra «ganhá» dinheiro nos «fandango»...

PANTALEÃO. Mas tocar gaita não é uma profissão... E' um divertimento; mas não é uma profissão. Deixe o pequeno comigo, deixe-o, e verá que coisa sahe d'ali...

RITA. Pois sim... Mas eu queria que elle aprendesse...

PANTALEÃO. A tocar gaita? Pois que aprenda, mas nas horas vagas, sem prejuizo das lições.

RITA. Pois «antão»... (*Revirando os olhos para Pantaleão.*) Ai! ai! O Manduca fica... Eu queria que elle aprendesse

PANTALEÃO. A tocar gaita, já sei...

RITA. E'. Porém «vancê qué» que fique, eu deixo «ficá».. (*Estendendo a mão.*) «Antão», até loguinho, «mô» noivo... Logo vá «tomá» um caneco de café lá em casa, sim?..

PANTALEÃO. Vou, vou. Pois então! Um caneco de café, em amavel palestra com a minha Ritinha.. (*A' parte.*) E' um vomitorio de poaia!

RITA. «Antão», vai?

PANTALEÃO. Vou, vou... (*Apertando-lhe a mão.*) Até logo, minha noivinha. (*A' parte.*) Por um oculo!

RITA. Adeus, «mô» anjo!

PANTALEÃO. Adeus, minha «anja»!

RITA. (*da porta.*) Adeus, «mô» cachorrinho! (*Envia beijos.*)

PANTALEÃO. Adeus, minha gatinha! (*Envia beijos.—Ritinha sahe.*)

SCENA III

PANTALEÃO. (*dando uma risada.*) Ora, o diabo da velha!.. Pois a carocha não está pensando que o casamento é serio!.. (*Pausa.*) E si quando eu lhe disser que aquillo era trêça, ella lembrar-se de fazer ahi um barulho dos meus peccados! E' muito capaz de pôr-se a gritar que eu sou um perverso, um desalmado, um seductor! Aquillo é um homem de saias, um brutamonte! Antes dez purgantes e uma má hora de morte, do que um casamento com aquella ratazana!.. Por minha causa, não deixará ella de enterrar-se vestida de bran-

co !.. (Outro tom.) Nada ! E' preciso procurar um meio de terminar o negocio sem escandalo, porque si ella fizer escandalo, estou perdido... O Zé Caolho dá uma parte, e rua «me fecit» ! (Indo matar traças com a frecha.) Ora, o diabo da velha !.. Que espiga !.. (Afugentando uma môsca.) Oh ! maldicta !.. (Perseguindo a môsca.) Espera, que não me escapas... espera !.. (Vai matar a môsca e dá com a mão no rosto. Encoilhendo-se.) Ai ! que foi mesmo no olho com toda a força !.. (Esfrega os olhos.—Pausa.) E os rapazes que não apparecem... Ora, não vão aquelles canalhas fazer-me alguma tractantada ! São muito capazes de deixar-me a ver navios, porque todos elles são uns patifes de marca !.. O Romualdiuho, por exemplo... O Romualdiuho é um monturo de mãos costumes. Quem não o conhecer, que o compre... (Vai matar traças.)

SCENA IV

Pantaleão e Manduca

MANDUCA. (com um livro velho debaixo do braço.) Bom dia, «só professô».

PANTALEÃO. (sem deixar as traças.) Bom dia, Manduca. Porque é que se demorou tanto hoje ?

MANDUCA. Eu estava aprendendo...

PANTALEÃO. A tocar gaita, já sei. Toque de noite, Manduquinha, toque de noite, que não faz mal; mas de dia, nunca ! O dia é para as lições da escola. Sabe o menino que vou apresental-o hoje ao director ?

MANDUCA. Ao «directo» ?

PANTALEÃO. Sim. O menino vai hoje fazer um examesinho de historia e geographia, para por o homem de bocca aberta. Mas não se acanhe, Manduquinha. Quando eu fizer a pergunta, responde logo sem hesitar, ferindo bem os *rr* e os *ss* das palavras...

MANDUCA. Eu «hade fallá direto», sim, «senhô»... (Sentase na classe e abre o livro.)

PANTALEÃO. Manduquinha, lea um pouco o seu Manual de Achilles Monteverde... (Pronuncia com —x—o —ch de Achilles)

MANDUCA. (lendo com custo) «A palavra «zigreja» se-

gundo a «linguagem» commum, é o «mêmo» que o «loga» ou «edifício» destinado ao «curto» divino; porém, na sua acção «accção» mais «gera», é uma «sociadade» estabelecida por «Zisus» Christo, a «qua», governada por certa «otoridade», e «especiamente» pelo «papa»...

PANTALEÃO. (*matando traças.*) Papá, não, Manduquinha; papa...

MANDUCA. (*lendo.*) «Papa ou summo pontifice».. (*Carrega na penultima syllaba da palavra—pontifice.*)

PANTALEÃO. Pontifice, menino. pontifice.. (*Indo á porta.*) O menino já lê como o major Anacleto, e no entretanto, ainda nem alteres o fizeram! (*Fallando para fóra.*) Olá! Então passa de largo! Também preciso do senhor hoje. Entre um bocadinho.

SCENA V

Os mesmos e Juca

JUCA. (*apertando-lhe a mão.*) Como passou? (*Descem.*)

PANTALEÃO. Assim, assim... Sabe o meu amigo que é hoje o grande dia, o dia da visita do director?

JUCA. Mas onde estão os alumnos que contractou para hoje?

PANTALEÃO. (*atrapalhado.*) Não sei... A ausencia d'elles já está me dando pensão.

JUCA. Pois sei eu. Estão na encruzilhada, na venda do Chico Piolho, jogando a bisca...

PANTALEÃO. Na venda do Chico Piolho? Isto é uma immoralidade, meu amigo, é um desaforo! Si fossem verdadeiramente meus alumnos, eu sei o que fazia: rachava-os a bofes...

JUCA. Mas como não são seus alumnos, não os racha... Deixe-os lá, senhor Pantaleão, deixe-os lá.. (*Outro tom.*) Sabe que foi uma felicidade para mim encontrar hoje a escola aberta e o senhor na escola?.. Temos um negocio de summa importancia..

MANDUCA. (*lendo.*) «O summo pontifice»...

PANTALEÃO. Um negocio!.. Sentemo-nos. Manduca, vá continuando a ler, mas baixinho, para não nos atrapalhar o negocio.. (*A Juca.*) Sentemo-nos (*Sentam-se.*) Estou ás suas ordens.

JUCA. E' incontestavel — e tenho muitas vezes notado — que o senhor Pantaleão exerce uma influencia illimitada sobre meu futuro sogro...

PANTALEÃO (*vaidoso.*) Qual! Não é tanto assim...

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja», segundo»...

PANTALEÃO. Mais baixo, Manduquinha, mais baixo. (*A' Juca.*) O major tem a delicadeza de ouvir-me sempre em todas as questões e de seguir os meus conselhos...

JUCA. Nada de modestias, senhor Pantaleão. Meu sogro não dá um espirro nem outra qualquer coisa, sem consultal-o primeiramente. O senhor é o seu «fac-totum»...

PANTALEÃO. (*à parte.*) Fac totum! Que bonita palavra!.. Não sei o que significa, mas heide aproveitá-la!

JUCA. Para o major, o senhor Pantaleão é o mesmo que um cachorro para um cego... salva a comparação do cachorro. O senhor leva-o para onde quer e faz d'elle o que lhe parece...

PANTALEÃO. (*vaidoso.*) Não é tanto assim, não é tanto assim, não, senhor... (*A' parte.*) Fac totum!

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja», segundo»...

PANTALEÃO. Mais baixo, Manduquinha, mais baixo.

JUCA. Pois, senhor Pantaleão, venho fazer-lhe um pedido, e espero que o senhor não deixará de pôr em campo toda a sua influencia para satisfazel-o...

PANTALEÃO. De que se tracta, meu amigo?

JUCA. Tracta-se da eleição.

PANTALEÃO. Da eleição?.. Dar-se-ha o caso que o meu amigo tambem queira ser candidato?

JUCA. (*sorrindo.*) Nada.. Ainda tenho bastante juizo para querer fazer papéis tristes... (*Outro tom.*) O senhor não ignora que, para que um candidato adverso ao governo, triumpho em uma eleição, é indispensavel que possúa muitos e fortissimos elementos que tenha um nome feito, que disponha de vasta influencia e que tenha fortuna para gastar...

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja», segundo»...

PANTALEÃO. Mais baixo, menino, mais baixo.. Oh Manduquinha, guarda a lingua no bolso!.. (*A' Juca.*) E então?

JUCA. Ora, meu sogro não está em taes condições. O seu nome é conhecido somente aqui na freguezia, a sua influencia estende-se apenas sobre meia duzia de votantes e a sua fortuna é demasiado modesta. Assim, pois, a sua candidatura é uma cautada muito perigosa e a sua derrota é tão certa, como é cer-

to que o Serafim e os outros foram contractados pelo senhor, a cinco tostões cada um, para virem hoje fazer de seus alumnos...

PANTALEÃO. (*atrapalhado.*) Mas, meu caro amigo...

JUCA. E' preciso, pois, que o senhor—que é um Evangelho para o major—faça com que elle desista, sem perda de tempo, das suas pretensões, evitando, assim, a vergonha de uma derrota...

PANTALEÃO. (*erguendo-se.*) Nunca, meu amigo! Nunca!

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja», segundo»...

PANTALEÃO. (*sangado.*) Oh! Manduquinha, já te disse que metteses a lingua no bolso!

JUCA. (*erguendo-se, calmo.*) Nunca?.. Porque?

PANTALEÃO. Porque é tão certo que o major vencera, como é certo que eu namorava a Rosalina, e que o senhor passou-me o pé e vai casar se com ella!

JUCA. (*sorrindo.*) Mas, senhor Pantaleão...

PANTALEÃO. E inutil insistirmos n este ponto. O major não desiste e hade triumphar. Quem lh'o diz sou eu, e quando eu digo, digo. O negocio está perfeitamente dirigido. Pelos meus calculos—e os meus calculos são infalliveis como o papa..

MANDUCA. (*lendo.*) «O papa ou summo pontifice»..

PANTALEÃO. Cala a bôcca, Manduca! Oh! (*A' Juca.*) Pelos meus calculos, o major vai ter toda a votação, com discrepância apenas de tres votantes, que não tiveram vergonha de vender as consciencias ao governo, um para ser subdelegado, o outro para ser escrivão do juiz de paz e o terceiro para ser inspector de quarteirão. O mais é carga cerrada. Hade ver.

JUCA. Mas, senhor Pantaleão, comprehenda que o major não pode ser eleito somente com a votação da freguezia..

PANTALEÃO. Já escrevi para todos os pontos da provincia e as respostas que tenho recebido são muito animadoras. Ouça isto. (*Tira do bolso uma carta muito amarrutada e abre-a.*) Ouça lá.

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja», segundo»...

PANTALEÃO. Oh! Manduca, quem é que lê, és tu ou sou eu? Guarda a lingua no bolso, já te disse duas vezes! (*Lê.*) «Illustre senhor Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria»... (*A Juca.*) Illustre! Vá já bem! (*Lê.*) «Nunca tinha ouvido falar no seu grande nome e fiquei sabendo que V. S. existia a ler a sua carta».. (*A Juca.*) Grande nome! Vá tomando nota!

(*Le.*) «A apresentação do senhor major Anacleto da Trindade, a quem ninguém aqui também conhece é uma idéa luminosa e digna de uma cabeça como a sua»... (*A Juca.*) Vá tomando nota; —idéa luminosa e digna de uma cabeça como a minha !
 (*Le.*) «Pode ficar certo que todos os votantes d'este municipio, tanto liberaes como conservadores, irão ás urnas. —Sempre ás suas ordens & &—Laguna & &—(*Guardando a carta.*) E como esta, tenho recebido muitas outras...

JUCA. (*à parte.*) Mas este homem é um idiota ! Pois não comprehende que aquella carta é um ridiculo !

PANTALEÃO. Agora vou mostrar lhe a circular que dirigi ás influencias politicas das localidades. (*Procura, na mesa, entre os papéis e os livros, e tira um pedaço de papel amarello de embrulho.*)

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja», segundo»...

PANTALEÃO. (*sangado.*) Manduca ! Manduquinha ! Si não quizeres guardar a lingua no bolso, mette a onde te parecer, mas calate ! (*Le.*) «Illm. Sr. —A salvação da patria e da lavoura da mandioca e da canna depende de muito juizo e de um bom deputado. O major Anacleto da Trindade, summidade politica d'esta localidade, reúne todas as condições para ser um representante de primeira qualidade. Apresento o, pois, aos suffragios dos votantes d'esse municipio, que, votando n'elle, votarão n'um sabio, n'um talento, n'uma illustração extraordinaria, n'um grande homem, finalmente. Posso affirmar isso tudo, porque estou na altura de julgar. O programma do major é o mais patriotico possivel: —abolição de impostos pequenos e creação de outros maiores; augmento de cento por cento sobre o subsidio dos deputados; propaganda sobre o plantio da batata ingleza em larga escala, e outras medidas de vasto interesse politico e social. Esperando que V. S. não deixará de acolher sob as azas archangélicas da sua protecção uma tão bella candidatura, subscrevo-me & &—(*Dobrando o papel*) E então ?.. Em vista d'isto, o que diz o meu amigo ?

JUCA. Mas, apezar de tudo, o senhor deve...

PANTALEÃO. Basta, meu amigo, basta. Nem mais uma palavra a respeito. Em negocios eleitoraes sei o que faço, e,—desculpe a franqueza,—o meu amigo não sabe o que diz. O major não hade desistir e hade ganhar, tão certo...

JUCA. Como é certo que o senhor é o homem mais teime-

so de toda a freguezia. Fique desde já sabendo, senhor Pantaleão: si o major fôr derrotado, a responsabilidade é sua...

PANTALEÃO. Minha ?

JUCA. Sem duvida. Quem foi que metteu o major em emissão de onze varas?... Adeus, senhor Pantaleão. Divirta-se com os seus alumnos a cinco testões cada um... (*Sobe.*)

PANTALEÃO. (*encalistrado.*) Já ainda agora o senhor fallou em alumnos a cinco testões cada um... Não comprehendo o seu pensamento... Explique-se...

JUCA. O senhor sabe perfeitamente o que quero dizer.

PANTALEÃO. Mas, meu amigo...

JUCA. Pergunte ao Serafim e ao Romualdinho... (*Sabe.*)

PANTALEÃO. Mas, venha cá, homem de Deus ! venha cá ! (*Sobe.*)

SCENA VI

Pantaleão e Manduca

MANDUCA. (*lendo.*) «A palavra «zigreja,» segundo»...

PANTALEÃO. (*descendo.*) Cala-te, Manduca ! Mette essa lingua no... bolso da calça, mas não me incomodes !

MANDUCA. (*lendo.*) «O summo pontifice»...

PANTALEÃO. (*gritando.*) Cala-te, diabo !

MANDUCA. (*pulando, com cara de choro.*) «Zisus», só mestre !...

PANTALEÃO. (*animando-o.*) Está bom... não chores... (*Danao dinheiro.*) Toma dois vintens para amendoim...

MANDUCA. (*guardando o dinheiro.*) «Brigado» !

PANTALEÃO. (*descendo.*) E' uma applicação extraordinaria a d'este menino... Quando se agarra aos livros, é isto: fica cego, surdo e mudo !.. E lê bem, lê como gente !.. (*Outro tom.*) Oh ! Manduquinha, dá um pulo ali á venda do Chico Piólho e dizê aos rapazes que deixem a bisca e que venham. O director não tarda por ahí, e não querê que me apanhe descalço... Anda, vai, meu lindinho, meu cherubim virado de avêso...

MANDUCA. Vou n'un corcovo, «sô professô»... (*A' parte.*) Vou «comprá» uma rôsca de «porvio».. (*Sabe*)

SCENA VII

PANTALEÃO. (*sentando-se, depois de uma pausa.*) Vai ser um momento solemne este! Um exame de historia e geographia!.. Ah! «seu» Pantaleão, você é um «quéra»!.. (*Outro tom.*) E a Rita Barbada não está pensando que o casamento é sério! Ora, a tartaruga da velha!.. A Rita deve ficar bonita mas é vestida de branco, depois de morta!.. Si eu ia casar-me com aquella caninana!.. (*Pausa.*) Desejo e tenho necessidade de contrahir matrimonio... mas hade ser com uma menina de quinze annos, gordinha e espevitada... A Rosalina estava a calhar, mas não quiz, e não sabe o que perdeu... Mas heide achar outra que queira... Em ultimo recurso, irei procurar na cidade..

N. 7.

Olá! olé! olá!..
ajuda Deus a quem trabalha,
e no céu se talha
casamento e mortalha!
A Rosalina certo verá,
em poucos dias,
em poucos dias,
ai! que alegrão!
com moça bella, gentil, formosa,
como uma rosa,
cheia de graças
e de negaças,
casado o grande cidadão,
glorie, ufania,
sei, alegria
da freguezia,
bem casadinho com um peixão,
o cidadão
Pantaleão
Pantaleão!

(*Sentando-se.*) Ha aqui uma rapariga que me agrada bastante... mas tambem não quer casar commigo, porque tem um namorado.. E' a filha do Zé Caúlho. Elle é um estúpido, que não falla para não dizer asneiras... Mas a filha, a Margarida, é um pedaço de mulher! Aquillo era um arranjo para mim!

SCENA VIII

Pantaleão, Serafim, Antonio, Quincas, Romualdo, Manduca, e mais alguns Rapazes

(Cada um traz um livro velho debaixo do braço.—Serafim entra adiante, commandando a troça.)

SERAFIM. (á porta.) A um de fundo, rapazes, a um de fundo ! (Collocam-se a um de fundo. Marcha !

TODOS. (desfilam em redor da scena e terminam o côro, em linha, de frente de Pantaleão.)

N. 8.

SERAFIM

Viva a troça ! que pagode !
marche, marche p'ra lição,
vamos dar vivas e vivas
ao nosso Pantaleão !

CÔRO

Viv' a alegria
do coração,
e viva o mestre
Pantaleão !

SERAFIM

Marche, marche, que são horas
de dar a nossa lição,
e ficar desapertado
o nosso Pantaleão !

CÔRO

Viv' a alegria
do coração,
e viva o mestre
Pantaleão !

SERAFIM. (parando, com os outros em linha, de frente de Pantaleão.) Viva o «sô Espantaleão» !

TODOS. Viva !

SERAFIM. Apresentar, armas ! (Presentam os livros a Pantaleão.) Descançar, armas ! (Mettem os livros debaixo do braço.)

PANTALEÃO. *(que tem assistido a tudo, pálido, de bocca aberta e com a frecha ao hombro, á guisa de espingarda.)* Obrigado, rapazes! obrigado, meu povo!.. *(Pausa.)* Meus amigos, meus illustres amigos, meus carissimos amigos! Esta manifestação de consideração e admiração á illustração do grande cidadão Pantaleão, põe-me o coração n'uma palpação em que não posso ter mão!

SERAFIM. Bonito! Parece verso!

ROMUALDO. *(suspirando.)* Muito bom! Ai! ai!

MANDUCA. Si eu «sabésse», tinha trazido a gaita...

ANTONIO. «Quá», gaita, nem «quá» carapuça, «lambishome»!

QUINCAS. *(espirrando.)* Atchi! Limpa o nariz aos de-dos e passa-os na cara de Manduca!

MANDUCA. São pr'a lá, «porcaião»! «So» mestre, o «so» «Antinho» está me chamando «lambishome», e o «so» Quincas está me sujando a cara de ranho!

ANTONIO. Olha que eu te quebro a facinheira!

QUINCAS. E eu te arreberto as ventas!

SERAFIM. Rapaziada, marche! Viva o «sô Espantaleão»!

TOBOS. Viva! *(Desfilam outra vez a um de fundo e rodem a scena.—A' proporção que desfilam, vão atirando os chapéus ao chão, no mesmo logar.—Findo o côro, sentam-se nas classes, pela seguinte fórma:—na primeira classe—Serafim, Manduca, Antonio, Romualdo e Quincas; na segunda classe—outros rapazes.)*

N. 9. *(Musica do n. 8)*

Marche, marche, que são horas
de dar a nossa lição,
e ficar desapertado
o nosso Pantaleão!

CORO

Viv' a alegria
do coração,
e viva o mestre
Pantaleão!

PANTALEÃO. *(depois de estarem todos sentados.)* Illustres concidadãos! Quando o imperador Carlos «Magão» e o marechal duque de Saldanha encontraram-se nos campos do Rio Grande do Sul, defendendo a religião mahometana, as gloriosas tropas

dos dois valentes cabos de guerra não fizeram certamente aos seus grandes commandantes uma manifestação tão expressiva como a que acaba de ter lugar... Carlos V. em Maratona, também não recebeu tantas provas de estima e apreço; Cleópatra, na republica Argentina, idem idem; Napoleão III, na China, a mesma coisa; o duque de Caxias, na Asia Menor, duas aspinhas!.. Sim, illustres concidadãos: esta manifestação tem para mim uma dupla significação:—a primeira, é que todos vocês comprehendem o meu alto merito, e a segunda é que os meus cobres já produziram antecipadamente effeito na bodega do Pielho!..

Todos (*lendo alto*) B-a-bá: passa p'ra cá: b-e-be: vai-p'ra Bagé; b-i-bi: salta p'ra li; bro-bó: vai-te tu só; b-u-bú: curucucú!

SERAFIM. (*imitando voz de gallo.*) Ki-ki-ri-ki!

ROMUALDO. (*imitando cabra.*) Mé... mé... mé!..

ANTONIO. (*fingindo porco.*) Rom... rom... rom!..

QUINCAS. (*fingindo rato.*) Huim... huim... huim!..

MANDUCA. (*imitando foguete.*) Chi... chi... chi... tá! tá! tá!..

PANTALEÃO. Oh! meninos, isto aqui é escola; não é exposição de animaes irracionaes. Não confundam!

Todos. (*lendo alto.*) B-a-bá; b-e-bé; b-i-bi; b-e-bò; b-u-bú!

ANTONIO. (*empurrando Romualdo.*) Chega-te p'ra lá!

ROMUALDO. (*dando-lhe com o livro na cara.*) Toma!

ANTONIO. (*erguendo-se e armando dois soccos.*) Oh! canalha!

PANTALEÃO. Oh! rapazes, conttenham-se. O director estoura por ahi a dentro de repente, e vocês compromettem-me. Conttenham-se.

MANDUCA. (*lendo*) «A palavra «zigreja», segundo» .

SERAFIM. (*segurando Mânduca pelo nariz e sacudindo-o*) Oh! amarello, vai buscar a tua gaita!

Todos. A gaita! a gaita «que saia»!

MANDUCA. (*estregando o nariz.*) «So» mestre, o «so Sarafim» está me puchando a penea!

PANTALEÃO. Por favor, senher Serafim, deixe tranquillo o nariz do menino .

SERAFIM. Ora, nariz! Uma cabeça de inhâme que tens ahi no meio da cara!.. (*Meditando o de alto a baixo.*) Amarello! Feições de porco do matto! (*Gritando.*) Amarello! amarello!

PANTALEÃO. Per favor, meus amigos! O director entra-me

de repente, e si ouve esta inferneira, é capaz de fazer-me alguma... Não me comprometam!..

TODOS. (*lendo alto.*) C-a-cá; e-e-cé; c-i ei; c-o-có; c-u-cú..

PANTALEÃO. Agora, sim. Juizinho... Meus amigos, quando apparecer o director ou o inspector das escolas, não se esqueçam de levantar-se e cantar o verso que eu ensinei. Lembram-se ainda?

SERAFIM. Ora, «s'lembramos»! Quer ver?.. Rapaziada, levantar! (*Todos levantam-se.*)

PANTALEÃO. Basta. Guardem isso para a occasião propria.

SERAFIM. Rapaziada, sentar! (*Todos sentam-se.*)

TODOS. (*lendo alto.*) D-a-dá; d-e-dé; d-i-di; d-o-dô; d-u-dú...

PANTALEÃO. (*que tem ido á porta.*) Ahi vem o inspector Sentido! Tambem vem o Juca e o major Anacleto. (*Vai recebê-los.*)

SCENA IX

Os mesmos, Caólho, Juca e Major

SERAFIM. Rapaziada, levantar! (*Todos levantam-se.*) Preparar guéllas! (*Todos tosseem.*) Um! dois! tres! (*Serafim canta.*)

N. 10. Vivam as visitas
que veem, —isto consola, —
trazer mil alegrias
aqui á nossa escola!

CORO

A' nossa escola,
á nossa escola,
á nossa escola!

SERAFIM

Vivam as visitas
que veem dár luz á bola
de todos os rapazes
d'aqui da nossa escola!

CÔRO

Da nossa escola,
da nossa escola,
da nossa escola!

PANTALEÃO. Muito bem ! Admiravel ! (*A's visitas.*) Mas desçam, desçam, meus senhores (*Leva-os para as cadeiras.*) Sentem-se... (*Sentam-se.*) Creiam que tenho tido dois grandes dias na minha vida: este e... a noite em que nasci ! (*Durante o resto da scena os rapazes fazem caretas uns aos outros, ameaçam-se com murros etc.*)

JUCA. (*sorrindo.*) E' natural.

CAÔLHO. (*cumprimenta.*)

MAJOR. Pois viemos ver o seu portento, Pantaleão.

PANTALEÃO. (*mostrando Manduca.*) Está ali. E' o sobrinho da Rita Barbada, o Manduca Barbado.

JUCA. (*fazendo oculo com a mão e olhando para Manduca.*) Mas é justamente o que eu não vejo...

PANTALEÃO. O que ?

JUCA. Barbas no Manduca.

PANTALEÃO. Não tem ainda, mas hão de vir com o tempo. Agora só esperamos o director. Apenas elle chegar...

CAÔLHO. (*cumprimenta, tira do bolso um officio e entrega a Pantaleão.*—*Volta se para os rapazes e cumprimenta-os.*)

PANTALEÃO. Temos officio ! O senhor inspector permite ? (*Abre o officio.*)

CAÔLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. (*lendo.*) « Director Geral & &—Não me sendo possível ir hoje, como desejava, visitar a escola do sexo masculino d'essa freguezia, recomendo a V^mcê. que vá á mesma escola e que verifique o gráo de adiantamento dos respectivos alumnos, dando-me sciencia do resultado d'essa incumbencia.—Deus Guarde a V^mcê.—Senhor Inspector das escolas & &»—(*Dobra o officio e restitue a Caólho.*) Inteirado, senhor inspector, inteirado, perfeitamente inteirado.

CAÔLHO. (*guardando o officio, cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Podemos então começar os trabalhos. O senhor inspector, intelligente e illustrado como é, sabe que nas escolas de primeiras letras, os professores só ensinam primeiras letras. Entretanto, tenho um alumno, o Manduca Barbado, que vou apresentar como um genio em historia e geographia... Dá licença que principie por elle, não ?

CAÔLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Menino Manduca, queira ter a bondade de ir para a lousa.

MANDUCA. Sim, «sinhô» *vai ao quadro negro.*

PANTALEÃO. Os senhores vão ver. E' uma coisa extraordinaria !

MAJOR. Vamos ver, vamos ver...

JUCA. Aquella côr amarella indica alguma coisa...

CAOLHO. (*cumprimenta*)

PANTALEÃO. Manduca, risque o mundo ahi no quadro.

MANDUCA. (*fazendo um quadrado agis.*) Prompto

JUCA. O mundo quadrado ! (*A' parte.*) Ora, belas !

MAJOR. Muito bem ! Perfeitamente !

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Estão vendo ? E' uma aguia ! Diga-me, Manduca: onde está ahi a China ?

MANDUCA. (*fazendo um signal dentro do quadrado.*)
Aqui.

MAJOR. Admiravel ! Pesse' gabar-me de que já vi a China !

JUCA. (*comprimindo o riso.*) Estupendo !

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. E a França onde está, Manduca ?

MANDUCA. (*fazendo outro signal ao lado do primeiro.*)
Aqui.

MAJOR. Mas isto é maravilhoso ! maravilhoso !

JUCA. (*comprimindo o riso*) E' milagroso até !

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. (*vaidoso.*) Manduca, marque ahi o lugar onde está a nossa freguezia.

MANDUCA. (*fazendo um signal entre os dois primeiros.*)
Aqui.

JUCA. (*cumprimindo o riso.*) Sim, senhor: entre a França e a China !

MAJOR. E' extraordinario ! é extraordinario !

JUCA. O menino é realmente uma aguia... amarella !

CAOLHO. (*cumprimenta*)

PANTALEÃO. (*vaidoso.*) Faz henra cá á pessoa, faz... (*Outro tom*) Manduca, é a terra que anda ou é o sol ?

MANDUCA. E o sol.

JUCA. Mas é esplendido !

MAJOR. Não é só esplendido; é milagroso tambem ! Que cabeça de rapaz !

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Vão ouvir agora uma definição de arromba !

{*A Manduca.*} Mas porque é que é o sol que anda e não a terra? (*Aos outros.*) Attenção!

MANDUCA. Porque si fosse a terra «c'andasse, se fazia-se» uma casa hoje, e «aminhã» estava no chão: porque os «home» e as «muié» havia de «aminhocê» de cabeça «p'ra riba» e «anoitecê» de cabeça «p'ra» baixo, porque...

PANTALEÃO. Muito bem! Perfeitamente!

JUCA. Soberbo! Uma definição de mestre!

MAJOR. De mestre, sim, senhor! E' milagroso!

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Manduca, qual é o rio maior do mundo?

MANDUCA. E' o «còrgo» dos «fundo» do «sô» Chico Pielho.

MAJOR. Cada vez a melhor!

JUCA. E' inconcebível! Parece até embruxamento!

CAOLHO. (*cumprimento e dá um grande espirro.*)

TODOS. Dominus vobiscum!

JUCA. (*á parte.*) Ora, graças a Deus, que já disse alguma coisa!

CAOLHO. (*cumprimenta para todos os lados, limpando o nariz aos dedos.*)

PANTALEÃO. Passemos agora á historia. Vão ouvir-o também. Responde com uma promptidão de cavallo parelheiro! (*Outro tom.*) Manduca, quem foi o primeiro imperador da Africa?

MANDUCA. Foi Luiz XV, rei de França.

PANTALEÃO. E a primeira rainha da China?

MANDUCA. Foi Santa Philomena.

MAJOR. Maravilhoso! maravilhoso!

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Querem que prosiga?

JUCA. Não é preciso. O menino dá coisa. As suas respostas são tão claras, que é um gosto ouvir-o!

PANTALEÃO. (*vaidoso.*) Faz honra cá á pessoa, faz.. (*A Caolho.*) O senhor inspector está satisfeito, não?

CAOLHO. (*cumprimenta.*)

PANTALEÃO. Desejam ouvir um trecho de leitura?

JUCA. Dispensamos. Si o Manduquinha estiver adiantado em leitura, como está em historia e geographia... faz honra á sua pessoa!

PANTALEÃO. (*a Caolho.*) Agora, senhor inspector, na comunicação que fizer á directoria não deixe de fallar nos meus esforços e na minha dedicação pelo ensino...

CAELHO. (*cumprimenia.*)

JUCA, (*d' parte* ; E' boa ! Pois si é o proprio Pantaleão quem faz os officios para o Caelho assignar de cruz !

PANTALEÃO. Pois a coisa é assim meu caro major... (*Conversa com o Caelho e o Major.*)

JUCA. (*indo à classe e batendo no hombro de Manduca.*) Estude, Manduquinha estude, que, com a instrução que vai tendo, hade acabar no hospicio de Pedro II !

PANTALEÃO. Podem levantar-se, meninos.

SERAFIM. Oh ! «so Espantaleão» ! (*Pantaleão sobe.—Fazendo signal de dinheiro, sem que os outros vejam.*) Passe pr'a cá.

PANTALEÃO. (*com disfarce, dando dinheiro.*) Teme lá... Reparta em os outros.

SERAFIM. (*mettendo o livro debaixo do braço, depois de guardar o dinheiro* ; Viva o «so Espantaleão» !

TODOS. (*mettendo os livros debaixo do braço.*) Viva !

PANTALEÃO. Meninos, agora um cumprimento aos nossos illustres hospedes. Vamos !

SERAFIM. Rapaziada, chega á fôrma ! (*Todos, com os livros debaixo do braço, fôrman linha ao fundo.*) Apresentar armas ! (*Apresentam os livros.*) Deseançar, armas ! (*Mettem os livros debaixo do braço.*)

MAJOR. Meus senhores, estou realmente encantado. O nosso illustre Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria acaba de provar com o sympathico e lindo menino Manduca Barbado o quanto é dedicado ao seu emprego e o quanto é profundo em todos os conhecimentos humanos ! O grande Pantaleão Peroba Ferrabraz de Alexandria tem um nome respeitavel...

JUCA. Muito respeitavel até !

MAJOR. (*continuando.*) E não é só uma gloria nossa, meus carissimos e fiéis ouvintes... é uma gloria de todo mundo, é uma gloria universal, é uma gloria... é uma gloria... (*Atrapalha-se e tosse.*)

PANTALEÃO. Major, você é verdadeiramente a deusa Venus, a deusa da justiça !

JUCA. Assim como a deusa Themis é a deusa da formosura !

SERAFIM. Rapaziada, marche, marche ! (*Desfilam todos a um de fundo, rodeando a scena. A proporção que passam*

pelo lugar onde deixaram os chapéus, apanham-os e os põem na cabeça, continuando a marcha.—Serafim canta.)

N. 11. (Musica do n. 8)

Marche, marche, que já demos,
que já demos a tiçoy
e ficou desaperado
o nesse Pantaleão!

Coro

Viv' a alegria
de coração;
e viva o mestre
Pantaleão!

(Os alumnos sahem. Os convidados sahem logo tambem. O coro é repetido até cair o panno.—Pantaleão vai sahir, mas esbarra-se com Rita, e foge por outra porta.—Rita segue-o)

FIM DO 2º ACTO

ACTO III

A derrota

A mesma vista do primeiro acto. E' dia.

SCENA I

Romualdo e Quincas

ROMUALDO. (*entrando de costas, pela esquerda, a chorar.*)
Ham ! ham ! ham !

QUINCAS. (*entrando de costas, pela direita, a chorar.*)
Ham ! ham ! ham !

ROMUALDO. (*voltando see encarando Quincas, que tambem se volta.*) Oh ! Quincas, não «m'arremedes» !

QUINCAS. (*encarando-o.*) E's tu que estás «m'arremedando», Romualdo !

ROMUALDO. (*dando-lhe as costas, a chorar.*) Ham ! ham ! ham !

QUINCAS. (*dando-lhe as costas, a chorar.*) Ham ! ham ! ham !

ROMUALDO. (*voltando-se.*) Oh ! Quincas, porque é que estás chorando ?.. Ai ! ai !

QUINCAS. (*voltando-se.*) Ai ! Romualdinho, é por causa d'ella ! E tu, Romualdinho, porque é que estás chorando ? Atchi ! (*Limpa o nariz aos dedos.*)

ROMUALDO. E' por causa d'ella, Quincas !

QUINCAS. (*dando as costas, a chorar.*) Ham ! ham ! ham !.. Ai ! Romualdinho !

ROMUALDO. (*dando as costas, a chorar ;*) Ham ! ham ! ham ! Ai ! Quinquinhas !

QUINCAS. (*voltando-se.*) Sabes ?.. Já estive com uma corda no pescoço para enforcar-me...

ROMUALDO. «Zesus» ! E porque é que não te enforcaste, Quincas ?..

QUINCAS. Porque tive medo, Romualdinho !

ROMUALDO. E eu já estive por um «triste» a me atirar no pôço...

QUINCAS. Credo ! E porque é que não te atiraste, Romualdo ?

ROMUALDO. Porque o pôço é muito fundo e a agua estava muito fria, Quincas ! (*Chorando.*) Ham ! ham ! ham !

QUINCAS. (*chorando.*) Ham ! ham ham ! (*Abraçam-se, a chorar, a fazer—ai ! ai !—e a espirrar.*)

N 12.

ROMUALDO

Aquella ingrata,
que lá se vai
co' pisa-flôres...

(*Suspirando*) Ai ! ai !

QUINCAS

Eu não sei mesmo
que sinto em mim...
creio que morro...

(*Espirrando*) Atchim !

ROMUALDO

Para a cidade
ella se vai...
morro de dôres ..

(*Suspirando*) Ai ! ai !

QUINCAS

Lá vai a ingrata...
triste de mim...
meu Deus ! eu morro ..

(*Espirrando*) Atchim !

AMBOS

ROMUALDO

Ai ! que tristeza
n'alma me vai !..
adeus, «cachopa»...

(*Suspirando*) Ai ! ai !

QUINCAS

Mulher ingrata
não vi assim...
adeus, oh ! Rosa..

(*Espirrando*) Atchim !

(*abraçam-se a chorar com grande rumôr.*)

ROMUALDO. Oh ! Quincas, vambos nos matar ?

QUINCAS. Não, Romualdinho... E' perigoso...

ROMUALDO. Mas o que havemos de fazer, Quincas ?

QUINCAS. Chorar, Romualdo... chorar...

ROMUALDO. Então choramos, Quincas ! (*Choram.*)

QUINCAS. Romualdinho?..

ROMUALDO. Quinquinhas ..

QUINCAS. Abandonemos esta casa... vamos chorar no matto, longe d'aqui, para que ella não veja as nossas lagrimas. .

ROMUALDO. Vamos, Quincas... A ingrata ainda era capaz de rir-se e fazer pagode de nós com o pisa-flores...

QUINCAS. (*subindo, abraçado com Romualdo.*) Ai Romualdinho do meu coração !

ROMUALDO. Ai ! Quincas da minha alma !

QUINCAS. (*voltando.*) Oh ! Romualdo, tenho uma idéa !

ROMUALDO. Ai ! ai ! Pois tu tens idéas ?

QUINCAS. Tenho, sim... A Rosalina casa-se amanhã, não é ?

ROMUALDO. E...

QUINCAS. Pois matemos o Juca hoje !

ROMUALDO. (*irrecuando.*) Matar ! . «Zesus» ! E a cadêa?..

QUINCAS. (*esfriando.*) E' verdade... Mas o que havemos de fazer ?

ROMUALDO. Chorar, Quincas, chorar !..

QUINCAS. Então choremos... (*Subindo, abraçado com Romualdo* ; Ai ! Romualdinho !.. Ham ! ham ! ham !

ROMUALDO. «Zesus» ! Quinquinhas ! ham ! ham ! ham !

SCENA II

Os mesmos e Antonio

ANTONIO. (*chorando.*) Ah ! rapazes, que desgraça ! Amanhã ella casa-se, vai-se embora «pra» cidade, e nos deixa sò cá com as nossas «sódades» !

ROMUALDO. Desprezar, a nós, os rapazes mais bonitos da freguezia!

QUINCAS. Rapazes elegantes e atirados como nós, que si fôssemos «p'ra» cidade havíamos de pintar o Simão e o Calunga com as moças!

ANTONIO. Quem «havéra» dizer! (*Ameaçando com os punhos cerrados.*) Ah! Juca de uma figa!

ROMUALDO. *(ao mesmo tempo, com o mesmo gesto.)* Ah! Juca de uma figa!

QUINCAS. *(ao mesmo tempo, com o mesmo gesto.)* Ah! Juca de uma figa!

ANTONIO. «Mas porém», o que resolvem vocês? Sim, porque isto não pôde ficar assim... Precisamos tirar uma deslórta. Eu tenho uma idea!

ROMUALDO. Ai! ai! Que todos hoje tem idéas! O Quincas já teve uma «indagurinha»; agora tu tens outra... Só eu não tenho nenhuma... Sinto o coração tão apertado! «Jesus»!

QUINCAS. Não é só o coração, não; hade ser o cós das calças tambem!

ROMUALDO. (*a Antonio.*) Mas que idéa é a tua menino?

ANTONIO. Já não é uma idéa só; agora são duas

ROMUALDO. Ai! ai! Com a do Quincas, tres, e uma que ainda não tive, mas que heide ter, quatro..

QUINCAS. Qual é a primeira?

ANTONIO. (*mysterioso, levando os dois á bocca de scena.*)

A primeira é matar o Juca.

QUINCAS. Ora! Essa é minha!

ROMUALDO. Ai! ai! Eu não me metto n'isso... Eu, que não tenho «corage» de matar uma barata!

ANTONIO. Sahe d'ahi, maricas! Mas tens coragom «p'ra» outras coizas que deviam valer-te uma sôva!

ROMUALDO. (*grimpando.*) Antonico!

ANTONIO. (*chegando-se.*) «Hâim?... O que é?...»

ROMUALDO. (*encolhendo-se.*) «Jesus»!

QUINCAS. Oh! Antonico, deixa o Romualdinho...

ANTONIO. (*a Romualdo.*) Cara de morsego! (*Dá-lhe as costas*)

ROMUALDO. (*á parte.*) Feições de mico!

QUINCAS. A tua idéa de matar o Juca, não é tua, é minha, mas não serve por causa da cadêa.

ANTONIO. E vocês tem medo da cadêa?

ROMUALDO. Ai! ai! A cadêa não foi feita «p'ra» os cachorros..

ANTONIO. Nem «pra» os medrosos como tu!

QUINCAS. Ora, deixa-te de prosas. Antonio!.. Atehi!.. Bem sabes que eu te conheço... Aposto que si o sujeito apparecesse aqui agora, tu disparavas por ahi fóra, como si levasse o diabo dentro da barriga!.. Passemos á outra idéa.

ANTONIO. A outra idéa é toer a corda ao maior.

ROMUALDO. Ai! ai! «Mas porém», como?

ANTONIO. A eleição é hoje, e elle conta com os nossos votos. Pois vamos votar no outro para pol-o damnado...

QUINCAS. A idéa não é má. Mas isso não impede que a Rosalina case com o «pacholá»...

ANTONIO. Não impede; mas o moleque fica furioso, e...

ROMUALDO. «Mas porém», ella casa-se! (*abraçando Quincas, a chorar.*) Ai! Quincas! Quincas!

QUINCAS. (*chorando.*) Ai! Romualdo! Romualdo!

ANTONIO. Mas o que é que vocês arranjam com essa berriaria, não me dirão?

QUINCAS. E é amanhã que ella vai... Ah! quem déra que a noite de hoje fôsse do tamanho de um anno inteiro!

ROMUALDO. De dois, Quinquinhas, de dois...

ANTONIO. Então que fôsse do tamanho de tres!

ROMUALDO. O Pantaleão disse que um dia um homem mandou parar a lua...

QUINCAS. Foi o sol, Romualdo.

ROMUALDO. O sol?... Tens certeza d'isso?

ANTONIO. Foi, foi o sol.

ROMUALDO. Si eu pudesse fazer o mesmo... não mandava parar o sol, não; mandava mas era parar todos os relogios «pra» nunca anoitecer hoje!

ANTONIO. Tu és besta! Embora parasses todos os relogios, «havéra» de anoitecer por força.

ROMUALDO. Hade ser isso, Antonio... Ai! ai!.. Tenho andado n'umas agonias, meninos, que já nem sei o que digo... Si vocês não ficarem d'esta vez sem o Romualdinho, nunca mais!

QUINCAS. Eu digo o mesmo...

ANTONIO. E eu tambem! (*Tragico.*) Ah! Rosalina! Rosalina! Não sei o que me tem impedido de commetter um crime!

ROMUALDO. (*encolhendo-se.*) «Zesus», menino!

ANTONIO. Ainda hontem á noite, vinha eu perto da igreja,

pensando nas nessas maguas e com os olhos rasos d'agua... Tão afflicto estava que não via um palmo adiante do nariz...

ROMUALDO. Vinhas da venda do Piôlho ?

ANTONIO. Como sabes ?

ROMUALDO. Ai ! ai ! Disseste que não vias um palmo adiante do nariz, e eu vi logo que não podias vir sinão da venda do Piôlho.

ANTONIO. «Hâim» ?.. O que é que queres dizer na tua ?.. Parece que pensas que eu sahi da venda do Chio, vendo sei á meia noite... Tu andas brincando commigo, Romualdo ! Toma sentido !.. De repente, quando n'enos esperares, dou-te uma sova, que te mando «pra» o meio do inferno !

QUINCAS. Ora, que hasdo andar sempre de ponta com o Romualdinho e a querer esmurrar o coitadinho ! Mas, olha que perdes o teu tempo !.. No dia em que tocares com um dedo,— vê bem,— com um dedo só, no Romualdinho, entéro-te uma faca até o cabo !

ANTONIO (*recuando.*) Oh ! Quincas, ahí estás tu como da outra vez, quando eu quiz dar uns cascudes n'este maricas ! Que diabo de homem !

QUINCAS. Issé ! Chegámos ao ponto E' justamente por ser elle um maricas—que até tem medo de uma aranha—que te fazes de valentão com elle ! Porque é que nunca ameaças a mim e ao «Sarañm» ?..

ANTONIO. Ora, porque !.. Porque...

QUINCAS. Porque tens medo, confessa. Tu não vales nada... E's um prosa, um porco, que só tens lingua ! Deixa-te de lambanças, e não andes amolando o Romualdinho Quem ofender o Romualdo, commigo se tem de haver. E eu não aturo desafores, ãca sabendo !..

ANTONIO. (*com arreganho.*) Ora !

QUINCAS. (*arregaçando as mangas e avançando.*) Ora !.. Ora, o que ?.. (*Segurando-o pelo peito da camisa.*) Falla, anda, falla, que eu quero fazer-te engulir a lingua !

ROMUALDO. (*segurando-se a Quincas.*) Oh ! Quinquinhas da minha alma ! Não brigues, pelo amor de Deus !

ANTONIO. (*tremendo.*) Que diabo de homem ! Oh ! Quincas.. olha que eu estou brincando ..

QUINCAS. Não estás brincando, não; estás com medo ! (*Dá-lhe um boléo e larga-o.*)

ANTONIO. Feis sim . seja como quizeres... Mas tens um genio damnado !

ROMUALDO. Ai! ai! Mas d'esta maneira não podemos concordar em coisa nenhuma... nem o Antonio pede continuar a historia que estava contando...

ANTONIO. Aquella em que não vias um palmo adiante do nariz quando sahiste da venda do Piolho!..

SCENA III

Os mesmos, Major e Pantaleão

PANTALEÃO. *(com um lapis e lendo uma tira de papel)* Dois... e um—tres... e seis—nove... e cinco—quatorze... *(Sentta-se no sofá, lendo sempre.)*

MAJOR. *(comsigó)* Para deputado geral—Anacleto da Trindade—major da... *(Vendo o grupo.)* Oh trapazes, pois vocês ainda estão aqui? Vão para a igreja.. Já tem cada um a sua chapa?

QUINCAS. Não, «só manjor»... Nós votamos em V. S. mas é preciso que V. S.... sim... quero dizer..

MAJOR. Quer dizer o que, homem?

QUINCAS. Sim... quero dizer que V. S. bem podia...

MAJOR. *(como que impaciente.)* O que? o que?..

QUINCAS. Sim... quero dizer..

ANTONIO. Oh! estafemo! Põe isso «pra» fóra de uma vez! *(Ao major.)* Elle quer dizer que V. S. bem podia chegar mais uns cobrinhos...

ROMUALDO. Ai! ai! O «só manjor» deu muito pouco...

MAJOR. Dei pouco?... Como! Pois vocês estão persuadidos que cada um vale mais de tres mil reis?..

ANTONIO. Tres «min» réis! Como é lá isso, «só manjor»?

MAJOR. Entendi-me com o Serafim para fallar-lhes, e elle disse-me que cada um de voces exigia tres mil réis para votar commigo. Entreguei-lhe logo os cobres e...

OS TRES. *(olhando-se pasmos.)* Tres «min» réis!

MAJOR. Sim. Tres mil réis, nem mais, nem menos. Foi puchadinho, mas cuspi-os logo, porque o Serafim disse-me que vocês queriam o dinheiro adiantado...

OS TRES. *(como acima.)* Tres «min» réis!

MAJOR. *(já sangado.)* Sim! Poisentão! Tres mil réis! tres mil réis! tres mil réis!

ANTONIO. Ai! que o cachorro nos passou a perna! Sa-

be quanto deu elle a cada um de nós, «so manjora»?... Dez «tustas»!

MAJOR (*recuando.*) Tres patacas e dois vintens!.. Mas então o Serafim é um gatuno!

PANTALEÃO (*sem deixar de olhar a tira de papel.*) No dia do exame, eu tambem dei ao Serafim cinco tostões para cada um de vocês.

QUINCAS Cinco «tustas»! Uma pataca e nove vintens! Mas elle não nos deu coisa nenhuma!

ROMUALDO. Ai! ai! Não é a tôa que elle hontem á noite estava na venda do Chico, Piolhe, dizendo que tinha tirado a sorte grande!

ANTONIO. Olha que ladrão!.. Rapazes, vamos procural-o!

QUINCAS «P'ra» que?... Si elle te fizer uma careta, tu corre

ANTONIO. Nada! Aquelle patife precisa uma lição... Vamos procural-o, e si elle não vomitar os cobres, vintem por vintem, rachamol-o de meio a meio! Vamos, rapazes!

QUINCAS. Ahi principias tu com as presas outra vez! São d'ahi, porca!hão! Tu tens «corage» de rachar ninguem!

ANTONIO. Pois, vamos lá, e eu mostrarei! (*Sobe.*)

MAJOR. Accomodem-se, rapazes. A hora da votação está chegando, e si voces ferem á cata do sem vergonha, podem deixar de votar. Depois da eleição agarrem o méco e mettam-lhe o páo!

ANTONIO. (*descendo.*) E' isso mesmo. O melhor é guardar «p'ra» depois..

QUINCAS. Tu não ias agora, e não vais depois... Deixa de historias!

MAJOR (*distribuindo enveloppes, que tira do bolso.*) Tomem lá as chapas e vão já para a igreja. Quanto aos cobres, descancem. Eu farei com que o Serafim entregue tudo.

ROMUALDO. Ai! ai! «Mas porém,» o sê manjora» podia chegar mais uns nickeis... E eu que precisava agora tanto de um quinhentão!

PANTALEÃO. Oh! Romualdo, pois além de todos os vícios que já tens, déste tambem agora em ambicioso?

ROMUALDO. (*fazendo um momo e revirando os olhos.*) Vícios, «sô» Pantaleão?... Vícios, eu?... Ai! ai!

PANTALEÃO. Não lhe dê nada, major. Você não conhece o

Romualdinho como eu... Isto é uma joia! (*Segreda ao ouvido do major.*)

MAJOR. (*que não ouve o segredo.*) Heim?

PANTALEÃO. Não ouviu? (*Segreda outra vez.*)

MAJOR. (*admiradissimo.*) O que está dizendo, homem?

PANTALEÃO. E' o que lhe digo. (*Pondo o dedo indicador no olho direito.*) Com estes, que a terra hade comer

MAJOR. E eu que nunca pensei!.. Pois o Romualdo! (*Erguendo os olhos e as mãos ao céu.*) Oh! mundo! mundo!

ROMUALDO. Ai! ai! O que é, «sô manjor»?

MAJOR. Nada... nada... (*l' parte, olhando de esquelha para Romualdo.*) O que tu precisas não é dinheiro, não; é um bom vergalho no lombo, cachorro

ANTONIO. (*que tem estado a conferenciar com Quincas*) «Antão», o «sô manjor» não dá mais nada:

MAJOR. Não, meus amigos Já dei ate de mais. Não posso..

QUINCAS. Pois «antão», receba o dinheiro do «Sarafim» e guarde, porque nós não votamos. (*Sobe.*)

ANTONIO. Sim, positivamente, não votamos. (*Sobe.*)

ROMUALDO. Ai! ai! Eu tambem não voto (*Sobe.*)

PANTALEÃO (*agarrando o major, baixo.*) Dê mais uns cobses, major, dê.. Não podemos perder estes tres votos.

MAJOR (*baixo.*) Mas, Pantaleão, tenho gasto um «rôr» de dinheiro!

PANTALEÃO. Dê major, dê..; (*Chamando.*) Oh! rapazes venham cá... (*Os tres descem.*) O major vai dar-lhe mais alguma coisa, não porque precise dos votos de voees, mas porque não quer que o chamem de sovina..

MAJOR. (*incommodado.*) Vamos lá: chega uma pataca para cada um?

ROMUALDO. Ai! ai! E pouco, «sê manjor»...

MAJOR. Cala a bocca, maricas!

QUINCAS. Um quinhentão, «sô manjor», um quinhentão!

ANTONIO. (*baixo.*) Oh! diabo, pede mais! (*Alto.*) O «sô manjor» obriga o «Sarafim» a vomitar os tres «pãos» de cada um e nos dá agora mais tres «min» réis «pra» nós tres..

MAJOR. (*recuando.*) O que!...

PANTALEÃO. (*baixo.*) Dê, major, dê

ANTONIO. Sinão, não votamos.

PANTALEÃO. (*baixo.*) Um rasgo de heroismo, major! Dê os tres mil réis.

MAJOR. (*á parte.*) D'esta maneira, não me deixam so mente em mangas de camisa, como eu pensava.. Deixam-me nú !

PANTALEÃO. (*baixo.*) Não regatêe, major, não regatêe...

MAJOR. (*baixo.*) Mas, Pantaleão, d'esta maneira, deixam-me nú... deixam me nú !

PANTALEÃO. (*baixo.*) Depois de eleito, recuperará tudo... Dê os cobres.

MAJOR. (*baixo.*) Mas são precisos estes tres votos ?

PANTALEÃO. (*baixo.*) Precisos, não; mas quantos mais, melhor.

MAJOR. (*á parte.*) Fico nú, fico ! A maldicta eleição leva-me até as seroulas ! (*Indo ao grupo e dando dinheiro a cada um.*) Tomem, mas não me venham mais para cá com historias, porque não lhes dou nem mais um x ! (*Vai para Pantaleão.*)

QUINCAS. (*baixo.*) Agora, rapazes, vamos ao Zé Caolho. Si o bicho dér dois «pães» a cada um, votamos com elle.. Atehi !

ANTONIO. (*baixo.*) Eu cá, por mim, só voto com quem me dér seis «pellegas» !

ROMUALDO. (*baixo.*) O meu votinho não vai per menos de cinco «min» réis... Ai ! ai !

QUINCAS. (*baixo.*) Vamos ao Caolho. Si elle não quizer dar o que pedirmos, vamos jogar a bisca na venda de Chico.

ANTONIO. Pois vamos. (*Sobem os tres.*)

MAJOR. (*que tem estado a discutir calorosamente com o Pantaleão.*) Já vão para a igreja ?

PANTALEÃO. Não se demorem no caminho.

QUINCAS. Vamos direitinhos... (*Á parte.*) «P'ra» venda de Chico !

PANTALEÃO. Ouçam cá, rapazes. Vejam o que fazem. A honra de vocês está vendida ao major... Cuidado, não vão fazer papel triste.

MAJOR. Sim. Tenham consciencia, ao menos na occasião de votar.

QUINCAS. De por onde dér, havemos de votar no «ô manjer»... (*Á parte.*) Si o Caolho não dér mais !

ANTONIO. Nós somos homens de bem, e não fazemos bandelheiras.

ROMUALDO. Ai ! ai ! Eu sou um rapaz honrado !

PANTALEÃO. Oh ! Romualdo, o melhor é calares-te. Quando quizeres vender o teu peixe, vai «pra» outra freguezia...

ROMUALDO. (*fazendo um momo.*) «Jesus» !

MAJOR. Vão para a igreja, rapazes, vão.

QUINCAS. Vamos (*Sahem os tres*)

SCENA IV

Major e Pantaleão

MAJOR. (*sentando se, abatido*) Jesus ! Quando me vir na camara dos deputados, ainda pensarei que estou sonhando !

PANTALEÃO. (*mostrando a tira de papel.*) Aqui está o meu calculo, major. Em vista das cartas que recebi dos diversos pontes da provincia, e que lhe mostrei, não podemos duvidar da nossa victoria...

MAJOR. Mas então para que mandou dar mais dinheiro aquella sucia que sahio agora d'aqui ?

PANTALEÃO. (*atrapalhado.*) Deixemos isso... O que lá vai, lá vai... (*Outro tom*) O major pedia ter-se apresentado somente pelo primeiro districto; mas procedeu bem, seguindo o meu conselho e apresentando-se tambem pelo segundo. Si falhar o primeiro, sahe pelo segundo; si falhar o segundo...

MAJOR. Oh ! Pantaleão, e si falharem os dois ?.. Sinto-me sobre brazas... o coração parece saltar-me pela bocca... tenho a cabeça pesada... creio até que estou com febre ! Esta incerteza é um martyrio ! O peor calo, a peior dôr de estomago não são comparaveis a isto !.. Nunca pensei que um futuro deputado soffresse tanto !

PANTALEÃO. Mas que desanimo é esse, major ?.. Seja homem ! Si a sua candidatura perigasse, vá lá que estivesse assim... mas uma candidatura garantida !

MAJOR. (*com desanimo.*) Mas, Pantaleão, si me falham os dois districtos ?..

PANTALEÃO. (*hesitando.*) Si lhe falharem os dois districtos... o major não sáe deputado por nenhum... (*Resoluto*) Mas não falham ! Aqui está o calculo... (*Mostra a tira de papel.*) Um triumpho infallivel ! Acredite, major: já o estou vendo eleito já o estou vendo na camara, já o estou vendo subir á tribuna, já o estou ouvindo engatilhar o primeiro discurso !..

MAJOR. (*mais animado.*) E por fallar n'isso: vá tractando

de escrever o primeiro discurso para eu ter tempo de decorar..
Quero coisa boa ! Um palavriado grande cheio de figuras chi-
nezas !

PANTALEÃO. (*rindo*) Já lhe tenho dito muitas vezes que
ninguém me apanha descalço, meu amigo ! (*Afasta se do ma-
jor, tira do bolso um maço de tiras de papel e mostra-as com
ar triunphante*) Veja !

MAJOR. O que é isso ?

PANTALEÃO. O que é isto ?.. Adivinhe.

MAJOR. São apontamentos da escola..

PANTALEÃO. Pois não ! Apontamentos da escola !

MAJOR. E' a relação dos votantes..

PANTALEÃO. Qual relação, nem qual carapuça, major !

MAJOR. E'.. é a conta dos epitaphios..

PANTALEÃO. (*sacudindo as tiras.*) E' o seu primeiro dis-
curso !

MAJOR. (*contente.*) O meu primeiro discurso !.. Ah ! Pan-
taleão, você vale o que pesa em moedas de dois vintens do tem-
po antigo !.. Vamos lá. Lêa um pedaço para eu ouvir

PANTALEÃO. Isto é um monumento, major ! Ha um mez
que trabalho dia e noite—diurna e nocturnamente—na constru-
ção d'este monumento.. mas posso gabar-me de que está coi-
sa boa ! Fiz isto com um mimo, um carinho, um amore uma
dedicação iguaes á dedicação, ao amor, ao carinho e ao mimo
de uma mãe por um filho ! Sim, porque eu posso considerar-
me mãe d'esta criança ! Dei a á luz depois de um mez de labo-
rioso trabalho, lavei-a nas aguas lustraes do meu talento, pen-
teei-a com o pente de ouro da minha illustração, e amamen-
tei-a com o leite virginal do meu genio !..

MAJOR. Mas lêa, Pantaleão, lêa..

PANTALEÃO. Trabalhei como um burro, mas este discurso
hade ser transcripto em todos os jornaes da Europa, Asia, Afri-
ca, America e Oceania !

MAJOR. Mas lea, Pantaleão, lea..

PANTALEÃO. O mundo civilizado, desde a terra dos esqui-
mãos até á nossa freguesia, hade ficar pasmo, de bocca aberta e
olhos arregalados ante a profunda sciencia e os vastissimos co-
nhcimentos aqui revelados .. Emilio Castellar, o proprio Emi-
lio Castellar, duvido que seja capaz de escrever uma coisa igual !

MAJOR. Mas lêa, Pantaleão, lêa..

PANTALEÃO. No dia em que o major preferir este discurso, em todas as casas da corte não fiará um gato! Todos correrão para ouvir-o... E si mandar publicar editaes com o praso de tres dias... então... até da China hade ir gente á Camara!

MAJOR. (*sangado.*) Com mil raios! Lêa, Pantaleão!

PANTALEÃO. (*desdobrando as liras.*) Attenção, major! (*Vai principiar a ler, mas suspende-se.*) Major, devo em primeiro lugar prevenil-o, para evitar arrendimentos futuros, que o senhor vai defender o communismo.

MAJOR. Mas Pantaleão, como posso eu defender gente que não conheço?... Pois eu lá sei que crimes commetteu esse sujeito, para defendel-o!... E si depois condemnarm o homem a galés perpetuas «per toda a vida» e multa correspondente ao dobro do tempo? Responda agora!

PANTALEÃO. (*com profunda commiseração.*) Oh! major, mas o communismo não é um hom em:—é uma idéa!..

MAJOR. E' bôa! Porque é que não disse logo?

PANTALEÃO. Attenda, major, attenda! (*Tosse, assôa-se forte e lê emphaticamente.*)—«Senhor presidente!—Da cratera de meu peito—me sobem á bocca, em chamma, —as lavas d'este discurso—em mil tremebundos dramas!

MAJOR. Isso e verso, Pantaleão?

PANTALEÃO. Não, major. (*Mostra o papel.*) Olhe: o papel está escripto de cabo a rabo. Mas a linguagem é tão elevada, que quem a ouvir pensará que estou lendo versos. Attenção, major! (*Lê como acima.*) «Eu sou um canhão, senhor presidente! A minha palavra é granada, o meu enthusiasmo é metralha, o meu patriotismo é lanterna, o meu coração é Krupp, o meu cerebro é Manulicher!..»

MAJOR. (*applaudindo.*) Bravo! bravo! Não ha fortaleza nem encouraçado que resista a uma linguagem d'estas!

PANTALEÃO. (*lendo como acima.*) «Desde o papa Luiz XVI até ao rei de França Leão XIII, nunea appareceu um homem da minha altura intellectual. Senhor presidente, o mundo vai mal, vai mesmo pessimamente. Para endireital-o, o que é preciso fazer?... Destruil-o, arrazal-o, pol o em pedaços, para fazer-se gutro em melhores condições... Pois arrazemos o mundo, senhor presidente!»

MAJOR. (*enthusiasmado.*) Sim! sim! Arrazemos o mundo!

PANTALEÃO. (*lendo como acima.*) «E depois de termos tei-

to outro mundo, estabeleçamos o communismo, que é a melhor coisa conhecida! Todos teremos os mesmos direitos: V. Ex. pode entrar em minha casa e vestir a minha fatiota para ir ver a namerada; eu posso entrar na casa de V. Ex. e arrecadar todo o dinheiro que encontrar para mettel-o na pandega! Tudo é commum: os sapatos, a roupa, o chapéo, o dinheiro, e até as pontas de cigarro! Os meus illustres collegas serão uns quadripedes, si não quizerem o communismo!

MAJOR. (*enthusiasmado.*) Sim! Estabeleçamos o communismo... das pontas de cigarro!

PANTALEÃO. (*pondo as tiras em cima do sofá.*) E assim encho trinta tiras de papel! Ah! o major hade sahir da cama-ra em triumpho!

MAJOR. Ah! Pantaleão, que dia! que dia!

PANTALEÃO. Que dia, major! (*Dão nove horas, dentro*)

MAJOR. Nove horas! Vamos para a igreja, Pantaleão.

PANTALEÃO. Vá indo, major. O seu nome é o primeiro chamado. Vou pôr em ordem as tiras do seu discurso, e já o sigo.

MAJOR. Então, avie-se. Olho vivo! Até já. (*Sobe.*)

PANTALEÃO. Até já, major.

MAJOR. (*Voltando-se da porta*) Não te demores, Pantaleão.. (*Sahe.*)

SCENA V

PANTALEÃO. (*depois de uma pausa, durante a qual junta as tiras do discurso e guarda-as no bolso.*) Estou mettido n'um torriquete!.. Não tenho remedio sinão roer a corda ao major e votar no candidato de governo... (*lirando uma carta do bolso.*) Em vista d'esta maldicta carta, que hoje recebi, si não votar com o governo, perço decididamente os meus vinte e tantos annos de bons serviços... (*Lê.*) «Senhor Pantaleão Pereira. — Acabam de communicar-me que Vmcê cabala fortemente contra o nosso candidato, e que tem chegado até a metter medo aos votantes, ameaçando-os com a cadeia si não votarem no major Analecto, dizendo alto e em bom som que a situação está pôdre e que não tarda a cahir. isto è, — a levar o diabo, na sua giria. Si a situação está pôdre ou não, isso não é da sua conta. O caminho que Vmcê, vai seguindo é máo. Já hontem treata-se aqui da sua demissão; mas eu impedi que ella fôsse levada a

effeito, declarando que V^{mce.} votaria comnesco. Assim, pois, ou V^{mce.} vota com o governo hoje, ou está amanhã no meio da rua.—Seu criado & &—Postscriptum.—Inelusa remette-lhe a chapa com que V^{mce.} deve votar.»—(*Guarda a carta.*—*Pausa.*) Esta! E aqui está ao que no Brazil, em pleno anno de 1881, se chama liberdade de consciencia e eleição livre!.. Está frosca a tal liberdade de consciencia! (*Pausa.*) E agora!.. (*Pausa.*) Agora... agora... voto com o governo! O major que tenha paciencia.. Si até dentro da carta já vinha a chapa!.. Voto com o governo! (*Pausa.*) Mas como heide escapar-me do major?.. (*Passeando.*) Isto e o diabo!.. (*Batendo na frente.*) Achei! Finjo uma dêr de barriga, e metto-me na cama! (*Pausa.*) Mas assim tambem não voto com o governo, e os termos da carta são bem claros:—ou vota com o governo, ou olho da rua!—(*Resoluto.*) Ora, dê por onde der! Voto com o governo!

N 13

Nada, nada, isto não serve,
e p'ia não viver no inferno,
mando o major á tabua,
e veu votar no governo!

(*Sube, para sahir, mas esbarra-se com Manduca — Roda nos calcanhares e desce — A' parte.*) O que quererá este malandro?

SCENA VI

Pantaleão e Manduca

MANDUCA. (*com uma gaita de folles debaixo do braço.*) «Sê Espantaleão», a tia Rita manda «dizê» que heje vá lá «tomá» café...

PANTALEÃO. (*sangado.*) Hoje não posso... não posso...

MANDUCA. Ella «qué» tambem «fallá» do casamento.

PANTALEÃO. Que casamento, rapaz?

MANDUCA. «Hué»! O casamento d'ella com «vancê»!

PANTALEÃO. Oh! Manduca, a tua tia está doida?

MANDUCA. Doida?... Ella está doida, «mas perém» é «p'ra» «casá» com «vancê»... está «mêmo» doidinha!

PANTALEÃO. (*á parte.*) Olha a lambisgoia! (*Alto.*) Manduca, vai dizer á tua tia que não me amole, que ouide das ga-

linhas e dos porquinhos, e que se esqueça de casamento, porque ha mais de quarenta annos que o casamento esqueceu-se d'ella !

MANDUCA. E «vancê p'ra» que foi «pedi» ella em «casô-ro» ?..

PANTALEÃO. Ora, deixa-me ! Eu nem sei como foi aquillo... Eu estava idiota, doide varrido, porque debes comprehender que sò um doide varrido podia pedir a Rita Barbada em casamento !

MANDUCA. (*sangado.*) Oh ! «sô Espantaleão», isso é de-safôro !.. A tia Rita é uma «muié» de bem..

PANTALEÃO. N'aquella idade, qualquer mulher é santa !

MANDUCA. E' uma «muié» de bem... «Vancê» é que não tem «vregonha» !

PANTALEÃO. Oh ! cachorro !

MANDUCA. (*gritando.*) Não tem «vregonha» ! Si «vancê» tivesse «vregonha», não fazia a «bandaiera» de «pedi» ella em casamento por pagode !

PANTALEÃO. Manduca !

MANDUCA. (*agitando a gaita.*) «Mas porém», eu heide «ensiná» a «vance, sô» patife !.. (*Outro tom.*) E a tia Rita que estava tão contente e que andou «espaiando» que ia «casá» com «vance» !

PANTALEÃO. Quem a mandou ser linguaruda ! Ora, a velha !

MANDUCA. «Véia» ! Oh ! «sô Espantaleão», eu «le» córto a lingua !.. E «ôrto, «p'ra vancê» não «andá» pedindo as «me-ça» em «casôro, p'ra» não «casá os pois»... «Mas porém», deixe «está»... Eu indo «p'ra» cidade...

PANTALEÃO. Queres que te diga uma coisa, Manduca ?.. Vai te catar, e a tua tia que vá tambem se catar ! Ora, a saracura da velha !.. (*Sahe correndo.*)

MANDUCA. (*seguido-o a gritar e a tocar gaita.*) Oh ! «sô» pandorga !.. Espera, cachorro !.. (*A scena fica vazia um momento.*)

SCENA VII

SERAFIM. (*pensativo; pára um momento ao entrar, olha para todos os lados e desce.*) Amanhã... E' amanhã que ella se casa !.. Quem «havéra» de dizer «ôâ» Rosalina não casava commigo, «p'ra» casar com outro !.. (*Pausa.*) Não preguei o olho toda a santa noite, pensando n'ella !.. Muneca senti tanta

pulga e tanto mosquito! De vez em quando... (*Fingindo que morde.*) Ham! Uma pulga do tamanho de um boi, em cima do coração, a me chupar o tutano!.. Depois... (*Imitando um mosquito.*) Fuim... fuim... fuim... Um mosquito maior do que um «bizerro» a me fazer comichão na ponta do nariz!.. Virava-me «p'ra» todos os lados, «p'ra» direita, «p'ra» esquerda, de pança «p'ra» baixo, de pança «p'ra» riba... e nada! O sono não chegou... (*Pausa.*) E tudo por causa d'ella... Agora é que eu sei o amor que lhe tinha! (*Pausa.*) Ainda estou aqui sem almoço, e creio que ficarei também sem jantar! Sinto uma bola na guêla, que não me deixa engulir 'o «cuspe», quanto mais o pirão! (*Pausa. Com voz de choro.*) Ah! Rosalina! Rosalina! Nem tu sabes as desgraças que vais fazer com este casamento! Mas casa-te, casa-te! Que importa que deixes aqui um coração machucado, uma alma amarrotada, si vais te «adivertir» na cidade! Ingrata! ingrata! ingrata!..

N. 14

Menina dos olhos negros
e de fallar adorado,
tu nem sabes quanto soffre
este triste desgraçado!

De meu coração no meio
plantei um cravo amarello:
o cravo nasceu formoso,
que era mesmo um gosto vel-o!

Esse cravo primoroso
era o meu amor «cachopa»,
que agora, por ti, chorando,
em pranto todo se ensopa!

Agora fico sosinho,
e tu vais para a cidade.
mas dentro de pouco tempo
hade matar-me a «sôdade»!

Eu sei . eu sei que não fico muito tempo n'este mundo. . Si eu soubesse que não doía muito, mettia... mas era uma faca no coração, e acabava com isto de uma vez! *Pondo a mão no peito.* Ai! coração afflicto... não batas com tanta força, que me fazes dor de cabeça!.. Deixa que ella vá, que se «adivir-

ta,» que seja feliz embora tu fiques aqui morrendo de «sódades» !.

N. 15 Ai ! que tristezas no peito !
que maguas no coração !
somente na sepultura
estas dores fim terão !

Esta dor que me esborracha,
ninguem, ninguém saberá !..
ella vai para a cidade,
eu fico triste... só cá !

(*Olhando.*) Lá vem ella... Como é bonita! Mal comparando,
parece uma santa !.. (*Ameaçando com a mão fechada.*) Ingrata !
ingrata ! ingrata !.. Vou me esconder ! (*Esconde-se atrás do sofá.*)

SCENA VIII

Serafim e Rosalina

ROSALINA

N. 16 Está chegando, está chegando
o grande dia
do meu enlace, do meu enlace .
ai ! que alegria !

Sinto no peito
vive calor...
minh'alma canta:
— amor ! amor !—

Para a cidade, para a cidade
vou de partida,
p'ra ter co' Juca, p'ra ter co' Juea
formosa vida !

Sinto no peito
vivo calor...
minh'alma canta:
— amor ! amor !—

SERAFIM. (*á parte, encolhendo-se, para não ser visto.*)
Como está alegre !

ROSALINA. (*sentando-se no sofá.*) Consegui, enfim, a realização do meu maior desejo: casar com um moço da cidade...

SERAFIM. (*à parte.*) O que diz ella!

ROSALINA. Aqui ha bons rapazes... mas sao todos uns brutos que só sabem dizer tolices..

SERAFIM. (*a parte.*) Mão! mão! mão!

ROSALINA. Com o Juca a coisa muda de figura. O Juca é um marido perfeito...

SERAFIM. (*a parte.*) Mão! mão! mão!

ROSALINA. O Serafim, por exemplo: pode ser muito bom rapaz... mas é um brutamente, um lingua de trapos

SERAFIM. (*a parte.*) Heim?... Peior! peior!

ROSALINA. Ora, uma moça educada como eu, não vai certamente sujeitar-se toda a vida a um tôlo como o Serafim

SERAFIM. (*que se tem levantado por traz do sofá, gritando-lhe ao ouvido, furioso.*) Tôla é ella, ouviu?

ROSALINA. (*tapando os ouvidos e correndo para o outro lado.*) Ai!

SERAFIM. (*com voz chorosa, tomando scena.*) Pois casa-te com o outro, «cachopa» de uma ligã... casa-te... e deixa o tôlo... Vai «pra» cidade... anda... vai com o teu Juca... e quando te forem dizer que eu morri... podes dizer logo: — «Foi por minha causa!» — Mas não chores por mim, não... porque ninguem chora quando morre um tôlo!..

ROSALINA. (*voltando-se.*) Mas, Serafim...

SERAFIM. (*no mesmo tom.*) Não chores, não... Canta antes, como cantavas «indagurinha», e vai dizer ao teu marido, ao teu bello Juca: — «Sabes quem morreu? Foi o tôlo do «Serafim»!.. *Tira uma faca do bolso.*

ROSALINA. (*recuando e cobrindo o rosto com as mãos.*) Jesus!

SERAFIM. (*no mesmo tom.*) Não tenhas medo que eu te metta o ferro, não... Esta faca é «pra» mim, ouviste? Heide enterral-a até o coração... e «os pois... os pois... (*Chorando baixo.*) «Os pois»... os outros só tem o trabalho de me carregar e de me atirar dentro do buraco do coveiro!.. Adeus!.. Casa com o Juca... casa... e sê feliz!.. (*Sobe, chorando.*)

ROSALINA. (*commovida.*) Mas, Serafim...

SERAFIM. (*voltando-se, a limpar os olhos.*) Adeus!.. Adeus!.. (*Sahe, soluçando.*)

SCENA IX

ROSALINA. Tenho pena... E si elle mata-se !.. (*Pausa.*) Não se mata, não. O Serafim não tem coragem para isso. Mas que mania! Querer por força que eu case com elle! (*À es- pelho.*) Ora! O Serafim que se deixe de tolices!..

N. 17 Si o casamento e destino,
que não se póde quebrar,
com o meu Juca, de certo,
é meu destino casar!

Ao lado d'elle, cantando,
n'uma alegria sem par,
heide eterna f'licidade
eternamente gosar!

SCENA X

Rosalina e Major

MAJOR. (*Jurioso*) Com mil raios! com um milhão de demônios!

ROSALINA. (*indo a elle.*) O que é, papai?

MAJOR. Com tresentas maçarcas de milho! com seiscentas raizes de mandioca! com cem quarteirões de laranjas!

ROSALINA. (*seguindo-o.*) Mas o que é, papai?

MAJOR. Deixa-me, rapariga! Não me desesperes ainda mais!.. (*Passeando.*) Ah! que si eu soubesse que havia de succeder-me isto!.. Si eu adivinhasse!..

ROSALINA. Mas porque está tão zangado, papai?

MAJOR. (*passeando.*) Desatoro!.. pouca vergonha!.. bandedalheira!.. Quem me mandou ir atraz das cantigas do maluco do Pantaleão e da palavia de meia duzia de patifes, que o que queriam erachupar-me os cobres?.. Ah! mas heide vingar-me!.. Canilhas!.. Enganaram-me até á ultima hora!..

ROSALINA. (*à parte.*) Está realisada a prophecia do Juca. Lá se foi a eleição!

MAJOR. (*passeando.*) Ah! mas eu queria ser Deus por dois minutos somente! Havia de fazer cahir tantos raios sobre esta

sucia de patifes, que não ficaria um para remedio !.. E o meu rico dinheirinho, o meu rico dinheirinho, que tanto me custou a ganhar !.. e a vergonha !.. e o fiasco !.. (*Indo á porta e ameaçando para fóra.*) Ah ! bandidos !.. ah ! corja de ladrões..

ROSALINA. Acal-me-xe, papai!.. Tenha paciência..

MAJOR. (*passando.*) Paciência!.. A paciência é boa para as bestas !.. (*Cutro tom.*) Quando eu contava com a votação toda, com um triumpho completo; quando já me preparava para principiar a decorar o discurso do Pantaleão; quando já me via levado em charóla pelas ruas da corte e cantado em prosa e verso por todo mundo... obter um unico voto... e esse mesmo .. o meu!.. De modo que si tu tivesse ficado em casa, nem mesmo o meu voto teria !.. Agora o Pantaleão que metta no... que metta no fogo o seu discurso !..

ROSALINA. O Juca bem o prevenio. Porque não seguio o seu conselho ?

MAJOR. Tens razão... Mas, o que queres ?.. O Pantaleão garantia-me a coisa.. dizia que era infallivel a minha eleição... chegou a escrever o primeiro discurso que eu havia de proferir na camara dos deputados !.. Acreditei, e deixei-me embalar como uma criança de mama !.. No entretanto, até o canalha do Pantaleão vai votar no candidato do governo !.. Mas o cachorro hade vir para cá !.. Mas heide pol-o . heide pol-o... Cá o espero ..

ROSALINA. Não lhe diga uma palavra, papai.. O que é preciso agora é fazer esquecer tudo. Venda o sitio e vá morar comnesco, na cidade. Fica livre do Pantaleão, e não se incomoda mais...

MAJOR. E' o que vou fazer sem perda de tempo. Não posso mais viver aqui ! Não posso !.. não posso !..

SCENA XI

Os mesmos, Juca, Pantaleão, Serafim, Romualdo, Quincas, Antonio e Manduca

JUCA. Aceite os meus pezames, major. Si tivesse cuvido a minha opinião, não passaria pelo fiasco de uma derrota e pelo dissabôr de se ver traído pelos que se diziam seus amigos.

MAJOR. Oh ! Pantaleão ! Pois até você, homem .. você votar contra mim !

PANTALEÃO. (*encalistrado.*) O que quer, major?... Si eu não votasse no governo, estava no olho da rua... Fui ameaçado, major, fui ameaçado!.. Ainda aqui tenho a carta!.. (*Mostra a carta.*)

JUCA. (*tomando o centro da scena.*) Foi ameaçado?... E' sempre assim! Que importa o direito de pensamento?... que importa a liberdade de consciencia?... Seja tudo calcado aos pes, seja tudo despedaçado pela mão de ferro da prepotencia, contanto que das ruinas da honra e do brio do povo—saia victorioso um nome qualquer, que era hontem inteiramente desconhecido, que é hoje enleasado pelos thuribularios do poder, e que será amanhã apedrejado pelos mesmos que o elevaram, fazendo como os abyssinios, que adoram o sol que nasce e que insultam o sol que declina!.. E quando a voz da consciencia nacional tenta erguer-se para anathematizar os seus carrascos ahí está a garra terrivel da violencia para suffocal a, para estrangul-a ao primeiro grito!.. E depois, na tribuna e na imprensa, nas praças e nas esquinas, apregõam os arautos da corrupção, os assassinos da dignidade nacional—da dignidade do povo—que a liberdade de consciencia é um facto; que o direito de pensamento é uma realidade! Mas, um dia, no coração entusiasta, no grande coração do povo—de onde resaltam, como chispas incandescentes, as enormes revoluções que esmagam, e as sublimes evoluções que elevam; n'esse mar gigante, que incessantemente tumultúa, batido incessantemente pelos vendavaes das opiniões desencontradas, dos oppostos anhelos, dos desejos heterogeneos, hade surgir—como surge do meio das nuvens convulsionadas das noites de tempestade o olhar luminoso e puro de uma estrella perdida—o clarão deslumbrante de uma reacção poderosa, extraordinaria, tremenda, para a conquista da liberdade de consciencia e do direito de pensamento!

MAJOR. (*aos rapazes.*) E vocês, sucia de...

QUINCAS. Atchi!.. O «sô» subdelegado berrou que nos mandava «arrecurutar», si nós não déssemos o voto a elle... nós ficámos com medo, e...

ROMUALDO. Ai! ai! O «sô» subdelegado gritou tanto!.. «Zesus»! Eu fiquei logo a tremer e fui recebendo a chapa...

SERAFIM. Eu não votei porque não quiz!

QUINCAS. (*a Serafim.*) E vai te calando! Lá fóra hasde vomitar todo o cobre que o «sô» manjor e o «sô» Espantaleão te deram «pra» repartires comn'esso

ANTONIO. *(a Serafim.)* Gatuno !
 ROMUALDO. *(ao mesmo tempo)* Gatuno !
 MANDUCA. *(baixo.)* «So Espantaleão», a tia Rita manda «dizê» . .
 PANTALEÃO. *(afastando-se)* Ora, vai «p'r'o» diabo que te leve !
 MAJOR. Mas que gente ! que amigos ! que companheiros ! que súcia ! . .
 JUCA. Resigne se, meu sogro. ☉ que está feito, não tem mais remedio.
 MAJOR. Ah ! meu amigo, si eu tivesse tomado os seus conselhos . . .
 JUCA. Mas não tomou, e ahi está o seu prejuizo.
 PANTALEÃO. *(choroso)* Oh major, você não fica com raiva de mim ? . . Eu fui ameaçado, major !
 MAJOR. *(choroso.)* Fizeste mal, Pantaleão, mas não te tenho gana. Em ti fallou mais alto a barriga do que a consciencia . . mas sou teu amigo ! *(Abraçam-se e desandam a chorar)*
 JUCA. Mas o que é isso, meus senhores ! Não vale a pena derramar lagrimas . . Coração á larga !
 MAJOR. *(aos rapazes.)* Rapazes, vocês procederam como uns canalhas; mas sejam felizes com os cobres que lhes dei. É a primeira e ultima vez que me apresento candidat. Estou despedido da politica e retiro-me á vida privada. .
 ANTONIO. Oh ! «sô manjor», e o dinheiro que o «Serafim» embolsou f. .
 MAJOR. Isso não é commigo; é com elle.
 QUINCAS. Ah ! é com elle !
 ANTONIO. Então, espera lá . . Avança, rapaziada ! *(Arreçam as mangas os tres e avançam.)*
 SERAFIM. *(tranquillamente, tira a faca do bolso e mostra-lhes.)* Cuidado, rapazes ! *(Os tres recuam e conversam calorosamente, enquanto Rosalina canta.)*

N. 18

ROSALINA

Esqueçamos, cantando, as tristezas
 da derrota na grande eleição,
 e contentes,
 sorridentes,
 saltitantes, felizes, gostosos,
 aos formosos,
 primorosos,

grandes rasgos de bom coração,
olvidemos,
perdoemos
a traição,
a traição,
a traição !

Coro

Esqueçamos, cantando, as tristezas
da derrota na grande eleição,
e contentes,
& & &

FIM DO 3º ACTO



ACTO IV

Os noivos

A mesma sala do I acto. Capas de «crochet» nas cadeiras e no sofá. Flores em profusão. Cortinas nas portas e janella, apinhadas com laços de fita. Sobre o sofá, um véo e uma grinalda de noiva.—E' dia.

SCENA I

Major, Pantaleão, Juca, Rosalina, Serafim, Romualdo, Quincas, Antonio, Manduca, José Caólho e Convidados

CORO

Viva a alegria
no grande dia
d'este hymeneu !
que risos, flôres,
cantos, amores
desçam do céu !

Que os anjos lindos
côres infindos
de té gentil,
entôem bellos,
cheios de anhelos,
no céu de anil !

Todos os góses,
os mais formósos,
de mais ardor,
venham, em bandos,
serenacs brandes,
par' este amor !

MAJOR. Ah! meus amigos, sinto-me tão alegre, tão feliz, que esqueço tudo: a minha eleição, a minha derrota, os meus trabalhos perdidos, o meu dinheiro deitado fóra! (*Mostrando Rosalina e Juca.*) Vejam, admirem aquelle par! Que maior felicidade pôde ambicionar um pai do que ver seus filhos felizes!.. E a minha filha é feliz, não és, Rosalina?..

ROSALINA. Sim, meu querido pai: muito feliz!

JUCA. E eu então! Como o mergulhador que vai ao desconhecido fundo dos mares arrancar aos maravilhosos e encantados palácios das Nereidas a esplendida perola que se irisa de mil scintillações ardentes aos raios acariciadores do sol,—eu, mergulhador dos mares do bello, encontrei também no fundo si lençioso d'esta solidão a perola seductora dos meus amores, a mulher dos meus sonhos, a realisação do meu ideal! (*Tomando a mão de Rosalina.*) Rosalina, em nome do Christo, que contemplou e abençoou a nossa união, eu, mais uma vez, juro que arrostarei todos os sacrificios, que vencerei todas as contrariedades, para fazer-te feliz! No meu grande amor, na minha enorme dedicação por ti—encontrarei a força, a coragem, o heroismo para lutar contra tudo e para de tudo triumphar! E quando tiver conseguido o meu mais intimo desejo, a minha ambição mais sagrada—a tua felicidade,—julgar-me-hei generosamente recompensado si vir em teus olhos scintillar a dulcissima alegria da tua formosa alma, si vir em teus labios estollar-se um sorriso meigo do teu amor por mim!..

ROSALINA. Meu amigo, Deus abençoou o nosso amor, e sinto que minha mãe sorri se no céu e abençoa-nos também. A felicidade não é uma palavra vã. O jubilo que me enche o coração, a alegria que me banha a alma—não são uma mentira, não são um sonho, que se dissipa ao romper da aurora!.. Não de durar sempre, sempre—até o derradeiro dia da minha vida!.. Amo-te! amo-te!

PANTALÃO. Meus amigos, não venho fazer uma preleção de historia: venho simplesmente dizer o que sinto, venho, em poucas palavras, exprimir o pensamento que me anima n'este momento. Ambos são meços e bellos, ambos são generosos e bons, ambos amam se com a mesma reciprocidade, com o mesmo encanto, com a mesma paixão.. Hão de ser felizes, porque a felicidade de lar não consiste na riqueza, no luxo, nas grandezas e nas vaidades:—consiste no amor verdadeiro e na consciencia pura!

JUCA. Obrigado, senhor Pantaleão: as suas palavras ficaram-nos gravadas na memoria e no coração!

MAIOR. *(abraçando Pantaleão.)* Obrigado, meu amigo, obrigado!

SERAFIM. *(que tem estado a conferenciar com os companheiros, adiantando-se, timidamente.)* Senhor Juca, menina Rosalina... agora, que já estão casados e que vão em breve deixar a freguezia.. consentam que eu diga a verdade...

ROSALINA. *(commovida.)* Diga, Serafim...

SERAFIM. *(timidamente.)* Todos nós a amavamos, menina... todos. mas Deus determinou outra coisa... e nós não nos queixamos... porque bem sabemos que não a merecíamos... *(Pausa.)* Menina Rosalina... não em nome do nosso amor... mas da nossa amizade... eu e elles... offerecemos-lhe... no dia do seu casamento... como uma lembrança... este modesto ramo de flôres. . e pedimos-lhe... que nos perdôe qualquer offensa... que de nós tenha recebido... *(Offerece o ramo que tem na mão e abaixa a cabeça, extremamente commovido.)*

ROSALINA. *(tomando o ramo.)* Aceito, Serafim! Obrigada!

SERAFIM. *(mostrando Juca.)* E elle... elle consente?..

ROSALINA. *(a Juca.)* Meu amigo, posso aceitar?

JUCA. *(abraçando Serafim.)* Ahi tens a resposta! Serafim, n'este abraço leal vai o meu reconhecimento a todos, vai a todos a minha gratidão!

SERAFIM. Obrigado! *(Depois de um esforço. aos companheiros.)* Rapazes, haja alegria! Vivam os noivos.

Todos Vivam!

JUCA

N. 20—Recitativo

Si foi aqui que a dita, a divina ventura,
o sorriso, o prazer, a luz eu encontrei;
si foi aqui que a crença, ampla, serena e pura,
—a crença que avigora a vida, forte,—achei;

si aqui foi que a minh'alma abriu-se á luz divina,
à luz vitalisante e sã do casto amôr;
si aqui foi que da vida,—olente e peregrina,
alegre e festival,—eu vim achar a flôr;

si aqui foi que meu peito—ardente, apaixonado—
veio um peito encontrar cheio de amôr por mim.
si aqui foi que o sorriso alegre e perfumado
da ventura do lar, - veio afagar-me,—assim:

—eu não posso partir, sem vos deixar, no instante
da minha despedida, em intima emoção,
provas do meu affecto, —um raio scintillante
da minha verdadeira e eterna gratidão!

PANTALEÃO Meu amigo, pelo povo da freguezia, accetto e agradeço a sua despedida.

JUCA. Que é tão sincera, como é sincero e profundo o pesar que sinto ao separar-me de todos...

PANTALEÃO Sabemos...

N. 21

ROSINA

Adeus, montanhas, adeus, vallados,
adeus, oh! serras onde vivi;
adeus, serenos, formosos prados,
adeus, oh! fontes onde me vi!

Vou separar-me de vós! Quem sabe
o que o destino de mim fará?..
Na mente humana fraca não cabe
ler no futuro... ninguém lerá!

Tenho esperança de ser ditosa,
tenho esperança de ser feliz...
diz-m'o a sua alma cavalheirosa,
seu bello genio tambem o diz!

Levo de todos uma lembrança,
uma saudosa recordação:
—nas tempestades ou na bonança,
hade lembrar-vos meu coração!

E quando, um dia, no fim da vida,
fechar os olhos, p'ra sempre, emfim,
lembrai o dia d'esta partida...
lembrai a morta... chorai por mim!

CORO

Que doce ventura—risonha, infinita,
serena, bemditada,

de góses gentis,
brilhante matise de flores seus dias,
de sãs alegrias,
de risos gasis :

MAJOR. E quando partem ?

JUCA. Apenas chegue a carruagem que mandei vir para levar-nos.

PANTALEÃO. *(aos rapazes.)* Então, rapazes, ainda ha tempo. Vão jantar e estejam de volta dentro em dez minutos para acompanharmos os noivos até á encruzilhada.

SERAFIM. *(aos outros.)* Vamos jantar ! vamos jantar !

MANDUCA. *(a Pantaleão.)* «Sô Espantaleão», na «volta-eu posso «trazê» a minha gaitinha ?.. Eu já sei «tocá» o Bitúe a Cannaverde... Serve «p'ra acompanhá» os «noivo»...

PANTALEÃO. Ora, Manduca, tu es tólo ! Deixa a gaitinha e vem sosinho. *(Baixo.)* Olha, de caminho dize á tua tia que aquelle negocio de casamento era uma brincadeira; que já que cheguei solteiro aos cincoenta, não quero casar-me mais... com ella...

ROMUALDO. *(olhando para Rosalina.)* Ai ! ai !

QUINCAS. *(olhando para Rosalina.)* Atchi !

ANTONIO. Oh ! rapazes, vamos jantar ! Com a fome que tenho sou capaz de comer a freguezia toda !

ROMUALDO. Oh ! Antonico, a mim é que tu não comes!.. Ai ! ai !

N. 22

CORO DOS RAPAZES

Vamos, vamos, rapazes, avante,
e atoguemos no peito a afflicção,
vamos, vamos comer, sem demora,
carne secca, toucinho e feijão !

(Emquanto cantam desfilam a um de fundo, dirigidos por Serafim. — Sahem.)

CAÓLHO. *(cumprimenta para todos os lados e sahe.)*

MAJOR. Pantaleão, uma pingasinha do meu vinho para matar as maguas. Tenho um vinhosinho novo, puro, perfeitamente puro !

PANTALEÃO. Vamos prova-o, major. *(A' parte.)* Si o vinhosinho puro fôr tão puro como o outro... é cachaça pura !

MAJOR. Adiante, Pantaleão, adiante. *(Sahem — Os convidados seguem-nos, a um gesto do major.)*

SCENA II

Rosalina e Juca

JUCA. *(que tem ido sentar-se ao lado de Rosalina, que está no sofá, pensativa.)* Porque estas triste?

ROSALINA. *(collocando ao pé de si, no sofá, o ramo que tem conservado na mão)* Sim... Estou triste...

JUCA. Mas não te julgas feliz?

ROSALINA. Muito feliz até!

JUCA. E então?... Suppões que o meu amor esfrie, que eu deixe de amar-te um dia?

ROSALINA. Quem sabe?

JUCA. Como?

ROSALINA. Tudo é possível no mundo. A natureza é caprichosa, e, dia a dia, vai tudo passando por uma transformação—insensível a principio, vaga depois, e clara finalmente... O immortal poeta de Marília disse uma vez.

«Minha bella Marília, tudo passa...
a sorte d'este mundo é mal segura»..

JUCA. Mas isso, minha querido, é duvidar de mim dos meus sentimentos...

ROSALINA. Não. Amo-te e creio em ti. Mas ha momentos em que uma tristeza vaga, indefinida nos invade o coração e faz-nos ter idéas extravagantes, que nunca julgámos que nos ferissem a imaginação. O pensamento de separar-me de meu pai, de deixar esta casa, onde nasci e onde minha mãe morreu, beijando-me, enlucta-me o coração... Sei que o teu amôr por mim não tem limites, e que esse amôr é uma garantia do meu futuro e da minha felicidade... mas...

JUCA. Rosalina!

ROSALINA. Não tomes a mal as minhas palavras... Mas deves comprehender que uma transformação tão completa como esta que acaba de dar-se na minha vida, hade forçosamente produzir a meditação... *(Levanta-se.)*

JUCA. Sei... *(Levando-a á bocca da scena.)* Mas, vamos... não te entregues á tristeza, não te abandones a essa scysma, que me faz mal... O futuro é de Deus, e Deus hade permittir que sejamos felizes, completamente felizes... Vamos, Rosalina... lembra-te da tua canção de amôr, e canta-a mais

uma vez. Ella será o doce talisman do nesse amor, o elo de ouro da nossa mutua paixão... (*Recordando a poesia.*) Lembra-te...

«O amor é riso, e canto,
aurora, aroma, flôr...»

ROSALINA

N. 23. (Musica do n. 1):

Amor! amor!
o amor é riso, é canto,
aurora aroma flôr,
o mais divino encanto,
o jubilo maior!
Amor! amor!

Amor! amor!
o sol das alegrias,
da vida e são calor,
o céu das harmonias,
o riso, o canto a flor!
Amor! amor!

JUCA. Vês?... O amor é o riso da ventura, o canto da alegria, a aurora da alma, o aroma da pureza, a flor divina do maior sentimento inspirado pelo céu! O amor é o sol deirado dos jubilos, o calor vitalisante do coração, o céu das harmonias arrebatadoras!.. E esse amor, eu sinto-o aqui, no meu coração, que palpita junto do teu, na minha alma, que é tua, que te adora no extasi mudo de uma paixão eterna!.. Longe, pois, as tristezas, minha bem amada, as meditações, as saudades!

ROSALINA. Sim... tens razão... E's meu, unicamente meu! O que posso eu mais ambicionar?... (*Alegre.*) Olha estou alegre... rio... canto... nado n'um oceano de luz, de jubilos, de rosas e de amor!..

JUCA. Ah! assim é que eu quero ver-te sempre!

ROSALINA. Juca, é uma puerilidade o que vou dizer-te... não te rias... mas queria despedir-me das minhas flores, dos meus canteiros, do meu jardimzinho, onde tantas horas felizes e desuoidosas passei...

JUCA. Pois vamos, minha querida, vamos... (*Sahem de mãos dadas conversando.*)

SCENA III

PANTALEÃO. (*sangado.*) E a tartaruga da velha !.. Ora, que espiga !. Pois a maldita não está quasi a armar um escandalo ! (*Outro tom.*) Bem feito, «seu» Pantaleão, bem feito ! Quem o mandou procurar sarnas «pra» se coçar ! Deixasse que a Barbada tirasse o barbado da escola e não se puzesse com historias !.. (*Outro tom.*) Si não foi o diabo que me soprou a declaração que fiz áquella cara de pergaminho !.. Foi o diabo, foi: pois quem mais havia de ser !.. (*Ouïro tom.*) Pois a estupidia não manda o sobrinho dizer-me que eu sou um perverso, um máo homem, um assassino, um... Máo homem ! assassino ! Eu, que nunca matei ninguem. fóra as traças da escola !.

N. 24

Que não me atazane a velha,
que não me seja gaiteira,
que não venha com lambanças,
porque sinão .. faço asneira !

Sou bem capaz de agarral-a...
e—aquí, que ninguem nos ouve,—
passo-lhe a corda ao pescoço
e enforço-a... n'um pé de couve !

SCENA IV

Pantaleão e Manduca

MANDUCA. «Sô Espantaleão», a tia Rita manda «dizê» ..

PANTALEÃO. Ora, vai «pr'o» inferno com a tua tia ! Que espiga !

MANDUCA. Mas ella manda «dizê»...

PANTALEÃO. De mazellas estas tu cheio ! Ouviste, gafanhote ?

MANDUCA. Mas ella manda «dizê»...

PANTALEÃO. Já sei o que ella manda dizer... Já o disseste ainda agora, e eu não estou para ouvir a mesma ladainha a cada instante !

MANDUCA. Mas agora é outra coisa. Ella manda «dizê»...

PANTALEÃO. Oh ! filho espurio de Satanaz !.. mette a linha na bainha, e deixa-me socegado !

MANDUCA. Mas ella manda «dizê»...

PANTALEÃO Oh! senhores! Este crocodilo é capaz de fazer Santo Antonio matar um homem! Que praga!

MANDUCA Mas ella manda «dizê»...

PANTALEÃO Oh! «so» Manduca Barbado, sobrinho da Rita Barbada e filho do Diabo Barbado. . fique sabendo que eu não caso com a boa bisca da sua tia, porque ella é uma jaguatirica, um gato do matt, um porco espinho, uma laerata, uma brucha, uma carocha, uma minhoca, uma arca de Noé de todos os bichos feios!.. Ora, ahí está!

MANDUCA. «Háim»!.. Diga outra vez, diga, «sò»... «sò»... cara de «lambishome»!..

PANTALEÃO (*contendo-se.*) Manduca, vai-te embora... vai-te catar... A tua tia commigo está frita!.. Só um jumento pode casar com ella!.. Si me incommodar muito, mando recrutar a e sento-lhe praça!.. Aquillo é um suador de sabugueiro, um vomitorio de jalapa e um purgante de oleo de ricino... tudo junto!..

MANDUCA. Oh! «abeça de mamão»! Bem disse a tia Rita que «vancê» é um «canaia»!

PANTALEÃO. (*furioso*) Um canalha!

MANDUCA. (*subindo.*) Um «canaia»! um «canaia»! um «canaia»! (*Voltando-se da porta.*) Um «canaia»! (*Sabe.*)

SCENA V

PANTALEÃO. Um canalha! Mas isto é o diabo! D'esta maneira, a maldicta velha é capaz de perseguir-me até depois de morta!.. Mas, que mania! Uma mumia de quasi setenta annos com enthusiasmos de casamento, como qualquer moça! (*Outro tom*) Estou vendo que nao tenho remedio sinão tirar um mez de licença e ir para cidade, roer os feijões do Juca! (*Passando.*) E não ha uma epidemia que rape aquelle diabo e o leve lá bem para o fundo das caldeiras do inferno!. Não caso, positivamente, com ella não caso!..

N. 25 Não caso, não caso,
não quero casar,
não quero, não quero
purgante tomar!

Não caso, não caso,
não quero casar,
e a velha damnada
que vá se catar!

SCENA VI

Pantaleão e Major

MAJOR. (*choroso*) Oh! Pantaleão! Pantaleão!.. E lá se vai a Rosalina, Pantaleão!.. a menina Rosalina da Trindade, Pantaleão!.. a filha do major Anacleto «duas aspinhas», Pantaleão!.. Ah! Pantaleão... tenho o coração do tamanho de uma melancia!..

PANTALEÃO. ANIMO, major! animo! Com a breca! A menina Rosalina não vai «p'ra» cova! Ao contrario: vai gosar a bella vida da cidade.

MAJOR. Mas eu estou triste, Pantaleão, triste como um caixão de defunto da camara municipal!..

PANTALEÃO. O que é que é da camara municipal, major: o caixão ou o defunto?

MAJOR. O caixão, está claro, Pantaleão!

PANTALEÃO. Pois eu pensei que era o defunto!

MAJOR. Tenho uma vontade de chorar, que é uma coisa por demais...

PANTALEÃO. Ah! major, sabe quem é que tem a culpa d'essa tristeza?.. E' a propria Rosalina.. Si ella tivesse accetado a minha mão, não iria para a cidade, e passaríamos aqui uma vidinha de anjos.. sim, de anjos, porque debaixo d'esta careca, major, ha fogo, ha chammas, ha um Etna, ha um Vesuvio, ha um Hecla em perpetua ebulição!.. Nas minhas veias não é sangue que corre: é chumbo derretido!..

MAJOR. (*meio desconfiado, afastando-se.*) Chega-te «p'ra» lá, Pantaleão!.. (*A' parte.*) E que tal!.. Em que perigo estou eu mettido!

PANTALEÃO. E' o que lhe digo, major: á culpa é d'ella..

MAJOR. Mas Deus não quiz, Pantaleão... Paciencia.

PANTALEÃO. E' do que precisam os cegos.. e nós tambem!

MAJOR. (*abraçando-o, a chorar.*) Pantaleão!

PANTALEÃO (*a chorar.*) Major! (*Ficam abraçados, á bocca da scena, a chorar, com os lenços nos olhos*)

SARNA VIII

Os mesmos, Serafim, Quincas, Antonio e Romualdo

SERAFIM. (*que vem na frente, volta-se, fazendo signal para os outros.*) Olhem como elles choram!

OS OUTROS. (*formando em linha, ao fundo.*) E' verdade i..

ROMUALDO. (*esfregando os olhos.*) Eu já estou me derretendo... Ai! ai!

QUINCAS. (*esfregando os olhos.*) Atchi! Eu tambem!

SERAFIM. (*esfregando os olhos.*) Pois não estou quasi berrando!

ANTONIO. (*esfregando os olhos.*) Até eu!

MAJOR. (*chorando alto.*) Pantaleão da minha alma!

PANTALEÃO. (*chorando alto.*) Major do meu coração!

AMBOS. (*chorando.*) Ham! ham! ham!

OS OUTROS. (*em linha, ao fundo chorando.*) Ham! ham! ham!

MAJOR. (*subindo.*) Ah! rapazes ella vai se embora!

TODOS. Vai-se embora!

MAJOR. A Rosalina!

TODOS. A Rosalina!

MAJOR. A nossa filha!

TODOS. A nossa filha!

MAJOR. (*abraçando Pantaleão.*) Ah! Pantaleão amado!

PANTALEÃO. (*abraçando o major.*) Ah! querido Anacleto!

AMBOS. (*chorando.*) Ham! ham! ham!

OS OUTROS. (*chorando.*) Ham! ham! ham!

MAJOR. (*caindo n'uma cadeira.*) Pantaleão... ampara-me... eu morro!.. (*Esperneando.* Hu! hu! hu! (*Todos o rodam.*))

PANTALEÃO. Serafim, vai lá dentro e traze...

SERAFIM. Agua da «Clonha»?

PANTALEÃO. Não, homem; isso não serve de nada.. Uma garrafa de vinho... Depressa! (*Descendo.*) Desconfio que o homem ha pouco afogou demais as maguas.. E dizem que a mordedura do cão cura-se com o pello do proprio cão!.. (*Serafim.*) Oh! estafermo, ainda estás ahí?

SERAFIM. Vou n uma disparada. (*Sahe e voltu logo com ma garrafa, cujo conteúdo vem saboreando.*)

PANTALEÃO. *(tomando a garrafa.)* Dá cá, dá cá!

MAJOR. *(esperneando.)* Hu! hu! hu!

SERAFIM. *(estalando a lingua)* E' bom que dóe!

PANTALEÃO. O major não está bom, rapazes... *(Mette o gargalo da garrafa na bocca do major.)* Beba, major, beba a garrafa toda, si puder! Isto é remedio santo! E' como a sua receita da folha de peri-peroba com azeite!

MAJOR. *(bebe, depois abre os olhos e começa a estalar a lingua no céu da bocca e a lamber os beiços.)* Remedio santo! remedio santo!

PANTALEÃO. *(que logo após ter o major bebido, vai para um canto e bebe tambem.)* E' santo, major, é... *(Bebe)* Eu tambem estava me sentindo afficto... *(Bebe.)* Mas já estou me lhor... *(volta a garrafa de bocca para baixo.)* Acabou-se a receita! Agora ninguem mais terá tremeliques! *(Deita a garrafa pela janella e volta ao major.)*

MAJOR. *(levantando-se.)* Onde está a Rosalina?

PANTALEÃO. Hade angar por ahi por algum canto, conversando com o marido... E' natural... O meu pezar é não ser eu que...

ROMUALDO. Ai! ai! Eu sei onde ella está...

SERAFIM. Onde é?

ANTONIO. Desembucha, «animal»!

QUINCAS. Dize lá... Atchi!

ROMUALDO. Ai! ai! Estava no caminho do «córgo» conversando «cô sô» Juca... *(Encolhendo-se.)* «Zesus»! E' como estavam agarradinhos!

MAJOR. *(abraçando Pantaleão.)* Ah! Pantaleão!

PANTALEÃO. Cuidado, major... não vá ter outro ataque... A receita acabou-se.

ROMUALDO. *(abraçado com Quincas.)* Ai! ai!

QUINCAS. Atchi!

ANTONIO. *(abraçado com Serafim.)* Ai! «cachopa»!.. «cachopa»!

SERAFIM. Que «sódade»!

TODOS. *(desatando a chorar.)* Ham! ham! ham!

PANTALEÃO. *(com o lenço nos olhos, sobe, encontra o Caólho e abraça-o, pensando ser Rosalina)* Ai menina Rosalina!

SCENA VIII

Os mesmos e Caólho

CAÓLHO. (*dá um boféo em Fantaleão e desee, cumprimentando para todos os lados.*)

ROMUALDO. (*dando um enorme suspiro.*) Ai! ai!

QUINCAS. (*grande espirro.*) Atchi! Viva o «sô» Zé!

CAÓLHO. (*cumprimenta para todos os lados.*)

PANTALEÃO. (*envergonhado.*) Desculpe, senhor inspector... Estou tão commovido...

CAÓLHO. (*cumprimenta para todos os lados.* — *Estalos de chicote e rumôr de carro, fóra.*)

SCENA IX

Os mesmos, Juca Rosalina, Manduca, Convidados

JUCA. Meus amigos, acaba de chegar a carruagem que tem de nos conduzir para a cidade. Mais uma vez, com muito reconhecimento, agradeço o bom acolhimento que me dispensaram, ficando todos certos da minha gratidão e da minha sympathia. (*Abraçando o major.*) Adeus, meu sôgro. A cidade é perto, e todos os dias pode ir ver-nos. N'este abraço que lhe dou, despeçe-me de sie de todos os nossos amigos

ROSALINA. (*dando uma carteira.*) Meu pai, aqui tem esta carteira. Peça-lhe que em lembrança minha distribua pelos pobres da fr guezia o dinheiro que ella contém. Sou feliz, e quero que todos abençoem a minha felicidade!

MAJOR. (*abraçando-a, commovido.*) Filha!.. (*Sentimento geral.*)

ROSALINA. (*commovida.*) Adeus, meus amigos! Não pensem que a cidade me fará esquecer-os. Heide lembrar-me sempre de todos, e espero que todos se lembrem também de mim!.. (*Vai ao sofá buscar o ramo de ffôres, e desce.*)

N. 26

No momento da partida,
sinto minha alma ferida,
e o meu coração chorar!

Si vou ter a f'licidade,
levo commigo a saudade,
a tristeza de os deixar !

Que gosem horas bemditas,
mas que, no meio das ditas,
das ditas que veem dos ceos,
a ventura peregrina
implorem pra Rosalina
ai ! adeus ! adeus ! adeus

Côro

Que gosem horas bemditas,
que tenham ditas, mil ditas,
as ditas que veem dos ceos !
que a ventura peregrina
te acompanhe, Rosalina...
ai ! adeus ! adeus ! adeus !

*Rosalina abraça o pai e sobe.— Juca segue-a.— Os outros
dispõem-se a acompanhal-os.— (dá o panno.)*

FIM DA COMEDIA

Nota

O auctor chama a attenção do leitor para a pagina das—Er-
ratas—e pede-lhe que faça nos logares competentes as correccões
ali indicadas.

AGRADECIMENTO



RELAÇÃO



ULTIMAS PAGINAS



VESTUARIOS



ERRATAS



1880

PÁGINAS	LINHAS	ERRORS	EMENDAS
139	27	Vão	Vão,
140	30	a	é
160	37	fizemss	fizemos
161	30	Então, ficas .	Então ficas?..
160	13	SCENA XXI	SCENA XX
177	15	para que	Para que?..
180	34	e joelhos.	de joelhos,
186	39	carruagens	carruagens,
189	18	veras mais	veras mais...
189	24	paciencia, sim	paciencia, sim?..
198	19	logar	logar,
200	21	azas	azas
208	15	Raymund.	Raymond.
211	3	SCENA I	SCENA II
211	5	bebamos :	bebamos !
211	33	Msus	deus
211	33	cusentar me	cusentar-me
211	34	minutas	minutos
213	14	Temos	femos
215	16	Mensalina !	Messalina !
216	1	tem .	tem,
216	8	a minha mãe	minha mãe
216	20	<i>cadeira</i>	<i>cadeira</i>
217	12	engraçado	engraçado
217	21	mentem;	mentem;
219	1	instrução	instrução
221	31	como	com o
230	23	Amanhã	Amanhã
231	19	CERES	CARLOS
231	32	adivinhar	adivinhar
231	36	publica	publica:
232	20	coração (2ª vez)	cerebro
234	1	Nada	Nada...
236	33	insolente !	insolente !
246	27	instou	instou,
259	29	Vá	Vá,
268	20	tanto.	tanto...
268	24	<i>subitamente</i>	<i>subitamente</i>
269	21	dias	dias,
280	27	peço-lhe	peça-lhe

VI

PÁGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
280	32	supplica-lhe	supplico-lhe
281	26	phantasia	phantasia...
314	34	licença	licença
315	6	eon	com
317	31	E bonito !	E bonito !
328	4	velhotes	velhotes:
328	29	Malaquias,	Macario,
335	28	Como	Como ?
337	15	sou	sou
340	18	batalhão	batalão ?..
348	1	Deireita	Direita
356	22	cimo	cima
367	5	coisa ? .	coisa .
377	27	condição	condição:
381	8	dar	dar !
381	8	Pois então..	Pois então ! .
384	24	E' ó que	E' o que
388	23	si,	si o
404	36	pedra prôa	pedra pela prôa..
419	27	d'agua	d aqui
420	24	(abraçado-o.)	(abraçando-o.)
420	34	esta,	esta:
423	9	muttissimo	muitissimo
423	9	Jornal	Jornal
424	7	freguecia	freguezia
430	21	olhando o,	olhando a,
446	28	«ouvi» ..	«ouvi» ..
450	22	obstaculos,	obstaculo,
451	3	mathagaes	mattagaes
451	10	parámos...	páramos..
451	32	escrepitante	crepitante
452	3	examine	exanime
458	3	e que, decorei	e que decorei
458	15	titulações	titilações
458	22	hymphática	lymphatica
465	24	prostar	prostrar
472	3	reproduzirmos	reproduzir
472	7	Ferrebaz	Ferrabraz
472	14	Ferrabaz	Ferrabraz
472	15	Ferrabaz	Ferrabraz

VII

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
481	38	procedes	proceder
487	3	SCENA IV	SCENA XIV
500	4	Calumiamram	Calumniaram
501	36	frios e mudos	frias e mudas
502	16	fraqueza.	franquezas,
510	6	E como eu:—	E' como eu:—
511	40	fórma	fórma;
512	25	Obrigada,	Obrigado,
525	11	enorme	enormes
525	34	(segundo-o.)	(segundo-a)
526	35	comprender;	comprender,
526	38	d'esse	d'este
539	23	•Director	•Directoria
549	9	vende sol	vende o sol
550	4	ANTONIO.	QUINCAS.
563	6	e	é
564	5	Acal-me se.	Acalme-se,



Agradecimento

Vai em seguida a relação alphabetica dos assignantes d'esta obra.

A todos os Srs. que gentilmente attenderam ao meu apello, concorrendo para a publicação do meu livro, agradeço, com profundo e intimo reconhecimento, a nimia bondade e o extremo cavalheirismo que para commigo tiveram.

A aquellos,—poucos, muito poucos mesmo,—que não se dignaram dar qualquer resposta á minha circular de 25 de Novembro ultimo e aos cartões e cartas que posteriormente lhes escrevi em relação á mesma circular, guardando um silencio amplamente significativo da sua fina delicadeza, devo declarar (sem,—é preciso que se note,—me sentir magoado por isso) que quando as suas illustres individualidades me dirigiu, foi na persuasão de,—embora muito modesto e muito obscuro como sou,—merecer uma resposta mesmo negativa—porque é dever restricto de todo o homem bem educado responder a qualquer consulta que lhe faça seja quem fôr.

Fiz mal, talvez, em dirigir-me a SS. SS., porque, antes de fazê-lo, devia lembrar-me de que... *chucum á sa place*. Constricto, pois, e arrependido, peço perdão da minha ousadia de querer—humilde verme que me arrasto no pó do desconhecido—chegar ao Olympo onde resplandece a divindade de SS. SS.

Torna-se necessario salientar aqui o meu fim publicando esta obra não foi auferir lucros. Infelizmente, as letras no nosso paiz, todos o sabem, não dão para fazer fortuna. Quiz, unicamente, salvar das traças os meus modestos trabalhos dramaticos, que não revelam, sou o primeiro a confessal-o, erudição nem talento, mas que exuberantemente comprovam um esforço e a occupação util das poucas horas de descanso que me deixavam as minhas obrigações de funcionario publico.

A todos os illustres Srs., pois, que me auxiliaram e sem cujo valiosissimo concurso não poderia realizar o meu desejo,—mais uma vez—a minha gratidão.

Florianopolis, Agosto de 1898.

Horacio Nunes

Relação

A			
		Arnaldo Oliveira	1
		Augusto Nunes Pires	»
	1	Andre Wendhausen	»
Alcibiades Cabral		» Alfredo Moreira Gomes	2
Alcibiades C. Livramento	»	» Antonio Lapollo	1
Abilio de Oliveira		» Antonio Meideiros	»
Alberto Cotrim	»	» Apollinario João Pereira	»
Antonio Amaro da Costa	»	» Aldo Linhares	»
Alexandre Magno Aducci	»	» Antonio Pereira Liberato	»
Affonso C. do Livramento	»	» Alvaro Rodrigues da Costa	»
Alfredo Vieira da Silva	»	» Arno Konder	»
Anastacio Silveira de Souza	»		
Antero Francisco de Assis	»	B	
Antonio Venancio da Costa	2		
Antonio L. do Livramento	1		
Antonio Rodrigues Oitão	»	Bento Marques da Silva	1
Alvaro Lima	»	Bento Monteiro Cabral	»
Antonio Freyesleben	»	Bernardo A. da S. Penedo	»
Antonio J. C. da Silva Junior	»	Benjamin de S. Vieira	»
Apollinio de Souza Rocha	»	Bernardino de S. Campos	»
Arthur Alvim	»	Bernardino R. de Macedo	»
Anacleto Duarte Silva	»	Balduino S. da Costa	»
Arthur M. de B. O. Lima	»	C	
Antonio Ferreira da Cunha	»		
Arthur Mafra	»		
Arthur José Victorino	»	Candido Freite Junior	1
Anacleto do Nascimento	»	Cantidio Alves de Souza	»
Antonio Pinto da C. Carneiro	2	Carlos Elisario	»
Antonio Maria de Souza	1	» Constantino Garofallis	»
Antonio Pereira de Macedo	»	» Christiano A. da C. Pereira	»
Antonio Gomes Raposo	»	» Caetano Candido da Silva	»
Alvaro Gentil	»	» Chrispim Antonio de Souza	»
Antonio Lopes Serrão	»	» Carolino Linhares	»
Arthur T. Campos	»		

XI

João Pereira Vidal	1	José Chagas	1
João Augusto do Carmo	»	Joaquim de Souza Junior	»
João Baptista Fernandes	»	João Cancio da Silva	»
João Candido Goulart	»	José Segui Junior	»
João Luiz Büchele	»	Jéronymo Rosar	»
João C. C. de Mello	»	José V. C. de Queiroz	»
José Cesario Brasil	»	João C. de Araujo Cidade	»
João Pedro de O. Carvalho	»	José do P. Lima	»
Joaquim de Souza Lobo	»	João Anastacio Meira Lima	»
Joaquim Martins Jacques	»	Jacinto Nunes	»
José Brasilcio de Souza	»	José Alves da Silva	»
José de Araujo Coutinho	»	J. Caldeira	»
José Lino Alvares Cabral	»	Joaquim Gonçalves Portella	»
João A. de Sant'Anna	»	Joaquim José da S. Junior	»
José de Senna Pereira	»	Joaquim José Gonçalves	»
Julio Voigt Junior	»	João Gaya	»
João Candido da Silva	»	João Pinto do Amaral	»
Joaquim Garcia Netto	»	José Faustino Gomes	»
José Arthur Boiteux	6	Joaquim Thiago da Fonseca	»
Jovita de Castro Gandra	1		
José Vicente de C. Filho	»	L	
José de A. Lopes	»		
José Lupercio Lopes	»	Lauro Linhares	2
Joaquim Dias da Cunha	»	Léon Eugenio Lapagesse	1
José Custodio de Bessa	»	Luiz C. Campos Mello	»
José Cesario Pereira	»	Luiz Vian	»
Joaquim de L. Magalhães	»	Luiz A. Crespo Junior	»
José Baptista de Oliveira	»	Luiz Goeldner	»
José Henriques de Paiva	»	Luiz Pacifico das Neves	»
José C. de A. Camara	»	Laurindo Silva	»
Joaquim da Silva Dias	»	Luiz Antonio F. Gualberto	»
José Emygdio Nobrega	»	Lydio Barbosa	»
Jonatas R. da C. Bompexxe	»	Luiz de Oliveira Leite	»
Joaquim A. de S. Thiago	»	Lucindo Silva	»
Julio Fernandes Rholeff	»	Lourenço Rochadel	»
José Accacio S. Moreira	5		
José Paulo Arantes	1	M	
José Monteiro Cabral	»		
João Cabral de Meilo	»	Manoel Agostino Demore	1
José Carvalho	»	Manoel Laureano	»
João Barbosa de Castro	»	Manoel José Fernandes	»
José Firmino de Freitas	»	Manoel Livramento Netto	»

Manoel Alfredo Xavier	1	Pedro J. de Souza Lobo	:
Manoel Brito	»		
Maria Amalia (D.)	»	R	
Marcolino de N. Ramos	»		
Mario Lobo	»	Raphael de Norouha	1
Manoel Francisco Moreira	»	Raul Tolentino	»
Manoel da Silva Castello	»	Renato do P. Lemos	»
Machado da Costa	»	Roberto Tronpowsky	»
Mario da Costa	»	Roberto Grant	»
Mario Motta Corrêa	»	Rodolpho Formiga	»
Miguel Leão	»	Rodolpho Hoberg	1
Minervina C. Cabral (D.)	»	Rodolpho Oliveira	»
Maximiliano Batalha	»	Raphael Faraco	»
Manoel Batalha	»	Reinaldo Gomes Tavares	»
Marcolino P. do Amaral	»	Rodolpho Caminhas	»
Manoel Roberto Rilla	»	Rogério Guanabara	»
		S	
O			
Oscar Capella	»	Silverio A. de Azevedo	»
Oscar Lima	»	Sergio Vieira de Souza	»
Otto Ebel	»	Sebastião Torres	»
Olympio Thize	»	Solen Z. da Silva	»
Octavio Cardoso da Costa	»		
Osny Martins	»	T	
Octavio Ignacio da Silveira	»	Trajano Cicero Ferreira	»
		Trajano Ribeiro	»
P			
Pedro Leão de Campos	»	V	
Pedro A. P. de Mello	»		
Pedro Besco	»	Victor Celestino	»
Pedro I. do B. e Silva	»		
Propicio O. Seára	»	W	
Pedro de Freitas Cardoso	»		
Pedro Soares da Silva	»	W. B. Chaplin	»
Polydoro Olavo de S. Thiago	2	Wencesláo B. de Gouvêa	»



OBRAS

DO

mesmo auctor

APPELLO AOS PAIS E A'S MÃES DE FAMÍLIA—
propaganda sobre instrucção publica— 1 folheto



Trabalhos originaes publicados avulsamente em diversos
jornaes:

JURITY	ROMANCE
MARIETTA
A ORGULHOSA
A LEPROSA
NEBULOSOS.	SONETOS
SAUDADES	VERSOS



THE BORROWER WILL BE CHARGED AN OVERDUE FEE IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW. NON-RECEIPT OF OVERDUE NOTICES DOES NOT EXEMPT THE BORROWER FROM OVERDUE FEES.

JUL 12 1985 ALL

1237643

CANCELLED

SAL 9287.59.100

Bestidores;

Widener Library

006321211



3 2044 080 681 877